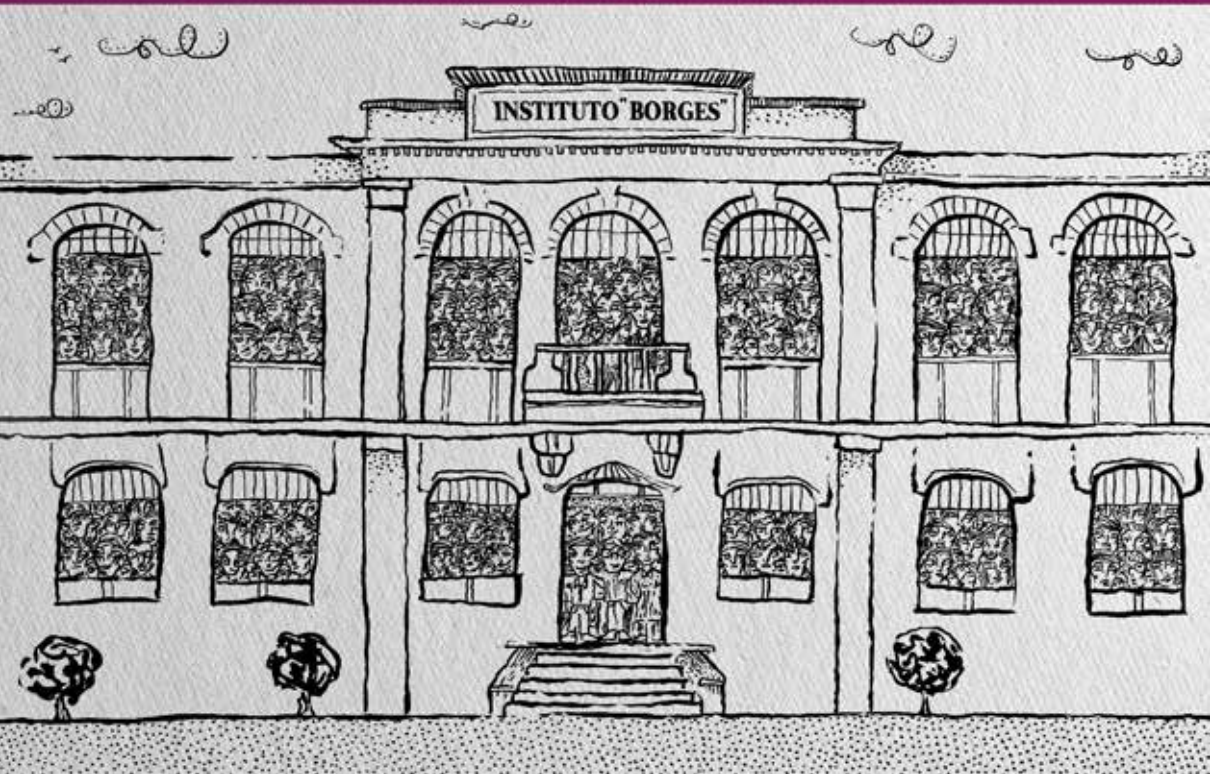
ANTOLOGIA

O IBAO É A HISTÓRIA

MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O SEU CENTENÁRIO

VILMA PAVÃO FOLINO & EDSON CARLOS DE OLIVEIRA (ORG.)

FoxTablet



Ah, se arrependimento matasse, viu! Peguei a cesta toda enfeitada com os docinhos todos arrumadinhos e lá fui eu, feito um frango bip fazer a entrega! E o que aconteceu?... Dei um encontrão com o professor no pé da escadaria de madeira – a cesta voou e, com ela, todos os docinhos se esparramaram pelo chão! O Prof. Campos ficou muito bravo e eu nem escutava direito o que ele falava, tratei de pegar a cesta e juntar os docinhos... Ele não queria mais os doces – com toda razão... Deixou a cesta na cozinha... Não tive a menor dúvida, comi um monte de brigadeiro.

Marcia Moraes Bergamo

Interessante acompanhar a construção do livro. Ela é toda significativa. Cada depoimento tem seu estilo… sua história recheada de sentimentos. Alguns se referem a receitas de culinária cujo resultado agradava a todos… outros se reportam às lições recebidas de seus professores, alguns são engraçados. Não faltou a presença do cupido… despertando o amor entre os jovens, amor esse que acompanhou muitos deles por toda a vida… Observa-se um saudosismo muito grande, uma memória de pertencimento, um amor e gratidão que impressionam.

Prof.ª Maria José C. Bellon

Vilma Pavão Folino, pedagoga e psicopedagoga aposentada. Coorganizadora dos dois volumes de “Italianos em Itu: da imigração à atualidade”. Organizadora do livro “Itu é a História: múltiplos olhares sobre a educação”. Autora de vários contos publicados em concursos literários. Ocupa a Cadeira 35 da ACADIL.

Edson Carlos de Oliveira, engenheiro eletricista e de segurança do trabalho, aposentado. Coautor do livro “Família Lunardon e suas raízes italianas” e coorganizador da antologia “Italianos em Itu da imigração à atualidade”.

ANTOLOGIA

O IBAO É A HISTÓRIA

MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O SEU CENTENÁRIO

Organização
Vilma Pavão Folino
Edson Carlos de Oliveira

1ª edição
2026

A reprodução total ou parcial só é permitida mediante autorização expressa dos organizadores. Os textos aqui reproduzidos são de autoria e responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião dos organizadores.

IBAO é a História: múltiplos olhares sobre o seu centenário

Organização:
Vilma Pavão Folino
Edson Carlos de Oliveira

Revisão:
Maria José Constancio Bellon

Arte da capa:
Guilherme Kramer

Interpretação da capa:
Os rostinhos são a marca registrada do autor Guilherme Kramer.
A parte superior indica a multidão que passa diariamente
em frente ao prédio e que admira a sua majestosa arquitetura.
A parte inferior representa os quase 600 professores e funcionários, além dos alunos que, ao longo desses 100 anos, por ali passaram e querem sair na capa também.

Diagramação e publicação:
Jean–Frédéric Pluvinage / Editora FoxTablet

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O IBAO é a história (livro eletrônico) : múltiplos olhares sobre o seu centenário / organização Vilma Pavão Folino, Edson Carlos de Oliveira. -- 1. ed. -- Salto, SP : FoxTablet, 2026. -- (Antologia)
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-83368-59-1

1. Literatura brasileira - Coletâneas I. Folino, Vilma Pavão. II. Oliveira, Edson Carlos de. III. Série.

26-346733.0 CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira : Antologia B869

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

FoxTablet: a editora completa!
Produção de livros, revistas, jornais e eBooks
www.foxtablet.com.br | contato@foxtablet.com.br
(11) 9.8689-1789

Agradecimentos

Um autor desconhecido afirmou, certa vez, "que o viés negativo ajudou a humanidade a sobreviver, mas hoje impulsiona a indústria farmacêutica". Por isso, é vital focar no lado positivo, e para positividade o treino da gratidão é fundamental. Este livro representa um grande e significativo resultado de gratidão de todos os que aqui testemunham sobre a sua vivência no IBAO, dedicando a essa instituição um profundo e memorável sentimento de agradecimento e pertencimento.

Como organizadores desta antologia, acreditamos que a gratidão envolve reconhecer o que os outros fazem por nós, criando parcerias em vez de apenas seguidores. Assim, registramos aqui nosso imenso e sincero agradecimento a todos que confiaram em nosso trabalho, convertendo-se em abnegados parceiros neste gratificante trabalho, a seguir denominados:

Dr. Raul de Paula Leite, Provedor, que entusiasticamente apoiou o projeto.

Todos os autores de textos, depoimentos e poema, identificados ao longo da antologia por partilhar conosco suas emoções.

Wagner Luiz Camargo, pela liberação de acesso aos arquivos da instituição e acompanhamento da produção.

Bruno Furquim, incansável na pesquisa de documentação.

Jonas Soares de Souza, pelo apoio e indicação de colaboradores.

Guilherme Kramer que nos brindou com uma artística capa.

Luis Roberto de Francisco, pelas diversas e valorosas contribuições e sugestões.

Allie Marie Dias de Queiroz, pela indicação de relatora.

João José Tucano da Silva, por sua valiosa e espontânea colaboração e auxílio na busca de relatos.

Prof.ª Maria José Constancio Bellon, pela revisão.

Alexandre Henrique Boni de Oliveira e Bianca Carvalho Vitor dos Santos pela verificação de continuidade e padronização.

Diretora Ana Maria Santos que incentivou a participação de muitos.

Eliete Rosa Xavier Sampaio, bibliotecária do CILA, Centro Ituano de Letras e Artes pelas valiosas indicações de fontes para pesquisas.

Odorico Celso Castanho da Silva, do Acervo Histórico da Biblioteca Prof. Olavo Valente de Almeida, que nos forneceu rico material dos jornais antigos de Itu, sempre disposto a colaborar.

Jean-Frédéric Pluvinage pela paciência ao longo do processo.

José Renato M. Galvão, da Biblioteca do Museu Republicano, pela procura e indicação de fontes de pesquisa.

Leonor Zapparoli Carpi, por suas entusiásticas e valiosas sugestões.

Rogério Luiz Carpi, que com olhar de lince vinculado a sentimento, identificou instantaneamente a sigla IBAO, um acrônimo, numa camiseta e nos indicar o portador.

Mauricio Bordini, pelo empenho em encontrar e possibilitar a foto do histórico e icônico aparelho de chá ganho no sorteio da formatura por seu pai.

Nair Bordini Saladini, descendente dos antigos proprietários da Chácara Bordini, que disponibilizou a cópia da escritura de compra e venda do terreno onde foi construído o IBAO.

Jair de Oliveira, que nos cedeu fotos históricas do IBAO.

Beatriz Bispo Santos Prado, por ceder-nos memoráveis fotos familiares.

Wellington Luís Daldon, por sua importante colaboração.

Diego Fiori Rodrigues, marceneiro, pela confecção das peças do jogo Piastrelo.

Sandra Francisca Galdini Carvalho, nosso suporte técnico em relação às fotos.

Synesio Sampaio Goes Filho, pela cessão de fotos de mobília familiar.

Rodrigo Gasparini, pelo auxílio em soluções informáticas.

Maria Aparecida Pavão, irmã e amiga, sempre atenta à primorosa preparação da mesa para o lanche após as inúmeras e infindáveis reuniões organizadoras.

Patrocinadores, nomeados na página Apoio Cultural, cujo investimento financeiro viabilizou a diagramação e a impressão dos exemplares.

Os *organizadores*

Prefácio

O Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO) comemorou solenemente, em 28 de outubro de 2024, seu centenário vitorioso, sendo exemplo de altos serviços prestados à educação e trabalho, consequência consagrada do benfeitor Joaquim Bernardo Borges, que através de sua vontade testamentária deixou para Itu, magno legado para a criação de escola profissionalizante e uma maternidade, objetivando atender à mãe e ofícios de trabalho, para segmentos mais necessitados.

Borges, nascido em Portugal no século XIX, emigrou para o Brasil na adolescência e estabeleceu-se em Itu, onde prosperou no comércio de algodão e chá, acumulando riqueza. Em 1880, retornou a Portugal, mas em seu testamento de 1920, deixou um legado importante à Santa Casa de Misericórdia de Itu para a criação de um instituto de ensino e uma maternidade, evidenciando cabalmente que seu coração ainda estava aqui.

Deve-se mencionar que o bom exemplo de Borges, inspirou o ituano ilustre Paulo Bueno Galvão, que através do mesmo mecanismo de doação, deixou recursos para Irmandade construir um Pavilhão Infantil, objetivo esse concretizado com pleno sucesso. Paulo Galvão doou três prédios, localizados na cidade de São Paulo.

Pela vontade de Borges, a Irmandade, entidade mantenedora do IBAO, ao longo desses cem anos, através de sua estrutura funcional, vem administrando pela sua colenda Mesa Administrativa, órgão colegiado responsável por todas as suas decisões, e composta por 12 membros, sendo a atual: *Raul de Paula Leite* (provedor), *Renê Paschoal Liberatore* (vice), *José Arlindo Amgartem* (secretario), *Jonas Soares de Souza* (tesoureiro), *Antônio Benedito Francischinelli*, *Carlos D'Ambrozio*, *Celso Tahan*, *Hamilton Luiz Guido*, *José Leocádio Ximenes*, *Mario Teodoro Xavier da Silveira*, *Olintho Rodrigues de Arruda*, *Plinio Menezes da Silva Junior*. Além da comissão de contas, composta por três membros, sendo a atual: *Afonso Luiz Guido*, *Carlos Alberto Ferrari* e *Paulo Roberto de Oliveira*. Cumpre mencionar a clareza da visão futura de Borges, sobre ensino profissionalizante: "No Relatório de Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), indica que apenas 9% dos concluintes de Ensino Médio no Brasil, recebem formação profissional e técnica, com alguns como Suíça, Austrália e República Tcheca, superando os 60%, sendo a média na OCDE de 38%, segundo o estudo. No Brasil, ter concluído em curso técnico aumenta em 48% as chances de as pessoas em idade ativa ingressarem no mercado de trabalho, em comparação com candidatos sem essa formação"; essa constatação é de um

estudo da área de Ensino Médio Técnico do SENAC-SP. A visão internacional é de valorização da educação profissional técnica, por elevar a produtividade e colaborar com o crescimento econômico.

O IBAO formou milhares de alunos em seus diversos cursos, gratuitamente. Em recente exercício fiscal, a Irmandade através do Instituto Borges, investiu R$ 2.466.925,29, contemplando e beneficiando a totalidade de seus alunos. O custo médio anual por aluno, foi de R$ 17.620,89, ou R$ 1.468,40, ao mês/aluno. Há que se mencionar que a Irmandade, através de pavilhão do IBAO, abrigou por quase três décadas a Escola Senai em Itu gratuitamente, até a edificação de sua própria unidade de ensino.

Cumpre afirmar que o sucesso do IBAO, foi principalmente conseguido pela direção firme e competente de todos seus diretores, de seu lúcido corpo docente, sempre composto de excelentes professores, os dedicados funcionários, todos responsáveis pela grandeza desse Projeto para Itu e região.

A ideia deste livro surgiu como uma das consequências do envolvimento da ACADIL (Academia Ituana de Letras), nas comemorações do centenário do IBAO, através da sua presidência, e dos acadêmicos Vilma Pavão Folino, Luis Roberto de Francisco, e Leonardo Silveira, dentre outros, que compuseram a mesa redonda apresentando temas específicos a respeito do Instituto Borges. No final, a plateia teve a oportunidade de interagir, no momento intitulado ***O IBAO E EU***, se manifestando a respeito de móveis ou outros objetos produzidos por nossos alunos e ex-alunos e a verbalizar sobre sua vivência na escola, enquanto alunos.

O que chamou a atenção foi o entusiasmo e principalmente a forte emoção manifesta nos referidos relatos. O orgulho da história dos móveis de madeira maciça daqueles que os possuem em suas casas e sobretudo os depoimentos sinceros e comoventes dos ex-alunos, recordando suas experiências na vida escolar, marcaram de tal forma a reunião, que foi impossível não sensibilizar as pessoas presentes. E nesse mesmo clima, os mesmos ex-alunos solicitaram a edição de uma antologia em que constassem as falas de todos os que quisessem se manifestar com depoimentos. Foi muito gratificante constatar que eles se sentiam participantes da história do IBAO, neles emergindo um relevante sentimento de pertencimento. Afinal, sem aluno não há escola…

Atendendo a solicitação, Vilma Pavão Folino e Edson Carlos de Oliveira desenvolveram um projeto de linha editorial dos 100 anos do IBAO, sem fins lucrativos com uma obra resultante de voluntariado. Iniciando com a história do ensino profissional do país, entrelaçando os contextos e legislações com o a história do Instituto Borges, a antologia destaca, em cada capítulo, importantes testemunhos do passado e do presente, compondo o segmento ***O IBAO E EU***,

no qual cada história evidencia desafios superados, lições aprendidas e admiráveis conquistas.

Ao conhecer essas histórias, será possível se identificar com elas e nelas se inspirar, pois, afinal, espelham o passado, mas podem iluminar um horizonte…

Boa Leitura!

Raul de Paula Leite • ***Provedor***

Índice

Apresentação 15
Patrimônio histórico de Itu 17
História do IBAO 19
O legado de Joaquim Bernardo Borges 25
Uma herança que gerou filantropia, rendimentos e prédios 30
A escritura 38
Sobre a edificação do IBAO 40
Labor improbus omnia vincit 41
O Hino do IBAO : uma obra e o seu tempo 43
Tesouro vivo da história 56
Raízes do tempo 58

Diretores do IBAO 59
João Alves Dias 59
José de Toledo Piza 59
Edgardo Pereira Mendes 61
João Pereira de Goes 62
Péricles de Queiroz Fiúza 63
Osvaldo Barbosa 65
Álvaro Pari 65
Ary Caricatte 65
Ivone Salesiani Teixeira Guimarães 66
Zilda Trettel da Costa 67
Ana Maria dos Santos 69

Relação de professores e funcionários desde 1932 71
Um professor jamais é esquecido 76
Cronograma do Ensino Profissionalizante e Tecnológico 78

Desenvolvimento das escolas profissionais até o final dos anos 30 81
O IBAO E EU
João José "Tucano" da Silva 87
Jonas Soares de Souza 89

E no início, Lyceu 96
Em 1935, o Instituto Borges formava a sua segunda turma 104
O IBAO E EU
Professora Orminda de Moraes Fonseca 107
Professor Pery Guarany Blackman 109
Professor Tristão Mariano da Costa Júnior – Nhonhô Tristão 111
As meninas do Nhonhô Tristão 112
Abílio Savi 116
Humberto Nizzola 118
Roberto de Francisco 121
Susana Melo Mesquita 124
Primo Sebastião Galdini 127
Família Gardini/Galdini 129

Anos 40 a 60 132
O IBAO E EU
Professor Anibal Miranda – o "Careta" 139
Professor Celso Marinho 141
Professor Décio Salvadori 143
Professora Therezinha Janete Guitte Gardiman 144
Ana Duarte 145
Benedito Carlos e Waldomiro Antonio Savioli 146
Egle Terezinha Savi 148
Família Robusti 149
João Manuel Pereira Machado 151
João Paulo Duarte 156
José Benedito Marcon 157
José Carlos Christofoletti e Leila Savioli Christofoletti 160
José Pasqual Romonsini 162
Leonor Zaparolli Carpi 163
Maria do Carmo Savioli 171
Maria Geralda Portes Belucci 173
Maria Teodora Tretel 175
Nerina Bianchi Higel 176
Nilza Garcia Lucca 180
Olavo Volpato 183
Paulo de Tarço Bordini 187
Theresinha de Jesus Savioli 189
Vanda Maria Monteiro Mazurki 190

A produção de móveis 191

O grêmio estudantil 197
O IBAO E EU
Getúlio Elias Schanoski e Lázaro José Piunti – Depoimentos 200

Os ginásios industriais 201
O IBAO E EU
Professora Anna Carolina A. B. M. Pacheco 204
Professor Anthenor Fruet 206
Professor Firmo França 208
Professora Josefa 209
Professor José Araujo Dias – "Seu Zezé" 211
Professor José da Silva 213
Professora Leonor Fonseca Braga Vanini 216
Professor Lourenço Carmignani 217
Professora Maria de Lourdes Carneiro 220
Professora Maria Aparecida Pereira Camilloti 222
Professora Maria Celia Bombana 223
Professora Maria Estela Spinardi 224
Professora Marlene Maria Caleffo Salvadori 226
Professor Natal 231
Professora Neide Coan 232
Professor Rogério Lázaro Toccheton 234
Professor Vadinho 236
Professora Zilda Maria Zapparoli 239
Ana Maria Cané 242
Arcilio Bragagnolo 244
Assunta Maria Galera de Arruda 246
Camilo Fortunato Bruni Neto 248
Divanil Dias Favaretto 250
Edson Carlos de Oliveira 254
Gabriel Dias de Carvalho 258
Geraldo Domingues 260
Joceli Savi de Camargo 261
Jorge Rodrigues Silveira 262
José Carlos Carvalho 264
José Maria Cavacchini 266

José Pilon *267*
José Roberto de Almeida Galvão – Betão *270*
Lázaro José Piunti *272*
Transcendendo tempo e espaço *274*
Lídia Bruni Amaral Mariano *277*
Luiz Fernando Fruet *279*
Luiz Helio Boff *280*
Márcia Moraes Bergamo Alves da Silva *281*
Maria Estela Morete Garcia *284*
Marilena Buzzo Dias Aranha *285*
Mary Stella Calandrin *286*
Sidarta Martins *287*
Silvia Regina Pereira Camilloti Graciano *291*
Sueli Maria de Oliveira Giannechini *292*
Toshiko Ozaki *294*
Vera Lucia Buzzo *295*
Wilson José Buzzo *297*

O SENAI no IBAO 298
Piastrelo – um jogo universal *300*
O IBAO E EU
Professor Luis Carlos Moretti *302*
Arnaldo Lazaro Corti *306*
Geraldo Arruda Leite *308*

A Mecânica em nosso dia a dia 309
O IBAO E EU
Professor Carlos Antônio Graciano *313*
Alessandra Membrive *315*
Antônio Carlos de Arruda Campos *317*
Celia Maria Trettel da Costa *319*
Décio De Marque *322*
Douglas Kumano *324*
Eduardo Tocachelo – padre *325*
Eugenio Francischinelli *328*
Fernando Sampaio *329*
Gisela Bardelli *330*
Hélio Tomba Júnior *332*

José Henrique Piratelli 333
Lilian Rodrigues Almeida Santos 335
Luis Antonio Camilotti 339
Luiz Gonzaga de Oliveira 342
Márcio Roberto Fernandes Coelho 344
Maria Helena Pavanelli 345
Maria Luisa Sampaio 348
Moisés Roberto de Oliveira Calandrin 349
Naira Cristina Fávaro Lisboa 351
Raul Carlos da Silveira 353
Rosenilda de Paula Lima Oliveira 355
Tadeu Vannucci 358
Valter Vitor Boff 360
Zelma Glasen de Oliveira 361

O Segundo Grau Profissionalizante 362

A importância da segurança do trabalho 364
O IBAO E EU
Professor Aloisio Salvador 366
Professor Fernando Reatti 368
Professor Josué de Oliveira Souza Filho 370
Professor Luiz Alberto Rizzi 373
Professor Severo Gregório Lima 374
Professor Silas Croco 376
Fernando José Marcon 378
Fernando Marques Henriques 382
Hélio Ricardo Bellão 383
Julio André Piunti 385
Rita de Cássia Caetano 386
Rosângela Luiza Ambrósio da Silva 388

Enfermagem, profissão essencial 390
O IBAO E EU
Professora Helena Venturini 393
Professora Luciana Fernandes Poso 395
Professor Mario Cesar Guimarães Battisti 397
Professora Regina de Fátima Boni Valente 398
Siljane Suzano Alves 399

Meio Ambiente e Sustentabilidade 400
O IBAO E EU
Marina Cunha Massat 401

Cursos livres 403
O IBAO E EU
Professora Adriana Maria Scavacini 408
Aparecida de Lourdes Peres de Oliveira 410
Camila Juliana Morelli Barbi 411
Carlos Alberto Rodrigues Júnior 413
Célia Regina Lucca 414
Daiana Domingos 415
Odair Sevilha Gimenes 416
Rosangela Alves de Oliveira 417
Sandra Regina Trettel Castilho 419
Virginia Aparecida Delgado 420

Integração com a comunidade 422
O IBAO E EU
Alberto Bazaia Junior 423
Ana Carolina Pacheco 425
Camila Lucca Arruda 426
Maria Adelaide Zapparoli de Oliveira 427
Moacyr Daldon 429
Odete Guilger Bucci 431
Pedro Modena 432
Regiane Anzolini Boni 434
Reinaldo José Giannecchini 435
Ricardo Alves Barbosa – 2º Tenente 439
Samuel Antonio Membrive 436
Zinho do Violão 441

UNIT 443
O IBAO E EU
Professor Benedito D. Calandrin 444
Professor Vicente Mobrice 446

As reviravoltas do Ensino Médio 448
Ensino Médio nos dias atuais 453
O Ensino Médio no IBAO 457
O IBAO E EU
Professor Fernando de Mattos 459
Professor José Renato Luciani 461
Professor José Roberto Nogueira 462
Adriana Scavacini 464
Alexandra Brigo 467
Amarilso Benedito Pedrotti 469
Clarice Benedette Brene 472
Daisuke Hayashi 474
Fabiano Quicoli dos Santos 475
Ivani Rodrigues da Silveira 479
Jacira Benedita Antunes 480
Maria Apparecida Silveira Marques Alves 482
Mary Rosana de Almeida Belfort Rizzi 483
Rosana Maria do Nascimento 485
Rui Mauricio Nogueira de Mattos 486
Paulo Lara 487
Rosana Maria Leite Mazzi 490
Sergio Ricardo Rodrigues Savioli 492
Atual aluno: José Lucas Santos Oliveira 493

Depois de tudo... 494

Apoio Cultural 495

Apresentação

Muitos perguntam se a ideia de escrever o livro sobre o IBAO foi motivada por seu centenário. Indiretamente sim. O motivo gerador aconteceu circunstancialmente e com certo imediatismo.

A última reunião mensal de 2024 da ACADIL – Academia Ituana de Letras, aconteceu nas dependências do IBAO, em homenagem a seus 100 anos de grandiosa atividade, como modelo de organização. Nesta, tive a oportunidade de apresentar o livro "Itu é História: Múltiplos olhares sobre a educação", lançado 3 semanas antes, destacando o capítulo referente ao IBAO no referido livro. No prosseguimento, quando ocorreu o retorno do momento de minha fala, citei o Lyceu de Itu, como denominado no início pelos ituanos, bem como em antigos jornais locais. Com inspiração no site do Liceu de Artes e Oficios de São Paulo, no qual consta o ícone Eu e o Liceu, que convida os ex-alunos a compartilharem sua história destacando seus desafios e conquistas, perguntei à plateia se havia ex- alunos presentes. E diante da resposta afirmativa por parte de alguns, parafraseando o Liceu de São Paulo incentivei -os a participarem com relatos de suas vivências como alunos no Instituto Borges. Estava lançado o momento ***O IBAO e EU.*** Para surpresa geral os ex-alunos relataram com muito sentimento de pertencimento e emoção, sua história e os aspectos que marcaram suas vidas.

Uma abertura para que a reunião se tornasse mais dinâmica, dialogada e participativa desencadeou uma reação inesperada. Os ex-alunos fizeram o pedido para que eu organizasse uma antologia sobre a escola, focando no tema "o IBAO e eu". Confesso a existência de certa relutância – afinal acabara de lançar uma grande e abrangente antologia… Mas a insistência por parte do grupo, de que eu era experiente e que deveria aceitar, foi me convencendo. O encerramento do diálogo aconteceu com a fala do ex-aluno da escola, Edson Carlos de Oliveira, com quem eu ja tivera parceria em outras obras: "*Aceite,Vilma, eu ajudo você na busca dos depoimentos*". Xeque -mate. Então, sob os olhares suplicantes do grupo, a resposta não poderia ter sido outra. Aceitei.

Consolidada a parceria na coorganização da antologia, já na primeira semana de dezembro apresentamos o projeto ao Provedor para aprovação e em seguida, reuniões nas dependências do IBAO com as pessoas designadas a nos auxiliarem na pesquisa interna.

Passamos a traçar as diretrizes para a composição coletânea, seus capítulos, a introdução de cada um deles e a inserção do mais importante, os relatos de ***O IBAO e EU***. Nem mesmo o Jequitibá-Rosa ficou de fora.

Enquanto isso…

Eu, Edson comecei a caçar talentosos potenciais escritores: ex-alunos, alunos, ex-professores, professores, ex- funcionários, funcionários e filhos desses para escreverem suas vivências e emoções vividas no instituto. Via celular, ao encontrar na feira, no supermercado, na igreja, nos restaurantes, no banco, na rua, não perdia a oportunidade e perguntava: você estudou no IBAO?

Impressionante como a surpresa era grande ao notar como era fácil encontrar os ex-alunos, filhos desses ou professores ou filhos desses. Convite feito, pessoalmente, por telefone ou WhatsApp, era aguardar os relatos chegarem. O prazo para a entrega dos testemunhos foi de 1º de fevereiro a 30 de abril de 2025. Como o IBAO fez 100 anos, nosso objetvo foi buscar 100 testemunhos.

Para nossa alegria, ultrapassamos o número de relatos programados, e à medida que os mesmos foram chegando, ficamos admirados com o entusiasmo de quem nos enviava seus depoimentos e cada vez mais ficamos contagiados por esse sentimento de júbilo e gratidão.

A leitura deste livro proporcionará a você, leitor, a possibilidade de acompanhar, além da evolução histórica dos 100 anos do Instituto Borges de Artes e Ofícios, sua magnífica origem baseada em doação e gratidão, os esforços da instituição para acompanhar as mudanças contidas nas diferentes legislações sobre o ensino profissional, sua capacidade de adaptação e transformação sob a égide das leis em vigor, a atuação brilhante de seu corpo docente e pessoal administrativo, afetivamente elogiados pelos que por seus umbrais passaram… História ainda mais bela que sua reverenciada arquitetura. História de múltiplos olhares com os quais a gratidão perpassa o tempo e permanece.

Os *organizadores*

Instituto Borges de Artes e Ofícios

Patrimônio histórico de Itu

A palavra patrimônio é derivada do latim patrim*onium,* que se referia aos bens e legado de herança *de* um *pater famílias*. Já a ideia de bens e patrimônios culturais como **herança aos cidadãos** é resultante de progressões pós Revolução Francesa.

Patrimônio histórico é um conjunto de bens que são preservados e têm valor histórico e cultural. É essencial para a preservação da memória e dos valores culturais, contribuindo para a construção da cidadania e o fortalecimento das comunidades. Além disso, sua valorização está associada a direitos humanos e à promoção do turismo. Um patrimônio histórico se caracteriza por ser:

- uma expressão do passado, da identidade de um povo importante para a construção da cidadania;
- uma fonte de conhecimento e ajudam a compreender o desenvolvimento de uma sociedade;
- uma herança cultural que se recebe dos antepassados;
- um legado para as gerações futuras.

Classifica-se o Patrimônio Histórico Cultural como um conjunto de bens **materiais e imateriais** que têm valor histórico para as culturas dos povos.

Patrimônio histórico material

É o conjunto de bens físicos, que possuem importância histórica para a formação cultural da sociedade. Integram os bens materiais, as obras de arte, pinturas e monumentos, cidades, prédios e conjuntos arquitetônicos, parques naturais, sítios arqueológicos, e outros.

Patrimônio histórico imaterial

Sem existência material, são considerados patrimônios históricos culturais imateriais o idioma, os dialetos, a culinária, as festas populares, os rituais religiosos, os conjuntos de ditos populares, entre outros.

O Instituto Borges de Artes e Ofícios, representa um patrimônio Histórico material.

O **tombamento** é o mais relevante instrumento de proteção ao patrimônio cultural, pois através deles, bens de interesse cultural são preservados. Há órgãos competentes para a realização desse ato administrativo, nos três níveis de governo:

- **Federal**: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan);
- **Estadual**: Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Arquitetônico do Estado (Condephaat);
- **Municipal**: Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental (Conpresp).

O tombamento não altera a propriedade do bem, mas proíbe que seja destruído ou descaracterizado.

Os elementos arquitetônicos, incluindo o IBAO, que constituem o centro histórico de Itu, foram tombados pela Secretaria da Cultura do Estado, conforme publicação no Diário Oficial do Estado de São Paulo de 07 de novembro de 2003, transcrita abaixo no seu início e final.

CULTURA
Secretária: CLÁUDIA COSTIN
Rua Mauá, 51 - Luz - CEP 01028-900
Tel. 5067-0000
GABINETE DA SECRETÁRIA
Resolução SC-85, de 6-11-2003
[...]

Resolução SC-85, de 6-11-2003. Pág. 30 – D.O.E.; Poder Executivo, Seção I, São Paulo, 113 (212), sexta-feira, 7 de novembro de 2003.

História do IBAO

Bruno de Assis Furquim

Para apresentar a rica trajetória do Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO), uma instituição de ensino que se encontra muito próximo de completar seu primeiro centenário (28 de outubro de 2024), faz-se necessário retornar à segunda metade do século XIX e visitar a história do "Legado Borges", como ficou conhecida a vultuosa doação de recursos financeiros por parte do português Joaquim Bernardo Borges e seu desejo testamental de prover educação e cuidados médicos maternais para a população menos abastada de Itu.

Nascido em *Villamarin*, comarca de *Mesão Frio*, província de *Traz os Montes* em Portugal, Joaquim Bernardo Borges deixa seus familiares em terras lusitanas e migra sozinho com apenas 15 anos de idade para a antiga colônia americana do reino português. Aporta na cidade de Santos no ano de 1855 e de lá se dirige para Itu, onde primeiro se emprega no comércio de Emygdio Baptista Bueno, posteriormente com seu conterrâneo João Baptista de Macedo e finalmente vem à trabalhar na casa comercial do ituano Manoel Joaquim Antunes Russo. Apresentando bom tino comercial na atividade de caixeiro, faz carreira e alcança a estima e a confiança de seu chefe.

Junto com o período que se desenrolava a Guerra Civil nos EUA, problemas de logística comprometem drasticamente as remessas de algodão que este país enviava para alimentar a indústria têxtil europeia. Momento em que a cidade de Porto Feliz se torna o polo produtor da lavoura algodoeira na província de São Paulo, que passará a suprir essa demanda fabril no velho continente. Nesse contexto o Sr. Russo destaca o jovem Borges para efetuar as compras de algodão na cidade vizinha de Itu para a posterior exportação dessa *commodity* até as terras do velho mundo. Tarefa em que Borges consegue aferir bons lucros para seu patrão – e ele mesmo investe capital próprio. O que seria apenas o início do ajuntamento de capital que o imigrante lusitano realizaria na província paulista.

Mesmo já possuindo recursos financeiros suficientes para abrir sua própria casa de comércio, Joaquim Bernardo Borges se mantém como empregado na loja do Sr. Russo até o falecimento deste. E assim que se findam suas obrigações com seu último empregador, na antiga *rua do Commercio*, ele abre sua *Casa de Comissões e Consignações*, destinada à compra de algodão, chá e café, com quase um monopólio desses itens na região. O que, à despeito de toda uma economia ainda cimentada em trabalhos de escravizados, lhe trouxe maximizados lucros até o

ano de 1875, quando liquida seus afazeres comerciais em Itu e se encaminha para a capital da província de São Paulo. Ali permanece por pouco tempo, apenas o suficiente para reinvestir sua fortuna em aplicações de imóveis e títulos de juros.

Assim que findou seus investimentos na cidade de São Paulo, Borges retorna para Portugal (mais precisamente na cidade do Porto), onde fixa residência pelo restante de sua vida bem próximo de sua aldeia natal. Poderia esse ser o ponto final da história de Borges com o Brasil e a cidade de Itu. Mas eventos posteriores de sua saída de terras brasileiras vão revelar que, na memória desse desvalido imigrante europeu que singrou o Oceano Atlântico, como tantos outros em busca de riqueza, Borges não apenas prosperou financeiramente; ele construiu laços afetivos fortes onde passou a juventude. De certo ele jamais esqueceu a cidade e o povo que o acolheu, do lugar em que fez parte da tessitura social e construiu sua humanidade. Sabemos que ele participara da inauguração da Santa Casa de Itu em 1864 e, com certeza, este evento deixou algum desejo manifesto em retribuir a esta cidade a generosidade que aqui o forasteiro havia encontrado. Nos seus últimos anos de vida, relembra da hospitalidade ituana e, em seu coração, desperta a punção da caridade e testamenta à Santa Casa de Misericórdia de Itu o "Legado Borges".

Em 1921, o 7º provedor da Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Itu, José de Paula Leite de Barros, teceu estas palavras ao citar Joaquim Bernardo Borges: "*Homenagem ao máximo benfeitor de Itú – Joaquim Bernardo Borges: Sua biographia, a história de sua modesta vida durante o tempo em que viveu nesta terra, que elle amava como a do seu nascimento, é curta e muito simples, como simples tem sido a vida do homem do trabalho em toda parte, daquelle que pelo proprio esforço consegue fazer sua independencia, quando não posição saliente na sociedade pelas suas qualidades pessoaes, tão bem qualificado na pitoresca linguagem americana do norte – the self made man – o homem que se fez a si proprio, como é o caso de Joaquim Bernardo Borges, axioma que não carece de demonstração.*" [1]

Na data de 2 de janeiro de 1921, na cidade do Porto, ocorreu o falecimento de Joaquim Bernardo Borges. Porém, poucos meses antes desta data, Borges encerrara seu testamento legando para a Santa Casa de Misericórdia de Itu *4.181:774$000* na forma de apólices e imóveis prediais na capital do Estado de São Paulo. Os quais deveriam ser o patrimônio que serviria para a construção e manutenção de duas entidades voltadas á assistência social para as camadas mais desvalidas da sociedade ituana: uma escola de ensino profissionalizante

---

1 . Nardy Filho, Francisco. **A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu: primeiro centenário da sua fundação 1840-1940.** 2012. Página 92.

e uma maternidade (que seria inaugurada em 1939, a "Maternidade Borges"). Apesar de substanciais recursos para a época, ditava o testamento que deveria se esperar o período de três anos de rendimentos desses ativos para que, então, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu pudesse iniciar a compra do terreno e, efetivamente, iniciar a construção do colégio vislumbrado por Borges. Assim, passado esse triênio e com a nomeação de uma comissão dos membros da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, fez-se a escolha e a compra do terreno do largo da Caixa d'Água (atual Praça Conde de Parnaíba), o delineamento da planta elaborado pelo renomado arquiteto Ramos de Azevedo e a construção em si, onde se encarregou da obra a empreiteira Geribello e Quevedo. Com a edificação finalmente terminada e inaugurada em 28 de outubro de 1924. Importante salientar a visão de Borges que transcende a caridade, pois seu legado não visava apenas a assistência imediatista, ele já pensava a promoção social na forma da educação profissionalizante gratuita (em consonância com as demandas das primeiras décadas do século XX) bem como que os bens doados tivessem continuidade de rendimentos para que a instituição pudesse se manter independente na seara financeira.

Acerca dos cursos que o Instituto Borges de Artes e Ofícios disponibilizou para a sociedade ituana ao longo de quase um século, a variedade é grande e expressa as demandas econômicas que evoluíram durante o capitalismo tardio e mostra as características das modificações de costumes nesse período. O imponente prédio de construção moderna é dividido em dois pavimentos que abrigam as salas de aulas, a secretaria, sala dos professores, da coordenação e da direção. Todas as dependências são amplas e adequadas para suas funções. Inicialmente à sua inauguração foram ministradas aulas de desenho, escrituração mercantil, português e aritmética. A construção dá continuidade por um passadiço, para outros espaços com mais salas de aula dos cursos de corte e costura, de bordado e de economia doméstica, além de outras dependências. Por fim, nas laterais do terreno se encontram dois grandes galpões, onde um já constava a moderna e bem equipada oficina de marcenaria, carpintaria e entalhe, e um outro galpão, reservado para posteriormente receber as oficinas de fundição e serralheria.

No decorrer das seguintes décadas, com muitas conquistas e dificuldades, a instituição passou a firmar parcerias e convênios diversos, seja com o município, o estado e até mesmo com empresários da região. Sempre no intuito de levar a educação profissionalizante de qualidade e gratuita para as classes populares, inclusive acompanhando as alterações nas legislações que modificaram as propostas de ensino técnico-profissional durantes os diversos governos que o país teve.

Porém, no início da década de 1940, vale ressaltar uma fundamental parceria que o Instituto Borges de Artes e Ofícios estabelece com o recém fundado Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Na figura do 9º provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, João Baptista de Mattos Pacheco, as duas entidades iniciaram conversações para definir um projeto em comum, levando em 1946 a assinatura da parceria que perdurará até 1972, rendendo vários cursos e milhares de jovens formados para o mercado de trabalho.

Era fato que, no ano de 1945, o Instituto Borges de Artes e Ofícios passava por dificuldades: ônus da manutenção, vagas ociosas, não rentabilidade da venda dos itens produzidos nas oficinas e falta de materiais. Então, visando o desenvolvimento pedagógico, a administração técnica fora oferecida ao SENAI e, para fins de avaliação, foi recebida a visita de um funcionário nas dependências do IBAO. Inicialmente, a proposta consistia em ceder integralmente o prédio do Instituto Borges de Artes e Ofícios para nele ser instalada uma escola SENAI, sendo que a mesma se comprometeria a manter os cursos já oferecidos pelo Instituto. Objeções foram feitas pela Mesa Administrativa a essa proposta. Mas uma segunda proposta fora aceita por unanimidade meses depois: o SENAI ficaria responsável por ocupar e manter a parte do edifício dos cursos de mecânica e fundição (voltados para os trabalhos em metal, madeira e eletricidade), enquanto o IBAO se encarregaria de administrar os demais cursos.

E assim findadas as tratativas, *"O acordo foi finalmente assinado em 26 de janeiro de 1946, por Roberto Mange, diretor do SENAI – Departamento Regional de São Paulo, e pelo então Provedor da Irmandade, Antonio de Paula Leite Netto. Esse acordo vigoraria por quatro anos, sendo renovado e mantido, com algumas alterações, até 1972".*[2]

Como a vasta historiografia nos conta, entre as décadas de 1930 e 1980, o Brasil teve um crescimento econômico e industrial fabuloso, com dados que são recordes nesse espaço de tempo dentro do capitalismo. E nesse contexto, observando a miríade de cursos que o IBAO ofertara, se destacou o de "Auxiliar de Comércio". Composto na sua grade curricular das disciplinas de: português, matemática, escrituração mercantil, correspondência comercial, organização comercial, datilografia e taquigrafia. Isso explicita o desenvolvimento urbano industrial de Itu e a nova dinâmica social que demanda esse ensino comercial (algo que remonta ao início século XIX). A partir da Primeira República, esse tipo de curso comercial, principalmente em nível propedêutico e técnico eram

---

2 . SOUZA, Jonas de. CYTRYNOWICZ, Roney. **História da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, 1940-1990. 2004.** Pág. 71.

bem-vistos pelas classes baixas e média baixas, que almejavam ascensão social, como inserção diferenciada no mercado de trabalho.

Não obstante das alterações sociais, as mudanças legais acerca dos cursos técnicos-profissionais (principalmente a Lei nº 5.692/71 – que modificou a estrutura do ensino no país, sendo muito criticada na pedagogia pelo seu tecnicismo), as dificuldades financeiras e o fim do longo convênio com o SENAI, nas décadas de 1970 e 1980, a oferta de cursos que o Instituto Borges entregava à sociedade ituana se manteve adequada. Mudanças estruturais também marcaram esse período, como, por exemplo, o novo salão de festas construído em 1976 para eventos de auditório (cerimônias de formatura, exibição de filmes, conferências, teatros, audições etc.) e para a adequação do currículo de educação artística. Podemos citar, nessas duas décadas, o novo curso de enfermagem que começa a funcionar em 1979. Além dos cursos semiprofissionalizantes em parceria com a UNIT (Universidade do Trabalhador), aprovados em 1984 e inaugurados em 1986 com a presença do então governador do Estado de São Paulo, Franco Montoro e aula inaugural ministrada pelo então provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, Raul de Paula Leite.

Citar a instituição IBAO é imediatamente remeter à excelência e renome na educação não apenas no município de Itu, mas também nas adjacências, pois muitos foram os alunos das cidades vizinhas que estudaram nessa escola e receberam, de forma gratuita, consolidado ensino. Atualmente, a escola oferta vagas para o Ensino Médio e os cursos Técnico de Segurança do Trabalho e Técnico em Enfermagem. Sendo esses jovens e adultos que frequentam diariamente a escola os agentes materializadores da missão secular da Irmandade de Misericórdia e do desejo testamental de Joaquim Bernardo Borges. E para suprir essa demanda, o Instituto Borges de Artes e Ofícios conta, para além da excelência dos seus funcionários, uma estrutura de biblioteca, laboratórios, equipamentos, auditório, quadra poliesportiva, currículo alinhado com a legislação vigente e equipamentos multimídias condizentes com a realidade digital.

O curso de Ensino Médio, que fora institucionalizado no IBAO em 1986, atualmente já se encontra atualizado ao N. E. M. (Novo Ensino Médio), oferecendo 40 vagas por série no período noturno, que além de ter uma formação sólida e exigente nas disciplinas básicas, possui itinerários formativos que contemplam as quatro áreas do conhecimento: ciências humanas e sociais aplicadas; linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; e ciências da natureza e suas tecnologias. Essa conceituada formação pedagógica recebe uma grande procura pela comunidade. E no decorrer dos três anos do segundo grau, o discente é preparado não apenas para o mercado de trabalho mediante

às disciplinas do currículo regulamentar e outras várias atividades e projetos paralelos e multidisciplinares, mas também recebe uma formação focada no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e nos vestibulares para as principais faculdades públicas e particulares do estado.

Já os cursos profissionalizantes de Técnico de Segurança do Trabalho (inaugurado em 1990), com 50 vagas, e Técnico em Enfermagem (inaugurado em 2014), com 43 vagas, são reputados em toda a região, além de serem áreas que mais empregam profissionais no mercado de trabalho.

O candidato que se apresenta para pleitear uma vaga nesses cursos passa por um processo avaliativo em que seu desempenho acerca do conteúdo escolar é mensurado mediante um Vestibulinho de questões objetivas, além de se observar sua renda, priorizando estudantes com 1,5 salários mínimos de renda familiar, para contemplar uma camada de baixa renda da população – condição alinhada com a missão da Irmandade.

Bruno de Assis Furquim
Natural do município de Itu e residente na cidade de Cabreúva.
Técnico em Museologia, graduação em História e Sociologia.
Pós-graduação em Sociologia e Filosofia.
Trabalha em Cabreúva como professor PEB II de História e Sociologia desde 2011.
É museólogo no Museu da Santa Casa de Itu desde 2018.

Referências Bibliográficas:

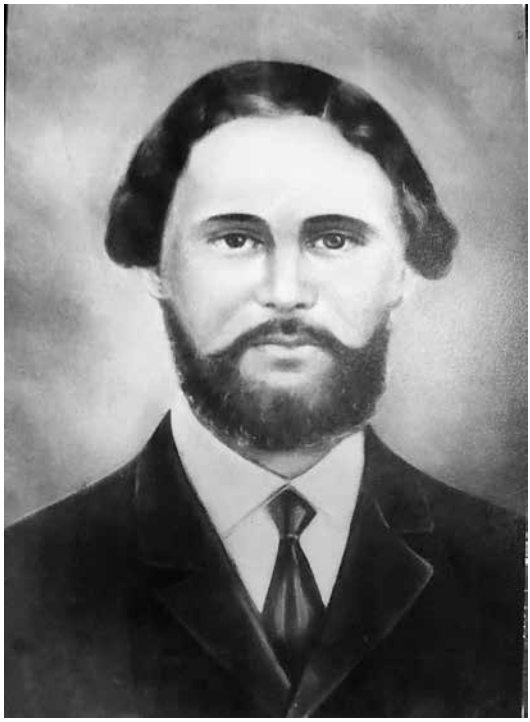
NARDY FILHO, Francisco. **A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itú: Primeiro Centenário da sua fundação 1840-1940.** Itu (SP). Ottoni Editora, 2012.

SOUZA, Jonas de. CYTRYNOWICZ, Roney. **História de Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, 1940-1990.** São Paulo (SP). Narrativa Um, 2004.

A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu 1990-2020: filantropia e voluntariado em Itu. São Paulo (SP). Narrativa Um, 2020.

O legado de Joaquim Bernardo Borges

Leonardo Silveira



Joaquim Bernardo Borges

Assim como muitos outros portugueses que deixavam a sua terrinha para vir fazer a vida aqui no Brasil, nos meados do século XIX, o jovem Joaquim Bernardo Borges também veio com a mesma intenção. Muitos lusitanos vieram para cá para trabalhar especialmente no comércio. Sozinho, com apenas 15 anos, Joaquim foi um homem que fez a si próprio. E foi aqui em Itu, trabalhando em casas comerciais, como na de Manoel Joaquim Antunes Russo, o "Manequinho Russo", que o rapaz desenvolve seu tino comercial. Além disso, Borges também fez parte do Grêmio Dramático da cidade e tocou na banda musical do maestro Elias Lobo.

Foi comercializando algodão, em plena época da Guerra de Secessão dos EUA, que Joaquim conseguiu mostrar seu talento nos negócios. Amealhando

uma considerável quantia durante o tempo em que foi empregado do senhor Russo, Joaquim só foi abrir o seu próprio negócio após a morte do patrão. Era a *Casa de Comissões e Consignações*, na antiga Rua do Comércio, atual Rua Floriano Peixoto. Ali, Joaquim Borges quase que monopoliza os negócios do algodão, do chá e do café na região, além de um ser um dos muitos acionistas da Companhia Ituana de Estrada de Ferro. Chegado em Itu em 1855, vinte anos depois, 1875, Joaquim já era um abastado capitalista, e passa a morar em São Paulo, aplicando seu dinheiro no ramo imobiliário e em casas bancárias.

Antes do findar da década de 1870, Borges volta para Portugal, de onde nunca mais irá voltar para as terras brasileiras. Joaquim morreu no início de 1921, mas, no ano anterior, ao redigir o seu testamento, deixou registrada a doação de um legado formado por apólices e prédios localizados na capital paulista para a Irmandade da Santa Casa de Itu, "com a condição de fundar e administrar perpetuamente na cidade de Itu uma instituição que se denominará Instituto Borges de Artes e Ofícios e uma Maternidade". Segundo o memorialista Francisco Nardy Filho, o montante era de 4.455:024$000 (quatro mil e quatrocentos e cinquenta e cinco contos e vinte e quatro mil réis), e, conforme noticiado no *Correio Paulistano*, de 26 de maio de 1921, os bens constavam de três prédios em Itu, "sendo 2 à Rua 15 de Novembro e 1 à Rua Direita (hoje Rua Paula Souza)", mais 1.300 ações da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, apólices da dívida pública, 1.500 letras da Câmara Municipal de São Paulo, "conversíveis em apólices da dívida estadual e metade do remanescente de seus bens".

Esse ato de generosidade não foi um simples rompante de um homem despedindo-se da vida. Borges havia participado da formação da Santa Casa de Misericórdia, em Itu, em 1864. Além disso, ele esteve em um período bastante agitado da política ituana. Ao mesmo tempo em que o município prosperava como um dos maiores produtores de açúcar da província, e que estava entrando na cafeicultura, cujos barões já possuíam belos casarões no centro urbano, jovens políticos passavam a defender ideias vindas de fora, de países que conquistavam sua autonomia política. Eram os ares do pensamento republicano que passavam a tomar conta de muitas cabeças. O Brasil era uma monarquia isolada entre repúblicas americanas. Com certeza, os vinte anos que Borges viveu aqui na cidade deixaram marcas profundas não só no coração, mas também nos ideais de progresso desse visionário.

Afinal, separar parte da riqueza que havia formado durante sua vida para a construção de duas entidades que beneficiariam as camadas menos favorecidas da sociedade foi mais do que um ato de solidariedade. Foi uma homenagem à

terra que o acolheu em sua juventude. Com Joaquim Borges, temos, portanto, uma figura de proa para celebrarmos a solidariedade. Certamente, a memória de Joaquim Bernardo Borges não deve ser esquecida quando falamos do IBAO e da Maternidade Borges.

Nos anos que se seguiram ao anúncio do legado de Borges, os jornais ituanos publicaram diversas notas de eventos e lembranças do benemérito português. No periódico *República*, datado de 13 de novembro de 1921, anunciava-se uma reunião da Câmara Municipal de Itu com o objetivo de homenagear Joaquim, contando com a presença do então provedor da Santa Casa, o senhor José de Paula Leite de Barros. No exemplar do mesmo jornal, datado do dia 17 de novembro, a reunião foi detalhada da seguinte forma:

Conforme estava anunciado, efetuou-se a 14 do corrente [mês de novembro de 1921] a reunião da irmandade da Santa Casa de Misericórdia desta cidade, convocada para o fim de se tomar conhecimento do testamento com que faleceu em Portugal o sr. Joaquim Bernardo Borges e no qual essa instituição de caridade era contemplada com avultado legado.

Às 13 horas, mais ou menos, assumiu a presidência da reunião o provedor dr. José de Paula Leite de Barros, ladeado dos irmãos de mesa, srs. Padre Elisiário de Camargo Barros, Sebastião Martins de Mello, Francisco de Paula Leite, Joaquim de Toledo Prado, Adolpho Bauer, João E. Pompeu de Campos, Manuel de Paula Leite de Barros, Irineu Augusto de Souza e Luiz de Camargo Penteado, tendo deixado de comparecer por motivo justo o irmão Joaquim Vitorino de Toledo e servindo de secretário *ad hoc* o irmão Raul Fonseca.

Compareceram à reunião mais os seguintes irmãos: Antonio Ferreira Dias, dr. A C. da Silva Castro, Alberto de Almeida Gomes, Arrigo Battiati, Carlos de Sousa Freitas, Francisco Brenha Ribeiro, dr. Graciano Geribello, Hermógenes Brenha Ribeiro, Haraldo Geribello, João de Almeida Camargo, João Carlos de Camargo Teixeira, Joaquim M. P. da Fonseca, José A. da Silva Pinheiro, José de Pádua Castanho, Lauro Alves, dr. Manuel Maria Bueno, Oscar de Toledo Prado e dr. Sérvulo Pacheco e Silva.

Aberta a sessão, o dr. provedor procedeu à leitura de um relatório, em que fez um estudo biográfico de Joaquim Bernardo Borges, expôs a situação financeira da Santa Casa, antes e depois de entrar na posse do legado Borges e historia todos os passos dados para a conclusão em bons termos desse negócio, fazendo notar que o Governo do Estado atendeu ao seu pedido de isenção de pagamento dos impostos de transmissão, que se elevavam a mais de 700 contos e o dr. Gastão Vidigal, oficial do registro geral da 1ª. circunscrição de S. Paulo, recusou o recebimento dos emolumentos a que tinha direito.

Em seguida determinou ao irmão Raul Fonseca que procedesse à leitura do testamento, finda a qual, após breve consulta à casa, propôs que se aclamasse uma comissão de quatro irmãos para se encarregar da escolha e aquisição do terreno para a construção do edifício do Liceu, recaída essa escolha nos irmãos dr. Graciano Geribello, João de Almeida Camargo, Francisco de Paula Leite e Alberto de Almeida Gomes, sob a presidência do dr. provedor.

Após isso declarou o dr. provedor que ia encerrar a sessão, convocando os irmãos para uma nova assembleia em 2 de janeiro de 1922, afim de se cogitar das homenagens que deverão prestar à memória do benemérito cidadão Joaquim Bernardo Borges, depois do que o dr. Graciano Geribello propôs que se consignasse na ata um voto de louvor ao dr. provedor pela clarividência, interesse e acerto com que liquidou a posse do legado, sendo essa proposta aprovada com vivos aplausos dos irmãos presentes.

Terminando a reunião foi servido aos presentes uma lauta mesa de doces e bebidas finas.

No mesmo periódico, noticiou-se uma homenagem realizada pela Câmara Municipal da cidade, sendo o ápice a colocação de uma placa com o nome de Joaquim Bernardo Borges em uma das esquinas da Rua da Misericórdia, próximo à Santa Casa. Essa mesma rua hoje leva o nome do prestigiado benfeitor, imortalizando-o para os cidadãos ituanos.

O jornal *A Federação*, de 7 de janeiro de 1922, registrou uma "solene missa cantada" pela alma de Joaquim Borges, solicitada pela Diretoria da Irmandade da Santa Casa, e realizada na capela da mesma instituição. A músico ficou a cargo do maestro Tristão Júnior, e a missa contou com a presença de várias figuras de renome da sociedade ituana, muitos delas pertencentes à irmandade da Santa Casa.

Mais de cem anos já se passaram desde que esse memorável luso-brasileiro decidiu deixar parte do seu patrimônio para uma pequena cidade do interior do Brasil. Um grande gesto que não deve ser esquecido, em vista dos, infelizmente, raríssimos casos de generosidade e gratidão de membros da elite econômica.

Leonardo A. O. R. da Silveira

Nascido em Cabreúva, mas criado em Itu. Licenciado em História pelo Ceunsp e Mestrado em História Social pela FFLCH-USP. Autor do livro, "Contos de roça e sertão", com histórias fictícias baseadas na vida rural em Itu em tempos passados. Publicou outros contos em coletâneas e venceu concurso da Acadil em 2013, com um conto sobre a Convenção Republicana. Ocupa a Cadeira 37 da ACADIL.

Referências Bibliográficas:

Impressos:

República, nº 710 (13/11/1921) e nº 711 (17/11/1921)

A Federação, nº 943 (07/01/1922) e nº 974 (12/08/1922)

Correio Paulistano, nº 4.341 (04/01/1871), nº 20.796 (26/05/1921) e nº 20.970 (20/11/1921)

Artigos:

BELUCCI, Márcia Cristina; SANDANO, Wilson. Os primeiros anos do Instituto Borges de Artes e Ofícios. *Quaestio*, Sorocaba, SP, v. 17, n. 2, pp. 699-718, nov. 2015.

Livros:

NARDY FILHO, Francisco. *A Cidade de Itu*. Vol. 1. 2ª ed. Itu, SP: Ottoni editora, 2000. (Ver especialmente o capítulo XVII, "Instituto Borges de Artes e Ofícios da Cidade de Itu", pp. 182-185).

_____. *A Cidade de Itu*. Vol. 4. 2ª ed. Itu, SP: Ottoni editora, 2000. (Ver especialmente as páginas 132-133, com comentários do autor sobre Joaquim Bernardo Borges).

Uma herança que gerou filantropia, rendimentos e prédios

Jonas Soares de Souza

O conjunto de prédios da Praça Conde de Parnaíba que abriga o Instituto Borges de Artes e Ofícios demorou dez anos para ser concluído. Projetado pelo engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo, o conjunto teve suas obras iniciadas em outubro de 1922. Os prédios seriam construídos pela empresa contratada, Geribello e Quevedo.

Antes mesmo que se escolhesse o terreno para as edificações, o provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia foi ao encontro do autor do projeto. A escolha do seu nome teve várias razões. Primeira, porque tratava-se de profissional de reconhecidas habilidades na área. Ramos de Azevedo tinha ligações com o Liceu de Artes de São Paulo, era professor da Escola Politécnica e tinha acabado de entregar o projeto do Liceu de Artes e Ofícios Bento Quirino, de Campinas. Entre outras motivações, a ligação de Ramos de Azevedo com as Misericórdias: no início da carreira, em 1879, participara do concurso de arquitetura para a escolha do projeto da Santa Casa de São Paulo e em 1902 foi eleito mesário da Santa Casa em São Paulo, cargo que manteve até falecer. Outra razão era a sua ligação com Itu. Amigo e colega de trabalho de Paula Souza, com ele participou da restauração da fachada da Igreja Matriz, iniciada em 1887 e concluída em 1889.

Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1917 – 1928), era filho de uma tradicional família de Campinas e formado na École Spéciale du Génie Civil et des Arts et Manufactures Annescée da Universidade de Gent, da Bélgica. Ali estudou engenharia e arquitetura e o seu desempenho como aluno o qualificou a expor vários dos seus desenhos na Exposição Universal de Paris, em 1878.

Finalmente graduado, em 1886 retornou a Campinas. Tempos depois, foi chamado à capital pelo presidente da Província de São Paulo, Antônio de Queirós Teles, Visconde de Parnaíba, que o convidou para chefiar a Carteira Imobiliária do Banco da União. No exercício do cargo, surgiu a oportunidade de realizar um conjunto de obras públicas que marcaram o cenário urbano da capital paulista. Nessa mesma época. Inaugurou o seu próprio escritório técnico. Entre suas obras estão o Prédio do Tesouro, o Quartel da Polícia, a Secretaria de Agricultura, a Escola Prudente de Moraes, a Escola Politécnica, o Liceu de Artes e Ofícios, o Teatro Municipal, e uma série de residências encomendadas pelos afortunados cafeicultores paulistas.

Em 1894, com Antonio Francisco de Paula Souza fundou a Escola Politécnica de São Paulo objetivando oferecer cursos de engenharia industrial, agrícola, civil e o curso anexo de artes mecânicas. Em 1917, logo após a morte de Paula Souza, ele assumiu a direção da Politécnica. Foi no exercício desse cargo que José Paula Leite de Barros o procurou em 1921.

O autor do projeto do IBAO não foi apenas um engenheiro-arquiteto. Tornou-se também político e homem de negócios capaz de tirar proveito de uma ampla rede de sociabilidade de modo a qualificar artisticamente a formação da mão de obra ligada à construção. Em 1907, o seu escritório passou a se chamar F.P. Ramos de Azevedo e Cia. e, mais tarde, Escritório F.P. Ramos de Azevedo, Severo & Villares, tendo como sócios Ricardo Severo e Arnaldo Dumont Villares e contanto, entre os colaboradores, com Victor Dubugras e Domiziano Rossi.

As firmas Escritório Técnico Ramos de Azevedo e F.P. Ramos de Azevedo & Cia. realizaram mais de duas centenas de projetos para a capital e o interior do Estado. Ramos de Azevedo também foi autor do novo programa do Liceu de Artes Ofícios de São Paulo, onde fez mudanças radicais nos regulamentos da escola, com a introdução de novas disciplinas no ensino secundário e especialmente no curso de artes e ofícios, apostando em que ali estavam os germens de uma futura Escola de Belas Artes de São Paulo. Como todos queriam Ramos de Azevedo como construtor, pelo seu prestígio como arquiteto, passou a assinar todos os projetos, sendo ele o autor ou não. Investiu no comércio de materiais de construção - madeira, cal, mármores, granitos e artigos importados, tornando-se, sempre que possível, seu próprio fornecedor.

Em novembro de 1921, a Mesa Administrativa da Irmandade da Misericórdia de Itu convocou os seus membros para a leitura do testamento que contemplava a Instituição. Joaquim Bernardo Borges, o benfeitor, tinha falecido na cidade do Porto, Portugal, no dia 2 de janeiro daquele ano e deixado para a Irmandade uma fortuna em títulos e imóveis localizados em São Paulo. O testamento estabelecia que com os rendimentos dos bens doados, a Irmandade deveria construir e administrar perpetuamente uma escola profissional gratuita para a formação de jovens pobres. Em outro testamento, Borges destinava os bens localizados em Portugal a seus sobrinhos e empregados.

Porque Borges premiou a Irmandade de Itu e não outras entidades, foi a pergunta que muitos fizeram. Alguns tentaram responder. Por exemplo, Francisco Nardy Filho que dizia que foi por remorso. Segundo ele, os negócios de Borges prejudicaram alguns agricultores do município. Itu foi um grande produtor de chá. A cultura do chá tinha sido experimentada por José Arouche de Toledo na sua chácara onde hoje é o Largo do Arouche em São Paulo. A capital da Província

chegou a ter uma grande plantação, que inspirou até o nome do Viaduto do Chá. Dali a cultura do chá se espraiou pelo interior. O Mapa das Fábricas Agrícolas de S. Paulo informa que no ano de 1852 (Discurso de José Thomaz Nabuco D'Araujo, presidente da Província de S. Paulo, na Assembleia Legislativa Provincial no dia 1º de maio de 1852) existiam na Província trinta e duas fábricas de chá, distribuídas em oito localidades, entre elas Itu e Porto Feliz.

Segundo Nardy Filho, "durante mais de trinta anos foi grande a cultura do chá em Itu, dando bons lucros aos que dela cuidavam". Algum tempo depois a cultura do chá entrou em decadência em toda a Província, e logicamente também em Itu. Na opinião de Nardy o causador da depreciação do chá de Itu teria sido Joaquim Bernardo Borges e seu negócio de compra e exportação de chá e algodão. "Dizia aquela gente antiga que Joaquim Borges, com o fim de obter maior lucro, misturava chá bom com chá inferior e o rotulava como de superior qualidade". Além disso, a depreciação e baixa do preço tinha como causa o monopólio do produto, que estava nas mãos de Borges.

Na realidade, as razões foram bem outras. Ao proferir o seu discurso na abertura da Assembleia Legislativa Provincial no dia 15 de fevereiro de 1855, José Antônio Saraiva, presidente da Província de S. Paulo, já dizia: o chá "não pode prosperar porque a sua qualidade, que determina grande diferença no seu valor, se ressente dos defeitos do seu fabrico, que convém estudar e averiguar a maior solicitude, e sem atenção às despesas, que seriam de sobejo compensadas, se pudéssemos conseguir fabricá-lo com alguma perfeição". Mais de duas décadas à frente, em julho de 1877, o jornal Imprensa Ituana publicou um texto que afirmava - "É incontestável que o nosso chá ainda não atingiu um grau de aperfeiçoamento, de bondade, a ponto de poder ser comparado ao chá estrangeiro, quer em relação ao gosto, a cor e o aroma finalmente" (Imprensa Ituana, n.74, 22 de julho de 1877). Na edição seguinte um colaborador rebateu, embora concordando com a queda da qualidade do chá, mas lembrando que antigamente Itu produzia um excelente chá, tão bom quanto o melhor da China (Imprensa Ituana, n.76, 5 de agosto de 1877).

Certamente, a queda no preço do chá Ituano também está relacionada à concorrência, à flutuação dos preços no mercado internacional e ao desenvolvimento do produto pelos britânicos, que investiram pesado em estudos para melhorar a qualidade, equipamentos e na expansão da cultura, particularmente na Índia. No seu comentário, Nardy não escondeu certo ressentimento, cujo motivo é por ele mesmo revelado: sua avó, auxiliada pelos seus tios, se dedicava à cultura e manipulação do chá. Com a depreciação vieram os prejuízos e a família teve que abandonar a cultura, passando a residir na cidade. Todavia,

conclui Nardy, se Joaquim Borges foi o culpado, dessa culpa ele se redimiu magnificamente ao fazer a cidade herdeira de sua fortuna. (O Estado de S. Paulo, 02 de abril de 1955).

Borges viveu cerca de vinte e seis anos em Itu, entre 1850 e 1876, e aqui estruturou as bases do seu vultoso patrimônio com negócios no mercado de algodão e de chá. Ao retornar a Portugal, entre 1877 e 1880, lembrou-se dessa fase de sua vida e como muitos dos conterrâneos procurou perpetuar o seu nome patrocinando obras de caridade através das Irmandades de Misericórdia. Decisão recorrente entre portugueses enricados, lembrou Alberto Vieira em palestra no Centro de Referência da Irmandade. Alberto, pesquisador do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), era um estudioso das Misericórdias no universo português e autor de vários artigos sobre o tema. Na ocasião, veio a Itu para proferir palestras a convite do provedor Raul de Paula Leite e da e do professor André Argollo, da Unicamp.

Antes da doação para Itu, em 1918, Borges já tinha feito uma importante doação à Cruz Vermelha de São Paulo. O seu procurador, Antônio Monteiro dos Santos, justificou o desejo do doador perante o tabelião: tendo residido na cidade por muitos anos, "conservava desta capital e dos seus habitantes as mais gratas recordações e por isso, de livre e espontânea vontade, sem pedido nem induzimento algum", queria contribuir para uma obra beneficente de São Paulo, sobretudo para aliviar o sofrimento das crianças pobres. A doação consistia em um terreno na Rua Líbero Badaró, avaliado em 500 contos de reis. No local a Cruz Vermelha construiu um edifício de 10 andares, formando com ele "perpetuamente um patrimônio do hospital para crianças". O rendimentos do edifício construído no terreno doado por Borges foi durante anos o único esteio econômico da associação benemérita.

São poucas as informações sobre a vida de Borges em Itu. Não se sabe se ele ingressou em alguma irmandade católica ou se teve relações com a maçonaria, que estava reorganizando a Loja de Itu. José Menighini, que escreveu dois livros sobre a Beneficência Ituana, não encontrou evidências sobre aquela aproximação. Ao que se sabe até agora, Borges também não se ligou aos republicanos, cujo movimento em favor do fim da monarquia estava em ebulição desde o início dos anos setenta. O movimento culminou com a Convenção Republicana de 1873, na qual foram discutidas as bases do futuro Partido Republicano Paulista - PRP. Suas amizades e seus círculos de sociabilidade ainda são desconhecidos. Luiz Roberto de Francisco, pesquisador do Museu da Música e membro da Academia Ituana de Letras, o cita como intérprete de saxofone na Banda Filomena, dirigida por Elias Álvares Lobo e formada por comerciantes e

membros do Partido Liberal (Revista da Acadil, volume XXVI, 2024). O que se sabe é que Borges foi vítima de uma obscura perseguição, conforme ele mesmo relatou em cartas abertas dirigidas ao presidente da Província e ao chefe de polícia, publicadas em jornal da capital. Chegou mesmo a ser preso (A Província de S. Paulo, 28 de janeiro de 1876 e 8 de fevereiro de 1876). Em uma "crônica antiga", o velho Nardy reproduz o palpite de Um Ituano: Borges era o culpado da própria prisão. Afinal, "onde se viu, em uma noite de tão grande calor, uma pessoa sair assim, envolto em pesado e amplo sobretudo, com o rosto tapado por uma grossa manta e chapéu desabado?" (A Cidade, 15 e 22 de agosto de 1943). Nessa altura, ele tinha residências em Itu e na capital. Depois desse evento, deixou Itu definitivamente. Será que foi esse o motivo de sua mudança para a capital? Não tem como saber.

No Brasil imperial do seu tempo, assim como na Europa, a instrução já era percebida como instrumento de transformação social e adequação do sistema de educação à produção. O positivismo ilustrado incentivava reformas no ensino e a inserção do trabalho manual na educação. Borges fez diversas viagens ao Rio de Janeiro, e com certeza não ficou indiferente à reputação do Liceu de Artes e Ofícios da capital do Império. Inaugurado em 1858 pela Sociedade Propagadora das Belas Artes, era um centro de formação de artesãos e artistas que decoravam interna e externamente os edifícios da cidade sede da Corte.

Na mesma reunião na qual se leu o testamento, a Mesa Administrativa da Irmandade da Misericórdia de Itu formou uma comissão interna incumbida da escolha do terreno para a construção dos prédios do IBAO, segundo as disposições testamentárias de Borges. A escolha do terreno recaiu sobre a Chácara Bordini, uma propriedade do casal Angelo Bordini e Maria Bellinati Bordini, situada no antigo Largo da Caixa D'Água, como era conhecida popularmente a Praça José Bonifácio, hoje Praça Conde de Parnaíba.

A chácara era toda murada e ocupava um quarteirão inteiro, ladeado por travessas e com fundos na Rua Santa Rita. O imóvel tinha sido adquirido por Angelo Bordini em 1903, e nessa época era chamado de Chácara Valente. A Irmandade pagou pela Chácara Bordini a quantia de Rs. 30:000$000 (trinta contos de reis) e a escritura foi assinada em 4 de janeiro de 1922.

No entanto, a planta elaborada por Ramos de Azevedo não era propriamente adequada ao terreno comprado, pois quando do primeiro contato com o arquiteto, a sua aquisição ainda não estava definida. A provedoria tentou até uma permuta entre a Chácara e o Largo da Caixa d'Água, mas a Câmara Municipal não aceitou a proposta. É interessante lembrar que a mesma planta fornecida por Ramos de Azevedo ao IBAO foi executada na cidade mineira de Uberaba,

para a instalação do seu Liceu de Artes e Ofícios, inaugurado em 1926. O Liceu de Uberaba foi suprimido por motivos de economia, no governo de Benedito Valadares. As instalações abrigaram também a Escola Normal Oficial de Uberaba. A partir de 1948, foram cedidas para a instalação do SENAI.

Era preciso cumprir as determinações do testamento – os prédios do Instituto deveriam ser construídos com os rendimentos oriundos do valioso legado durante o prazo de três anos. Ao fazer a doação, Borges preocupou-se com os prazos e a preservação do principal legado.

Com o terreno comprado, as plantas prontas e a empresa construtora definida, as obras não começaram de imediato. Era preciso ter os recursos liberados, a reunião da mão de obra necessária, a definição dos fornecedores de tijolos, cal, madeiras, ferragens etc.

A imprensa local não perdoava a protelação do início das obras, particularmente A Federação, porta voz de grupos católicos que pleiteavam a gestão do patrimônio ou a sua entrega a alguma congregação religiosa: "Até agora não se deu o começo às respectivas obras, apesar de estar correndo o segundo ano da morte do máximo benfeitor da nossa Santa Casa" (A Federação n.948, 11 de fevereiro de 1922); "Numa cidade do interior como Itu, onde há falta de materiais para as grandes construções e em pouco mais de um ano hão de ter materiais suficientes para a construção de um grande edifício com acomodações para todas as oficinas e hão de inaugurá-las em tempo; de modo que se possa dizer com todo o rigor do direito o Liceu está funcionando; está cumprida a cláusula do testador? Se estiver funcionando apenas uma ou outra oficina, não irá isto dar margem a uma demanda das partes interessadas contra os direitos da Santa Casa de Itu?" (A Federação, n.963, 27 de maio de 1922).

A ansiedade pela demora na construção dos edifícios foi repercutida em jornais de São Paulo e até da capital da República. Levantado o montante dos recursos necessários, contratada a mão-de-obra e a aquisição de materiais de construção, em dezembro de 1922, as obras começaram a deslanchar. Agora, a queixa veiculada particularmente pela Federação era da demora no avanço das obras. Nesse passo, "não teremos Liceu em Itu, e o legado do benemérito português irremediavelmente passará a outras mãos" (A Federação n.991, 9 de dezembro de 1922). Finalmente, em julho de 1924 estavam concluídos o edifício central com o grande hall de entrada, dois andares, salão nobre, salas amplas e bem ventiladas; e, ao lado direito, o grande pavilhão que abrigaria áreas de ensino e oficinas de carpintaria, marcenaria e entalhe. Ainda estava em construção o galpão ao lado esquerdo do edifício central, que deveria abrigar a oficina de mecânica. Felizmente, anunciava o jornal A Federação (n. 1073, 05 de julho de

1924), já se achava pronto o edifício principal. "Comece, pois, quanto antes a funcionar esse Instituto, e que o número dos seus aprendizes de artes e ofícios seja o maior possível".

A 28 de outubro de 1924 era inaugurado o Instituto Borges de Artes e Ofícios, popularmente chamado de "Lyceu de Itu". O Correio Paulistano noticiou a cerimônia de inauguração: com toda solenidade, realizou-se a inauguração do Instituto Borges de Artes e Ofícios. "O suntuoso prédio, planta do abalizado engenheiro dr. Ramos de Azevedo – ergue-se no Largo Da Caixa D'água `` (n.22012, 07 de novembro de 1924). O busto do benfeitor, executado pelo escultor Roque Mingo, foi entronizado no hall de entrada, no primeiro lance da escada para o piso superior. Um medalhão em relevo homenageia o arquiteto Ramos de Azevedo. O mesmo escultor tinha executado o busto de Joaquim Bernardo Borges que a Cruz Vermelha inaugurou, a 15 de outubro de 1922, na sua sede na rua Líbero Badaró, na capital.

No ano seguinte eram iniciadas as aulas teóricas e práticas dos cursos de marcenaria, carpintaria e entalhe sob a direção do técnico João Carlos Caldeira. Muitos problemas persistiam e as soluções estavam em estudo. Mas, as reclamações não estavam amainadas. A implicância era agora com o muro do entorno do terreno, mantido desde os velhos tempos da Chácara Bordini. Em frente a fachada principal tinham sido instalados portões e gradis, mas o resto permanecia como o original. "Que sejam modificados os muros que rodeiam e que enfeiam o seu sumptuoso edifício. Aquilo parece muro de quintal de gente pobre e desmazelada. Veja-se aquela taipa da rua de Santa Rita pertencente ao Liceu. É uma vergonha para não dizer uma indecência. Entretanto, o proprietário do quintal é o Instituto Borges que possui um patrimônio de milhares de contos de reis. O serviço da prefeitura nunca poderá realçar enquanto o Liceu não transformar em coisa que possa ver as dependências que cercam a sua velha chácara. Tenho certeza de que com duas palavras apenas o largo da Caixa d'Água será o que todos desejam – uma das mais belas praças da cidade. Não será o Liceu que vá empanar essa beleza com os seus muros enegrecidos". (Seção "Comentos", jornal República, n. 1050, 20 de junho de 1926).

Cinco anos depois da inauguração oficial, a Mesa Administrativa decidiu prosseguir as obras de novos pavilhões, para abrigar as oficinas de mecânica e serralheria e outras dependências. Prontas as obras, em 18 de junho de 1832 foi realizada a solenidade de reinauguração (A Comarca de Itu, 19 de junho de 1932). Nesse mesmo ano, a Mesa Administrativa encomendou ao professor Horácio Augusto da Silveira, diretor da Escola Profissional Feminina da cidade de São Paulo, um plano de reorganização do IBAO. Horácio tinha sido diretor

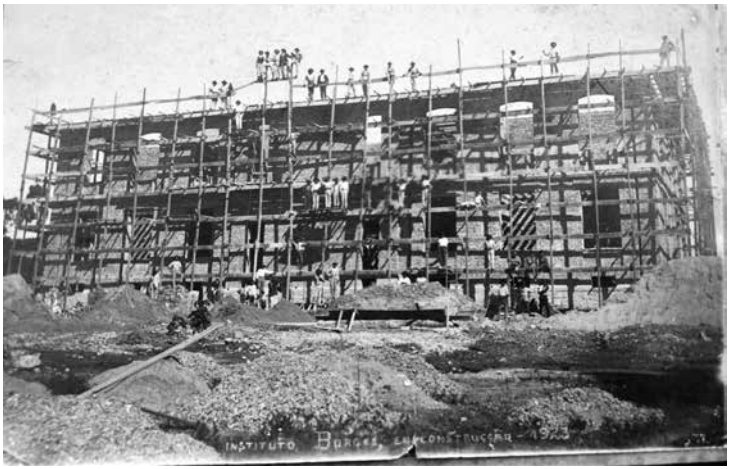
do Instituto de Artes e Ofícios de Amparo, exercício que o inseriu no Ensino Profissional. Em sua atuação, procurava sempre colocar o Ensino Industrial em consonância com as necessidades de mão de obra, de mestres e técnicos na indústria. Ele também introduziu o Ensino Agrícola Médio, em ligação com o Industrial, junto ao homem do campo, trabalho que gerou as Escolas Profissionais Agrícolas-Industrial. Com o plano elaborado pelo professor Horácio, o IBAO ingressou em nova fase. Foram então contratados um novo diretor, professores e novos funcionários.

Alguns anos depois, Nardy Filho descreveria o conjunto edificado do IBAO no livrinho que escreveu em 1940, sob encomenda da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, para comemorar o centenário da instituição; O conjunto, dizia ele, "é de estilo moderno e elegante; consta o mesmo de dois pavimentos, com salas amplas, claras e ventiladas; nele, além da sala da Diretoria, da Secretaria, Portaria e salão nobre das sessões, funcionam as aulas de desenho, escrituração mercantil, português e aritmética; aos fundos, em outro lanço, ligando por um passadiço ao edifício principal, estão as aulas de corte e costura, de bordado e de economia doméstica, um amplo salão destinado às reuniões dos alunos e outras dependências. Aos lados do edifício, mais ao fundo, encontram-se dois grandes galpões, onde estão instaladas as oficinas de marcenaria, carpintaria e entalhe, providas das mais aperfeiçoadas máquinas e onde são confeccionados modernos e sólidos móveis. Em breve serão instaladas as oficinas de fundição e serralharia".

Jonas Soares de Souza

Docente do Museu Paulista da Universidade de São Paulo de 1971 a 2009; supervisor técnico-científico do Museu Republicano "Convenção de Itu" /MP-USP de 1974 a 1999; membro da Mesa Administrativa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu

A escritura

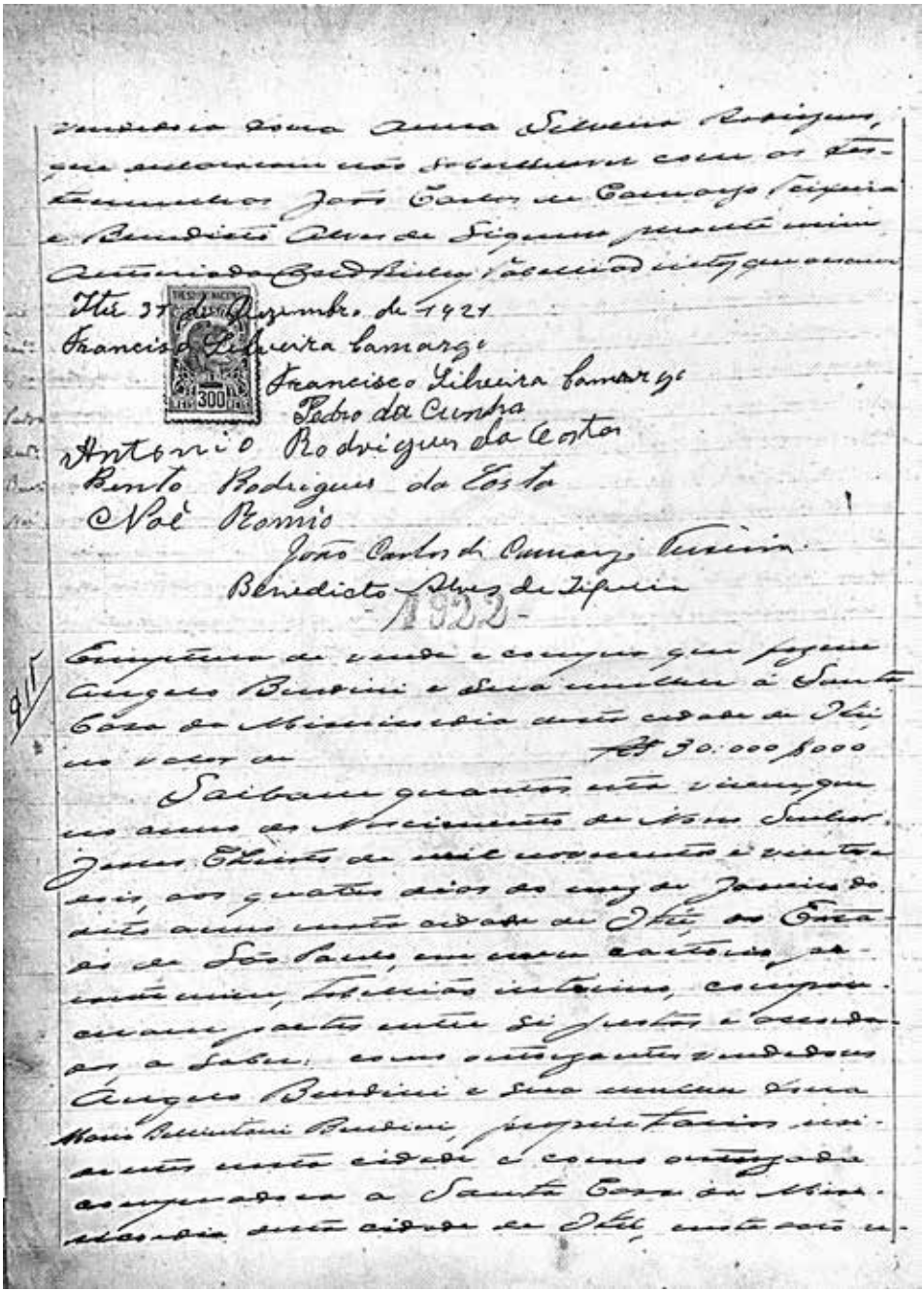


Construção do prédio do IBAO – 1923 – Foto: Sétimo.

A falta de registros históricos devido à destruição ou a materiais perdidos no tempo, questiona a preservação da memória humana. O trabalho do historiador envolve a investigação de documentos e fontes históricas, essenciais para reconstruir narrativas do passado. No entanto, a compreensão da história não se restringe apenas a escritos, abrangendo também artefatos, tradições orais e a análise de espaços e estruturas. Os próprios relatos e depoimentos sobre a vivência e experiência de ex-alunos, ex - professores e funcionários nos fazem descortinar múltiplas evidências, como costumes, vestimenta, hábitos, comemorações, relação professor-aluno, importância da escola e muitos outros aspectos ao longo dos 100 anos do IBAO.

O texto anterior, de Jonas Soares de Souza, faz referência à venda da Chácara Bordini à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu em janeiro de 1922, citando vendedores, compradores e até o valor da venda. Certamente o autor teve acesso à escritura. Uma reprodução autêntica da Escritura de Venda e Compra, lavrada no Livro 59A, fls. 069v em 04 de janeiro de 1922, fornecida pelo Segundo Tabelião de Notas e de Protesto de Letras e Títulos, Comarca de Itu, em 28 de abril do corrente ano comprova os dados. O documento, além de atestar a compra ainda demonstra a forma manuscrita das documentações, como era possível na época, em que o mundo nem sonhava em ser digitalizado.

Utilizando um scanner, proporcionamos a cópia digital da primeira página da referida escritura, que poderá ser pacientemente lida e analisada.



Cópia digital da primeira página da Escritura de Venda e Compra.

Sobre a edificação do IBAO

Maria Alice Nardy

A instituição foi projetada para abrigar basicamente o seguinte programa:

- Oficina de marcenaria, carpintaria e entalhe,
- Oficina de mecânica,
- Salas de aulas teóricas
- O IBAO é composto por:
- 1 edifício principal
- 2 grandes galpões laterais
- 3 galpões menores ao centro, no fundo, para abrigar as oficinas
- 2 pequenos blocos com banheiros
- Casa do zelador
- Corredor coberto para ligação de todas as funções

Os edifícios passaram por algumas reformas, mas mantendo sempre a ideia original, não fazendo grandes modificações.

O complexo onde está inserido o IBAO abriga ainda hoje muito bem as necessidades da Instituição, e as transformações que foram feitas não prejudicam o projeto original, pois mantém em grande parte a essência do projeto do "Lyceu de Ytu", desenvolvido por Ramos de Azevedo.

Maria Alice Nardy
Pesquisadora – Fundo de Apoio à Iniciação Científica (FAPIC) – PUC-Campinas;
Arquiteta formada pela PUC-Campinas em 2007.

Labor improbus omnia vincit

O trabalho persistente vence tudo

Era nisso que se acreditava…

Dizem que os simbolismos em lugares históricos nos convocam a vivenciar a magia do passado.

Você, caro leitor, já prestou atenção na palavra LABOR, que se encontra no frontal dos dois blocos laterais do magnífico prédio central do IBAO?

Quando passar pela Praça Conde de Parnaíba, 83, olhe atentamente para o alto da fachada do prédio harmonioso e simétrico apresentado na foto acima e comprovará o que estamos afirmando. Muitos prédios antigos apresentam essa inscrição. O que ela significa?

A palavra *labor* é originária do latim – *labor, laboris* - que significa trabalho, esforço ou atividade, que muitas vezes exige dedicação e pode se referir ao aspecto físico ou intelectual. Assim, a palavra *labor* na frente de prédios indica um espaço de trabalho profissional ou acadêmico sugerindo que a construção esteve ou está associada a atividades profissionais, científicas ou de produção. Este termo busca transmitir uma mensagem de profissionalismo, seriedade, produção e dedicação ao trabalho e comunica a função e a identidade do prédio.

No caso do IBAO, os dois prédios laterais eram as oficinas. No galpão da direita ficava o parque de máquinas do SENAI – hoje estacionamento de

veículos, enquanto o galpão da esquerda atualmente abriga o auditório e no subsolo guarda ainda algumas máquinas utilizadas pelos alunos do Liceu, Ginásio Industrial e do Curso Técnico de Desenho Mecânico.

A palavra em questão nos leva também à contextualização da época: havia um grande incentivo ao trabalho e desde cedo havia uma preocupação do jovem com a colocação profissional, buscando sua independência financeira, ou procurando suprir, além de suas necessidades monetárias, as da família. O vínculo que havia entre trabalho e progresso do país também era fortemente acentuado. Algumas frases proverbiais, ou não, atestam esta afirmação:

"O trabalho dignifica o homem."

"Deus ajuda quem cedo madruga."

"O trabalho é a melhor das coisas, se for livre."

"O trabalho é o motor do progresso."

"A ordem começa na educação e o progresso no trabalho, sem ordem e progresso não há nação." (Frase Positivista).

Sabemos que o IBAO se impõe como testemunha do passado, refletindo história, cultura, arte e identidade de sua época de edificação e sua utilização pela comunidade ituana.

Uma herança cultural consolidada, para a qual, caro leitor, temos certeza de que seu olhar agora será mais arguto e, quem sabe, encontrará outras "falas" do prédio. Sim, porque as edificações "falam"...

O Hino do IBAO: uma obra e o seu tempo

Pequeno estudo da cultura ituana dedicado à Marilu

Luís Roberto de Francisco

Uma obra artística é filha de seu tempo e guarda em si os reflexos do lugar e dos personagens a ela associados. Tomando como exemplo o Hino do Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO), é possível compreender, através da sua letra e da sua música, alguns elementos que compõem a época em que foi escrita: o ambiente cultural, a relevância da instituição, os aspectos literários, o gosto musical, a intenção dos autores e o caráter festivo que desejaram perpetuar através de suas linguagens.

A escolha do Hino do IBAO, para estas observações, vem ao encontro de alguns interesses da ACADIL em geral, e deste autor em particular: o Instituto Borges está completando o seu centenário em 2024; a autora da letra é a acadêmica Maria Lúcia Almeida de Marins e Dias Caselli, ocupante da Cadeira 01 da ACADIL; o autor da música é o Prof. Luiz Gonzaga da Costa Júnior, antigo professor na Escola Regente Feijó, por onde passaram alguns acadêmicos; a descoberta recente da única cópia da partitura do hino.

Em março de 2019, o autor deste texto visitou a pianista ituana Maria José Carrasqueira de Moraes, em São Paulo, a fim de transferir de sua coleção pessoal para o Museu da Música - Itu, algumas partituras que pertenceram ao Prof. Luizito (Luiz Gonzaga da Costa Júnior). O volume de papéis era considerável, cerca de duzentos títulos, entre cópias impressas e originais manuscritos desse compositor, bem como do mestre de capela Tristão Júnior. Esta outra parte da coleção está servindo para entender-se melhor a música sacra na Igreja Matriz de Nossa Senhora Candelária através da exposição "O Movimento Ceciliano em Itu", atualmente montada no Museu da Música.[3]

Carrasqueira era muito próxima de Luizito e recebeu as partituras em

---

3 • O Museu da Música – Itu foi criado em 2007 pelo Instituto Cultural de Itu e tem como uma de suas principais metas a guarda e divulgação dos referenciais da produção musical de Itu, que remonta mais de trezentos anos. Atualmente o acervo de partituras reúne cerca de cinquenta coleções, em torno de dez mil documentos. O autor do texto é ocupante da Cadeira 30 da ACADIL, patrono Tristão Mariano da Costa, pesquisador na área de história da música ituana e curador do acervo do Museu da Música – Itu.

1989, logo após a morte dele, quando a família se desfez da coleção. Até 2019, o material era desconhecido das pesquisas sobre a história da música local. A transferência do acervo abriu espaço para compreender-se a atuação dele além do ofício de professor, ou seja, como compositor e seresteiro, considerando algumas obras de sua autoria, nesse gênero, sob o pseudônimo Jeovah.[4]

Para o exercício de compreensão da obra é preciso caminhar no tempo, a fim de aproximarmo-nos do contexto que gerou a música em questão. Em 1955, o diretor do Instituto Borges de Artes e Ofícios, Prof. Álvaro Pari, convidou Luizito a escrever e ensaiar um hino ao IBAO. Pari era também docente de História e Filosofia no Colégio Estadual Regente Feijó, onde lecionava o Prof. Luizito, que aceitou o desafio do novo hino e recorreu à Dra. Maria Lúcia Almeida de Marins e Dias (ainda não era Caselli), recém formada em Direito, jovem, culta e bem preparada nas lides do belestrismo, para que escrevesse os versos que ele iria musicar. Ela havia sido recentemente admitida ao Regente Feijó, onde estudara, como professora de Educação e Sociologia.[5]

A instituição solicitante, Instituto Borges da Artes e Ofícios, era e ainda é administrada pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu.[6] Foi inaugurada a 28 de outubro de 1924 e, ao longo do século XX, tornou--se referência na formação de mão de obra técnica para o comércio e a indústria da cidade e da região.

Maria Lúcia, a autora do poema, nasceu em Assis, a 14 de fevereiro de 1931, primeira de três filhos da Sra. Zenith de Almeida Dias e do Sr. Euclydes Marins e Dias. A família se mudou para Itu em 1938, quando o pai veio assumir a gerência da agência do Banco Comercial, instalado, alguns anos antes, no sobrado em

---

4 • Luiz Gonzaga da Costa Júnior foi tema de estudos do Museu da Música em 2008, centenário do seu nascimento, quando a instituição organizou exposição na Escola Estadual Regente Feijó. Dele também há um perfil biográfico, pelo autor deste texto, no primeiro volume de "Itu: presenças ilustres" (2013), editado pela ACADIL. Em 2020 a estudante Marlene Aparecida Cadorini escreveu o TCC "Ensino da música no Brasil e a contribuição do professor "Luizito" para a cidade de Itu nas décadas de 1930 e 1940", apresentado no curso de História do CEUNSP, sob orientação do autor deste texto.

5 • Depoimento da Dra. Maria Lúcia ao autor, em 2024.

6 • A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu existe desde 1840. É uma associação civil, sem fins lucrativos, proprietária e mantenedora do hospital da Santa Casa de Itu, do pronto socorro, antiga Maternidade, bem como do IBAO. É formada por cerca de oitenta irmãos voluntários que elegem, a cada dois anos, uma mesa administrativa cuja atividade também é voluntária.

que passou a residir, esquina da Rua Floriano Peixoto com Rua Madre Maria Teodora. Maria Lúcia frequentou as escolas públicas da cidade: Grupo Escolar Dr. Cesário Motta, Ginásio, Curso Normal e Clássico no Colégio Estadual Regente Feijó, oportunidade que ela soube aproveitar, aluna brilhante.

A maior influência na formação da jovem, porém, veio do pai, escritor em prosa e verso, que assumiu liderança nas instituições culturais e meios de comunicação em Itu; na rádio ele foi atuante, por alguns anos, encerrando, diariamente, a programação com o seu "Boa Noite pra você"; nos jornais da cidade, era assíduo colaborador. Era membro da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia e da SACI (Sociedade Amigos da Cidade de Itu). Leitor interessado da literatura universal, estimulava os filhos a usufruírem de sua interessante biblioteca, inclusive com obras autografadas por célebres autores brasileiros; comentava com eles as notícias nos periódicos, como meio de convidá-los à leitura. Tinha especial predileção pelos versos, que escrevia bem, o que motivou a filha primogênita à composição.[7] Em 1949, Maria Lúcia se mudou para São Paulo, a fim de cursar Ciências Jurídicas (USP), no edifício das arcadas do Largo de São Francisco, aluna e colega de conhecidos juristas e bons poetas. Ali participou da academia formada por estudantes que escreviam e trocavam entre si poemas e impressões da juventude e de seu tempo.

Em 1954, ela voltou a viver em Itu, primeira advogada da cidade, iniciando-se também no magistério público e nas lides políticas, afinal foi a primeira vereadora da cidade. Trazia na bagagem uma experiência de vida de menina privilegiada pelo contexto familiar, pelo status de classe média, pela educação que recebeu, pelo curso superior em que bacharelou-se; sobretudo, pela visão de mundo dos pais, que não tolheram o seu talento profissional.

Vejamos agora a instituição. O Instituto Borges de Artes e Ofícios é fruto da doação de um legado inesperado a Itu, cuja notícia chegou logo depois da morte do português Joaquim Bernardo Borges, a 02 de janeiro de 1921. Vivendo na cidade do Porto, em Portugal, sua terra natal, ele deixou em testamento, para a Irmandade da Santa Casa de Itu, considerável fortuna para a construção de uma casa de formação técnica e ensino gratuito à juventude ituana. Pensava

---

7 • Para conhecer melhor o autor: CASELLI, Maria Lúcia Almeida de Marins e Dias (org.). *Euclydes Marins: presença em prosa e verso (Humberto de Mattos)*. Itu: Editora Ottoni, 2003. CASELLI, Maria Lúcia Almeida de Marins e Dias (org.). *Euclydes Marins e Dias. Cadeira 01. Coleção Patronos*. Itu: ACADIL/Editora Foxtablet, 2021. A mãe de Maria Lúcia, Zenith de Almeida Dias, era pianista e atuava como organista na Igreja Presbiteriana de Itu

que as novas gerações mereciam educação que constituísse mudanças sociais, que a economia deveria caminhar além da lavoura, que era necessário fomentar as artes e os ofícios para caminhar-se em direção ao progresso. Essa visão liberal e iluminista, tão particular da burguesia, Borges deve ter trazido da sua terra e ampliou-a em Itu, na convivência com intelectuais da vanguarda política e social das últimas décadas do século XIX. Nessa época, Borges amealhou considerável fortuna no comércio. Depois, ele se mudou para São Paulo, ampliou os ganhos e retornou a Portugal; morreu solteiro e sem descendentes diretos. O pensamento iluminista, cujas marcas principais são o progresso e a liberdade, foi comum a certa parcela da elite ituana, no tempo da Convenção de Itu, quando o Clube Republicano local reunia comerciantes, artistas e proprietários de terras, com certa formação acadêmica, diferente da fortíssima influência clerical da Companhia de Jesus, em seu Colégio São Luís, de cunho doutrinal e adepto da política conservadora.[8] Não vemos o nome de Joaquim Borges nos documentos do movimento republicano, mas como músico. Intérprete do sax, ele participou da "Filomela", banda dirigida por Elias Álvares Lobo e composta por comerciantes e membros do Partido Liberal, existente nas décadas de 1860 e 1870, em Itu.[9]

A construção de um edifício para o IBAO, tinha prazo de três anos a ser cumprido, a partir de meados de 1921 e foi encerrada no limite do tempo estipulado, dada a falta de liquidez dos recursos disponibilizados pelo legado Borges.[10] O projeto coube ao escritório de engenharia do arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851 – 1928), sediado em São Paulo, que elaborou o conjunto de três prédios integrados, no terreno adquirido a Angelo Bordini, em uma das extremidades do antigo Largo da Caixa D'Água – hoje Praça Conde de

---

8 • Os jesuítas chegaram a Itu em 1865 e estabeleceram o Colégio São Luís, para formação da juventude sob forte influência do Catolicismo e das ideias políticas conservadoras. Na Igreja do Bom Jesus, o Padre Bartolomeu Taddei desenvolveu campanha contra o anticlericalismo, o racionalismo e o livre pensamento. Melhores informações em FRANCISCO, Luís Roberto da Rocha. Liberais e Jesuítas na Roma Brasileira: uma disputa por almas em Itu (1865 – 1908). Dissertação de Mestrado em História Social, PUC-SP, 2002.

9 • NARDY FILHO, Francisco. *A Cidade de Ytu*, volume IV. São Paulo, 1951, p. 217.

10 • Em diversas edições do jornal *A Federação* (Itu), entre 1921 e 1923, há críticas à demora na efetivação do legado e construção do edifício, afinal a cidade foi tomada de entusiasmo e expectativa pela notícia da instituição, justamente quando não contava mais com um ginásio, depois do fechamento do Colégio São Luís.

Parnaíba - área de próspero crescimento da cidade àquele tempo.[11] Manteve-se o muro original da chácara de Bordini, acrescentando-se somente os portões. No centro do imóvel ergueu-se o prédio da administração e salas de aula e, nas laterais, as amplas oficinas, tudo desenhado em estilo eclético, lembrando construções similares, em cidades maiores, e oferecendo aparência arrojada, ligada às ideias de progresso, tão caras aos interesses do doador e da dinâmica que certa mentalidade ituana preconizava, na década de 1920. As grandes janelas, para ventilação e iluminação dos espaços de estudos e trabalhos, ofereciam também grandiosidade ao lugar. O prédio estava de acordo com a ideia de templo de um saber novo, funcional, que elevaria a qualidade na formação técnica de jovens e rapazes de Itu, um salto de qualidade enorme para a cidade.

No evento de inauguração, a 28 de outubro de 1924, foi apresentada a primeira sessão de marcenaria e carpintaria funcionando.[12] Além desses cursos, nas primeiras décadas de atuação do IBAO, houve aulas de corte e costura, bordado, economia doméstica e comércio. As oficinas de fundição e serralheria estavam sendo organizadas em 1940.

Gerações de estudantes passaram pelas salas de aula do IBAO. Geralmente vindos de famílias de classe média urbana, os jovens procuravam uma formação que permitisse inserirem-se no comércio local, na indústria ou serviço, em um tempo em que esses ramos da vida citadina ampliavam-se no interior paulista. Durante a formação, eles já produziam móveis e ferragens, por exemplo, resultado de sua habilidade, que eram oferecidos em mostras anuais de trabalhos ou encomendados pela sociedade local.[13]

11 • A região contava algumas chácaras de moradia, como a do Prof. Demétrio Ligotti Blackman, o palacete da Sra. Carolina Prado da Silva Prado, onde foi instalado o Mosteiro Imaculada Conceição, da Ordem Redentorista, nesse mesmo ano de 1924, a residência e oficina de trabalho de Luiz Amirat, falecido em 1918 e, na década seguinte, o Grupo Escolar Convenção de Itu. Na parte alta do largo havia o lavadouro público, a partir de 1934 transformado em Associação Atlética Ituana.

12 • NARDY FILHO, Francisco. *A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu. Primeiro centenário de sua fundação (1840 – 1940).* São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1940, p. 82 e ss.

13 • O Centro Pró-Memória da Santa Casa de Misericórdia de Itu, instalado no edifício antigo do hospital, guarda diversos exemplares de móveis e objetos feitos nas oficinas do IBAO. A mobília da biblioteca e escritório do Prof. Luizito, exposta no Museu da Música – Itu, também foi produzida no IBAO, duas estantes para livros, uma para documentos e uma escrivaninha com pequena estante superior. No fundo dos móveis havia selos identificando a produção no Instituto Borges.

Maria Lúcia, autora do poema para o hino, não fazia parte do grupo social beneficiado pela instituição. Ela compartilhava da visão dos idealizadores, sobre o papel do IBAO, e escreveu, para o hino, esses versos, com vistas ao entusiasmo e futuro promissor dos estudantes:

> I • Pela pátria batalhemos/expandindo a produção,/nesta escola já escolhemos/para a luta, a profissão.
> Refrão: Conduziremos a nau/dessa casa com amor/nas quatro letras IBAO/reside o nosso vigor.
> II • Mocidade laboriosa/na oficina do saber/semeando irá ditosa/muito fruto oferecer.
> III • Deu-nos Borges grande exemplo/de altruísmo sem igual/nesta obra que é um templo/de civismo nacional.

Para a versificação, ela se utilizou de uma estrutura de sete sílabas, a redondilha maior, adequada à composição musical, conforme o pedido do Prof. Luizito.[14] Maria Lúcia buscou a rima fácil e o linguajar acessível, que servisse ao público de alunos do IBAO, para que cantassem, confraternizando-se e festejando a escola da qual participavam.

Na primeira estrofe, ela considera uma voz em uníssono, primeira pessoa do plural, coro de trabalhadores, mas que não evoca a luta ou a consciência de classe. O hino não foi feito para criticar o sistema capitalista, o lucro do patrão e a exploração da mão de obra trabalhadora. Muito pelo contrário, valoriza o trabalho braçal como meio de vida e crescimento do país, mote que nasceu na Era Vargas e permanecia significativo logo após a morte do ex-presidente da república.

Em entrevista ao autor, Maria Lúcia disse que a rima para a palavra IBAO, no refrão, foi inspiração do seu pai: "nau", sugerindo que os estudantes, na sua condição de jovens interessados, levariam adiante os propósitos do futuro que estava em suas mãos. A segunda estrofe completa a primeira, valorizando o trabalho e os seus resultados, que nascem da formação dos estudantes. A terceira, e última é um canto de louvor ao benemérito Borges. Ao mesmo tempo em que o aplaude pelo altruísmo, engrandece a sua obra, fazendo com que doador e escola reflitam grandeza entre si através da dedicação ao bem comum, personificada na pátria, outro elemento ligado à visão de república construída na Era Vargas.

O projeto político amplamente divulgado pelos governos, nas décadas de 1940 e 1950, cada um a seu modo, pautava-se na ideia do Brasil como um país de futuro, ligado à economia estadunidense, primeira época da Guerra Fria, em que as grandes empresas públicas da indústria de base, organizadas por

14 • Depoimento da Dra. Maria Lúcia ao autor, em 2024.

Vargas, davam suporte à crescente indústria de bens de consumo, impulsionando a economia do setor secundário. Os estudantes do IBAO aprendiam o saber-fazer para estarem aptos a essas atividades e aos serviços, ramo próprio do setor terciário.

A visão de mundo da autora é também fruto da época em que viveu em São Paulo, locomotiva do país, que iniciava a construção de arranha-céus e recebia massas de trabalhadores do Nordeste; vislumbrava, em seus versos, um futuro ideal. A melodia e a harmonia, na música de Luizito, deveriam corresponder a esses propósitos.

Em 1955, o Prof. Luizito, havia vinte anos, era professor prestigiado da Cadeira de Música no colégio, depois Instituto de Educação Regente Feijó, primeira escola pública ginasial, colegial e curso Normal (para formação de professores) que existiu em Itu.[15] Luizito era uma liderança na música local, regente de orquestra, atuante na Igreja como violinista e arranjador e, na escola, organizador, ensaiador e regente do Orfeon.

Nascido em Itu, a 13 de outubro de 1908, Luizito foi o primeiro filho de Luiz Gonzaga da Costa, flautista, professor no sistema público de ensino paulista, que ocupava funções de diretor. A família do pai de Luizito era de professores, músicos, compositores e concertistas. Ele era neto de Tristão Mariano da Costa (1846 -1908), compositor e mestre-escola, patrono da Cadeira 30 da ACADIL; era sobrinho de Tristão Júnior, compositor e mestre-escola (1880 – 1935); era sobrinho neto de Elias Álvares Lobo, compositor de renome nacional (1834 – 1901); e era sobrinho de José Mariano da Costa Lobo (1857 – 1892), compositor e regente de coro e orquestra em Itu, figuras que representam o mais importante grupo familiar de músicos-compositores do interior paulista no século XIX.[16] Luizito foi o último da família atuante nesse ramo.

A mãe dele, Maria Luísa de Souza Costa, era filha do Prof. Francisco Mariano da Costa Sobrinho (1864 – 1940), primeiro professor do primeiro grupo

---

15 • Os cursos superiores só foram instalados em Itu, respectivamente, em 1958 (Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio, das Irmãs de São José) e em 1969 (Faculdade de Direito de Itu, por iniciativa da Fundação Ituana de Ensino Superior – FIES). Para melhores informações sobre a história da Escola Estadual Regente Feijó, veja: CARVALHO, Roberto Machado. *Memória de uma Escola*. São Paulo: Editora Pannartz, 1983.

16 • Para conhecer melhor a tradição musical de Itu, veja: SERGL, Marcos Júlio. *Ópera e música sacra em Itu*. Tese de Doutoramento, São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1999

escolar do Estado de São Paulo, em Itu, em 1893.[17] Portanto, vê-se que ele descendia de privilegiada gente ligada à música e à educação, o que permitiu e estimulou-o à formação, com vistas ao futuro profissional e prestígio social.

Luizito estudou o curso ginasial no Colégio Diocesano Santa Maria, em Campinas. Foi aluno de violino do tio, Tristão Júnior, mergulhando em prática e técnica do instrumento voltados à execução de repertório da música de concerto europeia. Compositores italianos e alemães do século XIX são recorrentes em seu acervo de partituras. Era o repertório ao qual era mais afeito. Vivendo em São Paulo, envolveu-se também com o gênero popular, ampliando o que já conhecia dos grupos seresteiros de Itu. Depois de dois anos preso à cama, vítima da tuberculose óssea, em casa de parentes em Indaiatuba, Luizito voltou a morar em Itu, porém com alguma limitação para locomover-se. Até o fim da vida necessitou do apoio de uma bengala.[18]

No início da década de 1930, ele escreveu valsas e tangos, sob o pseudônimo de Jeovah, como já vimos. Com a morte de Tristão Júnior, em 1935, Luizito se iniciou na carreira de produção musical e ensino, nomeado interinamente para o Regente Feijó. Habilitou-se no curso para Professores Especializados, do Instituto Musical de São Paulo, cujo diploma servia como licenciatura em Música, pela falta dela, efetivando-se no magistério público por concurso de títulos e provas. Assim, pôde lecionar e dirigir o contexto do Canto Orfeônico.

Nessa Cadeira, Luizito trabalhou por trinta e dois anos. Prestigiada e bem remunerada profissão permitia que ele tivesse uma vida também dedicada a outras atividades artísticas voluntárias, como vimos. Criou, no Regente Feijó, uma sala de música, especialmente construída em forma de auditório, com instrumentos, discos e um pequeno museu. Nessa escola também exibia-se em todas as solenidades públicas, no Auditório Novelli Júnior, com a orquestra de amadores, formada por amigos, todos voluntários.

Além das músicas para seresta, Luizito escreveu motetes sacros para os coros das igrejas de Itu, o Hino da Guarda Mirim de Itu, também sobre

---

17 • Os pais de Luizito eram primos em segundo grau. Para outras informações biográficas, veja: FRANCISCO, Luís Roberto de. Luiz Gonzaga da Costa Júnior. *In: Itu, Presenças Ilustres*. Itu: ACADIL/Editora Ottoni, 2013.

18 • Quando faleceu, o Prof. Luizito deixou uma discoteca de mais de dois mil discos, gravação em long play, de orquestra e coros executando obras do repertório de música europeia, sobretudo. Mantinha uma hemeroteca com notícias de concertos, em São Paulo, o que periodicamente frequentava. Em seu tempo, poucas pessoas detinham cultura musical semelhante à dele, em Itu, o que lhe conferia prestígio social.

versos de Maria Lúcia; um Hino para Itu, que ficou em segundo lugar no concurso promovido pela municipalidade, em 1982, e o Hino do IBAO, tema deste trabalho.

Luizito faleceu solteiro a 6 de dezembro de 1988, na casa em que vivia, na companhia de uma tia e uma irmã, à Rua Floriano Peixoto, 470, vizinha ao atual Museu da Música – Itu. Logo após a morte, o seu acervo foi disperso. A biblioteca especializada em música e parte das partituras, foram adquiridas pelo autor deste trabalho. Outras partituras foram oferecidas à Profa. Maria José Carrasqueira. Todo o acervo está reunido, hoje, no Museu da Música – Itu.

A música para o Hino do IBAO, o Prof. Luizito concebeu como uma marcha, dando vida aos versos de Maria Lúcia, no estilo vigente em sua realidade profissional e universo cultural.

A música na escola pública brasileira, no período em que ele ingressou, ganhou novo formato sob a direção do maestro Heitor Villa-Lobos. Influente junto a Getúlio Vargas, em seu longo período de governo (1930 – 1945), o compositor carioca conseguiu movimentar a juventude através do canto orfeônico, seja no ensino da música cantada e tocada, seja no aprendizado de obras da tradição popular, como cantigas e hinos pátrios. Ele entendia que assim formaria uma consciência de cidadania e brasilidade através desse patrimônio. Outros ritmos brasileiros como o samba e o lundu não foram incorporados ao repertório, por representar a vida e a tradição cultural dos negros, camada social que o governo não quis valorizar e nem enxergar como cidadã.

No cotidiano da escola, Luizito ensinava leitura musical, repertório, história da música, ensaiava os grupos para eventos e para os professorandos formarem um repertório que pudessem levar adiante quando estivessem com suas salas de aula. Entre tantas músicas, também ele valorizava obras que despontavam no cinema estadunidense, como os temas musicais dos filmes "My fair lady" ou "A noviça rebelde", do gosto dos alunos e do público afim.[19]

Peça sempre presente no repertório dos eventos da escola era o Hino do Ginásio Regente Feijó, composto em 1932 pelos professores da casa: música do maestro Tristão Júnior e letra do Prof. José Leite Pinheiro, patrono da Cadeira 12 da ACADIL.

O Prof. Luizito escreveu o hino do IBAO com a vibração contagiante que deveria oferecer ao grupo de estudantes, interpretando a letra de Maria Lúcia.

---

19 • O acervo das obras e os programas dos concertos das formaturas e outros eventos da EE Regente Feijó, nesse tempo, estão disponíveis no arquivo do Museu da Música – Itu, coleção Luiz Gonzaga da Costa Júnior.

Os autores eram bem entrosados: ela atendeu o que ele solicitou no texto e ele conhecia o perfil dela como escritora.

A composição de Luizito foi estruturada em compasso binário, com uma introdução melodiosa em que o baixo marca o tom marcial, com pequena escala descendente; esse caráter intenso não se perde em toda a partitura. A melodia, igual para as três estrofes, é fácil e cativante. O refrão prevê coro a duas vozes iguais, na primeira parte, e vozes em uníssono na segunda, para dar mais volume e força.

A partitura original e manuscrita do Hino do Instituto Borges de Artes e Ofícios, utilizada para a pesquisa, tem quatro páginas em papel pautado para música, escrita em formato paisagem: a capa, duas delas com a letra e música do hino, e a quarta página com uma anotação musical, pequena linha melódica para corrigir o que faltou para a repetição e finalização do refrão. Toda a cópia foi feita a lápis pelo próprio compositor, uma exceção na obra de Luizito, sempre muito atento às cópias feitas à tinta. Na capa, a atribuição de autoria traz: letra de Marilu (apelido e pseudônimo de Maria Lúcia) e música de Luiz Costa Júnior, sem o Gonzaga que ele assinava em todas as obras, o que parece ser uma forma de acompanhar a letrista na discrição de autoria. Traz ainda a anotação "4 de novembro de 1955, primeiro ensaio".

O aniversário do IBAO, em 1955, foi celebrado a 10 de novembro, data comemorativa do dia em que Joaquim Borges assinou o testamento, em 1920, fazendo da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu a beneficiária. O convite público para a celebração incluía a missa por alma de Joaquim Borges, na Capela São João de Deus, às 7h., seguida de café com a participação de alunos, professores e funcionários; às 9h., desfile e 19h30, sessão solene.[20]

A solenidade, à noite, foi presidida por Antonio Nardy Neto, secretário da Irmandade da Santa Casa, já que o provedor, Joaquim Luís Bispo, achava-se enfermo; teve como destaque a primeira apresentação do hino: *"na sessão solene, realizada no salão de festas do Instituto, às 19h30h., foi inaugurado o Hino do I.B.A.O., cujas letras expressivas e inspiradas, da lavra da poetisa e advogada Dra. Maria Lúcia de Marins e Dias, foram musicadas pelo inspirado maestro Prof. Luiz Gonzaga da Costa Júnior."*[21] Foram somente seis dias do primeiro ensaio à apresentação.

Algumas questões se impõem, a respeito do hino e sua interpretação: quem teria preparado e cantado o hino em tão pouco tempo, os membros do Orfeon

20 • Jornal *A Federação*, Itu, 6 de novembro de 1955, p. 01.

21 • Idem, 13 de novembro de 1955, p. 04.

do Regente Feijó, já acostumados à vida musical, com o seu regente e professor, ou os alunos do IBAO, talvez despreparados e ainda sem uma sistemática do coro? Provavelmente tenham sido os estudantes do Regente Feijó.[22]

Houve outras apresentações da música, no IBAO? O Prof. Luizito escreveu outra partitura desse hino, consertando o problema da coda do refrão, incluindo a anotação da página 04 à partitura e a entregou ao IBAO ou o hino caiu em desuso? Essa música passou a fazer parte da vida escolar do IBAO?

Estas são questões ainda sem resposta, mas que servem à pesquisa e podem colaborar para se entender esse período da história da música e das letras em Itu, cuja parceria entre professor e ex-aluna proporcionou o nascimento de uma obra musical para a cidade, mesmo que ela seja tão pouco conhecida na instituição para a qual foi feita.

A recuperação e divulgação do hino e da sua história, revelam, hoje, um interesse pelo patrimônio cultural da cidade que se estende das instituições como a ACADIL, o IBAO ou o Museu da Música – Itu à sociedade como um todo e despertam, nas novas gerações, a descoberta da existência de linguagens artísticas do passado e os símbolos criados em Itu para a própria cidade. Serve também à recuperação da memória do IBAO e tudo o que ele representa para Itu.

O diálogo entre linguagens artísticas, entre Maria Lúcia e Luizito, mostra duas forças vivas da cultura de Itu, no século XX, que juntaram-se para uma produção musical e literária que resultou uma obra, testemunha da visão de um tempo, registro da força criadora de ambos.

Hoje, quando deixamos gradualmente de ser produtores culturais, somente consumidores da indústria cultural, o Hino do IBAO é mais um elemento para a sociedade ponderar: onde perdemos o fio da meada?

Hino do IBAO
https://museudamusicaitu.com.br/musicas/hino-ibao.mp3
Gravação – Museu da Música – Itu, 2024
Canto: Paulo Roberto Zeppini
Piano: Luís Roberto de Francisco
Publicado na REVISTA ACADIL, volume 26, ano 2024.

22 • Nos primeiros anos de funcionamento do IBAO, houve ensino de música, ministrado pelo maestro Tristão Júnior. Não dispomos de informações para afirmar que essa disciplina tenha continuado após a sua morte, em 1935.

Hino do Instituto Borges de Artes e Ofícios

Letra: Dra. Maria Lúcia Caselli
Música: Professor Luiz Gonzaga da Costa Junior

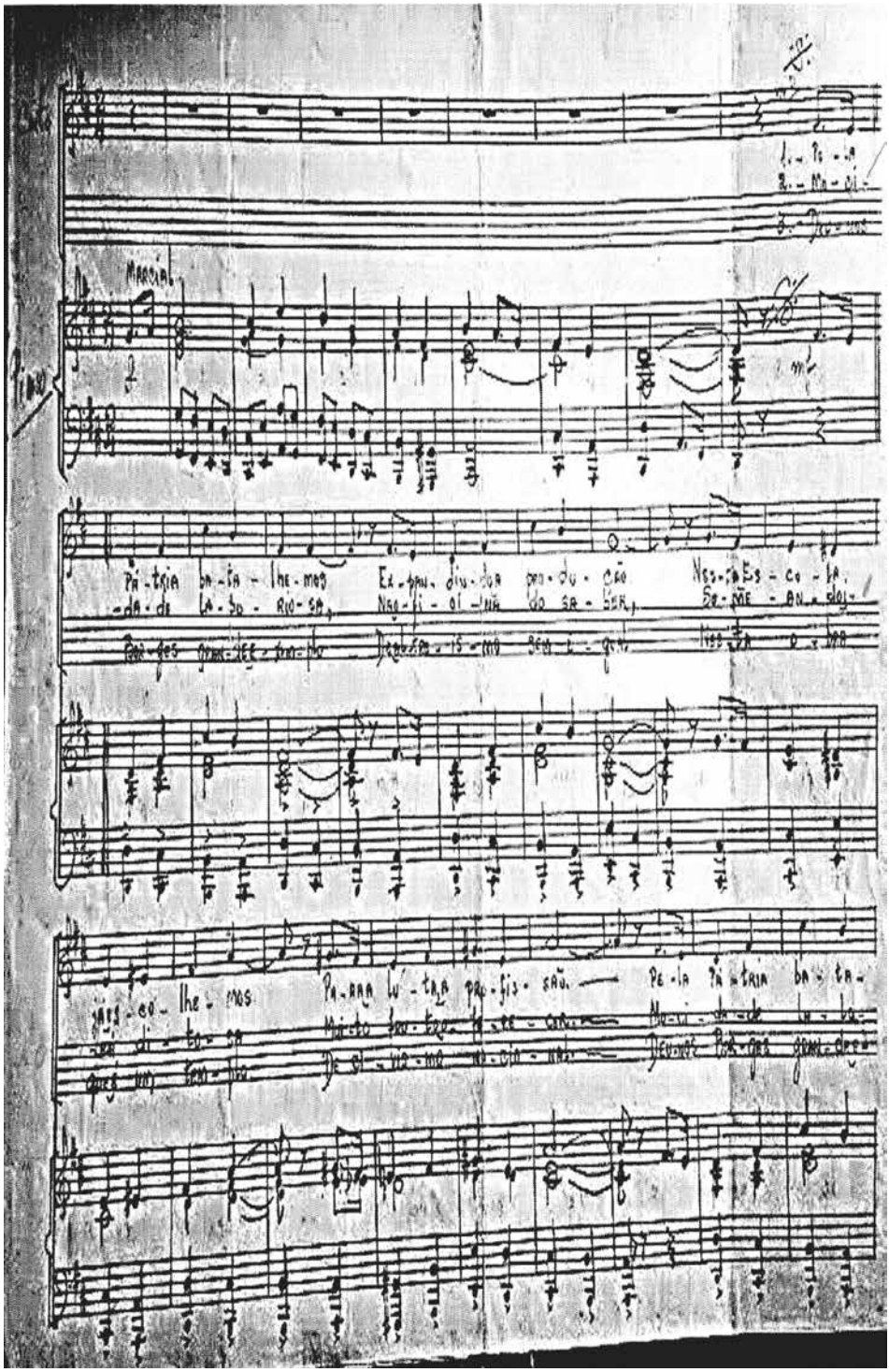
I
Pela pátria batalhemos
Expandindo a produção
Nesta escola já escolhemos
Para a luta, a profissão.

Refrão
Conduziremos a nau
Dessa casa com amor
Nas quatro letras IBAO
Reside o nosso vigor.

II
Mocidade laboriosa
Na oficina do saber
Semeando irá ditosa
Muito fruto oferecer.

III
Deu-nos Borges grande exemplo
De altruísmo sem igual
Nesta obra que é um templo
De civismo nacional.

Luis Roberto de Francisco
Mestre em História Social (PUC- SP),Professor de História e Geografia no Ensino Fundamental e Médio, regente do Coral Vozes de Itu, e do Schola Cantorum, curador do acervo do Museu da Música Itu, Ocupante da Cadeira 30 da ACADIL – Academia Ituana de Letras e seu atual presidente


Marcia.
Pá-tria ba-ta-lhe-mos Ex-pul-sa pro-du-zão Nes-sa Es-co-la.
-da-de la-bo-rio-sa, Nes-ti oi-nã do sa-ber, Se-me-an-do-
Pro-gres-so-pro-mis-so Trabalha-re-mos sem-pre-
Pá-tria ba-ta-
Mui-to bra-vo-te-ce-ra-

Tesouro vivo da história

Testemunhando os 100 anos do IBAO, com seu nascimento provavelmente anterior a Chácara Bordini, e curiosamente crescendo junto com o Lyceu de Itu, com o Instituto Borges de Artes e Ofícios, com o IBAO, está firme o Jequitibá-rosa, no fundo do quintal da instituição. Uma placa a seu lado atesta sua nobreza; representa o Estado de São Paulo e é a arvore inserida no emblema do Partido Republicano Paulista (PRP) na histórica Convenção Republicana. Seu nome tem origem tupi e significa árvore de tranco rijo.

Considerada a maior árvore nativa do Brasil, a maior árvore da Mata Atlântica, pode atingir medidas impressionantes: até 50 metros de altura, até 7 metros de diâmetro e sua longevidade chega de 500 a mais de 1000 anos.

A árvore presente no IBAO, apesar de seus mais de 100 anos, ainda é uma "adolescente", com seu tronco medindo aproximadamente 1 metro de diâmetro na parte baixa, próxima às suas impressionantes raízes. Nosso exemplar botânico em questão está protegido de corte pelo Decreto Municipal 1965 de 29/11/2013. Assim, certamente poderá testemunhar outros centenários.

Para a cultura indígena é uma arvore sagrada; para os esotéricos é um canal de energia cósmica elevando a espiritualidade, equilibrando corpo e mente.

Além de sua presença ornamental majestosa, o Jequitibá-rosa é uma árvore de grande relevância ecológica, oferecendo abrigo para diversos seres vivos e contribuindo para a prevenção da erosão. Suas flores atraem polinizadores, enquanto seus frutos servem como alimento aos animais e suas folhas são utilizadas na medicina popular. Sua casca, cujo extrato é indicado a combater diversas afecções, fornece também o tanino empregado no curtume de couro. Além disso, sua madeira avermelhada é valiosa na indústria de móveis, brinquedos e instrumentos musicais.

Frutos

Conhecendo todas as suas características e atributos, mais ainda devemos lastimar que seja uma espécie em extinção e sobretudo, valorizar a raridade presente na área do IBAO.

Não é de se admirar que a monumental árvore, símbolo de resistência e vida, tenha inspirado músicas, poemas, livros e mitos e lendas, bem como tem sido nome de cidades, ruas, praças…

Referências Bibliográficas:

CARVALHO P.E.R. – Jequitibá-rosa: Cariniana legairis. Coleção de espécies arbóreas brasileiras, vol. 1 – Alice Repositório EMBRAPA. IN ALICE.CNPTIA.EMBRAPA.BR, ACESSO EM 11/03/25

OLIVEIRA, Marcelo Manhães de. O Jequitibá. Goiânia, Franco Editora, 2011

ZÓZIMO, Elaine. Jequitibá, a arvore mais antiga do Brasil. S.Paulo, DISAL, 2019

O nosso Jequitibá-rosa inspirou
o poema na página a seguir…

Raízes do tempo

Sofia Mathias

Centenárias são suas raízes, escola que nasce espelhada pela copa do jequitibá-rosa, espécie ameaçada, firme no chão com folhas de inúmeras matizes uma árvore essencialmente da floresta, que habita o campus, ofertando seus frutos e flores a quem tem o privilégio de frequentar o local.

Cem anos de história e de histórias contadas debaixo do jequitibá imponente, resistindo ao tempo, como se espiasse em silêncio amores latentes.

Confissões à sombra da copa majestosa, impera o silêncio.

Resistente às intempéries, a árvore de tantas provisões guarda na casca do tronco um poderoso adstringente, que perfuma o ar do Instituto, embora muitos sintam como uma ilusão, e não consigam captar como uma árvore centenária assiste sem alarde ao passar dos anos e registra na memória tantos planos.

O jequitibá-rosa tem guardado em sua seiva cada um dos alunos, professores, todos que por lá passaram e passam, sonhadores, encantadores.

E mesmo sem palavras, apenas germinando suas flores como cumplicidade e gratidão por estarem vivas, a árvore e a escola de tantos amores.

Vivas ao IBAO e a você, árvore companheira, com seus fulgores.

Gratidão por resistir ao tempo.

Que a terra decida seu destino a contento.

Sofia Mathias

Poeta de alma, descobriu-se escritora em um momento de dor e reclusão. Autora de três livros de poemas, enveredou pelos caminhos da novela, com sua mais recente obra, Angatu. O 1º livro, prefaciado pelo escritor Jorge Amado, concedeu-lhe o Prêmio APCA de Revelação em Literatura, nos anos 70. Formada em Comunicação pela Faap, atualmente cursa Escrita de Romance, com o Prof. Assis Brasil, da PUCRS.

Diretores do IBAO

Alguns diretores do IBAO responsáveis pela gestão da instituição ao longo de seu primeiro centenário

- **João Alves Dias (30/04/1932)**
- **José de Toledo Piza (de 1932 a 1937)**

José de Toledo Piza, natural da cidade de Capivari, onde nasceu em 04/09/1893. Foram seus pais, Antônio de Toledo Piza e Almeida, fazendeiro no município de Capivari e convencional de Itu na memorável e histórica Convenção Republicana em 18 / 04 / 1873 e sua mãe Maria Luiza Silveira Camargo de Toledo Piza.

José de Toledo Piza, após concluir o grupo escolar em Capivari, transferiu-se se com seus pais e irmãos para a vizinha cidade de Piracicaba, onde passou a residir continuando os seus estudos, formando-se professor e perito em contabilidade.

Em Piracicaba conheceu Maria José de Paula Leite que viria a ser sua esposa. Casaram-se em Itu e aqui fixaram residência. Dessa união nasceram 4 filhos Maria Antonieta, Maria Otília, José Carlos e Maria Luiza todos seguindo o seu genitor como professores formados.

O professor José de Toledo Piza foi Diretor do Instituto Borges de Artes de Ofício IBAO até 1937, época em que o estabelecimento de ensino

profissionalizante ganhou alto conceito e fama, não só em Itu como em toda a região, inclusive com alunos até então da distante Capivari, mercê de sua organização, funcionamento e excelentes professores no corpo docente.

José de Toledo Piza sempre que lhe sobrava tempo, ainda dava aulas particulares para muitos alunos preocupados em concluir seus cursos profissionalizantes.

Além de professor, José de Toledo Piza foi perito em contabilidade dando assistência a várias empresas, inclusive à fábrica de tecidos São Luís onde permaneceu por muito tempo.

Foi músico amante da arte musical, com a sua flauta participou de muitos e gostosas reuniões com os famosos músicos de sua época: Tristão Mariano, Manolo Santoro, Arthur Fuzzo, Guilhermino de Barros e outros.

Dentre os locais preferidos para aquelas reuniões entre outros, destacava se a saudosa Padaria Ituana, hoje o conhecido e conceituado Bar do Alemão, onde seu proprietário o sempre lembrado Marco Steiner, grande amigo de todos, dava-lhes a melhor das atenções e acolhimento com sua simpatia particular.

José de Toledo Piza veio a falecer em 04/11/1940 em sua residência na Rua dos Andradas, número 91, com apenas 47 anos de idade, mas passou pela vida transmitindo educação, cultura e arte musical para muitas gerações. Cumpriu a sua nobre em missão na Terra.

Fonte Jornal República de 05/11/1996

Por Paulino Piotto

Paulino Piotto (in memoriam), nascido em Itu, em 2 de maio de 1924 e falecido em 9 de outubro de 2009, Piotto trabalhou como carteiro, e atuou como jornalista, desde 1943, no jornal "A Federação" e correspondente local do jornal "Gazeta Esportiva". Na década de 1990 foi diretor do jornal "República de Itu". Em 1955 cumpriu o mandato de deputado federal pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro). Por muitos anos publicou a revista mensal "Efemérides", transformada em coluna no jornal "A Federação". Ocupou a Cadeira 29 da ACADUL – Academia Ituana de Letras, eleito em 1995. Autor do livro "Memória de um Carteiro Antigo".

• Edgardo Pereira Mendes (de 1937 a 1945)

Acervo: Jair de Oliveira

Edgardo (ou Edgar) Pereira Mendes nasceu em Itu a 27 de maio de 1882, filho de Francisco Pereira Mendes Júnior e Francisca Mendes de Moraes. Casou-se em Itu em 1905 com Maria Antonieta de Almeida Sampaio; tiveram os filhos Mercedes Pereira Mendes, Edgardo Pereira Mendes Junior e Wilson Sampaio Pereira Mendes.

Farmacêutico, durante muitos anos exerceu o cargo de diretor do Liceu Borges em Itu.[23] De fato, em 1909, Edgardo está entre o rol dos farmacêuticos, Farmácia São José, que funcionava no Beco do Fuxico, depois Rua Sete de Setembro, no mesmo sobrado de sua família

Herdeiro político de famílias ligadas às lideranças políticas paulistas, período em que exerciam o poder chamado Coronelismo, respondeu a inquérito policial por tentativa de homicídio após desferir tiros contra adversário político em Itu, em 1911, da porta da casa de sua família, na esquina do Largo da Matriz com Rua Sete de Setembro.[24] Esse mesmo sobrado era de sua propriedade em 1937, conforme pesquisa da Dra. Anicleide Zequini.

Exerceu cargo de Prefeito Municipal de Itu entre 1926 e 1929, conforme assinaturas em livros de Leis e Decretos Municipais.[25] Era um período em que a cidade passava por processos de modernização, alargamento de ruas e madacadamização do leito carroçável.

---

23 • BROTERO, Frederico de Barros. *A família Jordão e seus afins*. São Paulo: 1948, p. 25.

24 • Jornal *Correio Paulistano*, 29.11.1911.

25 • Livro 01 de Leis e Decretos da Prefeitura Municipal de Itu. Acervo: Museu e Arquivo Histórico Municipal de Itu.

Faleceu a 14 de setembro de 1951, em São Paulo. Foi sepultado no cemitério municipal de Itu após velório em casa de sua família nesta cidade.

Por Luís Roberto de Francisco
Museu da Música – Itu

• João Pereira de Goes (de 1945 a 1947)

Nascido em Itu em 30 de março de 1908, filho de Simplicio Pereia de Goes e de Carolina Missaci.Iniciou sua jornada no IBAO em 1940 na então função de Guarda Livros.

Foi Diretor da instituição durante os anos de 1945 a 1947. Sempre de muita confiança da Mesa Provedora, ocupou até sua saída por morte em 2000 o cargo de Contador do IBAO.

Sempre muito educado, zeloso pela contabilidade e dedicação ao trabalho, chegava todas as manhãs cumprimentando seus colegas de trabalho. Sempre com seu termo bem passadinho.

Antes das reuniões da Mesa Provedora, preparava os documentos contábeis montando as planilhas nos mimeógrafos a tinta para que todos os Membros tivessem uma cópia.

Quando havia a necessidade de levar esses dados para conferencia em São Paulo ou em Campinas e necessitava de levar uma funcionária para atuar como administrativa, tinha o cuidado de ir até a casa dessa funcionária, pedir permissão ao pai ou responsável para ela o acompanhar e podia levar um irmão junto, para evitar qualquer possível comentário.

Gostava muito de comer durante as refeições, fígado de boi. Um dia do ano 2000, uma funcionária sabendo que gostava desse prato, disse a ele que no dia seguinte iria preparar um fígado para almoçarem juntos no IBAO. No dia

seguinte estava ele lá e disse que não se sentia bem naquela manhã e não iria almoçar com ela. Então, disse ela: "vou até a cozinha buscar o fígado e o senhor leva para comer em sua casa". Ele concordou. Quando a funcionária voltava com o bife, Seu João estava quase na porta de saída e olhando para a majestosa escada de madeira, exclamou: "sabe que nunca tinha observado a beleza dessa escada!" Com um mal subido tombou batendo a cabeça no chão. Socorrido e levado ao hospital, em 10 de março de 2000, não resistiu a ferimento, morreu.

Em 19 de março de 2001, através do Projeto de Lei 51/01 "dispõe sobre denominação de via pública" no Residencial Parque São Camilo a Rua João Pereira de Góes. Justificativa: dedicou parte de sua vida profissional à Santa Casa de Misericórdia de Itu, exercendo o cargo de contador, trabalhando implacavelmente, prestando sua colaboração aos companheiros de serviço, com o carinho que lhe era peculiar.

• Péricles de Queiroz Fiúza (de 1957 a 1959)

Péricles de Queiroz Fiúza nasceu em 10 de junho de 1912, em Itararé, São Paulo. Tinha como irmã mais velha, Maria Celeste Fiúza Bizarro e um irmão caçula chamado Dalmon Pythias. Seu pai, Alberto de Queiroz Fiúza nasceu em 1.882, era titular de cartório e sua mãe, Áurea do Prado, nasceu em 1892 e faleceu muito jovem.

Em 1933, formou-se em marcenaria em geral pela Escola Profissional e Industrial do Estado de São Paulo (Getúlio Vargas) na capital do estado, obtendo registro Profissional M.E.S.N D17.154 e tinha registro no MEC 54/72 para ministrar aulas de Artes Industriais. Em seu currículo atuou como professor, desenhista, pintor, marceneiro, carpinteiro, cenógrafo, decorador e estofador.

Péricles casou-se em São Paulo no dia 29 de junho de 1938 com Graciela Silvino.

Viúvo, anos depois voltou a morar em Itararé tendo novos relacionamentos. Atuava como professor no Instituto de Educação Dr. Epaminondas F. Lobo e Escola Estadual Heitor Guimarães Cortes.

Líder com carinho voltado à classe infantojuvenil, criou Grupos de Escoteiros e, por fim, em 9 de dezembro de 1969, criou a Guarda Mirim de Itararé sendo seu fundador e primeiro Presidente. Hoje, a Guarda Mirim ainda ativa mantém 600 guardinhas em seu quadro sendo modelo de sucesso em todo Estado Paulista.

O escritor conterrâneo Silas Correia Leite em seu novo livro a ser lançado, ao tratar da figura do Prof. Péricles num trecho do romance inédito afirma:

— Aliás, tem a história do Mestre Péri Fiúza que, com 80 anos namorava uma mocinhola de 30 e teve vários filhos, e todo dia de um certo tipo de Lua, botava um copo-d'água ao luar, e depois, em jejum, tomava, o que lhe dava misteriosas forças ocultas e poderes tridimensionais, e assim era o nosso mágico, sensitivo e superdotado Mago Merlim de Itararé, Mestre Péri Fiúza, professor e cientista, carregava nas ceroulas saquinhos de fogos de artifício que criara para espantar todas as espécies de animais que inusitadamente o seguiam…

Além de desenhos da Itararé primitiva, criava edificações memoráveis, como o saudoso coreto (hoje derrubado) da Praça Coronel Jordão e outros logradouros da cidade. Decorava carros alegóricos e eventos oficiais.

Péricles era bisneto do Major João de Almeida Queiroz, nascido em Sorocaba em 26/01/1827, casado com Sofia Mariana de Virmon, vindo para Itararé nos idos de 1880 para atuar como Coletor no Posto Fiscal da Barreira do Rio Itararé, na hoje fronteira de São Paulo e Paraná.

Major Queiroz é considerado o "Patriarca de Itararé", sendo um dos fundadores da Capela da Imaculada Conceição na Fazenda São Pedro de Itararé que veio a se tornar o município de Itararé, a partir de 1893. O Major Queiroz faleceu em 18/08/1912, dois meses depois do nascimento do bisneto.

Péricles faleceu aos 74 anos em 28/07/1986, sendo sepultado em Itararé.

Na década de 50, foi diretor do Liceu da cidade de Itu, o IBAO.

Por Hélio Porto

Jornalista, historiador e radialista com atuação em rádio, jornal e televisão. Editor/Diretor na empresa Revista A Minúscula em Itararé.

• Osvaldo Barbosa (de 1952 a 1953)

• Alvaro Pari (de 1954 a 1957)

Em 1955, o diretor do Instituto Borges de Artes e Ofícios, Prof. Alvaro Pari, convidou Luizito a compor um hino ao IBAO.

• Ary Caricatte (décadas de 60, 70, 80)

EMEI "Professor Ary Caricatte

A Escola Municipal de Educação Infantil "Professor Ary Caricatte", está situada na Rua Penápolis, 166 – Cidade Nova. O bairro, que foi criado oficialmente em 1987, já chegou a pertencer ao governo do Estado. Os antigos moradores contam que, desde o início, o espaço de mais de um milhão de metros quadrados, foi chamado de Cidade Nova.

A unidade funcionava em um prédio cedido pelo hospital Francisco Ribeiro Arantes do governo do estado de São Paulo. A princípio, funcionava como creche para os filhos dos funcionários do hospital, a prefeitura cedia uma professora para essas crianças. Com o crescimento do bairro Cidade Nova, viu-se a necessidade de atender também aos filhos dos moradores. Em parceria com a prefeitura, a creche mudou para outro prédio e começou a funcionar com o nome EMEI Pirapitingui, com a condição de atender os alunos da referida creche. Em 17 de maio de 1999, mediante lei nº. 4.283, houve alteração no nome da unidade sendo designado o novo patrono.

O professor Ary Caricatte era filho de Egídio Caricatte e Ergia Garavello, nascido em Botucatu/SP, em 14/10/1931. Em 1965, passou a se residir em Itu/SP onde veio a falecer aos 09 de junho de 1989. Casou-se com a também professora Helena Petri Caricatte, e dessa união constituiu-se uma bela família com os filhos: Marcus Vinícius, Marco Aurélio, Marcos Túllis e Marco César;

à frente de realizações na sua vida profissional no campo educacional, o qual viveu e exerceu exemplarmente, com pulso firme, rigoroso, mas acima de tudo como um verdadeiro amigo, conselheiro, esposo e pai, soube com simplicidade e grandeza de coração ensinar como professor no Liceu e escola SENAI, bem como dedicando grande parte de sua breve existência como diretor do Instituto Borges de Artes e Ofícios – IBAO, de Itu.

Como diretor do IBAO, o Professor Ary Caricatte foi também seu grande administrador, pois com competência trabalhou para a conservação do patrimônio deixado pelo benemérito ituano, Joaquim Bernardes Borges.

Considerando que o Professor Ary Caricatte foi mais que um diretor de escola, mostrou seus conhecimentos como um construtor, um arquiteto, um empreendedor pelas nobres causas, pelo ensino, pelas crianças e pelos jovens. Em um de seus princípios básicos dizia: "devemos educar a criança hoje, para não ter que punir o adulto de amanhã";

Finalmente, o Professor Ary Caricatte foi um exemplo de vida a ser seguido, principalmente pelos educadores de hoje, pois deixou reconhecido seu grande valor nas realizações que permanecem como afirmação máxima de sua competência.

EMEI "Professor Ary Caricatte" – com ambiente acolhedor e inclusivo, a escola oferece acessibilidade total, salas de aula climatizadas. Conta com parque infantil e pátio coberto. Prioriza a sustentabilidade com áreas verdes e a separação de lixo. Oferece alimentação escolar balanceada e tecnologias modernas, como internet e tablets.

• Ivone Salesiani Teixeira Guimarães (de 1979 a 2010)

Ninguém melhor para nos falar sobre Dona Ivone que Zilda Trettel da Costa, através de um de seus gloriosos discursos. E esta nota de óbito nos informa sobre alguns dados biográficos de Dona Ivone.

Falecimento de Ivone

É com pesar e tristeza no coração que comunicamos aos professores, alunos, colaboradores o falecimento da diretora: Ivone Teixeira Salesiani Guimarães, que desde 01 de junho de 1989, trabalhou nesta Instituição, no início como secretária, em seguida como diretora de Escola, na qual permaneceu até o seu falecimento. No seu cargo – seu trabalho pedagógico foi profícuo, sendo um exemplo de perseverança para todos os que tiveram a felicidade de conviver com ela na jornada de seu dia a dia. Dona Ivone nasceu em Salto no dia 20 de março de 1929, filha de Lourenço Salesiani e Nereyde Salesiani. Foi casada com Ahtnylo Taveira Teixeira Guimarães, do qual era viúva há mais de vinte anos. Ahtnylo foi por muito tempo, membro da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, mantenedora do IBAO. Foi formada professora pela Escola Normal Livre Nossa Senhora do Patrocínio em 22 de dezembro de 1975.

Diplomou-se em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio hoje conhecida pela sigla de CEUNSP. Neste momento em que a tristeza domina a todos nós aqui presentes, quero manifestar publicamente, que Ivone era para mim mais que uma amiga, era uma irmã, pois com ela convivi nas lides educacionais por quase sessenta anos. Deixou-nos um exemplo de vida voltada para fazer o bem a todos de que dela precisavam. O seu trabalho profissional foi sempre voltado para os alunos, corrigindo-os com brandura ou ensinando-os a ter uma vida consciente dos valores sociais éticos, respeitando sempre os colegas da Escola e as pessoas com as quais convivia na sociedade. Para terminar: a minha preclara amiga Ivone, deixou-nos um vácuo, um lugar que jamais será preenchido com igual generosidade.

Por Zilda Trettel da Costa

Zilda Trettel da Costa Vice Diretora foi admitida em 15/01/1987 e se afastou 01/09/2021. Durante esse período escreveu inúmeros discursos.

• Zilda Trettel da Costa (Vice Diretora de 1987 a 2021)

Reunião de professores – 20/03/2014

É com grande alegria que hoje estamos reunidos para troca de ideias, refletir sobre o nosso trabalho, sobre a sociedade em que vivemos onde está inserida a nossa escola.

Jamais o mundo viu como hoje tanta comunicação, tamanha quantidade de informação, desenvolvimento acelerado da tecnologia tudo em ritmo tão alucinante.

No mesmo tempo encontramos desde muros e casas pichadas, passando pela violência desenfreada até chegarmos à falta de ética, a ausência de solidariedade, desrespeito ao próximo. Exigem-se diretos e se esquecem dos deveres. Pede-se compreensão, mas não se compreende, não se tolera, usa -se drogas e trafica impunimente. Menores assaltam.

A ruptura surgiu na educação.

Confundiu o todo da "educação" com a parte "ensino". Procura-se ensinar, transmitir conhecimento e deixou-se de lado o educar. Valorizou-se o resultado, a aprovação, o sucesso no vestibular, o ganhar dinheiro, o prazer a qualquer custo, o mero domínio do conhecimento e da técnica, esquecendo-se do principal agente de tudo isso que é o ser humano: o aluno.

O que seria, então educar?

Educar é toda ação ou processo para dotar alguém da capacidade de se manter dignamente e de se achar bem consigo mesmo e com os outros em convivência pacífica, ter bom senso, o equilíbrio, paz interna, um relacionamento tranquilo e gratificante com o outro e com a coletividade.

O educar, porém se baseia em coisas simples que vem sendo esquecidas, a disciplina, que leva o respeito a si mesmo e ao próximo. O senso de ética e amor ao próximo, que impede a violência e conduz a solidariedade e o cultivo da amizade.

É necessário deixar a ilusão de se educar sem disciplinar, sem impor castigos adequados. Concluindo: a educação começa com pequenas coisas e é continua, não se admitindo uma coisa grave que é a emissão.

Zilda Trettel da Costa

Zilda Trettel da Costa

• Ana Maria dos Santos (de 2010 até hoje)

De aluna a Diretora – uma trajetória

Fui aluna no IBAO, no ano de 1960, onde aprendi Bordado, Corte de Costura e Artes culinárias, além de outras disciplinas como Português, Matemática. Não me formei, pois tive que sair para ir trabalhar na Cia São Pedro, mas, guardo lembranças boas dessa época, como a festa das Nações, na qual, cada aluna representou um país e representei a Espanha, vestida a caráter, com direito as castanholas, dancei e cantei música espanhola, e minha amiga Fumie Katahira, representou o Japão.

Neste mesmo ano de 1960, meu pai José Maria dos Santos (Jucão – Técnico de basquete da Associação Atlética Ituana na década de 60/70), foi admitido para trabalhar como marceneiro no IBAO, onde trabalhou mais ou menos 1 ano.

Após 40 anos, estando já aposentada da Companhia Fiação e Tecelagem São Pedro, em 2001 fui contratada para lecionar no IBAO, como professora substitutiva, onde cumpria os meus deveres com muita seriedade e responsabilidade, pois gostava que as regras da escola fossem respeitadas. Isto me tornava um pouco rígida frente aos alunos, que até ganhei um apelido carinhoso de bruxa, por um pouco de tempo. Mas, o engraçado e gratificante, que nos Natais, fazíamos um painel comemorativo, para que os alunos escrevessem mensagens natalinas, e para meu espanto, um aluno chamado Rômulo escreveu uma mensagem bem significativa, que dizia:" Boa noite dona Ana! Tudo de bom para a senhora, que a senhora continue rígida como sempre, porque senão, o colégio desanda! Que Deus continue abençoando a Senhora

e o colégio, um dia será meu filho em meu lugar. Mil beijos", guardo até hoje com muito carinho, esse bilhete.

Ao longo destes 24 anos de IBAO, fui professora substitutiva, coordenadora e atualmente diretora da Escola, graças ao reconhecimento do meu trabalho e oportunidades que recebi do Sr. Ibraim e da mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia. Esse reconhecimento fortalece ainda mais minha motivação e comprometimento em contribuir para o sucesso desta Escola IBAO.

Ana Maria dos Santos – 78 anos, viúva

Filho: Renato dos Santos Simões

Formação:

- Direito - Faculdade de Direito de Itu – ano 1981
- Pedagogia plena – Universidade de Sorocaba (Uniso) – ano 2006
- Pós Graduação lato Senso de Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância – Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro – ano 2012.

Cursos:

- Magistério – Escola Regente Feijó - ano 1.972
- Técnico em Segurança do Trabalho – Fundação Centro Nacional de Segurança, Higiene e Medicina do Trabalho. – ano1.975
- Educação Continuada – Preparação de Orientadores TC2000 – Escola SENAI ÍTALO BOLOGNA- ano 1.999.

Experiencias profissionais:

- Cia Fiação e Tecelagem São Pedro – ano 1.961 – 1.994, contratada para trabalhar na Fiação e aposentei como Gerente Geral de Vendas.
- Instituto Borges de Artes Ofício: ano 2.001, contratada para trabalhar como professora e atualmente Diretor de Escola.

Relação de professores e funcionários

De 1932 aos dias atuais

Adhemar Albertini, Adilson Torres Valerini, Adriana Maria Scavacini, Adriana Santoro Portugal Cintra, Adriana Scavacini, Adriano Ortiz de Paulo, Adriano Ortiz de Paulo, Agostinho Lourenço Patrício, Ahyalon Teixeira Guimarães, Alberto Buturi Neto, Aldo Batista dos Santos, Alexandra Brigo, Alexandre Bernardes, Alexandre Zimbaldi Neto, Alfinha Pereira de Souza, Alfredo Rocha Barbosa, Alice Souto Queiroz, Aline Fabiana Pereira, Aloísio Salvador, Altamar Aparecida Ferreira de Araújo, Altina do Carmo Medeiros Machado, Alvaro Pari, Alvaro Roberto Rigolin, Amarilsio Benedito Pedrotti, Amélia Ernesto Coelho, Américo Brito, Amry Helen Zucato, Ana de Camargo Tebas, Ana Lúcia de Oliveira Ferrari, Ana Luisa Camilotti Berni, Ana Maria Amancio, Ana Maria de Beruardi, Ana Maria dos Santos, Ana Maria Sampaio, Ana Paula Manoel Cyrillo Pereira, Andréa Aparecida Santiago Paregini, Angelina Aprilante Gnaccarini, Anna Carolina de Arruda Botelho Mattos Pacheco, Annibal Miranda, Anthenor Freut, Antonia Carlos Dias, Antonia Tereza Backman Xavier, Antonio Alberto Navarro, Antonio Belucci, Antonio Carlos da Rocha, Antônio Carlos Mantovani, Antônio Fernando Reatti, Antonio Hercules Rodrigues da Rocha, Antonio Iani, Antônio Leonardo Filho, Antonio Pereira Gomes, Antônio Roberto Bolognesi, Antônio Silveira Moraes, Aparecia Maria do Carmo Bicudo Previde, Aparecida Maria do Carmo Bicudo, Arualdo Luiz Pires, Ary Gonçalves Plazza, Ary guimarães, Augusta Brugnaro, Augusta Dietrich, Autaracy Tortoléro Araújo, Benedicto Lino Faria, Benedio do Nascimento, Benedita Aparecida dos Santos, Benedita Aparecida Rodrigues Batista, Benedita Carmem Marmo, Benedita Marinho, Benedita Moraes Cintra, Benedito da Silva, Benedito de Carvalho, Benedito de Oliveira Barros, Benedito Edilberto Cardoso, Benedito Guimarães, Benedito Ribeiro da Veiga, Benedito Tomba, Brasilia Andrade Piunti, Braz Gomes, Brígida dos Santos, Bruno de Assis Furquim, Calmon Solano Ribas, Carlos Alberto Severo, Carlos Antônio Graciano, Carlos Cesar Monfredinho, Carlos de Brito, Carlos Rangel Cerdan, Carolina de Moraes Macedo, Cássia Maria Medici da Silva, Célia Antonia Sitta, Célia Maria Nicácio, Célia Regina Guarnieri, Célio Cícero Horschutz, Celso Pinto Marinho, Cícero Antonio Leão da Silva, Cilas Croco, Clara Maria Franco, Clarice Benedete Brene, Clarice Dias da Mota Souza, Cláudio Simplício Neto, Cleide Scavacini da Rocha, Cleusa Aparecida da Silva

Albuquerque, Corinto Galvão de Toledo, Cynira Dias Fonseca, Daguiomar Lacerda Palma, Danilo Inácio Roldan, Darcy Volponi, Debora Cristina de Lucas, Débora Pedreca Lopes, Décio de Marques, Décio Salvadori, Dirce Machado Regiani, Dirceu Perazoli, Divanil Dias Favaretto, Domingos Almeida Santos, Dora Apparecida Ribeiro Negrão Rossi, Eda Salesiani Teixeira Guimarães, Edemilson Aparecido Denuncio, Edgar Pereira Mendes, Edi Polo, Edison Luiz Borsari Camargo, Edith Polo de Araújo, Edna Leite, Edson Mosca, Eduardo de Arruda Torres, Eduardo Pellefrino Laghi, Elena Hisae Tô, Elenice Almeida Santos, Eleusa Garcia Pagotto Fioravanti, Eleusis de Traso Bordini, Eli Maria de Almeida Leite, Eliana Couto de Moraes Albertini, Elias Soares, Elisa Maria Appendino, Elisa Maria Appeudino, Elisário José de oliveira, Eliza Maria Apparecida Bicudo, Ennio Passafini Júnior, Ercelisa Rodrigues Munhóz, Ercilia de Cerqueira Almeida, Erica Nilce Tavares de Avila Vianna Stefanini, Erick Marques, Erick Rafael Betussi, Ernesta Costa Pinto, Euclides Ferreira da Silva, Eudes Luciani, Eunice de Fátima Luques, Ezequiel Mesquita, Fabiano Quicoli dos Santos, Fátimas Santos de Oliveira, Felisbina Maria de Camargo, Fernanda Mendes, Fernando de Mattos, Fernando josé Alves, Filomena Peixoto, Firmo França, Flavio Grando, Francesco Lentini, Francisca da Costa Monteiro, Francisca Ribas, Francisco Alberto Salvadori, Francisco Carlos Barbosa, Francisco Cláudio de Oliveira, Francisco Pires de Camargo, Francisco Rodrigues, Geisa Maestrella, Geraldo Bernardo, Geraldo de Barros, Geraldo Ribeiro da Veiga Camargo, Geraldo Soares da Silva, Geraldo Trettel da Costa, Giacomo Zacharias, Gilda Maria Lui, Heitor Augusto de Freitas Alves, Helena Maria Lui, Helena Petri Caricatte, Hélio Walter Tocheton, Hideo Mitsuyasu, Homero Jonas Somenzori, Ibraim Aparecido Veronezze, Ida Maria Pagotto Carvalho, Idimir de Freitas, Ignês Bruni, Inês da Glória Bragagnolo, Irani Tere de Almeida, Irene Ferreira Pires, Isabel Cristina Spinardi Móz, Isaltino Pires da Silva, Ivana de Moraes, Ivani Rodrigues da Silveira, Ivanilda Silveira de Aquino, Ivanilde Pedrotti, Ivone Ferreira, Ivone Merlin, Ivone Salesiani Teixeira Guimarães, Izabel Cristina Rodriguês, Izanete da Silva, Jacira Benedita Antunes, Jackson Roberto Pinheiro Domenice, Jaime de Oliveira, Jamile Cristina de Souto, Janete Carneiro Ghiotto, Jessé Gonçalves de Oliveira, Jesus Ferreira Lisboa, Joana Elizabeth Assumpção, João Alves de Oliveira, João Baptista Tavares, João Batista da Luz, João Batista Moreira, João de Souza Botelho, João Fernando Fanchini, João Ferreira Filho, João Luiz Savioi, João Paulo Duarte, João Pereira de Goes, João Silveira Franco, José Alves, José Antonio Gomes de Alencar, José Araújo Dias, José Augusto Monteiro, José Bersan, José Carlos Fontes, José Carlos Higel, José Cazalini, José da Silva, José de Camargo Pires, José de Souza, José

Elias dias, José Francisco, José Francisco de Campos Feital, José Hilário Rodrigues da Rocha, José Isidoro de Toledo, José Jair Italiani, José Maria dos Santos, José Miranda de Oliveira, José Mota Navarro, José Renato Luciani, José Roberto Noguira, José Roberto Pacheco Zanini, José Roque Previde, José Serafim Guarnieri, José Vitório dos Santos, José Walter Robusti, Josefa Ribeiro, Josino Alves dos Santos, Josué de Oliveira Souza Filho, Julia Angelini de Souza, Jussara Stange Scarso, Katia Regina de Souza Mendes Ribeiro, Lair Lyra Brandão, Laucia Martins Assunção, Lauro Peres Bonfá, Lázara Maria Pacheco, Lazaro da Silva, Lázaro Gomes Pereira, Leandro Gonçalves de Oliveira, Leila de Freitas Falcato, Leonardo de Francisco, Leonardo Santiago de Figueiredo, Leonidia Alves da Silva Filha, Leonor Fonseca Braga, Leovy Ribeiro, Lidia Rossi, Liliane Lima Languer Hessel, Lorival Coan Júnior, Lourenço Carminassi, Lúcia Aparecida Rufino, Lucia Helena Astolfi Gomes, Luciana Fernandes Poso, Luciana Gomes Nardy, Luciana Leonardi, Luciana Pazzinatto Silva Pelissen, Luciane Ferrão Ferreira, Luciano Ribeiro Moreira Chaves, Lucila Corrêa de Oliveira, Ludgero Carneiro, Luis Alberto Rizzi, Luis Antônio Gonçalves, Luis Baldi, Luis Fernando Braga, Luiz Alberto Rizzi, Luiz Antonio Antunes, Luiz Augusto Gazzola, Luiz Augusto Paes de Campos, Luiz Della Paschoa, Luiz Fernando Ferreira, Luiz Gonzaga Flora, Luiz Henrique de Moraes Guimarães, Luiz Pedro Boarini, Luiz Seigi Endo, Luiz Thomaz Amaral Carvalho de Souza, Luiz Toledo, Lupércio de Paula, Lya de Almeida Arruda, Lynira Dias Fonseca, Magdalena dos Santos Padreca, Mara Lúcia Camargo, Mara Luciene Santos Carriel, Maraia do Carmo Oliveira Souza, Marcelo Massahiro Ogura, Marcia Elizabeth Calil Pereira, Márcia Garrido, Márcia Gomes, Márcia Regina G. Lima Verde, Márcio Aby Azar, Márcio Brand de Moraes, Márcio Franco Barbaresco, Márcio José Frettel da Costa, Marcos Antônio Nazário dos Santos, Marcos Luís Zacharias, Marcus Vinícius Gessoli, Margarida Oliveira Ramos, Maria Alina Leão da Silva, Maria Angelica Ming de Mesquita, Maria Aparecida Bueno Simões, Maria Aparecida de Paula Silva, Maria Aparecida Pereira Camilloti, Maria Aparecida Rodrigues Luccas, Maria Apparecida Silveira Marques, Maria Aura Gomes Pereira, Maria Auxiliadora Loiola de Figueiredo, Maria Candelária Portes de Almeida, Maria Cecília D'Elboux Couto, Maria Cecília Gatto Cardoso, Maria Cecília Pires, Maria Celia Brunello Bombana, Maria Cristina Monteiro, Maria Cristina Pierre de Proença, Maria de Fátima Contra Limongi Pacheco, Maria de Fátima Luz, Maria de Fátima Pasenti, Maria de Fátima Raimundo, Maria de Fátima Xavier Savioni Maia, Maria de Lourdes Carneiro, Maria de Lourdes de Oliveira Calandini, Maria de Lourdes Figueiredo Sioli, Maria de Lourdes Mello Fontes Caricatte, Maria do Camargo

Mantovani, Maria do Carmo Buchignani de Andrades, Maria do Carmo Cavacchini, Maria do Carmo Lui Aranha, Maria do Carmo Vieira de Castro, Maria Estela Carmignani Spinardi, Maria Givanete Gomes Torrijo, Maria Helena Corrêa Pompéu, Maria Helena Venturini, Maria Imaculada Lema, Maria Inácia de Almeida, Maria Inês dos Santos Pires, Maria Isabel Martins, Maria Ismenia de P. Bordini, Maria Ivone Ianni, Maria José Constâncio Belon, Maria José Stucchi, Maria Jussara Espirito Santo Serra, Maria Lúcia Dias Arruda, Maria Lucia dos Santos Nardy, Maria Lucia Pereira Guitte, Maria Luiza de Toledo Piza Carvalho, Maria Luiza Gaspareto Vieira, Maria Luiza Moraes, Maria Steiner Ferraz, Maria Teres Sampaio Villa, Maria Teresa Duarte, Maria Tereza Galvão de Paula Leite, Marilia Diniz, Marilia Laghi Arruda, Marina Araújo Lisbôa, Marina Amaral Carvalho de Souza, Mario Carlini, Mário César Guimarães Battisti, Mario Garola, Mario Sergio Lorençatto, Marisa de Lourdes Narezzi, Maristela da Silva Prates, Marlene Maria Caleffo Salvadori, Marly Bagdonavivius Felipavitch, Matilde Pires Ulibarri, Maura dos Santos Vieira, Maurício Carvalho Campos, Mauro Roberto de Arruda, Melania Eugelbrick, Miguel Adacto de Mello, Milton Cesar Sitta, Milton Tibercio Pinto, Mirian Fátima de Almeida, Mirian Fátima de Almeida, Mirian Martins Alves de Melo, Moacir Antonio Pires, Mônica Cristina Alonso, Morgana Ribeiro, Nadir Santos de Lima, Nair do Carmo Ratti, Nairiça Conceição Fernandes, Nanci Moraes Cintra, Natal Buchignani, Nativ Lobo, Neide Tozzi, Neide Oliveira Coan, Nelma Dubis Casagrande Silva, Nelson Belloni, Nelson César Bruni Júnior, Neusa Maria Von Matter de Moraes, Neyse Godoy Leis, Nicola Constantino, Nilza Nunes Medeiros Dona, Odahir Ribeiro, Odinei Nunes do Espírito Santo, Olivia Jesus de Araújo, Olivieri Orgi, Olivio Floriano Gomes, Orfila Carmelita Gobbi, Oriene Romagnollo Alms, Orival Italiani, Orlando Sérgio Angelino, Oscar Ribeiro Junior, Oscar Serra, Osmar Bonifácio Marmo, Osmar Gonçalves, Osvaldo Garcia, Oswaldo Barbosa, Patrícia Peixoto, Paulo Henrique Barbosa Rogeri, Paulo Henrique Dias Barros, Paulo Masatora Isutsumi, Paulo Roberto Gazzola, Pedro Corrêa Filho, Pedro Elva Robusti, Pericles de Queiroz Fiuza, Pery Guarany Blackman, Pilzio Nunciato Lelli, Rafale Marcos Bochini, Raphael Angelo Nacarati, Regina Celia Guitti da Silva, Regina de Fátima Boni Valente, Regina Maria da Cruz Santos, Regina Stela Ferrari, Reginaldo Donisete do Carmo, Reinaldo Benedito Rodrigues de Arruda, Renata Corrêa Scomparini, Ricardo Bogoni, Ricardo Giancóli, Rita Aparecida Leonardi Madell, Rita de Cássia Camargo Ferraz, Rita de Cassia Giacomini, Rita de Cássia Oliveira da Silva, Rita Maria Garcia Guarnieri, Rita Tereza de Almeida, Roberto de Carvalho Martins, Roberto Simionato, Robson Lopes Cardoso, Rogerio

Lazaro Toccheton, Rogério Roberto Cecconello, Rosa Ema Wilenmann Serrano, Rosa Maria Donati, Rosa Maria Madeira Marques Freire, Rosa Maria Vecchi Leme, Rosana de Paula Salvadori, Rosana Dias Aranha, Rosana Gatti Micai, Rosana Maria do Nascimento Silva, Roselena Messias Stipp, Roseli Andrade Rossi, Rosemeyre de Almeida, Rubens Barbosa, Rubens Nelson dos Santos, Rui Maurício Nogueira Mattos, Salete Satila, Sandra Maria de Moraes Ambrozio, Sandrina Figlie, Sebastião Aderbal Italiani, Sebastião Caetano da Silva, Selma Benedetti de Arruda Costa, Selma Pontes de Morais, Selma Regina Scalet, Selma Sitta, Sergio Buancompagno, Sérgio Corone Fagerstrom, Shirley Maria da Silva Santos, Sidney Mateus de Siqueira, Silvia Aparecida Rufino, Silvia Maria Rizzuto, Silvio José Camargo Noda, Silvio Luíz Pacheco, Sílvio Projante Neto, Sirlene Aparecida Vicente, Sonia Fernanda A. de Oliveira Emilio, Sônia Fernanda de Oliveira, Sonia Maria Piva, Stella Guimarães do Amaral, Stellita Vieira de Jesus, Tadeu Augusto Bortolucci, Taneia Aparecida Irene, Tânia Cristina Calil Pereira, Tânia Marcia Marchi, Teresa Guilger, Teresinha de Jesus Cavacchini, Teresinha Maria Santoro Portugal Cintra, Teresinha Maria Stucchi, Tereza de Campos Arruda, Tereza Pacheco de Arruda, Terezinha Janete Guite, Thaís Santos Silva, Umberto de Arruda Cardoso, Valdeli José Silva Guilhermino, Valdemar Griniuger, Valderez Maria Pereira de Oliveira, Valdir Scavacinni Júnior, Valéria Cardoso Sbrissa, Valéria Simão Peres de Azavedo, Valkiria de Souza, Vera Lúcia Orlandini Cardoso, Vera Lúcia Oliosi Rebelo, Verenita Felix da Silva, Vicente Domingos da Silva, Victorio Piassi, Virginia Catarina Zacharias, Virginio Machado, Viviane Grizoste Bispo, Wagner Dias da Costa Vieira, Wagner Luiz de Camargo, Waldomiro da Silva Brene, Walter Gilberto Avi, Wanderley Barbosa, William Augusto de Abreu, Wilson Benedito Guido, Wilson José Buzzo, Wilson Souza Leite, Wilson Sturm, Yeda Aparecida Persona, Yvete Carvalho Gomes, Yvone Amaral, Zásimo Iuani, Zilda Buzzo, Zilda Maria Zapparoli, Zilda Trettel da Costa.

Um professor jamais é esquecido

Certo dia, aconteceu o reencontro de um professor com um antigo aluno. O professor aposentado e seu aluno, agora engenheiro, em plena atividade profissional. Professor e ex-aluno ficaram alegres por se reconhecerem e reencontrarem. O professor ficou feliz ao saber que o rapaz estava muito bem colocado profissionalmente.

Provavelmente alguém podia ter imaginado que o professor poderia ter se lamentado de ver e saber que o ex-aluno, a quem tanto ensinara, agora estava numa posição profissional melhor que a sua, no que se refere a proventos e status. Isso acontece frequentemente, pois nosso país, infelizmente, não valoriza o trabalho do professor.

Uma outra história bem mais antiga tem tudo a ver com a primeira: "Essa é a minha alegria e ela é completa" - João 3:29. Os discípulos de João Batista vieram contar-lhe que um homem que estivera com ele estava agora batizando em outro local. Eles estavam irritados com isso. João Batista deu todo "cartaz" a ele, falou bem dele, apontando inclusive que era o Cordeiro de Deus e agora ele estava batizando e reunindo muita gente. João Batista não ficou enciumado, pelo contrário, ficou feliz de saber que sua missão, dada por Deus, que foi de preparar os caminhos para a chegada do Messias, estava sendo cumprida. Jesus por sua vez, não se esqueceu do Batista e nem da importância que ele teve na sua formação.

A história se repete - Foi muito interessante o reencontro do professor com seu antigo aluno. Mas nem de longe ele demonstrou esse sentimento mesquinho de que o aluno "o teria deixado para trás". Ele gostava de ensinar e havia sido um bom educador. Foi sua missão e deu certo, pois aquele aluno havia encontrado o seu lugar na sociedade. Nada de inveja, nada de complexo de inferioridade. O professor soube reconhecer a grandeza da sua missão estampada na realização profissional do ex-aluno, e com certeza deve ter sentido a mesma emoção de João Batista, quando este disse: "essa é a minha alegria e ela é completa"

A história e a participação de cada um dos muitos professores e professoras, funcionários e funcionárias que atuaram no IBAO ao longo desses anos todos, podem ser muito bem comparadas à história de João Batista. Todos cumpriram com muito êxito a maior e a mais nobre missão dada por Deus como formadores, educadores que nos deram asas e nos ensinaram a voar, que prepararam e aplainaram os caminhos de todos os alunos para uma vida de honra, de amor, de dedicação e de sucesso profissional.

De cada nome abaixo relacionado existe uma belíssima história para contar, que só Deus em sua infinita bondade e sabedoria sabe qual é.

Rendemos aqui uma homenagem a todos vocês que marcaram nossas vidas, que deixaram um pedacinho de vocês dentro do nosso coração, alimentaram nossos sonhos e contribuíram para nossa realização pessoal e profissional como homens e mulheres de bem.

A todos, nosso eterno **Muito Obrigado**!

Os *organizadores*

Cronograma do Ensino Profissionalizante e Tecnológico

Segundo o Portal do MEC

1909 – O presidente Nilo Peçanha assina o Decreto nº 7.566 em 23 de setembro, criando as já mencionadas 19 "Escolas de Aprendizes e Artífices".
1927 – O Decreto nº 5.241, de 27 de agosto de 1927, definiu que "o ensino profissional é obrigatório nas escolas primárias subvencionadas ou mantidas pela União".
1937 – A Constituição Federal promulgada pelo Governo Getúlio Vargas tratou da educação profissional e industrial em seu Art. 129. Enfatizou o dever de Estado e definiu que as indústrias e os sindicatos econômicos deveriam criar escolas de aprendizes na esfera da sua especialidade. A Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937 transformou as escolas de aprendizes e artífices mantidas pela União em liceus industriais e instituiu novos liceus, para propagação nacional "do ensino profissional, de todos os ramos e graus" (Art. 37).
1942 – O Decreto-Lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942, conhecido como Lei Orgânica do Ensino Industrial, definiu que o ensino industrial será ministrado em dois ciclos: o primeiro ciclo abrange o ensino industrial básico, o ensino de mestria, o ensino artesanal e a aprendizagem; o segundo ciclo compreende o ensino técnico e o ensino pedagógico.
1942 – O Decreto-Lei nº 4.127/42, que estabeleceu as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial, constituída de escolas técnicas, industriais, artesanais e de aprendizagem, extinguiu os liceus industriais, transformou em escolas industriais e técnicas, as quais passaram a oferecer formação profissional nos dois ciclos do ensino industrial.
1942 – Foi criado o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) pelo Decreto-Lei nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942.
1946 -O Decreto-Lei nº 9.613/46, conhecido como Lei Orgânica do Ensino Agrícola, tratou dos estabelecimentos de ensino agrícola federais.
1946 – Foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac, pelo Decreto-Lei nº 8.621, de 10 de janeiro de 1946, bem como a aprendizagem dos comerciários foi regulamentada pelo Decreto-Lei nº 8.621, do mesmo dia 10 de janeiro de 1946.
1946 – A Constituição de 1946 definiu que "as empresas industriais e comerciais são obrigadas a ministrar, em cooperação, aprendizagem aos seus trabalhadores menores, pela forma que a lei estabelecer, respeitados os direitos dos professores".

1959 – Foram instituídas as escolas técnicas federais como autarquias, a partir das escolas industriais e técnicas mantidas pelo Governo Federal.
1961- Em 20 de dezembro foi promulgada a Lei nº 4.024/61. Essa foi a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), passou a permitir que concluintes de cursos de educação profissional, organizados nos termos das Leis Orgânicas do Ensino Profissional, pudessem continuar estudos no ensino superior
1967 – As fazendas-modelo foram transferidas do Ministério da Agricultura para o MEC e passaram a ser denominadas escolas agrícolas.
1968 – A Lei Federal nº 5.540, de 28 de novembro de 1968 permite oferta de cursos superiores destinados à formação de Tecnólogos
1971 – A Lei nº 5.692/71 definiu que todo o ensino de segundo grau, hoje denominado ensino médio, deveria conduzir o educando à conclusão de uma habilitação profissional técnica ou, ao menos, de auxiliar técnico (habilitação parcial).
1975 – A Lei Federal nº 6.297, de 11 de dezembro de 1975, definiu incentivos fiscais no imposto de renda de pessoas jurídicas (IRPJ) para treinamento profissional pelas empresas.
1978 – As Escolas Técnicas Federais do Paraná, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais foram transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets), pela Lei nº 6.545, de 30 de junho.
1982 – A Lei nº 7.044/82 reformulou a Lei nº 5.692/71 e retirou a obrigatoriedade da habilitação profissional no ensino de segundo grau.
1991 – O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) foi criado pela Lei nº 8.315, de 23 de dezembro de 1991, nos termos do art. 62 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, em formato institucional similar ao do Senai e do Senac.
1994 – Foi instituído o Sistema Nacional de Educação Tecnológica, integrado pela Rede Federal e pelas redes ou escolas congêneres dos Estados, dos Municípios e do Distrito Federal. Na Rede Federal houve transformação gradativa das escolas técnicas federais e das escolas agrícolas federais em Cefets.
1996 – Em 20 de dezembro de 1996 foi promulgada a segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que dedicou o Capítulo III do seu Título VI à educação profissional. Posteriormente esse capítulo foi denominado "Da Educação Profissional e Tecnológica" pela Lei nº 11.741/2008, que incluí a seção IV-A no Capítulo II, para tratar especificamente da educação profissional técnica de nível médio;
1998-2002 – Foram definidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico, pela Resolução CNE/CEB nº 04/99, com fundamento no Parecer CNE/CEB nº 16/99; em 2002, foram definidas

as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional de Nível Tecnológico pela Resolução CNE/CP nº 03/2002, com fundamento no Parecer CNE/CP nº 29/2002.

2004-2008 – A Resolução CNE/CEB nº 1/2004, de 21 de janeiro de 2004, definiu diretrizes nacionais para estágios supervisionados de estudantes de educação profissional e de ensino médio.

A Resolução CNE/CEB nº 1/2005, de 3 de fevereiro de 2005, com fundamento no Parecer CNE/CEB nº 39/2004, de 8 de dezembro de 2004, atualizou as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas para o Ensino Médio e para a Educação Profissional Técnica de nível médio.

A Resolução CNE/CEB nº 3/2008, de 9 de julho de 2008, com fundamento no Parecer CNE/CEB nº 11/2008, de 16 de junho de 2008, disciplinou a instituição e a implantação do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio – CNCT nas redes públicas e privadas de Educação Profissional".

2008 – Lei 11.741 introduziu importantes alterações no Capítulo III do Título V da LDB, o qual passou a tratar "da Educação Profissional e Tecnológica", além de introduzir uma nova Seção no Capítulo II do mesmo título, a seção IV-A, quarta "da Educação Profissional Técnica de Nível Médio".

2012 – Foram definidas as atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, pela Resolução CNE/CEB nº 6/2012 com fundamento no Parecer CNE/CEB nº 11/2012.

2014 – Em 25 de junho de 2014 foi sancionada a Lei nº 13.005/2014, que aprovou o novo Plano Nacional de Educação prevê "oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional". E, prevê "triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% (cinquenta por cento) da expansão no segmento público".

2017 – Lei nº 13.415/2007, que introduziu alterações na LDB (Lei nº 9394/1996), incluindo o itinerário formativo "Formação Técnica e Profissional" no ensino médio. A nova redação da LDB refere-se aos critérios a serem adotados pelos sistemas de ensino em relação à oferta da ênfase técnica e profissional, a qual deverá considerar "a inclusão de vivências práticas de trabalho no setor produtivo ou em ambientes de simulação, estabelecendo parcerias e fazendo uso, quando aplicável, de instrumentos estabelecidos pela legislação sobre aprendizagem profissional", bem como "a possibilidade de concessão de certificados intermediários de qualificação para o trabalho, quando a formação for estruturada e organizada em etapas com terminalidade".

Fonte: http://portal.mec.gov.br/

Pequena história do desenvolvimento das escolas profissionais até o final dos anos 30

No século XVI, quando aqui chegaram os portugueses, as práticas profissionais já eram ensinadas em comunidades nativas e a forma de ensino pelos mais velhos era o principal modo de aprendizagem, através da observação e vivências cotidianas de socialização e de convivência com os adultos, nas diversas tribos indígenas. Através da participação direta nas atividades de caça, de pesca, de coleta, de plantio, de colheita, de construção e de confecções de objetos (MANFREDI, 2016, p. 45-46), a educação profissional acontecia. As mães eram responsáveis pelas crianças – meninos e meninas - até 8 anos, que aprendiam fiação, cerâmica e manuseio de arco e flecha pequenos para caça e pesca. A partir dos 8 anos a aprendizagem se diversificava. As meninas continuavam com as experiências anteriores e eram iniciadas a capacitar-se para cozinhar, semear, a produzir cestaria, para muitos fins, como peneiras, objetos para armazenamento e transporte de alimentos, formar o teto da casa, cobrir o chão fazer sombra, cordas, redes, esteiras. Aprendiam também cerâmica, incluindo recipientes e esculturas. Os meninos acompanhavam os pais na caça e pesca, aprendiam a arte plumária, incluindo o corte, a amarração e tingimento, a fazer alguns adornos e preparar-se para ser um guerreiro. Um processo de aprendizagem assistemática que englobava (e ainda engloba entre os indígenas atuais) conhecimentos e práticas através da vivência dos diversos costumes da tribo.

Durante o período colonial, as missões e depois os colégios e residências jesuíticas foram os primeiros núcleos de formação profissional, ou seja, as "escolas-oficinas" de formação de artesãos e demais ofícios durante o período colonial. (MANFREDI, 2016, p. 48). Fonseca, (1986, p.22) afirma que ao proporcionar um tipo de instrução especial destinada aos filhos de colonos e um ensino elementar de ofícios aos escravos, os jesuítas introduziram também o preconceito de que aquele tipo de ensino deve ser destinado a carentes. Até hoje, o número de alunos matriculados em ensino técnico é menor do que a grande maioria dos países OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Enquanto a média dos 53 países da OCDE é de 40%, no Brasil a taxa de matrículas no ensino técnico é menos de 17%, na quadragésima quarta colocação. Além deste problema, atualmente há em nosso país, um crescente déficit de mão de obra ecoando nos três segmentos da economia, e ainda

temos um percentual de *nem-nem*, jovens que nem trabalham, nem estudam, acima da média dos países OCDE.

Com a utilização de trabalho escravo nas grandes plantações de cana-de-açúcar, no período canavieiro os ofícios se realizavam nos engenhos. Com a descoberta do ouro, no final do século XVII, novos ofícios foram sendo necessários para atender a nova demanda de profissões ligadas à lavra e à fundição de ferraduras a ferramentas, entre outras necessidades. No século seguinte, como houve em Salvador e em outras cidades, um grande êxodo de pessoas que exerciam profissões relacionadas às lavras e suas derivações, foram baixadas Cartas Régias proibindo a ida desses homens de ofício para as minas. Nesse mesmo século, em 1759, a administração pombalina em Portugal expulsou a Companhia de Jesus do Brasil e o país permaneceu por anos sem nenhuma perspectiva educacional e sem o empenho dos jesuítas em suas oficinas de trabalhos. Importante lembrar que Portugal impunha a proibição de instalação de indústria no país e com isso alguns estabelecimentos industriais foram fechados ou destruídos. Este fato também impactou o ensino de ofícios.

Um trabalho de artesão que, como os ofícios anteriores, acontecia sem sistematização, mas que deles diferia por ser destinado aos elementos brancos da sociedade, filhos de colonos, foi a aprendizagem nas Casas da Moeda onde se trabalhava o ouro. (FONSECA, 1986, p.80). Este ofício não era associado às classes menos favorecidas.

A vinda da Família Real modificou a realidade brasileira acima descrita: houve autorização da atividade industrial, seguida da criação do Colégio das Fábricas, estabelecimento destinado a atender artistas e aprendizes vindos de Portugal. Eram 10 unidades em diferentes endereços com 8 oficinas: de tecidos largos de sedas e algodão; galões e fitas; gravação em metal e madeira; estamparia de chitas e cartas de jogar; veludos; carpintaria e marcenaria; serralheria e ferraria; tornearia. A venda das obras fabricadas deveria manter o Colégio, que foi desativado em 1812, sobretudo pela concorrência inglesa (CUNHA, 2005).

Fonseca (1986), aponta outras iniciativas da época joanina, relacionadas à aprendizagem de ofícios: aprendizes da Real Impressão, de lapidação de diamantes, de ensino têxtil, de serralheria e espingardeiros em Minas, o Instituto Acadêmico, a Missão Artística Francesa, a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, de Arsenais de Guerra, o Seminário de São Joaquim e o Seminário dos Órfãos da Bahia. Este último iniciou uma série de estabelecimentos destinados à acolhida de órfãos para o ensino de ofícios e até mesmo os Arsenais de Guerra, necessariamente ampliados com a Independência, reforçaram a histórica questão da associação de ofícios a grupos menos favorecidos. Assim," o

ensino de ofícios, ou necessários à indústria tinham sido, inicialmente, destinados aos silvícolas, depois foram aplicados aos escravos, em seguida aos órfãos e aos mendigos ". (FONSECA, 1986, p. 147).

No período de D. Pedro II, houve iniciativas estatais no ensino de ofícios aos surdos-mudos com a fundação do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, com ensino de sapataria, encadernação, pautação e douração; e aos cegos, com a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos para aprendizagem de tipografia e encadernação. Com a queda do escravismo, segundo Cunha (2005), foi criada para os filhos dos escravos libertos, uma escola profissional, a Escola Mista da Imperial Quinta da Boa Vista.

Também no final do século XIX, surgiram escolas destinadas ao ensino de ofícios, financiadas por sociedades civis, compostas por nobres, fazendeiros e comerciantes, visando preparar mão de obra para as indústrias incipientes: os Liceus, também destinados ao amparo social.

Esse pequeno vislumbre da educação, desde o Período Colonial até à Proclamação da República, manteve a tendência: ensino superior destinado à elite social e política; ensino secundário visando ingresso ao ensino superior e ensino de ofícios aos carentes.

Com a República, alguns estados tiveram iniciativa para a organização do ensino profissional e facilitaram à sociedade civil o funcionamento de liceus.

Nilo Peçanha, presidente do Brasil entre 1909 e 1910, foi reconhecido em 2011 como o Patrono da Educação Profissional e Tecnológica, por ter criado em 1909 uma rede de 19 Escolas de Aprendizes e Artífices, a primeira instituição pública de ensino técnico do país, sem ligação militar, dando início à Rede Federal. Inicialmente vinculadas ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, posteriormente essas escolas passaram a ser supervisionadas pelo novo Ministério da Educação e Saúde Pública. A criação dessas escolas conjugava duas preocupações: habilitar operários e preocupação com o analfabetismo. Estes fatores são evidenciados pela normatização que determinava o oferecimento de dois cursos noturnos obrigatórios: um curso primário para a aprendizagem de leitura, escrita e aritmética, e um curso de desenho para o exercício profissional. As Escolas de Aprendizes, tanto estaduais, como municipais ou particulares, receberiam subvenção da União. (PORTAL CÂMARA dos DEPUTADOS).

As escolas profissionais paulistas destinadas a artes e ofícios, a serem instaladas de acordo com a necessidade da vida operária e o desenvolvimento do meio industrial. foram criadas e normatizadas em 1919, destinadas a alunos de ambos os sexos, maiores de 12 anos. (LEIS 1709 e 1711). Todos os cursos propostos, com duração de 3 anos, foram assim designados:

Escolas Femininas – 10 cursos

- Confecção: Roupa branca – Rendas e bordados;
- Flores, ornamentação de chapéus;
- Trabalhos artísticos;
- Datilografia e estenografia;
- Economia Doméstica;
- Desenho profissional;
- Desenho artístico e pintura;
- Luvaria, meias e espartilhos;
- Arte culinária.

Escolas Masculinas - 26 cursos

- Ajustagem e torneados – Torneado em madeira;
- Fundição – Ferraria – Marcenaria – Entalhe;
- Pintura, decoração, letras /taboletas – Tapeçaria;
- Relojoaria e ourivesaria – Eletrotécnica e funilaria;
- Chofer mecânico – Escultura e plástica;
- Fiação e tecelagem – Desenho profissional e artístico;
- Clichagem – Selaria e Trançagem – Segeiros;
- Gravadores e zincógrafos – Linotipista Alfaiataria;
- Química Industrial e Agrícola Sapataria;
- Pesca, salga e construção de aparelhos para pesca;
- Pedreiros, frentistas e marmoristas;
- Datilografia e Estenografia;
- Douração, niquelagem, oxidação e aplicações análogas.

Escolas Masculinas e Femininas

- Laticínio e noções veterinárias - Fotografia;
- Escrituração mercantil - Avicultura e apicultura;
- Horticultura e jardinagem;
- Barbeiros, cabeleireiros, massagistas, pedicures e manicures.

As Escolas de Aprendizes e Artífices foram redesignadas como Liceus Profissionais, ampliando sua oferta educacional para abranger o ensino profissional em todas as áreas e níveis

Em 1924 foi inaugurado o Lyceu de Itu, cujos detalhes se encontram no capítulo desta obra, intitulado *E no início, Lyceu*

A partir de 1927, a educação brasileira, influenciada pela Escola Nova, adotou um novo currículo focado no cientificismo, reduzindo o humanístico e alterando as escolas profissionalizantes. Supressão de aulas de história e geografia, inclusão de puericultura, engomagem e economia doméstica nas programações

femininas e estabelecimento de curso primário noturno nas masculinas foram algumas mudanças.

Na década de 30, com o avanço da industrialização e a demanda por trabalhadores mais treinados, a educação profissional começou a ser considerada essencial para formar uma mão-de-obra qualificada. As escolas técnicas federais, que antes tinham uma característica mais filantrópica e moralista, passaram a se dedicar à qualificação dos trabalhadores para atender à crescente necessidade da diversificação industrial do país.

O governo impulsionou a industrialização do país, gerando atenção às condições dos trabalhadores e a formação de instituições profissionais. A Constituição de 1937 e decretos subsequentes introduziram diretrizes para a educação técnica, destacando que o ensino profissional deve ser acessível às classes menos favorecidas, com a responsabilidade do Estado em apoiá-lo e regular sua implementação. Além disso, indústrias e sindicatos foram incentivados a estabelecer escolas para os filhos de seus trabalhadores e associados

Embora representando um avanço, a Lei 378/37 foi direcionada para os que não tinham condições de frequentar as escolas públicas comuns, o que despertou uma crítica por parte de Romanelli, 2007, pág. 153… "estava o Estado instituindo oficialmente a discriminação social através da escola". Porém, ao analisarmos a História da Educação Brasileira desde os seus primórdios, tal já discriminação existia. Assim, a referida lei oficializou, mas não instituiu o preconceito às escolas e ao desempenho profissional técnicos

A partir de 1937, na Era Vargas, com a reforma no Ministério de Educação e Saúde, o ensino industrial foi atribuído à Divisão do Ensino Industrial.

No período denominado Estado Novo (1937-1945), Getúlio instituiu sua forma de governo ditatorial, concentrando todos os poderes no executivo. O curioso é que, segundo Cunha,1981, p.122, p144 "foi durante o Estado Novo que o sistema educacional brasileiro adquiriu maior consistência… com defeitos e contradições… as reformas desempenharam um papel de ordenação da área de educação, definindo competências, estabelecendo articulações entre os diversos ramos de ensino, além do relevo dado ao ensino profissionalizante, cuja situação era de acentuado desprestígio", in FOLINO, 2024, p177-178.

Referências bibliográficas

BRASIL. Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909. Crêa nas capitães dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Diário Official: Rio de Janeiro, DF, p. 6975, 26 set. 1909. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf. Acesso em: 24 de janeiro de 2025.

BRASIL - LEI Nº 2.915, de 9 de janeiro de 1937. Disponível em https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1937/lei-2915-19.01.1937.html. Acesso em 02 de fevereiro de 2025.

CUNHA, Luis Antonio. *O ensino profissional na irradiação do industrialismo*. 2ª edição. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005.

_____. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 14, p. 89-107, ago. 2000. Disponível em: http://educa.fcc.org.br . Acesso em: 31 jan. 2025.

FOLINO, Vilma Pavão. Itu é a História: múltiplos olhares sobre a educação. Salto, Editora FoxTablet,2024.

FONSECA, Celso Suckow da. História do ensino industrial no Brasil. Rio de Janeiro: SENAI/DN/DPEA, 1986.

GHIRALDELLI JR., Paulo. História da Educação Brasileira. 4ª Ed. - São Paulo: Cortez, 2009.

MAGELA NETO, Othílio. Quinhentos anos de história do ensino técnico no Brasil: de 1500 ao ano 2000. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2002.

MANFREDI, Silvia. Maria. Educação profissional no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, M. A. M. & Sales, P. E. N. *Educação Profissional e Aprendizagem no Brasil: trajetória, impasses e perspectivas*. CEFET, Belo Horizonte, 2010.

PRADO JUNIOR, Caio. História econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2008.

RODRIGUES, José. Celso Suckow da Fonseca e a sua "História do ensino industrial no Brasil". Revista Brasileira de História da Educação. nº 4 jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/viewFile/246/253> Acesso em: 02 de fevereiro de. 2025.

ROMANELLI, O. O. *História da Educação no Brasil* (1930/1973). 29 ed. Petrópolis: Vozes,2005.

Dando início à coleção de relatos intitulada *O IBAO E EU*, selecionamos inspiradas palavras de quem não foi aluno, professor ou funcionário do Instituto Borges, mas que traduzem a extensão da grandeza da atuação da escola em nossa cidade e região. Uma prova de que, ao conhecer o IBAO, ninguém fica indiferente!

O IBAO E EU

Namoro antigo a gente nunca esquece

João José "Tucano" da Silva

Sempre tive verdadeira paixão pelo Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO).

Confesso que sempre sonhei, mas, infelizmente, não tive o privilégio de estudar no IBAO como muitos amigos e conhecidos meus que tiveram e, dali, guardam boas lembranças das suas respectivas saudosas épocas de adolescência e juventude. Alguns deles estudaram inclusive no SENAI ou na UNIT, entidades educacionais que também funcionaram durante muito tempo nas dependências desse prédio centenário.

Como eu morava na casa número 302, na Rua 24 de fevereiro, na Vila Nova, próximo à Mecânica e Fundição Irmãos Gazzola, diariamente, passava em frente desse imponente prédio, que, com elevado conceito e mérito, é parte integrante do conjunto arquitetônico do patrimônio histórico de Itu, tombado pelo CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – e também pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. O conceituado e famoso arquiteto Francisco Ramos de Azevedo foi o responsável pela sua majestosa concepção arquitetônica.

Não foram poucas as vezes que eu olhei para esse suntuoso prédio com admiração e sonhei um dia estudar no IBAO que, no passado, foi conhecido com Liceu de Artes e Ofícios e também Ginásio Industrial, mas a realização desse desejo cabulou-se.

Se por um lado não tive o privilégio de me tornar aluno dessa centenária instituição de ensino profissionalizante técnico gratuito, por outro, tempos mais

tarde, como jornalista e editor da Revista Campo&Cidade, tive a grata satisfação de pesquisar e conhecer a sua icônica história, desde a sua fundação ocorrida em 28 de outubro de 1924, prédio construído com recursos financeiros advindos de parte do espólio deixado pelo altruísta português Joaquim Bernardo Borges.

Ao longo dos últimos 25 anos, a Revista Campo&Cidade enfocou em duas ocasiões a interessante história do lendário e atual IBAO. A primeira vez foi em 2004 e, agora, 20 anos depois, em 2024, para documentar o seu centenário de fundação. Ambas as publicações já fazem parte de sua história para orgulho de toda a equipe de jornalistas, historiadores e colaboradores desse veículo de comunicação, o qual possui foco editorial nas tradições e valores da história de Itu.

Vale lembrar ainda que o selo comemorativo do centenário do IBAO foi criado pela Unicom - Unidade de Comunicação Ltda -, empresa editora da Revista Campo&Cidade da qual estou diretor e editor responsável. O desenho estilizado da fachada do IBAO do selo foi desenvolvido por Paulo Roberto Pires de Camargo, publicitário que faz parte da história da fundação da Unicom, embora, hoje, atue apenas como importante colaborador.

Posso dizer que nas oportunidades que mantive estreita relação com esse tradicional colégio, mesmo não tendo sido seu aluno de verdade como um dia tive pretensão, aprendi muito com a sua maravilhosa história e invejável legado educacional que desenvolve há 100 anos em Itu, formando bons cidadãos e profissionais competentes.

Essa é uma extraordinária lição de o "O IBAO e eu" de relevante aprendizado, empatia e valores que levarei por toda a minha vida com imensurável admiração, respeito e carinho por essa longeva instituição de ensino.

João José "Tucano" da Silva

João José "Tucano" da Silva é formado em jornalismo pela Universidade Metodista de Piracicaba - Unimep -, em radialismo pelo SENAC, de Sorocaba, é fotógrafo profissional, integrante da Orquestra Ituana de Viola Caipira, fundador e editor responsável da Revista Campo&Cidade.

Meu encontro com a história do IBAO

Jonas Soares de Souza

Meu primeiro encontro com a história do Instituto Borges de Artes e Ofícios - IBAO se deu na véspera do cinquentenário da instituição. Antes, eu tinha visitado as suas instalações com um grupo de alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, liderado por Maria José Elias, professora de paleografia e docente do Museu Paulista da USP, e Mary Enice Ramalho de Mendonça, que lecionava em Sorocaba e na USP. Mary era esposa do engenheiro e cineasta Francisco Ramalho Júnior e, como estava interessada em desenvolver um documentário sobre o Ensino Industrial em São Paulo, fotografou a visita e as instalações do IBAO. O grupo foi ciceroneado por Gilberto Radicci, ituano, na época, quartanista do curso de História e depois professor respeitado e prefeito do município de Cesário Lange. Logo em seguida, estive nas oficinas do IBAO acompanhando Vicente Diana, um criativo artesão e exímio entalhador de Porto Feliz que, na ocasião, atendia ao convite do professor Lourenço Carmignani, que lhe queria mostrar obras de marcenaria. Vicente era amigo do instrutor de marcenaria, Luiz Antônio Antunes, e tinha um sobrinho que estudava no Colégio Técnico do IBAO.

Em 1974, fui nomeado supervisor do Museu Republicano e o diretor do Museu Paulista da USP, do qual o Museu de Itu é uma divisão, recomendou como primeira atividade o contato com as instituições de ensino do município. A missão era explicar que a partir de então a USP estaria mais presente em Itu, oferecendo palestras, cursos e exposições, e que os serviços para a conservação do acervo e as obras de restauração do edifício-sede estavam em fase de planejamento. Desde 1973, logo após as comemorações do centenário da Convenção Republicana de Itu, parte do edifício foi interditada, em decorrência dos sérios problemas estruturais, que foram agravados pelas recentes construções próximas ao Museu. Setores da comunidade reclamavam a urgência de soluções e essas manifestações eram externadas em telefonemas, cartas e nas páginas de jornais, como por exemplo em *O Estado de S. Paulo*, que publicou várias cartas do professor Roberto Machado de Carvalho sobre o assunto.

Acompanhou-me na visita ao IBAO a professora Maria Antônia Luporini Sampaio, zeladora do Museu Republicano. Eu não conhecia ninguém e precisava de apoio. Assim que cheguei ao Museu, apresentei-me como pesquisador do Museu Paulista e dei-lhe detalhes da primeira missão que me fora

atribuída pela direção. Não lhe mostrei de imediato a portaria da nomeação, documento que me colocava em posição superior à dela. Não poderia constranger uma servidora apaixonada pelo Museu e que a ele dedicara longos anos da sua vida. Solícita, Maria Antônia agendou as visitas e me acompanhou em algumas delas. Recebi também inestimável apoio do comerciante Carlos Simeira, do jornalista Ednan Mariano Leme da Costa e de Antônio Marzolla, membro da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu. No IBAO fomos recebidos por Antônio Paula Leite Netto, provedor da mantenedora. Ao ouvir de Maria Antônia o relato sobre a oportunidade que estava se abrindo para o tratamento da documentação do arquivo do Museu, o provedor levou-nos à sala onde se guardava os documentos e as fotografias do IBAO e perguntou à Maria Antônia se haveria possibilidade da inclusão daquele acervo no programa. Prometemos uma resposta para depois de ouvir a necessária manifestação do Museu Paulista.

Feita a consulta, em nome da direção respondeu positivamente Maria José Elias, afirmando que a documentação do IBAO poderia ser incluída no plano de tratamento da documentação do Fórum de Porto Feliz que, desde 1971, já estava sob a guarda do Museu Paulista. A remoção dessa documentação havia sido autorizada pelo Juiz de Direito da Comarca, Luiz Nelson Ferreira de Carvalho, com anuência do Tribunal de Justiça do Estado. O propósito da remoção era o tratamento preventivo daquele acervo nos laboratórios do Museu Paulista. Atendendo ao pedido do provedor, o Museu Paulista enviou Carlos Régis para averiguar o estado de conservação dos documentos. Régis era especialista em restauro de papel e prestava serviços ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e ao Museu Paulista. O restaurador veio acompanhado de Maria José Elias e de José Gabriel Calmon da Costa Pinto, pesquisador do Arquivo Nacional. Depois de examinar o acervo, ambos concluíram que os documentos estavam em boas condições e não necessitavam de intervenções urgentes. Porém, recomendaram a execução de serviços técnicos de limpeza do material fotográfico e a microfilmagem dos livros de atas das reuniões da Mesa Administrativa da Irmandade.

José Gabriel aventou a possibilidade de uma colaboração do Arquivo Nacional. Ele estava levantando material sobre os Liceus de Arte e Ofícios do Império do Brasil e a microfilmagem viabilizaria o acesso de vários pesquisadores àquele material. José Gabriel era um pesquisador muito requisitado e também genealogista de primeira classe. Muito embora não tenha publicado nenhum livro, a sua colaboração aparece nos créditos de muitas dissertações e teses acadêmicas e em livros importantes como *O Engenho Central na Economia Baiana*

– *Alguns Aspectos da Sua História – 1875-1891*, de Eul Soo Pang, *Antigos Engenhos de Açúcar no Brasil*, de Fernando Tasso Fragoso Pires e *As barbas do imperador*, de Lilia Moritz Schwarcz. José Gabriel tornou-se membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Colégio Brasileiro de Genealogia. Hoje ele é homenageado com o seu nome no Arquivo Público Municipal de Santo Amaro, na Bahia.

A microfilmagem não foi possível de imediato, pois o resultado do trabalho exigiria a existência de equipamentos para a leitura dos microfilmes. A intenção do provedor era ter cópias das atas de uma forma que permitisse o fácil acesso aos eventuais consulentes, preservando assim os originais. As soluções sugeridas por José Gabriel contemplaram a reprodução xerográfica, que poderia ser realizada em Itu mesmo, o que foi feito com a colaboração do Museu Paulista e do Museu Republicano, atendendo às recomendações de Carlos Régis.

Desde essa primeira atuação, passei a acompanhar de perto as atividades do IBAO, especialmente quando o assunto abordava a preservação do patrimônio cultural da instituição. Nestes anos todos, aprendi muito com os seus professores, administradores e funcionários. Em 1988, Ibraim Aparecido Veronezze assumiu o cargo de Superintendente Administrativo da Irmandade e, a partir de então, foram ampliadas as relações entre o IBAO e o Museu Republicano. Quando surgiram problemas nas pinturas do teto e paredes do salão nobre do edifício principal, o provedor Raul de Paula Leite me convidou para juntos encontrar a solução. Foi então acionado o restaurador José de Anchieta Cardoso, um especialista em afrescos que, naquela época, executava serviços para o Museu Republicano. Anchieta foi responsável pelos trabalhos de reparos e consolidação das pinturas.

Em março de 1990, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu completou um século e meio de existência. Na Mesa Administrativa tornaram-se mais frequentes os debates sobre a necessidade de medidas para preservar e salvaguardar os edifícios do IBAO, o edifício histórico da Santa Casa e o acervo documental reunido ao longo do tempo pela Instituição. Era necessário organizá-lo de forma a permitir o acesso aos pesquisadores e a revelar ao público a sua importância por meio de exposições e de publicações. No início de 1991, o arquiteto Antônio Luiz Dias de Andrade (Janjão), recém conduzido à coordenação do IPHAN – Superintendência de São Paulo, foi chamado para inspecionar o edifício histórico. Na ocasião, ele ressaltou a importância do edifício, elencou alguns problemas e recomendou a elaboração de estudos para a sua restauração.

Entre 1993 e 1996, eu e a artista plástica Maria Célia Bombana fomos autorizados a utilizar salas do IBAO com a finalidade de proferir palestras

sobre o patrimônio cultural de Itu aos participantes do Festival de Artes de Itu. O evento foi criado pelo maestro Eleazar de Carvalho. Na sua fase inicial, incluía cursos para bolsistas de escolas de música erudita. O maestro entendia que os participantes procedentes de outras regiões deveriam ter noções da história da cidade que os acolhia. A professora Célia, que era Secretária Municipal da Cultura, convidou para as palestras técnicos do IPHAN e do CONDEPHAAT e o conjunto arquitetônico do IBAO e da Santa Casa foi um dos temas por eles abordados.

O primeiro passo para a preservação do patrimônio edificado da Irmandade foi dado em 1997, ano em que sob a supervisão do engenheiro Jair de Oliveira, especialista em patrimônio cultural, foi executado um projeto de restauro da Capela de São João de Deus. Em 2002, surgiu o projeto de criação do Centro Pró-Memória, do qual eu tive a honra de ser coordenador. Na primeira fase do projeto, formou-se um grupo de trabalho para realizar pesquisas bibliográfica, documental (documentos textuais manuscritos e impressos) e iconográfica sobre a Instituição. Integrou o grupo Claudia Elisabete da Silva, Fabiano Quícoli dos Santos, Janaína de Souza Piva, Láucia Martins Assunção, Maria Cristina Monteiro Tasca, Maria José Elias, Milena Fernandes Maranho e Ronaldo Mendonça da Silva. Após pesquisas e elaboração de relatórios, Fabiano Quícoli dos Santos fez um exaustivo cadastramento dos documentos textuais e iconográficos, além dos objetos tridimensionais do acervo da Instituição.

Em 30 de outubro de 2004 foi solenemente inaugurado o Centro Pró-Memória da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, contemplando entre os seus objetivos a manutenção, divulgação e preservação dos bens culturais da Irmandade; o estímulo às discussões sobre temas relacionados à saúde pública; a abertura do espaço a pesquisadores, estudantes, profissionais da área e cidadãos em geral interessados naqueles temas. A organização do acervo viabilizou o primeiro projeto de exposição, o qual foi desenvolvido pelos arquitetos Rodrigo Xavier da Silveira e Milena Soares Cara, com a minha contribuição, a do historiador Roney Cytrynowicz e dos servidores da casa. Em 2004, a exposição ocupou espaços do andar superior do edifício principal do IBAO e, na abertura ao público, ocorreu o lançamento do livro *História da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, 1840/1990*, obra que elaborei em conjunto com o historiador Roney Cytrynowicz.

A produção deste livro contou com aportes e estímulos dos professores Jorge Nagle, da Universidade Estadual Paulista - UNESP, e José Sebastião Witter, da Universidade de São Paulo. No ano seguinte ao lançamento, Alberto Vieira, do Centro de Estudos de História do Atlântico - CEHA, incluiu a apresentação

da obra na seção "Novos livros - Histórias de Instituições", no seminário internacional de estudos realizado na cidade de Funchal, Madeira. Atendendo a um pedido do IBAO, Alberto Vieira também fez buscas sobre Joaquim Bernardo Borges nos arquivos municipais do Porto, Portugal.

Durante o desenvolvimento do projeto todos nós aprendemos um pouco de história de instituições com o Cytrynowicz, um historiador experiente e generoso. À Frente da Editora Narrativa Um ele tem editado vários livros sobre empresas, escolas e instituições de pesquisas como o Instituto de Estudos Avançados da USP, Sociedade Brasileira de Reumatologia, Liceu Franco Brasileiro de São Paulo (Lycée Pasteur), Instituto Biológico, Escola Politécnica da USP, Universidade de Mogi das Cruzes, A Hebraica e Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP entre outros.

O estado de conservação do edifício histórico já despertava atenções da Mesa Administrava, particularmente depois que o hospital o deixou e passou a ocupar as instalações do novo edifício em 1983. Tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado (Condephaat) de São Paulo – por meio da Resolução SC-85, de 6 de novembro de 2003, o edifício histórico foi enquadrado no Grau de Proteção 1 (GP1), aplicável às edificações de alto interesse histórico, arquitetônico e ambiental. O enquadramento nesse grau determinava que a preservação deveria ser integral, que o seu uso contemplaria funções compatíveis e que na restauração e conservação fossem aplicados métodos científicos.

Diante dos impasses nos órgãos públicos de preservação, que se demoravam na tomada de providências, e do iminente perigo de um colapso na construção, em 2010, o provedor Raul de Paula Leite, com plena concordância da Mesa Administrativa, assumiu o projeto de restauração, que foi elaborado pelos arquitetos Carlos Alberto Magno de Arruda, José Quirino de Arruda Filho e José Saia, renomados especialistas em restauro de bens edificados. Aprovado o projeto pelo Condephaat e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), as obras foram totalmente executadas pela empresa Arruda Associados, Arquitetura, Urbanismo e Engenharia Ltda. O provedor e os membros da Mesa Administrativa acompanharam o andamento das obras, que foram "integralmente custeadas pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia", lembrou o superintendente administrativo da instituição.

A restauração foi concluída em 2014. O arquiteto Alberto Magno Arruda comparou a restauração do edifício histórico da Santa Casa de Misericórdia de Itu à recuperação de uma joia única, e um exemplo revelador do significado de preservar um patrimônio histórico de tamanha importância. A recuperação do

madeiramento de sustentação do telhado exigiu cuidado especial. Depois da remoção das tesouras excedentes, que foram acrescidas em diferentes momentos de intervenções do edifício, as estruturas de sustentação originais foram recuperadas. "Por se tratar de peças enormes, tivemos muitas dificuldades para locomovê-las e voltá-las às posições originais", contou-me o saudoso arquiteto José Saia Neto, falecido em 2021, aos 72 anos. Não foi apenas esse o desafio. O conjunto todo mereceu cuidados especiais, tais como a instalação de novas redes elétricas, novas instalações hidráulicas e sanitárias, e a própria consolidação da estrutura do prédio, edificado com materiais e técnica construtiva da "taipa de pilão". São técnicas e materiais com os quais não se trabalha mais em nossos dias. As obras devolveram ao edifício sua beleza arquitetônica, "agora se faz necessário um programa sustentável de manutenção e de uso compatível" com suas estruturas, concluiu Mauro Bondi, também falecido, que foi arquiteto da Superintendência de São Paulo do IPHAN.

Concluída a restauração do edifício centenário, o Centro Pró-Memória e suas exposições foram transferidas para a "joia arquitetônica". Reinaugurado e reformulado em março de 2015, o Centro Pró-Memória apresenta parte de seu acervo, o que inclui mobiliário, instrumentos médicos, imagens, utensílios, jarras, frascos e opalinas da antiga farmácia e dezenas de objetos procedentes do antigo hospital da Santa Casa de Misericórdia de Itu. Os espaços musealizados incorporaram a Capela São João de Deus, que ainda preserva suas funções religiosas, mas que também pode ser considerada como obra de arte e documento histórico. As exposições também apresentam reproduções das primeiras atas da Mesa Administrativa da Irmandade; retratos a óleo dos provedores; imagens do acervo do IBAO e paramentos utilizados por religiosos em cerimônias religiosas na Capela São João de Deus.

A transferência do Centro Pró-Memória para o edifício histórico e a abertura do Museu da Santa Casa teve a supervisão do arquiteto Rodrigo Xavier da Silveira, autor do projeto original, e contou com o precioso trabalho de Luciano Ribeiro Moreira Chaves. O trabalho tem sido continuado por Bruno de Assis Furquim, atual responsável pelo acervo. Em 2020, eu e Cytrynowicz lançamos um novo livro, que abordou mais 30 anos da venerável instituição: *A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, 1990 2020: Filantropia e voluntariado em Itu*[26], com fotografia de Lana de Oliveira, também editado pela Narrativa Um. A obra contou com o apoio integral da Mesa Administrativa da Irmandade e teve a colaboração de todos os servidores do IBAO.

---

26 • Este texto reproduz informações contidas no livro citado.

Meio século depois do primeiro contato com o IBAO, tenho o privilégio de ser membro da Mesa Administrativa da Irmandade e, em 2024, ter colaborado com a edição da *Revista Campo & Cidade* (nº 150, setembro/outubro), coordenada pelo jornalista João José "Tucano" da Silva, dedicada à comemoração do centenário da instituição com artigos, depoimentos e imagens do longo percurso do valioso patrimônio educacional de Itu.

Jonas Soares de Souza

Docente do Museu Paulista da Universidade de São Paulo de 1971 a 2009; supervisor técnico-científico do Museu Republicano "Convenção de Itu" /MP-USP de 1974 a 1999; membro da Mesa Administrativa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu desde 2014.

E no início, Lyceu

Nada como folhear jornais antigos, os grandes guardiões de memórias da comunidade, e ser surpreendida por dados inusitados. Fascinante!

Talvez, você, leitor interessado em notícias históricas, já tenha obtido essa informação. No exemplar número 441, página 2, do jornal A FEDERAÇÃO de 20 de setembro de 1913, onze anos antes da fundação do IBAO, do Lyceu de ITU, como chamado na época, uma notícia se destacou, chamando a atenção. O artigo afirma claramente que o reconhecido pintor Almeida Júnior deixou em testamento um legado para a fundação de um Liceu de Artes e Ofícios em ITU. Menciona ainda que os herdeiros contestaram, mas perderam a demanda. A matéria conclama a Câmara Municipal a cumprir a vontade do artista e se apoiar no Governo do Estado que muito se empenhava na difusão de liceus. A matéria é encerrada com votos de que o liceu se tornasse realidade em pouco tempo.

Não se conseguiu uma notícia esclarecedora sobre o destino do Legado Almeida Junior, até o momento da edição.

De qualquer forma, como se vê, o IBAO estava predestinado a ser o resultado de um legado documentado em testamento. Glorioso início, fundamentado em altruísmo, visão socioeducacional e legislação. Teria o Testamento de Almeida Junior inspirado Joaquim Borges e Bueno Brandão?

Fundado em 1924, o IBAO iniciou as aulas no ano seguinte, procurando fornecer uma formação profissional e humanista, tal como os liceus existentes na época. Era chamado *Lyceu de Ytu*.

Por que o nome Liceu?

Atualmente, apesar de pouco utilizada, a palavra liceu significa uma instituição de Ensino Médio, para estudantes entre 15 e 18 anos. Mas ao longo dos anos o conceito de liceu foi mudando e se adaptando. O vocábulo francês "lycée" entrou na língua portuguesa já no século XVI, mas com significado mais atual chegou à nossa linguagem a partir do século XIX, com a hipervalorização da cultura francesa que se estendeu até os anos 60 quando foi superada pelo nacionalismo e suplantada pela cultura americana. Entretanto, a palavra francesa se origina do latim *"lyceum"*, por sua vez gerada do grego "*lykeion*".

A origem grega da palavra nos remete à escola de Aristóteles, o Liceu, situado em Ilisso, próximo a Atenas, onde o filósofo desenvolveu uma obra marcadamente antiplatônica em diversos assuntos. Seus discípulos eram chamados de "peripatéticos" porque o mestre tinha o hábito de ensinar o aristotelismo ao ar livre, caminhando pelos jardins externos.

Em nosso país, os primeiros liceus foram fundados na segunda metade do século XIX, destinados ao ensino de artes e ofícios, impulsionados pela necessidade de técnicas de produção, transformando matéria-prima em produto a ser comercializado. A industrialização se iniciava tardia e lentamente, um século depois das primeiras indústrias europeias.

Os primeiros liceus eram mantidos por contribuições de voluntários e associados e só posteriormente obtiveram recursos por parte do poder público. O mais antigo, fundado em 1856, por iniciativa particular, do Rio de Janeiro, proporcionava as Belas Artes aplicadas aos ofícios e à indústria. Entre seus alunos destacamos o Presidente Hermes da Fonseca, Portinari, Di Cavalcanti, Eliseu Visconti, Rodolfo Amoedo, e entre seus diretores, Vitor Meirelles. Por muitos anos, todos – professores e direção - trabalhavam no Liceu como voluntários, sem salário algum. Funcionando em prédio cedido, foi o mais importante estabelecimento de ensino técnico-profissional do País e da América Latina. Seus mais de 50 cursos gratuitos, profissionais ou livres, aconteciam no período noturno, para atender jovens e adultos trabalhadores. Interessante lembrar que o pioneiro Curso Profissional Feminino foi iniciado em 1881, com bom volume de matrícula, mas causando grande polêmica. Defendido pelos jornais e intelectuais, severamente criticado pela sociedade, o curso feminino teve que dispor de uma sala para que os responsáveis aguardassem o término das aulas e acompanhassem as moças no retorno à suas casas. A medida aplacou a maledicência, provou a seriedade do curso e as matrículas aumentaram ainda mais. O pioneiro liceu carioca, por longo tempo, foi a única escola gratuita, noturna, de ensino elementar, tecnico-profissional e artístico para o povo. Serviu de modelo para a implantação de outros liceus em outros estados.

Um célebre discurso de Rui Barbosa, de 1882, intitulado O Desenho e a arte Industrial, glorificou o ensino pioneiro do Liceu enaltecendo seus benefícios para a educação e para a indústria.

O Liceu do Rio sofreu um incêndio no qual perdeu muitas de suas obras, livros raros sobre desenho e arte industrial. Mudou de prédio e atualmente oferece apenas curso livres (pós Curso Médio) e alfabetização de adultos no período noturno.

Em 1873, Carlos Leôncio da Silva Carvalho, apoiado pela elite cafeeira paulista fundou a SPIP – Sociedade Propagadora de Instrução Popular com o objetivo de formar gratuitamente bons cidadãos sem distinção de classe, suprindo demandas sociais e visando obra especializada para a futura industrialização, lavoura e comércio. Preconizava o ideal positivista de dignificação do homem através do trabalho, criando uma escola profissionalizante para atender

às necessidades de mão-de-obra especializada do crescente centro industrial paulista, com a característica assistencialista marcante na época.

A Sociedade Propagadora iniciou, em 1874, aulas noturnas de Instrução Elementar para adultos e, em 1882, a escola noturna foi ampliada e reorganizada com o nome de Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo,(LAOSP),criando cursos de marcenaria, serralheria, gesso, desenho, entre outros e um curso de Comércio e Agricultura. Possíveis alunos: apenas homens livres.

O Liceu fornecia assistência médica e material didático para pessoas com baixa renda, disponibilizava uma biblioteca pública e procurava equilibrar os aspectos criativos e técnicos no currículo. Com o tempo, a instituição ampliou seu caráter profissionalizante. Foi uma das poucas escolas que oferecia ensino de tornearia, mecânica e eletricidade, mantendo também oficinas voltadas para a carpintaria e as artes decorativas, mas não ensinava os ofícios de sapateiro e alfaiate.

Em 1895, o engenheiro campineiro Francisco de Paula Ramos de Azevedo passou a dirigir a escola propondo uma reforma, criando cursos de desenho aplicado, modelagem, pintura, além de aulas práticas de carpintaria, entalhe, marcenaria, serralheria e instruções mais complexas de álgebra, geometria, contabilidade etc. Com sua iniciativa o Liceu paulista se transformou em um centro de belas artes, nele despontando figuras como Amadeu Zani, Domiciano Rossi, Pedro Alexandrino, entre outros. Muitos foram os filhos de imigrantes italianos que se destacaram no Liceu e foram trabalhar no escritório Ramos de Azevedo, tendo sido eles os desenhistas e arquitetos de tantas obras realizadas na capital paulista e no interior, pois Ramos se dedicava mais às construções, contratos e ampliação dos negócios. Inovador, foi grande engenheiro, arquiteto, construtor, empresário, professor da Politécnica e impulsionador do LAOSP.

Na cidade de São Paulo, a presença de trabalhos de alunos do afamado liceu pode ser encontrada em praças, monumentos, muitos edifícios ícones do período do escritório de arquitetura, assim como no interior paulista em edifícios públicos. Em ambos os territórios, incontáveis residências apresentam os magníficos móveis entalhados de madeira maciça cuja durabilidade perdura por gerações.

O LAOSP, instalado magnificamente na Rua Cantareira, era um verdadeiro marco. Ser seu aluno significava muitos benefícios, como adquirir uma educação de qualidade e desenvolver habilidades criativas, sociais, emocionais e de empreendedorismo. Por ele passaram Santos Dumont, Brecheret, Antonio Borsoi, Conrado Sorgenicht e contou com a colaboração de Almeida Junior, Amadeo Zani e John Graz.

O Liceu de SP hoje oferece Ensino Médio, reconhecido entre os 10 melhores do Estado, com prova de seleção (VUNESP). Com mensalidades de R$ 3546,00 realiza prova para concessão de bolsas de bolsas de 50, 75 e 100%. Oferece também Ensino Técnico Integrado ao Médio com gratuidade para alunos com perfil econômico familiar de 1,5 a 3 salários-mínimos, nas áreas de automação industrial, tecnologias da construção, edificação e gestão sustentável. Mantém um Centro Cultural com exposições frequentes e tem empresas parceiras. No site do liceu paulista há uma interessante página intitulada EU e o LICEU, onde ex-alunos são conclamados a relatar sua trajetória, desafios, lições e conquistas, que de forma peculiar, desencadeou a presente antologia., conforme relato na Introdução desta obra.

De acordo com o ENEM, o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo foi considerado a melhor escola técnica do Brasil, de acordo com as notas do exame de 2015, divulgadas pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais).

Os dois liceus acima citados foram os inspiradores do Liceu de Itu. O do Rio de Janeiro já consolidado, certamente; o de São Paulo, que em 1882 iniciava vários cursos profissionalizantes abrangendo as áreas industrial, comercial e agrícola, despontava como referência. O benfeitor Joaquim Borges retornou a Portugal após essa data, portanto, conheceu o início do LAOSP.

Após o anúncio do Legado Borges e a obrigatoriedade da instalação do Liceu de ITU, a imprensa local se manifestou muito ansiosa pelas instalações e preocupação com os rumos que a instituição tomaria. Realmente o legado Borges e o futuro Liceu, deram muito o que falar na época.

A edições de 20 e 29 de outubro de 1921, do jornal A FEDERAÇÂO apresentam já na primeira página, um artigo do Padre Antônio Bueno de Camargo indicando a preocupação com o "paganismo dominando as nações na educação, na filosofia, nas letras, em tudo" e" que o novo estabelecimento seja uma instituição que satisfaça os desejos do povo." O referido jornal, em 05 de novembro do mesmo ano, número 934, também na primeira página, sugere que a administração da Santa Casa deveria dar a direção do liceu a uma ordem religiosa e para a construção a sugestão foi o local onde existiu a ordem terceira de São Francisco.

Em 26 de novembro de 1921, número 937, também na página inicial, o mesmo periódico afirmava que "como todo mundo julga-se no direito de dar seu parecer sobre o local para a instalação do Liceu", a sugestão foi o Largo da Caixa D'Àgua. O exemplar número 944 de 04/01/1922 estampou na primeira página o entusiasmo com o título *Ytu em Progresso,* destacando a grande

utilidade do Lyceu para a cidade. No dia 13 de maio do mesmo ano, edição 961, p.1, o referido jornal evidenciou preocupação com a personalidade jurídica para a fundação da tão aguardada instituição de ensino. Na semana seguinte o periódico, em sua edição 962, p.2, terminou o artigo novamente com a preocupação com o não cumprimento do prazo e de um risco de perda da valiosa doação. Em 27/05/22, na página 1 da edição 963, nota-se anseios em relação à futura administração, dada a grande frustração motivada pela transferência do Colégio S. Luís para São Paulo, assim encerrando "*Os ituanos de hoje só querem gozar das vantagens da encantadora Pauliceia, pouco se interessando pelo seu torrão natal.*" A partir desta data, acompanhando o mesmo periódico nas edições que frequentemente se referiam ao Instituto, nota-se a gratidão ao benemérito Joaquim Borges, a preocupação com o prazo, o interesse pela obra, a valorização do Instituto para Itu e finalmente a admiração pelo grandioso edifício.

Os exemplares de A FEDERAÇÂO de outubro de 1924 se regozijam com o final da construção do prédio do IBAO, com a instalação do maquinário elétrico e incentivam os pais a matricularem seus filhos.

Depois de noticiar em outubro a inauguração do Instituto, a edição 1090 de 01/11/1924 relatou detalhadamente com alegria e entusiasmo a festividade de inauguração.

O *Lyceu de Ytu* oferecia em 1925, seu primeiro ano de funcionamento no magnífico prédio, os cursos de marcenaria, entalhe, vernizes e carpintaria, com aulas teóricas e práticas, porém com poucos alunos, segundo a imprensa local da época, A FEDERAÇÃO, Itu, Ano XX, n. 1102, 24 jan. 1925. De acordo Nardy, 2012, pág. 88, os primeiros cursos de marcenaria estavam sob a direção do técnico João Carlos Caldeira

Como sempre, tudo tem seu outro lado. As matrículas foram poucas. Os ituanos não aderiram prontamente às artes e ofícios. Assim, os mesmos jornais passaram a criticar a administração pela subutilização do prédio e pela pouca oferta de cursos, sugerindo até que um profissional do LAOSP fosse convidado para auxiliar na organização. Segundo Souza e Cytrynowiz, 2004, p. 68,70, os primeiros anos do Instituto Borges de Artes e Ofícios foram marcados por grandes problemas financeiros: altos custos de manutenção, vendas dos produtos das oficinas não conseguiam cobrir as despesas e pouquíssimos alunos devido à falta de materiais. Isso tudo motivou duras críticas da mídia impressa e talvez da radiofônica local.

Em 1932, o IBAO passou por uma reestruturação seguida de reinauguração, que representaram uma nova etapa na sua história, atraindo o entusiasmo da comunidade, e passando a ser motivo de orgulho dos cidadãos ituanos e da

mídia local, como é possível verificar no jornal A COMARCA DE ITU, Itu, Ano I, n. 8, de19 jun. 1932. Os cursos oferecidos eram os de Marcenaria, Mecânica, Tornearia, Curso Comercial, Cortes e Confecções com Economia Doméstica e Culinária. O Curso Comercial era muito concorrido e incluía aulas de datilografia, contabilidade, taquigrafia, pintura artística e comercial, entre outras. Os diplomas para os cursos pós reorganização foram expedidos em 1934.

A expectativa de que a instituição proporcionasse cursos relacionados à tecelagem, como formação de contramestres e de operários de fiação, foi frustrada. O argumento se fundamentava na localização da instituição profissionalizante inserida no polo têxtil do Estado. O polo têxtil de São Paulo época englobava Itu, Jundiaí, Sorocaba, Salto e Piracicaba, como é possível verificar no jornal REPÚBLICA, 1921, n. 713. O único curso que possibilitava o ingresso nas indústrias têxteis locais era o de Auxiliar de Comércio, que além de atender a demanda local de comércio crescente com o êxodo rural, também possibilitava o trabalho nos escritórios das indústrias.

Assim, na década de 30, o IBAO mantinha o funcionamento dos cursos – Marcenaria, Corte e Costura e Auxiliar de Comércio, sendo este último o mais procurado do período noturno, com demanda crescente. Segundo Souza e Cytrynowicz, 2020, a grade curricular do curso Auxiliar de Comércio, com dois anos de duração era a seguinte: Primeira série – Português, Matemática, Escrituração Mercantil, Correspondência Comercial e Datilografia. Segunda série – Português, Matemática, Escrituração Mercantil, Correspondência Comercial, Organização Comercial, Datilografia e Taquigrafia.

O curso diurno para meninas tinha três anos de duração e incluía disciplinas gerais e específicas, como Português, Matemática, Geografia e História. As matérias focadas eram Desenho, Tecnologia, Corte, Bordado, Higiene, e no final, Arte Culinária. As alunas costumavam se formar aos 14 anos.

Para os meninos, o curso também durava três anos, apresentando conteúdos semelhantes, mas com disciplinas específicas como Desenho, Marcenaria e Tecnologia, que abrangiam temas desde o histórico da marcenaria até o uso de ferramentas e o desenho de móveis. Na 1ª série do curso de Marcenaria, a disciplina de Tecnologia abrangia: histórico da marcenaria e matéria prima; matérias primas subsidiárias; verniz, goma laca – procedência e aplicação; cola de gelatina animal e cola fria; substâncias dos vernizes; madeiras usadas nas oficinas e peso específico; histórico de madeiras – pais de origem; madeiras do Estado de São Paulo; corte e transporte; materiais de polimento; ferramentas e acessórios. Na 2ª série: secagem natural; classificação das espécies e seus pesos específicos; madeira compensada; madeira – conhecimentos de fitogeografia;

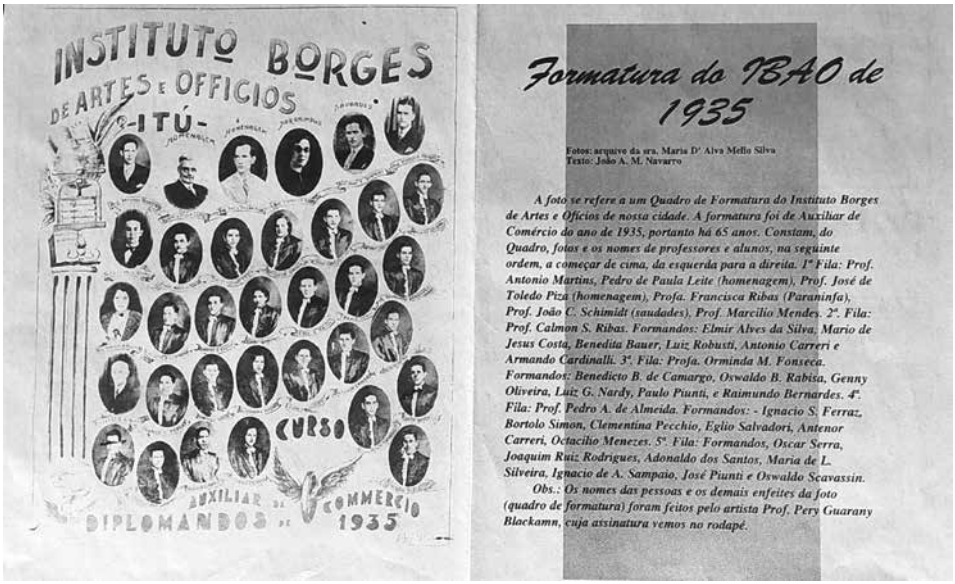
desenho de móveis; máquinas; crescimento das plantas; folhas, partes e composição do tronco. E na 3ª série: ferragens usadas nos móveis; cubagem de madeira; desenho e estilo de móveis; arquitetura – estilo; orçamento.

O curso noturno de Auxiliar de Comércio, com duração de dois anos, oferecido pelo IBAO para turmas mistas, habilitou 383 alunos entre 1934 e 1966, sendo que desse montante, 217 homens e 166 mulheres. A grade curricular constava com as disciplinas básicas de Português e Matemática, bem como as específicas, Escrituração Mercantil, Correspondência Comercial, Datilografia, Taquigrafia e Organização Comercial. (SOUZA e CYTRYNOMICZ, 2004).

O Curso de Mecânica do IBAO iniciou sua primeira turma em 1942 com classes muito pequenas e poucos maquinários oferecidos.

A formatura do Instituto Borges de Ensino, ocorria com grande festividade. E os jornais da época já chamavam a escola de Instituto Borges de Artes e Ofícios, não mais de Liceu.

Formatura em 21/12/1935 – Foto do Jornal "República" de 19/02/1994.



A solenidade teve inicio às 19h e teve como paraninfa a professora Francisca Ribas, conhecida carinhosamente como Chiquinha Ribas.

Não só os jornais da época demonstraram entusiasmo descritivo e narrativo sobre as formaturas no IBAO. Paulino Domingos Piotto, aposentado da Empresa de Correios e Telégrafos em 1976, jornalista com participação em jornais e revistas da região e responsável, por um período, pelo jornal A República, autor das Efemérides de Itu, comentarista esportivo, Deputado Federal em 1955, ocupante da Cadeira 29 da ACADIL de 1995 a 2009, ocasião de seu falecimento, por ocasião da comemoração dos 75 anos do IBAO, publicou no jornal A República, o texto abaixo, reeditado pela Revista ACADIL, número 26,de 2024, páginas 39 e 40.

Em 1935, o Instituto Borges formava a sua segunda turma

Paulino Piotto[27]

O Instituto Borges de Artes e Ofícios, também conhecido e tratado por Liceu de Artes e Ofício ou, simplesmente, IBAO, foi inaugurado em 1924. Nesse ano, aproveitando o Dia do Patrono do estabelecimento, que ocorre anualmente no dia 10 de novembro, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, mantenedora e que tem o Dr. Raul de Paula Leite como provedor, aproveitou a grata efeméride para, também, comemorar dignamente os 75 anos de fundação desse tradicional e importante educandário profissional, que sempre atendeu não só a mocidade estudantil de Itu, como a toda a região ituana. Nessa feliz ocasião, quem representou a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu foi o irmão Agenor Bernardini. O majestoso edifício do Instituto Borges de Artes e Ofícios, inaugurado em 1924, deve a sua criação a Joaquim Bernardo Borges, um cidadão de nacionalidade portuguesa, que residiu em Itu durante vários anos. Na doação que fez do terreno constava: "*para a Santa Casa de Misericórdia de Itu, com a condição de fundar e administrar perpetuamente o Instituto Borges de Artes e Ofícios e de construir uma Maternidade Borges*". Tudo isso foi cumprido, sendo que, como disse, o Instituto Borges foi inaugurado em 1924, portanto há 75 anos; e a Maternidade Borges no dia 12 de março de 1939, há 60 anos e alguns meses.

O majestoso edifício do Instituto Borges de Artes e Ofícios foi um projeto do Escritório Ramos de Azevedo, com construção dos Drs. Geribello & Quevedo. No dia 21 de dezembro de 1935, que caiu em um sábado, realizaram-se então, as solenidades de formatura da segunda turma de alunos do *Instituto Borges*, cujos atos obedeceram o seguinte programa: na igreja matriz de Nossa Senhora Candelária, missa cantada em ação de graças pela formatura; às 19 horas – no salão de festas do Instituto Borges, entrega de diplomas; às 22 horas – na Sociedade Italiana *Luigi di Savoia* (hoje, Círculo Italiano *Dante Alighieri*), baile oferecido pelos diplomandos.

Os alunos diplomandos foram os seguintes:

---

27 • Matéria publicada originalmente pelo autor no jornal República, Itu: 22.12.1999. Acervo da Biblioteca Pública Municipal de Itu "Prof. Olavo Valente de Almeida". Agradecimento ao Sr. Odorico Celso Castanho da Silva pela pesquisa.

Curso de Auxiliar de Comércio: Adonaldo Ignácio dos Santos, Antenor Carreri, Antonio Carreri, Armando Cardinalli, Benedicta Bauer, Benedicto Bueno de Camargo, Bortolo Simon, Carlos Ourias Arruda, Clementina Pecchio, Hélio Salvador, Elmir Alves da Silva, Geny de Oliveira, Ignacio de Almeida Sampaio, Ignácio de Souza Ferraz, Joaquim Ruiz Rodrigues, José Piunti, Luiz Gonzaga Nardy, Luís Robusti, Maria de Lourdes Silveira, Mário de Jesus Costa, Oscar Serra, Octacilio Menezes, Oswaldo Scavacini, Oswaldo Bauer Rabisa, Paulo Piunti, Raymundo de Bernardi;

Curso de Corte e Confecções: Ana Baptista de Almeida Sampaio, Benedicta Rodrigues Vieira, Géssia Arruda Galvão, Hermínia Salvador, Leonilda Barreto, Lourdes de Moura Leite, Leonor Boni, Maria Martini, Maria Tereza Luporini Sampaio, Maria Stella de Arruda Mello, Martha Borsari e Rosa Simon;

Curso de Marcenaria: Benedicto Teixeira, Francisco Pacheco, Leopoldo Piazzi e Paulo Correia de Moraes.

Publicado novamente na Revista da ACADIL/volume 26 de 2024

Referências

ARANTES, A.K. e COSTA, M.H.B.C da. Dos Liceus aos Institutos Federais: 110 anos de história da Rede Federal. ForScience, 7 (2).

BRASIL. Decreto nº 7.566 de 23 de setembro de 1909. Crêa nas capitaes dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artifices, para o ensino profissional primário e gratuito. Coleção de Leis do Brasil, v. 2, coluna 1. p. 445, 31 dez. 1909. BRASIL.

BRASIL – Constituição Federal Brasileira, de 10 de novembro de 1937. Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1937. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 10 nov. 1937a. BRASIL.

BELUCCI, Marcia Cristina e SANDANO, Wilson. Os primeiros anos do Instituto Borges de Artes e Ofícios. In https:// periódicos.uniso.br>article,2015. Acesso em 02/02/2025

_____. Instituto Borges de Artes e Ofícios de Itu: Escola Profissional deixada em testamento por brasileiro de torna-viagem. UNISO, Sorocaba, 2015, In http://uniso.br>dissertacao. Acesso em 03/02/2025

BIELINSKI, Alba Carneiro**.**Educação Profissional no Século XIX - Curso Comercial do Liceu de Artes e Ofícios - um estudo de caso. Menção Honrosa / Prêmio Senac de Educação Profissionalizante. **Boletim Técnico do SENAC**. V. 26, no 3, set / dez 2000. Disponivel em: <http://www.senac.br/BTS/263/boltec263e.htm> Acesso em 31 de janeiro de 2025

_____. **Curso Comercial do Liceu de Artes e Ofícios, um marco do ensino** - arqueologia histórica. Rio de Janeiro: Monografia / FABES, 1996.

_____. **Fragmentos de uma trajetória** - Síntese histórica dos 138 anos do Liceu de Artes e Ofícios. Rio de Janeiro: Monografia / UNI-RIO, 1995.

CUNHA, Luiz Antônio. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 14, p. 89-107, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a06. Acesso em: 03 de fevereiro de 2025

RAMOS, Marise Nogueira. História e política da educação profissional. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. (Coleção formação pedagógica; v. 5).

ROMANELLI, Otaíza de O. História da educação no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1983. 267

SANTOS, J. A. A trajetória da educação profissional. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. (Org.). 500 anos de educação no Brasil. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 205-224..

SOUZA, Jonas de; CYTRYNOWICZ, Roney. História da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, 1940-1990. São Paulo: Narrativa Um, 2004.

https://www.liceuescola.com.br/ acesso em 28 de novembro de 2024 e 18 de janeiro de 2025

https://www.memoriasifsp.com.br/eindustrial.html

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2015. In https://www.liceudesaopaulo.com.br/liceus-historicos-do-brasil-que-marcaram-geracoes . Acesso em 03/02/2025.

Jornais

A FEDERAÇÃO – 20/09/1913; 20 e 29 /10/1924; 20/11/1921; 05/11/1921; 04/01/1922; 13/05/1922; /27/05/1922; 19/07/1924; 10/1924; 01/11/1924; 24/01/1925.

REPÚBLICA - número 713 de 1924.

O depoimento de um aluno que frequentou o IBAO em seus primórdios surpreende, assim como o de descendentes dos pioneiros, que eram estudantes ou aprendizes, professores ou funcionários quando a instituição ainda se chamava Lyceu de Itu.

O IBAO E EU

Professora Orminda de Moraes Fonseca

Adriana Braga Vanini

Nasceu em Itu em 11 de abril de 1910, filha de Sylvio Fonseca e Virgilina de Moraes Fonseca e morou quase a vida toda na casa da família na Rua da Palma, 282 (atual Rua dos Andradas). Terceira filha de uma prole de 13 irmãos foi a única das irmãs a exercer uma profissão, com o diploma de habilitação para o Magistério Público do Estado de São Paulo, em 24 de novembro de 1930.

Lecionou matemática no Curso de Corte e Costura do Instituto Borges de Artes de Ofícios, formando centenas de cidadãs e cidadãos para o exercício profissional. Ficou marcado o carinho do ex-aluno Abílio Savi, aluno do curso de Auxiliar de Comércio da turma de 1934, que a escolheu para madrinha. Ao ser perguntado por ela se preferia um relógio ou uma caneta de presente, ele escolheu a caneta "Parker" que utilizou em sua profissão e guardou-a para sempre.

Em 1937 foi escolhida paraninfa da turma de formandos e preservou o registro fotográfico da solenidade no "Circolo Italo-Brasileiro Dante Aleghieri", que tenho ainda hoje, junto com a fotografia do quadro de professores no qual ela figura, tendo ao alto o Benemérito Joaquim Bernardo Borges, o Provedor Pedro de Paula Leite, o Diretor Edgardo Pereira Mendes, professores e alunos diplomados nesse ano.

Vó Orminda manteve ainda o cartão comemorativo ao Jubileu de Ouro da primeira formatura do IBAO, em dezembro de 1984. Nessa ocasião foi homenageada pela Escola e datilografou um agradecimento que ela guardou junto com as fotos e que diz: "Agradeço aos demais professores, colegas daqueles tempos e destes; aos meus alunos e estes que hoje estão aqui e me permitiram viver estes momentos maravilhosos. Aproveitando do ensejo eu gostaria de desejar a todos os formandos de 1934 e aos de hoje, bem como às suas respectivas famílias, funcionários deste estabelecimento de ensino, professores e a Sra. Diretora, um feliz natal e um 1985 repleto de paz, amor e esperança. A todos o meu muito obrigada."

Daqueles tempos de professora perduraram amizades para a vida toda, como a professora de artes culinárias, Sra. Josefa Luiza Ribeiro e o Sr. José Maria dos Santos, pai da atual diretora do IBAO, Ana Maria dos Santos.

A ex-aluna de Artes Culinárias, sra. Teresinha de Jesus Cristofoletti Francischineli lembra carinhosamente da professora de Matemática de seu curso no IBAO.

"Embora fosse uma pessoa direta, que não fazia rodeios para o que tinha a falar, tia Orminda tinha a rara virtude de doar-se em tudo quanto fazia. Foi assim que comandou a casa da Rua da Palma por décadas, após a morte de seu pai. Tomou para si a condução do cotidiano da família, o cuidado com os sobrinhos, com os sobrinhos-netos, considerando-os um pouco seus filhos também, já que nunca se casou."

Foi uma mulher ímpar para sua época, usava calça comprida, fumava, gostava do carteado do Ituano Clube e, sobretudo de tango, especialmente "La Cumparsita". Mas também ia a procissões, levava os pequenos para beijar a imagem de Cristo morto na Sexta-feira Santa, fazia casaquinhos e sapatinhos de tricô para doar. Foi tradicionalmente ituana na fala e nos hábitos, com uma dose extra de coragem e ousadia.

Que boa ventura que as memórias dessa ituana de voz firme fiquem registradas na publicação que celebra o centenário do IBAO.

Com o ex-aluno Abilio Savi (vereador).

Adriana Braga Vanini

Adriana Braga Vanini, farmacêutica, proprietária da Farmácia de Manipulação Acqua Marinha, filha de: Valter José Vanini e Leonor Fonseca Braga Vanini; irmã de: Marcelo Braga Vanini. Residimos no casão da Rua dos Andradas, 282 com vó Minda até 1979, quando nossa bisavó faleceu e venderam a casa que foi demolida e hoje é um estacionamento. Tivemos, junto com nossos primos a melhor infância, brincamos, aprontamos, tomamos muito banho de chuva com vó Minda, todos, independente das diferenças de idade

Pery Guarany Blackman, o Professor de desenho

Pery nasceu em Itu, em 29 de março de 1900, filho de Demétrio Legotti Blackman e de Carolina Vaccari Blackman. Seu pai foi um pintor italiano e formado no Real Instituto de Belas Artes de Nápoles, onde também lecionou e foi professor do Liceu Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo, até mudar-se para Itu, onde lecionou nos colégios locais como o Grupo Escolar "Dr. Cesário Motta Júnior". Com o pai, ainda antes da aprender a ler e escrever, Pery iniciou os estudos de desenho e pintura, e antes de completar 12 anos já havia realizado exposições. Sua precocidade era notória, chamando a atenção até da imprensa. O Correio Paulistano de 15 de outubro de 1912, por exemplo, publicou ampla reportagem sobre uma mostra individual realizada na cidade de São Paulo. A manchete dava uma medida do entusiasmo provocado: "Uma Criança Genial".

Aos 18 anos, formou-se em curso técnico do Liceu de Artes e Ofícios e aos 19 na Scuola di Disegno, Pittura e Plástica Michelangelo Buonarroti, ambas em São Paulo.

Seu trabalho na recuperação das obras de Jesuíno do Monte Carmello na Igreja do Carmo teve o reconhecimento de Mario de Andrade, poeta, contista, cronista, romancista, musicólogo, historiador de arte, crítico e fotógrafo brasileiro, um dos fundadores do modernismo. No governo de Getúlio Vargas elaborou um anteprojeto para a criação de um órgão de preservação do patrimônio nacional, o SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a primeira denominação do órgão federal que protege o patrimônio cultural brasileiro, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Foi criador e primeiro diretor do Departamento de Cultura de São Paulo. Dado o grande conhecimento de Mario de Andrade, sua vivência em viagens, podemos considerar seu reconhecimento pelo valor do artista ituano como inestimável, engrandecendo nosso artista plástico.

A carreira de Pery como professor também foi precoce. Muito jovem, ministrou aulas de desenho no Seminário Nossa Senhora do Carmo, o que continuou por 4 décadas. Também atuou no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, no Ginásio Estadual Regente Feijó e no Instituto Borges de Artes e Ofícios. No IBAO foi professor de desenho no período de 1949 a 1960, segundo registros da escola, mas desde os anos 30 lecionava desenho e pintura na instituição, de acordo com depoimentos de ex-alunos e descendentes. Provavelmente essa divergência está na aplicação da Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT,

sancionada em 1.º de maio de 1943 pelo então presidente Getúlio Vargas, regulamentada posteriormente.

É comum encontrar a referência de que a sensibilidade artística de Pery Guarany foi um legado de seu pai, mas seu trabalho apresenta personalidade própria, visível em suas obras que abrangem retratos, marinhas e natureza morta. Suas telas a óleo, ou aquarelas e guache registram o cotidiano, as paisagens históricas e os personagens ituanos de sua época, tornando-se verdadeiros "documentos iconográficos". Sua curiosa coleção de caricaturas de diferentes técnicas como grafite, nanquim, aquarela e bistre, pintadas sobre papel, retratam moradores de ITU de diversos campos de atuação, como: advogados, comerciantes, dentistas, farmacêuticos, jornalistas, maestros, músicos, personagens pirotécnicos, políticos e outros. Muitos eram seus colegas de trabalho ou seus amigos, como o proprietário do local onde costumava expor seus trabalhos, Francisco Ferraz de Toledo, da loja Flor de Maio.

Faleceu em 4 de julho de 1975, aos 75 anos, deixando um imenso acervo.

Ciente da importância do pintor, verdadeiro expoente da pintura ituana do século XX, a cidade de Itu nomeou uma rua do Parque Industrial com seu nome. Seu pai também recebeu homenagem póstuma com o nome de uma rua no Jardim do Estádio.

A lei estadual, N. 2.522, DE 11 DE NOVEMBRO DE 1980, 5 anos após seu falecimento, determinou a denominação de "Prof. Pery Guarany Blackman" à Escola Estadual de Primeiro Grau de Vila Roma.

No século atual, o pintor ituano tem sido reverenciado com exposições de suas telas e caricaturas. Essas homenagens perpetuam o reconhecimento à sua produção artística e possibilitam a seus conterrâneos conhecer, através de suas obras, um pouco da época em que viveu e soube retratar.

Referências

https://itu.sp.gov.br/exposicao-conta-vida-e-obra-do-artista-ituano-pery-guarany-blackman/ **Exposição conta vida e obra do artista ituano Pery Guarany Blackman** 18/11/2024; Acesso em 22 de maio de 2025.

https://www.jornalcruzeiro.com.br/blogs/agenda-etropolitana/exposicao-em-itu-conta-vida-e-obra-do-artista-pery-guarany-blackman/*06 de Fevereiro de 2019.* Acesso em 22 de maio de 2025

Maestro Tristão Júnior

Museu da Música - Itu

Tristão Mariano da Costa Júnior (1880–1935), foi uma das lideranças na música ituana na primeira metade do século XX, um dos mais festejados compositores da cidade. Filho do Maestro Tristão Mariano da Costa e da cantora Maria Augusta da Costa, era sobrinho do compositor Elias Lobo e seguiu os passos da família de artistas. Escreveu, sobretudo, música de seresta (valsas, tangos, schottischs e polcas). Tristão Júnior dedicou-se também ao magistério da música. Foi professor no Colégio São Luís, no Instituto Borges de Artes e Ofícios, e no Ginásio do Estado (Escola Regente Feijó).

O ensino formal da música foi uma das suas atividades principais além da direção de uma orquestra atuante na Igreja, no cinema, teatro e no espaço doméstico. Formou uma geração de músicos ou apreciadores da música a partir do método de leitura e solfejo que capacitou dezenas de jovens à atividade musical. Violinista, também formou novos concertistas nas décadas de 1910 a 1930. O original de seu método e pontos de música estão preservados no Museu da Música – Itu.

Em 1990, a cidade passou a celebrar a "Semana Maestro Tristão Júnior", anualmente, de 12 a 18 de janeiro. Para tanto foi criado o Quarteto Tristão Júnior com acervo de partituras de coleções particulares que, atualmente, também estão no Museu da Música – Itu. Em 2015 esta instituição lançou o "Almanaque de Serestas de Itu" a fim de preservar e divulgar a sua memória.

Museu da Música

Criado em 2007 é uma instituição de guarda e pesquisa de referenciais sobre a produção e reprodução da música em Itu. É mantido pelo Instituto Cultural de Itu. A sede está localizada na Rua Floriano Peixoto, 480, Itu/SP.

As meninas do Nhonhô Tristão

Luís Roberto de Francisco

Nos primeiros meses de 1932 iniciava-se um importante encontro de vidas e trajetórias cujo cenário foi o Instituto Borges de Artes e Ofícios a bem da tradição musical ituana.

O novo fôlego que a instituição tomava, após a sua inauguração, em 1924, voltava-se para cursos de interesse das classes médias da sociedade ituana, corte e costura e auxiliar de comércio, por exemplo, para formar jovens modistas e atuantes bancários e contadores. Se o primeiro era matutino e dedicado exclusivamente ao público feminino, o segundo era misto e noturno, um dos mais procurados do período. A cidade crescia, o comércio aumentava, aquecido em um novo momento da economia, superando a queda mundial da produção cafeeira, tão significativa em nossa região.

No currículo dos novos cursos, além da formação específica de área, havia disciplinas gerais, dentre elas, música. É extraordinário pensar que houve um tempo em que as instituições se preocupavam com a formação artística dos jovens, muito antes da lei nacional, de 2011, que orienta a educação musical que, infelizmente, pode acontecer em uma realidade mestre-aprendiz distante da educação formal.

A diretoria do IBAO buscou o mais abalizado músico ituano do período, respeitado maestro e compositor, Tristão Mariano da Costa Júnior, o Nhonhô Tristão. Era também uma maneira de oferecer ao seresteiro uma oportunidade de sustentar-se além da atuação com concertista.

Nascido em Itu, em 1880, Tristão Júnior, como também era conhecido, foi aluno do violinista italiano maestro Caríssimi, radicado no Colégio São Luís. Porém, o seu grande professor foi o próprio pai, mestre de capela e compositor de música sacra, de quem o filho herdou o talento, a batuta, a orquestra e uma agenda de festas religiosas e concertos, desde 1908, quando faleceu. Tristão Mariano e sua esposa Maria Augusta da Costa, notável cantora lírica, tiveram sete filhos músicos, dentre os quais o Nhonhô foi o mais conhecido.

Tristão Júnior também atuava em bailes, soirées e serestas, bastante afeito aos gêneros populares da música. Mas não podia viver somente da sua arte. Por alguns anos foi secretário da Câmara Municipal de Itu, para sustentar a família. Em 1932, passou a dedicar-se ao magistério da música, ao qual era habilitado desde que se formou na Escola Complementar de Piracicaba, em 1902. Ao

mesmo tempo em que se iniciava no IBAO, também era contratado pelo governo municipal de Itu como professor de música no novo Ginásio do Estado em Itu, que no futuro seria o "Regente Feijó".

Do outro lado desta história, no IBAO, estavam cinco jovens, já iniciadas no mundo da música, que desenvolveram conhecimentos e práticas artísticas através das aulas semanais que passaram a tomar com Tristão Júnior, e foram muito atuantes na música ituana nas décadas seguintes.

Ruth de Arruda (1913 – 2014) e Maria José de Arruda (1916 – 2009) eram irmãs. Já cantavam no coro da Pequena Liga, na Igreja do Carmo, desde crianças. Ruth, em 1927 passou a integrar a Orquestra de Tristão Júnior. Foi também aluna de piano da irmã dele, Maria Augusta da Costa Bauer (Nhanhã). Nesse interessante ano de 1932, Maria José e Ruth fizeram parte do novo Coro Santa Cecília, dirigido por Lídia Novelli, para a liturgia dominical na Igreja Matriz. Se Ruth foi ao IBAO para o Corte e Costura, Maria José frequentava o curso de Auxiliar de Comércio.

Laurinda de Francisco (1914 – 1998) e Noêmia de Francisco (1918 – 1974), também irmãs, eram filhas do violoncelista italiano Luiz de Francisco (Luigi Di Francesco). O pai exercia discreta liderança musical, seja na Corporação Musical União dos Artistas, onde foi presidente em 1930 e 31 ou na Orquestra da Sociedade de Cultura Musical, que fundou em Itu com o Padre José Maria Monteiro, reunindo os músicos ituanos. Esse grupo ensaiava semanalmente no IBAO. Laurinda era colega de Ruth, no Corte e Costura, e Noêmia estava na turma de Maria José, no Auxiliar de Comércio. Se as irmãs Arruda cresceram no Carmo, atuantes nos grupos infantis, as De Francisco eram ligadíssimas ao Bom Jesus, onde fizeram parte da Cruzada Eucarística e eram Filhas de Maria.

Outra aluna foi Aracy Xavier, sobrinha de Isaltina Xavier, cantora na Orquestra de Nhonhô Tristão. Casada em 1920 com Cornélio Pinho, sacristão na Igreja Matriz, Isaltina iniciou a sobrinha Cicy na música e na Igreja. No IBAO, a jovem era colega de Laurinda e Ruth.

No tempo de formação (1932 – 1934), as cinco moças tiveram oportunidade de estudar leitura e escrita musical, solfejo e prática de canto coral, conforme depoimento de Maria José de Arruda, em 1998. Ruth também em depoimento (2013) referia-se ao período como um momento significativo de sua vida, quando conviveu com o mestre que já era o seu regente na música sacra e aprendeu muito do universo musical.

Resultado positivo desse tempo de estudos no IBAO, as cinco jovens se tornaram atuantes na música sacra em Itu, algumas como lideranças mesmo.

Com a morte de Tristão Júnior, em 1935, houve uma recomposição do ambiente musical ituano. O sobrinho, Luiz Gonzaga da Costa Júnior (Luizito), substituiu-o no Ginásio do Estado e tornou-se regente de orquestra. Mas os grupos musicais das igrejas precisaram se fortalecer, para suprir a falta da orquestra. Nesse ponto é que vemos a importante atuação das ex-alunas de Nhonhô.

Laurinda e Noêmia ingressaram no Coro do Bom Jesus e permaneceram. Noêmia cantava na voz de contralto e, dada a personalidade e formação, tornou-se diretora do grupo, organizando o repertório, a agenda de ensaios e atuando como solista no grupo, em que era organista Roberto de Francisco, seu irmão. Noêmia faleceu prematuramente em 1974. Laurinda foi cantora soprano no grupo, atuante também junto ao arquivo do coro, selecionando repertório, com gosto especial para a música sacra do período Ceciliano, por exemplo obras de Perosi e Camatari, que se manteve vivo até 1992, mesmo depois da reorganização da música no Brasil, fruto de interpretação do Concílio Vaticano II.

Maria José e Ruth continuaram ativas cantoras no Coro do Carmo, Maria José contralto e Ruth soprano. Esta tornou-se solista no grupo e foi regente assistente do Coral Vozes de Itu por duas décadas. Em 1978, recriou o Coro da Igreja Matriz, já com repertório controlado pelos grupos de liturgia da Igreja. Foi regente até os 94 anos, subindo as escadas do coro para dirigir a música da missa dominical, às 19h. Viveu 101 anos. Dessas quatro, nenhuma foi pianista ou organista, somente cantoras e regente.

A única organista, já na década de 1930, foi Aracy Xavier (Cicy) que acompanhava o Coro do Carmo *ao harmonium* e ensaiava o grupo de crianças pelo menos até a década de 1960.

A formação musical que as cinco jovens tiveram no IBAO foi decisiva para consolidar o seu exercício na música ituana, mantendo viva uma tradição musical secular, cujos registros têm sido alvo de estudos no Museu da Música – Itu.

Luis Roberto da Rocha de Francisco

Luis Roberto da Rocha de Francisco – *é mestre em História Social (PUC-SP). Estudou Música na FAAM/FMU. Trabalha como professor no Colégio Almeida Júnior, atua também como organista e regente de coros. É curador do Museu da Música-Itu e membro da Academia Ituana de Letras.*

Bibliografia

FRANCISCO, Luís Roberto de. *A Paixão Segundo Itu: cultura e tradições na Semana Santa*. Itu: Editora Ottoni, 2005.

_____. Presença feminina na música sacra em Itu. *Cadernos de Música*, volume 01, Ano 01. Itu: 2011, Museu da Música – Itu.

_____. Serestas de Itu, almanaque. *Cadernos de Música*, volume 04, ano 04. Itu: 2011, Museu da Música – Itu.

Uma saga heroica

História de Abílio Savi

Adilson Savi

Abílio Savi nasceu em Itu em 1917, na Fazenda Embaúva, filho de Alfredo Savi e Maria Cosini. Frequentou o IBAO (Instituto Borges de Artes e Ofícios), quando o diretor era o sr. José de Toledo Piza, concluindo o curso de Auxiliar de Comércio em 22/12/1934, ainda jovem, com 17 anos de idade. Com esse diploma conseguiu empregar-se no escritório contábil do senhor João Boni onde os conhecimentos adquiridos no IBAO lhe permitiram ótima progressão nas atividades, revelando-se excelente funcionário.

Algum tempo depois tornou-se sócio proprietário desse escritório juntamente com o senhor Décio Salvadori, em 1937, o que deu origem ao nome da firma Escritório Contábil "SS " (Savi/Salvadori). Posteriormente com a saída do senhor Décio Salvadori, o novo sócio passou a ser seu irmão Plínio Savi, mantendo-se assim o nome "SS ". O escritório firmou-se e passou a realizar serviços contábeis de numerosas empresas ituanas, comerciais e industriais, tornando-se um dos principais escritórios contábeis da cidade. Muitos de seus funcionários, ao longo dos anos, ali adquiriram conhecimentos e experiência suficientes para tornarem-se proprietários de seus próprios escritórios, disseminando os ensinamentos de Abílio Savi.

Abílio Savi tornou-se pessoa conhecida e respeitada no município, o que o levou a eleger-se vereador, cargo que exerceu por 41 anos. Nesse contexto conseguiu, com sua esposa senhora Anna Maria Palermo Savi, criar uma família com seis filhos, todos com formação universitária.

O Escritório Contábil "SS", continua em atividade ininterrupta há 87 anos, até os dias atuais, tendo como proprietário um dos filhos de Abílio, Alvimar Savi, graduado em Ciências Contábeis, Direito e Estudos Sociais.

O sucesso que se reconhece na vida de Abílio Savi teve um marco determinante que foi o diploma obtido no IBAO, colocando-o numa trilha que percorreu com êxito total.

Adilson Savi

Adilson Savi (filho primogênito de Abílio Savi) nascido em Itu onde fez seus primeiros estudos e transferiu-se para Belo Horizonte/Minas Gerais, onde formou-se em medicina em 1966. Exerce a especialidade de patologia, da qual foi professor durante 50 anos.

A magia da madeira

Humberto Nizzola

Filho de Dante Nizzola e Rosa Pelaia Nizzola, nasci em Itu, em 30 de agosto de 1927. Sim, com a benção de Deus, tenho quase 100 anos e uma boa lucidez. Lembro-me com carinho e gratidão da minha infância e juventude.

A família era toda de carpinteiros e meu pai e irmãos trabalhavam numa serraria. Assim, após completar o primário no Grupo Escolar Cesário Motta, não é de se estranhar que frequentei o Curso de Marcenaria no IBAO, com 5 anos de duração, sendo que o último era de aperfeiçoamento. O grupo de alunos era pequeno, só 5 alunos. Meus colegas (in memoriam) de classe e oficina foram: Pedro Carvalho, Antônio Pinto Maranho, Alcides Correia, Isaltino Pires da Silva.

As aulas ocorriam em dois períodos. De manhã tínhamos aulas de Português, com o professor Calmom Solano Ribas, Matemática com o professor Perêca, Desenho para marcenaria com o professor Carmignani e Educação Física com um sargento do Quartel. À tarde, as aulas eram na oficina onde se aprendia a manobrar as máquinas e criar peças e móveis diferentes, a aplicar os desenhos. De tornearia tive apenas uma introdução. Dentre os objetos, lembro-me bem do ovo de Madeira, um cerzidor para meias (sim, naquele tempo se cerzia aos furos das meias), que até serviu para avaliação. Quanto aos móveis, fazíamos de tudo: cadeiras e mesas de diversos tipos, penteadeiras, armários, criados-mudos (atualmente chamados de mesa de cabeceira) e outros. O curioso é que nunca houve nenhum acidente durante os trabalhos nas máquinas da Oficina, nem com os alunos, nem com os professores.

A escola era rigorosa, mas excelente. Formou verdadeiros artistas. Eu fui um bom aluno, minhas notas eram boas, as melhores dos 5. Mesmo sendo bom aluno, fui suspenso duas vezes. A primeira suponho que foi de 8 dias, foi quando empurrei um colega na fila do recreio, coisa de moleque. A outra, aconteceu após eu jogar barro num colega e foi maior, pois foi uma suspensão de 15 dias. Havia rigor nas notas e na conduta.

As minhas aulas preferidas eram as que aconteciam na Oficina, meu lugar preferido. Também éramos mais amigos dos professores da marcenaria. Havia festinhas de aniversário, muitas brincadeiras com os colegas e paquerinhas também. No recreio, gostava de jogar futebol na quadra e ainda não era servida sopa aos alunos. Docinhos e pãezinhos eram vendidos pelas alunas de culinária

e embora fossem baratinhos, quase não comprava porque não tinha dinheiro sobrando em casa. Os lanchinhos só eram grátis para os professores, nos intervalos.

Encerrei o curso em 1944. Não me lembro de ter acontecido formatura ou festividade, inclusive recebi meu diploma em casa.

Em 30/06 de 44, com 17 anos, fui convidado pelo professor Carmignani, a trabalhar na Companhia Fiação e Tecelagem São Pedro conforme atesta minha Carteira Profissional. A fábrica fundada em 1911 estava sendo ampliada e remodelada então participei da produção de todos os móveis: para o escritório, refeitório, da creche, da sala de reuniões. Para esta sala especial os móveis abrangiam a grande mesa, cadeira e até chapeleira, pois os homens daquela época usavam sempre chapéus de feltro ou panamá, símbolo de status. Também usavam terno, geralmente de linho.

Aos domingos era requisitado pela Fábrica São Pedro, para trabalhar na usina hidroelétrica do Rio Tietê, que fornecia energia elétrica para a produção de sua indústria têxtil. O trabalho consistia na manutenção ou substituição das pranchas de madeira que compunham as comportas da usina. Essas pranchas eram parafusadas uma sobre as outras. Trabalhava pendurado em uma cadeirinha. Só eu fazia esse trabalho e recebia hora-extra.

A partir de 21 de março de 1948 prestei serviço militar, tendo sido dispensado no mesmo ano como cabo.

No mesmo ano casei-me com Zuleica dos Santos, a linda jovem nascida em Artur Nogueira e que trabalhava na Fábrica São Luiz. Tivemos um casal de filhos gêmeos: Gilberto e Iara. Minha filha faleceu há pouco tempo com problema no cérebro. Dizem que foi consequência da vacina do COVID. Não, sei. Só sei que é uma situação muito difícil para um pai…

Não fiz os móveis para minha casa, por ocasião de minhas núpcias. Não tinha ainda condição financeira para tal. Naquele tempo os filhos ajudavam os pais financeiramente. Quando me mudei para minha casa no Bairro Brasil, aí sim, fiz todos os móveis e alguns objetos.

Quando saí da Fábrica S. Pedro tive uma marcenaria em sociedade com um irmão, por 5 anos, na Rua Santa Rita. Depois, fui sócio de um sobrinho, Antônio Fanchini. Montamos a Marcenaria Nizzola e Fanchini, na Rua Santana em frente ao Clube São Pedro. Trabalhávamos muito, inclusive à noite. Em 03/09/1963 houve um incêndio que destruiu a marcenaria. Um funcionário fumante trabalhava à noite na lixadeira e inadvertidamente deixou cair uma "bituca" acesa que iniciou o fogo. Meu filho Gilberto, lembra-se bem: "*Tudo foi queimado e perdido. Dalí, mudaram-se para a Rua Manoel da Silveira Camargo onde hoje é a fábrica de ferramentas Tecnos Tools, onde iniciaram tudo de novo. Os*

credores ajudaram bastante. prorrogando as dívidas, esticando os prazos de vencimento de faturas e não deixaram de vender a prazo, pois meu pai e seu sócio sempre tinham sido bons pagadores. As provações da vida vieram acompanhadas de mais dramas, pois, depois de 3 meses, numa viagem a Botucatu, a serviço do sr. Chimini, um empresário de Itu, a perua Kombi capotou na Serra de Botucatu, caiu sob uma ponte num rio. Meu pai quebrou a perna e ficou 6 meses de cama."

Éramos incansáveis no trabalho. Nossos móveis estão presentes em muitos comércios e residências locais. Alguns exemplos são as mesas e cadeiras do Bar do Alemão, os armários de jacarandá da Bahia do Nelson Schincariol, entre outros. Para as padarias – que na época usavam somente forno a lenha, fazíamos as pás. Essas pás eram de madeira cedro e mediam 10 cm de largura, 1,5 cm de espessura e comprimentos variáveis até 5 metros. Atendíamos a Padaria Santo Antônio, na Rua Floriano Peixoto, a Brasileira ao lado da Igreja de Santa Rita, a Padaria Vila, no Largo do Quartel, a Boni na Vila Nova e demais padarias.

Quando meus filhos se casaram fiz os móveis deles. Hoje, moro sozinho, mas meu filho passa comigo todas as manhãs, compro meu almoço e para o jantar tenho sempre as sopinhas de minha nora, que também supervisiona a arrumação e faxina de minha casa: me considero abençoado. Sempre trabalhei muito, com ânimo, dedicação e firmeza. Fico abismado ouvindo falar que o país tem muitos jovens que nem trabalham e nem estudam. Deixo uma mensagem para eles e a todos os jovens. Estudem, se empenhem para construir seu futuro.

Eu entrei no IBAO por admirar meu pai trabalhando com madeira e para aprender novas técnicas. Saí de lá habilitado par construir a minha vida, da qual muito me orgulho.

Humberto Nizzola
Viúvo, 98 anos, marceneiro aposentado, um casal de filhos gêmeos, três netos, quatro bisnetas e duas tataranetas.

Porta retrato com as fotos do casal – Humberto e Zuleica.

Roberto de Francisco, aluno no IBAO

Luís Roberto de Francisco

Em 1939, Roberto de Francisco foi matriculado no IBAO. Ele não concluiu o curso, mas as informações sobre a sua matrícula e o perfil sócio-cultural do estudante servem à melhor compreensão da instituição, criada para formação e especialização técnica em atividades urbanas. Ao analisar os sobrenomes dos seus alunos na década de 1930, momento de seu florescimento, percebe-se que a instituição atendia, sobretudo, jovens de famílias urbanas em uma cidade até então fortemente rural; outro aspecto é que boa parte dos alunos eram brancos, descendentes de imigrantes, parcela nova no contexto social, que começava a participar de certos setores de liderança política e econômica. Um discreto exemplo é que avô de Roberto, Nicola Di Francesco (em Itu – Nicolau de Francisco), italiano, era membro da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, grupo eminentemente formado por homens das famílias tradicionais brasileiras, desde 1840, quando da sua criação.

Roberto nasceu em Itu em 5 de janeiro de 1924, filho do italiano Luigi (Luís) Di Francesco e de Maria Augusta dos Santos, filha de comerciante português. Luís e Maria Augusta tiveram dez filhos, todos ligados a atividades profissionais urbanas. Ele era açougueiro, inicialmente no Mercado Municipal, depois na Rua da Quitanda, 07, onde o seu pai Nicolau, já era açougueiro desde 1894. Maria Augusta era dona de casa, criando a numerosa família, mas filha de comerciante, o português Antonio Ignácio dos Santos, falecido em 1899, que manteve armazém de secos e molhados, pequena fazenda de gado e exploração de pedras (Varvito) para calçamento e alicerce. Roberto descendia dessa gente.

Dos irmãos de Roberto, Nicolino e Luiz Antonio eram bons desenhistas e trabalhavam na Fundição Irmãos Gazzola e na Fábrica São Luís, respectivamente. Laurinda e Noêmia já haviam se formado no IBAO, em corte e costura e comércio, correspondentemente, ambas em 1934. As outras irmãs estudaram no Colégio Patrocínio e no Instituto de Educação Regente Feijó, formando-se no Curso Normal: Olga, Helena, Maria Candelária, Dirce e Mercedes. Foram professoras no Grupo Escolar Dr. Cesário Mota. Portanto, todos em atividades urbanas.

Roberto, após concluir o curso primário, como todos os irmãos, no "Cesário Motta", foi estudar no IBAO. É perceptível o contexto de formação, para

gente como ele, geralmente envolvida no ambiente de negócios, a fim de incrementar, ampliar e levar adiante as suas atividades. Os sobrenomes italianos, portugueses, espanhóis e sírios aparecem com frequência.

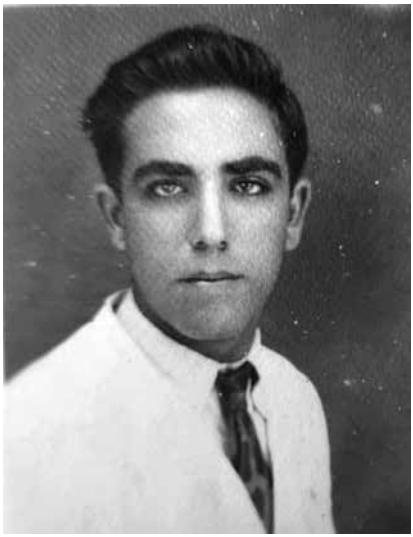
Parece que os planos, para Roberto, eram de continuidade dos negócios da família pequeno burguesa, afinal, na década de 1930, o seu pai encerrou a atividade como açougueiro e abriu a Colchoaria Jahú, fabriqueta de colchões funcionando em uma casa na Rua Paula Souza, altura do antigo Cine Marrocos, perto de onde moravam (viviam no número 125, vizinho ao Bar do Alemão). Quem sabe o jovem estaria sendo preparado para administrar esse empreendimento? Entre 1936, quando deixou o Cesário Motta, e 1939, ao matricular-se no IBAO, já estaria ajudando o pai? Essa memória se perdeu. Mas a hipótese ajuda a pensar no direcionamento dos jovens das classes urbanas para certas funções que exigiam maior escolaridade, em um país de maioria analfabeta. Noêmia, a irmã já formada no curso de auxiliar de comércio, empregou-se logo na Coletoria (Receita) Federal, onde aposentou-se no início da década de 1970. A empregabilidade da família em setores como educação e serviço público manteve o status da classe média de origem.

Aos 16 anos, em 1940, Roberto foi contratado para trabalhar no Cartório de 1º Ofício, que funcionava no Largo da Matriz, ao lado do Ituano Clube, posteriormente transferido para dentro do Fórum de Itu, na Rua Barão do Rio Branco, hoje sede da Câmara Municipal. Esta nova atividade pode ter tomado mais tempo na vida do jovem, oferecido outra perspectiva e o desencorajou a continuar. Também o seu pai, Luís, fechou a colchoaria e empregou-se no escritório da Fábrica São Pedro, auxiliar do guarda-livros, empenhado no registro da contabilidade da instituição, dada a sua belíssima caligrafia.

A curta passagem e aprendizado de Roberto de Francisco no IBAO foram bastante relevantes às suas múltiplas atividades: foi exímio datilógrafo, escrevente de notas e escrivão, acompanhando o juiz em audiências, considerado extremamente veloz; foi sacristão-ecônomo voluntário na Igreja do Bom Jesus, ocupando-se das contas da casa dos jesuítas e da igreja, habilidade de manutenção de livro-caixa desenvolvida no IBAO; aprendeu violoncelo com o Prof. Luigi Baldi, cujas aulas eram no IBAO, onde ensaiava a Orquestra do Centro de Cultura Musical de Itu; esse grupo foi fundado pelo seu pai, Luís, em parceria com o pároco Padre José Maria Monteiro e o Prof. Antonio Berreta. Roberto não levou adiante a prática do violoncelo, que o pai tocava, mas foi organista e regente de coro por três décadas na Igreja do Bom Jesus.

No cartório, Roberto trabalhou ao lado de Celso Pinto Marinho, posteriormente professor de datilografia no IBAO; ali exerceu diversas funções por

trinta e seis anos, aposentando-se como Oficial Maior em abril de 1976. Faleceu meses depois, a 6 de agosto, aos 52 anos.



INSTITUTO BORGES DE ARTES E OFÍCIOS

CURSO DE 94

ANO DE 1940

ESTADO CIVIL:- Comercio

ALUNO:- Roberto Francisco

FILIAÇÃO:- Luiz Francisco

NACIONALIDADE:- Bra

NASCIMENTO:- 6 de janeiro de 1924

RESIDENCIA:- R. Paulo Souza, 125

NACIONALIDADE DO PAI:- Italiana

PROFISSÃO:- Comerciante

DIPLOMADO:- Com "Grupo Escolar Cesario Motta"

Recebi os documentos referentes a esta matricula.

Itú, de de 194

Esse registro de matrícula, hoje acervo do Museu da Música – Itu, diz-nos muito, quando visto no contexto da cidade, da escola, da família e dos fenômenos sociais e culturais de seu tempo, ampliando a relevância do Instituto Borges de Artes e Ofícios para a cidade de Itu.

Luis Roberto de Francisco
Museu da Música

Suzana Melo Mesquita e a aquarela ituana dos anos 1930

Roberto Melo Mesquita*

Nos anos 1930, a técnica da aquarela floresceu como uma linguagem expressiva refinada entre artistas brasileiros, ganhando espaço para além dos estudos preparatórios e conquistando legitimidade como forma completa de expressão artística. Essa valorização coincidiu com uma crescente busca pela representação do cotidiano, das pequenas coisas, das naturezas-mortas — frutas, flores, aves, utensílios, tecidos etc.

Em cidades como Itu, onde a tradição artística se entrelaçava à vida social e educacional, a aquarela encontrou terreno fértil entre jovens estudantes talentosos, como Suzana Melo Mesquita, minha mãe.

*"Fiz o curso de Desenho e Pintura no Instituto Borges de Artes e Ofícios, com o professor Pery Guarany Blackman, em Itu. Era uma época encantadora. Eu estudei no Colégio Estadual** e, logo depois, frequentei o Instituto Borges, onde me sentia completamente à vontade com pincéis, lápis, papel e tintas."*

Em consulta à edição de 31 de dezembro de 1933 do jornal Progresso, o pesquisador Otoni Rodrigues da Silveira, meu primo e amigo, encontrou o nome de Suzana de Mello (nome de solteira) entre os aprovados do então recém-fundado Colégio Estadual de Itu, ao lado de figuras marcantes como José Benedito Motta (Zizo Motta), João dos Santos Bispo, Horácio Mesquita Camargo, Benedito Ribeiro V. Camargo ("Perecão"), Mansueto Santoro, Mozart Cesar, Paulo de Francisco e Mario Macedo Junior ("Mariozito").

Sua experiência no Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO) foi marcante. Em seu relato escrito em 1989, pouco antes de falecer, Suzana narrou com emoção e detalhamento sua passagem pelo curso de Desenho e Pintura ministrado pelo professor Pery Guarany Blackman, referência fundamental da formação artística ituana no século XX.

O talento de Suzana logo chamou atenção: ainda jovem, entre os anos de 1936 e 1937, realizou três exposições de aquarelas — o que, para uma estudante da época, representava não apenas um feito artístico, mas também um sinal de reconhecimento e prestígio. Suas obras, caracterizadas por naturezas-mortas delicadas e harmoniosas, revelam um equilíbrio entre a observação rigorosa e o gesto leve, próprio da técnica da aquarela.

A sensibilidade de Suzana pode ser percebida em obras como aquela que

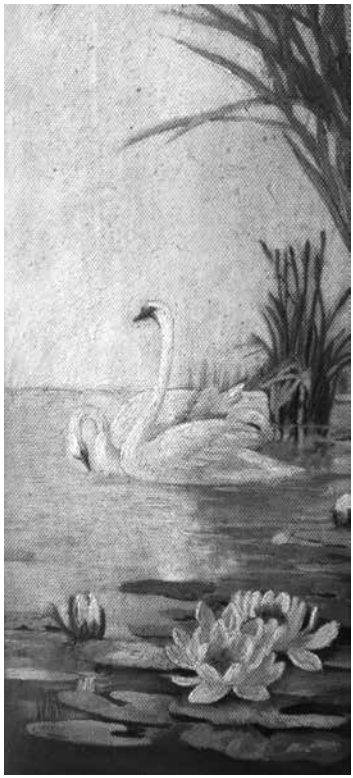
retrata um ambiente aquático tranquilo, com cisnes, lírios-d'água e vegetação aquática. A artista demonstra habilidade em capturar a beleza natural e evocar uma atmosfera pacífica. O estilo suave e impressionista da pintura, com pinceladas visíveis e cores delicadas, contribui para a sensação de calma e serenidade.

Sua fala, simples e lírica, revela o quanto a arte fazia parte de sua vida e identidade. E esse vínculo com o IBAO inscreve-se também na história da cidade.

Que a memória de Suzana de Melo, com seus pincéis suaves e sua sensibilidade para o detalhe, seja lembrada entre aqueles que ajudaram a construir o legado artístico do Instituto Borges de Artes e Ofícios.

Algumas aquarelas de Suzana Melo Mesquita do meu acervo, do acervo de Tereza Cristina Melo Mesquita, minha irmã e do acervo de Inácio de Melo Mesquita, meu irmão

As aquarelas de Suzana Melo, produzidas durante sua formação no Instituto Borges de Artes e Ofícios entre 1935 e 1937, revelam não apenas sua sensibilidade, mas também o domínio técnico alcançado ainda em sua juventude. A seguir, apresentamos seis obras preservadas pela família, com comentários que destacam suas qualidades artísticas…



Cisnes e Nenúfares

Esta obra foi apresentada na prova final do curso de Desenho e Pintura no IBAO. Dois cisnes flutuam graciosamente sobre um espelho-d'água pontilhado por lírios e vegetação aquática. A cena é serena, silenciosa e encantadora. As pinceladas suaves e o uso sutil da luz criam uma atmosfera impressionista, onde a calma e a contemplação se fazem presentes. É uma obra que transmite a harmonia entre técnica e sentimento.

Pássaros no Galho
Duas aves exóticas pousadas em um galho compõem uma cena de delicadeza e cumplicidade. Os corpos se tocam suavemente, e a plumagem vibrante — em tons de amarelo, verde, azul e vermelho — confere dinamismo à imagem, contrastando com o fundo suave e esbatido. Suzana demonstra aqui notável domínio da técnica da aquarela: as transições de cor são suaves, e os contornos, embora bem definidos, mantêm certa leveza. Há graça na postura das aves, serenidade na ambientação, e um lirismo sutil que transforma a cena naturalista em expressão de afeto e beleza.

Essas obras não apenas testemunham o talento de Suzana Melo Mesquita, mas também guardam a memória de um tempo em que a arte se aprendia com calma, atenção e afeto. Em cada aquarela, há algo de sua personalidade — firme e delicada ao mesmo tempo. Que sejam vistas e lembradas como parte da rica história artística de Itu e do Instituto Borges de Artes e Ofícios.

Roberto Melo Mesquita
Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Autor de inúmeros livros publicados pela Editora Saraiva. Professor de Português e Latim, licenciado pela PUC-SP, lecionou em escolas particulares e públicas de São Paulo e em várias universidades, entre as quais a PUC-SP e a Universidade Paulista (UNIP). É sócio da Associação Brasileira dos Autores de Livros Educativos (ABRALE), da qual já foi vice-presidente. Membro da Academia Ituana de Letras (ACADIL), onde ocupa a cadeira de número 33. Membro do Grupo de Pesquisas em Historiografia da Língua Portuguesa (GPeHLP) do IP/PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisas em Educação Linguística (GPDULING) do IP-PUC-SP.
(e-mail: melomesquita@uol.com.br)

Exímio marceneiro formado em 1934 pelo IBAO/Liceu

Sandra Francisca Galdini Carvalho

"As peças de mobílias mais antigas da humanidade, provêm do Egito antigo, 300 a.C. Talvez tenha sido umas das primeiras civilizações ase sofisticar em seus costumes, o que incluiu o uso de móveis de madeira."

Foto da Formatura de Marcenaria IBAO/ LICEU ITU 1.934
Da esquerda pra direita estão os formandos:
Luiz Gil, Pedro Robusti, Primo Sebastião Galdini, José Magnani, Antônio Trabachini,
Santo Pascoal, José Walter Robusti, Antonio Pascoal, José Elias Dias, Durval Ribeiro.
Sentados: Professor Marcílio Mendes,
Diretor José Toledo Piza, Professor Lourenço Carmignani.

Meu saudoso e querido pai Primo Sebastião Galdini, sempre lembrava com orgulho, de sua formação profissional no IBAO/LICEU, como marceneiro da turma de 1934, desde menino queria seguir os passos de seu avô Primo e seu pai Florindo, que na Itália trabalhavam nessa profissão. Suas primeiros obras, foram pequenos presentes pra minha saudosa mãe Benedita M. Rodrigues Galdini.

No ano de 1938, mamãe ganhou de presente de casamento de seu tio, uma árvore de Peroba, onde papai com suas ferramentas e sua criatividade, construiu um pequeno jogo de quarto para o casal. Continuou por anos, fazendo móveis para a família, desde berço, guarda-roupas, camas, mesas cadeiras, concomitante com seu trabalho na Marcenaria Irmãos Robusti.

Presentes artesanais que fez pra mamãe: Um livro segredo onde ela guardava as economias, uma caixinha surpresa pra assustar, uma bandeja com iniciais em coração BMR e outros mimos. (fotos abaixo)

Graças ao seu ofício, sua habilidade e empenho, juntamente com mamãe, operária da Fábrica de Tecidos São Luiz, criaram seus 7 filhos.

Trabalhou por muitos anos na marcenaria dos Irmãos Robusti. Passou uma vida, esculpindo, plainando, envernizando, entalhando, empalhando lindos móveis.

Jovens marceneiros: Durval Ribeiro, Primo Galdini, Walter Robusti.

Bandeja em mogno feita com amor pra Benedita M. Rodrigues.

A arte de trabalhar a madeira na família Gardini/Galdini

Trecho extraído e adaptado do livro: Italianos em Itu, volume 2 – escrito pelo seu filho Romeu Galdini

Grandes mestres da arquitetura, ciência, escultura, literatura, pintura, etc. viviam em Firenze (Florença) Itália, meninos ainda na infância, eram encaminhados aos grandes ateliers dos artistas locais para aprender um ofício - escultor, ferreiro, marceneiro, pintor etc.

Firenze é também berço da Família Gardini, onde nasceu nosso bisavô *Primo Gardini*, que foi aprendiz de oficio de marceneiro.

Com a recessão do final o século XIX, atingiram as Províncias *e Comuni* (cidades) de toda Toscana e grande parte da Itália e outros países da Europa. Tornou-se famosa a frase: "Conquistar a América", novas terras, novas vidas, onde com um bom ofício, poderiam construir um novo mundo!

Primo Gardini, casado com Isabela, seus filhos, entre eles, nono Florindo (nosso avô paterno), juntamente com outras famílias oriundas de outras Regiões da Itália, deixaram Firenze entre os anos 1880 a 1890.

Ao desembarcarem em Santos, as famílias se dispersaram entre Santo André, Curitiba, Jundiaí e Itu. No mesmo navio, veio a família Canavezzi e sua filha Carlota (que viria ser nossa bisavó).

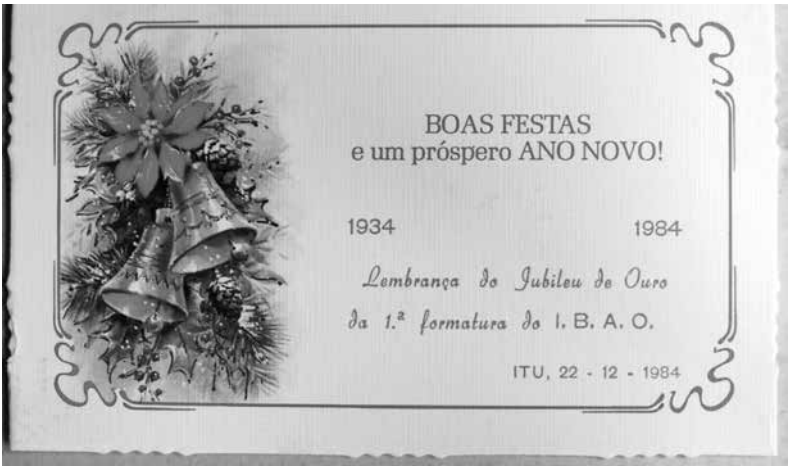
Casaram-se e instalaram-se no largo do Quartel (Antigo Colégio São Luiz). Com muita dificuldade criaram seus 10 filhos, entre eles meu pai, Primo Sebastião Galdini, que nasceu em Itu em 20 de janeiro de 1915, estudou e se formou no Liceu Instituto Borges de Artes e Oficio – IBAO, no curso de marceneiro. Além da formação obtida nessa importante escola de Itu, teve o privilégio de herdar do avô Primo, uma veia artística para desenho, e talhamento em madeira, além de uma veia cômica e bem humorada e suas divertidas charges.

Foi um artista em desenhos e projetos nas fabricações de móveis. Montava cristaleiras, cômodas, armários, guarda roupas, camas e mesas. Todos esses móveis com ricos entalhamentos de flores e outros desenhos em madeira maciça, também fazia uso de pirógrafo, criando verdadeiras obras de arte! Muitos desses entalhamentos, eram solicitados pelos clientes, por conhecer seu belo trabalho.

Nas horas de folga e nos finais de semana, meu pai era também carpinteiro, onde assentava portas, batentes e construía todo madeiramento de telhados de muitas casas em toda região.

Meu pai realizou dois dos seus principais sonhos: ter um chapéu Panamá legítimo, comprado em São Paulo, onde o guardava com zelo na embalagem original; e um terno de linho branco, que como de costume na época, era usado bem amarrotado! Apaixonado pelo Palestra Itália, foi um grande torcedor palmeirense. Ouvia os jogos pelo seu rádio de estimação e depois pela TV. sempre torcendo freneticamente pelo Verdão. Outro fato que nosso pai adorava, era pescar com toda família, na Ilha do Belisário no Rio Tietê, estrada de Cabreúva/Itu. O Rio Tietê era bastante piscoso, puro e caudaloso na época, onde as pessoas atravessavam de bote, nadavam e pescavam.

Formatura da Primeira turma – 1934 – três cursos.



Lembrança do Jubileu de Ouro da formatura da Primeira turma.

Colaboração

Contribuíram com relatos e lembranças vivenciadas, fotos do período escolar IBAO e fotos das artes e ferramentas guardadas com carinho pela família Galdini: Teresinha Galdini Raimundo, Ednéia Galdini, Meire Galdini, do Prado. Borges, Míriam Galdini, Vera Paiva Galdini, in memoriam Antonio Galdini e Romeu Galdini.

Sandra Francisca Galdini Carvalho

Ituana, casada, 3 filhos e 3 netos, aposentada. Trabalhou na MIMO com Recrutamento e Seleção de Pessoal. No final dos anos 70 ainda estudante, começou no Magistério, onde trabalhou por cerca de 25 anos, exercendo as funções de: Professora Estável/Efetiva de História, Geografia, Estudos Socias, E.M.C, Sociologia e Filosofia. Foi Coordenadora do Centro Cívico Escolar na Escola Santo Inácio Itu, PCP (Professor Coordenador Pedagógico) nas Escolas Regente Feijó e Pinheiro Júnior em ITU, aposentando como Professor ATP (Assistente Técnico Pedagógico) na Oficina Pedagógica DER ITU.

Anos 40 a 60

Na administração de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde Pública, governo Vargas, entre 1934 e 1945, ocorreu uma significativa reforma educacional. A reforma conhecida como "Reforma Capanema", ou "Leis Orgânicas", transformou profundamente o panorama educacional brasileiro e estabeleceu um sistema padronizado em todo país. A valorização da moral, civismo e responsabilidades na educação refletem os objetivos do Estado Novo, destacando a autoimagem do brasileiro e a construção de uma identidade nacional.

Foram esses os Decretos-leis:

- 4.073, de 30 de janeiro de 1942, que organizou o ensino industrial;
- 4.048, de 22 de janeiro de 1942, que instituiu o SENAI;
- 4.244 de 9 de abril de 1942, que organizou o ensino secundário em dois ciclos: o ginasial, com quatro anos, e o colegial, com três anos;
- 6.141, de 28 de dezembro de 1943, que reformou o ensino comercial**.**
- 8.529, de 02 de janeiro de 1946, que organizou o ensino primário
- 8.530, de 02 de janeiro de 1946, que organizou o ensino normal;
- 8.621 e 8622, de 10 de janeiro de 1946, que criaram o SENAC;
- 9.613 de 20 de agosto de 1946, que organizou o ensino agrícola.

A Lei Orgânica do Ensino Comercial, destacava três tipos de ensino:

1 • Cursos de formação básica – Após primário – ministrado em escolas de Comércio ou outras. Os cursos básicos deveriam conter disciplinas de cultura geral e disciplinas técnicas; se diurno: Educação Física para as meninas e, para os meninos, Educação Pré-militar; Religião, sem caráter obrigatório; Ano letivo de 15 de março a 17 de dezembro, carga horária de aulas semanais de 18 a 21h.

2 • Curso Técnico – com duração de 3 anos – com indicação de cinco tipos: Comércio e Propaganda; Administração; Contabilidade, Estatística e Secretariado – Nível Secundário – Escolas Técnicas.

3 • Cursos de Aperfeiçoamento.

Assim, aplicando a lei nacional, o IBAO, não sendo uma escola técnica, continuou com o curso de formação básica, Auxiliar de Comércio, que já oferecia anteriormente, com base nas leis anteriores de Aprendizes e Artífices e dos Liceus. Um dos mais procurados, este curso preparava seus alunos para o trabalho em estabelecimentos comerciais, como vendedores, office-boys, ou secretárias, auxiliares de escritório, escriturários contabilistas, também em indústrias ou escritórios de contabilidade, denominados guarda livros.

Assim, a grade curricular do referido curso no IBAO, de acordo com a legislação vigente e as escolas oficiais, era a seguinte:

Primeira Série – Português, Matemática, Escrituração Mercantil, Correspondência Comercial e Datilografia.

Segunda Série – Português, Matemática, Escrituração Mercantil, Correspondência Comercial, Organização Comercial, Datilografia e Taquigrafia. (SOARES e CYTRYNOWICZ, 2020, pág. 99)

Ainda segundo os mesmos autores, a procura pelo curso era crescente, de tal forma que em 1950 foi instituída mais uma classe e em 1952 havia 150 alunos matriculados.

Os Guarda-livros

Os primeiros contabilistas surgiram na antiguidade, mas Frei Luca Pacioli é considerado o pai da contabilidade por introduzir na Idade Média, a ideia de registrar transações em créditos e débitos.

No Brasil, a contabilidade começou com a colonização, destacando-se Gaspar Lamego, responsável pelos Armazéns Portugueses, como o primeiro contador, em 1549. Após a Independência, houve a regulamentação da profissão em 1870, sendo a contabilidade a primeira profissão liberal reconhecida no país, com contadores conhecidos como "guarda-livros" O termo **"guarda-livros"** é originário do inglês *bookkeeper*, significando profissionais que mantinham registros contábeis impecáveis em extensos livros-caixa.

Durante o século XX, a contabilidade no Brasil passou por significativas transformações.

A contabilidade teve sua primeira escola em nosso país, com a inauguração da Escola de Comércio Álvares Penteado, em 1902.

Em 1931, o Decreto nº 20.158 estruturou a educação comercial e regulamentou a profissão, estabelecendo cursos de contabilidade e categorias profissionais: o guarda-livros com a duração de 2 anos e o perito-contador, com 3 anos. Quinze anos depois, o Conselho Federal de Contabilidade foi criado para supervisionar a atividade contábil no país.

Com a chegada de empresas americanas, os contadores começaram a adotar uma abordagem mais estratégica em seu trabalho.

Entre os anos 1950 e 1960, contadores no Brasil, ainda eram chamados de guarda-livros, uma nomenclatura que caiu em desuso nos anos 1970. Muitos deles recordam de fichas e diários, além de uma grande quantidade de papéis. Os microcomputadores, na década de 1980, trouxeram mais agilidade e precisão, embora a papelada ainda fosse abundante. Nos anos 1990, com a

introdução de sistemas de gestão mais desenvolvidos, as contabilidades passaram a ter um papel estratégico crucial nas empresas.

IBAO representa para Itu a primeira escola a formar guarda-livros. Em1932, após uma reforma do prédio e uma reorganização escolar, foi oferecido o curso de Auxiliar de Comércio. Com o êxodo rural, a zona urbana cresceu, assim como o comércio e a indústria, sobretudo a têxtil. Assim o curso atendia os estabelecimentos comerciais, na venda dos produtos e nos seus respectivos escritórios. O mesmo aconteceu nas indústrias existentes, conforme atestam os depoimentos de vários ex-alunos. Por muito tempo foi a única escola a oferecer essa profissionalização, e de forma gratuita. Somente em 1954, aqui foi fundada a Escola Técnica de Comércio Junqueira Ortiz que formava técnicos em contabilidade.

O Curso de Auxiliar de Comércio do IBAO, formou em classes mistas, no período noturno 383 alunos, até ser encerrado em 1966.

O curso tinha duração de dois anos e em todo o período oferecia as disciplinas, Português e Matemática, bem como as matérias específicas, Escrituração Mercantil, Correspondência Comercial, Datilografia e Taquigrafia. No segundo ano, a matéria Organização Comercial era incorporada a grade curricular.

Segundo o depoimento de Nerina Bianchi Higel no ano 1939, o curso de Datilografia não era realizado na escola. A ex-aluna afirma que tanto ela como os demais alunos aprenderam a datilografar com a Da. Emília Silveira. Algum convênio, talvez. Já nos anos seguintes, as aulas de Datilografia ocorriam numa sala no pavimento superior, onde estavam as máquinas de escrever, como é possível verificar na informação de Maria Geralda Portes Belucci sobre 1952-1953. E havia aprendizagem de taquigrafia.

Segundo a planilha onde consta a relação de professores do IBAO, gentilmente fornecida por Bruno Furquim, foram esses os professores de Datilografia:

- 1933 a 1943 – Francisca Ribas;
- 1939 a 1969 – Auxiliar de Datilografia – Maria do Carmo Mantovani;
- 1943 a 1947 – Antonio Iani; 1949 a 1950 – Maria Angélica Ming de Mesquita;
- 1949 a 1952 – Oscar Serra; 1951 a 1966 - Celso Pinto Marinho.

Quanto às aulas de Taquigrafia, o charme do curso, foram bem lembradas nos depoimentos. Os relatos também testemunham a importância desse curso para muitos alunos, representando um passaporte para seus primeiros empregos e um grande suporte em suas vidas.

O curso profissionalizante Corte e Confecção, no período das 11 às 17h30, incluía em seu currículo aulas de Português, Matemática, História, Geografia,

Desenho, Corte e Costura, Tecnologia (das máquinas). Havia também aulas de Economia Doméstica, com aprendizado para lavanderia (lavar, produtos, engomar), decoração e culinária. As aulas de Corte e Costura abrangiam molde, modelagem, corte, costura e arremate. Os arremates de costura eram manuais constituindo os processos de *chulear,* dando acabamento no avesso para o tecido não desfiar entorno das costuras; *casear,* abrir casas para os botões, *pregar* esses botões, colchetes e ganchos e fazer bainhas com costuras invisíveis. Lembrando que só existiam as máquinas de costura reta, bem depois surgiram as que faziam ziguezague e posteriormente as de overloque para os acabamentos. Sim, tudo era manual na época.

Havia também aulas de bordado à mão e à máquina, para o aprendizado dos mais variados pontos a serem utilizados em roupas de cama, mesa e vestimenta. Muitas roupas eram bordadas à mão, aplicando os pontos aprendidos. Destaque para as peças de "*lingerie*", como era chamada a moda de peças íntimas femininas, que englobava calcinha, sutiã, combinação, anágua, camisolas. Esses itens eram confeccionados em algodão ou cetim, com renda aplicada manualmente com ponto paris caprichado. Não havia ainda moda íntima pronta, nem masculina, nem feminina. Aliás, nem mesmo as roupas comuns. Tudo era feito por costureiras – que faziam desde as roupas íntimas masculinas e femininas, como vestidos, saias, tailleurs, roupas de festa e de noiva com bordados, lantejoulas, vidrilhos, inspirados e copiados de revistas de moda, sobretudo francesas. As costureiras faziam até ternos masculinos que eram específicos dos alfaiates. Consequentemente, havia no comércio de Itu lojas de tecido e aviamentos, onde os alunos do Curso de Auxiliar de Comércio trabalharam, assim como nas indústrias têxteis. Muitas alunas se transformaram em grandes costureiras e bordadeiras. A maioria trabalhando em casa. No curso aprendiam até a cerzir meias e malhas utilizando o ovo de madeira produzido na marcenaria.

O ensino do bordado era obrigatório segundo as leis que regulavam a escolaridade feminina. As meninas aprendiam diversos tipos de pontos que compunham um mostruário e eram avaliadas pela limpeza e perfeição de suas peças, pois bordar era um processo rigoroso, onde a perfeição era fundamental. Com o tempo, esse ensino começou a desaparecer, influenciado por mudanças no papel das mulheres na sociedade e pela valorização de outros conhecimentos.

Às aprendizes era ensinado também o crochê, e executavam peças que eram comuns na época, como toalhinhas para quarto, sala, cozinha e caminhos de mesa, bem como alguns tipos de bicos para barras de toalhas. Aos poucos, com a industrialização, o interesse pelo crochê diminuiu, mas, ao contrário do

bordado, voltou a valorizar-se com o tempo, evoluindo para peças artísticas e de moda, presentes na decoração, vestuário e até em intervenções urbanas. O mesmo aconteceu com o tricô. Na época em que as alunas aprendiam a tricotar na escola, a fazer seus mostruários de pontos, como com o crochê, o tricô era visto como uma aprendizagem doméstica, quando muito uma possibilidade de aumento na renda familiar. Também foi valorizado pelos estilistas, que o introduziram em suas coleções. Hoje, o tricô e o crochê são formas de arte globais, beneficiadas pelas mídias sociais e pela internet, que possibilitam a troca de projetos e o aprendizado, unindo comunidades apaixonadas. Além de serem formas de expressão criativa, também possuem benefícios terapêuticos, ajudando a relaxar a mente e a melhorar a coordenação motora.

Quanto ao ensino de culinária nas escolas, no início do século XX, era considerado parte da educação doméstica, especialmente para meninas, com o objetivo de prepará-las para as responsabilidades do lar, como donas de casa competentes. Assim, era o foco dos cursos iniciais no IBAO, para as alunas aprendizes, e mais tarde, para as do Ginásio Industrial.

Algumas leis dos anos 40, como a Lei Orgânica do Ensino Primário e a do Ensino Normal, mencionavam a importância da educação doméstica, que incluía cozinha, mas não havia leis específicas para a educação culinária nesse período. Decretos-Lei também falavam sobre ensino profissionalizante, mas sem foco na culinária. Assim, muitas escolas ofereciam noções de Economia Doméstica, mas não culinária, diferentemente do que acontecia no IBAO, até mesmo nos anos 60, no período do Ginásio Industrial.

Decretos-Lei também falavam sobre ensino profissionalizante, mas sem foco na culinária. Assim, muitas escolas ofereciam noções de Economia Doméstica, mas não culinária, deferentemente do que acontecia no IBAO, até mesmo no período seguinte.

O curso de Culinária, no segundo ano, era bem prestigiado. Ex-alunos alegremente se recordam de terem saboreado os resultados da aprendizagem das alunas, entre os quais, os mais famosos apontados foram o pão de minuto e as rapadurinhas de banana. Alguns familiares perpetuam as receitas até hoje, como é o caso de Cida Micai que nos relata o fato em seu depoimento e nos brinda com a receita de sua mãe, Sra. Josefa Luiza Ribeiro.

Foram emitidos 195 certificados de conclusão deste curso, de 1934 a 1963, com grande predominância de quantidade de alunas nos 10 primeiros anos. Motivo para o encerramento do curso? Foram vários: a industrialização, roupas prontas, o feminismo e outros interesses, abrangendo questões sociais, culturais e econômicos.

O curso de Mecânica e o de Marcenaria tinham duração de três anos. O Curso de Mecânica do IBAO iniciou sua primeira turma em 1942 com classes muito pequenas e poucos maquinários oferecidos.

O de Marcenaria iniciado na década anterior, continuava com a mesma estrutura e organização já apontada no capítulo*, E no início, Lyceu*. Foram emitidos 88 certificados dessa habilitação no período de 1934 a seu encerramento em 1963, com a última turma bem pequena, com apenas sete alunos.

O curso de Mecânica formou apenas 17 alunos e a partir de 1946 passou a ser oferecido pelo SENAI, nas dependências do IBAO, graças ao contrato firmado entre as duas entidades que perdurou por 25 anos, até a conclusão do prédio próprio da instituição industrial.

O IBAO não possuía muitos alunos, o que era criticado pelos jornais de então, mas os mesmos jornais da época anunciavam as vendas de trabalhos de alunos, exaltando a instituição, a qualidade da produção, o prazo e divulgavam os produtos dos três cursos, a serem vendidos, conforme citado em Sousa e Cytrynowicz, página 72.

- *Marcenaria* – tornearia e entalhe – móveis em geral.
- *Mecânica* – torno e plaina – vitrôs, grades de ferro e outros.

A produção do curso feminino também era vendida como se vê, a seguir:

- *Corte e confecção* – vestidos de senhoras, roupas de crianças, bordados e enxovais.
- *Economia Doméstica* – doces para festas e demais serviços de arte culinária.

A produção ia além-fronteiras municipais, atendendo a região e até recebendo encomendas da então capital, Rio de Janeiro.

A partir de 1964, acompanhando a legislação vigente, o IBAO passou a oferecer o chamado Ginásio Industrial, no período diurno.

Referências

ALARIO, Mônica Agda de Souza. Os estilistas e a produção de moda. UNESP, Araraquara. SP, 2007.

BELUCCI, Marcia Cristina, Instituto Borges de Artes e Ofícios de Itu: escola profissional deixada em testamento por brasileiro de torna-viagem / Márcia Cristina Belucci. – Sorocaba, SP, 2015. 218p. Disponível em *https//uniso.br>-dissertações> marcia.belucci* (pdf), Acesso em 12 de março de 2025.

CARVALHO, Mariana Diniz de. Educando donzelas: trabalhos manuais e ensino religioso (1859-1934). 2017. 241 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo/SP, 2017. Acesso em 10 de maio de 2025.

FRANCO, Ariovaldo. De caçador a gourmet: uma história da gastronomia. 3ª edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

Prato cheio de história – Revista Época, 26 de agosto de 2015.

MENEZES, E. T; SANTOS, T. H. Verbete Reforma Capanema. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <*https://educabrasil.com.br/reforma-capanema/*>. Acesso em 20 mar. 2025.

SOUZA, Jonas Soares de; CYTRYNOWICZ, Roney e colaboradores. História da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu (1940–1990), Narrativa Um, 2004.

https://escoladeartesmanuais.com.br/blog/a-historia-do-croche

https://motherknitter.com/history-of-knitting/

Os anos 40 – 60 forneceram ricos relatos de magníficas experiências, envolvendo linhas, tecidos, madeira, culinária, escrituração, contabilidade, formaturas e muita gratidão. Uma boa tessitura para o *IBAO E EU*, incluindo o doce de bananinha, que até hoje faz parte da memória e do imaginário dos ex-alunos.

O IBAO E EU

"Careta"

Ivani Vaz

O professor Anibal Miranda, o "Careta" como seus amigos, carinhosamente, o chamavam, nasceu em São Paulo em 1912, mas tornou-se ituano de coração ao mudar-se para esta cidade em 1947.

Estudou e trabalhou no "Liceu de Artes e Ofícios" de São Paulo, junto à Pinacoteca. Em Itu trabalhou na Escola Senai e no Instituto Borges de Artes e Ofícios, antigo Liceu, onde, além das aulas, exerceu inúmeras atividades paralelas.

Como professor era amigo dos alunos, mas exigente na confecção dos trabalhos. Costumava pendurar cartazes com dizeres estimulantes, como tais: "Um trabalho bem feito não é feito duas vezes", ou "nada se consegue sem dedicação e trabalho".

Autodidata, tinha conhecimento de inglês numa época em que isso era raro. Aprazia-se em estudar psicologia e filosofia e seus conhecimentos da Bíblia eram profundos. Na sua opinião, os dizeres do Novo Testamento eram, na realidade, um "manual" para nossa vida, e não apenas lindas palavras para fins religiosos. Amante de uma boa leitura, seu livro predileto foi "O velho e o Mar" de Ernest Hemingway.

Católico praticante, pertenceu à "Liga Católica Jesus Maria e José" e foi também cursilhista, rotariano e voluntário na APAE. Gostava de uma "caipirinha" e do convívio com os amigos, sendo contador de "causos" e piadas. Escrevia artigos, geralmente sobre pescarias, mas também sobre vários assuntos, publicados nos jornais da cidade. Vários desses artigos – 84 foram publicados, em 2007 na forma de um livro, "Causos de Pescador", pela Editora Ottoni.

Amante da pescaria, tinha um lema que gostava de falar sempre: "só pesco com vara, pois acho desigual a pescaria com redes. Na vara, o peixe tem a mesma chance de luta. Pode pegar a isca e fugir, enquanto na rede ou tarrafa não tem".

Participou de concursos literários, sendo vencedor certa vez, de um dos mesmos, sobre a "terceira idade". O tema com o qual venceu foi "Que é que quer dizer idoso", no qual salientava que as coisas velhas perdem valor, mas antiguidades mais se valorizam à medida que o tempo passa.

Além de ensinar as técnicas de modelagem em argila e trabalhos de machetaria em madeira, era ele próprio um verdadeiro artista, produzindo algumas obras, das quais duas participaram em exposições e concurso do SENAI, em São Paulo. Como desenhista deixou alguns belos quadros em "crayon".

Anibal também teve seu lado de empreendedor. Foi fundador e proprietário da loja de materiais esportivo "A Careta" na Rua Floriano Peixoto na década de 1980.

Anibal "Careta" Miranda faleceu em Itu em 11/07/1987, deixando lembranças indeléveis aos que foram seus alunos e aos muitos amigos que conquistou durante sua vida.

Ivani Vaz

Filha de Anibal Miranda e Dirce Spazziani Miranda, nasceu em 1939 em São Paulo e reside em Itu desde 1947. Casou-se em 1960 com Robson Vaz. É mãe de 5 filhos e avó de 6 netos. Professora de Ciências e Biologia lecionou em Porto Feliz, Araçariguama, e em Itu, na Escola de Comércio Junqueira Ortiz, no Colegial Supletivo da Faculdade de Filosofia, na EE Prof. Lourenço Carmignani, na EE Prof Antonio Berreta. Foi Assistente Pedagógica na Oficina

A máquina de escrever

Cícero Gatti Marinho

Pouca gente sabe, mas a primeira patente de uma máquina de escrever foi concedida em 1714 ao inglês Henry Mill. Contudo, o primeiro modelo funcional só surgiu em 1867, desenvolvido pelo americano Christopher Latham Sholes. Há ainda quem defenda que o padre paraibano Francisco João de Azevedo, criador da máquina taquigráfica, com adaptações simples, teria transformando-a em uma máquina de escrever – embora o crédito oficial tenha ido para Sholes.

Mas, para mim, a máquina de escrever sempre teve um nome: Celso Pinto Marinho, meu pai.

Nascido em 6 de outubro de 1923, meu pai foi um datilógrafo excepcional. Trabalhou com paixão e precisão, encantando quem o via digitar com rapidez e elegância. Faleceu em São Paulo, em 2013, deixando um legado de integridade, dedicação e amor pelo ofício. Foi casado com Nair Gatti Marinho (in memoriam), e juntos tiveram três filhos: Celso Gatti Marinho (in memoriam), Célia Gatti Marinho Mateus e eu, Cícero Gatti Marinho.

Aos 14 anos, em 1937, ele iniciou sua vida profissional no Cartório do Primeiro Ofício de Itu, sob a tutela do Sr. Jarbas Silveira Arruda. Tamanha era sua dedicação, que aos 16 anos foi emancipado por um juiz para assumir o cargo de escrevente. Sua habilidade com a máquina de escrever já era notável – e dali em diante, os dois se tornaram inseparáveis.

A datilografia, na época, era muito valorizada no mercado de trabalho e essencial em concursos públicos. Meu pai dominava não apenas a técnica, mas também o universo cartorário com maestria.

Em 1951, foi convidado para integrar o corpo docente do IBAO, onde ministrou aulas de datilografia com entusiasmo e zelo. Durante o dia, trabalhava no cartório. À noite, formava profissionais no teclado. Lembro com carinho das vezes em que ainda pequeno, papai me levava para aula para ver como era, e talvez tomasse gosto pela datilografia e me punha sentado no fundo da sala. Essa sala era cheia de mesinhas com máquinas de escrever, havia um silêncio e só se ouvia o som do bater das teclas das máquinas como uma melodia de disciplina e dedicação.

A máquina de escrever não apenas mecanizou o trabalho intelectual — ela abriu portas. Foi uma grande aliada na inserção da mulher no mercado de

trabalho, ao oferecer uma habilidade valorizada e acessível: a datilografia. Secretárias, atendentes, redatoras — muitas construíram suas carreiras a partir dela.

De 1951 a 1966, meu pai formou dezenas de jovens no IBAO, muitos dos quais tornaram-se grandes profissionais em escritórios, bancos, repartições públicas e empresas em geral. Seu legado atravessou gerações, numa época de intensa expansão industrial e comercial, quando a agilidade na produção de documentos era diferencial competitivo.

Celso Pinto Marinho viveu com propósito, e sua trajetória se entrelaça à história da datilografia no Brasil. Para mim, seu legado permanece vivo — no som das teclas, na memória das lições que deixou e no impacto que causou em tantas vidas, com a simplicidade firme de quem honra o ofício com amor.

Cícero Gatti Marinho

Cirurgião Dentista (filho de Celso Pinto Marinho) casado com Maria Elisa Costa Marinho, 2 filhas: Maria Silvia Costa Marinho que tem uma filha Vivian Marinho Douglas e Lilian Costa Marinho que tem uma filha Gabriela Marinho Azevedo; ambas residentes nos EUA.

Décio Salvadori

Filhos de Décio

Décio Salvadori, filho de imigrantes italianos, nasceu em Itu – SP, em 14 de março de 1917. Fez o Curso Primário no Grupo Escolar "Dr. Cesário Motta", Itu, na turma de 1928. Trabalhou como auxiliar de contabilidade nos escritórios do Sr. João Boni Sobrinho, posteriormente no do Sr. Francisco Simoni, e na Prefeitura de Itu. Atuou como Oficial Maior em Cartório. Em 1950, montou, em sociedade com o Sr. Abílio Savi, o Escritório de Contabilidade SS (Savi & Salvadori), onde permaneceu até 1957, quando se retirou para trabalhar na empresa Irmãos Marchi LTDA, como Gerente-Procurador, por 30 anos.

Em 1952, já casado com a Sra. Denise Favero Salvadori e pai de dois filhos, fez o Curso de Madureza e, no ano seguinte, o 1º ano do Colegial no Instituto de Educação Regente Feijó. Concluído o 1º ano, ingressou na Escola Técnica de Comércio "Dr. Junqueira Ortiz", se formando em dezembro de 1956. Após formado, atuou, na Escola, como professor de "Contabilidade Comercial", por seis anos.

No Instituto Borges de Artes e Ofício (IBAO), também desempenhou atividade de ensino, no período de 1951 a 1953, lecionando a disciplina "Correspondência Comercial". Além disso, atuou como Mesário, das Mesas Administrativas, nos anos de 1993 a 2002. Durante 30 anos, o Sr. Décio foi Secretário da Junta de Apuração Eleitoral da Comarca de Itu e, por igual período, Tesoureiro e Secretário do "Lar e Escola Santo Inácio" (instituição de caridade da Igreja do Bom Jesus – Itu). Foi membro atuante da "Irmandade da Santa Casa de Misericórdia", da "Irmandade da Boa Morte da Paróquia de Nossa Senhora da Candelária", da "Associação São Vicente de Paulo (Vila Vicentina)", e da Mesa Administrativa do "Asilo de Mendicidade Nossa Senhora da Candelária".

Em 2002, quando Mesário da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia de Itu, participou, orgulhosamente, da reinauguração do auditório do IBAO, em 26 de julho (fato registrado em placa de bronze existente no auditório do Instituto). Faleceu cerca de um mês após esse evento, no dia 14 de agosto de 2002, deixando esposa, quatro filhos (Sérgio, Ricardo, Décio Jr e Daisy) e sete netos.

Responsáveis pelo texto: ***Ricardo Augusto Favero Salvadori,***
Décio Salvadori Junior *e* ***Daisy Maria Fávero Salvadori****.*
O texto teve por base escritos sobre a família, deixados por
Denise Favero Salvadori*, e informações obtidas de registros do IBAO.*

A arte de bordar

Therezinha Janete Guitte Gardiman

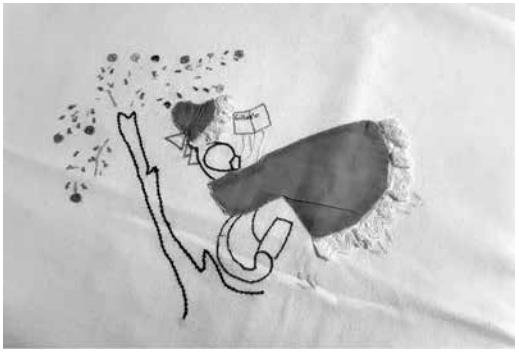
Lembro com saudades do Instituto Borges de Artes e Ofícios onde, na minha juventude, fiz o curso de Artes. Lá aprendi diversos tipos de pontos de bordado e costura. A saída da instrutora de bordados deixou uma vaga em aberto e, então, fui convidada para dar as aulas até a chegada da nova professora.

As alunas tinham aulas de Português, Matemática História, Geografia, e Desenho no período da manhã e no período da tarde era ministrada a aula de Artes.

No decorrer das aulas, era feito um caderno de amostras dos pontos ensinados: ponto cruz, ponto ajour, ponto Paris, ponto crivo, ponto cheio, ponto atrás, rococó e aplicação sobre tecido. O ponto crivo é considerado o mais trabalhoso, pois é necessário desfiar o tecido, contar os fios e bordar sobre eles.

Naquela época, o bordado era muito procurado para a confecção do enxoval de bebês, noivas, lençóis, toalhas, iniciais nas roupas etc. e desta forma, o aprendizado se tornou profissionalizante abrindo as portas no mercado de trabalho para as bordadeiras.

Eu me orgulho muito de ter feito parte dessa grande instituição de ensino, que formou excelentes profissionais.



Trabalho bordado com aplicação e outros pontos.

Therezinha Janete Guitte Gardiman
Nascida em Lins, em 1932, viúva de Gilberto Gardiman. Filhos: Gilberto, Virgínia (filhas: Ana Luiza, Patrícia e Beatriz), Vitor (filhos: Gabriel e Helena) e Bernadete (filhas: Juliana e Ana Silvia).

Vestindo a família com carinho

Neuza Maria Gonzales Gavioli

Ana Duarte (Gonzales) nasceu em 13 de agosto de 1929 em Itu, numa família de origem simples. Foi a irmã mais velha de uma família de três irmãos.

Num tempo em que a maioria das mulheres eram criadas para os afazeres domésticos, em plena década de 40, estudou no IBAO onde ficava pela manhã para cumprir o currículo normal da época e de tarde o curso extracurricular de trabalhos manuais. Completou seus estudos com mérito nessa entidade de ensino, onde fez o curso de corte e costura e se tornou uma conceituada costureira.

Casou-se com Félix Gonzales e tiveram 03 filhas e 05 netos e, sem tempo de continuar costurando para seus clientes, manteve essa atividade costurando para sua família a vida toda.

Ana Duarte vestiu sua família com muito amor e carinho graças a esse ofício aprendido no IBAO. Faleceu em 20 de setembro de 2022, deixando saudades em suas filhas e netos.

Neuza Maria Gonzales Gavioli

71 anos, casada com Valdair Gavioli há 50 anos, 2 filhos: Vanessa e Rafael,1 neto, o Gabriel. Formada em Direito, sempre exerceu contabilidade junto com o marido no escritório Office Contábil, hoje administrado pela filha Vanessa.

Dois irmãos: grandes entalhadores

Carlos Rafael Scaravelli Savioli

Eles se assemelham na maneira de caminhar até a mesa para contar as suas histórias. Se parecem também no modo com que as recordam, de maneira discreta, mas com o sorriso grato pelas experiências da vida. Os irmãos Benedito Carlos e Waldomiro Antonio Savioli frequentaram cursos diferentes e em momentos diferentes no IBAO.

Miro, o mais velho dos dois, frequentou por duas vezes a instituição. Enquanto ainda era adolescente, fez o curso de Entalhação em Madeira no período vespertino. Concluiu o curso, que o fez ganhar mais habilidades para o trabalho manual, mas não encontrou lá sua vocação. Mais tarde, enquanto trabalhava no Bazar e Foto Sétimo durante o dia, frequentou o curso de Auxiliar de Comércio no período noturno. Ali, estudou Matemática, Português, Contabilidade, Datilografia e Taquigrafia. Guarda na memória os amigos que fez no IBAO e que ficaram para toda a vida, como Plínio Savi e Claudinor Carlini, bem como os professores Leonardo de Francisco e Benedito Ribeiro da Veiga Camargo, apelidado de Pereco ou Perecão, que lecionava Matemática. Com este último desenvolveu uma amizade maior, pelo jeito simples e simpatia. Em momentos de brincadeira, aos alunos homens mais próximos Perecão advertia que não olhassem para sua filha pois, do contrário, iriam "levar uns tapas". O curso teve duração de três anos e foi finalizado em 1953. Em sua turma de formandos estava também Waldemar, mais um de seus irmãos. Os dois frequentaram o curso juntos e Miro se recorda com muita satisfação dessa convivência.

Benedito Carlos também fez o curso de Entalhação, que durava seis meses e tinha como professor o italiano Rafael Nacaratti. Carlos ainda não sabia disso, mas ali estava iniciando sua relação com o trabalho com a madeira, que o acompanharia por toda a vida. Aprendiam a manusear instrumentos básicos do trabalho de marcenaria e carpintaria, como martelo e formão, bem como a utilizar o pirógrafo, para marcar a madeira com calor. Após a finalização do curso, trabalhou com seu pai, Silvio Savioli, em diversas lavouras, como a de melancia, no entorno da cidade de Itu. Alguns anos depois, ingressou em um programa de convênio que a empresa de fundição Gazzola tinha com o SENAI, em que se realizava a formação de funcionários utilizando-se das dependências do IBAO. Nessa ocasião, cursou Marcenaria, com duração de três anos. Pela modalidade do convênio, estudava por seis meses seguidos e trabalhava pelos seis meses

seguintes, aplicando na empresa o que aprendia. O SENAI premiava, periodicamente, os alunos que se destacavam com um metro, instrumento de medição preferido de 9 entre 10 marceneiros, da marca Stanley. Carlos ganhou o prêmio por três vezes ao longo do curso. Ele se recorda com alegria de que também tinha aulas de Educação Física, das quais gostava muito pois sempre apreciou a prática de esportes.

As histórias de vida de dois irmãos muito caros um ao outro são sempre muito maiores do que algumas palavras poderiam contar. Suas memórias valorizam cada aprendizado que tiveram ao longo do caminho. Lições essas que os permitiram prosseguir pessoal e profissionalmente e que culminaria, mais adiante, em uma nova e bela parceria com seus outros irmãos, demonstrando como a família e o trabalho, além de Deus, eram importantes fundações para suas vidas.

Carlos Rafael Scaravelli Savioli

Filho de Benedito Carlos e Maria de Fátima. Trabalhou com seu pai e irmãs por doze anos, tendo prosseguido, após esse período, seu trabalho com música. É casado com a Rachel e a alegria da casa se completa com os pequenos Eric e Rafaela.

Preparando para a vida

Egle Terezinha Savi

Com 12 anos de idade matriculei-me no LICEU, era o ano de 1958. Vinda de uma escola rural, tinha o objetivo de continuar meus estudos em uma escola que me desse oportunidade no mercado de trabalho da época, desempenhar funções que a escola proporcionasse.

No LICEU vi essa oportunidade, pois as disciplinas eram voltadadas a trabalhos manuais como: costura com a Prof. Luizinha, Bordado Prof. Yeda, Culinária Dona Josefa, Desenho Prof. Pery Guarany Blackman, Matemática Prof.Orminda Leitão. Tínhamos também as disciplinas de Português, História e Geografia.

Todos os professores foram responsáveis por transmitir-nos conhecimentos que foram muito úteis para minha vida, tanto para trabalhar em escritórios contábeis e em empresas, como para criar minhas três filhas desempenhando as funções do lar.

Parabéns ao IBAO pelo seu centenário!

Dr. Lamoglia me entregando o diploma.

Egle Teresinha Savi Guimarães
Casada, aposentada, trabalhei no Escritório de Contabilidade como escrituraria e caixa. Mãe de 3 filhas.

Instituto Borges de Artes e Ofícios... fazendo história na Família Robusti

Maria Inês Robusti Facioli

Segisfredo Robusti, sua esposa Luíza Caldara e seus sete filhos residiam em São Simão, interior de São Paulo, quando, entre o final do século XIX e o início do século XX, uma série de grandes epidemias — varíola, febre amarela e gripe espanhola — atingiu tanto a zona urbana quanto a rural. Com a família Robusti não foi diferente. Diante da situação, mudaram-se para Ribeirão Preto, a cerca de 60 km dali.

Em Ribeirão, Segisfredo atuou como construtor e investiu no ramo da marcenaria desde a década de 1930, abrindo uma pequena oficina nos fundos de sua casa. Até hoje há descendentes dos Robusti vivendo em Ribeirão Preto, já na quarta geração.

Construtor experiente e conceituado, Segisfredo transferiu-se com a família para a cidade de Itu, onde foi responsável pelas obras de ampliação do Instituto Borges de Artes e Ofícios e, posteriormente, da Maternidade Borges — hoje Santa Casa de Itu.

Dois de seus filhos seguiram a profissão do pai:

José Walter Robusti, solteiro, trabalhou em sua marcenaria localizada na Rua Santa Cruz, em Itu. Ele estudou no Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO), onde se especializou em restauração de edificações históricas, tendo a marcenaria como uma de suas disciplinas principais. Inspirado em um projeto semelhante de Ouro Preto/MG (o POEAO), presidido por Raul de Souza Almeida, o IBAO passou a oferecer oficinas nas dependências do Regimento Deodoro (Quartel de Itu). Os adolescentes participantes recebem bolsa-auxílio mensal, precisam estar matriculados em escola pública e manter frequência mínima de 90% nas atividades do projeto.

Pedro Elvo Robusti, também formado pelo IBAO, trabalhou por pouco tempo com o irmão Walter na marcenaria. Logo depois, foi convidado por seus irmãos Segis e Amaury para gerenciar uma nova loja que estavam abrindo na cidade de Tietê. Casou-se e formou família no município, sendo sempre lembrado como uma pessoa muito especial, querida por todos e que fez muitos amigos.

Segisfredo Robusti Filho, carinhosamente chamado de Segis, iniciou sua trajetória no comércio ituano desde menino. Trabalhou por 24 anos na

tradicional Joalheria Otacílio. Cursou o primário no Grupo Escolar Convenção de Itu e começou a trabalhar aos 10 anos, aprendendo o ofício de joalheiro enquanto ajudava com diversas tarefas. Posteriormente, fez um curso noturno de auxiliar do comércio, oferecido pelo IBAO, durante três anos. Mais tarde, tornou-se sócio de seu irmão Amaury na joalheria com a qual marcaram época na história de Itu.

Luiz Robusti também estudou no IBAO. Depois, trabalhou com importação e exportação de café na cidade de Santos. Casou-se, formou família e passou a residir em São Paulo, de onde viajava diariamente de ônibus para trabalhar.

Maria Inês Robusti Facioli

Formada em Comunicação Social, casada com o empresário Antonio Jair Facioli, tem dois filhos: Amanda e Alexandre.

Minha participação no IBAO e do IBAO em minha vida

João Manuel Pereira Machado

Estudei no IBAO, durante os anos de 1959 e 1960, no Curso Noturno de "Auxiliar de Comércio".

Eu, João Manuel Pereira Machado, nasci aos 21 de junho de 1940, em Vila Franca do Campo, primeira Capital da Ilha de São Miguel, no Arquipélago dos Açores, formado por 9 Ilhas, de origem vulcânica, localizado no Oceano Atlântico Norte, que pertencem a Portugal. Minha família, assim composta - meu pai, Virgínio Machado, lavrador, minha Mãe, Maria Ana Gomes Pereira; meu Irmão, José Pereira Machado, minha Irmã, Maria de Lurdes Pereira Machado e eu- chegou ao Porto de Santos, no Estado de São Paulo, Brasil, no dia 29 de março, de 1950 e foi morar na Fazenda Santa Catarina, em Pirassununga-SP, de propriedade do Sr. Álfio Mortari.

Saímos de lá e viemos para a Cidade de Itu, aqui chegando no dia 1º de setembro de 1956, para a Chácara São Luís, de propriedade do Dr. Martinho Di Ciero. Meu Pai foi contratado como Administrador da Chácara e com a incumbência de capinarmos o Loteamento São Luís, recém-inaugurado, de propriedade do Dr. Herculano dos Passos, do Dr. Martinho Di Ciero e do Sr. Borghi. Capinávamos esse Loteamento, duas vezes por ano e gastávamos duas enxadas por capina, era meu pai, eu, meu irmão José e mais um trabalhador, contratado.

No começo do ano de 1959, já com 19 anos de idade, queria e resolvi estudar para sair da roça e, fui numa noite, ao Instituto Borges de Artes e Ofícios de Itu, IBAO e pedi encarecidamente, ao Prof. Benedito Ribeiro da Veiga Camargo, Diretor do Curso Noturno de Auxiliar de Comércio. Ele permitiu a mim e ao meu Irmão, frequentarmos o Curso, mesmo tendo começado há uns dois meses antes. Foram nossos Professores:

- Prof. Benedito Ribeiro da Veiga Camargo = Matemática;
- Prof. Celso Pinto Marinho = Datilografia;
- Prof. Corintho Galvão de Toledo = Correspondência Comercial;
- Prof. Leonardo de Francisco = Escrituração Mercantil;
- Prof. Dr. Moacir Lombardi = Direito Comercial;
- Prof. Rogério Lázaro Tocheton = Português.

Quando foi no final de 1959, perguntei ao Prof. Corintho, o que era Taquigrafia? E ele me disse que era uma escrita rápida, por sinais, abreviada,

que os repórteres usavam para fazer suas anotações e depois transcreverem para as notícias nos jornais. Naquele tempo ainda não havia gravadores. Na ocasião, vi um anúncio no Jornal "O Estado de São Paulo", que o Instituto Nacional de Taquigrafia estava proporcionando o estudo gratuito de Taquigrafia, por Correspondência.

Escrevi solicitando as lições que me mandavam, por carta. Eu estudava e escrevia as lições, em taquigrafia e enviava para o Instituto, que as revisava e corrigia os erros cometidos e me remetiam de volta. A escola utilizava o Método de Taquigrafia composto de símbolos, abreviações e abreviaturas de partes das próprias letras do nosso alfabeto, criado pelo ituano Dr Oscar Leite Alves., estudante de Medicina. Terminado o Curso, no final de 1959, recebi o Diploma de TAQUÍGRAFO.

Em 1960, no segundo ano do Curso de AUXILIAR DE COMÉRCIO, do IBAO, eu já taquigrafava todas as Matérias que os Professores lecionavam! E quando o Professor acabava de ditar, eu já levantava o lápis! Olhando para mim, numa noite, o Prof. Corintho me disse:- "João Manuel, copie"! E eu lhe disse que já havia copiado e ele então se levantou e veio até junto a mim verificar! E perguntou:- "O que é isso?" E eu respondi:- "Taquigrafia"! Você aprendeu? Respondi que sim!

Então quando chegava em casa, após as aulas, eu transcrevia para a escrita normal, as lições taquigrafadas, para os Cadernos de cada Matéria, antes de dormir. Isso me proporcionou gravar na memória, tudo o que os professores falavam,

A nossa formatura foi realizada no dia 18 de dezembro de 1960, com os 9 formandos, conforme ata lavrada pelo secretário ad hoc. Leonardo de Francisco e assinada pelo diretor Benedito Ribeiro da Veiga Camargo:

- João Manuel Pereira Machado:- Média Geral: 9,5
- Geraldo Benedeti = Média Geral:9,5
- José Pereira Machado – Média Geral: 9,1
- Eunice Rodrigues de Campos;
- Ariovaldo Tavernaro;
- Marcelina Lima;
- Maria Aparecida Grobleckner;
- Waldemir Ribeiro;
- Cleide Virginia Missaci;

No final de dezembro de 1960, o Prof. Corintho Galvão de Toledo, que era Vereador e Presidente da Câmara Municipal de Itu, pediu-me para eu ir à noite na Sessão Legislativa, para anotar os discursos dos Vereadores, em Taquigrafia, para

depois ser lavrada a Ata, dos serviços legislativos, daquela noite, uma vez que o Sr. Luís Colanéri – Secretário do Expediente, se encontrava de licença médica, para tratamento e o Sr. Bernardo Gerônimo de Campos, Auxiliar do Expediente, havia prestado concurso no IAMSP, foi aprovado e pedira demissão. Fui e fiz todas as anotações taquigráficas. Houve mais uma Sessão da qual participei.

Quando foi no dia 1º de janeiro de 1961, a Câmara Municipal de Itu fez uma Sessão Solene para a entrega do Título de *Cidadão Ituano*, ao General Levy Cardoso, que havia sido Comandante do Exército – 2º RO-105, de Itu. Fui convidado a participar dessa Sessão Solene, para fazer as respectivas anotações. O Sr. Luís Colanéri estava presente. Após a Sessão Solene e do Almoço no Ituano Clube, o Sr. Presidente da Câmara Municipal, Prof. Corintho Galvão de Toledo, ofereceu-me o Cargo de "Auxiliar do Secretário do Expediente". Fiquei muito feliz pela oportunidade de sair do trabalho braçal, na Chácara São Luís.

Em 1960, meu colega do IBAO, Geraldo Benedeti, me apresentou na Igreja do Bom Jesus, para ser Associado do Apostolado da Oração, depois de algum tempo passei a usar a fita Vermelha de Zelador. Fui também Secretário lá, por algum tempo.

Em 1973 fui convidado pelo Sr. Vitório Bombana, para entrar na Irmandade do *Santíssimo Sacramento, da Paróquia de Nossa Senhora da Candelária de Itu.* Nesse mesmo, fiz o Cursilho de Cristandade, pela Diocese de Jundiaí.

Em maio de 1980 recebi o Diploma do *MIND CONTROL INSTITUTE INC, LAREDO, TEXAS*, title of Psi Operator (Psi Op.) and has been examined at Itu - SP

Em 1983, em 17 de março, fui o Orador Oficial do Noturno, do Curso de Extensão Universitária de Liderança, Comunicação e Relações Humanas, ministrado pelo Prof. Mauro Pereira Vianna, realizado no ano anterior, na Faculdade de Ciências Econômicas de Bauru.

Em 1999, a convite do Capitão Octávio Cintra, entrei como Associado da SACI-Sociedade Amigos da Cidade de Itu. Exerci o Cargo de Relações Públicas, na gestão da Presidente *Maria Célia Bombana*.

Em março de 2001, entrei como Associado da Melhor Idade de Itu e em 2005 fui escolhido como Mister Melhor Idade de Itu.

Em 1º de setembro de 2006, quando completei 50 anos de minha chegada em Itu, a Câmara Municipal de Itu, pela unanimidade de todos os Vereadores, me concedeu o Título de Cidadão Ituano, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à Comunidade Ituana.

Continuando o meu relato, em janeiro de 1961, comprei um Livro de Admissão ao Ginásio, estudei e fiz o Exame de Admissão ao Ginásio e fui

aprovado no Curso Ginasial Noturno em 1961. Passei todos os quatro anos em primeiro lugar. Minha nota geral, na formatura, foi de 9,45 pontos. A maior média de todos os Cursos Diurno e Noturno, no Instituto de Educação "Regente Feijó" de Itu.

De 1965 a 1967 estudei e me formei, no Colégio "Junqueira Ortiz" no Curso Noturno de *"Técnico em Contabilidade"*.

Em 1965, saí da *Câmara Municipal de Itu* e fui convidado pelo Vereador Lázaro Alves de Oliveira, que era Presidente da Câmara Municipal de Itu e, era Auxiliar direto do Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Itu, o Dr. Antônio de Paula Leite Neto, que precisava de uma pessoa de confiança, para assumir o Cargo de "Encarregado de Secretaria e Tesouraria", que exerci até 1969.

Casei-me em 6 de julho de 1968, com Altina *do Carmo de Medeiros Melo*, nascida em 15 de julho de 1940, na Vila do Porto, em Valverde, na Ilha de Santa Maria – Açores – Portugal e que chegara em Itu, com a família toda, em 1962. Tivemos 3 Filhos: José Luís, nascido em maio de 1969 e falecido mais ou menos três semanas depois, devido a serviços de parto inadequados; Cristina, nascida em Itu, em 05 de setembro de 1970 e Rosana, nascida em Itu, em 22 de maio de 1974. Tenho também o meu neto:- Gustavo Machado de Oliveira Cruz, formado neste ano, em TI-Tecnologia da Informação, pela *FATEC* de Itu. Filho de minha filha Rosana e do meu genro Marcelo de Oliveira Cruz.

Enquanto trabalhei na Santa Casa de Misericórdia de Itu, de 1965 a 1969, meu pai, Virgínio Machado, foi contratado para trabalhar como Zelador Noturno do IBAO. Mudamos para o Alojamento Central, que ficava em frente aos fundos do portão do Instituto, na Rua Santa Rita e lá moramos por vários anos, até à reforma feita na casa ao lado do último galpão, à direita, e lá moramos, até 1995, quando meu pai faleceu em março daquele ano. Enquanto meu pai, foi *Zelador Noturno* do IBAO, trabalhava, durante o dia, fazendo e cuidando da Horta da Santa Casa de Misericórdia de Itu, fornecendo verduras e legumes para o consumo da Cozinha.

Minha mãe, Maria Ana Gomes Pereira, assumiu também o Cargo de Zeladora Noturna do IBAO, após a Aposentadoria de meu Pai. Minha Mãe faleceu em janeiro de 1995 e aí, saímos de lá.

Frequentei e terminei o Curso Noturno de "Informática Básica", do IBAO, durante o ano de 2013, ministrado pela Profa. Patrícia Peixoto, com carga horária total de 140 horas. O Diploma também foi assinado pela Diretora Profa. Ana Maria dos Santos.

Após ter saído da Santa Casa de Misericórdia de Itu, por conta própria, fui trabalhar na Agência Olivetti de Itu, de propriedade do Sr. Renato Tira, primeiro

como Vendedor e depois como Gerente de Vendas, de 1969 até 1973. Depois trabalhei na BASF BRASILEIRA S/A –Indústrias Químicas, como Vendedor Técnico de Defensivos Agrícolas, no Nordeste do Estado de São Paulo e Sul de Minas Gerais, de 1974 a 1986, época do Plano Cruzado, do Presidente Sarney. Houve uma dispensa de mais de 100 funcionários da BASF, e na ocasião, também fui dispensado. Faltavam 5 anos para a minha Aposentadoria, tive que me registrar no INSS, como Autônomo, para não perder o tempo de serviço, com uma contribuição muito baixa, porque tinha que contribuir duplamente, empregado e empregador, um absurdo! Aí fui trabalhar como Vendedor da Enciclopédia BARSA e depois na Enciclopédia DELTA. Eu me aposentei em 1991, com uma remuneração muito baixa, infelizmente! Como a grande maioria dos brasileiros, que contribui para um determinado teto e acaba recebendo a metade, ou menos, quando se aposenta, sempre à espera de uma revisão…

Além de tudo isso que relatei, estudei e fiz vários Cursos sobre Vendas, Psicologia, Parapsicologia etc. Tenho todos os Certificados e Diplomas arquivados.

Fica registrado aqui, o meu depoimento, de participante ativo, no IBAO-*-INSTITUTO BORGES DE ARTES E OFÍCIOS*. Uma Instituição de Ensino construída, em conjunto com a *MATERNIDADE BORGES*, doada por Testamento feito pelo Sr. *JOAQUIM BERNARDO BORGES*, português, que veio para Itu e aqui fez a sua fortuna e quando regressou a Portugal, doou através do seu Testamento, para a *Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu*, construir uma Escola, para os estudantes pobres e uma Maternidade, para as mães pobres, daí então foram construídos o IBAO-INSTITUTO BORGES DE ARTES E OFÍCIOS DE ITU e a MATERNIDADE BORGES.

João Manuel Pereira Machado
Português, natural de Vila Franca do Campo, Açores,
agraciado com o título de Cidadão Ituano.

Amor à marcenaria

Neuza Maria Gonzales Gavioli

João Paulo Duarte nasceu em 26 de maio de 1933, numa família de origem simples. Único filho homem da família, ele teve duas irmãs.

Desde pequeno se mostrou um garoto responsável e estudioso, tanto que estudou no IBAO na década de 40, onde se formou no curso de marcenaria.

Durante algum tempo trabalhou com grandes mestres marceneiros em Itu, até que resolveu abrir seu próprio negócio, fundando uma marcenaria que virou referência em móveis clássicos e duradouros, onde trabalhou até sua aposentadoria.

Observação: Ana Duarte Gonzales e João Paulo Duarte eram irmãos. Dos três irmãos, só um estudou no Colégio Regente Feijó.

Neuza Maria Gonzales Gavioli

71 anos, casada com Valdair Gavioli há 50 anos, dois filhos: Vanessa e Rafael, um neto, o Gabriel. Formada em Direito, sempre exerceu contabilidade junto com o marido no escritório Office Contábil, hoje administrado pela filha Vanessa.

Um farol de sabedoria

José Benedito Marcon

Meus bisavós vieram, em 1883, de Fiera di Primiero, pequena *comune* da Região de Trento, na Itália, que com muito orgulho e emoção tive a oportunidade de visitar. Meus avós tinham um sítio no caminho de Jundiaí, onde também meus pais moraram, mas quando os filhos chegaram à idade escolar, vieram para a cidade, a fim de que seus filhos pudessem estudar. Nasci em 1948, em Itu. Tive 4 irmãos, dos quais sou o mais velho.

Cursei o primeiro ano Primário na Escola Santa Cruz, na Rua Sorocaba; o segundo ano no Externato do Colégio Patrocínio e os dois últimos anos, 3º e 4º, no Grupo Escolar Convenção de Itu.

Aos 10 anos já comecei a trabalhar numa loja de calçados na rua Floriano Peixoto. Prestando muita atenção ao movimento da loja e de seu escritório, me interessei em fazer um curso que possibilitasse galgar outras metas. Assim, em 1965, com 17 anos me matriculei no IBAO para frequentar o curso de Auxiliar de Comércio no período noturno, onde tive aulas de Datilografia, com professor Celso Marinho, Matemática com o professor Moacir, aulas de Português, Correspondência Comercial, Escrituração e Contabilidade. Não tive aula de Taquigrafia. A classe era pequena, mais ou menos 15 alunos, mista e heterogênea quanto à idade. Havia somente 2 ou 3 mulheres, que eram as mais velhas do grupo.

Das festividades da escola, só me lembro bem dos desfiles de 7 de setembro. Magníficos.

Quando estudava no IBAO, Itu era uma cidade pequena, com iluminação bem deficitária e ruas bastantes escuras. Todo mundo tinha certo receio de andar sozinho na rua, procurava estar sempre acompanhado. Meu futuro cunhado, Milton Gatti e eu estudávamos na mesma classe e íamos e voltávamos juntos da escola.

A escuridão nas ruas da cidade favorecia comentários lúgubres. Um crime acontecido na cidade, uma briga que gerasse um acontecimento fatal, rendia um mês de comentários com as mais variadas versões. Mas, uma lenda sobrepujava todas as outras histórias. A maior protagonista lendária era a "loira do banheiro". Nas escolas da cidade, de vez em quando alguém afirmava ter visto a loira fantasma. Quando se começava a esquecer, dois a três meses depois, novo boato tinha início e retornava o terror. E não era só nos banheiros das escolas que a

"loira" surgia. Lembro-me que certa vez houve um falatório geral atemorizante: a loira havia aparecido no banheiro do Mercado Municipal. Aí o pavor foi geral e não havia outro assunto nem entre os adultos. Bem mais tarde, tive ciência de que a lenda existia em outras cidades e, acredite se quiser, surgiu a partir de histórias reais do século XIX em Guaratinguetá e em Santos. Os boatos diziam que o espírito vagava pelos banheiros onde a moça vestida de branco, pálida, com algodão nas narinas, abria as torneiras, pedia para ser enterrada e esparzia um perfume de flores anunciando sua chegada. Uma assustadora lenda urbana que virou até filme.

Quando estava no segundo ano, já comecei a ter os primeiros frutos como resultado de minha frequência ao curso no IBAO.

Um amigo que trabalhava no Banco Moreira Salles me avisou que havia uma vaga para Contínuo na agência que ficava na Rua 7 de Setembro. Fiz a inscrição e fui chamado para fazer um teste. As provas constaram de datilografia, regras de 3 e juros.

Havia 2 tipos de contínuos no banco: o interno que preparava o malote para o despacho e o externo que entregava as correspondências.

Como já disse, a cidade na época, era pequena e se estendia da Estação ferroviária ao Estádio. Dividíamos o território. Eu morava na Rua Suzana Dias, na Vila Gatti.

Depois de dois anos fui indicado para trabalhar na escrituração ou caixa. Preferi ser escriturário para trabalhar com as Contas Correntes, fichas e carteirinhas dos clientes.

Notando a evolução tecnológica que se iniciava, soube de um curso de computação da IBM em Campinas, com 6 meses de duração. No banco nem existia computador, todas as fichas de controle, tudo, era feito à mão.

Trabalhei no banco até 1972, quando após concluir o curso de computação fui convidado a trabalhar no Escritório Tarchiani Contabilidade e Assuntos Fiscais, que havia sido fundado em 1968.Fui designado a trabalhar na contabilidade da GAPLAN, que era cliente do escritório. A empresa ainda não tinha o grande prédio e funcionava na Rua Madre Teodora.

Paulo Tarchiani era um homem de visão. A contabilidade já era realizada por computação. Preenchia-se as planilhas que eram enviadas a Londrina para o processamento num serviço terceirizado.

Permaneci no emprego, melhor remunerado que no banco, por 3 anos, mas sonhava com meu próprio empreendimento…

Procurava montar uma empresa. Tinha um cunhado, João Batista Arruda, tipógrafo num jornal e quando soubemos que uma pequena gráfica de São

Paulo estava vendendo seu maquinário, compramos e montamos uma tipografia na Rua Santa Rita, com o terceiro sócio, Geraldo Silveira, que era impressor. Nela, com 4 a 5 tipógrafos imprimíamos notas fiscais, recibos, cartões de visita, convites de casamento e outros. Uma vez por semana ia a São Paulo para comprar cartão para imprimir os convites de casamento e me atualizar quanto às novidades gráficas.

As fontes para impressão eram montadas manualmente em COMPONEDOR. O componedor era uma peça de madeira ou metal (aço ou alumínio), um cursor, sobre a qual o tipógrafo colocava manualmente, um a um, os caracteres móveis (de chumbo) - as letras, acentos, espaços, pontuação- formando as linhas da composição dos textos que iriam para impressão. Um folheto demorava uma semana para ficar pronto, não um dia, como hoje.

A gráfica permaneceu no mesmo local até 1981, quando foi transferida para a Rua Manoel Silveira de Camargo, onde hoje é a Tecno Tools. Em 1983, uma enchente brutal nos fez mudar de endereço, para o atual, no Bairro São Luiz. Trabalhamos com offset, muito usado para grandes quantidades, que é um processo indireto, porque transfere a tinta de uma chapa metálica para um cilindro de borracha (blanqueta) e em seguida para o papel, em uma engrenagem rotativa. Para pequenas tiragens e mais urgentes, usamos a impressão digital que é mais simples.

Quando recrutamos auxiliares, vejo se tem tendência maior para máquina ou arte final. Muitos aprendem e depois vão embora. Eles também têm seus sonhos….

Uma coisa é certa: o empresário tem que se reinventar todos os dias e felizmente conto com o grande auxílio de minha esposa.

Um segredo profissional? No meu caso, persistência, muita persistência e acreditar no próprio potencial e no de outros.

Meu primeiro impulso para minha vida profissional me foi dado pelo IBAO, que para mim foi um local de crescimento.

Que o IBAO continue sendo um farol de sabedoria e desenvolvimento do saber.

José Benedito Marcon

Proprietário da Industria Gráfica Masilar, casado com Suzete Barbi Marcon, pai de 3 filhos - Nádia, Felipe e Laísa e avô de 4 netos - Pedro Gabriel, Bento, Theo e Olívia. Cursou História e Geografia na Faculdade Nossa Senhora do Patrocinio e Administração de Empresa em Sorocaba. Desde 2016 faz parte da diretoria do Lar N. Sra Candelária.

IBAO: onde a educação e o amor transformaram vidas

Lilian Christofoletti

O ano era 1962. Jovens da cidade de Itu se preparavam para a tão aguardada festa de formatura do IBAO (Instituto Borges de Artes e Ofícios). Ter um diploma técnico representava uma conquista importante naquela época, uma promessa quase palpável de um futuro melhor. Foi com esse sentimento de orgulho que o jovem José Carlos Christofoletti, então com 20 anos de idade, conhecido como Zito, se preparou para receber o diploma técnico, sem imaginar que aquele dia seria um divisor de águas em sua vida. A noite estava quente e ele iria de bicicleta até o IBAO. Mesmo assim, Zito vestiu o terno xadrez que havia comprado na véspera na loja do Sr. Isaac Shapiro, um tradicional comerciante de Itu, dono da então Casa Carioca, localizada em frente ao Mercadão Municipal.

Ao chegar ao prédio do IBAO, Zito procurou pelo amigo Benedito Savioli, com quem havia cursado o técnico de Ajustador Mecânico, no Senai. Os dois eram companheiros de trabalho na Fundição Irmãos Gazzola e subiriam juntos ao palco para receber o diploma naquela noite. Benedito foi ao evento acompanhado pela mãe, dona Benedita, e por uma das seis irmãs, Leila, então com 15 anos de idade. Os olhos de Zito brilharam ao ver aquela menina elegante, de cabelos castanhos-escuros, olhos pretos, rosto delicado, que parecia uma "bonequinha".

Leila, por sua vez, também se encantou com Zito. A imagem daquele encontro não se apagou de sua memória mesmo tantos anos depois. "*Não me esqueço daquele dia. O Zito estava com um terno xadrez, tão bonito, ficou muito marcado para mim",* conta ela.

Após a formatura, Zito e Leila voltaram a se encontrar, meses depois, na festa de casamento de Benedito. Mas, o namoro só começou quando eles ingressaram, em 1963, no Instituto de Educação Regente Feijó, não sem uma dose de esforço.

Por meio do amigo, Zito descobriu que Leila havia sido aprovada no concorrido teste de admissão do Regente para cursar o Ginasial. Descobriu também que as admissões já haviam sido encerradas. Determinado a estudar com Leila, Zito procurou o Sr. João dos Santos Bispo, então diretor do Regente, e tentou convencê-lo a permitir seu ingresso extemporâneo.

"Não", respondeu sr. João de forma peremptória. Diante da insistência daquele jovem, o diretor disse que só abriria uma segunda admissão se houvesse

pelo menos mais dez jovens inscritos. Zito não perdeu tempo. *"Corri procurar o meu primo Orlando Christofoletti, que era estudioso, e ele me ajudou a chamar mais amigos. Logo, éramos dez"*. O Sr. João cumpriu com a palavra e abriu mais uma admissão numa segunda época.

Vencido o primeiro obstáculo, Zito teria 15 dias para se preparar para o exame. Debruçou-se sobre os livros da irmã Marta, que já cursava o ginasial, e estudou com afinco as quatro disciplinas cruciais: Português, Matemática, História e Geografia. A dedicação foi recompensada com a aprovação. E assim, Zito tornou-se colega de turma e, enfim, namorado de Leila.

O tempo voou. Foram quatro anos de ginásio. Depois, Zito fez mais três anos de Científico e Leila, três anos de Magistério. O casamento veio após sete anos de namoro, um pouco antes da formatura. Eles se casaram numa bonita cerimônia na Igreja Matriz N.S. da Candelária, numa manhã ensolarada do dia 15 de maio de 1971, rodeados de parentes e amigos. Uma fotografia em branco e preto, amarelada pelo tempo, não esconde a alegria do casal. Nela, Zito aparece sorridente, num elegante terno preto, segurando as mãos de Leila, linda num vestido de noiva rendado, com véu, grinalda e buquê de flores. A passagem pelo IBAO foi transformadora na vida de Zito. Além de ter sido o palco para o principal encontro de sua vida, com Leila, também foi onde descobriu o poder do estudo para fomentar sua vida profissional, a semente que o incentivou a montar a indústria Colchões ApoloSpuma.

Antes de cursar o técnico de Ajustador Mecânico, já havia feito o curso de auxiliar de Comércio, também no IBAO. Desta vez, o incentivo tinha partido do primo e amigo Toninho Cristofoletti.

"*Todo aquele conhecimento do IBAO, transmitido de forma tão dedicada e carinhosa pelos professores, foi transformador para mim, que havia largado os estudos aos 12 anos para trabalhar. Eu fiquei encantado em aprender tantas coisas e, depois disso, estudar virou uma meta. Eu só deixava o estudo para namorar"*, conta, rindo.

Zito lembra que o IBAO, com seu poder de transformar vidas, se deve ao benfeitor Sr. Joaquim Bernardo Borges, que possibilitou a construção do instituto. E relembra agradecido outros empresários que também tiveram ações incentivadoras para tantos jovens, como o sr. Natali Della Vecchia e Antônio Ermírio de Moares. Hoje, Zito e Leila seguem de mãos dadas ao lado dos três filhos, Ricardo, Leila Alice, casada com Cícero, e Lilian, e dos três netos, Henrique, Felipe e Laura Alice, e têm muitas histórias bonitas para contar de amor, de fé e de coragem.

Lilian Christofoletti
Ituana, empresária e jornalista, mãe do Henrique e do Felipe.

Bons Tempos

José Pasqual Romonsini

Fico feliz por ter feito parte dessa história tão linda que foi a trajetória do LICEU de ARTES e OFÍCIOS, onde tenho o orgulho de poder citar um pouco da minha passagem por lá…

Estudei entre os anos de 1962 e 1965 nesse colégio, onde aprendi entre outras coisas, a profissão de Marceneiro e Entalhador.

Naquela época, tive como professores, o Sr. Luis Antunes e o Sr. Wacaratto na marcenaria e entalhação, respectivamente.

Lembro-me bem de uma passagem onde, lixando cabides de madeira na lixadeira, houve um momento em que a lixa em cinta estourou e atingiu a minha cabeça, retirando parte do couro cabeludo. Fui levado à Santa Casa para os devidos cuidados e, quando voltei aos estudos, usava um boné para disfarçar o acontecido.

Nas salas de aula, tínhamos D. Célia Bombana, Sr. Carmignani, Sr. Moacir, Sr. José, entre outros que já não me recordo.

Lembro-me também da Diretora naquela época, D. Maria, uma senhora muito severa.

No "recreio", era frequente um futebol no pequeno campo lá existente.

Após o término do curso de 3 anos, no período da tarde, frequentei também no mesmo prédio, os cursos de Desenho mecânico, Ajustador mecânico e Torneiro Mecânico, já esses administrados pelo SENAI e, no período da noite, pois com meus 14 anos, já prestava serviços na marcenaria do Sr. Hélio Alegro, onde fiquei até o ano de 1977, quando decidi por conta, dar início à minha marcenaria, onde permaneço trabalhando até os dias atuais.

Tenho muitas saudades daquela escola, dos amigos que lá conquistei (a maioria já in memoriam). Alunos esses de Itu, Salto, Cabreúva, Indaiatuba, Porto Feliz, entre outras cidades da região.

Bons tempos aqueles…

José Pasqal Romoncini
75 anos, casado com Marli Guarnieri Romoncini, pai de Rogério, Ricardo e Raquel, avô de Lara, Romeo, Benicio e Caio.

Muito além da sala de aula

Leonor Zaparolli Carpi

Depoimento

Filha de Francisco Zaparolli, artesão, operário que trabalhava com curtume, estudei no Externato Madre Maria Teodora, a escola que foi fundada para alfabetizar os filhos de escravos, no prédio antigo do atual CEUNSP. Era uma escola gratuita e as professoras eram freiras. Elas guardavam os tocos de lápis das alunas do internato para nós usarmos.

Nesse período, aos 8 anos iniciei a escrita de meus primeiros poemas, que não foram valorizados. Ao contrário, minha precocidade desacreditada. Perguntavam de onde eu havia copiado? Creio que pensavam ser impossível uma menina pobre e sem recursos escrever daquela forma, em versos ritmados e rimados. Penso também, que naquela época não se via com bons olhos a mulher poeta. Com minha habilidade ignorada e desencorajada, escrevia poemas, mas os rasgava. E foi assim por bastante tempo.

Para cursar o quarto ano primário, fui para o Grupo Escolar Cesário Motta. Depois do primário era necessário ser aprovada no Exame de Admissão ao Ginásio. Surgiu um novo problema: Para conseguir bom resultado nesse exame, era necessário frequentar um curso preparatório para tal. Na cidade havia diversos desses cursos, mas eram todos pagos, tornando-se impossíveis para mim. Além disso, para frequentar o ginásio havia a necessidade de despesas com uniformes e material escolar.

Qual era a opção para quem tinha poucos recursos? Felizmente havia uma excelente alternativa: o IBAO.

No Instituto Borges frequentei o curso diurno, por dois anos, em 1948 e 1949. Tive aulas de Economia Doméstica, Desenho, Corte e Costura e Educação Física com o professor Laurentino Furtado, que era do Quartel, tenente reformado. Fazíamos ginástica e jogávamos basquete. Foi quando descobri que não tinha afinidade nenhuma com a bola… Ao completar 15 anos fui para o período noturno. Assim, não cheguei a cursar o 3º ano, não aprendendo bordado e crochê, nem culinária.

O IBAO dispunha de um recurso de vanguarda, que só depois apareceu em outras escolas: a merenda escolar. Diariamente era servida gratuitamente uma deliciosa sopa. Na cozinha, as irmãs Lobo, senhoras muito religiosas que usavam

roupas discretas, saias longas, auxiliadas pelas alunas maiores, preparavam nossas aguardadas, substanciosas e saborosas sopas. As alunas do 3º ano, ao cursarem culinária, recebiam receitas e preparavam pão de minuto e doces que eram vendidos bem baratinho, nos intervalos, para os alunos. As guloseimas eram expostas sobre uma mesa, na porta da cozinha. Era uma escola benemérita, desde o início.

Estava ainda no diurno, quando o diretor, Sr. João Goes, certo dia, nos avisou que a cantora do rádio, Hebe Camargo, na época uma iniciante, viria nos fazer uma visita. O motivo era convidar alunos, professores e funcionários para assistirem ao show que haveria à noite no Cine Sabará. A apresentação gratuita era caravana dos Diários Associados, o maior conglomerado da mídia da América Latina, composto por mais de 100 jornais, emissores de rádio, revistas e agência telegráfica. O proprietário dos Diários Associados era Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, mais conhecido como Assis Chateaubriand ou Chatô.

No IBAO, Hebe visitou até a cozinha. Nós, alunos, a esperamos na escada para vê-la passar. Simpática, bonita, elegante, sorria e acenava, acompanhada de seu pai. De cabelos longos e escuros, era bem diferente da imagem da apresentadora que a partir de 1957 passou a ser loira. Ela era chamada de cantora caipira, cantora do rádio, mas só se transformou em "diva" quando foi para o SBT em 1985.

Naquela noite o Cine Sabará estava mais que lotado para ver o show de Hebe e do conjunto musical de seu pai, violinista e cantor.

Em 1950, completei 15 anos e me transferi para o período noturno frequentando o curso Auxiliar de Comércio. Tive aulas de Português, Matemática, História, Geografia, Contabilidade, Taquigrafia, Datilografia e Redação Comercial. Lembro-me dos nomes de alguns professores: a professora de português era Orminda Leitão, tia da Allie, atual vice-presidente da ACADIL, Benedito Camargo era o professor de Matemática, Correspondência Comercial era ensinada pelo professor Décio Salvadori, o de Contabilidade era o professor Leonardo de Francisco, tio do maestro Luiz Roberto de Francisco, atual presidente da ACADIL, quem nos ensinava Taquigrafia, o charme do curso, era o professor Oscar Serra. O professor Décio tinha grande prestígio também na cidade. Sua esposa, Denise, era diretora do IAPI (antigo INSS) e seus dois filhos, cardiologistas em renomados hospitais de São Paulo, foram uns dos primeiros a fazer exames de cateterismo. Os ituanos que necessitavam desse exame e a eles recorriam e eram muito bem recebidos e tratados.

A formatura em 1952, contou com colação e baile no mesmo salão de festas do IBAO. Uma curiosidade sobre a formatura. Lembro-me bem que para iluminar

melhor o ambiente, o fotógrafo utilizou o *flash* em pó. Um detonador elétrico descarregava uma centelha elétrica sobre um filamento de pó de magnésio (cinza) e nitrato de potássio (branco) ocasionando um clarão e uma explosão. A junção da combustão de um pouquinho de metal com oxidante ocasionava um clarão e um estrondo que assustava as pessoas. Não se dispunha de câmeras digital, ainda…

Outra curiosidade sobre a formatura se refere a uma rifa para angariar fundos, a fim de pagarmos as fotos e o grupo musical para o baile. O sorteio foi de um bonito jogo de chá. Quem ganhou o prêmio nesse sorteio foi o colega de classe Paulo de Tarso Bordini, já falecido. Há alguns anos, o filho de Paulo, amigo de meu filho, nos falou que até então a família possuía o aparelho de chá que o pai havia ganho no IBAO. Grande sinal de valorização do prêmio e da escola. Aliás, Paulo foi um dos formandos da minha turma que aproveitou bem os ensinamentos do curso Auxiliar de Comércio, tendo trabalhado por muitos anos no escritório da Fábrica São Luiz.

Taquigrafia era mesmo a matéria que despertava mais fascínio em nosso curso. O método utilizado nas aulas era o Leite Alves: Seu autor era o médico, Dr. Oscar Leite Alves que morava na Rua Paula Souza. Certa vez tivemos sua visita com uma aula demonstrativa. Curioso é que seu método criado em 1936, ainda é o mais difundido e utilizado no Brasil, com pequenas alterações como o uso de caneta, e não lápis, e os sinais não eram calcados.

Eu era bastante religiosa. Quando criança, minha irmã e eu cantávamos no mês de maio na festa da coroação de Nossa Senhora e quando adolescente eu cantava no coro da Igreja do Carmo e ministrava aulas de Catecismo. Até pensava em ser freira…

Mas, uma aula de taquigrafia foi testemunha do momento em que minha vida mudou.

Salvador Carpi, dois anos mais velho que eu, era aluno do Regente e foi ao IBAO para me conhecer. Um colega meu, um paquera, dissera ao Salvador que havia uma jovem especialíssima no Instituto que era aluna do curso de Auxiliar de Comércio. A descrição feita pelo colega enaltecendo-me com vários adjetivos: prendada, bonita, séria, não namoradeira, religiosa e outros bons atributos despertou o interesse de Salvador, então com 18 anos.

Utilizando o subterfúgio de que tinha interesse em aprender taquigrafia, pediu permissão para assistir a uma aula e foi precisamente à minha sala de aula, sentou-se ao meu lado e ofereceu-me balas.

No início, pensei até que as balas tinham algum feitiço, mas depois conclui que não. Namoramos, nos casamos há 70 anos e tivemos quatro maravilhosos filhos.

Outras mudanças...

Certo dia, o diretor, Sr. Pereca, propôs aos alunos que organizassem uma festa em homenagem ao Dia das Mães. No Brasil, era uma comemoração recente, de 1932, quando o presidente Getúlio Vargas oficializou o segundo domingo de maio. Em 1947 a data foi incluída no calendário da Igreja Católica.

O IBAO foi vanguardista também em relação a essa comemoração realizada no salão nobre da escola.

Para mim, foi uma comemoração muito especial, um verdadeiro marco em minha vida, pois consegui vencer minha timidez e resolvi participar duplamente da festividade, declamando uma poesia minha em homenagem as mães e cantando a música italiana Santa Lucia, com uma grande particularidade. Eu, que cantava no coro da Igreja do Carmo como soprano, apresentei-me ousadamente nessa ocasião interpretando a canção de Teodoro Cottrau, de 1850, divulgada internacionalmente por tenores como Caruso, Pavarotti e Bocelli, entre outros. Que audácia a minha, entoei a música em espanhol! O título hispânico da canção napolitana era Madre Mia, e, com grande galhardia, cantei à capela, sem acompanhamento instrumental. Um impulso muito forte para vencer minha insegurança. Fui aplaudida nas duas apresentações em que consegui expor minha obra poética e o grande alcance de minha voz.

Mais tarde participei do Coral Vozes com Frei Lino Zumstein reunindo em grupo de jovens cantores. Hoje o grupo é mantido pela Associação Cultural Vozes de Itu, tem sede própria. Fui integrante soprano do coral até que uma cirurgia modificou a minha voz.

Uma característica interessante do IBAO foi sua integração com a comunidade e a valoração e apreço à cultura. No Salão Nobre aconteciam com frequência, apresentações artísticas, das quais algumas me recordo bem. O Recital de Piano com a apresentação dos alunos da professora D. Mariquinha, que residia na Praça Padre Miguel, foi magnífico. A performance magistral do barítono Vitorio Brasilino Ascenza, com acompanhamento de piano, é impossível ser esquecida. Vitorio, funcionário da Light, era amador, mas muito bom cantor. Outra apresentação marcante foi a de Maria Joana Rodrigues Camargo Clauss, que com sua expressiva voz de soprano encantava o público com a dramaticidade e o alcance de seu canto. Nós a chamávamos Joanita, a esposa de José Clauss Neto, proprietário da farmácia que existia perto da estação ferroviária. Como não lembrar do Sr. Pazzinato? Adélio Pazzinato, acordeonista, tocava todas as noites para seus clientes e amigos, na sua banca de jornais quando ainda era localizada na Rua 7de Setembro, antes de ser

transferida para a Praça Padre Miguel. Sua apresentação de tangos ao acordeon, no Salão Nobre do IBAO, foi memorável. Ainda me recordo claramente de seus acordes em *La Cumparsita*. O Sr. Adelio faleceu em 1978, mas seu legado musical motivou denominar uma rua no Jardim Aeroporto com seu nome. E os alunos não participavam destes eventos? Sim, havia apresentação de alunos, sobretudo alunas. Certa vez, alunas do terceiro ano, participamos de uma encenação. Na parte abaixo do palco, do lado esquerdo, ficava o piano magistralmente tocado por D. Geny, que ensaiava as alunas para o show. O coral ficava nas primeiras cadeiras e eu era uma das participantes. No palco, minha prima Nilza Garcia Lucca, sentada, de chapéu cantava também Luar do Sertão. Músicas cívicas como *Amo-te, Brasil*, faziam parte de nosso repertório. O IBAO incentivava e apoiava as artes…

Em 1990, ao comemorar 25 anos, o Jornal Periscópio, solicitou a Irene Vaz Cerqueira, poeta e jornalista, que organizasse um concurso de poesias. Inscrevi uma obra e para minha surpresa, conquistei o troféu de 2° Lugar. O curioso é que o poema segundo colocado fez mais sucesso que o primeiro e foi para Brasília, para a UNESP, para um jornal do norte, cujo nome não me lembro.

Irene Matos e outros intelectuais e literatos de Itu, em 1992 estavam organizando a ACADIL - Academia Ituana de Letras e fui convidada a participar. Escolhi uma mulher para ser a patrona de minha cadeira nº 21, a professora Maria Cecilia Bispo Brunelli (1910 – 1992), grande conhecedora de línguas clássicas, autora de artigos para jornais da cidade e dotada de notável oratória com admirável vocabulário e retórica, dom que herdou de seu pai, Joaquim Luiz Bispo. Tenho a maior honra de pertencer à ACADIL e de ser uma de suas sócias fundadoras.

Prêmio

O ano de 1994 me surpreendeu com outro presente literário. A Prefeitura de Salto realizou o V Prêmio Moutunnée de Poesia, um concurso anual do qual participaram 780 poemas vindos de 53 cidades. Fui agraciada com o troféu recebendo congratulações do Consulado Geral da Itália no Brasil.

Tudo isso acontecendo a uma pessoa que fez o supletivo do curso ginasial e colegial no Culto a Ciência de Campinas, que na adolescência junto com uma irmã fazia arremates à mão nas confecções de uma costureira, que trabalhou numa loja de tecidos e a menina que escrevia com toco de lápis. Motivos de sobra para e me sentir abençoada.

O Coral Vozes de Itu, fundado a 7 de maio de 1965, em seu início, não possuía sede própria e os ensaios ocorriam numa sala cedida pelos carmelitas. O maestro era Frei Lino Zumstein. Inclusive, foi maestro seu irmão, também frade. Eu era soprano. Terminado o ensaio, alguns coralistas iam visitar Frei Afonso que estava cego. Um dia, criei coragem fui também visitá-lo.

Frei Afonso, 70 anos, cego, desejava aprender Braille, mas tinha dificuldade para encontrar alguém que o ensinasse. Cidão Scalet e esposa conseguiram uma pessoa em Jundiaí, mas era impossível. Decidi aprender para poder ensiná-lo.

Uma nova perspectiva, novos desafios. Em Campinas frequentei o curso de monitoria em reabilitação de deficientes visuais no Centro de Reabilitação Dr. Gabriel Couto da UNICAMP. Eu me propus a aprender e ensinar o padre, mas a coordenação do curso me desaconselhou a ensiná-lo por ser idoso, dizendo que ele não aprenderia.

Não desisti, fiz material próprio com isopor e bolinhas, um protótipo do material Braille e o padre aprendeu. Após um AVC, teve que reaprender e conseguiu. Em Campinas, eu aprendera a ensinar a utilização da bengala que auxilia o cego a andar em linha reta e pude orientar alunos.

Sempre como voluntária, ensinei locomoção a deficientes visuais, aqui mesmo no corredor de minha casa, preenchendo uma lacuna que havia em Itu. Fui uma das fundadoras da Escola de Cegos Santa Luzia, hoje Instituto Santa Luzia, onde formei o Madrigal Canto e Luz. Creio que no meu autodidatismo, sempre tive a inspiração do Espírito Santo.

Importante destacar que minha irmã Lucila se formou um ano antes de mim, no IBAO. Ela frequentou o curso Auxiliar de Comércio e logo depois de formada utilizou seu aprendizado trabalhando na Loja Gazzola. A empresa comercializava máquinas de costura, fogões, aparelhos valvulados de rádio, enceradeiras e outros eletrodomésticos e se localizava na Rua Floriano Peixoto, em frente onde se encontra a Pernambucanas. Depois, por muito tempo trabalhou, como auxiliar de contabilidade, no escritório do Sr. Mariano que existia na esquina da Praça Padre Miguel, onde atualmente há um estacionamento, próximo ao Ituano Clube.

Lucila trabalhava durante o dia e estudava à noite, no Regente Feijó. Lá, cursou o ginásio e depois frequentou o curso Normal Noturno. Com a conclusão do curso passou a lecionar, tendo sido uma excelente profissional na Área

de Educação, tanto que hoje é a patrona de uma creche, a Creche Municipal Profa. Lucila Zaparolli Valente de Almeida, localizada na Rua Alzira Proença Januário, 721, Parque Residencial Itaim, Itu. Sua família dedicou à creche, um livro fotobiográfico que contém desde seus primeiros passos na educação até suas marcantes realizações em nossa cidade, que não foram poucas! Lucila foi uma guerreira, rotariana muito ativa, uma professora e auxiliar de direção cuja atuação ressaltava os valores que defendia. Em 1972, seu marido João Valente e ela fundaram a Distribuidora Valente que no início, só fornecia material de escritório e depois foi ampliado o atendimento para a área escolar, e nesse local trabalhou como caixa e escriturária. Essa é a origem da atual Papelaria Valente, localizada na Rua do Patrocínio sob a direção de sua filha, Luciana Valente.

Minha irmã não poderia ficar excluída de meu depoimento, porque ela valorizou e utilizou profissionalmente os ensinamentos recebidos no IBAO, no início de sua vida profissional e no final, como proprietária de empresa comercial.

Meu marido se lembra de sempre ter ouvido falar bem do IBAO e de seus cursos. Do ponto de vista pessoal guarda um sentimento, uma emoção que ainda perdura, de me ter procurado e conhecido no Instituto Borges, a grande prova de que Deus e Nossa Senhora colocam as coisas no lugar e no devido tempo.

Quanto a mim, as aulas que no IBAO tive, o apoio recebido para apresentar meu poema e soltar a minha voz, cantando, minha participação no coral da escola, fizeram uma grande diferença em minha vida, pois ali, a adolescente recatada e tímida, venceu a timidez. E é claro, meu casamento teve suas raízes no IBAO. Em todo esse conjunto de fatos percebo o crescimento de minha autoestima.

Hoje, vendo nossos quatro filhos competentes e dedicados às suas profissões, prestando relevantes serviços à comunidade e benefícios à humanidade, penso que Joaquim Bernardo Borges, o fundador benemérito do IBAO, abençoou aquelas balinhas.

Formatura de 1952.

MÃE

A ti que me deste a vida
E que meu berço embalaste
É a ti que falo mãe querida
Que sempre, sempre hei de amar-te !

Quisera ao céu poder voar
E um colar de estrelas te ofertar
Sonho de pobre, só posso te dar
O meu coração para te amar!

Escrita e declamada por mim no salão de festas do IBAO, em comemoração ao Dia das Mães em maio de 1950.

OH MADRE MIA

Versão em espanhol da música italiana Santa Lucia do compositor Teodoro Cottrau, sucesso do cantor Carlos Ramires, que cantei no IBAO em 1950, também na comemoração do Dia das Mães.

Dentro del corazon
Como una fresca flor
Llevo tu puro amor
Oh madre mia

Si piensas en mi
Como yo pienso em ti
Por eso soy feliz
Oh madre mia

(Bis) Sueño com ansiedad
En tuo regazo estar
Como te adoro
Oh madre mia

Leonor Zaparolli Carpi

Poeta, contista, cronista e artista plástica ituana, nascida em 1935, filha de Francisco Zaparolli, de ascendência italiana e de Adelaide Garcia de ancestralidade espanhola, teve duas irmãs e um irmão; casada com Salvador Carpi, tem quatro filhos, cinco netos e um bisneto. Orgulha-se de sua fé, de seu autodidatismo, de sua família e de fazer parte da ACADIL.

Menina precoce

Maria do Carmo Savioli

Não lembro o nome, mas era como se fosse um curso técnico, porém na minha época, embora recebêssemos o diploma, ele não valia, tanto que depois entrei no ginásio para seguir os estudos. Com duração de três anos, eu acho que frequentei de 1960 a 1962, mas não tenho certeza.

Estudava no período diurno, em período integral, porque à tarde tínhamos aula de corte-costura, bordado e culinária.

Não me lembro de quantos alunos havia na sala, mas me lembro que as alunas mais velhas que não viam a hora do intervalo ou recreio para irem paquerar os meninos na outra ala. Tinha 1 ou 2 que até já namoravam alunos da escola, mas se viam escondido. Como entrei na escola muito nova, eu nem sabia o que eram essas coisas … e nem lembro de muitas coisas de minha passagem pelo IBAO.

Tínhamos as mesmas aulas do currículo do curso ginasial, Português, Matemática, Geografia, História, Ciências e acho que também Educação Moral e Cívica. Também aulas de bordado, corte -costura e culinária

Eu terminei o primário em 1958 com apenas 9 anos. E não sei se foi já no próximo ano ou no seguinte, como eu ainda não podia fazer o ginásio (precisaria ter no mínimo 11 anos) fui para o Liceu que era a uma quadra de casa. Lembro -me de alguns professores como:

D. Orminda – professora de Matemática. Brava que só.

Pery Blackman – professor de Desenho.

Prof. Ieda Persona – professora de Artesanato, Bordado, Corte- Costura.

A minha base no Liceu foi muito boa, tanto que quando fui para o ginásio, já sabia praticamente todas as matérias.

Todos os anos tinha uma festa no Liceu. Não sei se era de aniversário da escola ou de final de ano e já no meu primeiro ano lá a professora Ieda estava procurando alguém para recitar poemas ou histórias imensas (ou eu que era muito pequena?). Bom, ela ia nas classes para procurar pessoas que teriam participação, e não sei por que, me escolheu. Confesso que da primeira vez me assustei, mas era obediente e aceitei. Sabe papel almaço pautado? Era até a 3ª ou 4ª folha. E eu lá, decorando, decorando e depois ensaiando. A própria professora Ieda é quem ensaiava. Acho que foram as únicas vezes que subi num palco para me apresentar para um salão lotado (mas sempre muito aplaudida…).

Com ela também aprendi a fazer *rapadurinha de banana* que era uma delícia. Lembro-me da receita até hoje:

- *1 dúzia de bananas nanicas*
- *24 colheres (sopa) de açúcar cristal*
- *2 colheres de chocolate em pó*

Cortar as bananas em rodelas, colocar o açúcar e o chocolate e levar ao fogo. Ir mexendo para desmanchar e não grudar no fundo da panela. Quando começar a desgrudar bem da panela, tirar do fogo e mexer rápido com a colher de pau até dar o ponto de corte.

Despejar numa pedra untada, esperar esfriar e cortar em quadradinhos. (no Liceu tinha umas formas retangulares de madeira e nós a usávamos para colocar o doce e ser mais fácil para cortar os quadradinhos).

Depois do Liceu ainda fiquei 1 ano em casa e depois fui para o Ginásio Regente Feijó.

Aos 20 anos comecei a trabalhar no Itaú. Foi feita uma seleção e entrevistas no Clube dos Comerciários e fui uma das escolhidas para a inauguração do Banco Itaú América em Itu. Foram escolhidas 5 moças e alguns rapazes. Fizemos um curso em Itu mesmo e depois fomos para São Paulo em uma agência para um curso prático.

Fiquei alguns anos no Itaú e depois prestei concurso para o Banco do Brasil onde me aposentei.

Maria do Carmo Savioli

Nascida em Itu em 15/06/49. Estudou no IBAO, no Instituto de Educação Regente Feijó e na Faculdade Ciências e Letras N. S. Patrocínio. Trabalhou no Banco Itaú América, na época de sua inauguração em Itu e depois no Banco do Brasil onde se aposentou.

Lembranças do Instituto Borges de Artes e Ofícios

Márcia Cristina Belucci

Entrevistada:
Sr.ª Maria Geralda Portes Belucci
Data de nascimento: 8 de setembro de 1933

Fui estudar no IBAO em 1952 porque era a única escola noturna da cidade. Oferecia somente o curso de Auxiliar de Comércio e as turmas eram mistas, atendendo a homens e mulheres que trabalhavam. Quem trabalhava de dia só tinha essa alternativa. Cursávamos até a 4ª série, somente quem podia ir para São Paulo ou outra cidade maior, poderia seguir estudando. Isso não era possível para quem precisava trabalhar. Não tinha outra escola com curso noturno, apenas posteriormente a escola Regente Feijó iniciou suas atividades e instalou o Ginásio. Não havia outra alternativa de estudo na cidade para quem trabalhava na fábrica, o nosso desejo era alcançar uma melhor colocação, um serviço menos pesado dentro da própria empresa, ou uma função administrativa em um escritório. Na minha turma, apenas um dos meus colegas não trabalhava em uma das fiações da cidade, e sim em um escritório. A maioria das pessoas trabalhava nas Fiações Redenção, Maria Cândida e São Luiz e Fiação ou ainda na Tecelagem São Pedro.

A convivência era muito boa entre os alunos e também com os professores, todo mundo se conhecia. Os professores eram bons e amigos dos alunos. O Diretor do noturno era o Sr. Benedito e o Diretor do IBAO era o provedor da Santa Casa. Não havia nenhum contato com a Irmandade, os alunos apenas sabiam que ela tomava conta da escola. E que a escola foi doada pelo Borges. Tinha duas classes de Auxiliar de Comércio no período que estudei. As salas de aula ficavam no piso superior. Todas as aulas eram lá, inclusive as de datilografia, porém era uma sala separada para essa aula prática. Uma salinha pequena do lado oposto do corredor. Tinha uma cozinha no fundo da escola que sabíamos que era usada pelas alunas da manhã.

Os alunos não precisavam pagar nada para estudar no IBAO, nem matrícula, nem uniforme. Não tinha uniforme, cada um usava o que linha, ia com qualquer roupa. Não tínhamos muito. O professor de Português pedia livro para leitura, porém apenas alguns alunos adquiriram. Na disciplina de Escrituração

Comercial era necessário comprar um Livro Diário. Os alunos não recebiam ajuda de custo ou qualquer outro benefício material. A única vez que tivemos que pagar alguma coisa, foi para participar do desfile comemorativo do aniversário da escola, que foi comemorado em 10 de dezembro de 1953. Para essa ocasião, os alunos providenciaram seus trajes. A secretaria do IBAO vendia aos alunos, tecido de fustão branco e camisetas de mesma cor com o nome da escola bordado em azul. As alunas tinham que providenciar a confecção de saias plissadas e os alunos calças compridas. Apesar do gasto tínhamos interesse em participar, aliás essa foi a única festa que tivemos. Teve o desfile e não teve aula. Como estávamos bem ensaiados e tínhamos providenciado roupas novas, a escola organizou um novo desfile, desta vez em 15 de novembro, para comemorar a Proclamação da República. Éramos treinados por um sargento do Exército. Não me lembro o percurso dos desfiles.

Não tinha conhecimento das exposições de trabalhos realizados pelos alunos de Marcenaria e de Corte e Confecções, nunca vi nada, os alunos nunca sabiam de nada. Nunca ficamos sabendo de nenhuma exposição.

Na formatura, cada um providenciou sua roupa. No salão do IBAO teve a entrega dos certificados e depois um baile de formatura. Na ocasião tiramos fotos na escada principal da escola, em turma e separados. Depois da formatura os alunos foram a um bar para um jantar de confraternização, fizemos uma vaquinha para custear as despesas. Convidamos os professores.

As famílias compareceram na formatura, assim como fizeram no desfile comemorativo.

Márcia Cristina Belucci,

Filha de Maria Geralda Portes Belucci. Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, 2015, páginas 126 e 127. In https://uniso.br/mestrado-doutorado/educacao/dissertacoes/2015/marcia-belucci.pdf - acesso em 15 de abril de 2025

Dia 14 de fevereiro de 1947

Aluna Maria Teodora Tretel

Um grupo de Meninas, entre 12 e 14 anos, saídas recentemente do grupo escolar matriculou -se no educandário chamado na época de Liceu – IBAO.

Começam as aulas. Elas entraram no prédio pela parte da frente e seguiram por um saguão onde havia um busto do fundador da entidade. Seguiram até chegar numa sala no primeiro andar. Nessa sala, receberam umas aulas: Português com a professora Maria Luiza Arruda com os conteúdos redação, gramática e vários exercícios, Matemática com a professora Orminda onde aprenderam resolução de problemas frações, numeração, números primos e organismo romanos. Nas aulas de Geografia, também com a professora Maria Luiza Arruda, estudo de mapas do Brasil, localização cardeal, desenhar o mapa do estado de São Paulo colocando os meios de transportes e vias de comunicação.

Finda essas aulas, dirigiam-se ao pátio. Lá as amizades se consolidavam. Lembro- me com saudades de duas amigas: Iracema, seu pai trabalhava na Estrada de Ferro e moravam junto a Estação de trem. Outra, Nair Bruni.

Podiam ver um pavilhão onde os meninos e rapazes aprendiam mecânica e outros trabalhos.

Nesse pátio havia um salão de carpintaria. As aulas não eram ministradas para meninas, mas apreciaram os belos trabalhos de entalhe de madeira. Nesse mesmo pátio havia uma cozinha onde as meninas recebiam noções de culinária e ajudavam a preparar os ingredientes para a sopa, que seria servida a todos os alunos da escola na hora do recreio.

Terminado o intervalo, reuniram-se no segundo andar subindo a majestosa escadaria para chegar a sala de aula de costura com a professora Brasília. Permaneceram por 2 horas nessa sala onde recebiam orientações sobre boas maneiras e noções de afazeres domésticos.

Recebiam alguns tecidos para serem riscados com motivos diversos e depois bordados com várias cores.

No fim do ano havia uma exposição com todos os trabalhos dos alunos meninas e meninos essa exposição era muito visitada e apreciada por todos os visitantes.

Maria Teodora Tretel
89 anos, viúva, professora aposentada.

Saudade e gratidão

Nerina Bianchi Higel

Escrevo com saudades, um pouco de nostalgia, mas com muito entusiasmo sobre momentos marcantes em nossas vidas. De meu marido e meus. Nos conhecemos no IBAO, lá estudávamos em dois cursos, um diurno e um noturno, mas nem sequer namoramos. Fomos flechados por cupido,...anos depois.

Frequentei o curso profissionalizante Corte e Confecção no período das 11 às 17h30. O currículo incluía aulas de Português, Matemática, História, Geografia, Desenho Corte e Costura, Tecnologia (das máquinas). Havia também aulas de Economia Doméstica, com aprendizado para lavanderia (lavar, produtos, engomar) e Culinária.

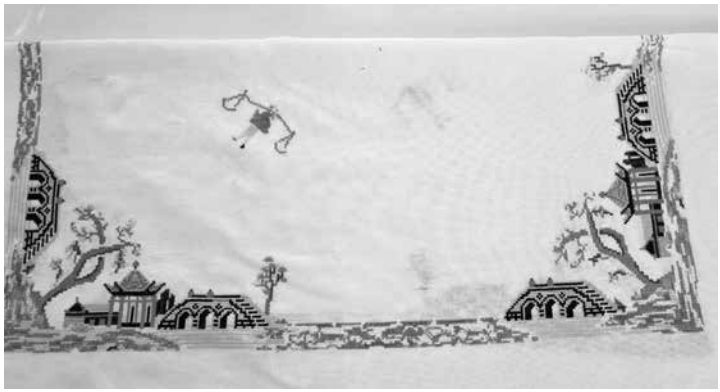
Um dia por semana acontecia a aula de Arte Culinária. A professora trazia as receitas e nós, alunas as executávamos: pão de minuto, balas, queijadinhas, bombocados, remes, rapadurinhas... No intervalo das aulas, a produção era vendida aos alunos. E como eles gostavam! Em todos os dias havia distribuição de uma gostosa sopa.

Para as aulas de Corte e Costura dispúnhamos de mais ou menos 10 máquinas. Nessas aulas aprendíamos a fazer moldes com medidas adequadas, cortar e costurar.

Adorava as aulas de bordado. Nelas aprendemos e praticamos muitos tipos de pontos: os retos, (ponto alinhavo, ponto atras, ponto haste, ponto cheio e matriz), os cruzados (ponto cruz e arraialo), os entre laçados (ponto cadeia, ponto paris, casear) e pontos de nós. Sem esquecer o crochê e seus pontos e modelos com linhas Libra e a Mercer, desde a 20, a mais grossa a 60, a mais fininha.

No final dos anos acontecia uma belíssima exposição dos trabalhos de costura, bordado e crochê de todas as alunas. As peças pessoais eram devolvidas, as da escola eram vendidas e o resultado das vendas ficava para a escola comprar material para as aulas do próximo ano.

Qual a importância desse curso para mim? Um grande aprendizado não só para a vida doméstica, mas para a vida, como também uma grande ferramenta como fonte de renda. Bordei muito para mim e por encomenda. Tinha muitos clientes que me encomendavam lençóis bordados, assim como toalhas de mesa e roupas. Muitos enxovais de jovens ituanas tiveram meus bordados. Inclusive o meu.



Toalha com bordado em ponto cruz – Nerina.

Bordado com aplicação e ponto cheio – jogo de cama.

Hoje sei que o bordado, o crochê, bem como outras formas de arte e artesanato são muito importantes. Além de desenvolverem habilidades motoras, desenvolvem a paciência, a criatividade, a precisão e oferecem benefícios à saúde mental, reduzindo o estresse, a ansiedade, e ampliam a capacidade de concentração.

À noite, concomitantemente, fui aluna do curso Auxiliar de Comércio, com aulas de Português, Matemática, Notas Fiscais, Escrita Comercial, Contabilidade como professor Leonardo de Francisco, e outras matérias que nos preparavam para o mercado de trabalho, tanto no comércio, como em indústrias ou escritórios de contabilidade. O curso de Datilografia era à parte. Eu aprendi a datilografar na Escola Remington com a Da. Emília Silveira.

Graças ao curso de Auxiliar de Escritório comecei a trabalhar logo e ser autossuficiente. Aos 16 anos trabalhei no escritório do Armazém Bragagnolo da Rua Floriano Peixoto. Depois, seguiram-se novas experiências profissionais: Irmão Ferretti; Casa Longhi Tecidos que ficava na Praça Padre Miguel, Escritório Tarchiani de Contabilidade (1963 – 1970).

Em 1970, me casei com José Carlos Higel e logo abrimos nosso próprio escritório, o 8 º da cidade, o Higel Nerina Contabilistas Associados Ltda, que por 30 anos esteve na Rua Dr. Silva Castro, 298. Curioso que nos conhecemos no IBAO, mas só namoramos anos depois. Nossa parceria não foi somente no casamento e no escritório partilhado. Frequentamos juntos o Curso de Direito na FADITU e nos formamos em 1982.

Assim, com uma vida de intensa sinergia comemoramos Bodas de Mármore. A pedra simboliza durabilidade e resistência, características de nosso casamento de 39 anos, repleto de companheirismo, respeito e amor.

Os pais de José Carlos eram Otto Higel, descendente de húngaros e Geralda Higel, de família mineira. Muito ativo, meu marido participou de diversas associações na cidade e tinha alguns hobbies como pintura, leitura, jardinagem, mas seu maior hobby era fotografia. Adorava fotografar.

Higel faleceu em 25 de agosto de 2010, aos 72 anos e senti e sinto muito sua ausência. A quem doei a sua biblioteca de mais de 12 000 volumes? Só poderia ter sido à instituição que foi a base de toda nossa vida profissional: o IBAO. Penso que meu esposo deve ter apoiado e ficado feliz com a doação.

Suas múltiplas habilidades podem ser conferidas em sua biografia que consta nas abas dos dois livros de sua autoria. O primeiro, de 2009, intitulado "Augusto Pinto, Ituano – Ação e Cidadania" retrata a vida do esquecido engenheiro, cujo nome "é uma grande presença na história". A segunda obra, "Descobrindo Tesouros" reúne suas publicações no Jornal "A Federação" e foi editado pouco antes de seu falecimento em 2010.

Em sua homenagem, como reconhecimento por sua importante atuação na cidade, em 08 de maio de 2019, foi criada a Rua José Carlos Higel, no Condomínio Villas do Golf, Itu.

Encerro com a biografia de Higel disponível nas abas de seus livros:

Jose Carlos Higel nasceu em Itu – SP em 1938 e fez o curso primário no Grupo Escolar Dr. Cesário Motta e no Grupo Escolar Convenção de Itu, quando leu e colecionou assiduamente a revista "Tico-Tico". Em seguida, no Instituto Borges de Artes e Ofícios – Liceu de Artes e Ofícios de Itu, fez concomitantemente os cursos de Marcenaria – Diurno e Auxiliar de Comercio – Noturno, formando-se em ambos no ano de 1953, com 15 anos.

Trabalhou como marceneiro. Por esta época leu os clássicos nacionais Machado de Assis, José de Alencar e outros, além da revista "*Reader's Digest Seleções*", e outras, e ainda os livros didáticos da irmã. Do ginásio e do colegial. Em 1960 com vinte e dois anos, foi fazer o curso Ginasial noturno no Instituto de Educação Regente Feijó, depois foi aluno do Curso Normal.

Participou do Grêmio Paula Souza e Mello e em 61 da fundação do SACI – Sociedade Amigos da Cidade de Itu, tendo sido seu Presidente no biênio 2006 -2008. Colaborou então na "Tribuna Ituana", jornal editado pela Entidade. Em 64, através de concurso, ingressou como escriturário no Antigo IAPI. Em 68 formou-se contador no Colégio Comercial Junqueira Ortiz, prestando em seguida concurso para Contador no então INPS, onde passou a exercer o Cargo de tesoureiro, por 16 anos.

Ecologista por convicção, em 1977 foi alvo de homenagem em sessão da Câmara Municipal de Itu, pelos trabalhos que desempenhou em favor da ecologia e da preservação do verde, principalmente com artigos publicados na imprensa local. Participou da SOMEBA – Soc. Pró Melhoramentos dos Bairros da Zona Leste, desde seu início, tendo sido presidente no biênio 1982-1983. Prestou concurso para o INSS e assumiu o cargo em 1986. Como advogado, juntamente com a esposa, participou de congressos em Paris, Roma e Berlim sobre os temas jurídicos.

Trabalhou voluntariamente no centenário jornal católico "A Federação" como diretor administrativo, onde, por cinco anos manteve a coluna "Descobrindo Tesouros" mais ou menos de autoajuda e de incentivo aos valores cívicos e morais. Em 1992 participou da fundação da Academia Ituana de Letras, ACADIL vindo a ser membro fundador da mesma e ocupando a cadeira nº 3, cujo patrono é Francisco Nardy Filho, Emérito Historiador Ituano. No ano de 2000, numa noite memorável, por ocasião do lançamento da reedição das obras do escritor pela Editora Ottoni, proferiu o elogio ao seu patrono juntamente com o lançamento do seu Livro "Dossiê" – Francisco Nardy Filho.

Participou de diversas antologias e colaborou sistematicamente com a Revista da Academia Ituana de Letras e na Antologia Internacional" Roda Mundo" organizada por Douglas Lara e editada pela "Ottoni Editora". Foi membro do CRC-SP e OAB-SP e da UBE – União Brasileira de Escritores e fez parte do Conselho Pró comemoração dos 400 anos de Itu. Aposentado, com meu auxílio, organizou sua biblioteca particular com aproximadamente doze mil livros. Muito ativo, apreciava ler, escrever, fotografar e praticar jardinagem num quintal de aproximadamente 300 metros quadrados. Apaixonado pela vida, nos deixou um grande legado de exemplar cidadania.

Nerina Bianchi Higel

Ituana nascida em 1934, descendente de espanhóis (Garrido)por parte de mãe e de italianos (Bianchi) no lado paterno. Batalhadora incansável configura os anseios dos ancestrais: coragem, determinação, conhecimento, trabalho e vitória.

Transcendendo gerações

Nilza Garcia Lucca

Cresci em uma época marcada por crise econômica e incertezas no mundo. As dificuldades enfrentadas moldaram minha ética de trabalho e a capacidade de lidar com adversidades. A resiliência, tão propalada hoje.

Para minha geração, garantir a segurança financeira e o bem-estar da família era essencial, com foco no coletivo em vez do individual. Valorizávamos disciplina, respeito à autoridade e patriotismo. Todo esse esforço e comprometimento contribuíram para o crescimento econômico e a prosperidade nas décadas seguintes.

Nasci em Itu, a 11/07/1932, na casa de meus pais, Francisco Garcia Martins e Olanda Zaparolli Garcia, na Rua Floriano Peixoto, na época chamada Rua do Comércio. Em 1946, minha família, meus pais e seus cinco filhos, mudou-se para o Largo do Carmo.

Logo após o curso primário realizado no Grupo Escolar Convenção, frequentei o Curso de Corte e Confecção, diurno, no IBAO. Aprendi a bordar diversos tipos de pontos e a costurar também, tanto que bordei todo enxovalzinho de bebê de minhas filhas, e costurei muitos vestidinhos para elas.

Diziam que as moças que cursavam o IBAO saiam prontas para se casar, pois aprendiam a organizar uma casa. E eu utilizei realmente o curso em minha vida doméstica.

Frequentei também o curso de Auxiliar de Comércio, no IBAO, no período noturno, após completar 15 anos. Tive aulas de Português, Matemática, História, Geografia e Educação Física, que eram chamadas de matéria básicas. Gostava das aulas de História, mas minha preferência maior eram as aulas de Educação Física. Lembro-me bem do professor Zinho que nos ensinou a jogar bola ao cesto. Não se falava ainda basquete ou basquetebol, era bola ao cesto o nome do jogo. Eu adorava jogar. Havia dois times na escola e as aguardadas disputas aconteciam nas aulas de Educação Física mesmo.

Impossível esquecer o professor Benedito "Pereca" Camargo, que ministrava as aulas de Matemática. Certo dia, em que haveria prova dessa matéria, preparei uma "cola" das fórmulas no meu estojo. Eu me sentava na primeira fileira, na frente. Logo no início, o professor Pereca perguntou quem tinha uma régua para emprestar a ele. Logo me prontifiquei e lhe ofereci a régua/tampa do meu estojo. Esqueci que havia feito cola ali! O professor riu muito, e fiquei sem meus

"lembretes" ... Em compensação, não levei um zero, porque afinal, não usei a cola...Ele era uma pessoa muito boa. Quando minha mãe faleceu, escreveu-me uma carta de apoio. Pena que não a encontrei, mas sei que ainda a tenho.

Terminado o curso, fui trabalhar na Casa Carvalho como balconista. Nela trabalhava Anisteu Lucca. Começamos a namorar, nos casamos em 1952 e tivemos 4 filhas. Um casamento de grande parceria.

Quando a Casa Carvalho fechou, abrimos uma loja de roupas, a Casa Anisteu, na nossa primeira casa, na Rua Benjamin Constant 287. Depois, viemos para a casa atual, bem maior e com a loja em maiores dimensões, vendíamos roupas masculinas e femininas, para o dia a dia ou festa, mas havia também artigos de cama, mesa e banho. Gostava muito de atender os clientes, sempre gostei de estar com pessoas, uma inclinação natural minha, além do que a minha geração sempre gostou de conversar. Nunca tive dificuldade para interagir com pessoas, ao contrário. Atendíamos até a noite, sempre com disposição e alegria.

Outra particularidade em relação ao atendimento na loja, é que desde criança gostava muito de fazer pacotinhos para presente, com fitas e enfeites. Na loja pude também me realizar nesse aspecto. Não me faltou oportunidade para fazer minhas caprichadas embalagens para presente.

Mantivemos a loja por 40 anos. O motivo do fechamento? A cidade cresceu, surgiu o shopping, os hábitos mudaram...

Quanto à família, meu maior bem, sempre manteve um forte e afetivo vínculo, tanto que hoje, vivemos juntas minha filha Célia e eu, uma cuidando e apoiando a outra

A religiosidade é também uma característica familiar bem marcante.

Anisteu, meu falecido marido, grande devoto de Santa Rita, era um dos festeiros da tradicional comemoração dedicada à sua santa protetora. Todo ano, há 70 anos, em maio, durante uma semana que envolve o dia 22, data em que se celebra o dia de Santa Rita, tem sido realizada a grande festa. É uma tradição em Itu que inclui novena, tríduo, missa campal e solene frente à Igreja da Santa, distribuição de rosas, procissão pelas ruas do centro, quermesse e leilão de bovinos (ultimamente virtual).

Em homenagem a Anisteu, auxilio o Grupo Santa Rita que entrega 30 enxovais de bebê todos os meses, mantendo aqui em casa, um espaço disponível para que a associação guarde suas costuras e materiais.

Gosto muito de crianças. Sempre gostei. Deve estar no DNA, pois minhas filhas também gostam. Tanto que Selma e Sueli abriram em 1972 a Escola de Educação Infantil Pinguinho de Gente que até recentemente funcionava aqui

pertinho de casa. Eu ia sempre lá, participava dos eventos e até sou chamada "avó do Pinguinho". O amor às crianças e o apreço ao convívio com pessoas, perpassa gerações. As filhas das filhas já estão à frente da Escola Pinguinho de Gente.

Importante destacar que, por muito tempo, a Escola Pinguinho de Gente realizava festas escolares e de encerramento do ano no salão de festa do IBAO. A utilização do espaço era tão concorrida, que havia necessidade de fazer a reserva com um ano de antecedência.

Tenho um forte sentimento de gratidão ao IBAO. O que lá aprendi pude aplicar na minha vida pessoal e como empresária, gerenciando minha loja. A ligação com o Instituto Borges, não é exclusivamente minha. Perpassou, de outras formas, a outra geração.

Obrigada, IBAO, pelo seu grande significado em nossas vidas.

Nilza Garcia Lucca
ituana, 92 anos, viúva há 10 anos, 4 filhas, 9 netos e 15 bisnetos.

Do IBAO à Prefeitura

Olavo Volpato

Os Barões do Café, que já tinham em Itu uma escola para seus filhos homens – Colégio São Luiz dos Jesuítas, solicitaram ao Bispo D. Antônio Joaquim de Melo a presença de uma escola feminina para atender a educação de suas filhas. Foi então que o Bispo em contato com Chambery na França trouxe para Itu algumas irmãs para assumirem o empreendimento do Colégio. Sete freiras da Irmandade de São José vieram na primeira viagem. Cabia à Irmã Maria Basília o cargo de "Superiora", porém essa veio a falecer dias antes de desembarcar no Rio de Janeiro e seus despojos, como era de costume, foram lançados ao mar.

Em 1859, sob a coordenação de Madre Maria Teodora Voiron, teve início o primeiro colégio feminino do Estado de São Paulo, em regime de internato. Junto com as meninas filhas dos fazendeiros e dos aristocratas da época Madre Teodora abriu uma sala de aulas para as filhas dos escravos. Madre Teodora também abriu um Externato para filhos e pobres da cidade.

Tive o "privilégio" de ter iniciado em 1952 meus estudos no Externato Nossa Senhora do Patrocinio. Lá passei por 2 anos, onde recebi os primeiros valores religiosos e fiz a minha primeira comunhão. Em 1954 a 1955 passei a estudar no Grupo Escolar Dr. Cesário Motta.

Como necessidade de qualquer menino/jovem da época, procurava uma profissão para desenvolver meu potencial. Assim, junto com o grupo escolar me matriculei no IBAO – Instituto Borges de Artes e Ofícios, conhecido como Liceu no curso Marcenaria – das 12h30 às 17h00. Éramos em 3 alunos: Eu, Flavio Kihama e Moacir Zucatti. Nossos dedicados mestres foram: Benedito Ribeiro da Veiga Camargo, Celso Pinto Marinho, Corintho Galvão de Toledo, Hieda Aparecida Persona, José Ignacio de Arruda, Leonardo de Francisco, Péricles Queiros Fiuza, Maria Luiza Moraes, Orminda Moraes Fonseca, Pery Guarany Blackamn, Rafael Angelo Nacarati e Rogério Lázaro Toccheton. Guardo com carinho algumas passagens durante o curso. D. Orminda, professora de Matemática marcou em mim que o: "cálculo mental abnegado é o raciocínio que se faz antes de colocar no papel".

Seu Pery, professor de desenho, nos ensinava a arte de pôr no papel a arte antes de ser executada. Nas aulas práticas aprendemos a fazer as espigas e encaixes de mesas, cadeiras, móveis em geral em imbuia e cedro. Todo reparo nos

móveis da Santa Casa era feito durante as aulas práticas no IBAO pelos alunos e funcionários.

Uma das peças que nós, alunos, fizemos para atender as enormes vendas de doces da conhecida "Doceira de Itu", senhora D. Alzira Rodrigues de Arruda, esposa do senhor Adolfo Rodrigues de Arruda, que morava no Largo do Carmo, 118, e fazia deliciosos doces de marmelada e goiabada em grandes tachos de cobre. Para bem acondicionar as marmeladas, coube aos alunos do IBAO fabricarem caixinhas de cedro com tampa de correr de 30x30x15, para bem transportar a encomenda. As caixas tinham que ser bem lixadas com lixa fina e não podiam receber vernizes. Foram construídas segundo exigências sanitárias da própria D. Alzira. Na caixinha havia um rótulo com a inscrição: "Doces da Alzira".

Fabricávamos também suporte de canto com entalhes para a colocação de imagens de santo. No último ano como complemento do curso tivemos aulas de tornearia em madeira de lei. Fazíamos em marfim vários pilões e soquetes para socar alho. Como lembrança desse tempo trago nos dois polegares cicatriz de cortes provocados por formão e ferro V.

Nas aulas de Educação Física, jogávamos futebol no campo atras do IBAO. Eu era goleiro. Havia um aluno de outro curso – Expedito que possuía um chute muito forte e uma habilidade incrível de bater uma falta. Dizia ele para mim goleiro: "Vou pregar você na parede".

Havia muita rivalidade entre os meninos do IBAO com os meninos alunos do SENAI, pois esses últimos também queriam paquerar as meninas do IBAO. Houve um caso de duas alunas do Liceu se pegarem pelos cabelos na disputa de um "concorrente" nosso. As alunas tinham aulas de culinária e faziam os docinhos e salgadinhos que nós comprávamos nos intervalos. Trabalhava na Secretaria a professora D. Maria do Carmo Mantovani Pinto, senhora muito educada, paciente e dedicada. Era muito amada pelos alunos.

Terminado curso de marcenaria, fui trabalhar com meu primo Antônio Fanchini, em sua marcenaria instalada na Rua Santana, em frente ao Clube São Pedro. Lá trabalhei por 2 anos. Meu pai era ferroviário da Sorocabana e trabalhava na estação de Itaici, em Indaiatuba. Incentivou -me fazer o Curso de Telegrafista dos Transportes da Sorocabana. Nessa época, mensagens sociais de falecimento, aniversário, casamentos e outras, eram comunicadas pelo serviço telegráfico da Sorocabana. Um Estafeta, esse era o nome da função do funcionário da Sorocabana que saía a pé ou de bicicleta para entregar no destinatário a mensagem recebida. Aprovado no curso para telegrafista, só havia vagas em cidades distantes de Itu. Nesse período, cursava o ginasial no Instituto de Educação Regente Feijó, onde desfrutei de uma consideração especial da professora

Nair Guido Serapião, intercedendo junto ao Dr. Osvaldo Ferreira Marques, Engenheiro de Via Permanente da Sorocabana – esse era o cargo dele na Ferrovia para que eu assumisse meu emprego em alguma vaga de telegrafista. Assim, trabalhei por dois anos, das 19h às 07h do dia seguinte, na Estação do Pirapitingui, como telegrafista.

Ainda na Sorocabana, trabalhei também como auxiliar no Armazém de Carga e Descarga de Mercadorias, onde ficavam estocados sacas de café para exportação. Ali, utilizando de aparelho perfuravam as sacas para ver a qualidade do café. A fundição Irmãos Gazzola utilizou muito os meios ferroviários para transportas seus produtos, especialmente os "pés de ferro" que eram utilizados pelos sapateiros no concerto das solas dos sapatos. Os encarregados do armazém eram os senhores Ciro Rocha – maestro da Banda São Pedro e do Carmo e Antônio Francisco de Paula, apelidado de Mexerica.

No ginásio, já com 18 anos, enquanto a maioria dos alunos tinham 13, 14 anos, fui escolhido presidente da comissão de formatura. Junto com uma Diretoria de alunos dinâmicos pudemos realizar um bom trabalho. Organizamos uma bela festa de formatura, a ponto do Sr. Diretor da escola professor João Bispo em seu discurso para pais e alunos disse que aquela turma deveria ser chamada de "Turma Olavo Volpato". Terminado o ginásio, fiz o curso Científico, desta vez no próprio Regente Feijó, no curso noturno.

Em 1969, fui candidato a vereador e obtive 868 votos sendo o mais votado do grupo do candidato a Prefeito Galileu Bicudo. Houve então intervenção Federal Militar em Itu que durou por 2 anos, com intervenção na Câmara de Vereadores. Terminada a intervenção, houve eleição para os cargos de prefeito e vice. Fui convidado e aceitei ser candidato a vice-prefeito na chapa do Sr. Caetano Ruggieri

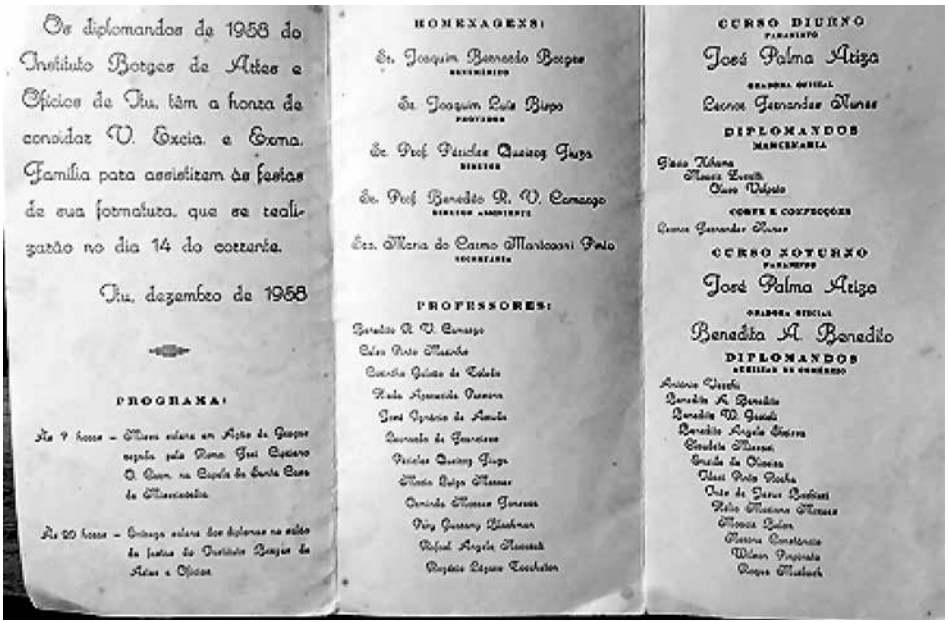
Vencemos as eleições com mais1000 votos de diferença da chapa do Sr. Mucio do Amaral Gurgel e seu vice-prefeito Agenor Bernardini. Em 27/01/1971, assumi a prefeitura devido a morte de Caetano Ruggieri. Após dois meses no cargo, em 27 de janeiro de 1971, Sr. Caetano Ruggieri faleceu em São Paulo, tendo eu aí assumindo definitivamente o cargo de Prefeito para completar o mandato. O Coronel Leônidas Pires Gonçalves, Comandante do Regimento Deodoro, me chamou-me no quartel e disse-me: "Jovem, o destino lhe pois nas mãos uma cidade. Trabalhe 18 horas por dia e conte com nosso apoio". Fui prefeito da cidade por 2 vezes de 14 de janeiro de 1971 a 31 de janeiro de 1973 e de 1º de fevereiro de 1977 a 31 de janeiro de 1983.

Na minha gestão, construí, com ajuda do Governo do Estado, os conjuntos habitacionais Jardim das Rosas – 428 casas, Jardim Aeroporto – 378 casas e São Judas Tadeu 782 casas, a Biblioteca Pública Municipal Prof. Olavo Valente de

Almeida, que em média diariamente atendia mais de 100 alunos com funcionamento até as 21h, e o SAAE Serviço Autônomo de Água e Esgoto. Sou graduado em Administração de Empresas e Pós-graduado em Recursos Humanos pela UNISO de Sorocaba e Bacharel em Direito pela FADITU.

Trabalhei como Gerente Comercial Autopeças Gandini, Relações Públicas da Metalúrgica Cobra e Gerente de Recursos Humanos por 34 anos da Porcher do Brasil.

Os conhecimentos adquiridos no IBAO – também com o Instrutor Luís Antunes, recentemente falecido –, foram importantíssimos na minha vida e durante as minhas gestões como prefeito. Organizei as oficinas da prefeitura, montei uma fábrica de tubos de concreto para serem utilizados na rede de águas pluviais, montei uma equipe de mão de obra técnica para pavimentação asfáltica dos bairros, cujos conhecimentos foram adquiridos nos bancos escolares do IBAO.



Os diplomandos de 1958 do Instituto Bosco de Artes e Ofícios de Itu, têm a honra de convidar V. Excia. e Exma. Família para assistirem as festas de sua formatura, que se realizarão no dia 14 do corrente.

Itu, dezembro de 1958

PROGRAMA:

Às 9 horas – Missa solene em Ação de Graças rezada pelo Revmo. Frei Caetano O. Carm. na Capela de Santa Cruz do Misericordia.

Às 20 horas – Entrega solene dos diplomas no salão de festas do Instituto Bosco de Artes e Ofícios.

HOMENAGENS:

Sr. Joaquim Bonifácio Bosco
BENFEITOR

Sr. Joaquim Luiz Bispo
PROTETOR

Sr. Prof. Péricles Queiroz Filho
DIRETOR

Sr. Prof. Benedito R. V. Camargo
DIRETOR ADJUNTO

Exa. Maria do Carmo Mariconni Prado
SECRETÁRIA

PROFESSORES:

Benedito R. V. Camargo
Celso Pinto Macedo
Cornélio Gomes de Toledo
Pedro Aparecido Pereira
José Cipriano de Almeida
Leonardo de Francisco
Péricles Queiroz Filho
Mario Luiz Mesner
Osmindo Moraes Gouveia
Vitor Gustavo Kuehner
Rafael Angelo Mascaro
Rogério Lopes Tocchetto

CURSO DIURNO
PARANINFO
José Palma Atiza
MADRINHA OFICIAL
Lucia Fernandes Nunes
DIPLOMANDOS
MARCENARIA
Gino Ribeiro
Mauro Lovelli
Olavo Volpato
CORTE E CONFECÇÕES
Lucia Fernandes Nunes

CURSO NOTURNO
PARANINFO
José Palma Atiza
MADRINHA OFICIAL
Benedita A. Benedito
DIPLOMANDOS
AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
Antonio Chiachi
Benedita A. Benedito
Benedito W. Gandini
Benedito Angelo Guerra
Claudete Moraes
Gerson de Oliveira
Olavi Pinto Rocha
Otto de Paiva Barbosa
Pedro Mariano Moraes
Monica Quiles
Pastora Constancio
Wilson Pagnossin
Roque Machado

Convite de formatura dezembro de 1958.

Olavo Volpato

80 anos, casado com a Professora Marisa Guimarães Cintra Volpato há 35 anos, pai de Karla Maria Guimarães Cintra Volpato, atriz e analista de Marketing

Com ç mesmo – erro de cartório

Paulo Eduardo Gatti Bordini

Paulo de Tarso ou *São Paulo*, foi um dos mais influentes escritores, teólogos e pregadores do cristianismo, cujas obras compõem parte significativa do Novo Testamento. Em 25 de janeiro, aniversário da cidade de São Paulo, de 1934, nascia em Itu um menino, filho de Dino Bordini, descendente de italiano do Veneto e Encarnacion Lorente – espanhola de Granada. Para homenagear o Padroeiro da cidade de São Paulo, o menino fora batizado com o nome de Paulo de Tarço (com ç mesmo – erro de cartório) Bordini.

Quando criança, aos 10 anos, quebrou um dos braços e foi internado no Hospital das Clínicas em São Paulo por aproximadamente 20 dias com uma barra de ferro atravessado no braço e pendurado para poder evitar a calcificação do osso de forma errada.

Já adolescente frequentou o seminário de Pirapora do Bom Jesus por 2 anos, porém desistiu, pois não era essa a sua vocação. Deixando o seminário matriculou-se no curso de Auxiliar de Comércio no Instituto Borges de Artes e Ofício, concluindo seus estudos no ano de 1952. Já nessa época despontava como um grande líder. Organizou a festa de formatura, promovendo entre alunos e professores uma rifa de um lindíssimo aparelho de chá, cuja renda toda foi destinada às festas de formatura. Curiosamente, ele foi o ganhador do prêmio sorteado. Manifestação da Justiça, disseram os alunos da época. O célebre aparelho de chá ainda está completo e faz parte da história da família.

O aparelho de chá – pertence à família há mais de 60 anos.

Terminado o curso de Auxiliar de Comércio, foi trabalhar na fábrica São Luiz, à qual dedicou-se a vida toda, inicialmente como com ajudante de almoxarifado e se aposentou como responsável por toda administração fabril e vendas.

Casou-se com Maria do Carmo Gatti Bordini com quem teve quatro filhos: José Claudio, Paulo Eduardo, Mauricio Jesus e Marcelo Luis.

Gostava de organizar festas, jogos de futebol e excursões para diversos locais em São Paulo como Salão da Criança, zoológico e romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Aparecida. Mas o que ele amava mesmo era escrever, com alguns amigos, peças de teatro e lembro-me do nome de uma dessas peças que foi encenada nas dependências do então Clube São Pedro: "Os Marmiteiros".

No início da década de 70, quando começaram a serem feitos os tapetes por ocasião da festa e procissão de Corpus Christi, juntamente com os exímios desenhistas o senhor Luis Rodrigues e Luiz Antônio (Luiz Zito) de Francisco, fazia verdadeiras obras de arte – principalmente o tapete de fronte a igreja do Bom Jesus, para receber Jesus Eucarístico.

Com participação ativa nos movimentos sociais, culturais e religiosos como Congregado Mariano do Carmo, viveu intensamente o desapego de si para dar alegria ao próximo, seguindo o exemplo de seu padroeiro. Logo após sua aposentadoria na Fábrica, veio a falecer em 29 de janeiro de 1984.

Formatura 1952 – acervo da família Bordini.

Paulo Eduardo Gatti Bordini

Engenheiro, 64 anos, casado com Regina Célia Duarte Bordini, pai de Gabriela Duarte Bordini Pioto e Matheus Duarte Bordini e avó de Igor Gatti Pioto.

Dois cursos importantes

Maria Elizabeth Savioli Leite

Minha mãe, Theresinha de Jesus Savioli, frequentou o *Curso de Artes* do IBAO no ano de 1950, no período diurno, quando tinha 16 anos. Ela lembra que havia muitos alunos, em sua maioria mulheres. Aprendiam :corte e costura, bordado, tricô, crochê e arte culinária. Serviam um delicioso almoço para todos os alunos. Com o aprendizado adquirido, ela se dedicou à costura por toda a vida. Também aprendeu tricô e bordado. Mas o que fez a diferença mesmo foi o curso de Arte Culinária. Minha mãe sempre foi uma cozinheira de mão cheia!

No ano de 1952, com 18 anos, enquanto trabalhava durante o dia na Farmácia Paulista, do Sr Félix Cotait, começou no IBAO o *Curso de Secretariado* à noite. Um detalhe interessante é que havia vários homens frequentando esse curso. Após a formatura, com o diploma nas mãos, foi convidada a trabalhar no Setor de Contabilidade da empresa dos Irmãos Francischinelli, onde na época vendiam e consertavam bicicletas. Após alguns anos, foi chamada para cuidar do posto de gasolina recém inaugurado, onde conheceu meu pai Luiz Gonzaga Leite Filho e se casaram. Quando seus filhos já estavam criados, foi trabalhar na tesouraria da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, onde pôde usar os conhecimentos adquiridos no curso de Secretariado realizado no IBAO. Trabalhou por cerca de 20 anos nessa nobre instituição, quando, então, se aposentou.

Pelo relato acima, se constata a importância do IBAO para sua vida, tanto no seu desempenho familiar - com suas costuras ou deliciando a família com seus saborosos quitutes - quanto no profissional exercendo funções de contabilidade e de secretariado.

Agradecemos a oportunidade de relembrar essa época tão fundamental da sua vida!

Maria Elizabeth Savioli Leite (Beth Savioli)
filha mais velha de Theresinha. Aposentada pela Caixa Econômica Federal, onde trabalhou por 29 anos em São Paulo. Na época da pandemia voltou a morar em Itu para passar mais tempo com a mãe e com a família.

O bordado, a culinária e grandes amizades

Vanda Maria Monteiro Mazurki

Em 1961, iniciei o curso no IBAO. Ainda não era o curso ginasial, mas havia uniforme e a escola era bem organizada.

O uniforme feminino era composto por saia pregueado azul marinho, blusa branca com o diagrama IBAO na parte da frente e gravata azul marinho.

Lembro-me de alguns professores:

Português - Prof. Milton Ottoni,

Matemática - Profa. Herminda Leitão

História - Professor José…

E a diretora era dona Maria, que vinha de Salto.

Tínhamos aulas práticas de Artes, cuja professora de bordado era Ieda Persona, a de costura era Luizinha, a de culinária era dona Josefa. Gostava muito dessas aulas.

Sabe que havia até aulas de Religião? Eram ministradas pelos padres do Convento do Carmo

Os meninos tinham aulas de marcenaria, mecânica e outras nas oficinas do lado esquerdo do prédio.

A diretora era dona Maria, que vinha de Salto.

Como naquela época o curso no I BAO não dava direito de prosseguir os estudos, parei no início do terceiro ano e fui me preparar num Curso de Admissão para entrar na quinta série do curso ginasial no Colégio N.S.do Patrocínio, onde fiquei lá até terminar o curso Normal em 1968.

Tenho boas recordações do IBAO, pois graças a ele cultivo até hoje o gosto pelo bordado e pela culinária.

O maior legado foram as grandes amizades que cultivo até hoje.

Vanda Maria Monteiro Mazurki

Ituana, viúva, formada em Estudos Sociais e Pedagogia, lecionou no Colégio N. Sra. do Patrocínio, ingressou na rede pública estadual em Cabreúva e transferiu-se para a Escola Estadual Francisco Nardy, em Itu, onde se aposentou. Através de concurso lecionou Geografia no Curso Supletivo da Prefeitura Municipal de Itu; foi catequista de Primeira Eucaristia e Crisma; casada por 47 anos com Ademir Mazurchi (in memoriam), 3 filhos, e 5 netos (duas já estão com Deus).

A produção de móveis

"Um dia, quem sabe, nos sentaremos sobre cadeiras de ar sólido."
Marcel Breuer

Os móveis não apenas desempenham funções práticas, mas também são expressões artísticas que refletem a cultura de seu tempo.

Particularmente, os móveis entalhados em madeira exemplificam a união entre arte e funcionalidade, sendo também testemunhos visuais das mudanças culturais e do talento artesão. O entalhe é uma técnica artesanal muito antiga, que esculpindo a madeira, a transforma em obras únicas, ricamente entalhadas. O artesão transporta um minucioso, artístico e meticuloso desenho de arabescos, flores, figuras geométricas e elementos da natureza, com paciência, precisão e grande habilidade manual para o lenho, com alto relevo, montando móveis com história, arte e afeto. As peças entalhadas estão associadas a estilos como **barroco**, **rococó** e **colonial**. Atualmente, aliando tradição e renovação, o entalhe é utilizado em propostas modernas.

No Brasil, essa evolução é rica e diversificada, incorporando influências de várias culturas e estilos desde a colonização.

O século XX marcou o início da produção industrial de móveis no Brasil, com a criação de empresas que passaram a produzir em larga escala.

A partir da década de 1920, nota-se uma leve mudança nos móveis, aproximando-se ao modernismo, mas ainda semelhantes a expressões europeias. O movimento moderno, que enfatizava a funcionalidade e a simplicidade, teve grande influência no design de móveis brasileiro

O mobiliário brasileiro, após a Segunda Grande Guerra, passou a apresentar características mais peculiares importando, assimilando ideias e conceitos obtendo uma produção que conjugou o espírito moderno do despojamento e simplicidade ao uso de materiais nacionais: tecidos, fibras naturais e outros.

Os móveis de alto padrão produzidos no Brasil são reconhecidos internacionalmente por sua qualidade e inovação, graças à criatividade de cada designer expressa na utilização de materiais diversos, como madeira, metal, fibra de vidro, plástico, couro e têxteis, combinando beleza, originalidade, funcionalidade e design.

Uma preocupação da indústria moveleira é o impacto ecológico negativo do uso indiscriminado da madeira. O Ecodesign exige uma responsabilidade cada vez maior neste sentido.

Interessante lembrar que encontramos frequentemente as expressões **retrô, antigo e vintage** para designar estilos ou peças usadas na decoração de um ambiente. Antigo é o termo que se refere a tudo que tenha pelo menos 100 anos de idade, vintage engloba tudo que tenha a idade entre 20 e 100 anos e retrô denomina peça nova inspirada em épocas passadas, uma releitura.

Bibliografia:

BRANDÃO, A. Anotações para uma história do mobiliário brasileiro,2010 in https://revistas.usp.br › cpc › article › download em 02 de junho de 2025

CAVALCANTI, Virginia Pereira Cavalcanti. O Design do móvel contemporâneo brasileiro – 2001, in www.teses.usp.br/teses/disponiveis , acesso em 31 de maio de 2025.

LOPES, Anelise. https://www.estadao.com.br/emais/Antigo, retrô e vintage? Quais as diferenças entre eles na decoração? https://www.estadao.com.br/emais/ de 23 de abril de 2018, acesso em 03 de junho de 2025.

RINES, Clayton M. O Livro Simplificado sobre Entalhes em Madeira para Iniciantes: Técnicas para Entalhes em Relevo, Projetos Acessíveis Passo a Passo e Padrões com Fotografias eBook Kindle.

LITCHFIELD, Frederick. Dictionary of the Historyof furniture Illustrated-History of forniture from the Earlist to present time, in https://www.gutenberg.org/files/12254/12254-h/12254 , acesso em 02 de junho de 2026.

O Liceu, como era conhecido o IBAO, logo após sua fundação, era famoso e valorizado por sua produção de mobiliário e decoração de alta qualidade. Seus móveis clássicos, entalhados, de madeira maciça eram prestigiados e seguiam a tendência da época. O estilo clássico utilizando entalhes elaborados e cores escuras para criar um ambiente sofisticado e imponente era o preferido até o início do século passado.

Móveis clássicos fazem parte do patrimônio da Santa Casa de Itu e do próprio IBAO, feitos em madeira maciça e muito bem conservados. Podemos encontrar entre eles, móveis quase antigos, prestes a completar 100 anos e peças vintage. Sabemos que muitos móveis projetados e produzidos artesanalmente no IBAO, bem como peças de decoração, encontram-se em residências de ituanos, em museus de Itu e temos ciência de que peça artesanal da mesma origem adorna uma praça em nosso município. A peças que se encontram em residências, provavelmente foram adquiridas por ocasião em que o IBAO promovia a venda de produtos realizados na marcenaria da escola. As exposições e vendas abrangiam também trabalhos de alunas dos cursos de Corte e Confecção, bem como de Bordados, Crochê e Tricô, e quitutes do curso de Culinária, de acordo com os depoimentos de ex-alunas

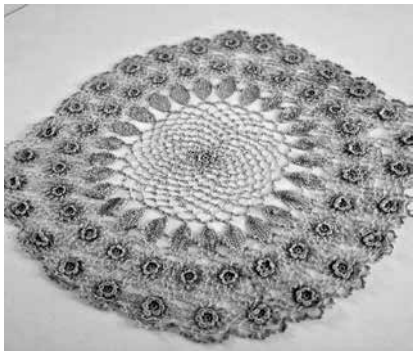
As fotos a seguir documentam essas afirmações.

Escrivaninha do Professor Luizito – Museu da Música.

Acervo – Synésio Sampaio Goes Filho.

Foto do Cruzeiro instalado na frente da Igreja Cruz das Almas, na Rua Sorocaba. Peça feita no IBAO pelo Professor Carmignani em abril de 1938. Fonte: Tucano.

Tipo de bordado que era vendido.



Peça de Crochê feita por aluna da época.

Sala de jantar completa - família do Diretor João Bispo, adquirida do IBAO na década de 40.

Buffet da sala de jantar - família do Professor João dos Santos Bispo (In Memoriam).

Cômoda adquirida na década de 50 no IBAO - Acervo de Beatriz Bispo Santos Prado. Pertenceu à sua mãe, Sra. Dulce Bispo dos Santos.

Roupa de batizado, bordada por Yeda Aparecida Persona, em 1950, professora de bordado, pertencente a Beatriz Bispo Santos, utilizada por 3 gerações.

O grêmio estudantil

No século XIX encontramos as primeiras associações de estudantes em universidades europeias, nas quais as diligências eram principalmente voltadas para a melhoria das condições de estudo e a defesa dos direitos. Os grêmios estudantis são uma das mais duradouras tradições da juventude brasileira.

- O movimento estudantil brasileiro teve início em 1901, com a criação da Federação dos Estudantes Brasileiros;
- O primeiro Grêmio Estudantil do Brasil foi fundado em 1902, na cidade de São Paulo, com característica recreativa, voltada para o esporte, cultura e lazer;
- Em 1937, foi fundada a União Nacional dos Estudantes (UNE), na Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro;
- Em 1948, foi fundada a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), no Rio de Janeiro;

Em 5 de novembro de 1985, foi sancionada a Lei n. 7.398, a Lei do Grêmio Livre, apresentada pelo deputado federal Aldo Arantes, durante o governo do presidente José Sarney, que garante a organização de grêmios estudantis em instituições de ensino de primeiro e segundo graus.

O grêmio é uma organização sem fins lucrativos que representa o interesse dos estudantes e que tem fins cívicos, culturais, educacionais, desportivos e sociais. Ele dá voz aos jovens, promove lazer e cidadania, ajudando os estudantes a desenvolverem habilidades como tomada de decisões, organização financeira e falar em público. As atividades dos Grêmios Estudantis representam para muitos jovens os primeiros passos na vida social, cultural e política. Assim, os Grêmios contribuem, decisivamente, para a formação e o enriquecimento educacional de grande parcela da nossa juventude. Os objetivos das agremiações estudantis estão elencados e sintetizados em *sp.gov*:

- Defender os direitos e interesses dos estudantes, promovendo a comunicação entre os estudantes, a administração escolar e os professores;
- Organizar eventos, atividades e projetos que contribuam para o desenvolvimento da comunidade escolar, promovendo lazer e entretenimento, através de debates, apresentações teatrais, festivais de música, orneios desportivos dentre outras atividades;
- Aprender ética e cidadania na prática.

A formação de um grêmio estudantil se dá pela eleição de um grupo de alunos por seus colegas, sendo organizada uma chapa composta pelo Presidente, Vice-Presidente, Secretário-Geral, Tesoureiro-Geral e Diretores. Cada um dos membros possui funções específicas.

O Grêmio Estudantil do IBAO, foi fundado em abril de 1955, segundo a edição de 24/04/1955 do Jornal A FEDERAÇÂO, página 4, em que o periódico se congratula com os alunos pela iniciativa e realização da eleição de seus membros, desejando para a agremiação uma feliz administração.

Para a direção desse grêmio foram eleitos:

- Presidente – Francisco Delfino Compregher;
- Vice-presidente – Francisco Barbieri;
- Secretário Geral – Oriovaldo Luis Armenio;
- Primeiro Secretário – Expedito Xavier;
- Segundo Secretário – Iolanda Acosta;

- Tesoureiro Geral – Terezinha Jesus Guido;
- Primeiro Tesoureiro – Claire de Oliveira;
- Segundo Tesoureiro – Laura Liberatore.

Conselho Fiscal, assim constituído:

- Presidente – Prof. Alvaro Pari;
- Diretor Geral de Esportes – Fernando Scaravelli;
- Primeiro diretor – Rosalina Espírito Santo;
- Segundo Diretor – Getúlio Elias Schanoski;
- Diretor de Propaganda – Luis Novelli;
- Redator do Jornal – Marcia Vaz;
- Bibliotecário – Maria Guido;
- Direção Artística – Marilza Salvanine;
- Primeiro Orador – Célia Bruni;
- Segundo Orador – Iolanda Bruni;

E mais os suplentes:

- Milton de Melo, Ivã Ribeiro dos Santos e Luis Julio Primo.

Os *organizadores*

Referências

IDELBRANDO. Amália Galvão. O Grêmio Estudantil de uma Escola Municipal de Ensino

Fundamental e a relação com a formação da cidadania dos alunos, São Paulo, Editora

Dialética, 2021

MARQUES, Leandro. O Guia Do Grêmio Estudantil. Grupo Editorial Atlantico DISAL SP 2022

Jornal A FEDERAÇÂO, 24/04/1955, página 4,

https://educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/gremio-estudantil/9856, acesso em 02 de abril de 2025

http://www.educacao.sp.gov.br/ grêmio-estudantil, acesso em 02 de abril de 2025

Para compor os depoimentos relativos ao tema *O IBAO E EU*, relacionados ao Grêmio Estudantil "Bernardo Borges", foram entrevistados dois ex-alunos que participaram da diretoria dessa representação dos estudantes.

O IBAO E EU

"Eu estudei marcenaria e entalhe durante dois anos. Lembro-me do mestre de marcenaria, José Casalini e do mestre da entalhação, Rafael Nacarato.Como diretor esportivo, cuidava do futebol, minha paixão, e também do basquete. Organizava amistosos e campeonatos entre times de várias classes da escola, que geravam uma boa competição. A rivalidade mesmo era com o SENAI, que funcionava no mesmo prédio, naquela época. Era uma rivalidade, um antagonismo em todas as modalidades esportivas. Havia um campo de futebol nos fundos e realizamos torneios com outras escolas profissionalizantes. Aí, fui para o mundo do futebol. Só mais tarde voltei para o Ginásio noturno e fiz o restante do estudo."

Getúlio Elias Schanoski

Casado com Ditinha M. Schanoski, três filhos, uma neta, aposentado. Presidente do Círculo Italiano, Presidente da Comissâo Especial Padre Bento, foi Diretor da SACI.

"Em 1968/69 cursei o IBAO, ocasião em que, inclusive, presidi o glorioso Grêmio Estudantil "Bernardo Borges", com os colegas Toninho Silveira Arruda na vicepresidência, Luiz Moraes, Secretário, Vera Lucia Zimbardi, Tesoureira e colegas de distintas séries compondo a equipe dirigente. Foram meus contemporâneos".

Lázaro José Piunti

Ituano, 78 anos, ex-vereador e ex-prefeito de Itu. É advogado, poeta e escritor. Pertence a quatro academias literárias.

Os ginásios industriais

A rápida industrialização no Brasil, especialmente no Sudeste e Sul, durante o governo de Juscelino Kubistchek foi um período de grande desenvolvimento, com amplas possibilidades de emprego e grande e privilegiada entrada de capital estrangeiro, sobretudo na indústria automobilística. Essa demanda revelou a necessidade de uma reforma no ensino industrial, visando uma legislação mais flexível e adaptada às peculiaridades regionais.

O ministro da Educação, Cândido Motta Filho, criou uma Comissão para estudar e elaborar uma nova lei sobre o ensino profissional. O resultado foi a Lei Federal 3. 552/59, que reformou o ensino industrial, tendo como objetivo proporcionar aos jovens uma base de cultura geral e uma compreensão de vários ofícios. Mais focada nas escolas federais e muito ampla nos aspectos gerais, não atingiu a expectativa das indústrias quanto à ampliação e capacitação de mão de obra qualificada.

O Decreto-Lei número 50 492 de 24 de abril de 1961, já no governo Jânio Quadros, complementou a lei anterior.

Portanto, essa foi a lei que resultou na proliferação dos ginásios industriais e que possibilitou a abertura do Ginásio Industrial no IBAO que segundo Belllucci,2015, "a partir de 1964, as dependências da escola no período diurno passaram a acolher os alunos desse curso. Para isso, um termo de convênio foi firmado em 28 de junho de 1963, entre a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu e o Governo do Estado de São Paulo, na Secretaria de Estados e Negócios da Educação, [...] objetivando a reorganização dos cursos mantidos pelo "Instituto Borges de Artes e Ofícios" de Itu, de maneira a melhor atender às suas finalidades de estabelecimento de ensino destinado à educação profissional, gratuita, em nível de primeiro ciclo de ensino médio (PROC. SE. 40463/63)".

O curso atraiu a população, de tal forma que tendo iniciado com 30-50 alunos, em 1970 possuía o total de 1432 alunos matriculados nas quatro séries (SOUZA e CYTRYNOWICZ,2020, pág.161).

Durante esse período ocupavam o espaço do IBAO, o Ginásio Industrial e o SENAI que ali funcionava desde 1946 e se transferiu para sua sede no Bairro Brasil, próximo à Rodoviária em 1972.

Nova lei federal de 1971 desencadeou o fechamento do Ginásio Industrial em 1973. Difícil momento para a instituição, mas um bom vislumbre com a nova legislação.

Oficina Mecânica - Ginásio.

Oficina Ginásio – Professor Rogério Seconello – explicando o desenho da pazinha de lixo.

Algumas das máquinas disponíveis na época do Ginásio.

Alunas do Ginásio.

Referências:

BRASIL – DECRETO-LEI 3552/59 - (planalto.gov.br.ccivil) – acesso em 15 de março de 2025.

BRASIL ´Decreto-Lei – 50494 de 24 de abril de 1961- (planalto.gov.br.ccivil) acesso em 16 de março de 2025

BELUCCI, Marcia Cristina, Instituto Borges de Artes e Ofícios de Itu: escola profissional deixada em testamento por brasileiro de torna-viagem / Márcia Cristina Belucci. – Sorocaba, SP, 2015. 218p. Disponível em https//uniso.br>dissertações> marcia.belucci (pdf), Acesso em 12 de março de 2025.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. História da Educação Brasileira. São Paulo, Cortez Editora, 1989

SHYMIZU, Y. Cem anos de educação profissional industrial no Brasil. Tecnol. & Hum., ano 24, n. 39, jul./dez. 2010. – 33. Disponível em http//periodicos.ufpr.edu.br.article. Acesso em 14 de março de 2025.

SOUZA, Jonas Soarez de. E CYTRYNOWICZ, Roney. História da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, 1940-1990. São Paulo, Editora Narrativa Um, 2020.

_____. A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu/1990-2020. São Paulo, Editora Narrativa Um,2020.

O Ginásio Industrial marcou um tempo áureo para o IBAO. Depoimentos de alunos, professores e funcionários da época atestam a vivacidade, a convivência, o carinho e o companheirismo existentes. Impressionante notar a gratidão que permanece, notabilizando o valor atribuído à escola. Um compartilhamento de saudosas lembranças e intensas emoções.

O IBAO E EU

Minhas experiências no IBAO

Professora Anna Carolina de Arruda Botelho Mattos Pacheco

Comecei a trabalhar no IBAO em 13/02/86 a 30/07/1986, voltando em 13/02/80 até 16/01/2006, ministrando aulas no período da manhã de Sociologia. Foi uma experiência bastante interessante, onde tive alunos muito dedicados, como Marina, hoje esposa do Professor Milton, que me substituiu depois da minha aposentadoria em 16/01/2006.

No IBAO, nos sentimos como em uma família, sempre muito bem acolhidos!

Os professores, bastante dedicados, nos inspiravam no nosso trabalho.

Depois, assumi aulas no 4º ano, de Psicologia, que foram muito gratificantes porque eram turmas de alunos já mais experientes, e a troca de ideias era muito prazerosa. A presença de Dona Ivone, nossa diretora, e de Dona Zilda na função de coordenadora também foi marcante! Sempre atenciosas, procurando acompanhar toda a dinâmica do dia a dia escolar.

Em algumas ocasiões, nos era oferecido um jantar, onde a confraternização e amizade nos enchia de alegria.

Havia festa junina com boa participação dos alunos. Também participávamos do Desfile de 7 de setembro.

Em outra ocasião, levei alguns alunos para uma excursão a São Paulo onde fomos à Pinacoteca do Estado, à Sala São Paulo e ao antigo presídio dos Tempos da Ditadura.

Na semana dedicada a SIPAT – Semana Interna de Prevenção e Acidentes, tivemos a oportunidade de ouvir palestras interessantes como o Dr. Alberto Silva alertando sobre os males do vício de fumar!

O IBAO foi uma escola de vida, onde prevaleciam a amizade e o respeito entre os colegas e profícua convivência com os alunos. A direção da escola passou depois às mãos de Ana Maria, que, com muita dedicação, vem conduzindo com competência até os dias de hoje.

Pode-se ressaltar o diferencial: mesmo sendo uma escola com acesso gratuito para os alunos, tem padrão de escola particular pela sua disciplina, contando, em suma, com bons profissionais.

A Irmandade da Santa Casa, também me traz boas recordações, porque meu sogro e depois meu marido fizeram parte por muitos anos.

Só tenho que agradecer a Deus pela oportunidade de pertencer a este Instituto por 17 anos e cinco meses.

Anna Carolina de Arruda Botelho Mattos Pacheco

Foi professora por 25 anos e se dedica à APAE, há 30 anos. Atuante nas áreas de turismo e atendimento à criança e adolescente de Itu. Com sua família reside e preserva a Chácara do Rosário, acervo histórico a céu aberto, sua construção data de 1756, propriedade é um dos melhores retratos de casa bandeirista, período colonial, referência em turismo histórico e rural.

Professor Anthenor Fruet

Isabel Simão Fruet

Anthenor Fruet nasceu em Itu, em 05/03/1930. Seus pais, Mário Fruet e Victória Bocchini Fruet. Seus irmãos, Terezinha de Jesus Fruet Navarro, casada com o saudoso prof. José Motta Navarro e Antônio José Sbrissa, filho do 2° casamento.

Anthenor Fruet era casado com a profa. Isabel Simão Fruet. Seus filhos: Mário Antônio (engenheiro), casado com a dra. Maria de Fátima Costa Fruet; Luiz Fernando (engenheiro), casado com Graciela Lazzuri; Regina Teresa Fruet (dentista), casada com Carlos do Canto Arruda (dentista). Suas netas, Ana Carolina, Andréa, Luisa e Maria Beatriz.

Fez seus primeiros estudos no Grupo Escolar Convenção de Itu e cursou o Colégio Estadual Regente Feijó de Itu, onde fez dois cursos ao mesmo tempo: professor e científico.

Sua vida inicial foi dar aula de matemática em casa de alunos, a princípio gratuitamente.

Lecionou matemática no Ginásio Estadual (Salto), de 1953 a 1957. Também foi professor de matemática no Instituto de Educação Regente Feijó, de 1958 a 1962.

Professor de matemática no Instituto Borges de Artes e Ofícios da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, (IBAO), de 1968 a 1979.

Tinha um curso de Admissão ao Ginásio numa das salas da Creche Mãezinha (Largo São Francisco), hoje casa do dr. Caselli e dra. Maria Lúcia, tendo como sócio o prof. Júlio Maciel (também falecido).

Professor de matemática alguns anos no Colégio Terras de São José, no Regimento Deodoro (Quartel) e no Senai.

Lecionou, ainda, na Creche Mãezinha (Escola de Contabilidade), com 40 anos.

Foi convidado para ser diretor do Colégio Comercial Junqueira Ortiz. Nessa época a escola era no Hotel Internacional (sem prédio próprio, sem mobília- 68 alunos). Depois, a Escola passou para o Grupo Convenção.

Em seguida, ele levou a escola para o Colégio do Patrocínio, onde começou a crescer. Depois, a escola foi para o Grupo Escolar Pinheiro Júnior e em seguida, passou para o Grupo Escolar ''Dr. Cesário Motta'' (rua Paula Souza), crescendo assustadoramente.

Passou em seguida para os Irmãos Canadenses, cedido na época pelo nosso ex-prefeito Piunti. Depois, passou para o Colégio Regente Feijó.

A escola de Contabilidade Junqueira Ortiz era uma escola errante, mas cada mudança era feita com paciência e carinho de Anthenor, dos professores e funcionários. Depois passou para o prédio próprio tão sonhado por todos.

Anthenor permaneceu como diretor de Contabilidade durante 23 anos, com luta e abnegação.

Na sua despedida do Junqueira Ortiz recebeu um cartão com os dizeres:

"Anthenor;
da beleza do seu ideal, da força do seu exemplo, da alegria de sua convivência faremos o alicerce do nosso trabalho, nesta Casa de Ensino que você edificou."

Nessa época, foi convidado pelo prefeito Piunti para pertencer à sua Equipe na Prefeitura como secretário da Educação. Foi um convite muito feliz, não por vaidade, porque era realmente humilde, mas porque ainda poderia dar mais de si em benefício da criança e da juventude, que tanto amava.

Pertencia à equipe n ° 1 Nossa Senhora da Candelária, num espaço de 38 anos.

Pertencia ao Rotary Clube de Itu, sendo presidente duas vezes (65/66) e (92/93).

Recebeu o título de Companheiro "Paul Harris", a maior comenda da Fundação Rotária, por relevantes serviços prestados, no ano de 1988.

Dizia ele que nosso empenho e propósito têm por finalidade a mais sadia compreensão e amizade para, juntos, podermos preparar as próximas gerações para dias melhores, em que a dignidade e o amor ao Brasil sejam a demonstração competente da cidadania.

A Emei do Novo Mundo recebeu o nome de Anthenor Fruet.

Anthenor é patrono da Escola Caic, fundada em 16/12/1994, no Bairro Cidade Nova, na cidade de Itu. Caic- Centro de Atenção Integral á Criança. Passou a ser chamada Anthenor Fruet em homenagem a um grande professor de nossa cidade, que dedicou a sua vida à educação e a trabalhar por um ensino de qualidade.

Hoje, a escola tem aulas do primário, atual Ensino Fundamental I, até o Ensino Médio, em três períodos. A escola cresceu muito e é considerada uma das melhores escolas de nossa região.

Isabel Simão Fruet

Publicado em 2013 no livro "ITU Presenças Ilustres"
da Academia Ituana de Letras – ACADIL – Volume 1

Professor Firmo França

Maria Helena Pacheco França

Firmo França, nascido em São Roque, estado de São Paulo, no dia 09/11/1917, veio a Itu ainda jovem, como arrimo de família, incumbido por sua mãe viúva, de adquirir uma casa na rua em que passasse a procissão.

Assim o fez e comprou uma casa no "Largo do Carmo" atual Praça da Independência, 73, no centro de Itu, onde viveu e faleceu aos 19 dias de agosto de 1998. Casou-se em 11/02/1947, com a professora Marina Dias Pacheco França, com quem teve quatro filhas e um filho, nascido de sete meses incompletos, que necessitava de estufa para viver. Não havia como adquirir, isso em 1960, então, construiu em sua própria casa uma estufa onde seu filho poderia ser monitorado 24 horas por dia. Esta estufa garantiu, também, a sobrevivência de inúmeros recém nascidos em Itu e nas cidades próximas.

Firmo França lecionou ao longo de sua trajetória, várias matérias, como geografia, história, desenho e artes nas cidades de Apiaí, São Simão, Porto Feliz, Itu e Salto, onde também foi diretor da escola estadual Paula Santos.

Em Itu, exerceu sua profissão em vários estabelecimentos de ensino, como o Regente Feijó, o Instituto Borges de Artes e Ofícios - IBAO, onde lecionou desenho industrial.

Era mestre habilidoso, paciente, generoso, compreensivo, com sua fala mansa, sorriso fácil e largo, contagiava alunos, amigos e todos que o cercavam.

Pai extremamente amoroso e dedicado, foi exímio nadador, tinha como hobby a pesca, foi diversas vezes pescar em Mato Grosso, com Simplício, Sr. Aníbal, os Di Ciero, seus genros e muitos outros.

Participou da Equipe de Casais da igreja do Carmo, doou o sino de bronze quando foi criada a igreja de São Judas Tadeu, em Itu; foi rotariano, participou de inúmeras ações filantrópicas.

Homem discreto, virtuoso, preservava a boa educação, os bons costumes, os valores éticos e morais.

Querido e lembrado por muitos ex alunos, amigos e familiares por suas virtudes, peculiaridades e especialmente por sua paciência.

Maria Helena Pacheco França
Advogada, professora, casada e segunda filha do professor Firmo França.

Os doces sabores da memória: Professora Josefa

Cida Micai

Minha mãe, Josefa Luiza Ribeiro, nasceu dia 23 de março de 1910 em Itobi/SP. Casou-se com Odair Ribeiro em 1926, que era da cidade vizinha Santa Cruz das Palmeiras, a 30km de Itobi, se não falha a minha memória.

Um tio meu morava em Itu e meus pais vieram morar aqui, já com os dois filhos mais velhos. Primeiramente meu pai trabalhou no Quartel, como barbeiro e posteriormente ele e minha mãe foram trabalhar no IBAO, como serventes. Não recordo a data, mas sei que trabalharam tempo nessa função.

Quando a professora Cynira Dias Fonseca se aposentou, em 1958, a minha mãe ficou substituindo e depois assumiu a vaga e ficou até quando aposentou como professora de arte culinária.

Ela cozinhava a sopa que era servida diariamente no intervalo, no recreio como era chamado na época, para os alunos do IBAO e do SENAI. Suas sopas ficaram famosas, principalmente a de fubá. Era um caldo de fubá com couve picadinha que ficou na memória dos alunos, pois eles gostavam muito.

Um doce que ela fazia e ensinava as alunas do Curso de Culinária era a rapadurinha de banana. Esse doce era vendido pelas alunas nos intervalos e ficou na lembrança de muitos. Até hoje, quando a gente encontra com alguma aluna, daquele tempo, surge logo o comentário sobre o sucesso da rapadurinha de banana, que a minha mãe fazia e que todos consideravam uma delícia. Essa receita, faço sempre, meus filhos e netos adoram.

Segundo os arquivos do IBAO, minha mãe trabalhou na instituição de 1945 a 1970. A data em que ela se aposentou não me recordo.

Ela faleceu em 30 de setembro de 2004, mas deixou um patrimônio cultural imaterial inesquecível para as alunas que tiveram curso com ela e para os alunos do IBAO.

Infelizmente, seu precioso caderno de receitas foi perdido…

Mas, como aprendi com ela a fazer a rapadurinha do IBAO, segue a receita original de D.Josefa.

Rapadurinha de banana

- 1 dúzia de banana nanica média
- 48 colheres (sopa) de açúcar
- 2 colheres (sopa) de chocolate em pó
- 1 colher (sopa) de manteiga
- Levar ao fogo as bananas picadas e os demais ingredientes, mexendo sempre.
- Quando começar a açucarar em volta, colocar uma colherinha do doce em uma xícara de água para ver o ponto, se consegue formar uma bolinha.
- Bater bastante com uma colher de pau e verificar se em volta da panela está açucarado.
- Colocar sobre pedra ou assadeira untada.
- Após esfriar, cortar em quadradinhos.

Sabor de infância, sabor de escola, sabor de afeto, pois afinal, cozinhar não é um ato de amor?

Cida Micai

Filha caçula dos cinco filhos da D.Josefa, estudou no IBAO, dos 11 aos 14 anos. Casada com Armando Micai, desde 1970, que conheceu no IBAO onde também era localizado o SENAI. Mãe de dois filhos e avó de três netos.

Professor José Araujo Dias: Simplesmente, "SEU ZEZÉ"

Solange Leme Dias Giacomini

Sua história com o IBAO começa quando, ao término de seus anos primários na Escola Convenção de Itu, matriculou-se no Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO) para cumprir os anos ginasiais, hoje Ensino Fundamental II.

Durante os anos em que serviu o Exército em Resende/RJ, fez o curso de Educação Física, o qual lhe deu a possibilidade de ministrar aulas logo após ir para a reserva militar.

E, nesse ínterim, foi convidado pelo Diretor do IBAO a fazer parte do corpo docente, a fim de assumir as aulas de Educação Física do referido Instituto.

Muito dinâmico, pesquisador de atividades, líder e, principalmente, um amor infinito por crianças e jovens, conseguiu fazer um trabalho de excelência, fundando, inclusive, um Centro Cívico neste Instituto.

Além das aulas in loco, Seu Zezé oportunizava aos seus alunos tanto o uso da quadra e da piscina da Associação Atlética Ituana (AAI), bem como de sua casa, que estava sempre rodeada de alunos, os quais lhe contavam segredos, pediam conselhos e choravam quando preciso.

Ainda no IBAO, Seu Zezé teve a oportunidade de comandar a Fanfarra e contava, com orgulho, que foram os professores do Instituto os responsáveis por fabricarem alguns instrumentos.

Incentivava muito seus alunos a terem o gosto pela música. Ao permitir que os alunos levassem o instrumento para casa e ensaiassem, fazia com que todos aprendessem, até mesmo quem não era aluno do Instituto. Desta forma, nenhuma pessoa ficava de fora, fosse ela aluno ou não.

Outra peculiaridade era que, para cada instrumento (corneta, caixinha, surdo e outros), escolhia um líder, o qual ficava responsável por este grupo instrumental. Tal técnica, além de ajudá-lo, despertava incentivo a todos. Certa vez, por motivo de saúde, precisou afastar-se e, para que a Fanfarra não fosse prejudicada, destacou o aluno Marcos Zimbardi para continuar o trabalho no período.

Para ele, a Fanfarra tinha que ter música. Ensinava por notas. Em suas palavras: "Quando começam a tocar no desfile, me emociono, dou até algumas soluçadas, porque vejo o trabalho que realizei com eles. Fico muito satisfeito."

Além destas atividades, ainda se responsabilizava por passeios educativos e de lazer com seus alunos. Muitas foram as excursões ao Zoológico, Playcenter, Butantã, Salão da Criança, com espírito de unir alunos e professores, oportunizando-lhes cultura, sempre com disciplina e respeito.

Muitas vezes organizava e chefiava comissões de festa para promover Bailes, Quermesses, e Torneios de Benemerência em prol das variados Educandários e Entidades.

Assim o definimos: um Mestre por excelência, que serviu como referência a muitos professores de Educação Física em nosso Município e a outros que seguiram carreira como músicos, sendo que, muitos deles, de ambas as profissões, tiveram a oportunidade de serem seus alunos.

Solange Leme Dias Giacomini
Professora aposentada. Filha de Seu Zezé.

Professor José da Silva e o IBAO

Entre o saber e o encantamento da vida

Ana Camila Bertozzo Silva

Meu pai, José da Silva, nasceu em uma família simples, dessas em que a vida é contada em pequenas economias, em sonhos sussurrados, em esperanças que precisavam de muito cuidado para não se despedaçar. Ele cresceu em uma casa onde os recursos eram poucos, mas onde a vontade de aprender era infinita. Desde menino, carregava dentro de si uma inquietação bonita, uma espécie de intuição de que a vida podia ser mais larga do que o quintal em que brincava, mais alta do que as árvores da rua, mais cheia de possibilidades do que os olhos à sua volta conseguiam enxergar. Para ele, estudar não era um sacrifício – era uma aventura. Ele encontrava, nos livros, nas conversas, nas experiências, pequenas frestas por onde vislumbrava mundos novos. Desde cedo entendeu que trabalhar não era apenas uma obrigação, mas um modo de construir sentido, de transformar a realidade ao redor, de sonhar com os olhos abertos.

O primeiro emprego dele foi na biblioteca da Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu. Ele contava dessa época com um carinho especial: eu podia quase ouvir, em suas lembranças, o tec-tec da velha máquina de escrever preenchendo cartões bibliográficos, os dedos rápidos organizando o acervo, o cheiro de papel e tinta que impregnava as mãos. Esse trabalho, além de ajudar a manter as mensalidades do curso de Ciências em dia, era para ele um território de descobertas – como se os livros ao redor sussurrassem segredos que só ele podia ouvir.

Depois, ele se aventurou no rádio, e ali sua voz ganhou asas. Como "Zezinho Brasil", encantava os ouvintes da Rádio Convenção de Itu, espalhando bom humor, calor humano e alegria pelas casas da cidade. Ele tinha aquele dom raro de criar intimidade com quem o ouvia, de fazer as pessoas se sentirem vistas, lembradas, queridas, mesmo sem nunca tê-las encontrado pessoalmente.

Quando se formou, o magistério o chamou com força irresistível. Entre 1968 e 1974, lecionou Ciências no Colégio IBAO. Para ele, ensinar era quase um ato de magia: ele desafiava fórmulas prontas, inventava maneiras de tornar o aprendizado algo vivo, pulsante. Não gostava de provas, e, quando precisava aplicá-las, recorria a truques engenhosos – como espalhar espelhos pela sala para vigiar os alunos pelo reflexo, misturando humor e disciplina. Ele transformava a tensão em riso, a obrigação em descoberta.

No IBAO, meu pai criou a primeira Feira de Ciências de Itu, um evento que transformava o colégio em um verdadeiro laboratório de maravilhas. Ele levava os alunos à Santa Casa, mostrava tubos de ensaio, reações químicas, microscópios, e eu imagino a alegria no rosto dele ao ver o espanto nos olhos das crianças. Para ele, o conhecimento não era um fim – era um convite à aventura.

Naqueles anos, ele era casado com minha mãe, Ana Lúcia Bertozzo, professora de Letras, sua primeira grande companheira de sonhos. Eles moravam na Rua Santa Cruz, circulavam de motocicleta pela cidade, colecionando pequenas vitórias e construindo uma vida feita de afeto, simplicidade e planos partilhados. Mas o tempo, com suas arestas afiadas, trouxe a perda precoce de Ana Lúcia – uma dor que, eu sei, marcou meu pai profundamente, mesmo quando ele sorria. Ele encontrou então consolo na fé – uma fé que vinha da infância, quando, tomado de fervor, fugiu de casa tentando entrar no seminário do Carmo, e foi trazido de volta nos braços da minha avó.

Anos depois, a vida lhe apresentou Rita Garcia, também professora, que se tornaria sua segunda esposa e sua companheira até o fim, em janeiro de 2016. Na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária, onde eu cresci vendo meu pai servir como ministro da Eucaristia e, depois, como diácono, ele encontrava um espaço onde sua generosidade podia florescer. Batizados, casamentos, visitas às famílias – ele estava sempre presente, inteiro, disponível.

Quando deixou o IBAO, ele encontrou novo terreno fértil no SENAI, onde lecionou até se aposentar em 1998. Ele dava aulas de Matemática e Ciências, mas não era apenas conteúdo que transmitia: era paixão pelo aprendizado, era inquietação criativa, era a arte de transformar a sala de aula em um espaço onde a vida acontecia de verdade.

Nos finais de semana, um lado ainda mais encantador do meu pai surgia: o mágico. Como Mágico Ducam, ele encantava plateias com truques que arrancavam aplausos e gargalhadas. Depois da aposentadoria, esse talento encontrou propósito nos Doadores da Alegria, grupo de voluntários que visitava hospitais. Ele não evitava os setores difíceis – pelo contrário. Ele ia até o setor de queimados, onde muitos não ousavam entrar, e ali, com seus truques e brincadeiras, fazia o que sabia melhor: transformar dor em riso, medo em espanto, sofrimento em leveza. Mesmo em casa, sua criatividade não parava. Lembro do boneco de ventríloquo que ele fez com as próprias mãos, Felizberto Januário 87 da Silva. Ele treinava vozes, ensaiava piadas, provocava gargalhadas nas reuniões de família. Ele me ensinava, sem precisar dizer, que a alegria é um bem precioso – e que compartilhá-la é uma forma de amor.

E foi no IBAO – aquele mesmo colégio onde ele começou sua vida como

professor – que ele voltou, anos depois, para outro papel: o de Papai Noel nas festas da escola Pinguinho de Gente, onde eu estudava. Eu me lembro do momento em que percebi que aquele Papai Noel tinha o cheiro, a voz, o toque do meu pai. Eu não contei para ninguém. Guardei esse segredo como um tesouro raro, porque, no fundo, eu sabia: eu conhecia o verdadeiro Papai Noel.

Crescer ao lado dele foi um privilégio e uma escola. Eu via, ainda menina, a forma como ele se dedicava ao próximo com amor genuíno e alegria verdadeira. Seu exemplo plantou em mim uma inquietação e um desejo profundo de também trabalhar em favor dos outros. Por isso, quando chegou a hora de escolher minha profissão, optei por cursar Relações Internacionais, sonhando em atuar em grandes organizações internacionais que financiam projetos sociais no Brasil. Desde cedo, percebi que minha vocação estava em ajudar projetos sociais a saírem do papel, a se tornarem realidade concreta. Com o tempo, minhas duas grandes paixões – a arte e o impacto social – começaram a se entrelaçar. Hoje, trabalho em projetos que unem a cultura brasileira ao desenvolvimento social, buscando promover inclusão, cidadania e encantamento através da arte. E sei que cada passo meu carrega, de algum modo, a marca do caminho que meu pai abriu para mim.

Meu pai foi muitas coisas: professor, diácono, mágico, radialista, ventríloquo, voluntário, pai. Mas, para mim, ele foi, acima de tudo, um encantador de vidas. Ele entendia, como poucos, que os dias comuns podiam conter uma beleza extraordinária; que a generosidade, a curiosidade, o riso e o afeto eram os fios invisíveis que tecem os melhores dias. Ao escrever essas palavras, sinto a presença dele ao meu lado. Ouço sua voz, vejo seu sorriso, quase posso tocar a memória do seu abraço. Ele me ensinou que viver não é apenas passar pelos dias – é habitá-los plenamente, com o coração aberto. Ele vive – em mim, nos que o conheceram, nos gestos que replico sem perceber, nas lembranças que ainda provocam risos emocionados em meus amigos e em todos aqueles que tiveram a alegria de conhecê-lo.

José da Silva foi muitas coisas – e, em cada uma delas, parecia cultivar o mesmo gesto essencial: oferecer presença, cuidado, alegria. Sua vida foi, do começo ao fim, uma declaração de que os dias comuns podem conter uma beleza extraordinária quando vividos com generosidade, curiosidade e amor. E é essa herança que ele deixou comigo: a certeza de que viver vale a pena quando nos dedicamos a multiplicar o bem ao nosso redor.

Ana Camila Bertozzo Silva

É formada em Relações Internacionais pela PUC-SP, tendo especialização no terceiro setor, comunicação e ciência política. Trabalha com comunicação e captação de recursos em ONGs há 20 anos e é produtora cultural na sua empresa, a Gestocult.

Professora Leonor Fonseca Braga Vanini

Marcelo Braga Vanini e Adriana Braga Vanini

Leonor Fonseca Braga Vanini nasceu em Itu, em 11 de março de 1939, filha de Marius Amirat Braga e Sylinda Fonseca Braga. Seus pais tiveram quatro filhos: Osmarina, Sylmara, Leonor e Mario Roberto. Residiam à rua Santa Cruz, 1053 (casarão). Na adolescência, foi morar com sua tia Orminda e os avós, Virgilina e Sylvio Fonseca, na rua dos Andradas, 282. Seguindo sua vocação, estudou no colégio Nossa Sra. do Patrocínio. Depois, cursou Pedagogia (bacharel) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Sra. do Patrocínio, formando-se professora, o que a conduziu a ser qualificada para ingressar no valioso Instituto Borges de Artes e Ofício – ginásio industrial, uma das mais conceituadas entidades de ensino de Itu, onde lecionou história no período de 1964 a meados de 1968. Durante esse período participou da formação de dezenas de alunos. Um deles, o ex-aluno Sergio Pilon, lembra da professora Leonor com muito carinho, e diz que não podiam brincar ou bagunçar na aula, pois ela era severa e firme, chamando à atenção e, quando necessário, dando bronca nos que saiam da linha. Em 1966, casou-se com Valter José Vanini e tiveram dois filhos: Marcelo e Adriana.

Em 1975, formou-se em Matemática (licenciatura) e honrou a profissão que escolheu, colaborando com a formação de centenas de alunos em outras escolas, nas quais aplicou a experiência e a sabedoria adquiridas no Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO), até sua aposentadoria.

Quis o destino que seu neto André cursasse o Ensino Médio no IBAO, formando-se na turma de 2017, com a presença de sua família.

Católica praticante, amava acompanhar as procissões de São Benedito, São Camilo de Lellis e Santa Rita. Por mais de 30 anos fez casaquinhos e sapatinhos de tricô para doar aos enxovais de bebês da Costura de Santa Rita.

Diante das adversidades que encontrou pelo caminho, superou-as sempre mantendo a serenidade em seu olhar e sua fé. O amor de mãe se fortalece a cada abraço, sorriso, conversa, sinal de afeto; mas também a cada bronca, puxão de orelha. Amor de mãe e avó são eternos, mágicos. Amor além da vida.

Autores, os filhos

Marcelo Braga Vanini nasceu em 1967, na cidade de Itu–SP, é corretor de imóveis e pai de André França Vanini.

Adriana Braga Vanini nasceu em 1969, na cidade de Itu–SP, é farmacêutica.

O Mestre Marceneiro: Professor Carmignani

Maria Estela Carmignani Spinardi

A arte de entalhar a madeira é uma das mais belas atividades manuais que um ser humano pode desenvolver. Os grandes gênios da arte italiana faziam os estudos preliminares das suas grandes obras esculpindo na madeira.

Na cidade paulista de Amparo, aos 17 de Agosto de 1908, nascia Lorenzo Carmignani, filho de pais imigrantes vindos da Itália, Giocondo Carmignani e Luiza Mazzer e se estabeleceram naquela cidade. Após seus estudos primários, matriculou-se na Escola Profissional "Coronel João Belarmino", escola de grande importância na época pela qualidade dos técnicos que nela se formaram.

Diplomado pela tradicional escola veio para Itu em 27 de Junho de 1932, iniciando aqui as suas atividades de professor e mestre de marcenaria do Instituto Borges de Artes e Ofícios, em cuja função permaneceu até 25 de Maio de 1944. Pela sua reconhecida capacidade técnica foi então convidado a prestar serviços de sua especialidade na Cia. Fiação e Tecelagem São Pedro nesta cidade, onde conquistou inúmeros amigos e admiradores além da estima de seus superiores.

Já bastante conhecido, foi indicado pelo professor Antonio Berreta para exercer as funções de professor substituto da Cadeira de Trabalhos Manuais do Colégio Estadual e Escola Normal "Regente Feijó", tendo iniciado o seu exercício em 12 de Junho de 1947.

Integrado nestas funções, inscreveu-se no Concurso de Ingresso de Professores do Ensino Secundário, tendo obtido excelente classificação, o que lhe possibilitou a nomeação em caráter efetivo para o cargo, em 27 de Julho de 1949.

No Colégio Estadual e Escola Normal "Regente Feijó", posteriormente transformado em Instituto de Educação, o professor Lourenço Carmignani encontrou a sua verdadeira vocação, revelando-se um conhecedor seguro da matéria de sua especialização, o que o fazia estimado pelos seus colegas e alunos, aos quais dispensava carinhoso tratamento.

Foi um excelente colaborador do Instituto de Educação, auxiliando nas tarefas administrativas, notadamente na organização dos horários das aulas no inicio do ano letivo, juntamente com outros professores. Durante muitos anos, sustentou e defendeu o curso noturno naquele estabelecimento, tornando-se

por isso um dos professores mais queridos e prestigiados. Por diversas vezes foi escolhido paraninfo dos alunos por ocasião das festas de formatura.

Não gostava de fazer discursos, mas tinha facilidade em falar aos seus afilhados, apontando-lhes como exemplo, a sua vida de trabalho e honradez.

Palmeirense roxo e dotado de um espírito altruísta, estava sempre pronto a colaborar com aqueles que necessitavam. No período em que morou na rua Paula Souza, foi o responsável pelos desenhos dos tapetes que ornamentavam a rua durante a procissão de Corpus Christi.

Aposentou-se em 30 de Setembro de 1971 no cargo de professor de artes do Instituto de Educação "Regente Feijó" de Itu, onde a direção, os professores, funcionários e alunos daquele estabelecimento prestaram-lhe merecidas homenagens. Mesmo aposentado, voltou em 1974 como professor de Desenho e Artes Industriais no Instituto Borges de Artes e Ofícios onde permaneceu até sua nova aposentadoria em 17 de Março de 1977. Os alunos de desenho o admiravam pela facilidade com que desenhava uma circunferência, quase que perfeita, sem o auxilio do compasso. O segredo, dizia ele: "é só *faze-la no sentido anti-horário"*. Incrível.

O Prof. Carmignani era casado com Leonor Giordano Carmignani, também filha de imigrantes italianos vindos de Foggia, Região de *Mantova*. Excelente marceneiro possuía em sua casa uma equipada marcenaria, onde fabricava lindos móveis, ricamente entalhados, para diversos marceneiros da região. Inclusive, os móveis do casal foram feitos por ele, e ainda os conservo, com muito carinho, em minha casa.

Sou a única filha do casal e me chamo Maria Estela Carmignani Spinardi, também professora aposentada de Educação Artística e Desenho Geométrico, casada com Lino Spinardi. Do nosso matrimônio nasceram os nossos filhos: Maria Lucia Carmignani Spinardi Furlan, Maria Cristina Carmignani Spinardi e Antonio Marcelo Carmignani Spinardi e, os nossos cinco netos: Rafaella Spinardi Furlan, Isabella Spinardi Furlan, Marcela Spinardi Cintra, Camila Fernandes Spinardi e Marcelo Fernandes Spinardi.

Meu pai, Lourenço, faleceu em Itu aos 30 de dezembro de 1978, tendo 70 anos de idade.

Muitas homenagens foram prestadas ao ilustre professor. O Centro Cívico "Joaquim Bernardo Borges" e os alunos reverenciaram a memória do Professor Carmignani inaugurando um retrato seu na biblioteca da escola.

Reconhecendo as suas qualidades como educador e o seu trabalho verdadeiramente exemplar na formação de milhares de jovens, a Deputada Maria do Carmo Thomaz Piunti apresentou na Assembleia Legislativa do Estado de São

Paulo projeto de lei dando o nome do saudoso professor Lourenço Carmignani à Escola Estadual de Primeiro Grau do Jardim das Rosas em Itu, lei esta que foi aprovada por unanimidade e que se converteu na lei estadual de número 5.895 de 5 de Novembro de 1987.

No dia 17 de agosto de 1988, foi inaugurada, na referida escola, a placa comemorativa com o nome do homenageado, sendo ainda, entronizado o seu retrato na sala dos professores do estabelecimento evocando a passagem do seu aniversário e pela primeira vez, o Dia do Patrono.

Maria Estela Carmignani Spinardi

Professora aposentada

Uma vida dedicada ao voleibol

Professora Maria de Lourdes Carneiro

A história do vôlei no Brasil remonta a 1915, quando foi praticado pela primeira vez no Colégio Marista de Recife, Pernambuco, e posteriormente na Associação Cristã de Moços (ACM) de São Paulo. O esporte foi difundido e popularizado no país, especialmente através da ACM, e hoje, segundo algumas estatísticas é o segundo esporte mais praticado no Brasil.

Na década de 1950/60, na Associação Atlética Ituana – AAI esse esporte já era praticado juntamente com o basquete, futebol de salão, natação e tênis. A jovem Maria de Lourdes Carneiro, filha de Mario Castanho Carneiro e de Francisca Faria Carneiro, juntamente com tantas meninas, começaram a praticar o vôlei.

Fiz meus estudos iniciais no Cesário Motta, Regente Feijó e Educação Física na Pontifícia Universidade Católica – PUC de Campinas. Com Regina Bernardi, Maria Elisa Calil, Ana Lucia Souza, Jucimara de Oliveira – excelente levantadora –, juntamente com outras atletas, formamos uma equipe de vôlei respeitada em toda região. Representamos Itu em inúmeros jogos regionais e abertos.

Em 1964, formada na universidade, iniciei minha carreira no magistério como professora de Educação Física para as meninas do Instituto Borges de Artes e Ofícios – IBAO. Dentro do currículo escolar, além de ginásticas, basquete, atletismo, minha principal atividade era desenvolver uma equipe feminina e competitiva de vôlei do Ginásio Industrial. Contava com todo apoio dos demais professores e principalmente do Diretor Sr. Ary Caricatte. As aulas eram de manhã e à tarde.

Disputávamos campeonatos colegiais entre escolas da região, mas nunca fomos campeões.

As aulas de Atletismo eram realizadas no Estádio Municipal, onde havia toda uma estrutura para a prática de atletismo, principalmente as pistas de corrida. Apesar de minha paixão ser o vôlei, foi no atletismo que eu obtive maior sucesso com minhas alunas. Benedita Aparecida Caetano, a Dita Caetano foi minha aluna que mais se destacou no cenário do atletismo paulista.

O IBAO foi para mim um marco de realização pessoal e como professora. Lecionei por 34 anos, desde 1964 a 1998. Fiz muitos amigos entre alunos, professores e funcionários dessa querida escola. Muitos dos meus alunos se tornaram grandes esportistas, mesmo não se destacando como campeões, mas estavam sempre atuando dentro das quadras esportivas.

Como mensagem quero deixar aos ex-alunos que leem essa minha história: "Colham os frutos do seu bom e belo tempo de escola".

Em pé a direita a Professora Lourdes Carneiro

Maria de Lourdes Caneiro

Funcionária e professora: Maria Aparecida Pereira Camilloti

Silvia Regina Pereira Camilloti Graciano

Minha mãe começou a trabalhar no IBAO como inspetora de alunos em 01/03/1964 e esteve no cargo até 10/02/1974.

Dia 16/02/1974, após concluir sua graduação, foi contratada como professora de História, Geografia e Educação Moral e Cívica. A partir de 01/01/1985, passou a exercer o cargo de secretária.

Aposentou-se em 27/09/1991 e veio a falecer em 17/01/2019, com 78 anos de idade.

Sempre teve um carinho enorme pela escola, sempre recebeu muito carinho dos alunos, chegou a ser paraninfa em várias formaturas e homenageada em outras festividades pelos formandos.

Era uma pessoa muito querida por todos.

Silvia Regina Pereira Camilloti Graciano
Ex-aluna do IBAO do Curso Ginásio industrial e do Curso Técnico de Desenho

Mecânico, filha de Maria Aparecida Pereira Camilloti

Professora Maria Célia Bombana

Ditinha Schanoski

Maria Célia Brunello Bombana nasceu em Itu a 08 de maio de 1939. Estudou no Externato do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, no Instituto de Educação Caetano de Campos e na Escola Superior de Artes Santa Marcelina. Dedicou-se ao magistério em escolas públicas em Itu e na Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio. Atuou brilhantemente como artista plástica com a técnica de pintura sobre azulejos. Participou de diversas entidades de cunho social e cultural, como a AIPA, a SACI e o Rotary Clube Convenção de Itu. Publicou o livro didático "Educação Artística – Estudo Dirigido", além de diversas crônicas no jornal "Ortiga", Escreveu com Anicleide Zequini o livro "A Banda de Itu - 100 anos de Luta e Glória. 1912-2012". Foi uma das fundadoras da Acadil, ocupando a Cadeira 15, patrono Dr. Salathiel Vaz de Toledo, a quem fez o elogio ao patrono em 20 de setembro de 2002.

Maria Célia era filha de Victorio Bombana, primeiro agente da companhia Light em Itu, cuja família residiu no sobrado que abriga o Museu da Energia entre 1931 a 1971. Maria Célia lecionou artes em escolas públicas por mais de 20 anos, mantendo forte atividade em defesa do patrimônio histórico e ambiental.

Faleceu em Itu a 8 de julho de 2015. *(https://acadil.com.br/imortais.html)*

Localizada no Jardim Alberto Gomes, a escola "Professora Rachel Steiner Leitão" passou por reforma completa em toda a sua estrutura e agora integra a rede municipal de ensino em tempo integral. No prédio principal foi conservada uma obra de arte feita em azulejos pelos alunos, na época sob a supervisão da saudosa artista ituana Maria Célia Bombana. Era membro da Sociedade Amigos da Cidade de Itu (SACI), do Rotary Club Convenção e da Academia Ituana de Letras (Acadil), onde ocupava a cadeira de nº 15, do patrono Dr. Salathiel Vaz de Toledo. É co-autora do livro "A 'Banda de Itu', 100 anos de Luta e Glória 1912-2012", sobre a Banda União dos Artistas. *(https://www.itu.com.br)*

Ditinha Shanoski, (Benedita Martin Schanoski)

Jornalista e ativista social muito influente em Itu. Presidiu diversas instituições, como a Associação São Paulo da Boa Imprensa, a Sociedade Amigos da Cidade de Itu (SACI) e a Associação Grupo de Voluntárias dos Clubes de Mães de Itu. Ocupante da Cadeira 19 da Academia Ituana de Letras.

Saudade de uma época muito boa

Recordações da Professora Estela Spinardi

Marcela Spinardi Cintra

Maria Estela Carmignani Spinardi, filha de Lourenço Carmignani, lecionou no Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO) entre os anos de 1969 e 1981. Claro que sua história neste local, assim como em sua vida, seria marcada pela figura de seu pai. Relembra, em um café da tarde com sua neta, que foi trabalhar no IBAO justamente por conta dele. Já muito cansado, pediu que ela assumisse algumas aulas, mais especificamente as da 5ª e 6ª série, na disciplina de Desenho Geométrico. Ele continuaria com as turmas da 7ª e 8ª série, posição que se mudaria no futuro, por conta de um infarto sofrido por ele. Estela, como é conhecida, acabou assumindo todas as turmas.

Conta que suas aulas eram marcadas pela técnica. Chegava e já ia logo passando a matéria para os alunos na lousa. Os alunos faziam junto, porém em seus cadernos. Fala das réguas grandes, dos compassos e outros materiais utilizados na arte do ensinar ângulos, circunferências e círculos. Diz que, ao contrário de seu pai, ela era reconhecida pelos alunos por sua braveza. Se os alunos estivessem bagunçando na sala antes de sua chegada, logo já ficavam de pé e quietos para recepcioná-la. Mas o rigor no ensino não significava que não houvesse carinho. Ao relatar suas vivências, resume o período em que esteve no IBAO em uma frase: "saudade de uma época muito boa!". Esse carinho aparece quando fala de seus ex-alunos, que até hoje, quando a encontram no cabeleireiro ou no supermercado, a reconhecem e param para saber como está, para dizer do quanto gostavam dos anos em que estiveram juntos. Uma curiosidade que talvez nem todos se recordem é que suas filhas, Maria Lucia e Maria Cristina, foram suas alunas. Mas isso não significou privilégio. Tinham que estudar como os demais. Não dava nem uma pista do que cairia na prova. Fala com muito orgulho em fazer parte da educação de muitos na cidade e ver os caminhos traçados por eles, tendo sido, inclusive professora de um dos ex-prefeitos de Itu.

Não só os ex-alunos aparecem no relato saudoso. Os colegas, principalmente eles, foram o grande destaque da conversa que resultou neste capítulo. Fala que a sala dos professores era um lugar muito vivo, de descontração e brincadeiras. Lá, sempre encontrava com Cidinha Camilotti que, quando ela e outros professores chegavam, por vezes cansados dos dias mais puxados da docência,

sempre oferecia uma balinha como forma de melhorar o dia. Seu Ary Caricatte também sempre estava disposto a acolher o relato e as ideias propostas. Era compreensivo, dava conselhos e conversava a respeito dos temas que ela trazia.

Cidinha e Seu Ary são dois exemplos dos muitos colegas citados por ela ao longo da tarde. Mas, o grande destaque ainda foi seu pai. Lourenço, em suas palavras, foi a melhor pessoa do mundo. E que grande honra dividir o cotidiano de trabalho com ele. Dizia como ela deveria contornar situações com os alunos, dava conselhos sobre as aulas e estava sempre disposto a estender a mão para ajudá-la no que fosse preciso. E foi justamente esse convívio respeitoso e carinhoso que ecoou durante toda tarde, enquanto relembrava seu tempo no IBAO. Saudade de uma época muito boa!

Marcela Spinardi Cintra

É neta da Estela, filha da Cristina e mãe da Clarice. É psicóloga e mestre em Psicologia, ambas formações pela Puc-Campinas. Assim como sua avó, também trabalha, atualmente, como professora.

Missão: inspirar e transformar vidas

Professora Marlene Maria Caleffo Salvadori

Como sempre digo: Sou Mulher com M maiúsculo, com M de Marlene, com M de Mãe, com M de Maria e com M de Movimento porque eu sou Movimento…

Nasci (04/06/1943) e me criei em Salto-SP, cidade localizada à margem do Rio Tietê, com sua exuberante cachoeira, que após as chuvas, os taperás dançam, cantam e rodopiam, num vaivém sincronizado como se fossem bailarinos saltitantes ao som das quedas e das águas revoltas que a todos encantam. Nasci fruto da união de um grande amor entre João Baptista Caleffo, viúvo de 35 anos e a senhorinha Dezolina Vicente, lindíssima jovem de 19 anos. Meus pais não eram letrados, estudaram até o quarto ano, mas possuíam uma sabedoria nata, ambos inteligentes, atrevidos, com ideias fora dos padrões da época.

Meu pai era comerciante bem-sucedido, esperto, honesto, resmungão, filho de italianos, baixinho, mas gigante em sabedoria. Para ele, a família estava acima de tudo e de todos. Minha mãe, dona de casa, dedicada, costurava, bordava, cozinhava divinamente e adorava aprender. Lia muito.

Aos 9 anos, enquanto cursava o primário no Externato Sagrada Família em Salto, disse a meu pai que desejava aprender a tocar sanfona. Naquela época, as meninas de famílias mais abastadas, deveriam tocar piano por ser mais fino, feminino e mais social. A sanfona era um instrumento musical para homens e cantadores do Nordeste, mas eu gostava mais de ritmos alegres, instrumentos mais do povo, mais divertidos. Como meu pai adorava sanfona, ficou contente. Mas, e a sociedade? Esse era um grande problema. E onde conseguir uma professora de sanfona? Meu pai pesquisou muito em Salto e nas cidades vizinhas …. Foi difícil de encontrar, mas ele nunca desistia e por fim encontrou em Indaiatuba a professora Zélia Stocco, competente, linda e charmosa que tocava e ensinava acordeom. Como eu ia à escola todos os dias, só era possível ter aulas de música e de instrumento aos domingos, e lá fui eu…todos os domingos ia de ônibus, num percurso de 2 horas em estrada de terra até Indaiatuba e ainda andava 5 quarteirões carregando minha pesada sanfona italiana vermelha de madrepérolas, durante 2 anos, voltando para Salto no mesmo dia. Os motoristas eram amigos de meu pai, que guardavam meu lugar no primeiro banco atrás do banco do motorista. Eu e minha família suportamos muitas críticas, preconceitos e *bulling*, mas esse era um dos meus sonhos e não desisti e venci.

Aos 10 anos, queria trabalhar e ter meu próprio dinheiro, por isso comecei a atazanar a minha mãe que seria a porta voz ao meu pai. Eu tinha tudo planejado, abriríamos um salão de beleza, em nossa casa na sala de visitas. Ela, Dona Dê, possuía grande habilidade em arrumar cabelos, fazia lindos penteados e eu fazia bem as unhas. Apesar de muitos nãos, vencemos essa etapa. Fizemos um curso em São Paulo, obtivemos nosso certificado e inauguramos o primeiro Salão de Beleza" Dona Dê" em Salto, com direito a comes e bebes oferecido pelo Sr. Caleffo, que no início era absolutamente contra a ideia.

Como sempre, surgiu o grande vilão, o preconceito: como permitir mulher e filha trabalhando? Minha mãe deveria cuidar da casa, do marido e filhos, e eu estudar, só isso! Apesar de tudo, superamos as cobranças, os preconceitos e os mi-mi-mis…Vida que segue.

Eu me dediquei muito, mais do que deveria, terminei o primário, continuei o curso de violão e acordeom, sou professora e também dava aulas particulares dos instrumentos musicais em minha casa. Adorava aprender e ensinar, até dei aula de conversação para japoneses que compravam terras e vinham morar em Salto. Cursei a Escola Anita Garibaldi, da Sociedade Italiana Giuseppe Verdi –Salto. Ginásio no Colégio Estadual Prof. José de Paula Santos em Salto, e depois no Regente Feijó de Itu. Cursei a Faculdade de Canto Orfeônico na PUC Campinas. A Faculdade de Desenho e Plástica em Tatuí e a Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio em Itu. Na primeira turma de formandos do Conservatório Musical Maestro Elias Lobo em Itu, fui Professora de Acordeom. Lecionei música em várias escolas da região; Indaiatuba, Salto, Itu inclusive na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, e trabalhei também como *"Promoter"*.

A música visa desenvolver as capacidades visuais, auditivas e rítmicas, enriquecendo a cultura, a inteligência a sensibilidade musical e emocional. Integrar a música ao aprendizado, proporciona novas formas de comunicação e expressão, revelando sons e experiências ao redor dos alunos e do cotidiano. Eu tinha consciência disso, e assim fiz.

Acreditem, orei muito…de verdade!!! Pois desde criança escolhi ser professora de música, não só instrumental, mas também para "gente" de todas as idades e classes sociais, com direitos e deveres. Usar sempre a música, a história, a arte, o canto como um elo que une escola, família e comunidade, era o meu sonho, a minha bandeira.

De 1967 a 1973 fui professora de Canto Orfeônico (música) no IBAO. Tinha apenas 24 anos quando iniciei meu trabalho nessa majestosa instituição que para mim representou um grande desafio, surgiram dúvidas, pensamentos

e questionamentos…Sou questionadora… quero respostas… como nem sempre as tenho, sigo o meu coração.

As classes eram compostas por 40 alunos, e teríamos uma aula por semana. Sabia que eles eram mais indisciplinados que das escolas que lecionava, então: Desafio feito, desafio aceito!!!

Fiquei em êxtase, encantada ao entrar no saguão da escola, as escadas majestosas com entalhos magníficos, nunca vistos. A limpeza, a ordem e os cuidados com os alunos e com o prédio eram nítidos.

Fiquei animada, mas nervosa pois sabia da fama da classe, ainda mais por serem adolescentes. Respirei fundo e entrei com o pé direito…

Meu Deus!!! Eram todos lindos, seus olhos brilhavam muito e suas carinhas de levados me emocionaram…eu sempre adorei classes animadas, rs, rs,rs…rsr…eram diferentes, vivos!!!

Certa vez, logo no início da aula, um aluno do fundão, chutou fortemente o latão de lixo até a lousa. Quase desmaiei de susto, a classe ficou em polvorosa, como sou muito criativa, calmamente olhei para todos e perguntei: Vocês ouviram o som? E perguntei um por um o que ouvira e qual era o ritmo.

Os alunos foram respondendo desconfiados no começo, pensando no que a infração do colega e os risos da classe iriam ocasionar.

Lentamente foram se envolvendo e a partir daí o comportamento deles mudou. Respeito e confiança selado…, respeitar para ser respeitado. Eu me respeitava na maneira de andar, agir, falar, vestir, ia à escola bem arrumada, mostrando a eles através do meu gesto e da minha aparência como eram importantes pra mim. Assim consegui cativá-los.

O verdadeiro professor, que ama ensinar, que permite liberdade, mas não libertinagem aprende mais do que ensina, sempre com responsabilidade, pois como professor sabemos ser exemplo…e cativar é uma dádiva!

"Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas".
Antoine de Saint-Exupéry.

Sabe que fui paraninfa dessa turma?… Verdade!

Mãos à Obra! Festa de Formatura!

Minha responsabilidade foi monstruosa, pois em nossas conversas em classe sempre orientei que tudo que sonhamos, basta querer, acreditar primeiro em Deus, depois em nós e correr atrás com garra e determinação.

Pela primeira vez na história, o nosso IBAO teve uma colação de grau do ginásio e baile de formatura a altura da melhor escola da região. Eu sou

testemunha VIVA! Foi no Cine Boni, um dos principais cinemas de rua de Itu e região, conhecido na época por exibir os melhores filmes e ser ponto de encontro social. O proprietário Sr. Boni tinha um xodó, esmero pela sua propriedade, e nunca havia emprestado a ninguém, mas nós do IBAO conseguimos...sou eternamente grata pelo carinho e confiança a nós depositado. Obrigada à família.

As meninas estavam elegantes, maravilhosas com seus trajes confeccionados com todo carinho, por elas nas aulas de corte e costura, orientadas pela professora Oriene.

Como conseguimos os tecidos? Compramos em Indaiatuba em uma fábrica de tecidos finos para cortinas, incluindo também a minha roupa de paraninfa! Ficamos lindas, elegantes e felizes!

E os meninos? Estavam charmosos, contentes e elétricos, uns "Deuses"!

Ah!!! Colocamos passadeiras longas vermelhas (emprestadas pelo padre da Igreja Matriz Nossa Senhora Da Candelaria) nos corredores e flores nas laterais das poltronas até o palco. Tudo perfeito.

Mas...e o baile???Ah, o baile foi um sonho realizado pelos nossos alunos, no maior e mais elegante clube Social da região "ITUANO CLUBE", mais uma vitória!

Sonho realizado com direitos iguais na e da sociedade Ituana, um luxo!!! Assim, pudemos com o maior orgulho dizer: O Instituto de Artes e Ofícios de Itu (IBAO), foi, é e será sempre a maior e melhor escola da Região. Em meio a tanta exclusão social, profissional e desigualdade de oportunidades a função do IBAO é divulgar, partilhar, ensinar, manter vivos valores éticos, culturais, profissionais, estreitando laços afetivos com a escola, família e a sociedade, gratuitamente, mantendo vivos a missão que é a de formar "CIDADÃOS" que venham contribuir para o desenvolvimento do Município, do Estado e do País. Que se cumpra a máxima: "*Vamos acender a candeia sobre o alqueire, para que todos possam ver"* (Evangelho segundo Lucas 11:33-36). Por tudo isso, ao saber que fui citada e lembrada com carinho e amor pelos meus alunos, depois de "alguns aninhos", conclui que meu trabalho não foi em vão, e com meu coração repleto de gratidão e emoção posso dizer: Eu, Marlene Maria Caleffo Salvadori professora de Canto Orfeônico (Música) faço parte dessa encantadora, magnífica e honrosa HISTÒRIA, para sempre. Obrigada por fazerem parte também da minha história. Obrigada IBAO por tanto.

"Todo artista tem que ir aonde o povo está"...

Prêmios recebidos

1976 – Troféu Destaque Roque Palasios e Jornal Taperá, pelos trabalhos sócios educativos e cultural da cidade de Salto e Região Metropolitana de Campinas.

2002 – Medalha e Diploma" Carlos Gomes " – Câmara Municipal de Campinas. Alta honraria pelos serviços prestados no campo da ciência, filantropia, cultura e arte na UNICAMP. Campinas.

2008 – Placa de Prata – Homenagem pela contribuição Significativa ao projeto continuo de construção de uma UNICAMP melhor. Campinas

2010 – Troféu Taperá Destaque por Mérito e Tradição – Jornal Taperá. Salto

2016 – Troféu Rocha Moutonnée – Prefeitura Municipal da Estância Turística de Salto, pelos serviços prestados a cultura, sociedade e família voltado aos Homens Unidos pelo Fim da Violência contra as Mulheres. Salto.

2019 – Título de Benfeitora da Humanidade – Alta Honraria – World Parlament Of Security And Peace. Presidente Internacional da WPO Embaixador Universal da Paz em Brasília.

2019 – Placa de Prata Ong Um Milhão de Amigos e do Parlamento Mundial de Segurança e Paz. Por serviços prestados à Sociedade Brasileira. São Paulo.

Membro da Equipe do Instituto de Pesquisa Especiais para a Sociedade (IPÊS), pelo programa da OPAS – OMS (Organização Mundial da Saúde e Panamericana) com meu projeto: " A música, a Arte como Intervenção Social Pedagógica e Terapêutica" que fez parte do livro Campinas – No Rumo das Comunidades Saudáveis.

Coordenadora de Marketing e Eventos –Reitoria da UNICAMP atuando em eventos Nacionais e Internacionais de grande porte Campinas.

Co-Autora de dois livros a convite da editora Literare Books Internacional:

- EducAção – Inovações e Ressignificações. Literare Books. Internacional LTDA. Brasil – Europa – USA – Japão (2018).
- REVOLUÇÃO – O TEMPO DA TRANSFORMAÇÃO CHEGOU. Literare Books Internacional LTDA. Brasil – Europa – USA – Japão (2018).

Professora Marlene Caleffo

Professor Natal

Existem professores, educadores, mestres e formadores

Edson Carlos de Oliveira

Como eu cheguei a essa conclusão. Ao organizar este livro, depois de convidar muitos ex-alunos para escreverem suas emoções, lembranças e vivencias no IBAO, percebi que muitos escritos mencionavam os nomes de alguns professores que marcaram suas vidas. E dentre eles, está o de Natal Buchignani. Nascido em Botucatu em 16 de agosto de 1934, em 1966 foi admitido como professor de artes industriais, ministrando aulas de Desenho Mecânico no IBAO, que só deixou no ano de 2004. Professor habilidoso, dedicado, paciencioso, amigo e orientador, ajudou muitos alunos a decidirem sua futura formação técnica. Receberam as orientações futuros engenheiros, arquitetos, desenhistas, tecnólogos e acreditem, até dois religiosos – um padre e uma freira. Ensinava com precisão e autoridade no assunto. Mostrava com entusiasmo a importância do desenho técnico para a fabricação de peças automotivas e construções diversas. Fui seu aluno durante o curso ginasial que cursei de 1967 a 1970.

Foi patrono e/ou paraninfo em diversas formaturas de alunos. Foi escolhido para ser Diretor da UNIT – Universidade do Trabalhador, que ocupou no início as dependências do IBAO, bem como o acervo técnico e o parque de máquinas e equipamentos do instituto. Desenvolveu com muita competência o cargo de Diretor oferecendo a oportunidade de formação em várias áreas do saber técnico a muitos alunos.

Em 10 de julho de 2025, foi convocado pelo Criador a juntar-se na galeria de grandes mestres/educadores que passaram pelo IBAO e que já estão no céu.

A Câmara Municipal da Estância Turística de Itu, através da Moção 1410/2025 prestou homenagem ao grande Professor, Educador, Mestre e Formador, Natal Buchignani.

Edson Carlos de Oliveira
Ex-aluno

Uma experiência com muitas lembranças

Professora Neide Oliveira Coan Ferretti

1969 – Eu tinha apenas 25 anos, morava no Conjunto Residencial da USP, CRUSP, concluindo em Geografia. Estava noiva, com casamento marcado para 2 de fevereiro de 1970, com noivo ituano. Sendo assim, teria de residir em Itu, após o casamento.

Assim, me inseri no magistério em Itu, precisamente no IBAO, lecionando no período da manhã, 3 vezes por semana, e continuava meu curso. Me lembro que a rodoviária se localizava no Largo do Carmo. Pegava o ônibus das 11h para S. Paulo e ia ter minhas aulas de graduação das 14 às 18h.

Lecionei Geografia no IBAO, apenas nesse ano. Eu era muito exigente com meus alunos, talvez por isso não tive problemas disciplinares. Eram só duas classes: uma a antiga sétima série e uma da oitava série do curso ginasial, com três aulas semanais para cada série.O eixo das aulas na sétima série era a Geografia Geral e na série seguinte, a final do curso, Os Continentes. Além de livro didático, utilizava mapas, atlas e realizava excursões.

Havia uniforme para os alunos. As meninas usavam saia pregueada com blusa branca e os jovens, calça e camisa de mangas compridas. O horário do aluno era rígido, sendo que cada um deles possuía uma caderneta de presença com foto.

Nós, professores, cuidávamos primorosamente de nossos diários de classe, anotando diariamente as presenças dos alunos, a matéria lecionada na data e as respectivas notas dos alunos.

Apesar de ter sido uma curta experiência, de apenas meio ano letivo, tenho muitas boas lembranças do IBAO. Até hoje me lembro da merendeira (se chamava D, Cida?) que fazia salgados deliciosos e os levava na sala dos professores no intervalo das aulas. Lembro-me, também, de alguns colegas professores: Sonia (Português), Anthenor Fruet (Matemática), Zinho Tocchetton, Oriene (Corte e Costura), Maria Clara (História), Maria Alice (Artes Fem), Natal (Artes masc), Marlene Caleffo (Música), Ary Caricatte (Diretor) e Maria Luiza Toledo Piza (Secretária).

Recentemente fui gentilmente abordada por uma jovem sorridente, que me perguntou: *"Lembra-se de mim, professora Neide? Fui sua aluna no IBAO. Não me esqueci da senhora e de suas interessantes aulas de Geografia que particularmente me entusiasmavam a conhecer o mundo com sua hidrografia e relevo"*. Para mim foi gratificante ouvir esse relato, tantos anos depois… Pura emoção.

1969 foi um ano muito bom e especial para mim, tanto do ponto de vista pessoal como profissional. Nem mesmo me perturbavam as cansativas viagens de ônibus, Itu/São Paulo e vice-versa. Vinha para a cidade em que eu viria residir após o casamento, via meu noivo, e ainda realizava um bom trabalho onde me sentia apoiada e valorizada, tanto pela instituição, como pelos alunos.

Foi uma página de minha vida marcada por boas memórias.

Neide Oliveira Coan Ferretti

Nasceu em Tietê, cursou o Primário no Grupo Escolar Cesário Motta, o Ginásio e o Curso Normal no Instituto de Educação Regente Feijó, graduação em Geografia na USP e em Estudos Sociais na Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio. Lecionou no Colégio Terras de São José, Ginásio estadual Prof. Antonio Berretta, na Escola Agrícola Martinho Di Ciero. Sua Cadeira de Geografia foi inicialmente no Instituto de Educação Mario Lucidio em Cabreúva e depois se transferiu para o Convenção de Itu.

Professor Rogério Lázaro Toccheton

Seu Zinho

Nasceu em 04 de fevereiro de 1920, na cidade de Itu, São Paulo. Filho de Alexandre Toccheton e Cezarina dos Santos Toccheton. Era o irmão mais velho de uma família de 7 filhos. De família católica, participava na comunidade da Igreja do Bom Jesus, foi Congregado Mariano, membro da Cruzada Eucarística.

Chamado carinhosamente por seus familiares de "Zinho", gostava muito de esportes, porém, não praticava por ser fraco fisicamente. Considerado palmeirense "roxo".

Professor Rogério, solteiro, não tinha filhos, porém adorava os sobrinhos.

Cursou o primário no Grupo Escolar "Dr. Cesário Mota"; o ginasial no Ginásio do Estado de Itu; o curso normal na Escola Normal Municipal de Sorocaba.

Fez o curso superior na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, com habilitação em Ciências Físicas e Biológicas.

Mestrado, na Universidade Mackenzie-SP, Estudos de Problemas Brasileiros; cursou também Administração Escolar na Escola Regente Feijó.

Iniciou sua carreira de Professor, lecionando no Curso para Adultos no Grupo Escolar "Dr. Cesário Mota", em 12 de setembro, razão pela qual comemoramos o "Dia do Patrono", nesta data, na EE Prof. Rogério Lázaro Toccheton em Itu.

Foi Professor da Escola Regimental do Exército, lecionou Estudos de Problemas Brasileiros na Faculdade de Direito de Itu, Professor e Diretor do Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO).

No Grupo Escolar Padre Bento, exerceu a função de Diretor Substituto.

Outras atividades:

Presidente do Conselho Municipal de Cultura em dois Governos Municipais em Itu;

Fundador da APAE de Itu.

Redator do Jornal "A Cidade de Itu" e "A Federação";

Presidente do Grêmio Colegial "Conselheiro Paula Souza e Melo", do Colégio Estadual "Regente Feijó"

Suplente de Vereador da Câmara Municipal de Itu.

Por ironia do destino, o Professor Rogério Lázaro, na noite do dia 23 de julho de 1981, quando deixava o Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO),

fora assaltado, por um jovem que ao se aproximar, o reconheceu como sendo um ex aluno. Ao chamá-lo pelo nome, o jovem se assustou e atirou no Professor Rogério. Foi socorrido e levado a Santa Casa de Misericórdia ainda com vida, vindo a falecer.

Interrompeu sua trajetória aos 61 anos de idade, deixando discípulos que também aprenderam com o mestre, a respeitar, amar a Deus, à Pátria, à Família e à Sociedade.

Da Escola fez um lar fraterno e cristão, deixando vínculos de profunda amizade entre os Mestres e Alunos, que se estenderam aos Pais, tornando-se querido de todos.

Hoje, após mais de 40 anos da sua partida, ele continua imortal através da nossa querida Escola "Prof. Rogério Lázaro Toccheton".

A Escola foi criada pelo Decreto Nº 16.903 de 20/04/1981, denominada de EEPG da Vila São Luiz, publicado no DOE do Estado de São Paulo em 21/04/1981, página 1.

Em 24 de março de 1982, através da Lei 3.243, dá-se a denominação de EEPG "Prof. Rogério Lázaro Toccheton" à Escola Estadual de 1º Grau da Vila São Luiz de Itu. Com base no Parecer CEE 67/98 aprovado em 18/03/98 publicado em 21/03/98, tem sua alteração de EEPG para E.E., passando, assim, a ser denominada *EE "PROF. ROGÉRIO LÁZARO TOCCHETON".*

Dados obtidos com a escola
EE "PROF. ROGÉRIO LÁZARO TOCCHETON"

Incentivando o esporte

Professor Vadinho

Lecionei no IBAO de agosto de 1972 a dezembro de 1981, na vaga deixada pelo Prof. Edson Mosca, que foi lecionar no SENAI de São Paulo.

O Diretor da escola na época era Prof. Ary Caricatte.

Professores colegas da época: Valter Toccheton, Rogerio Lazaro Toccheton, Celia, Selma, Anthenor Fruet, Lourdes Carneiro, Natal, Luiz, Carmignani, Marlene Caleffo, Osmar Bonifácio Marmo.

Na secretaria da escola, trabalhavam como escriturárias, Zilda Buzzo e Maria do Carmo Thomaz (Piunti).

Os alunos (masculino) tinham as aulas normais regulares, e mais mecânica, marcenaria e elétrica.

As alunas (feminino) tinham as aulas normais regulares, e mais culinária, artes e costura.

As aulas de Educação Física aconteciam na quadra de esportes e também em uma sala na parte inferior, ao lado da oficina, onde foi reservada para ginástica e ginástica olímpica.

Com a nossa solicitação, acertamos com o Diretor a construção nos fundos da escola, para a modalidade de atletismo: uma barra fixa, caixas de salto em extensão e altura e uma área de arremesso de peso.

A pedido nosso, o Diretor autorizou que a oficina construísse um "Ringue de Boxe" e também conseguimos a compra de luvas de boxe, protetores de cabeça e de boca. Qualquer desentendimento entre alunos na quadra era resolvido na sala de ginastica com as luvas de boxe, com a supervisão e orientação do professor.

Fizemos uma apresentação de boxe com os alunos no hospital de Pirapitingui para os internos. E uma outra apresentação no colégio Industrial de Sorocaba. Nas duas apresentações o RINGUE foi montado e foi um grande sucesso. Participávamos dos jogos colegiais de ITU e Região. Sempre colhendo ótimos resultados nesses jogos.

Fato marcante e satisfatório:

Ter um aluno, Jesus Perez (ZUZO) em atletismo, sendo convocado para seleção paulista e brasileira.

Fato marcante e triste

Um atentado a tiro contra o Professor "Zinho Toccheton", por um ladrão, que queria roubar o seu carro na porta da escola.

Foi dia 23 de julho de 1981, às 19h30. No momento, eu estava dentro do IBAO, quando recebemos a notícia por uma moça que entrou na escola e nos avisou. Saímos na rua e o professor já tinha sido levado para Santa Casa onde, infelizmente, veio a falecer.

Relato do Casamento: Estela/Vadinho

Quando comecei a lecionar no IBAO (agosto 72), as classes não eram mistas, os meninos eram separados das meninas.

Então, logicamente, eu pouco conhecia as meninas, só ficávamos mais perto quando vinha o desfile de 7 de setembro. Eu auxiliava o Prof. Paulo Gazzola, para montar a fanfarra e escolher as meninas para carregar as bandeiras e formar os pelotões. A foto registrada em que estou com a Estela, Maiado, Fatima Piassarolli, Maria José Boff, também foi uma obra do destino.

Eu vim a conhecer a Estela em 1975, na Escola Pinheiro Jr, no Bairro Brasil na "Quermesse" junina que as escolas realizavam para arrecadar fundos para a APM. Trabalhando que estava na barraca da roleta, vendendo números e

cantando as premiações que eram (frango assado, cuscus, garrafa de vinho de São Roque etc.) Foi aí que se deu o primeiro olhar e a primeira conversa. Estela morava no bairro e foi na festa do Pinheiro Jr (acho que só pra me ver… *kkkkk*). Foi onde o destino começou a nos unir.

Ai veio o casamento em 21 dezembro de 1979, dia do aniversário da Estela. Que presentão! *kkkk*

Osvaldo Garcia (Prof. Vadinho)
Natural de Salto
Casado com: Maria Estela Morete Garcia
Duas filhas: Maria Cecilia e Maria Camila
Trabalhou: Eucatex e Ligth
Licenciatura: Ed.Física (PUC CAMPINAS) 1971
Curso Técnico: Futebol. (PUC CAMPINAS) 1972
Pedagogia: (FAFITU) 1975
Primeiro trabalho como professor de Ed. Física:
ESCOLA TÉCNICO AGRICOLA DE ITU
MARTINHO DE CIERO - 1970 a 1986
Aposentadoria 1997 pela Escola Estadual Francisco Nardy Filho.
Após aposentadoria 2008 até 2016 trabalhou como supervisor na área "Qualidade de Vida" na empresa FIDELITY

Incentivando a arte

Professora Zilda Maria Zapparoli

O convite de Edson Carlos de Oliveira, um dos organizadores da antologia e meu ex-aluno, tornou-me possível fazer uma viagem no tempo para reviver as minhas experiências no IBAO, ainda bem presentes na minha memória.

Logo após ter concluído o Curso de Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio de Itu, sob a direção das Irmãs de São José, em 1967, ingressei no exercício do magistério no ano letivo de 1968, dedicando-me ao ensino de Língua Portuguesa no IBAO, Itu, e no Colégio e Escola Normal Estadual Prof. Paula Santos, Salto, duas instituições que me acolheram, dando-me a oportunidade de aprender o ofício do magistério.

Estreante no magistério, o IBAO representou para mim o ponto de partida, o alicerce, a pedra fundamental do meu espaço profissional, o início de uma trajetória que marcou a minha conduta e as emoções de um caminho até então desconhecido, o do exercício da profissão do magistério.

Acostumada com a vida fácil de estudante, repentinamente, senti-me obrigada a tornar-me adulta, buscando entender o meu novo status, a vida atarefada de profissional, a responsabilidade não mais individual, mas social, a arte de cativar alunos fáceis e difíceis, com a missão de amá-los, de dar-lhes a mão não somente para o aprendizado da língua materna nos moldes da norma culta, mas também, com meu exemplo, de ensiná-los a ser pessoas melhores.

As lições foram aprendidas, os desafios foram superados, o ofício do magistério foi conquistado.

Partilhei experiências com o diretor, Prof. Ary Caricatte, com as escriturárias, Stella Guimarães do Amaral, Maria Luiza de Toledo Piza, Yvete Carvalho Gomes, e com professores do mesmo período, Alice Souto Queiroz (Economia Doméstica), Anthenor Fruet (Ciências), Clara Maria Franco (História), José da Silva (Ciências), Maria de Lourdes Mello Fontes Caricatte (Matemática), Neide Oliveira Coan (Geografia), Rosa Maria Donati (Português), colegas de trabalho que se tornaram amigos.

Um fato em particular merece destaque. Com a intenção de despertar nos alunos o gosto pela leitura, instrumento fundamental para a compreensão de si mesmo e da realidade que o cerca, indicava a leitura de livros. Dentre eles, recomendei a leitura do livro "O Sítio do Picapau Amarelo" de José Bento Monteiro Lobato. Para estimular, também, o interesse pelas artes cênicas, propus a

representação do texto em teatro, para o que contei com a colaboração do Sr. Luiz Gazzola Sobrinho, fundador do Teatro Experimental Ituano, de referência em Itu e região, e do seu filho, Prof. Paulo Roberto Gazzola, que também se dedicava à área, incentivado por seu pai. Numa proveitosa parceria, enquanto eu trabalhava o texto, eles ofereciam o suporte técnico, cuidando do cenário e da encenação, para que a peça pudesse ser apresentada aos familiares dos alunos na Sala de Teatro do IBAO, com brilhantismo. Edson Carlos de Oliveira, meu então aluno, representava o personagem Marquês de Rabicó.

Sem medo de errar, se não fossem outras conquistas, se não houvesse outras dádivas decorrentes da minha vivência no IBAO, duas mensagens especiais que o querido Rabicó me enviou por WhasApp, cumprimentando-me pelo Dia das Mães e pelo Dia dos Professores, 56 anos após ter sido o meu aluno no IBAO, teriam bastado para a minha realização como mestra:

- "Parabéns, Zilda, pelo Dia das Mães, pois você foi muito mais que uma mãe para muitos dos seus alunos." (12/05/2024);
- "Parabéns, Zilda, pelo belíssimo trabalho realizado na construção de um mundo melhor de seus muitos alunos." (15/10/2024).

Somente isso teria sido suficiente para que o IBAO recebesse a minha admiração e a minha gratidão.

Alunos como ele, íntegros e dedicados às causas de Itu, contribuíram, de forma significativa, para que o IBAO alcançasse lugar de destaque como conceituada instituição escolar dedicada ao ensino profissionalizante gratuito de jovens e adultos de Itu e região, fiel aos objetivos da sua criação pelo seu patrono, Joaquim Bernardes Borges, em 28 de outubro de 1924.

Devo ao IBAO ser professora feliz e realizada, bem-sucedida do ensino ginasial e colegial ao superior, em universidades particulares e na Universidade de São Paulo, a maior e mais importante do Brasil e da América Latina, e com prestígio mundial.

Atuei junto ao IBAO tão-somente pelo período de um ano escolar, por ter ingressado, por concurso, no magistério público estadual em Cabreúva e, depois, em Itu. Ao mesmo tempo, frequentei o curso de Pós-Graduação em Letras na Universidade de São Paulo, onde, já em 1971, iniciei a minha jornada como docente no magistério superior.

Por questão de justiça, não posso deixar de estender as considerações feitas e de expressar a minha gratidão ao Colégio e Escola Normal Estadual Prof. Paula Santos, Salto, ao seu então diretor Prof. Antônio Oirmes Ferrari e a ex-alunas que ainda hoje me dedicam não apenas respeito, bem como carinho sempre renovado em mensagens de Natal anuais.

A essas duas instituições o meu apreço e o meu reconhecimento por me terem aberto as portas, quando recém-formada em Letras, para a descoberta da paixão pela profissão que abracei com desvelo e responsabilidade.

Agradeço o espaço que me deu a oportunidade de recordar o passado e de, com recriações de lembranças e emoções, revivenciar as dificuldades e os louros do magistério.

Ainda há muita coisa a fazer. Deixo uma sugestão: a criação de um espaço no IBAO onde se possa recuar no tempo, a exemplo de uma Oficina-Museu que ofereça ao seu visitante uma viagem às artes e ofícios de antigamente, um espaço com recriações de estabelecimentos comerciais e ofícios que marcaram gerações.

Zilda Maria Zapparoli

Nasceu em Itu, em 02/08/1945. Estudou no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio de Itu e cursou Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Itu, onde também lecionou, como em outros colégios de Itu, Salto e Cabreúva. É professora associada aposentada junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde obteve os títulos de Mestre, Doutor e Livre-Docente. Filha de Leonor Palma Zapparoli e de Antonio Zapparoli, tem uma filha, Alexandra, um filho, Vidal Augusto, e três netas, Giovanna, Isabela e Beatriz.

Primeira turma formada pelo Ginásio Industrial

Ana Maria Cané

Sou natural de Campinas. Quando mudei para Itu fui estudar no Grupo do Padre Bento e conclui no Cesário Motta. Entrei no IBAO em 1963, quando ainda era Liceu. Fiz um ano no Liceu e no ano seguinte, 1964, devido uma reestruturação no ensino tivemos que "voltar no tempo" para cursar o primeiro ano do Ginásio Industrial, inclusive tivemos que fazer o Exame de Admissão, uma "espécie" de vestibular. Lembro-me, com muito carinho, de todos os bons mestres que nos ensinaram através de suas matérias e exemplos, sermos pessoas do bem: Álvaro Rigolim, Geografia; Celio Campos Vendramini, História; Terezinha Santoro Cintra, Celia Bombana Cristofoletti, Maria de Lourdes Carneiro, Professor Zezé Dias, Nair Ratti, Ieda Persona – Bordado, Oriene – Corte Costura, Cecilia D'Elboux, Ivone Merlim, Marlene Salvador, Marian Lisboa – Boas Maneira e tricô, Neide Coan, Ary Caricatte – Diretor, Ivete Gomes Carvalho – Secretária, Dª Luizinha – inspetora de alunos e Dª Josefa – cozinheira.

Iniciamos o primeiro ano do curso ginasial com aproximadamente 25 alunos, aqueles que já eram do IBAO e outros que iniciaram a primeira série do ginásio. Todavia, apenas 16 concluíram o curso ginasial no IBAO. Alguns desses que não concluíram pediram transferências para o Regente Feijó. Durante esses anos de convivência formamos um grupo bem unido.

Quando não tínhamos alguma aula, ficávamos no pátio, pois não era permitido sair da escola. Mas quando aumentaram os alunos, o Diretor, Sr. Ary Caricatte autorizava que saíssemos à rua nesse intervalo, para não prejudicar algumas classes com nosso "barulho". Nessas saídas, íamos, o grupo todo, até o Largo do Carmo ou até o Bar da Dª Lola, mãe da Cida que ficava ali próximo na Rua Joaquim Borges. Muitas vezes encontrávamos lá no bar seu Erasmo Caetano, tio da Cida, muito brincalhão que todos nós chamávamos de Tio Erasmo.

Na cozinha, com Dª Josefa, aprendíamos a fazer doces e salgados como canjica, e a rapadurinha que era a especialidade dela. Eram vendidos no intervalo das aulas para os alunos do IBAO e para os alunos do Senai, que funcionava na outra parte do prédio. Era muito gostosa aquela convivência entre nós alunas do IBAO com os meninos do SENAI. Rolava até algumas paqueras. Não raro você ouvia alguns gritos femininos: "fulano… eu te amo"!

Lembro-me que, em certa ocasião, ter caído rolado os degraus abaixo na escada de madeira que leva ao piso superior. Meu colega Hélio Boff ao invés de me socorrer, caiu na gargalhada. Fiquei furiosa e disse: "um dia você há de cair também". Dito e feito, não demorou muito Hélio rolou escada abaixo... morri de rir. Cida Cavachini era muito divertida, sempre tinha uma brincadeira e uma frase bem-humorada para cada situação. Quando ela faltava, a aula era um tédio.

E no final de 4 anos - 1967 – chegou a tão esperada e sonhada formatura. Nossa preocupação com a beca tirava nosso sono. O marido da nossa professora Oriene, era estrangeiro, de nome difícil de pronunciar. Nós o chamávamos de Mister Paul. Dª Oriene, Mister Paul no volante de seu carro, eu, Assunta e Cida Cavachini fomos até a cidade de Americana, importante polo têxtil da época, na Fidam - Feira Industrial de Americana, que desde 1961, ocasionou um incremento muito grande nas compras diretas dos fabricantes de Americana de tecidos já acabados. O centro de exposições e vendas era no salão de festas da então Igreja Matriz de Santo Antônio. Ali compramos todo o tecido necessário, sob a orientação de nossa professora Oriene. Nós meninas da sala, confeccionamos as becas de todos os formandos: Hirami Osaki, Isabel Cristina Caluss, Maria Aparecida Cavachini e Maura dos Santos Vieira, Joceli Savi, Rita de Cássia Bertoni, Ana Maria Cané, Celia Maria Zenaro, Marilena Buzzo, Ioshiko Osaki, Assunta Maria Galera e Alcione Martins e os meninos Luiz Hélio Boff, José Rodolfo Boff e Edson Alegro. O aluno Odair de Almeida não participou da formatura.

Ana Maria Cané
Mãe de duas filhas, Anália Maria e Ana Claudia.

Aluno que dá trabalho, sempre será lembrado

Arcilio Bragagnolo

Na década de 60, explodia no mundo a onda dos Hippies. O movimento hippie foi um fenômeno de contracultura que surgiu nos Estados Unidos, com foco em uma busca por uma vida mais autêntica, pacífica e libertária. Os hippies questionavam os valores tradicionais, a guerra do Vietnã e o consumismo, defendendo a liberdade pessoal, o amor livre, o respeito à natureza e a igualdade. O estilo hippie influenciou a moda, com a popularização de roupas coloridas, estampadas, tecidos naturais e acessórios como colares e pulseiras. E nessa onda, também todos nós jovens ituanos, guardando as devidas proporções, embarcamos.

Em 1962, o Brasil se consagrava Bicampeão mundial de futebol. A grande campeã desta Copa do Mundo foi a Seleção Brasileira que, como campeã da Copa anterior de 1958, não havia participado das eliminatórias pois já tinha vaga garantida. O Brasil contou com muitos jogadores da Copa realizada na Suécia, como Gilmar, Djalma Santos, Nílton Santos, Didi, Zagallo, Vavá, Pepe, Zito, Bellini, Garrincha e Pelé.

Com tantas coisas boas acontecendo como não mexer na cabeça de um adolescente como eu?

Em 1961 entrei para fazer o curso ginasial no Instituto de Educação Regente Feijó. Pelo critério da época, ser repetente mais de duas vezes era jubilado (Que foi alvo de jubilação, ou seja, que perdeu o direito de renovar sua matrícula, numa instituição de ensino, por diversos motivos). Foi o meu caso. Não consegui aprovação por duas vezes em Matemática, professor Cid Scalet, na 2ª Serie. Lembro-me que fui para o exame final precisando de 11,5 de nota – Impossível. Assim, como eu, muitos outros alunos, por diversos motivos, fomos continuar o curso ginasial no Instituto Borges de artes e Oficios – IBAO. Lá encontrei: João Lorenço Bispo, Reginaldo Lima Verde, Antônio Celso e Juninho Menabó, Horácio Bicudo, José Pilon. Grandes amigos do esporte e de bagunça.

Toda dificuldade que tive de Matemática na antiga escola foi se desfazendo com a forma didática e clara do Professor Anthenor Fruet. Ele explicava a matéria de um jeito tão atraente que eu me apaixonei pela matemática a ponto de ajudá-lo em sala de aula e dar aulas particulares.

Apesar da mudança promovida pela Matemática, não apagou em mim o espírito arteiro. Queria participar da fanfarra, porém, sem nenhuma aptidão

musical. Simulava as batidas no instrumento… O esporte era minha praia. Participava de todos eles: futebol de salão, futebol de campo, basquete, vôlei, natação e até salto em altura.

Aula de música com a professora Marlene Caleffo. Ela dividiu a sala em dois grupos para análise de duas músicas diferentes. Eu tinha um gravador, que na época era um luxo, e levei gravado a música "*As flores do jardim de nossa casa*" de Roberto Carlos. Foi um sucesso ouvir e analisar o conteúdo da letra. Na sequência dessa aula, tivemos aula de Ciências com o professor Zinho Tocheton. Eu me sentava na penúltima carteira. Em plena aula eu "soltava" a gravação com volume no último. Quando o professor olhava para traz para ver quem estaria fazendo essa arte, eu também olho para o último aluno como se fosse ele o autor da arte. Por outra "arte" na aula de Português, fui suspenso por 30 dias.

Por essas e por muitas outras peripécias, fui muitas vezes levado à presença do diretor, Sr. AryCaricatte, que com sua habilidade, experiências e autoridade muito me ensinou, educou, e modelou para ser um aluno um pouquinho melhor…rs. Hoje, recordo com carinho e gratidão daqueles momentos "duros" e traumáticos que passei diante daquele diretor. Reconheço: eu dei trabalho.

Depois do IBAO, prestei o então curso de madureza e graças esse curso conheci várias cidades por esse Brasil afora: Vitoria, Guarapari, Guaxupé, Londrina fazendo as provas eliminando matérias. Conclui minha fase de estudante na FADITU tornando-me bacharel em direito.

Arcilio Bragagnolo

73 anos, casado com a cirurgiã dentista Ana Lucia Danide Lucena Bragagnolo e pai do Jornalista Arcilio Bragagnolo Neto, Coordenador GE da TV Tem para todo Estado de São Paulo onde a TV possui filiais.

Vivências e Memórias

Assunta Maria Galera de Arruda

Em 1924, quando Joaquim Bernardo Borges criou o IBAO, o objetivo era dar ensino profissionalizante gratuito para jovens de ambos os gêneros e prepará-los para o mercado de trabalho. O Instituto era chamado de Liceu e seu curso tinha duração de três anos.

Para meninos, havia os cursos de mecânica geral e marcenaria. Para meninas, havia os cursos de artes domésticas (corte e costura, bordado e culinária).

Em 1964, houve uma mudança e o Liceu passou a ser chamado de Ginásio Industrial. A grade curricular vigente foi acrescida de algumas novas disciplinas atualizadas para a época.

Mesmo tendo frequentado o Liceu de 1962 a 1963, a nova grade exigiu que recomeçássemos o curso desde o início, como ginásio. Continuei na instituição renomeada, fazendo parte da primeira turma de formandos (1964 a 1967), período diurno. O prédio do IBAO foi dividido para abrigar dois cursos (SENAI, Ginásio Industrial).

Só tenho boas lembranças do Ginásio Industrial, sempre fomos tratados com muito carinho e respeito por todos os professores e funcionários. Graças aos bons ensinamentos e aprendizados adquiridos, segui o curso do magistério, tendo me graduado em Artes Práticas, com habilitação em Artes Industriais (hoje Educação Artística). Efetivei-me como professora do Ensino Fundamental, atividade que exerci durante vinte e seis anos. Hoje sou aposentada.

Há inúmeras lembranças daqueles anos. Particularmente marcante foi o plantio de duas palmeiras imperiais em celebração ao Dia da Árvore, em 1964. Cada curso (SENAI e Ginásio Industrial) plantou uma delas ao lado do prédio que ocupava. Elas estão lá até hoje.

Também nos encheu de orgulho na época em que a nossa prova prática final de arte culinária foi preparar o jantar de nossa própria formatura. Sob a orientação da Professora Josefa Ribeiro, o cardápio foi: salada (alface, tomate, palmito), arroz à grega, lombo assado, estrogonofe de mignon, batatas fritas e bolo de chocolate como sobremesa.

Esse jantar foi servido à diretoria, ao paraninfo, a algumas autoridades locais e, claro, para nós formandos. As becas em tom rosa claro usadas na colação de grau foram confeccionadas por nós na disciplina de corte e costura.

Vivemos uma época maravilhosa. Éramos uma turma pequena, mas agradeço a Deus pelos amigos que fizemos e cuja amizade cultivamos até hoje.

Cerimônia de colação de grau da primeira turma do IBAO – Ginásio Industrial. 20 de dezembro de 1967. Assunta é a quinta da esquerda para a direita.

Em sentido horário, Lori (aluno do Senai), Assunta, Cláudio (também do Senai), Célia Zenaro (com violão), Rita Bertoni (à frente, também com violão) e Ana Maria Cané na escadaria central do IBAO.

Assunta Maria Galera de Arruda

Nascimento: Porto Feliz, 1950 – Filha de Benedita Kiel Galera e Benedito Galera, mudou-se para Itu aos 5 anos. Foi professora do Ensino Fundamental em Itapevi e Sorocaba, onde se aposentou em 2007. Desde 1975, quando se casou, passou a residir em Sorocaba. Tem dois filhos.

A descoberta do fascínio pelo Desenho Técnico Mecânico

Camilo Fortunato Bruni Neto

Ingressei no Ginásio Industrial do IBAO em 1973, depois de concluído o primário no Grupo Escolar Convenção de Itu, juntamente com outros colegas. Fizemos a matrícula depois de aprovados em exame de seleção.

Essa decisão de estudar no IBAO foi muito acertada.

Na 5ª e 6ª série, as matérias eram semelhantes às das outras escolas, pois o IBAO tinha um rigor com os conteúdos, horários e o excelente nível de conhecimento dos profissionais.

A partir da 7ª série, já começamos com as aulas de Desenho Técnico Mecânico e de Iniciação ao Trabalho, que eram as aulas nas oficinas de tornearia, ajustagem mecânica, marcenaria, pintura, elétrica e tratamento térmico.

Foi nessa época que eu me encontrei com o que realmente gostava de fazer e estudar, também pela influência das profissões de meu avô Camilo e pai Francisco José, e o incentivo incansável da minha mãe Zulmira. Descobri sem nenhuma dúvida a carreira que ia seguir.

As aulas de Desenho Técnico Mecânico com o professor Albertini eram magníficas e eu descobri um mundo de oportunidades. Todas as aulas eram uma imersão ao conhecimento das técnicas de expressar em desenho, de maneira sistemática, qualquer objeto ou peças que se tenha a necessidade de fazer em uma oficina.

Esse conhecimento me fascinava, e o Professor Albertini tinha uma didática única, que prendia a atenção de todos os alunos da classe, especialmente a minha.

Aulas práticas de oficina contavam com os professores Aníbal (elétrica), Alberto (marcenaria), Rogério Cecconello (tornearia), Edmir (ajustagem mecânica).

Todo esse conhecimento adquirido nas matérias técnicas e teóricas me deram uma base sólida, tanto para a minha vida profissional, quanto pessoal pois os professores também transmitiam noções de ética e respeito.

Conclui o curso em 1976 e, no início de 1977, consegui o meu primeiro emprego como Desenhista Mecânico, foi quando também no IBAO iniciei o curso Colegial Técnico em Desenho Mecânico, com o Professor Albertini. Também tivemos aulas nas oficinas da mesma maneira que tivemos no Ginásio.

Dentre tantos outros bons professores, lembro-me de: Paulo Gazzola, Zinho Tocheton, Armando Tocheton, Carmignani, Diretor Ary Caricatte, Ivoni Salesiane, Selma, Célia, Rocha, Vadinho, e também me recordo do Sr. Virgilio. Enfim, todos contribuíram para a importância desta escola.

Parabéns, IBAO, pelos 100 anos de ensino, cumprindo sempre o que foi idealizado pelo Sr. Joaquim Borges.

Grato.

Formatura do Ginásio, recebendo o diploma do Prof. Carmignani e ao lado o Diretor Ary Caricatte.

Camilo Fortunato Bruni Neto

Engenharia Industrial Mecânica pela UNIMEP; Especialista em Materiais Plásticos pela UNICAMP; Desenvolvimento de Embalagens Plásticas pela USP-SP;

Experiência Internacional: Pela Nord, Élice e Eldorado. EUROPA: 1984 - 2023, Desenvolvimento de peças automotivas em diferentes países, Portugal, Alemanha, Itália, Espanha, França, Suécia, Holanda. Estados Unidos: 2001 - 2003, Desenvolvimento de peças para os novos carros da Ford em Detroit, Projeto Amazon Fiesta e Eco Sport para o Brasil. China: 2004, Montagem de Fábrica de Eletrobombas para Sistemas de Lavador de Para-brisa dos carros, e várias outras atividades correlatas ao longo dos anos. Participação em Feiras Internacionais do setor de Plásticos e Borracha na Alemanha, Usa, China, Itália ao longo dos anos.

Boas lembranças e muito aprendizado

Divanil Dias Favaretto

O Instituto Borges de Artes e Ofício (IBAO) completou, em 28 de outubro de 2024, 100 anos de existência na cidade de Itu, São Paulo, e sinto-me honrada por ter sido convidada para compartilhar algumas das minhas memórias nessa instituição tão especial.

Tive o privilégio de estudar no IBAO de 1966 a 1969 e, anos mais tarde, retornar como professora. Essa escola foi mais do que um espaço de aprendizado; foi um lar, um alicerce para minha formação pessoal e profissional. Naquela época, para ingressar no IBAO, os estudantes precisavam fazer um "vestibulinho" para passar do que hoje chamamos de Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II. Passei e, assim, iniciei minha jornada nessa escola, que deixou marcas profundas em minha vida.

Lembro da primeira vez que entrei na escola. Como era grande!! A escadaria central, linda, incrivelmente brilhando e no pátio, a escadaria de pedra, formosa, nos recebia.

O IBAO era uma escola diferenciada. Enquanto os meninos aprendiam ofícios técnicos, as meninas recebiam ensinamentos sobre prendas domésticas. Entre as disciplinas, aprendíamos corte e costura, culinária, artesanato e até detalhes como a maneira correta de guardar sapatos e bolsas ou arrumar uma cama com perfeição. O objetivo era preparar as alunas para a vida prática, e essas lições me acompanharam ao longo dos anos.

Interessante lembrar como as coisas eram naquela época. Havia uma inspetora de alunos, dona Cidinha, que ficava na porta de entrada da escola, olhando cada aluna de cima a baixo para ver se estava devidamente uniformizada, inclusive o comprimento da saia. Tínhamos uma caderneta onde constavam nossas notas, mas também a presença. Diariamente, cada classe colocava sua caderneta numa caixinha pré-organizada para que fosse carimbado o "presente" em cada dia letivo. Impossível imaginar a logística disso nos dias atuais.

Uma das minhas professoras que muito me marcou foi a professora Oriene, que me ensinou a costurar fazendo o molde pelo método geométrico. Era um aprendizado cheio de linhas e medidas, e até hoje me pergunto como conseguíamos absorver tantos detalhes com apenas 11 anos. No entanto, aquele conhecimento se tornou valioso: costurei muitas roupas para mim, já que, naquela época, não havia lojas com tantas opções femininas como hoje. Mesmo depois

de casada, continuei costurando, criando vestidos juninos e fantasias de carnaval para minhas filhas, sempre recorrendo à base sólida que aprendi no IBAO.

Outra professora que deixou um legado duradouro em minha vida foi a professora Alice. Com ela, descobri meu amor pelo artesanato, um interesse que me acompanhou durante toda a vida. Tricô, crochê, pinturas em gesso— sempre tive as mãos ocupadas com algo criativo. Hoje, faço porta-guardanapos, e cada peça carrega um pouco da inspiração que começou lá atrás, nos corredores e salas de aula do IBAO. Não posso deixar de falar das nossas aulas de culinária. Aprendíamos não só a receita, mas o valor nutritivo dos alimentos. A aula prática era uma festa, com todas na enorme cozinha da escola.

Com dona Marina, aprendi a arrumar a cama, não guardar sapatos e bolsas sujas, coisas que faço até hoje.

Na parte acadêmica do ensino, lembro de todos meus professores. Cada um com seu jeito e carisma, só tenho boas lembranças e muito aprendizado. Para não correr o risco de esquecer alguém, vou omitir seus nomes, pois são pessoas extremamente queridas para mim.

Por ocasião da nossa formatura, os meninos iriam de terno, e as meninas queriam ir com roupas iguais. Estávamos num impasse, pois não conseguíamos chegar num modelo que todas ficassem satisfeitas. Então, nossa professora de história, Clara, sugeriu um modelo de roupa que ela tinha. Levou para vermos e nós adoramos e uma costureira fez a roupa de todas. É apenas um detalhe, mas ilustra muito bem como os professores se envolviam com nossos interesses.

Foto da formatura – As alunas com o traje comentado acima.

Lembro que, em 29 de dezembro de 1966, o prefeito de Itu, João Machado de Medeiros Fonseca, através da Lei número 990, instituiu a bandeira representativa do município de Itu, idealizada por Archimedes Dutra, um cidadão de Piracicaba. Em 7 de setembro do ano seguinte, por ocasião das festividades do Dia da Independência, todas as escolas da cidade se reuniram em frente ao

quartel de artilharia da cidade. Nessa ocasião, cada escola recebeu, de maneira solene, a então bandeira de Itu. Para minha surpresa, fui escolhida pela direção do IBAO para receber a bandeira em nome da escola. Quanta honra e que orgulho senti naquele desfile! Após esse ato cívico, as escolas marchavam pelas ruas centrais da cidade. Que emoção!

Em 1968, a escola fez uma grande feira do conhecimento envolvendo todas as disciplinas. Foi a única que tivemos durante os quatro anos que estudei lá. Foi um evento enorme, com a participação de todos os alunos, cada um ajudando onde mais precisava de nota, pois nosso trabalho valeria pontos. Fez parte dessa feira, um desfile de trajes típicos do Brasil. Eu desfilei simbolizando Santa Catarina.

Em 1969, já no último ano na escola, nossa professora de corte e costura, junto com a direção, decidiu mudar o uniforme da fanfarra, que passaria a ser calça branca, camisa branca e um colete vermelho. Quem fez os coletes? A turma da nossa classe. No entanto, nem todas as minhas amigas tinham habilidades para a costura, mas eu, que gostava, costurei muito para ajudar nessa empreitada. Depois de tudo pronto, como a fanfarra ficou linda e mais moderna para a época! Quanto aprendizado!

Para ilustrar um pouco a rigidez do ensino público da época, conto um fato acontecido comigo. Em novembro de 1969, ano da formatura, tive um problema inesperado de saúde que me impediu de frequentar a escola no mês de novembro. Com isso, não pude fechar as notas do bimestre. Meu irmão foi conversar com nosso diretor, com toda documentação provando minha impossibilidade de frequência e ele sugeriu que eu escolhesse como fazer com minhas notas: na semana em que os alunos fariam exames, eu poderia fazer as provas bimestrais de novembro para fechar as notas, ou seria considerado nota zero nas provas de novembro e eu faria exames, mas se eu não tirasse a nota desejada, ficaria para segunda época. Escolhi fazer as provas de novembro e fechei todas as notas, mas fico pensando nessa rigidez, comparada com hoje, onde os alunos passam sem ter nota.

Além do aprendizado técnico e acadêmico, fiz amizades leais e sinceras, que compartilho até hoje com muita alegria. Todos bem-sucedidos nas mais diversas áreas de trabalho, constituíram famílias sólidas. Inclusive, um deles, o Lázaro José Piunti, foi nosso prefeito por quatro vezes. Com alguns, tenho o privilégio de conviver atualmente, pois mantemos encontros do grupo de formandos de 1969. A cada encontro, uma alegria só, onde relembramos os velhos tempos, nossos professores e nossos aprendizados.

Com o passar dos anos, algumas modificações ocorreram na estrutura da escola. Já não havia mais o ginásio, nome que dávamos na época para o

Ensino Fundamental II. Havia cursos profissionalizantes à noite e, no período da manhã, o Ensino Médio. Por uma delicadeza do destino, anos mais tarde fui convidada para dar aula de matemática para o Ensino Médio no período da manhã. Aceitei, pois já casada e com filhas, morava perto dessa escola. Essa foi a primeira motivação, mas nada comparado à emoção que senti ao adentrar novamente no IBAO. Parecia que todas as minhas lembranças de adolescente caíam como uma enxurrada na minha mente. Dar aula na mesma classe onde, tempos atrás, costurei pegadores de panela nas aulas de costura… Como sempre, a escola se mantinha incrivelmente limpa, com o piso brilhando, e pude perceber a dedicação da coordenação e direção em fazer um trabalho sério e competente, como sempre. Fiquei apenas um ano, pois a escola deixaria de oferecer Ensino Médio pela manhã e minha agenda de trabalho não comportava outro horário. Uma pena.

Cada vez que passo em frente ao prédio, sinto uma nostalgia, como se ele fosse um pouco meu, pelas memórias afetivas que ali construí. Obrigada, IBAO, por tudo.

Divanil Dias Favaretto

Licenciatura em Ciências e Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, atual CEUNSP.Professora aposentada no Estado e na Escola Particular.

Ética, técnica, e o Cupido

Edson Carlos de Oliveira

Vivíamos ano de 1966. Nesse ano, muitos acontecimentos marcaram a história: na política, o Presidente do Brasil Castelo Branco assinava a Lei que instituiu o Fundo de Garantia por Tempo Serviço – FGTS, a Guiana Britânica se tornava independente da Inglaterra. Na música, a banda The Beatles lançou o álbum Revolver, Chico Buarque se revelou ao mundo com a música "A Banda". No esporte vivíamos os dias festivos da Copa do Mundo de Futebol de 1966 na Inglaterra. O Brasil fora eliminado na primeira fase. Para muitos brasileiros aquele campeonato perdia a graça.

Eu, no entanto, motivado, pois em agosto daquele mesmo ano iniciava os preparativos para um outro campeonato muito mais importante que a Copa do Mundo, que só terminaria no ano da próxima copa – 1970: o curso ginasial. O acesso ao curso ginasial, dava-se através do Exame de Admissão, espécie de vestibular para acessar ao curso ginasial. O exame de admissão era muito difícil. Muitos candidatos procuravam professores particulares para sua preparação. Uma das professoras mais procurada era Dona Bene, esposa do Dr. Mucio do Amaral Gurgel. Da. Bene ministrava as aulas em sua residência na Travessa do Carmo.

Além do Instituto de Educação Regente Feijó, o IBAO, que mantinha também o curso ginasial – Ginásio Industrial, oferecia gratuitamente esse curso preparatório para o exame de admissão.

Já se passaram 59 anos do dia em que me aproximei daquele imponente prédio, de construção grandiosa, maravilhosa e robusta. Entrei pela primeira vez pelo portão principal, subi aqueles seis degraus, passei pela enorme porta e fui até a secretaria do IBAO entregar os documentos para o início das aulas preparatórias para o então Exame de Admissão.

Éramos aproximadamente uns vinte alunos, meninos e meninas, oriundos dos grupos escolares Convenção de Itu, Dr. Cesário Motta e Francisco Nardy. Após quatro meses de intensa e rigorosa preparação, fui aprovado para cursar o Ginásio Industrial no IBAO, período de 1967 a 1970.

Por volta de trinta e cinco alunos formávamos a Primeira Séria A – masculina, enquanto semelhante número de meninas formavam a Primeira séria A feminina.

Foram quatro anos de um aprendizado incrível. Além da formação educacional como matemática, português, geografia, história, inglês, música e

religião, cujas aulas eram ministradas pelas irmãs de São José de Chambery - Patrocinio, os meninos tinham aulas de ferramentaria, marcenaria e desenho técnico. Já as meninas, culinária, corte e costura, bordados etc.

Entre muitos episódios hilários e interessantes ocorridos ao longo do curso, em séries e professores diferentes, quatro fatos marcaram de forma indelével minha vida, que guardo com muito carinho.

As salas de aula eram bem iluminadas. Amplas janelas davam ou para a Praça na frente da escola ou para os pátios no interior do Instituto. O piso era de madeira e as carteiras de madeira maciça com um espaço debaixo do tampo principal que tinha um furo, onde no passado colocava-se o tinteiro para molhar a pena da caneta durante as escritas. Esse nicho era utilizado para depósito do material escolar. Nesse tampo principal, alguns alunos faziam discretas anotações como "lembretes" para o dia de prova ou outros motivos como a paixão pelo time que torcia, o nome da menina mais "bonita" da escola etc. A minha carteira não era diferente. Escrevi meu nome nela.

O dia amanheceu. Aquela manhã parecia ser uma manhã qualquer. Fui acordado pela minha mãe. Meio contrariado… levantei-me. Lavei o rosto e escovei os dentes. O pão com manteiga e o café com leite já estavam na mesa. Tomei tudo quase num gole e escovei os dentes novamente. Beijei minha mãe e parti para a escola às 07h50. Morava na Rua Joaquim Borges e cruzava o Largo do Grupo Convenção apreciando aquele grande gramado e as poucas árvores que ali existiam e chegava no IBAO antes da sirene tocar às 08h00 para início das aulas.

A primeira aula seria de matemática. Era para ser uma simples aula como em todas primeiras aulas de uma manhã qualquer. O professor Anthenor Fruet entrou na sala de aula e, como um bom mestre, cumprimentou todos os alunos com um sonoro bom dia. Como ele havia prometido, iria corrigir alguns exercícios da equação de segundo grau: $ax^2 + bx + c = 0$ ou aquela mais conhecida onde X = - b +/- Raiz quadrada de b^2 - 4ac, dividido por 2^a. Que loucura aquilo para um menino de 12 anos, cujo pai era dono de um bar e nunca utilizava esses cálculos para vender ou comprar mercadorias. Sabia apenas as quatro operações, isto é, somar, subtrair, multiplicar e dividir e as fazia muito bem.

A correção daqueles exercícios era feita por alguns alunos que iam até o quadro negro e resolviam a equação proposta. Corrigiu o primeiro, corrigiu o segundo e o terceiro fui "sorteado" para ir à lousa. Levantei-me e fui até a lousa. Anthenor Fruet para meu azar sentou-se na minha carteira onde estava escrito no tampão principal, além de algumas coisas, o meu nome de forma bem clara e profunda na madeira. Ao ler o nome, perguntou à classe: quem é

Edson Carlos? Eu de pé, na frente da sala respondi: eu! Ele, apontando para mim, perguntou: essa camisa é sua? Essa calça é sua? Meio sem entender o motivo da pergunta, respondi: sim, é minha. Ele continuou: e por que você não escreveu seu nome nem na camisa e nem na calça? Esta carteira não é sua, e você escreveu seu nome nela. E continuou dando uma enorme bronca, mostrando que eu estava muito errado de escrever meu nome na carteira escolar. Me senti humilhado. Fiquei com tamanha raiva que passei a arquitetar um plano para vingança final.

Anthenor possuía um veículo Volkswagem Variant azul claro – azul calcinha. Planejei jogar um vidro de mercúrio na capota e no capô do veículo. O projeto não saiu do papel.

Muitos anos se passaram. Me formei engenheiro eletricista e um dia, representando a Eletropaulo, onde trabalhava, participando de uma reunião na sede do Corpo de Bombeiros de Itu, para organizar uma força tarefa para combater focos de incêndio no período seco do ano, e Anthenor, representando a Prefeitura, tive a oportunidade, após a reunião, de contar a ele essa história e agradecer a forma como me corrigiu e educou para uma questão ética e moral. Ele riu, embora não se lembrasse do caso.

Todos os professores motivavam os alunos. Despertavam sonhos e mostravam que eram possíveis de serem realizados. A professora de geografia na terceira série solicitou um trabalho onde reuni em uma pasta várias fotos – de jornais, revistas etc., organizadas por continente e por país. À medida em que eu ia encontrando essas fotos, minha imaginação voava e o desejo de conhecer pessoalmente aqueles países ou cidades aflorava em mim. Encontrei uma foto de uma montanha muito bonita e diferente, mas não identifiquei em que pais ficava. Queria colocá-la na pasta e a coloquei num país da Ásia. Quando a professora olhava e conferia minha pasta, passando pelo continente asiático, olhou aquela montanha, me perguntou: "O que o Pico Dedo de Deus está fazendo aqui na Ásia"?

A professora de música – Marlene Caleffo, lançou um desafio em sala de aula. Dividiu a sala em duas turmas. Uma turma iria estudar a letra da música "As flores do jardim da nossa casa – Roberto Carlos – 1969; enquanto a outra turma realizaria a mesma análise da música " Love is all" de Malcolm Robert – 1969, bem como os instrumentos que estavam na gravação das músicas. Que momento musical fantástico que foi o "debate" entre as duas turmas sobre as músicas propostas.

Outro professor muito lembrado foi José Motta Navarro. Ministrava Educação Moral e Cívica. De formação jesuíta - mais de 10 anos no seminário – passou a seus alunos valores éticos e patrióticos tão importantes no convívio social.

Por ser um curso ginasial industrial, tínhamos aulas de marcenaria, ajustagem, serralheria etc. Aquela criançada toda operando máquinas serras circulares, serras de fita, tornos, fresas, esmeris e outras máquinas, e graças a Deus ninguém se acidentou mais gravemente.

Nas aulas de desenho técnico, ministrada pelo professor Carmignani, desenhávamos peças que seriam depois construídas nas oficinas. Peças como encaixe rabo de andorinha, arandelas coloniais, pazinha de lixo, e outras. Seu Carmignani tinha uma capacidade incrível de desenhar uma circunferência perfeita na lousa e tinha a ousadia, e tinha autoridade para isso, de, com o giz, colocar o centro a circunferência. O segredo, dizia ele: "e só fazê-la no sentido anti-horário.

Professores de matérias técnicas nas oficinas, como Idimir, Mantovani, Lair, Seconello e Natal, deixaram marcas importantes na vida de muitos alunos inclusive na minha.

Deixei o IBAO em 1970 e fui fazer o Colégio Técnico em eletrônica em Sorocaba e, posteriormente, a faculdade de engenharia elétrica em Mogi das Cruzes. A formação técnica, moral e ética, e proporcionou um desempenho extraordinário em minha vida profissional chegando a ocupar importantes cargos na estrutura hierarquia da Light/Eletropaulo, onde me aposentei.

Mas o momento mais importante do IBAO na minha vida foi:

17 de outubro de 1971. Para arrecadar fundos para a formatura daquele ano, a comissão de formatura organizou uma *Brincadeira Dançante,* como era chamada, na época, um bailinho entre jovens. Local: Ginásio de Esportes da Associação Atlética Ituana, horário: três de tarde. Um sucesso de público. Sentado na arquibancada do local, vi uma garota magrinha, cabelos encaracolados, comentei com amigos: "olha que charminho", expressão carinhosa utilizada na época para elogiar uma garota bonita. Um desses disse: *"ela é a Fátima Boni, amiga da minha prima*". Foi então até ela e comentou: *"aquele meu amigo quer dançar com você"*. Fátima veio em minha direção e olhando nos meus olhos disse *"vamos dançar"*. Peguei na mão dela e fomos para a quadra e, de rostinhos colado ao som da música *Reflections of my life* do grupo *Marmalade,* dançamos nossa primeira música.

Edson Carlos de Oliveira

71 anos, engenheiro eletricista e de segurança do trabalho, viúvo da Fatima Boni.
Pai de Denise Licia, Clarisse Maria e Alexandre Henrique
e avô do Marcello, Daniel e Massimiliano.

IBAO para mim, de 1970 a 1975

Gabriel Dias de Carvalho

Terminei o primário e na época fazia-se uma prova de admissão para entrar no ginásio. Sempre fui um jovem do mercado, não levava os estudos muito a sério, mas do conhecimento nunca abri mão.

Bem, como não fiz matrículas em outros colégios para a tal prova, perdi as oportunidades, mas fique sabendo que em Salto, no colégio Coração de Jesus, ainda havia esta possibilidade para os retardatários. Com ajuda da minha irmã, no dia da prova fui aprovado e comecei estudar no oportuno colégio IBAO. Ainda me lembro que levava um refrigerante em um cantil de plástico e o material escolar em uma pasta que deveria ser de *courvin* e muito entusiasmo nos primeiros dias de aula. Nosso diretor era o Sr. Ary Caricatte, sua esposa Dona Helena era professora e a secretária era Maria do Carmo Piunti, que se elegeu deputada. Voltando para a professora Helena, nossa professora de matemática, devido minha inquietude, sempre colocava bala em minha mão para que não incendiasse a classe e pela sua dedicação e atenção especial para comigo aprendi a admirá-la e gostar da matéria. Não posso deixar de lembrar da nossa professora de geografia Dona Matilde, que nos ensinou tanto sobre as reentrâncias e saliências do nosso planeta. Minhas lembranças incluem também o professor Anthenor Fruet nos orientandos sobre caráter e virtudes; professor Navarro sobre OSPB; a professora Sônia de português, que certo dia disse: *"o que vai ser deste menino?* "devido os grandes incômodos que causava; professora Célia Sitta, de inglês, com seu estilo presbiteriano… eu nem sabia de sua religiosidade, mas era assim que a via, pois seu semblante sempre sério me causava curiosidade.

O colégio apresentava um diferencial, que depois de anos entendi a sua importância: na grade de ensinamentos as meninas eram contempladas com ensinamentos culinários e os meninos com técnicas em desenho, serraria e serralheria. Ah! Professor Carmignani, nosso professor de desenho, outra pessoa admirável, e os valores do professor Fruet citado acima.

Voltando para as aulas técnicas, uma característica minha, talvez por sempre valorizar as pessoas e curiosidades, era querido pelas meninas das aulas de culinária e sempre ganhava agrados feitos por elas. Isso causava ciúmes nos colegas e as provocações eram constantes, ao ponto de um deles impor que eu pedisse desculpas junto de seus comparsas só para me humilhar, mas teve fim, quando sentei-lhe no ombro o cabine feito na nossa aula de serraria e ganhei o

respeito da galera. Os professores eram, Seu Alberto, professor Rogerio Ceconello, na época o considerava um chato, mas depois aprendi a admirá-lo, professor Ademir, um cara sereno e dava a aula de desenho técnico, por não entender muito da importância da matéria bombei, fiz em cinco o que deveria ter feito em quatro. É o preço!

O IBAO, como era chamado carinhosamente o Instituto Brasileiro de Artes e Ofícios, foi um segundo lar para mim. Entre nós também tinha um lema, IBAO entra burro e sai animal, imagina!

É que os outros colégios eram elitistas, porém o conteúdo de nossas matérias era mais intenso, mas eu particularmente só vim ter esta consciência anos mais tarde.

Poderia ficar horas detalhando aqueles anos....

Gabriel Dias de Carvalho

68 anos, empresário, casado há 38 anos com Christiana Fernandes de Carvalho (Nana). Filhos- Gabriela Fernandes de Carvalho e Guilherme Fernandes de Carvalho. Netos Luisa Carvalho H. Resende e Gabriel Carvalho H. Resende

Descobrindo minha vocação

Geraldo Domingues

— Geraldo! Volte já para o seu lugar! Não é possível; vou contar pra Maria da Graça!

Então, era a Dona Célia Sitta, desesperada por ter um aluno tão "inteligente" e, ao mesmo tempo, tão "aéreo"... O meu crime? Ficar distraído, na janela dos fundos da classe, olhando para a quadra...

E não é que ela contava mesmo? A Guiga brincava, dizendo que ia "dedurar" aos nossos pais...

Mas o que havia na quadra? As meninas na aula de Educação Física, e, entre elas, a Ana... Ah, a Ana! Desde que eu a vi, não pensava em mais nada. Não que eu não a tenha visto antes, mas houve um momento em que eu realmente a "vi"; sabe, aquele momento em que você se dá conta de que algo está acontecendo? Foi assim... Naquele espaço do pátio, entre o prédio das salas de aula e a quadra. Foi ali que nossos olhares se cruzaram...

Aí a gente se via nos intervalos, nos ensaios da fanfarra (Professor Zezé, meu grande mentor), mas, e a coragem de falar, declarar, "pedir em namoro"?

Se alguém nascido neste século estiver lendo, com certeza não vai saber do que eu estou falando. Hoje, praticamente não se namora, sabe? Aquela troca de olhares, mãos dadas, tímidas carícias...

Mais ainda, foi no IBAO, com o Zezé, que eu confirmei a minha vocação para Educação Física, e ainda, de "brinde", o gosto por música em Fanfarra; foi o que eu realizei, em toda minha carreira profissional. Aulas, recreação, treinamentos, Fanfarras, Bandas...

Ah, sim, a Ana; às vezes, olhando pra ela, ainda vejo aquela menina, ali no pátio, então só um sonho, agora feliz realidade... dá licença, que agora temos que sair; vamos nos encontrar com nossos filhos e netos...

Abraços!

Geraldo Domingues

70 anos. Servindo o Exército Brasileiro de 1974 a 1981 como Terceiro Sargento em Lins. Licenciado em educação física, músico e autodidata (trompete, regência de bandas e fanfarras), professor em vários estabelecimentos de ensino de Itu e Salto. Casado desde 1077 com Ana, 4 filhos e muita harmonia. Atualmente aposentado, brincando de marceneiro e plantando umas fritinhas.

O despertar para a área de exatas

Joceli Savi de Camargo

Era o ano de 1963. Com 11 anos de idade, tive o privilégio de iniciar meus estudos no Instituto Borges de Artes e Ofício, após terminar o quarto ano do grupo. Matriculei-me no LICEU, pois ali ia me preparar para iniciar no mercado de trabalho com conhecimentos adquiridos, pois além das disciplinas do ginásio, na grade curricular tinha matérias de: culinária, bordado, costura, tricô, música, o que me abriria um leque de aprendizado em trabalhos manuais; eram 3 anos de estudo, equivalente a um curso técnico na época.

Professores capacitados em transmitir seus conhecimentos para formar cidadãos responsáveis e incluir no mercado de trabalho. Adorava a aula de culinária com Dona Josefa ensinando-nos fazer lambe-dedo e vendíamos para os alunos do LICEU e do SENAI, que funcionava no mesmo prédio. Todos jovens, era o momento das paqueras, isso marcou muito, início de uma juventude sadia. Mas o destino preparava outro rumo para mim. Conclui um ano do Liceu, vieram as mudanças, transformou em Ginásio Industrial.

Nós que tínhamos feito 1ano do LICEU, ficou equivalendo ao Quinto ano de admissão exigido pelo MEC, para iniciar o ginásio.

Conclui o curso de quatro anos no IBAO–Ginásio Industrial em 20/12/1967. Tomei gosto pela área de exatas, graças a Professora de Matemática Nair Ratti. As amizades que fiz nesse período na minha escola do coração, IBAO, guardo-as até hoje. Muito conhecimento e aprendizado nos foram transmitidos, que me fizeram ser uma cidadã do bem, responsável, com sucesso em todas as áreas que percorri, como bancária, professora e financeira.

Joceli Savi de Camargo

Casada, aposentada e exerci as profissões : Bancária, Professora, Agente Financeira. Formação acadêmica: Ciências Físicas e Biológicas com habilitação em Matemática. Gestão Financeira. MBA- Gestão e Estratégias Empresariais. Residente em Porto Feliz.

Uma experiencia marcante

Jorge Rodrigues Silveira

Em 1968, com 12 anos de idade, ingressei no Instituto Borges de Artes e Ofício, em Itu, para cursar a primeira série ginasial. A experiência escolar que vivi naquele período foi bastante marcante e ficou gravada em minha memória, especialmente pelas influências dos professores que tive.

Um dos grandes responsáveis por essa marca foi o professor Carmignani, que ensinava Marcenaria Artística. Durante suas aulas, aprendi a arte de entalhar madeira maciça, criando desenhos de flores em alto relevo com o uso de formões. Era uma técnica que exigia muita precisão e paciência, mas o professor Carmignani, com sua experiência e habilidade, soube transmitir todo o conhecimento necessário para que nós, alunos, pudéssemos executar as peças de maneira caprichosa e artística. As aulas de marcenaria foram, sem dúvida, uma das partes mais enriquecedoras do meu aprendizado naquele tempo.

Além do professor Carmignani, outra figura de destaque em minha formação foi o professor Zezé Dias, uma personalidade carismática e inspiradora, que desempenhou um papel fundamental na identificação e desenvolvimento de talentos entre os jovens. Ele era um mestre não apenas nos esportes, mas também na formação de caráter e personalidade.

O professor Zezé Dias tinha um olhar atento e uma sensibilidade especial para observar seus alunos na prática esportiva. Com sua experiência, ele conseguia identificar aqueles que tinham potencial para modalidades como ginástica olímpica e, principalmente, natação, esporte pelo qual ele nutria grande paixão. Muitos jovens, sob sua orientação, descobriram suas habilidades e desenvolveram-se não apenas como atletas, mas também como indivíduos determinados e disciplinados.

Entre os muitos talentos revelados pelo professor Zezé Dias, destaca-se sua irmã Rute Dias, uma nadadora excepcional que competiu em nível nacional e internacional na década de 1970, conquistando inúmeras vitórias e prêmios. Seu sucesso foi um reflexo direto da dedicação e do incentivo que o professor Zezé oferecia não apenas à sua família, mas a todos os alunos que tiveram o privilégio de estar sob sua orientação.

Sou profundamente grato ao professor Zezé Dias, que, com seu carisma e retidão, ajudou a moldar minha carreira humana e profissional. Ele foi um exemplo de homem correto, comprometido com o progresso e o bem-estar de

seus alunos. Suas aulas e orientações foram um verdadeiro legado de vida, deixando marcas indeléveis em minha formação.

O Instituto Borges de Artes e Ofício foi muito mais do que uma escola; foi um local de aprendizado integral, onde mestres como Carmignani e Zezé Dias transformaram a vida de incontáveis jovens, não apenas ensinando conteúdos e técnicas, mas também valores que levaremos para sempre.

Jorge Rodrigues Silveira

67 anos, empresário, casado com Vera Sueli Castedo, pai de Luciana, Ana Silvia e Glaucia e vovó de gêmeos Catarina e Benjamim e Pedrinho.

Meus saudosos anos de adolescente na querida escola IBAO

José Carlos Carvalho

Nascido em Itu, tive o privilégio de estudar na querida escola IBAO (Instituto Borges de Artes e Ofício), entre os anos de 1968 a 1971, onde vivenciei momentos incríveis na minha adolescência! Sinto muita saudade dessa época, onde após o exame de admissão obrigatório, entrávamos com orgulho para o Ginásio.

No IBAO, o ensino era de qualidade, com excelentes professores, comprometidos com a Educação, entre eles: Lourenço Carmignani, Anthenor Fruet, Rogério Lázaro Toccheton, Clara Maria Chierighini, Neide Coan, Célia Sitta, Marlene Salvadori, Natal Buchignani, Rogério Ceconello.

Tínhamos aulas de Artes: Marcenaria, Serralheria e Desenho Técnico;

Quadras Esportivas: Futebol de Salão, Vôlei, Basquete;

Exposições Culturais: Trabalhos feitos na Escola;

Disputa Escolar interna e externa: Jogos e Fanfarras;

Grêmio Estudantil com jovens participativos;

A biografia do Patrono da Escola, era assimilada por todos os alunos: Joaquim Bernardo Borges, um altruísta português morador de Itu, que mantinha com generosidade o Instituto, a Santa Casa e Maternidade Borges entre outros Segmentos Sociais.

Todas as Datas Cívicas e especiais eram comemorados semanalmente na Escola com Hasteamento da Bandeira Nacional e todos cantando o Hino Nacional e da Bandeira, assim como os sensacionais e inesquecíveis desfiles de 7 de setembro, onde meu amigo Geraldo Domingos e eu, saíamos tocando orgulhosos nossos caixas de repique, sob o comando do saudoso professor Zezé Dias.

Lembro-me das Excursões Pedagógicas e de Lazer como Planetário, Zoológico, Feira Francesa, onde conhecemos o Presidente da França, Valéry Giscard d'Estaing, que estava no local.

Tinha muito orgulho em contar aos amigos, que a exuberante Escada de madeira que se encontra na entrada interna da Escola, foi feita pelo meu tio Pedro Carvalho, marceneiro formado pelo IBAO/LICEU.

Formatura de Ginásio com amigos da turma. Igreja Matriz Nossa Senhora da Candelária, 1971. Posteriormente passou a ser feita no Salão das Convenções do IBAO.

José Carlos Carvalho

Ituano 72 anos, casado, 3 filhos 3 netos. Fez Ensino Médio na Escola Regente Feijó em seguida FACAS (Faculdade de Administração de Empresa) Sorocaba. Foi guarda mirim da Primeira turma 1.965. Aos 18 anos foi admitido na Instituição Bradesco como Escriturário/ Chefe de Seção/ Subgerente/Gerente da Área Financiamento Imobiliário, em seguida: Mimo/ Schincariol. Aposentando no Banco BBV ocupando o cargo de Gerente Geral.

Adorava a escola

José Maria Cavacchini

Teminei o primário no Grupo Convenção e, após exames de admissão, iniciei meus estudos ginasiais no IBAO em 1967. Adorava a escola, muito perto de minha casa e com ótimas amizades.

Sempre fui meio relaxado com os estudos e fiquei frustrado quando não consegui notas suficientes para avançar para série seguinte e vi meu amigo Edson iniciar os estudos no ano seguinte na segunda serie e eu precisei repetir a primeira.

Aliás, tenho uma "passagem" com nosso professor de matemática "Anthenor Fruet", muito enérgico, o qual, ao colocar um exercício na lousa, pediu que eu fosse à frente para resolver aquele enigma.

Depois de muita dificuldade e muitos gritos do mestre, consegui apresentar o resultado e ele, já muito impaciente, ditou para que eu escrevesse na lousa o resultado.

"Serão necessários 35 metros de fios para conclusão da obra."

Ocorre que eu não conseguia/sabia escrever *necessários*…

Aí o mundo veio abaixo. O professor, já muito irritado e com o rosto muito vermelho, descobriu que eu tinha outras dificuldades além da matemática. Aos berros, ele soletrava… *"ne-ces-sá-ri-os"*, ainda mais nervoso. É que eu não consegui mesmo escrever a palavra. Ele, aos "berros", mandou que eu fosse me sentar e foi escrever a resposta do problema.

Foram bons tempos. Hoje, muito feliz, lembro com muita saudade de tudo aquilo.

José Maria Cavacchini
70 anos, aposentado, casado com Marli Correa B. Cavacchini, dois filhos – Gustavo e Eloisa, administrador de empresa, moradores em Salto.

Filho de peixe peixinho é!

José Pilon

Sou ituano, nasci em 19 de setembro de 1950. Primeiro filho de uma numerosa família de oito filhos. Filho de Owaldo Pilon e Ricardina Vianna Pilon. Meu pai, um atleta nato. Praticava todos os esportes que lhe era possível. Muito comunicativo tinha uma multidão de amigos. Destacou-se no arremesso de peso, tendo representado Itu em diversos Jogos Regionais, campeonatos paulistas e até brasileiro, representando o Clube de Regatas Tietê de São Paulo. Mecânico encanador, tinha orgulho em dizer que foi ele que tinha feito toda parte de encanamento hidráulico no primeiro edifício construído em Itu, o prédio José de Oliveira na Praça Padre Miguel. Foi também, por muitos anos funcionário da Eucatex em Salto. Minha mãe estudou no colégio das Irmãs de São José de Chambery que também tinha uma unidade em Santos.

Cursei o Grupo Escolar no Cesário Motta. Lembro-me, com muito carinho, das professoras Denise, Laura, Benedita Stipp, da professora substituta Mercedes di Francisco e dos demais professores, que mesmo não me lembrando de seus nomes, os guardo com saudades.

Terminado o grupo escolar me preparei para ingressar no Ginásio, fazendo o curso preparatório de admissão com a professora Marilia Ismenia de Paula Lima Bordini, que ministrava aulas na rua Floriano Peixoto. Submetido ao então vestibulinho, fui aprovado para cursar o Ginásio Industrial, oferecido pelo Instituto Borges de Artes e Oficios – IBAO. Animado com a aprovação me apresentei para o primeiro dia de aula. Feliz da vida ao ver entre meus colegas de classe alguns dos meus amigos de infância, como e Edson Savioli – Edinho e o Richard Abraão Gadia.

Na sala de aula, com aproximadamente uns 35 alunos, estavam também outros alunos que moravam próximos da minha casa. Eu morava na rua Santa Rita número 509. Saia de casa para ir à escola "subindo" a rua Floriano Peixoto. Encontrava o João Lourenço – Jango, depois o Richard e em frente a farmácia do Amélio encontrava o Edinho. Subíamos conversando e aprontando muito. Tocávamos a campainha de algumas casas e saíamos correndo… Mais adiante, já perto da escola, nos esperava o Reginaldo Lima Verde. Outros alunos que me recordo agora foram, Arcilio Bragagnollo, Leonardo Lui, Fumiu (tinha armazém no mercado) e das alunas Dirce Boff, Márcia Bergamo, Nice.

Aulas de Matemática, Nair Ratti e Anthenor Fruet; Português, Cecilia Nunes; Inglês, Célia Sitta; Geografia, Matilde; História, Clara; Ciências, Zinho Tocheton; Desenho, Carmignani. Nas aulas de Desenho, além de desenhos de perspectivas, aprendi também desenho técnico. Projetei peças como um lampião colonial e uma pazinha de lixo que depois as fiz nas oficinas. Nas oficinas, haviam tornos, fresas, serras de fita e circular, desempenadeira, lixadeiras, esmeril que os alunos utilizavam para "construir" algumas peças orientadas pelos professores Idimir (Sorocaba), Mantovani, Lair e Regério Seconelo (todos de Salto) e Natal Buchignani. Em madeira, fiz cabides, baquetas para serem utilizadas nos instrumentos da fanfarra e um banquinho.

Uma das aulas que também gostava era de música, ministrada pela professora Marlene Caleffo. Alegre, brincalhona, amiga de todos os alunos. Um fato que marcou muito essa aula foi quando, um dia, Edinho Savioli com a caneta feita microfone, andava pela sala de aula cantando em "francês" – coitado… a música sucesso da época "Je T'aime… Moi Non Plus" – a professora Marlene entra na sala, senta na cadeira de professor e diz: "continua Edinho, estou gostando". Ele se empolgou…

Agora, as aulas que eu mais gostava eram as de Educação Física com o professor Zezé Dias. Adorava o basquetebol e vôlei também. Me lembro de uma vez que fomos jogar na cidade de Descalvado. Eu já tinha 18 anos. O professor Zezé não pode ir e por eu ser maior de idade, me deu a responsabilidade de zelar por toda equipe. Lá, fomos campeões do torneio. Jogaram: Horácio Bicudo, Elpídio, Richard e outros. Em 1971, no desfile em comemoração ao 07 de setembro, desfilei sobre um carro alegórico juntamente com Renato, Dirce e outros em cena da história da Independência do Brasil.

Completados os anos de ginásio veio a formatura que foi realizada na igreja matriz da Candelária. Minha madrinha de formatura foi a professora Marlene Calefo e eu recebi o certificado das mãos do professor Anthenor Fruet.

Saindo do IBAO fiz o curso de Madureza (um intensivo que equivalia ao segundo grau) e prestei vestibular para Educação Física na PUC de Campinas. Já no segundo ano de faculdade fui convidado a dar aulas na Escola de Cadetes de Campinas. Na sequência, fui professor de Voleibol no Círculo Militar de Campinas. Terminado esse ciclo fui para Brasília, onde prestei concurso público para professor e fui classificado em 17º lugar para dar aulas de Educação Física. Contratado pelo Colégio Irmãos Maristas, passei a ser o Técnico das equipes de voleibol masculina e feminina. No período noturno fui professor de voleibol na Universidade Católica Dom Bosco e tinha como metodologia "ensinar a ensinar". Na capital do país, conheci minha esposa, Maria Justina Basile,

professora de Educação Física, que também fora aprovada em 7º no mesmo concurso. Já aposentado, deixei Brasília em dezembro de 1999, vindo a residir em Araçatuba – São Paulo.

Até os meus 25 anos, participei jogando basquetebol de muitos jogos regionais e abertos, jogando basquetebol, representando nossa cidade. Carrego essa veia esportiva, influenciado pelo meu pai, que era meu torcedor fanático. Sou muito grato a ele, à minha irmã Rosa e ao professor Zezé Dias, que muito acreditou em mim e me incentivou e ao IBAO, pois me ensinaram ser um homem do bem e responsável.

José Pilon

Viúvo, pai de Gabriela nascida em 09/83 e João Paulo nascido em 11/87.

O IBAO no Pódio

José Roberto de Almeida Galvão – Betão

Os Jogos Olímpicos tiveram origem na Grécia Antiga, na cidade de Olímpia, por volta de 776 a.C. Inicialmente, as competições eram em homenagem a Zeus, e consistiam principalmente em corridas, evoluindo para incluir outros eventos como lutas e salto em distância, lançamento de dardo etc. Após a proibição de festivais pagãos no século IV d.C., os jogos foram interrompidos, mas foram revividos no final do século XIX por Pierre de Coubertin, com os Jogos Olímpicos da Era Moderna começando em 1896, em Atenas e continuou sendo praticado por muitos alunos durante as aulas de Educação Física no IBAO, sob o comando do professor Vadinho.

Em 1972, durante as Olimpíadas de Munique, houve o atentado contra a delegação de Israel. Eu era um menino, mas me interessei pelas modalidades olímpicas. Tinha alguns amigos que estudavam no IBAO e sempre me contavam das aulas de Educação Física e que praticavam corridas. Não tive dúvidas para escolher o curso ginasial. Prestei exame de admissão em 1973 e fui aprovado.

Carinho e saudosa lembrança tenho dos professores, Moacir Pires e Fontes, de Matemática, Luis e Paulo Gazzola, de Biologia e Geografia e História, Rogerio Seconello de Artes, Zinho e Valter Tocheton, Albertini e Carmignani de Desenho. Mas o professor Vadinho – Educação Física - foi minha inspiração.

As aulas começavam com o aquecimento de 10 voltas em torno do prédio do IBAO. No fundo do prédio havia uma minipista de corrida e uma caixa de areia para praticar os saltos em distância. Eu praticava todos os esportes disponíveis nas aulas: corrida, saltos, arremessos, basquete, boxe, ginastica artística..., mas foi no salto em distância e na corrida a minha história.

Minha primeira participação disputando para o IBAO, uma partida de basquete contra o Regente Feijó, foi um fato que marcou minha memória. O Regente venceu por 23 X 0. Nos últimos segundos do jogo, falta no ataque a favor do IBAO. Dois lances livres. Fui para o arremesso. Fiz os dois. Os únicos dois pontos da partida. Resultado: 23 X 2 para o Regente Feijó.

Certa corrida de rua noturna em Salto, eu liderava. Foco na linha de chegada que estava a menos de 50 metros. Pensamento nas orientações do professor: "não olhe para tras". Foi meu erro... Pirulito, outro atleta, veio embalado e me ultrapassou.... fiquei em segundo. Se tivesse dado uma rápida olhadinha... dificultaria a ultrapassagem.

O IBAO foi fundamental na minha vida. Alguns podiuns e medalhas ao longo de jogos colegiais. Depois continuei participando por muitos anos em jogos regionais, jogos abertos do interior, campeonato paulista e troféu Brasil de Atletismo. A excelente qualidade do ensino, com bom rendimento escolar e a paixão pelo atletismo, como herança do IBAO, levou-me a cursar Educação Física na FEFISO – Sorocaba nos anos de 80 a 82. Como professor, atuei na rede estadual – por ironia do destino – no Regente Feijó e na Prefeitura Municipal de Itu.

José Roberto de Almeida Galvão – Betão
63 anos, casado com Adriana Sorio Galvão, e pai de Maria Rita de 11 anos de idade.

Gratidão à Escola querida!

Lázaro José Piunti

Laços perenes unem a mim e minha família ao Instituto Borges de Artes e Ofícios. Há quase 100 anos (1935), meus primos Paulo e José Piunti se formaram no vetusto Liceu Bernardo Borges na festejada profissão de auxiliar de comércio. Em 1968/69 cursei o IBAO, ocasião em que, inclusive, presidi o glorioso Grêmio Estudantil "Bernardo Borges", com os colegas Toninho Silveira Arruda na vice-presidência, Luiz Moraes, Secretário, Vera Lucia Zimbardi, Tesoureira e colegas de distintas séries compondo a equipe dirigente. Foram meus contemporâneos à época: Edson Carlos Oliveira, Antônio Carvalho (Toninho da Maggi), Lima Verde, Francischinelli, Gazzola, Bragagnollo, Pilon, Gaviolli, Jorge Carvalho, Zonatti e valorosos jovens que, no decorrer da vida, teceriam sólidas carreiras no campo profissional, contribuindo galhardamente com a sociedade. Minha Turma se diplomou em 1969 e aqui relembro seus nomes, homenageando "in memoriam" também os que se anteciparam na viagem ao céu. Minha turma: Adão de Andrade, José Maria Valle Almeida, Ferreira, Mario Sergio Marques, Toninho Silveira Arruda, Luiz Moraes e este escriba e as doces reminiscências das adoráveis colegas: Ana M. Berti, Ana Maria Ricci, Benedita Camargo, Benedita Corazza, Celia Cruz, Edna Camargo, Elizabeth S. Barbosa, Divanil Dias, Nurimar, Marilin, Maria do Carmo Villa, Maria José Boni, Maria José Sitta Bertolazzi, Maria Raquel Goulart, Mary Stela Calandrin, Maria Célia Merlin, Maria do Carmo Carreri e Niceia F. Moraes. Sem embargo, consigno merecidas homenagens aos professores, liderados pelo inesquecível Diretor Ary Caricatte: Anthenor Fruet, Lourenço Carmignani, Rogério Lázaro Tocheton, Natal Buchignani, Neide Coan, Leonor Vanini, Cecília Delboux Couto, Nair Ratti. Nos anos 1972/73, Maria do Carmo Thomaz Piunti atuou como Secretária Administrativa do IBAO e meu filho Julio André foi aluno do curso noturno (1995/97), concluindo o Ensino Médio e Técnico em Segurança do Trabalho. Era o início da futura carreira jornalística sedimentada na UNIMEP posteriormente.

Templo do Saber, o IBAO nasceu do idealismo do ilustre lusitano que escolhendo para viver no Brasil fez de ITU o seu tugúrio. Joaquim Bernardo Borges, mediante árduo labor, acumulou riquezas em solo brasileiro e, retornando a Portugal, anos depois, em Testamento, destinou régio legado à nossa urbe. Por meio de dote testamentário, assegurou recursos para a construção da Maternidade Borges, em favor das mães carentes, edificação de Escola Técnica e Profissionalizante (nosso

Instituto) e a Venerável Santa Casa de Misericórdia de Itu. Ao conspícuo português, que fez do Brasil sua nova Pátria e ITU o seu aprisco, nossa gratidão perpétua. É essencial, por justiça, transmitir às gerações jovens a grandeza do seu gesto. Assinalou com extrema grandeza e altruísmo sua passagem por estas plagas e se constituiu em paradigma a ser seguido. Sem embargo eu diria que, se militar fosse a Bernardo Borges me curvaria em respeitosa continência e, se chapéu usasse, me descobriria em reverência à sua magnitude e cidadania. Carente destas insígnias resta-me propor preces e orações coletivas ao eterno repouso do seu espírito na mansão dos justos, onde, por certo, o Criador já o acolheu. No seio do inolvidável educandário, sob a égide de Joaquim Bernardo Borges, nasceram os ideais de muitos de nós.

Ainda aluno (1968), fui eleito Vereador e anos depois Prefeito (1973/76; 1983/88; 1993/96; 2001/04). Maria do Carmo Thomaz Piunti elegeu-se Vereadora (1983/86), deputada estadual – 1987/89; 1995/98; 1999/2002. Novamente Vereadora nos anos 2017/-2020; 2021/24. Neste último mandato, ela foi autora do histórico projeto de "Reconhecimento Público", aprovado por unanimidade na Casa de Leis, em regozijo ao centenário da Escola. A outorga solene ocorreu no Salão Nobre do Instituto Borges de Artes e Ofícios na noite de 28/10/24. A memorável cerimônia foi presidida pelo doutor Raul de Paula Leite, Provedor da Santa Casa, (mantenedora do Estabelecimento de Ensino), acolitado pela atual Diretora, professora Ana Maria Santos.

Não posso me esquecer da criação da UNIT – Universidade do Trabalhador. Nesse projeto me inspirei nas gestões frutuosas do arquiteto Jaime Lerner, ex-prefeito e governador paranaense. A UNIT, com a presença de Franco Montoro, foi inaugurada dia 02/02/1984 (meu segundo mandato), mediante convênio com a santa Casa e abrigo do IBAO, sendo responsável pela ministração de cursos técnicos e profissionalizantes, incluindo sapataria, mecânica, cursos de pedreiro, tanoeiro, marceneiro, edificação de lareiras e fogão a lenha, artes culinárias e trabalhos manuais femininos, como corte costura, crochê e tricô. Convidei meu ex *mestre* de Desenho Técnico Natal Buchignani para ser o primeiro dirigente da UNIT… Tive o privilégio de contar na administração municipal com o aporte e a sapiência de figuras exponenciais do Corpo Docente: professor Anthenor Fruet, professor Natal Buchignani e professor Rogério Lázaro Tocheton.

As citações, como registro à posteridade, servem para enaltecer o quanto o IBAO influenciou em nossas vidas… Finalizo este texto-depoimento como ato de gratidão ao Instituto Borges de Artes e Ofícios – nosso glorioso IBAO!

Lázaro José Piunti

78 anos, é advogado, poeta e escritor. Pertence a quatro academias literárias.

Transcendendo tempo e espaço

A busca pela *felicidade* é um dos maiores desejos da humanidade. As pesquisas apontam que um suporte para uma vida feliz está nas amizades e que elas exercem papel importantíssimo no bem-estar emocional e mental. São vínculos que sobrevivem ao tempo e à distância. Observa-se nos relatos contidos em O IBAO e EU muitos sentimentos como saudosismo, amor, gratidão, pertencimento, amizades duradoras, laços fortes que resistiram ao tempo. Impactante verificar que a memória de pertencimento persiste após tantos anos.

A sensação de pertencimento é muito perceptível no grupo de formandos de 1969 do antigo Ginásio, que mantém vivas as melhores lembranças. Há quase dois anos, este grupo de ex-alunos realiza reuniões para rever os velhos amigos, colegas de classe. Nem todos residem atualmente em Itu, mas os reencontros trazem tanta alegria e reforço às conexões afetivas, que minimizam a distância percorrida. As reuniões acontecem aos sábados, no período da tarde, e já foram realizados cinco encontros. O primeiro feliz reencontro ocorreu em 13/01/2024, o mais recente em 19/07/2026, não faltando a comemoração do Centenário do IBAO em 28/10/2024.

Não resta dúvida que esse grupo foi muito ativo no período escolar. Nada como atividades múltiplas na escola, para unir um grupo de estudantes. O estandarte, equipamento decorativo e identitário da escola, utilizado em desfiles escolares, criado por eles, o emblema acompanhou a escola até o centenário da instituição, quando foi substituído pelo alusivo aos 100 anos. A estampa foi utilizada, também, nas costas de agasalhos do uniforme. Nos anos de 1968 e 1969 o presidente e o secretário do Grêmio Estudantil "Bernardo Borges", eram desta turma.

Hoje, a relação de alunos que comparecem à reunião não está mais completa: *"alguns dos quais já deixaram imensa saudade por terem se antecipado na*

viagem etérea". Aos professores, o grupo não se cansa de manifestar uma sublime gratidão, e na alegria de cada reunião uma forte emoção se manifesta: "a relembrança da convivência no Templo do Saber" (citando o próprio grupo).

Foto em 19/07/2025.

Ao invés de continuarmos falando sobre os sentimentos que envolvem estes ex-alunos, preferimos que eles próprios expressem sua felicidade ao rever amigos e a importância dessas relações.

> *"Saímos do IBAO sem a frieza dos alunos de outras escolas em que estudei. Ali fomos muito felizes, jamais esquecerei. Foi a escola da qual mais gostei. Nossos atuais encontros se transformaram em tardes inesquecíveis, revendo amigos e partilhando de muitos saudosos abraços, lembrando que muitos fazem sacrifício para chegar à reunião, pois moram em outras cidades. Sou muito grata por fazer parte desse grupo".* **Maria José Boni**

> *"Além do aprendizado técnico e acadêmico, fiz amizades leais e sinceras, que compartilho até hoje com muita alegria…. Com alguns colegas de turma, tenho o privilégio de conviver atualmente, pois mantemos encontros do grupo de formandos de 1969. A cada encontro, uma alegria só, onde relembramos os velhos tempos, nossos professores e nossos aprendizados".* **Divanil Dias Favareto**

> *"Nossas reuniões são maravilhosas, pois significam uma reunião de Amigos, que eu jamais imaginaria reencontrar, por motivo de que eu não os via há mais de 54 anos. Hoje estamos aqui com muitas Saúde e com uma Vivência de Vida sem igual. E muita gratidão estar com pessoas que fizeram parte da*

minha vida quando jovem. Muito obrigada aos Amigos Lázaro e Mario Sérgio que iniciaram essas reuniões". ***Mary Estela Calandrin***

"IBAO: momentos de alegria, mas também de saudade". ***Luiz Moraes***

"Os encontros com os colegas do IBAO de 69 têm um significado especial para mim. São momentos preciosos em que podemos reviver, ainda que por algumas horas, uma fase marcante de nossas vidas. Reencontrar amigos de juventude, ouvir suas histórias, saber como cada um seguiu seu caminho, tudo isso fortalece laços que o tempo não conseguiu apagar. Cada reunião desperta em mim uma mistura de alegria, saudade e gratidão: alegria por estarmos juntos novamente, saudade dos tempos vividos e das pessoas que á não estão, e gratidão por compartilhar memórias, risos e afeto". ***Edna Maria Camargo Gimenes***

"A reunião do nosso encontro dos formandos do IBAO de 1969, realizada em 17/07/2025, foi muito gratificante, pois foi prazeroso rever novamente colegas que se transformaram em amigos, poder abraçar, falar um pouco dos bons momentos que tivemos, tendo a oportunidade de conhecer suas vidas particulares no decorrer desses anos. Que venham novos encontros, para a alegria de todos". ***Maria Raquel Goulart Guido***

Lázaro José Piunti

Artigo publicado no jornal A Federação em 25 de julho de 2025.

Ginasiana das últimas turmas

Lídia Bruni Amaral Mariano

Esse relato de minha história eu dedico à minha professora do quarto ano primário da Escola Convenção, Sra. Heloisa Peres Reis que sempre me incentivou a continuar estudando e a me inscrever para fazer o exame de admissão ao ginásio no IBAO. Disse que confiava em meu potencial e que eu não precisava fazer curso preparatório, porque estava preparada. Assim, encorajada e autoconfiante, prestei o exame de seleção e para meu júbilo, fui a segunda colocada.

Cursei o Ginasial completo no IBAO, com duração de quatro anos. Frequentei o curso de 1970 a 1973, no período diurno e me lembro que havia aproximadamente 25 alunos na minha sala. As disciplinas básicas do curso, frequentadas por alunos de ambos os sexos, eram: Português, Matemática, Geografia, História, Desenho, Ciências. As matérias específicas eram separadas, pois havia duas grades curriculares diferentes. O currículo para as alunas incluía:

Artes Manuais: Crochê, tricô e bordado. Com essas atividades tive um pouco de problema, pois não sendo destra, algumas destas atividades manuais ficavam complicadas. Mais fácil para mim foi o crochê.

Oficinas: Corte e costura – A tesoura era minha implacável e desafiadora inimiga, pois não era projetada para canhotos. Hoje existem tesouras para canhotos, anatômicas e confortáveis, com a posição e orientação das lâminas adequadas, além de tesoura para ambidestro. Vale lembrar que, na época, todas as escolas ainda não possuíam uma postura inclusiva em relação à diversidade humana.

Boas maneiras: mesa posta e etiqueta. Utilizo até hoje os valiosos ensinamentos de cuidado e capricho.

Culinária: Uma imagem vem à minha mente: a mesa oval com tampo de mármore na cozinha e as iguarias que preparávamos sobre ela.

Educação Física: A professora Lourdes Carneiro sempre nos incentivando a praticar esportes.

O curso ginasial do IBAO era um ensino de excelência com professores muito capacitados que deixaram seu legado para a história da Educação em Itu. Entre eles, nomes como: Lourenço Carmignani, Rogério Lázaro Tocheton, Walter Tocheton, Anthenor Fruet, Célia Sitta, Lourdes Carneiro. Professora Oriene e Prof.ª Alice, mulheres prendadas de fino trato, muito capacitadas nos transmitiram tudo que sabiam com muita dedicação. Nosso diretor era o Sr. Ary Caricatte.

Terminando o curso ginasial já ingressei no meu primeiro emprego aos 15 anos de idade no *Sim Supermercados*, onde trabalhei por 11 anos. Trabalhei em mais algumas empresas e me aposentei no *Banco Nossa Caixa*.

Uma longa jornada com desafios e dificuldades coroada de êxito.

Lidia Bruni Amaral Mariano
Ituana, casada com Roque Ferreira Mariano,
tem um casal de filhos e é avó de 03 netos

Vivência extraordinária

Luiz Fernando Fruet

Cursei a segunda e a terceira séries do ginásio no IBAO no período diurno, numa classe com aproximadamente 30 alunos. Para mim, foi uma experiência extraordinária., pois nesses dois anos tive o privilégio de ter como professor de Matemática, meu pai, Professor Anthenor Fruet.

O carisma e o respeito que ele impunha na classe eram incríveis. O engraçado é que a maioria dos meus colegas me perguntavam como era o convívio com ele em casa, porque pensavam que meu pai deveria ser uma pessoa muito brava e rígida. Eu sempre explicava que ele além de pai, era um tremendo companheiro, tenho até hoje muita saudade das conversas que tínhamos durante os almoços e jantares todos os dias. Hoje, infelizmente, estas oportunidades de fazermos o mesmo com nossos filhos são impossíveis, principalmente pela concorrência desleal que temos com o celular.

Além desta experiência com meu pai, as matérias que tínhamos que nos envolviam de uma forma admirável eram as aulas de mecânica, elétrica, marcenaria e desenho técnico. Aulas que só existiam no IBAO e eram fantásticas. Com saudade recordo-me das nossas caras de surpresa quando um pequeno motor elétrico que fizemos com alguns metros de fio de cobre, como num passe de mágica, começou a funcionar.

Nos intervalos, eu e meus amigos Agostinho Guarnieri e Rita Bispo ficávamos sentados conversando no banco da praça em frente ao IBAO.

Bons tempos!

Luiz Fernando Fruet

66 anos, me formei em engenharia elétrica pela FEI em 1983. Sou casado com Graciela Lazzuri Fruet, tenho uma filha Maria Beatriz Lazzuri Fruet. Atualmente trabalho como diretor comercial da Skylack Tintas e Vernizes Ltda. Empresa fundada por mim e minha esposa.

Anos maravilhosos

Luiz Helio Boff

Na minha vida profissional, foi muito importante o aprendizado que tive no IBAO. Foram sete anos maravilhosos em que lá convivi (1961 a 1967).

De 1961 a 1963, no então LICEU, pude concluir o curso de marcenaria, porém, não dei continuidade a esta profissão.

Gostaria de mencionar que, neste período do Liceu, tive mestres que foram muito importantes para a conclusão do curso. Entre eles, destaco:

Luis Antunes – Marcenaria; Raphael Nacarato - grande mestre dos entalhes; Professor Lourenço Carmignani e Professor Pery Guarany Blackman.

No período de 1964 a 1967, teve início o Ginásio Industrial. Conclui o curso em quatro anos. As salas eram mistas, os professores muito competentes e dedicados. As aulas foram sempre no período da manhã, intercaladas com outras atividades.

Foi uma honra para mim me formar na primeira turma do Ginásio Industrial de Itu, isso há 58 anos atrás. No último ano a nossa turma ficou com apenas com 16 alunos: doze meninas e quatro meninos, a saber:

Alcione Martins (in memoriam), Edison Alegro (in memoriam), Ana Maria Cané, José Rodolfo Boff (in memoriam), Assunta Maria Galera, Luiz Helio Boff, Maria Aparecida Cavachini, Odair de Almeida (in memoriam), Celia Maria Zenaro, Joceli Savi, Hiromi Ozaki, Isabel Cristina Claus (in memoriam), Rita de Cássia Bertoni, Toshiko Ozaki, Marilena Buzzo, e Maura dos Santos Vieira.

Homenagem que faço a estes queridos e saudosos amigos.

Ao completar 50 anos de nossa formatura, fizemos um encontro com todos os remanescentes do grupo nas dependências do IBAO. Foram momentos de muita emoção ao revê-los, já não contávamos mais com três deles.

Em 2017, por ocasião deste encontro, fizemos um grupo de WhatsApp com sete participantes que se correspondem diariamente.

Sou muito grato ao IBAO por tudo o que lá vivi e aprendi, agradecimento eterno a todos os professores, serventes, colaboradores e amigos que por lá passaram.

Luiz Helio Boff

76 anos, aposentado, casado com Maria do Carmo Vieira Boff, pai de 3 filhos, Karina Vieira Boff, Karem Vieira Boff e Samuel Vieira Boff, avô de Isabel Boff Bonetto, Heitor Boff Bonetto e Antonella Katayama Boff.

Nunca comi tanto brigadeiro...

Márcia Moraes Bergamo Alves da Silva

Nos anos 60, tínhamos que fazer o exame de admissão para ingressarmos no curso ginasial. Aqui em Itu existiam duas opções para cursar o ginásio: Instituto Regente Feijó ou IBAO (Instituto Borges de Artes e Ofícios). Foi então que, no final de 1965, prestei meu exame de Admissão e optei por estudar no "IBAO". Desta forma em 1966, comecei a cursar o Ginasial, como era chamado na época.

Ah! Me lembro como se fosse hoje o primeiro dia de aula. Minha classe era subindo a belíssima escada de madeira, virando à direita, aí estava minha sala, com assoalho de tábuas claras, janelas grandes e uma porta bem alta de madeira. O que mais me divertiu, no primeiro dia de aula, foi descer a escada fazendo um barulho enorme com o meu sapato Vulcabrás! Os professores foram se apresentando bem como nós também fomos nos entrosando e conhecendo cada aluno da sala.

O diferencial do IBAO eram as aulas de Corte e Costura, Bordado e Culinária para as meninas e Marcenaria e Artes para os meninos.

Com o tempo, fomos nos conhecendo, fazendo amizades e assim iniciamos nossa vida no curso Ginasial. O 1º ano foi muito bom e cheio de curiosidades. As aulas de corte e costura e bordado nunca foram minha praia, mas, culinária eu gostava e não via a hora de ter aulas.

Há muitas recordações que tenho desta querida e inesquecível escola. Na 2ª série (era assim a denominação antigamente) eu, infelizmente, fiquei de 2ª época em Português e fui reprovada em redação por 0,25! Sim, naquela época éramos reprovados e não havia discussão.

Então, em 1968, cursei novamente a 2ª série. Foi muito diferente este ano porque vieram alunos que foram jubilados do "RF" e caíram justo na minha sala!!!! Eram eles: Jango (João Lourenço de Oliveira Bispo), Horácio Bicudo, Reginaldo Lima Verde, José Pilon, Edinho Savioli, Fumio Maruta e Arcílio Sergio Bragagnolo. Nunca tive problema pra me entrosar com eles, fiquei sendo uma espécie de mascotinha rsrsrsr. Houve episódios divertidíssimos durante os anos de 1968 a 1970. O primeiro deles foi na escada de cimento na entrada que dava acesso ao pátio externo. Poucos presenciaram o fato. Na época eu era muito miudinha e magrinha; fui subir a escada e deu um vento muito forte que me derrubou da escada!!!!! Sim, voei literalmente pois pesava, na época

33 quilos no auge dos meus 13 anos!!!! Nunca mais me deixaram subir aquela escada sozinha!!!!!

Na 3ª série, veio um novo professor de Ciências – Prof. Zezinho. Ele fez uma revolução na escola elaborando uma "Feira de Ciências"! Foi um rebolição total. Cada um tinha que se empenhar para a montagem e preparação do evento. Eu fiquei incumbida de ir até o laboratório da Santa Casa para aprender a fazer exame de tipo sanguíneo. Quem me ensinou a usar os reagentes foi o Senhor Borsari. Me senti a expert!!!! A feira movimentou a escola por uns 3 meses até o acontecimento da mesma, que foi no galpão que ficava no lado esquerdo da passarela do pátio externo. Foi um sucesso. Os pais amaram e nós, alunos, ficamos super orgulhosos de termos trabalhado com tanto afinco e, desta forma, tornar o IBAO, nossa escola, conhecida na cidade. Um detalhe, eu tenho, até hoje, a minha carteirinha do meu tipo sanguíneo feito na feira de Ciências do IBAO!!!!

Era comum, nesta época, haver os desfiles de 7 de setembro. E como não poderia ser diferente, sempre houve disputa entre O IBAO e o Regente Feijó para ver qual escola ganhava na apresentação. Nunca gostei de sair desfilando a pé. Então eu inventei que as portas bandeiras deveriam ser destaque em cima de algum carro! Seu Ary Caricatte, que era o diretor ficou doido comigo, mas eu o convenci que daria certo porque tinha quem dirigisse e também eu arrumaria um carro. Pois é, lá fui eu falar com o Sr. Carlinhos Gandini, que era amigo do meu pai, pra emprestar um Jeep e quem iria dirigir? Pedi pro Horácio Bicudo que fosse o motorista e disse pro Sr. Carlinhos que ficasse tranquilo, porque Horácio era mais velho e já tinha carteira de motorista e era filho do amigo do meu pai, que era Galileu Bicudo!!!!! E não é que saímos com a bandeira no Jeep e com Horácio no volante!!! Neste ano ficamos na frente do RF e foi a glória!!!

Em 1970, já no início do ano, começamos idealizar o desfile de 7 de setembro. Foi aí que saiu a ideia de fazer um carro alegórico com D. Pedro I e várias alunas sendo as moças da corte portuguesa. De imediato convidamos Jango para ser o D. Pedro I, pois ele tinha todos os traços para ser um belo D Pedro I. Jango aceitou e nós pedimos pra ele deixar a barba crescer para ficar igual o retrato que queríamos reproduzir. Neste ínterim, nós confeccionamos a tão famosa capa bordada que D. Pedro estava na foto que iríamos reproduzir. Foi um trabalho maravilhoso que foi feito durante as aulas de Corte e costura e bordado. Mas, nas vésperas do desfile, houve um desentendimento entre Jango e o Sr. Ary e Jango não queria desfilar mais!!!

Quase morremos, eu fui conversar com Jango e supliquei que ele não estragasse a reputação do IBAO e que seu Ary não iria suspendê-lo de forma

nenhuma. Todos os alunos foram falar com João Lourenço, até que ele voltou atrás na decisão e desfilou. Foi um desfile espetacular, magnífico. A cidade inteira ficou falando do IBAO.

Como a formatura seria no final de 1970, nós, as meninas, fazíamos doces e salgados para arrecadar dinheiro para a festa. Tudo era preparado nas aulas de Culinária com a professora Dona Alice e vendíamos nos intervalos e também para alguns professores em cestas enfeitadas.

Pois é, fizemos uma cesta linda de brigadeiros e e fui oferecer pros professores do SENAI.

Consegui convencer o Prof. Campos para comprar a cesta, ele comprou e pagou de imediato.

Ah, que alegria!!!! Os docinhos prontos a cesta enfeitada, achei que eu deveria ir entregá-la, pois fui eu que fiz a venda!!! Algumas amigas pediram pra fazer a entrega porque eu sempre fui um pouquinho estabanada e irrequieta. Mas não teve jeito, eu queria entregar sozinha!!!!!

Ah, se arrependimento matasse viu!!! Peguei a cesta toda enfeitada com os docinhos todos arrumadinhos e lá fui eu, feito um *frango bip* fazer a entrega!!!! E o que aconteceu??? Sai correndo com a cesta na mão para entregar pro Prof. Campos, o mesmo estava indo no sentido pro pátio, pois sabia que a cesta estava pronta. Nisto eu dei um encontrão com o Prof. no pé da escadaria de madeira e a cesta voou, e com ela todos os docinhos se esparramaram pelo chão!!!! O Prof. Campos ficou muito bravo comigo e eu nem escutava direito o que ele falava, tratei de pegar a cesta e juntar os docinhos do chão pra montá-la novamente. Ele não queria mais os doces (com toda razão), mas eu disse que o dinheiro não devolveria e que a culpa foi dele de não esperar eu entregar a cesta, e que, como ele era do SENAI, não deveria sair pelo lado que eu entrei, e sim do outro lado, que era o habitual dele. E assim o Prof. Campos não teve escapatória em ficar com os doces, mas deixou a cesta na cozinha porque não iria levar os doces que haviam caído no chão. Não tive a menor dúvida, comi um monte de brigadeiro!!!!! *rsrsrsrs*

Márcia Moraes Bergamo Alves da Silva

Nasceu em Itu/SP em 26/09/1954.
Em 1981 casou-se com Enio Alves da Silva. Tem dois filhos, Eloah e Enzo.
Estudou no Regente Feijó, Grupo Escolar Convenção de Itu, Instituto Borges de Artes e Ofícios, Instituto de Educação Regente Feijó e Faculdade de Direito de Itu.
Morou em São Paulo, Paraná e Estados Unidos. Atualmente reside em Itu.

O Cupido depois da escola

Maria Estela Morete Garcia

Fui aluna do IBAO, nos anos 1969 a 1972, e com certeza foram os melhores anos que passei como estudante. Aprendi muito com os professores, todos muito competentes, gentis e simpáticos, sem exceção.

Fiz muitos amigos que conservo até hoje. Quando nos encontramos é uma alegria, pois não tem como não lembrarmos da época que passamos lá, sem contar que a escola é linda, gostosa e arborizada.

Tínhamos aulas normais em todas as matérias e também aulas de costura, artes e culinária que era uma festa, pois escolhíamos a receita, levávamos os ingredientes, fazíamos a comida e saboreávamos com muito gosto, pois ficávamos muito felizes em ter conseguido cozinhar com auxílio da professora.

Passagem inesquecível: Foi quando a professora disse que iriamos fazer dobradinha. Com o cheiro do cozimento, falamos que não iriamos comer, e ela disse "Vão comer sim, e vão adorar", dito e feito: ADORAMOS.

Maria Estela Morete Garcia
Natural de São Paulo, Casada com Osvaldo Garcia.
Duas filhas: Maria Cecilia e Maria Camila
Trabalhou no Banco Mercantil de São Paulo 1977/1979,
INSS: agosto de 1980 a fevereiro de 2011

Bacharel em Direito – FADITU 1980

Em minha vida profissional, a presença do IBAO

Marilena Buzzo Dias Aranha

O ano era 1965. Eu, ainda uma criança, havia completado 12 anos em novembro de 1964. Era aluna do Externato Nossa Senhora do Patrocínio, mas por uma conveniência familiar, meus pais me transferiram para o Ginásio Industrial, no IBAO, onde concluiria meu ensino ginasial (conforme nomenclaturas da época). O curso tinha a duração de 4 anos, mas como fui transferida no segundo ano, permaneci no IBAO por 3 anos. Era a primeira vez que estudava em sala mista e, a primeira impressão, foi um pequeno choque. Não me recordo de quantos éramos no meu primeiro ano. Sei que éramos bastante. No quarto ano, terminamos em apenas 16. Desses, hoje somos apenas 11.

As matérias que constavam em nossa grade curricular eram: Português, Matemática, História do Brasil e História Geral, Desenho, Ciências, Inglês, Canto Orfeônico, Artes (aqui, inclusos: tricô, crochê, bordado, corte e costura), Puericultura, Educação Física. As aulas eram ministradas no período da manhã e, duas vezes na semana, fazíamos as aulas de Educação Física, no período vespertino. Nessas aulas, aprendemos a jogar vôlei, basquete, correr. Eram momentos de muita descontração e, porque não dizer, de belas paqueras, uma vez que também funcionava o Senai, no mesmo edifício e, embora sem contato físico, tínhamos contato visual com os "meninos" do SENAI. Os professores mereceriam um capítulo à parte: todos muito dedicados em nos tornar cidadãos de bem, com uma bagagem que pude carregar para minha vida. As amizades que fiz nesses três anos de IBAO carrego pela minha vida e sou grata por tudo o que vivi, por tudo o que essa maravilhosa escola me concedeu, em termos de informação e formação. Apesar de vivermos um período conturbado no país, como um todo (só fui compreender bem a dimensão muito mais tarde), levávamos nossa vidinha de adolescentes, conhecendo e reconhecendo o mundo, as matérias ensinadas e aprendidas, o companheirismo, a solidariedade.

Embora eu sempre tenha gostado muito das Letras (esse foi meu curso universitário), trabalhei apenas com números: primeiramente num escritório de contabilidade (por sete anos) e, posteriormente, no Banco Banespa (por 16 anos).

Marilena Buzzo Dias Aranha

Casou-se, em 1975, com Afonso Aparecido Dias Aranha (de quem ficou viúva em 1990). Mãe de três filhos e avó de quatro lindos netos.

IBAO – Humanista por excelência

Mary Stella Calandrin

Estudei no Ginásio IBAO, ou também conhecido como Liceu Ginásio Industrial, nos anos de 1964 a 1969. Esse período foi muito gratificante, pois tive muitas amizades, os professores eram altamente didáticos e tínhamos, acredito, todos os cursos profissionalizantes imagináveis.

A começar por Matemática (Prof. Anthenor Fruet), Ciências (Prof. Zinho Tocheton), Desenho (Profa. Celia Bombana), Educação Fisica (Lourdes Carneiro), Português, História, Música (Profa. Marlene), Tricôt (Profa. Marina), Fanfarra (Prof. Zezé), Corte e costura (Profa. Luizinha). Tínhamos também aulas de culinária, mas, não me lembro o nome da professora.

Havia também na Escola, os cursos profissionalizantes que eram ministrados pelo SENAI, que era um braço se é que podemos dizer assim, para que os alunos do IBAO, após se formarem, pudessem acessar os cursos do SENAI.

Saindo do Ginásio, fui para Campinas estudar no Colégio COTUCA -(Colégio da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, onde fiz o colegial Técnico e o curso de Técnico em Enfermagem.

Ao chegar ao COTUCA, fui recebida pelo Prof. Mário, que ficou muito contente em saber que estudei no IBAO, pois ele conhecia as diretrizes do Ginásio Industrial e isso poderia me favorecer nos novos cursos profissionais que eu poderia prestar.

Iniciei meus cursos no COTUCA no anos de 1971 á 1973.

Hoje agradeço imensamente aos Professore(a)s, do Ginásio IBAO, pelo excelente trabalho não apenas como mestres, mas, nos ensinando como sermos ótimos seres humanos.

Com referência aos meus trabalhos pós formatura, informo que fui funcionária, na Santa Casa de Misericórdia de Itu em 1974. Em 1975, retornei a Campinas e fui trabalhar no Hospital da Beneficiência Portuguesa, como Técnica em Enfermagem. Após 1 ano, retornei a Itu e fui funcionária novamente na Santa Casa de Misericórida até o final do ano de 1976. Em 1976, entrei para a Escola SENAI Italo Bologna, sediada em Itu-SP, na área de Saúde e Segurança de Trabalho, até o ano de 2003 quando me aposentei.

Mary Stella Calandrin
Natural de Campinas – SP. Técnica em Enfermagem Aposentada.

IBAO, uma incrível aventura

Poeta Brasileiro Sidarta Martins

Ato I

O menino, ainda com 11 anos de idade, resolve colocar fogo em um formigueiro que existia em seu quintal. Despejou álcool no "buraco" das formigas e acendeu o fósforo. Não é preciso muita imaginação para sabermos o que aconteceu, o álcool acumulado gerou uma explosão que atingiu em cheio o rosto e as mãos do pequeno.

Naquela época, idos de 1965, Itu não tinha vagas suficientes para os exames de admissão ao Ginásio (da quinta à oitava séries do ensino fundamental), então as crianças ituanas faziam o "Vestibulinho" na Escola Paula Santos, em Salto, e pediam transferência para Itu.

A única Instituição Educacional que aceitava os pequenos em janeiro, era o IBAO, o Regente Feijó já tinha suas vagas preenchidas em dezembro do ano anterior.

O menino da história deveria prestar o "Vestibulinho", mas ainda estava com as queimaduras expostas. Foi para Salto assim mesmo!

A Diretora, uma profissional dedicada, entendeu que ele atrapalharia os demais alunos, então resolveu que prestaria o exame na Biblioteca.

Assim foi, mas tanto a Diretora como os demais professores estavam condoídos com a situação do menino, então a todo instante estavam lá perguntando se estava compreendendo, se estava bem, se queria água… O menino foi aprovado e conseguiu a transferência para o IBAO.

Ato II

Nesta época o menino era sorveteiro da Sorveteria Santa Rita, que recebia todos os dias uma revoada de "pequetuchos" que, tal um bando de pássaros barulhentos, saiam com dezenas de caixas de isopor para tentar levantar algum dinheiro que ajudaria com as despesas da casa. O menino conseguiu uma autorização especial para vender sorvetes dentro do Regimento Deodoro, então um grande Quartel que, à época, contava com um contingente superior a 1.000(mil) homens. Precisa, então, de 02 (duas) caixas carregadas de sorvete – Aos 11 (onze) anos de idade!

Passou a ser o sorveteiro mais bem pago de Itu, deixava a desejar no rendimento escolar. Quando batia o sinal saia como um vento para pegar o

almoço dos soldados, momento alto na venda de picolés e potes de sorvetes de massa.

O aluno que havia se formado em terceiro lugar na quarta série da Escola Baltazar Fernandes, de Sorocaba, então sediada no prédio da Escola Visconde de Porto Seguro, estava indo de mal a pior no IBAO. Ele que gostava de ler Monteiro Lobato, Vitor Hugo e José de Alencar, trazidos pela irmã Alcione, da biblioteca de sua escola, e desafiar o melhor de Matemática no Ensino Básico, agora gostava de ler os famos "gibis" e bolsilivros, comprados na "Banca do Zezo", com parte do dinheiro do sorvete.

De volta à casa estava muito cansado para pensar em estudar. Almoçava o que tinha na panela da cozinha simples da casa no Padre Bento e dormia à tarde. À noite ia assistir a "televizinho" na casa do amigo, ao lado, a única da rua com televisão, branco e preto, com palha de aço na antena para fixar a imagem.

Porém esta "mamata" durou pouco, logo foi indicado para um trabalho de "baleiro" do Cine Marrocos, de domingo a sábado.

Ato III

As aulas do IBAO não o atraiam, não conseguia entender as matérias e não mais tinha desafios de Matemática. As provas eram confusas para ele. Em suma, não se encaixava… Mas algumas coisas o atraiam, era apaixonado pelas aulas de música da Professora Valderez, e apaixonado pela mais linda Professora que havia, uma diva, embora, à época não conhecesse este termo. Era encantado pelas aulas de trabalho com madeira, de responsabilidade do encantador Professor Carmignani, dono de uma doçura e de uma humanidade infinitas, um anjo a orientar os pequenos. E havia a Fanfarra do Professor Zezé, de Educação Física.

O menino tinha um pezinho na Arte, sem dúvidas, mas para as matérias que exigiam trabalho prático fora da Escola não o atraiam mais. Compreende-se, um menino com 11 anos de idade, com dois "empregos" e sem qualquer lazer, a não ser os Épicos do incrível Cine Marrocos, na Paula Souza. Vivia, realmente, cansado, o que não era notado nem pela família, que se beneficiava de seu trabalho, nem pelos Educadores, voltados para seus afazeres, sem tempo para conversar com aquela criança.

Entrou para a Fanfarra do Professor Zezé. Aprendeu rapidamente a tocar o Silêncio, que ouvia nos ensaios do Quartel, e outras músicas. Mas, tinha que haver um "mas", um dia o Professor Zezé o viu sobre um banco do Bar Rex, na Avenida da Saudade, tocando "Silêncio", para ganhar figurinhas carimbadas, em uma tarde ensolarada de sábado.

O Professor Zezé proibiu o menino de tocar corneta!

Ou seja, tirou daquele menino o orgulho de fazer parte da Fanfarra no Dia da Independência, e tirou dele qualquer vontade de continuar os estudos.

No final do ano de 1966 foi reprovado "com todas as honras" de um "homem" responsável por parte do sustento de uma família.

Ato IV

Entretanto, havia um "que" de interessante nessa história, tentemos compreender isso.

O menino era um excelente sorveteiro, "cuidado" no Quartel pelos militares, onde aprendia disciplina, com destaque para o Coronel Alaor, para os Tenentes Barconi, Diniz, Romio, Herbert, entre outros. Todos estavam sempre aconselhando e falando da importância do estudo. E o menino era um baleiro muito querido no Cine Marrocos.

Então esperou ansiosamente completar 14 anos para poder estudar à noite no glorioso Regente Feijó.

Demorou um pouco para "engatar" a primeira novamente, a segunda e a terceira… Mas algo aconteceu neste meio de caminho, o menino perdeu o pai aos 14 anos, ficando, em grande parte, responsável pela casa e pela manutenção de mais três irmãos e da mãe.

Precisou engatar a terceira, a quarta e a quinta… Resolveu que estaria sempre entre os três primeiros alunos da classe, e assim foi.

Ato V

Quando fez 18 anos, em 1971, concluiu o Ginásio, ou seja, a Oitava Série do Ensino Fundamental, auxiliando vários colegas de classe a serem aprovados nos exames de segunda época, nas matérias de Matemática, Português e História. A então Diretora, Professora Francisca, queria saber quem era o Professor Particular que havia ensinado a turma…

No primeiro semestre de 1972 isncreveu-se em um concurso da CEF – Caixa Econômica Federal e conseguiu uma das 2000 vagas disponíveis, entre 120.000 candidatos em todo o Brasil. Passou a ser visto como um herói entre os colegas do Regente e pelos familiares.

Aos 24 anos de idade tornou-se o mais novo gerente da CEF no país e aos 26 era instrutor de gerentes da CEF.

Hoje não tem nenhuma dúvida de que sua passagem pelo IBAO foi um celeiro de aprendizado para sua existência, e uma razão para jamais desistir.

A bondade do Diretor Ary Caricatte, a doçura do Professor Carmignani, a beleza e graça da Professora Valderez, os desafios do Professor Zezé e o incrível

Espírito de Joaquim Bernardo Borges, com certeza tomaram conta de seu coraZãozinho de menino e o conduziram pelos caminhos da compreensão do Humano, reflexo do Divino.

Hoje, um Poeta Brasileiro, retrata essas passagens em suas poesias, poemas e textos poéticos, esperando que seu exemplo possa auxiliar outros meninos, homens em construção.

Sidarta Martins

Poeta e linguísta brasileiro, graduado em Comunicação Social pela ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing. Extensão em Marketing e Economia Brasileira (USP). Mestre em Administração (UNIMEP). É formado em Língua Inglesa pela Frances King School of English (Londres/UK). Entre 2003 e 2016 foi Professor Mestre Nível III na UNIP Jundiaí. Atualmente atua como Professor e Diretor do Centro Cultural Europeu - Escola de Línguas e Pesquisas sobre a Cultura Europeia, em Itu/SP. É o criador da Metodologia dos Sons, utilizada na facilitação do aprendizado de línguas estrangeiras. Suas pesquisas já foram apresentadas em congressos no Brasil e no Exterior. É membro da Academia Ituana de Letras desde 2014, primeiro ocupante da Cadeira nº 20, cujo patrono é o poeta Luís da Silveira Moraes.

Usufruindo das várias possibilidades

Silvia Regina Pereira Camilloti Graciano

Ingressei no ginásio em 1973 período diurno me formei em 17/12/1976, tive como excelentes professores Sr. Carmignani e professora Estela, como professores de Desenho, Selma Sitta de Inglês e Célia Sitta de Português e entre outros maravilhosos professores de quem não me recordo dos nomes e também tive aulas maravilhosas de costura, culinária, pintura e bordado, que, na nossa época, funcionava como Instituto de Artes e Ofícios.

Em 1977, entrei no Colégio Técnico em Desenho Mecânico diurno e me formei em dezembro de 1979.

Com professores muitos competentes, inclusive a minha mãe, Maria Aparecida Pereira Camilloti, e Professor Albertini, excelente professor de Desenho Técnico. Me apaixonei pelo desenho técnico mecânico. Depois, como experiência, fiz Fatec em projetos mecânicos.

Em 1985, voltei para fazer o Curso de Magistério, mas esse curso não vingou. Fomos transferidos para a escola Berreta, professores maravilhosos também, pena que não deu certo.

Não trabalhei no que aprendi em desenho, pois era muito difícil uma mulher ingressar nessa profissão na época.

Silvia Regina Pereira Camilloti Graciano
63 anos, casada há 39 anos com Carlos Antonio Graciano,
3 filhos: Raphael, Phillipe e Theodora.
Artesã e babá de netos.

Lembranças que Ensinam

Sueli Maria de Oliveira Giannechini

Meus primeiros anos escolares no início da década de 60 foi no Grupo Escolar República do Chile, no bairro da Vila Nova Cachoeirinha, zona norte de São Paulo. Meus pais, ituanos, por questões de trabalho foram morar na Capital, onde meu pai trabalhou na Companhia Municipal de Transportes Coletivos – CMTC até 1962. Em dezembro desse mesmo ano, meu pai comprou as instalações do Bar e Sorveteria Santo Antônio no Largo do Carmo – Praça da Independência, 53 – e no dia 22 de dezembro nos mudamos para Itu. Começou o ano letivo de 1963. Matriculei-me no Liceu de Artes e Ofícios que era mais próximo de casa e na mesma rua. Cursei o primeiro ano.

Durante esse ano letivo, uma Lei transformou o Liceu em Ginásio Industrial, o que obrigou todos os alunos a iniciarem todo estudo novamente e voltei para a primeira série do curso ginasial. Lá também aprendi, além das matérias normais como português, Matemática, Geografia, História, Inglês etc, a arte de cozinhar e arrumar uma mesa, com a professora Josefa, de costura com a professora Da. Luizinha, bordado com a professora Ieda, uma senhora muito elegante, e aulas de tricô e crochê, comportamento, boas maneiras e arrumação de casa com a professora Marina Lisboa.

No IBAO, fiz minhas primeiras amigas, cujas amizades duram até hoje: Daguiomar Barbieri Zenaro, Ottilia Pinto Marinho, Vera Lucia Calandrin, Maristela Calandrin, Sueli Fernandes Nunes, Joceli Savi, Ana Maria Cané, Esvani Cané, Maria Isabel Buzzo, Marilena Buzzo, Vera Lucia Ribeiro e outros…

Uma das minhas salas de aula era no piso superior. Para acessar esse plano superior subíamos uma belíssima escada de madeira de dois lances. No centro dessa escada, no patamar de "descanso" para o segundo lance, havia um lindo e impressionante crucifixo fixado na parede. Subíamos e descíamos aquela escada de madeira de forma ordeira e sempre sob os olhares atentos e gentis da nossa inspetora de alunos, a Dona Maria Aparecida Pereira. Ela era uma senhora muito boa, amável e amiga de todos, bonita com seu batom vermelho e sempre pronta para nos ajudar.

Através das amplas janelas existentes nas salas de aula, tínhamos uma vista privilegiada da Praça do Largo do Grupo Convenção. Dessas janelas, sempre por volta das 11 horas, eu ficava atenta, olhando através delas, para passagem do meu paquera Reinaldo, que retornava de bicicleta do trabalho, e às vezes vinha

no ônibus circular e descia no ponto de ônibus existente exatamente em frente da escola, para almoçar na sua casa.

Os anos se passaram e casei-me com o Reinaldo, tive três filhas lindas e como sendo a única filha mulher dos quatro filhos dos meus pais, minha mãe Maria Luiza Lunardon, já viúva na época, veio morar comigo e minha família.

O aprendizado recebido nos anos dourados que passei no IBAO me proporcionaram dias felizes junto do meu marido e minhas filhas. Sempre cozinhei bastante para a minha família, muitos pratos que aprendi nas aulas de culinária, e sempre deixando a mesa arrumada para fazermos as refeições juntos. Até hoje arrumo a mesa todos os dias antes de dormir para um bom e agradável café da manhã no dia seguinte.

O aprendizado de bordado e crochê consolidou momentos significativos em minha vida. Depois de muitos anos da presença de minha mãe morando comigo, ela foi diagnosticada com Alzheimer e após o grande avanço da doença, tive a ideia de ensinar a ela pontos de crochê para que pudesse trabalhar mais a cabeça e passar o tempo fazendo algo que ela conseguisse e gostasse de fazer. Nunca mais havia feito nada de costura, tricô ou crochê após concluir o ginásio, porém ainda tinha as lembranças das aulas que tive no IBAO e comecei ensinando-a como fazer correntinhas de crochê. Mesmo ela estando em um estágio mais avançado da doença, foi aprendendo com muita facilidade e rapidez e em pouco tempo aprimorou muito as técnicas que fui ensinando. Passava o dia todo fazendo bainhas de crochê nas laterais dos panos de prato que nós comprávamos aos montes e ela terminava em poucos dias. De um aprendizado adquirido na década de 60, se tornou uma distração e terapia maravilhosa para a saúde mental da minha mãe nos anos de 2010.

Sueli Maria de Oliveira Giannecchini

Professora aposentada. Casada com Reinaldo José Giannecchini, mãe de Cibeli, Cíntia e Cássia Giannecchini. Avó de Enrico, Lucca, Otávio e Alice.

No Ginásio Industrial – de 64 a 67

Toshiko Ozaki

Eu fui aluna de IBAO durante 4 anos, quando cursei o Ginásio Industrial. Terminei o curso em 20/12/1967. Os estudos no IBAO foram excelentes e aprendi muitas coisas importantes que estão servindo na minha vida cotidiana até agora. Além das matérias normais de ginásio, tínhamos aulas de Corte -Costura e Artes Doméstica, que me auxiliaram muito para criar meus 4 filhos: Hiroaki, Satoe,Massuhiro e Katsue. Lembro-me de muitas coisas dessa época, com muita alegria. Quando formava fila para entrar na sala de aula, toda manhã cantava Hino Nacional. Eu gostava de cantar e gostava de escutar as palavras de Diretor Ary nos dias de comemorações.

Depois de casada, foi uma alegria porque consegui costurar as camisas de manga comprida para meu esposo e cunhado para trabalharem no serviço de agricultura, com tecidos de saco de ração. Graças a aula da professora de confecção, comecei costurar em casa. Tenho costurado bastante, até meus vestidos de festa, incluindo aqueles para ir em festa de casamento. Sou a minha própria estilista.

Para aperfeiçoamento eu fiz cursos no SESI de Itu, no período noturno. Tinha aulas de orientação em corte costura, educação alimentar, higiene individual e artes domésticas.

Na época dos estudos no ginásio industrial no IBAO, eu era tímida e bem quieta na sala de aula e no recreio também. Algumas colegas gostavam de contar piadas, fazer gracejos, mas, eu não conseguia entrar no meio, nem para escutar as brincadeiras ou rir com elas. Depois de formada, lembrando as colegas sempre alegres, comecei a pensar: "eu preciso mudar"! Quando comecei a ajudar meu irmão Massumi, para vender frutas e legumes na feira, meu desafio começou! Na hora de sair da casa, sorria olhando no espelho e durante atendimentos de fregueses, comecei falar mais alto com tom de alegria e com sorriso. Realizei meu desejo! Trabalhei cinco anos na feira e consegui mudar! Hoje, eu tenho orgulho de ter sido formanda do IBAO de Itu. Agradeço do fundo de meu coração ao IBAO e a todos professores e colegas. Gratidão!

Toshiko Ozaki Kobayashi
Com 76 anos, eu vivo feliz com pensamentos positivos!
Continuo trabalhando na área de vendas e na área de cuidar saúde.
Gosto de cantar, participar nos jogos de diversões e esportes.

Minha história com o IBAO

Vera Lucia Buzzo

Falar sobre o IBAO é tentar voltar ao passado, permitindo-me usufruir de lembranças que afloram. Não sou como minha irmã Marilena (que também estudou nessa escola), que consigo dizer datas de acontecimentos, mas guardo poucas, porém boas recordações da época vivida no Instituto.

Fui aluna do Curso Ginasial diurno, mas me recordo que repeti a primeira série. E meu curso durou 5 anos… Tínhamos aulas de Português, Matemática, História, Geografia, Desenho, Educação Física e Artes Manuais.

Lembro-me que tínhamos aulas de Artes Manuais como crochê, tricô, costura e aulas práticas na cozinha da escola, onde aprendi a fazer um bombom de nome "pretinho de alma branca", que hoje deve ser um doce muito querido por minha família que é a palha italiana. Se não for o mesmo doce, são bem parecidos.

O aprendizado com o crochê, tricô e costura, mesmo sem prever, acompanhou-me a vida inteira. Quando tínhamos aulas de crochê e tricô, com D. Marina Cintra, eu não conseguia fazer minhas amostras e sempre tinha uma amiga que me salvava, pois tínhamos que colar tais amostras no caderno, que serviam para nota como se fosse uma prova.

Na aula de costura que D. Oriene ministrava, fiz com muito custo, uma camisola. Na época, não dava muito valor aos ensinamentos, mas hoje, na vida adulta, e depois de aposentada, dedico-me ao artesanato, como hobby, colocando todo aprendizado em uso e o conhecimento adquirido no passado foi de muita serventia.

Outra aula que gostava muito era a de Educação Física, ministrada pela professora Maria de Lourdes Carneiro, que alguns anos mais tarde encontrei na profissão de advogada. Eu era uma das campeãs no jogo de queimada e de vôlei. Gostava muito dessas duas modalidades de esporte.

O lado bom da vida foi conhecer pessoas que até hoje, em raras ocasiões, encontro. Memórias tenho poucas, emoções posso relatar que tive, quando de uma prova na aula de desenho com professor Lourenço Carmignani, estava eu colando, e derrubei o caderno no chão. Não sabia se ria ou se pegava o caderno…

Bom, posso concluir que, apesar de repetir a 5ª. série ginasial, o Instituto foi um grande colaborador de minha personalidade.

Obrigada IBAO, professores, diretores, inspetoras de alunos (D. Luizinha e D. Cida), e amigos. Saudades daqueles bons tempos.

Vera Lucia Buzzo

Durante minha vida, fui caixa do Supermercado Supertuba, trabalhei no escritório de contabilidade Bordini, na Prefeitura de Itu, no IBGE e no Tribunal de Justiça (Fórum de Itu). Atualmente me encontro aposentada, depois de 25 últimos anos trabalhados no Fórum de Itu.

Aluno e professor

Wilson José Buzzo

Sou de uma família de nove irmãos, dos quais três de nós fomos alunos no IBAO na década de 70.

Como aluno, aprendi a lidar com máquinas de marcenaria, torno, uma base sobre elétrica, tudo que aprendi faz parte da minha vida até hoje, pois não pago quase nada para manutenção de minha casa, consigo fazer a maior parte dos reparos graças aos professores que nos ensinaram essas atividades.

Nesse período, tínhamos seis aulas semanais nas oficinas para fazer trabalhos para garantir as notas, mas era difícil, pois alguns colegas mais velhos pegavam os trabalhos e colocando o número deles, entregavam as peças para nota, e nós tínhamos que fazer outra. Isso, de certa forma, foi muito bom: aprendemos com mais facilidade.

Tinha também aula de música e as classes eram separadas, uma só de meninos e outra de meninas. Fiz parte da fanfarra que era comandada pelo saudoso Sr. José Dias, esse era rígido e exigia disciplina, se não cumprisse com as determinações estaria fora. Também representei o IBAO no jogos Industriais como nadador, e com muito treino, também comandado pelo Sr. José Dias consegui chegar em primeiro lugar.

Sinto-me feliz por ter estudado nesta instituição de ensino, e quando fiquei mais velho, fui professor de 2007 a 2010. Tive que deixar esta instituição pois estava me efetivando na Prefeitura de Porto Feliz e não consegui mais conciliar os horários.

Como professor, ministrei aulas de Geografia e Sociologia.

Wilson José Buzzo
Nascido em Itu, casado, 68 anos.

O SENAI no IBAO

André Roedel

Por muitos anos, o Serviço Social de Aprendizagem Industrial - SENAI funcionou em Itu/SP nas dependências do IBAO (Instituto Borges de Artes e Ofícios), localizado na Praça Conde de Parnaíba, no Centro. Em 1942 teve início o curso de Mecânica Geral do IBAO e, neste mesmo ano, o Governo Federal, através do decreto-lei 4.048, assinado pelo então presidente da República Getúlio Vargas, criou o serviço a partir de uma série de iniciativas, como o Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional. Quatro anos mais tarde, em 1946, a qualificação passou a ser oferecida pelo SENAI, já operando no prédio do instituto. Por lá, ficou quase três décadas até a conclusão das obras de sua sede própria, localizada no Bairro Brasil.

No ano de 1945, a irmandade chegou a oferecer a administração técnica do IBAO ao SENAI, que enviou um representante para avaliação da escola profissional, constatando que o prédio necessitava de reparos. A ideia inicial era transferir os altos custos com a manutenção do instituto, que passava por problemas financeiros e sofria com a falta de interesse pelos cursos oferecidos. O convite foi feito pelo então provedor da Irmandade, João Baptista de Mattos Pacheco.

Inicialmente, o acordo de 26 de janeiro de 1946 entre a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia (mantenedora do IBAO) e o SENAI tinha vigência de quatro anos, mas, por meio de sucessivas renovações, ele vigorou até o mês de agosto de 1972, formando milhares de jovens no ensino profissional. O contrato entre as entidades foi assinado entre o então provedor da Irmandade, Antonio de Paula Leite Neto, e o diretor da Divisão Regional de São Paulo do SENAI, Roberto Mange.

Nesse período, a irmandade seguiu administrando o IBAO e os cursos ofertados, com exceção das formações em fundição e mecânica, que eram administrados pelo SENAI São Paulo. Outros cursos passaram a ser oferecidos pelo SENAI ao longo do tempo, como formação em eletricidade e trabalhos de metal e madeira, além de preparação profissional (vocacional) para alunos de 12 a 14 anos, sem vínculos com a indústria, e, o de aspirante à indústria, para os de idade entre 14 a 16 anos.

O convênio entre IBAO e SENAI fez com que o prédio do instituto passasse a ser inteiramente ocupado, diminuindo as críticas da sociedade à época com relação à subutilização do prédio e a precariedade com que as oficinas eram

mantidas, o que gerava desinteresse pelos cursos. Luis Carlos Moretti, que foi funcionário do SENAI de 1990 até o início da pandemia de Covid-19, em 2020, tendo ocupado cargos de instrutor e coordenador, frisa que que a ligação entre as duas entidades é muito forte, já que por 26 anos elas coabitaram no mesmo espaço.

Ainda segundo Moretti, Itu passou a ser um importante pólo industrial do Estado de São Paulo a partir da década de 1930 com a chegada de novas empresas, o que fez o IBAO convidar o SENAI para oferecer cursos em seu prédio. O instituto, então, passou a se beneficiar com a vinda de novos maquinários e também pôde continuar ofertando suas demais formações.

"Foi uma parceria muito saudável tanto para o SENAI - recém-instalado em São Paulo, e uma das primeiras unidades no interior foi aqui em Itu - quanto para o IBAO, que a partir daí consegue ter condição financeira para se manter", conta Moretti, que foi aluno do SENAI em 1979 e 1980, já no prédio atual do Bairro Brasil. O IBAO abriga até hoje maquinários da época do SENAI, que, quando inaugurou sua sede própria, adquiriu equipamentos novos. Após o fim do convênio, o IBAO teria outras iniciativas no campo da formação profissional, como o Ginásio Industrial e a UNIT (Universidade do Trabalhador), em parceria com o Governo do Estado e a Prefeitura de Itu.

André Roedel

É jornalista formado pela Faculdade Prudente de Moraes, de Itu/SP. Foi repórter do site Itu.com.br e atualmente é chefe de redação do Jornal Periscópio. Escreve para a Revista Campo&Cidade e colaborou com as revistas Terraço e Revista do Ituano. Também é um dos idealizadores do evento Itu Nerd Fest, voltado para as histórias em quadrinhos.

Referência

SOUZA, Jonas de; CYTRYNOWICZ, Roney. História da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, 1940-1990. São Paulo: Narrativa Um, 2004.

Piastrelo – um jogo universal

Luís Carlos Moretti

Num tempo não muito distante, os jogos e as brincadeiras de criança eram muito mais interativos. As pessoas tinham comportamentos sociais mais afetuosos e as distrações envolviam estar presente, junto aos amigos ou familiares, em casa, na escola e, pasmem os mais jovens, na rua, até a noitinha ou até a mãe chamar…Lembro-me com nostalgia de muitos destes jogos e brincadeiras, principalmente com amigos que viveram a infância ou adolescência na mesma época.

Assim aconteceu noutro dia, quando um amigo que estudou no IBAO, contou-me que havia dois desenhos meio apagados das pistas de um jogo no corredor externo, do lado em que ficavam os alunos do SENAI. Sabendo que fui um aluno do SENAI, na época em que funcionava no Instituto Borges, perguntou-me se eu lembrava do jogo.

Nem precisou dar muitos detalhes para me fazer lembrar. Esse jogo chama-se *Piastrelo*. Trata-se de uma brincadeira em pistas com nove quadros, onde se registram pontuações diversas. Os competidores, individuais ou em duplas, se posicionam em um dos lados e arremessam discos de madeira de uns 15 cm de diâmetro, empurrando-os com um taco parecido com um rodo de formato próprio e, após cada um jogar seus discos, vão intercalando a vez. Conta-se os pontos e inverte-se o lado. São usados quatro discos de uma cor e quatro de outra cor, cada cor correspondente a um competidor.

O objetivo do jogo é fazer com que seus discos, ao serem arremessados, se posicionem sobre os quadros de maior pontuação ou ainda, poder afastar os discos do adversário do quadro com maior valor. É um jogo de precisão e estratégia, onde os jogadores visam a pontuação máxima. Para tal, precisam calcular a força e o ângulo do lançamento.

Nos intervalos das aulas ou nos recreios, formavam-se filas para jogar, pois era um dos passatempos preferidos pelos alunos. O problema é que a agitação dos alunos competidores ao arrastarem os discos de madeira e o bater um disco no outro, faziam muito barulho, o que irritava os professores que tentavam dar suas aulas no andar superior. Mesmo assim, era muito divertido.

Com a mudança de período integral para meio período e a mudança de perfil dos alunos, esse jogo acabou ficando somente na memória de quem por lá passou, razão pela qual quase já não se verificam mais as marcas no chão do corredor… Quanto aos tacos e discos, ninguém sabe, ninguém viu.

O Piastrelo era conhecido na Itália como *Piastrella* (pedaço de ladrilho) e se dizia *gioccare a pisatrella* – ou jogar malha. O jogo utilizado aqui, foi introduzido pelos imigrantes italianos e o nome adaptado.

O jogo foi ciado na Inglaterra no século XV com o nome de *Shuffleboard* e teve grande prestígio no século XIX e início do XX. Praticado pela aristocracia era um valorizado passatempo nos decks dos navios em cruzeiros marítimos.

Na foto abaixo, vemos uma pista do jogo num deck de navio, de formato muito semelhante à utilizada no prédio do IBAO, que ainda conserva evidente indício do Piastrelo no corredor da oficina do SENAI, quando esta instituição lá funcionava.

Muito difundido nos Estados Unidos desde 1913, o Shuffleboard, como é chamado hoje, tem conquistado espaço no Brasil.

Luís Carlos Moretti

Nascido em 1963 em Itu, casado, três filhos. Técnico em mecânica, técnico em administração escolar, graduado em Pedagogia, pós--graduado MBA em gestão estratégica de instituições de educação profissional e tecnologia, foi escriturário e caixa no Bradesco; ajustador mecânico e desenhista projetista na Gazzola; instrutor torneiro mecânico, instrutor torneiro, técnico de ensino, instrutor orientador e coordenador de atividades técnicas e pedagógicas no SENAI. Aposentado.

No caso do SENAI, teremos o enfoque na tríade *O IBAO, O SENAI e eu.*

O IBAO E EU

Paixão de pai pra filho

Luis Carlos Moretti

Convidado por um amigo a registrar a lembrança de alguma passagem sobre o IBAO, imediatamente me veio a lembrança a história de vida de meu finado pai.

É uma história que envolve boa dose de sacrifício, perseverança, estudo e muito trabalho, contudo, devo antes visitar o passado para poder contextualizar como tudo aconteceu.

Meu pai, Armando Moretti (1938-2013), nasceu em Indaiatuba e quando tinha quatro anos de idade, sua família mudou-se para Itu, no sítio Sto. Antonio, localizado no quilometro 12 na estrada de Itu a Porto Feliz, onde conheceu e se casou em 1962 com Ester Tavernaro (1940) com quem teve quatro filhos, Carlos (1963), Marcos (1966), Sergio (1970) e Armando Jr. (1970).

Moravam em uma pequena casa no sítio de seu pai, onde trabalhavam na lavoura de feijão, batata, milho, frutas entre outras e criavam porcos e galinhas.

Trabalhavam de segunda a sábado, pois o domingo era dia de missa pela manhã e futebol à tarde. Armandinho, como era chamado pelos amigos, "batia um bolão" e não dispensava um "bate fundo" na cancha de bocha.

Em 1964, como as condições financeiras de trabalho na roça já não eram muito favoráveis, mudaram-se para a cidade onde meu pai trabalhou dois anos na Cerâmica "7", um ano no bar Costella, propriedade de seu pai, um ano na Mecânica Gazzola e um ano na Cerâmica Nª. Sª. do Patrocínio, sempre em serviços braçais, razão pela qual tinha um físico atlético.

Aqui cabe um recorte - Em 1942, por solicitação de alguns empresários e da Irmandade da Sta. Casa, o SENAI foi instalado em Itu, ocupando as dependências do IBAO, porém, em 1982, o SENAI foi transferido para seu prédio próprio, na Av. Goiás, Bairro Brasil, onde funciona até hoje, deixando por doação ao IBAO todos os equipamentos e máquinas.

Pela ação do destino, Luiz, um dos irmãos mais velhos de meu pai, instrutor no SENAI em São Paulo, pediu transferência para o SENAI em Itu e, por sua influência, convenceu meu pai a fazer alguns cursos no período noturno, a fim de melhorar suas condições de trabalho e, consequentemente de vida. Seu Armando, como sempre muito dedicado, embora só tivesse estudado até o terceiro ano primário, era assíduo e muito caprichoso em suas tarefas escolares.

E assim foi, em 1969, durante a noite meu pai fez os cursos de desenho mecânico, controle de medidas e ajustagem mecânica no SENAI/IBAO.

Parece que foi ontem, se bem me lembro, com meus seis ou sete anos, na mais pura inocência, aguardava meu pai chegar à tardinha em sua bicicleta Galo, todo sujo e suado por mais um dia cansativo de trabalho na cerâmica, rapidamente ele tomava seu banho, jantava e se vestia para mais uma aula no SENAI/IBAO.

Eu adorava ficar bisbilhotando suas apostilas e os desenhos de peças que ele fazia nos cursos e, como toda criança curiosa, tentava imitar os traçados das figuras geométricas no papel quadriculado. Quando ele terminava de fabricar as peças no curso de ajustagem, ele trazia para nos mostrar. Ainda hoje tenho guardadas muitas das peças que ele produziu, verdadeiras relíquias. Nem imaginava na época, que isso tudo influenciaria meu próprio futuro profissional.

Foi a partir dessa formação profissionalizante, que ele conseguiu em 1970, um emprego na Mecânica e Fundição Irmãos Gazzola, onde trabalhou até 2010, mesmo após sua aposentadoria. Nesses quarenta anos de dedicação e muito trabalho que seu Armando conseguiu criar e educar seus quatro filhos.

Funcionário exemplar, gradativamente foi de ajudante geral a oficial ajustador mecânico, podendo colocar todo seu conhecimento e talento a serviço dos mais complicados projetos mecânicos, sendo muito respeitado tanto por seus colegas quanto pelos seus patrões. Nessa época, a empresa era a única a produzir máquinas e equipamentos para fundições, atendendo em todo o Brasil, como representante exclusiva de uma marca italiana desses implementos.

Nas épocas de Natal, a empresa convidava os filhos dos funcionários para uma festa, com distribuição de brinquedos. Nessas oportunidades, meu pai me levava para conhecer as máquinas nas oficinas mecânicas e, até hoje me recordo dos cheiros característicos dos metais usinados.

Nosso pai Armando sempre nos educou pelo exemplo, mas fazia questão que nos dedicássemos ao estudo, pensando em nos proporcionar, pelo menos a

formação escolar básica, imaginando que assim, pudéssemos ter a oportunidade de buscarmos por conta própria nosso futuro.

Seu exemplo não foi em vão, pois eu sempre tive a intenção de seguir seus passos numa carreira profissional, tanto que quando me formei na oitava série, então com 16 anos, prestei exame de seleção para o curso de mecânica geral no SENAI, mantido pela Mecânica Gazzola, onde nas férias do SENAI eu atuava como aprendiz e, depois de formado, trabalhei como ajustador mecânico, exatamente na mesma bancada que meu pai, o que muito me orgulha.

As oportunidades no universo da mecânica industrial eram boas na época, contudo, algum tempo depois, essa área entrou num período de recessão, forçando-me a buscar oportunidades de trabalho em outras áreas.

Anos mais tarde, fui convidado a retornar à Mecânica Gazzola, então no setor de projetos, onde atuei por quase dez anos desenhando e projetando máquinas, equipamentos e instalações para fundições.

Num belo dia, o instrutor chefe do SENAI, em visita à Mecânica Gazzola, me convidou a dar aulas de mecânica no período noturno. É claro que aceitei e, cinco anos mais tarde, acabei sendo efetivado no SENAI onde trabalhei por trinta anos, passando por vários cargos e promoções desde instrutor, técnico de ensino, orientador e coordenador pedagógico.

Todo esse meu sucesso profissional não seria possível sem uma constante formação técnica e acadêmica baseada no exemplo deixado por meu pai.

Em meados dos anos noventa, o IBAO procurou o SENAI para uma parceria, que foi concretizada com cursos realizados no IBAO, com certificação pelo SENAI, mostrando mais uma vez o quanto as histórias dessas duas entidades educacionais se entrelaçaram no decorrer do tempo.

Em 2017, por ocasião das comemorações dos 70 anos do SENAI em Itu, fiquei responsável pelos registros históricos, estive então, visitando o IBAO, a fim de resgatar os anais da instalação do SENAI nesta cidade, oportunidade em que renovamos os laços de amizade e cooperação. Nessa visita, pude adentrar nas antigas oficinas de mecânica e de marcenaria do IBAO, momento de muita nostalgia ao relembrar que meu pai teve o início de sua careira profissional operando aquelas máquinas e bancadas. Muitas lembranças.

Mas essa história não para por aqui, pois quando meu filho Marcelo (1988) terminou o ensino fundamental, também fez um curso no SENAI, o que muito me orgulhou e ao seu avô.

Hoje podemos contar com alegria que foram três gerações da família formadas no SENAI, lembrando ainda que outros dois irmãos meus também estudaram lá, exemplo do pai aos filhos e ao neto.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL
DEPARTAMENTO REGIONAL DE SÃO PAULO

ATESTADO DE HABILITAÇÃO

ARMANDO MORETTI , natural de Indaiatuba
Estado de São Paulo , nascido a 12 de outubro de 1938 , freqüentou,
no período de 21 de julho de 1969 a 19 de dezembro de 1970 , na
Escola SENAI 3.5, de Itu , o Curso Rápido de
AJUSTADOR(Iniciação), com a duração de 5 meses, em que adquiriu a habilitação
especificada no verso.

Itu 19 de dezembro de 1969

SECRETÁRIO DO ESTABELECIMENTO

PORTADOR DO ATESTADO

DIRETOR DO ESTABELECIMENTO

Um dos certificados de Armando Moretti

Luís Carlos Moretti

História de Armando Moretti.

Cursos no SENAI quando no prédio do IBAO:

- Desenho Técnico Mecânico – duração: 60h; noturno – 1969
- Controle de Medidas – duração: 30h; noturno – 1969
- Ajustagem Mecânica – duração: 120h – noturno – 1969.

Luís Carlos Moretti, nascido em 1963 em Itu, casado, três filhos, técnico em mecânica, técnico em administração escolar, graduado em pedagogia, pós-graduado MBA em gestão estratégica de instituições de educação profissional e tecnologia, foi escriturário e caixa no Bradesco; ajustador mecânico e desenhista projetista na Gazzola; instrutor torneiro mecânico, instrutor torneiro a CNC, técnico de ensino, instrutor orientador e coordenador de atividades técnicas e pedagógicas no SENAI. Atualmente aposentado.

O IBAO, o SENAI e eu

Arnaldo Lazaro Corti

Curso frequentado: MECÂNICA GERAL, sendo de 1971 a 1973 (prédio IBAO) e 1974 (novo prédio Escola SENAI Ítalo Bologna), período diurno.

Número de alunos na sala: 28 alunos para aprendizado da parte teórica.

Matérias ou disciplinas:

- Período da manhã: Prática Profissional
- Período da tarde: Matérias teóricas, sendo:
- Matemática – Professor Anthenor Fruet
- Português – Professor Anthenor Fruet
- Ciências – Professor Anthenor Fruet
- Ciências Sociais e Educação Moral e Cívica – Professora Maria do Carmo Spinoza
- Desenho Técnico – Professor Albertini
- Educação Física – Professor Guido

Oficinas do currículo: Série Metódica da Oficina (SMO): parte prática.

Mecânica geral: Executar princípios básicos de cada operação de usinagem mecânica, como: tornear, facear, retificar, alisar, furar, fresar, mandrilhar, plainar, soldar, forjar, afiar ferramentas, dobrar materiais metálicos, para transformar matéria-prima em peças a serem utilizadas em construção mecânica e indústrias de forma geral.

Vivências, memórias, emoções, trabalhos realizados, desafios superados, lições aprendidas, conquistas.

Aos quatorze anos fui admitido pela empresa Brasital para a Indústria e o Comércio, que me enviou ao SENAI, como aprendiz.

Nessa época, o prédio IBAO acolhia a Escola SENAI.

Nesse local, edificado com uma bela arquitetura, conheci muitos adolescentes, que sonhavam com uma profissão para que pudessem melhorar o seu padrão de vida. Tornaram-se grandes amigos para a minha vida, tanto pessoal, quanto profissional.

Encontrei também ótimos professores, pessoas de caráter, éticos, dedicados, exemplos de conduta pessoal, moral e, que despertaram em mim a possibilidade de uma importante profissão e de crescimento profissional.

Durante a minha permanência no IBAO (SENAI) descobri a minha capacidade de liderança pessoal e administração, pela minha participação na

diretoria do Grêmio Escolar, chegando a ser Presidente. Aprendi a gerenciar conflitos.

Toda essa vivência com pessoas e conquistas no IBAO contribuíram com a formação do meu caráter, conduta pessoal e ética profissional, pois perdi meu pai aos onze anos de idade. Nessa época já me sentia responsável pela minha participação financeira junto da minha mãe.

Chegando à idade adulta, fiz uma carreira de sucesso na Empresa onde trabalhava e aos 22 anos construí a minha família.

Aos 30 anos de idade dei início à minha vida empresarial, associando-me a um familiar no ramo industrial e, assim, adquirindo mais experiência.

Aos 32 anos, em 1988, criei a empresa Corti – Indústria Mecânica Ltda., existente até hoje, que atende grandes grupos industriais com qualidade, transparência e ética, que me possibilitou um crescimento financeiro, gerando muitos empregos, entre eles muitos dos amigos que conquistei no IBAO. Muitos já aposentados, outros ativos até hoje.

Por esse motivo não tem como passar em frente ao prédio do IBAO, e não me lembrar de tudo o que vi, vivi e me tornei. É muito gratificante!

É uma honra poder contribuir de alguma forma com a história dos 100 anos do IBAO.

Com as formações adquiridas no IBAO/SENAI, exerci as seguintes profissões:

- Torneiro Mecânico;
- Fresador;
- Supervisor de turma em Oficina de Usinagem Mecânica;
- Encarregado de Manutenção Mecânica Geral;
- Instrutor do Curso de Torneiro Mecânico Noturno, na Escola SENAI Ítalo Bologna;
- Desde 1988, Empresário do ramo industrial, com a criação da Corti Indústria Mecânica Ltda., existente no mercado há 37 anos, atendendo grandes grupos empresariais, iniciando com Brasital, Fábrica De Papel de Salto (com nomes diferentes até os dias de hoje), Santista, Duratex, Eucatex, Imerys, Química Amparo, Toyobo e outros clientes menores.

Arnaldo Lazaro Corti

Nascido em Salto – SP, em 23/03/1956, casado, pai de três filhas,
avô de cinco netos, empresário do ramo industrial,
especializado em Manutenção Mecânica para Indústrias,
proprietário da empresa Corti – Indústria Mecânica Ltda., estabelecida em Salto.

Empreendedor

Geraldo Arruda Leite

Ainda antes de completar meus 13 anos de idade, em 1955, em busca de aprender uma profissão, fui batendo de porta em porta pelos estabelecimentos da cidade até que o Romanato, uma oficina de funilaria, me aceitou como aprendiz.

Os anos se passaram e, um dos clientes do Romanato, o Benedito Camargo, apelido Perêca, que era professor no SENAI, me chamou para entrar para o curso de Ajustagem Mecânica, que fiz em 1963, no período noturno. Logo em seguida, fiz também o curso de desenho. Continuava trabalhando no Romanato e estudava no SENAI. Depois de terminar os cursos no SENAI, o Perêca incentivou-me a continuar estudando. Além de professor no SENAI, ele dava aulas de matemática no Regente Feijó e com a amizade que fiz com ele, fui motivado a continuar meus estudos e fui então fazer o ginásio.

Naquela época, não existiam tantas peças de reposição como hoje, então sempre precisava usar as habilidades de mecânica para consertar as peças dos carros.

Seguia com o trabalho na funilaria e logo construí a minha casa, comprei meu carro e me casei.

Depois de alguns anos, abri minha própria oficina junto com meus sócios e segui na profissão por 64 anos."

Geraldo Arruda Leite
Nascido em Itu em 1942, casado com 3 filhos.

A vida mais fácil

A Mecânica em nosso dia a dia

A Mecânica é uma parte importante da Física. Ela nos ajuda a entender como e por que os corpos se movem ou permanecem parados. Esses conhecimentos permitiram criação de navios, aviões e automóveis e muitas máquinas. Além disso, a Mecânica possibilitou a ampliação e comprovação do conhecimento sobre os planetas, e é essencial em diversas profissões, como na aviação, na física, na meteorologia, entre outras.

Com suas origens nas observações da natureza, a mecânica começou a ser sistematizada por Sir Isaac Newton em seu trabalho sobre as leis do movimento.

A mecânica se divide em três áreas principais: Clássica, Relativística e Quântica.

A **Mecânica Clássica** foca no movimento de corpos em velocidades abaixo da luz e abrange várias subáreas: a Cinemática que analisa os movimentos sem considerar suas causas; a Dinâmica que investiga as razões desses movimentos; a Estática, por sua vez, estuda o equilíbrio dos corpos, e as áreas de Hidrostática e Hidrodinâmica tratam de fluidos, tanto em repouso quanto em movimento.

A **Relatividade Mecânica** examina o deslocamento de objetos que se movem a velocidades próximas da luz, assim como a conexão entre tempo e espaço. Essa área do conhecimento se divide em duas partes: Relatividade Restrita e Relatividade Geral, teorias que foram elaboradas por Albert Einstein.

A **Física Quântica** examina os eventos que ocorrem nas dimensões subatômicas e atômicas. Suas subdivisões ainda estão sendo desenvolvidas.

Presenciamos a Mecânica em nosso dia a dia, muitas vezes sem nos darmos conta disso, como por exemplo:

a descida de objetos devido à gravidade, a aceleração de um objeto quando uma força é aplicada, acidentes de carro, nos quais o veículo perde a trajetória em função da redução do atrito ou da alta velocidade, instrumentos simples como rampas, polias, guinchos, balanças alicates, polias, abridores de lata, carrinhos de mão e planos inclinados, a inclinação adequada das vias, as portas automáticas de centros comerciais, o nosso ato de caminhar, os airbags, estado dos pneus, nos instrumentos musicais, geração de energia elétrica e muitas outras situações ou usos. Até mesmo ao girar a maçaneta ou brincar em um balanço ou gangorra, o conceito mecânico de alavanca é utilizado.

Com a Mecânica, é possível prever o comportamento dos corpos nos planetas, como a força, o peso e a aceleração da gravidade que atuam sobre eles. A Gravitação Universal teve um papel fundamental na história ao revolucionar a compreensão dos movimentos planetários e do funcionamento do cosmos. Avanços nessa área incluem o lançamento de foguetes, que possibilitam a exploração do espaço, e o envio de satélites usados em diversas aplicações como transmissão de TV, GPS, mapeamento e monitoramento climático.

Em relação ao ensino de mecânica, os anos 40 marcaram um período de significativas mudanças quanto ao público-alvo, objetivos e na estrutura educacional geral. Diferente das 19 Escolas de Aprendizes Artífices do início republicano que operavam de forma isolada, com crianças, com preocupação assistencial, a partir de 1942 começou-se a desenvolver um sistema nacional integrado com o governo federal assumindo a responsabilidade na padronização de materiais didáticos. Foi o início dos cursos técnicos, de Segundo Grau ou na nomenclatura atual, Ensino Médio. O fato gerador dessa modalidade de ensino foi o desenvolvimento econômico-social promovido pela industrialização do país e o objetivo dos cursos foi atender às demandas do progresso industrial.

Atualmente, o curso integra os conteúdos do ensino médio com a formação técnica, permitindo que o aluno desenvolva tanto habilidades teóricas quanto práticas na área da mecânica.

O currículo geralmente inclui disciplinas como:

- Desenho Técnico Mecânico;
- Processos de Fabricação Mecânica;
- Manutenção de Máquinas e Equipamentos;
- Instalação de Máquinas e Equipamentos;
- Controle de Qualidade;
- Segurança do Trabalho;
- Eletrotécnica;
- Leitura e Interpretação de Projetos;
- Materiais de Construção Mecânica.

Os cursos técnicos preparam o aluno para atuar em diversas áreas da indústria mecânica, como projetos, produção, instalação e manutenção de máquinas e equipamentos em diversos setores da economia.

A mecânica, ramo da física que analisa o movimento e as forças que atuam sobre os corpos, pode ser estudada tanto em cursos de qualificação, especialização, cursos técnicos, graduação na engenharia, quanto em programas de pós-graduação. Um curso sobre mecânica pode abranger diversas áreas, desde mecânica

automotiva até mecânica industrial e de máquinas pesadas. A duração e o conteúdo dos cursos variam conforme o nível e a especialização escolhida.

A regulamentação dos cursos técnicos no Brasil é baseada, principalmente, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e em regras específicas do Ministério da Educação (MEC). A LDB fala sobre a Educação Profissional e Tecnológica e define como devem ser esses programas de ensino. O MEC, através do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT) e outras regras, define como os cursos técnicos devem ser organizados e oferecidos.

Desenho Técnico

O desenho evoluiu ao longo dos séculos, com diferentes culturas e períodos históricos deixando suas marcas e refletindo suas transformações sociais, culturais e tecnológicas. Uma forma de arte visual que envolve a aplicação de materiais em superfícies planas e os instrumentos variam de lápis e canetas a tecnologias modernas, como mesas digitalizadoras.Tem sido uma maneira eficaz de expressar ideias e é amplamente empregado em várias áreas, como ilustração, animação e arquitetura. Desenhos informais, criados sem a intenção de serem finais, são chamados de esboços, enquanto profissionais que se dedicam ao Desenho Técnico são conhecidos como desenhistas técnicos.

O Desenho Técnico é a linguagem gráfica utilizada para representar projetos, seja de um produto, uma construção ou qualquer outro objeto que precise ser compreendido e executado por diferentes profissionais.

Ramo especializado do desenho, o Desenho Técnico se apoia nos conteúdos: Geometria Descritiva, Perspectivas e Desenho Geométrico e para cada área da tecnologia existe uma especialização com normatização específica. Exemplos:

- **Desenho Mecânico** – voltado ao projeto de máquinas, motores, peças etc., utilizando medidas em milímetros;
- **Desenho Arquitetônico** – voltado ao projeto de arquitetura, desenho urbano, paisagismo etc., utilizando medidas em metros;
- **Desenho Topográfico** – voltado ao projeto de topografia, levantamentos topográficos etc., executado em metros;
- **Desenho Técnico de Moda** – voltado para desenhar a estrutura técnica das roupas, baseado na numerologia do peso da pessoa para determinar o manequim.

Atualmente, o Desenho Técnico, em qualquer projeto ambiental, mecânico, mobiliário, arquitetônico, aeroespacial, naval, entre outros, assume uma posição difusa e multidisciplinar, aliado a importantes recursos – como o computador.

Com o avanço da computação gráfica e dos sistemas de informação, os métodos de representação gráfica no Desenho Técnico mudaram muito. Passou-se de ferramentas manuais para programas de desenho 2D (CAD) e sistemas de modelação 3D (CAM), com o uso de tecnologia BIM. Isso apresenta desafios para o ensino, que deve equilibrar o desenvolvimento de habilidades gráficas com o aprendizado tecnológico no Desenho Técnico.

Bibliografia

ANDREOTTI, A. L. Leis Orgânicas do Ensino de 1942 e 1946 (As). Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_leis_organicas_de_ensino_de_1942_e_1946.htm>. Acesso em 19 de junho /2025.

CUNHA, L. A. O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2005.

https://portal.mec.gov.br/catalogos-nacionais-de-cursos-tecnicos

STAMATO, J.; OLIVEIRA, J.C.; GUIMAR, J.C.M. Desenho 3: introdução ao desenho técnico. Coleção Cadernos MEC, 1972. WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. 2007. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em 11 de julho de 2025

PASTANA, Carlos Eduardo Troccoli. Desenho Técnico. Unimar, Marília, 2006, p. 13.

O curso de Técnico de Desenho Mecânico atraiu muitos alunos. Diferentes relatos exemplificam a atuação do Instituto Borges, que foram preciosidades oferecidas pelo IBAO. A satisfação de quem foi aluno nesses cursos é demonstrada e facilmente reconhecida nos relatos que constituem *O IBAO E EU*, que seguem.

O IBAO E EU

Respeito e Gratidão

Professor Carlos Antonio Graciano

Trabalhei como professor de ensino profissionalizante no IBAO de 1997 até 2006, especificamente como professor de Formação Profissional no SENAI, curso esse que foi iniciado em 1998 com a parceria do SENAI, quando foi implantado em todo território nacional. O Sr. diretor e seu Coordenador Pedagógico da época instalaram o curso no IBAO, pois era uma escola de referência quanto a cursos profissionalizantes. O conteúdo programático era fornecido pelo SENAI e as demais ferramentas (prédio, professores e toda coordenação) eram mantidas pelo IBAO. Este curso era frequentado como contraturno pelos adolescentes de 14 aos 16 anos, devidamente matriculados no curso regular do IBAO. O curso oferecido em parceria como citado acima chamava-se PIPM (Programa de Iniciação Profissional ao Menor) na área de usinagem com módulos de Desenho Técnico Mecânico, Metrologia, Tecnologia Mecânica e aulas práticas de Torno (Tornearia) e Ajustagem (Fresa e Plaina). Com duração de 1 ano, formando jovens para o mercado de trabalho, ensinava também civismo e hierarquia para um bom desenvolvimento profissional. As sextas-feiras eram destinadas às práticas esportivas e ensaios da fanfarra da escola, que abrilhantava os desfiles de 07 de setembro. Findou esse curso no ano de 2006 por falta de recursos financeiros, pois todas as despesas do aluno durante o curso eram mantidas pelo IBAO

Adorei ter trabalhado nesta instituição séria e tradicional da cidade de Itu. Ao Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO) todo meu respeito e gratidão.

Sou casado com uma ex-aluna do IBAO, Silvia Regina Pereira Camilloti, por coincidência ou não, filha da estimada Dona Cida professora do IBAO.

Tivemos três filhos, sendo dois homens e uma menina e os dois rapazes também foram alunos do IBAO.

A maior experiência que eu tive depois do fechamento desses cursos foi encontrar com os ex-alunos que frequentaram o IBAO com formações correlatas ao que aprenderam quando adolescentes, incluindo relatos de formação em engenharia, dentre outros.

Carlos Antonio Graciano Professor

Formado em gestão pública e administração, ocupei cargo de confiança na Secretaria de Educação. Empresário ne área de manutenção predial

IBAO, meus filhos em boas mãos

Alessandra Membrive

Meus filhos Isabela Maria Membrive de Camargo e Gabriel Membrive de Camargo, ao terminarem o primeiro grau, ainda bem jovenzinhos, foram estudar junto aos Legionários de Cristo. Como a vida é sempre uma surpresa revelada pela Vontade e projeto de Deus, eles retornaram, cada qual no seu tempo, e ingressaram no IBAO.

O meu outro filho, Mateus Membrive de Camargo, assim que terminou o primeiro grau, puxou a fila e foi o primeiro a entrar no IBAO, realizando o Ensino Médio, Ele permaneceu apenas um ano, o que foi suficiente para deixar no Mateus boas recordações.

A Isabela ingressou em 2013. Após exame de admissão, aguardava ansiosamente a lista de aprovados. Seu nome não estava na primeira chamada. Ficou triste, porém confiante que na segunda chamada, caso houvesse, estaria lá. E foi o que aconteceu. Houve a segunda chamada contemplando a Isabela. Em 2015, concluiu o Ensino Médio. A professora de Português, Zezé, além de transmitir o conteúdo da matéria, marcou a vida de minha filha. Nossa condição financeira não era das melhores; filhos todos jovens e, pela idade, não trabalhavam, e não havia recursos para pagar as taxas necessárias para a formatura. A excelente professora Zezé, vendo o esforço, a dedicação e a qualidade de aprendizado da minha filha, numa atitude de amor, assumiu os custos total da formatura inclusive o salão de beleza.

As aulas de Biologia eram muito interessantes. A professora levava órgãos de porcos e línguas de boi para serem dessecados. Usavam microscópio para análise em lâminas. Aprenderam muito de Informática que colocam até os dias de hoje esses conhecimentos em prática. O professor de Matemática, Nogueira foi muito importante. Com uma didática incrível, ensinava mostrando o sentido prático da Matemática, fazendo qualquer aluno gostar dessa tão odiada matéria. O professor Barbosa, de Química, realizava experimentos ao vivo, com reações químicas superinteressantes.

Havia um evento chamado Ágora – os alunos apresentavam o que melhor aprenderam em seus cursos. Durante os exames do ENEM, os professores acompanhavam todos os alunos para a prova e ficavam esperando até o fim. Na saída cada aluno era recebido com um carinhoso abraço. Havia uma interação muito grande entre os alunos, todos eram muito amigos. Por parte da Escola,

não havia somente a preocupação com o aprendizado da matéria, mas também com a Formação Humana e do caráter dos alunos.

Depois do IBAO, minha filha Isabela cursou pedagogia no CEUNSP. Hoje professora da rede pública municipal na escola Mario Macedo Junior. Gabriel, veio em 2014 para concluir o Ensino médio. Hoje cursa Ciências Contábeis na UNIP e trabalha no Grupo Gaplan.

Agradeço a Deus, ao IBAO e a todos os professores que formaram e lapidaram meus três filhos tornando-os pessoas do bem.

Alessandra Membrive

Professora da rede pública municipal e atualmente no cargo de Diretora da Creche Municipal Itu – Brasil. 52 anos, mãe de 4 filhos, Mateus, Gabriel, Isabela Maria, João Pedro. Vovó de Lorenzo, Valentina, Theo, Joaquim e a Maria Beatriz

Ao IBAO
Instituto Borges de Artes e ofícios

Antonio Carlos de Arruda Campos

Tive o privilégio de estudar no IBAO nos anos entre 1978 a 1980 para fazer o colegial técnico. Naquele tempo, tínhamos de fazer uma seleção para conseguir as vagas, o IBAO era muito disputado.

Fui estudar para fazer Desenho Mecânico, com o professor Albertini. Grande professor, o prazer dele era passar seu conhecimento para os alunos. Tínhamos um corpo docente de alto nível: de Matemática era o Prof. Fontes, que foi apelidado por nós, alunos, de computador humano, era fera em Matemática, a cobrança era tanta para nos ensinar; de Física era o Prof. Renato, calmo, mas com uma dedicação imensa para transmitir a matéria; Rocha era professor de Português. Particularmente eu tinha um pouco de dificuldade nessa matéria, mas agradeço a esse professor de ter sido insistente por me ensinar e explicar as dificuldades que tinha.

Também em Geografia, grande homem, o Prof. Paulo Gazzola, História era Prof. Autoracy, esse era alucinado por política. Explicava muito sobre política e nós, jovens, não nos interessávamos muito na época, principalmente eu.

Tínhamos também o Prof. Lagui, Hideo e a Profa Elisa (não me recordo) de Inglês, todos grandes mestres, professores comprometidos em ensinar os alunos.

Na hora do intervalo, fazia um racha na quadra, e quando dava o sinal, Português, o zelador, ficava nos chamando nos pra retornar à sala de aula.

Na época, muitos alunos de Indaiatuba vinham estudar em Itu, e o IBAO era umas das escolas disputadas por eles. Infelizmente, perdi o contato deles.

Do pessoal de Itu, sei do Armadinho Tavernaro, Amarildo Zacarias, que são empresários em Itu, Ademir Ferraz, que é professor, e o Padre Eduardo Tocachello; esse converso sempre, parceiro de churrasco e pescaria, e os demais, às vezes, nos encontramos pela cidade, aí relembramos o tempo do IBAO.

No dia da formatura, recordo -me que o Professor Rocha tinha um fusca branco e ao voltar da festa, que foi no Sitio do Daldon, se acidentou, mas graças a Deus não aconteceu nada pra ninguém.

Tenho saudades do tempo, dos colegas, dos professores e dos demais que trabalhavam na escola, e só tenho que agradecer; fizeram parte do meu aprendizado, pois aprendi muito não só como aluno, mas como me comportar dentro da sociedade.

Tenho orgulho de fazer parte da história dos 100 anos do IBAO. Obrigado a todos, colegas, professores e funcionários.

Antônio Claudio de Arruda Campos

Mais conhecido como Claudinho do Alvorada, 62 anos, empresário há 40 anos no setor de alimentos, formado em Direito pela FADITU. Casado com Neusa Regina, pai de Bruna, Diego Alex, Claudia Regina, avô de Claudio Eduardo – Cadu – Miguel, Francisco, Eliza e Maria.

IBAO sempre presente

Celia Maria Trettel da Costa

Na década de 70, terminei meus estudos do Ensino Fundamental na EE Antônio Berreta e teria que ingressar no Ensino Médio. Nesta época, minha mãe, Zilda Trettel, ocupava o cargo de Supervisora de Ensino na Diretoria de Ensino de Itu e incentivou-me a cursar o ensino técnico, o qual seria melhor para meu aprendizado e para o mercado de trabalho. Insistiu para que me matriculasse no IBAO no Curso Técnico de Desenho Mecânico. Confesso que no primeiro momento, não era minha vontade, mas por ser um curso noturno e perto de minha casa, acabei atendendo ao pedido dela. Neste curso de Desenho Mecânico, aprendi coisas muito diferentes de um curso clássico: como desenho técnico, geometria descritiva, elementos de máquinas, resistência dos materiais, que para mim no momento soava estranho ao meu universo.

Bom, sempre fui uma aluna muito dedicada e assim fui me adaptando a esses conhecimentos técnicos do mundo industrial, conhecimentos estes que fui transformando em elementos artísticos. Nesta época, eu não era ligada na área musical nem nas artes plásticas. Era apenas uma aprendiz dos conhecimentos.

No IBAO, algo me chamou muita atenção. O zelador do prédio, o português senhor Virgínio, que brigava com todos os alunos para manter a disciplina e cuidado com o prédio, às vezes se sentava na escadaria de acesso ao segundo piso do prédio, e ficava dedilhando sua viola portuguesa (12 cordas). Aquele som me remetia algo que não sabia o que era: emoção, premonição, sentimento na alma. Resultado: hoje tenho uma viola de 12 cordas e coordeno a Orquestra Ituana De Viola Caipira. Mera coincidência?

Muitas conversas tive com senhor Virgínio, mesmo depois de ter me formando no Ensino Médio em 1976, no IBAO.

Minha relação com esta instituição não se interrompeu, minha mãe, Zilda, foi convidada a trabalhar como Coordenadora Pedagógica a convite da então diretora, dona Ivone, em 1987. E lá estávamos nós novamente, *eu, IBAO e Zilda*. Ia buscá-la à noite, e os anos foram passando entre conversas com o senhor Virgínio sobre viola ou sobre o professor de música da década de 30, Nhonhô Tristão

Na década de 80 e 90, eu já era estudante de música dedicada, aluna do conservatório de Tatuí e ministrava aulas de violão, que foi meu instrumento escolhido.

Em 1994, nasceu meu filho Gabriel Trettel e quando cresceu um pouco ficava à noite com seu avô, meu pai Américo e às vezes, ou melhor, muitas noites, ele ia com a vó Zilda para o IBAO, onde ela trabalhava, e eu, no conservatório de Salto. Então, às 22h, eu chegava do trabalho e ia buscá-los. Agora *eu, IBAO, Zilda e Gabriel*. Foram passando os anos e seguindo os fatos.

O quarteto Tristão Júnior, que coordeno, e homenageia o músico ituano que um dia foi professor do IBAO, participou de algumas atividades festivas da escola. Uma delas foi a reinauguração do auditório em 26 de julho de 2002. *Quarteto Tristão Júnior, IBAO e eu*.

Seguindo minha trajetória musical já mais adiante, Zilda continuava como Coordenadora Pedagógica, depois vice-diretora e já estávamos nos anos 2000. Já tínhamos perdido dona Ivone e assumido a direção a Ana Maria. Agora *eu, IBAO e Zilda* com mais de 80 anos e eu sempre buscando durante as noites.

Certo dia, já um pouco recente, Ana Maria tinha um grande desejo de recuperar o hino do IBAO, composição do professor Luizito que viemos a descobrir, e fiquei de ajudá-la na missão. Isso foi em 2016, e foram passando os anos, veio a pandemia, projetos parados e Zilda e todos em casa.

Após a pandemia em 2021, dona Zilda se desligou do IBAO por necessidade de sua saúde. Aposentou-se formalmente, mas emocionalmente continua ligada. *Zilda, IBAO e eu*.

Nessas idas e vindas com IBAO, chegou a festa de centenário e Ana Maria me chamou para reativarmos o projeto do hino. Aceitei prontamente, pois já havíamos começado, tínhamos que finalizar, principalmente com o objetivo do centenário.

Pensei!!! Como ensaiar um hino com os alunos do Ensino Médio, adolescentes?

Bom!! Centenário do IBAO. E merecido, eles ficaram animados. Fiz um arranjo pensando em motivá-los e deu muito certo. O acompanhamento foi com viola caipira, violão e trombone com a participação do violeiro Adilson, eu no violão e Gabriel Trettel no trombone. Ensaiamos algumas semanas e apresentamos na festa do centenário. Viola, violão e trombone, com as vozes dos alunos do segundo ano do Ensino Médio, foi um sucesso; letra de Maria Lucia Marins e Dias Caselli e música de Luiz Costa Júnior.

Fiquei muito feliz em participar do centenário do IBAO e pelo resgate do hino, e novamente, *eu, IBAO, Zilda e Gabriel.*

Célia Maria Trettel da Costa

Formação Acadêmica : Conservatório dramático Musical"Dr Carlos de Campos", Tatui, Sp, Violão Clássico; Faculdade Paulista de Arte ´Educação

artística- Licenciatura Plena em Música; CEUNSP, Pedagogia com habilitação em Administração Escolar. Professora de Violão Clássico no Conservatório Municipal "Henrique Castellari", Salto,/SP desde 1979), Coordenadora e Violonista do "Quarteto Tristão Júnior"(desde 1990). Coordenadora da Orquestra Ituana de Viola Caipira, juntamente com o violeiro Adilson Tadeu Rodrigues da Silveira.

Nota

Quarteto Tristão Júnior

Formado em 1990 para homenagear o compositor ituano Tristão Júnior, sua formação camerística concentra-se na interpretação de choros, maxixes, valsas, tangos brasileiros, schottish, polkas e outras peças seresteiras.

Os músicos que compõem o quarteto: Célia Trettel (violão), José Vinicius Gavioli (flauta), Gilmar de Campos (clarinete) e Allan Teixeira (contrabaixo), apresentam muitos arranjos de Tabajara dos Santos.

Do IBAO às universidades

Décio De Marque

O ano de 1924 parece longe demais para a recordação da fundação de uma instituição de ensino que muito tem se dedicado com seriedade e qualidade à formação de grandes personalidades e profissionais de Itu e região.

Porém, o IBAO – Instituto Borges de Artes e Ofícios alicerçou-se no seu grande benfeitor luso-ituano *Joaquim Bernardo Borges,* que, em seu generoso testamento, deixou recursos suficientes para a criação de uma escola profissionalizante gratuita, além de um hospital e maternidade.

Baseado na reputação de uma excelente escola, fui atraído a estudar no IBAO, ingressando no 2º Grau no ano de 1975 e concluindo o curso após três anos. A turma era brilhante e até hoje a amizade entre nós permanece sólida.

Foram anos gratificantes em que os alunos puderam desfrutar o aprendizado de bons professores. Dentre eles, os que mais me recordo foram Ademar Albertini, de Desenho, e Professor Fontes, de Matemática.

A base foi tão boa que a maioria dos alunos ingressaram em boas universidades; eu mesmo me graduei em Engenharia.

No ano de 1984, fui convidado a fazer parte do corpo docente do IBAO, ministrando aulas de Resistência dos Materiais e Elementos de Máquinas, permanecendo lá por dois anos. Foi uma experiência muito enriquecedora.

Por tudo isso, agradeço ao IBAO pela fase da minha vida que passei nessa dedicada instituição de ensino, que muito colaborou pelo engrandecimento e fortalecimento profissional dos anos vindouros.

Depois, trabalhei numa multinacional de grande porte e, posteriormente, iniciei minha própria empresa juntamente com um irmão. E já fazem 30 anos!

Eu peço a Deus que continue iluminando os alunos, os professores e a direção da escola para levar sempre o conhecimento intelectual e moral aos envolvidos.

Vida longa ao IBAO!

Décio De Marque

65 anos, casado com Susie e pai de Decinho e Julia, nascido e residente em Itu, graduado como Tecninologo (FATEC) e Engenheiro Industrial Mecànico (UNIMEP), empresário no ramo de metalurgia, cuja empresa é composta por 30 colaboradores.

IBAO – Formandos 1977

ALUNO	CIDADE
AGOSTINHO LOURENÇO PATRICIO	ITU
ALVIMAR EDSON BICHARA	ITU
AMAURI ALVES DA SILVA	ITU
ANIBAL ANTONIO MIRANDA BRUNI	ITU
ANTONIO LAFAYETTE KEESE	ITU
CARLOS ALBERTO FRUET	ITU
DÉCIO DE MARQUE	ITU
EDSON PACHECO DE ARRUDA	ITU
ERNANDSON ARNALDO PRIETO	ITU
EUGENIO CLARET FRANCISCHINELLI	ITU
JOÃO BATISTA LIMA LUZ	ITU
JOÃO DIAS DE QUEIROZ FILHO	ITU
JORGE LUIZ LUNARDON SANTA ROSA	ITU
JÚLIO CESAR CONDOLO	ITU
LUIS CAMILO FRANCISCHINELLI	ITU
MARCOS BENEDITO PEREIRA	ITU
MARIA DO CARMO SALVADORI	ITU
MARIO LUIS MORAES G. PACHECO	ITU
NELSON CESAR BRUNI JR.	ITU
PAULO ANDRIETTA	ITU
REINALDO DO VALLE JR.	ITU
VALQUIRIA ELEZABETH CLINI	ITU
VICTOR CORRÊA FILHO	ITU
ADEMIR DALL ARA	SALTO
ANTONIO MARCOS ARAUJO SILVA	SALTO
BRAS BENEVENUTO ISOLA	SALTO
FRANCISCO CARLOS DE AGUIAR	SALTO
FRANCISCO XAVIER BETTIOL	SALTO
JOSÉ CARLOS SOMBINI	SALTO
JOSÉ FRATINI JR.	SALTO
MARI ISABEL GILBERTINI	SALTO
MARIA CRISTINA BOZZA	SALTO
PAULO DE MORAES JR.	SALTO
EDUARDO FUMIO KODA	INDAIATUBA
FERNANDO BORGES DE ALMEIDA	INDAIATUBA
LAÉRCIO FERREIRA	INDAIATUBA
LAERTE MAFFEIS	INDAIATUBA
SHIROSHI FUJIWARA	INDAIATUBA
LEONARDO CORREIA DE FARIA	PORTO FELIZ

O IBAO no desenvolvimento da avicultura

Douglas Kumano

Descendente de imigrantes japoneses moradores na zona rural de Itu, aprendi desde pequeno a falar o japonês. Meus pais possuíam uma pequena granja avícola onde toda minha família trabalhava. Mesmo tendo feito o primeiro grau no Cesário Motta com excelentes professores, tive sempre uma dificuldade enorme com a língua portuguesa.

Com muito desejo de aprender uma profissão técnica, matriculei-me no Ginásio Industrial existente no IBAO na década de 70. Para vir à escola, eu me meus irmãos vinhamos de carro até a Padaria Borasca – nenhum de nós tínhamos CNH. Deixávamos ali o carro parado e íamos a pé até as escolas onde cada uma de nós estudávamos. Terminado o Ginásio Industrial, continuei na mesma escola para frequentar o curso de Desenho Técnico Mecânico. Nesses cursos, adorava participar das aulas nas oficinas, onde ali descobri e aprendi com os professores Albertini e Rogério Seconello, o que era polegada, milímetros e micra….que são unidades de medidas em desenho técnico e mecânica. Aprendi fazer instalações elétricas com circuitos série e paralelos, quadros de distribuições elétricas e até algumas peças de marcenaria. A professora Célia Sitta e sua irmã Selma, foram minhas professoras. Célia, professora de português foi muito paciente comigo e me incentivou muito para aprender de forma fácil a língua portuguesa e Selma, mostrou-me a importância do idioma inglês.

Terminado o curso técnico, fui cursar administração de empresas em Sorocaba. Mas, quando fui fazer um estágio, pensei bem: optei em dedicar-me à avicultura. Fui para a Califórnia, EUA, e por um ano estagiei em granjas americanas.

Hoje, na Granja Kumano, onde sou socio com meus irmãos, sou responsável pela produção de ovos. Com os conhecimentos adquiridos no IBAO, eu mesmo fiz várias reformas nas instalações elétricas, mecanizei e automatizei a produção de ovos – 3 mil dúzias por dia.

Douglas Kumano
64 anos, casado com Regina Tome Kumano, 2 filhos: Erick e Anne.

De Desenhista Técnico a Operário de Deus

Padre Eduardo Tocachelo

Filho do ituano Laerto Tocachelo e da italiana Assunta Piva Tocachelo, natural de Treviso, nasci em 02/12/1961, na Rua São Judas Tadeu 45, na Vila Santa Terezinha. Meus pais tiveram 6 filhos, 5 homens, dos quais sou o caçula e uma irmã, a caçulinha.

Tive uma infância repleta de atividades lúdicas, como jogar futebol, nadar em laguinhos e em rio, pescar, usar estilingue com mamona e soltar "papagaio" (não se falava pipa no meu tempo). Era comum também a fubeca, o pega-pega e o rolimã. Como gostava de brincar com o carrinho de rolimã! Dava-me asas… Aliás, com essa brincadeira quase fui atropelado pelo carro dirigido pelo Sr. Zito Christofoeltti. Que susto para os dois! Minha vida estudantil pode ser assim resumida: cursei o Primário no Grupo Convenção e o Ginásio no Regente Feijó e no Berreta.

Dos 11 aos 14 anos, fui Guarda Mirim e, aos 14 anos, já trabalhava no Escritório Daldon como office-boy, fazendo cobranças, indo a bancos. Em seguida fui escriturário. Aos 15 anos, entrei no Seminário, mas ainda não sentia o apelo religioso. Saí, mas continuei indo frequentemente à missa.

Incentivado pelos meus irmãos, que apreciavam e admiravam meus desenhos de heróis e outras figuras de gibis, fui para o IBAO cursar Desenho Mecânico, no período noturno. Que maravilha! O curso era muito bom. Tive aulas de Física com o Prof. Renato Luciani, Matemática com o prof. Fontes, Técnica dos Materiais com o professor Laghi, Português com a professora Alice e História com o Tortorello. Mas, minhas aulas preferidas eram as do professor Albertini, as de Desenho Mecânico.

Com professores exigentes, a ansiedade antes das provas era muito intensa. As provas eram realmente difíceis e cheguei até a lançar mão de "colas" de fórmulas em Física e Matemática e datas em História. Nos recreios, como eram chamados os intervalos das aulas, jogava futebol na quadra, muitas vezes com a improvisada bola de meia e voltava suado para a sala. Lembro-me de alguns colegas de classe: Minoru Maeda, Marcio Benedito Fiaco, Antonio Claudio Silveira. As lembranças trazem-me a imagem dos banheiros da escola, que ainda não estavam modernizados. Ainda eram latrinas, que evitava utilizar. Quando formado fui trabalhar na ITUMOE – no setor de desenhos que ficava na rua do

Patrocínio e a fábrica na Caetano Ruggieri. A empresa fabricava máquinas para ração e implementos agrícolas.

Desejando aperfeiçoar-me no trabalho e atualizar-me, frequentei em São Paulo os cursos de Projetista de Ferramentas e Moldes de Plásticos na Pro-tec e na Art Mic.

Trabalhei então na MIMO, a empresa de brinquedos fundada em Itu na década de 50 pelos irmãos Sérgio e Elias Assum Sabbag. O auge da fábrica ocorreu na década de 70, chegando a ser a terceira maior fabricante de brinquedos do Brasil. Na MIMO, ajudei no desenvolvimento dos projetos do Fofão, da Fazendinha, do CONVERT (Tipo de Transformers) e outros.

Minha vida transcorria dentro dos padrões esperados. Trabalha, ganhava bem, tinha até namorada.... Mas, eis que, dos 22 aos 25 anos, fazendo parte doGrupo de Orações da Igreja Matriz da Candelária, fui tocado e a minha vocação sacerdotal emergiu clara e notoriamente, de forma incontestável.

Desejando uma vida de plena disponibilidade apostólica, pensava em realizar homilias inspiradoras, de qualidade, que favorecessem a compreensão da Palavra de Deus na vida dos fiéis. Almejava também ser um amável e bom orientador nas confissões, e ouvir com acolhimento para que a pessoa se sentisse confortável para falar, trazendo-lhe, junto com o arrependimento, a esperança e a Graça.

Desisti da profissão de Desenhista e deixando de trabalhar em projetos intelectuais e técnicos, fui procurar outro patrão: Jesus!

Em 1987, fui para o Seminário de Jundiaí, auxiliado pelo padre Chico, da Paróquia de São José. Lá, fiquei um ano. Era um dos motoristas de micro-ônibus que transportava os seminaristas, com revezamento semanal. Os dois anos do curso de Filosofia foram realizados na Faculdade São Francisco, no Pari, em São Paulo. Já o de Teologia aconteceu com os Salesianos, no Alto da Lapa. Estudava muito, até tarde da noite.

Terminado o Seminário, fui designado 1º Reitor do Seminário Propedêutico no Bom Jesus. Cuidava de todos os aspectos: compras, cardápio, acompanhamento dos estudos dos seminaristas em fase colegial, preparo dos mesmos para as orações e participação nas missas e no final do ano, avaliação junto com os pais para encaminhamento dos jovens ao Seminário Maior. Ali estive a partir de 1994 por 2 anos.

Em 1996, assumi a paróquia criada no bairro Cidade Nova, a da Sagrada Família, como primeiro pároco, onde acompanhei a construção do salão paroquial, organizei a catequese, comunidades e pastorais. Um intenso trabalho com grande participação dos fiéis.

Posteriormente, fui designado a atuar em paróquias de Salto, Louveira, Campo Limpo Paulista e Pirapora do Bom Jesus, antes de vir para Itu.

Adaptei a escrita técnica que aprendi na prancheta de desenho no IBAO, para uma forma pessoal. Sou bastante detalhista e penso que o Instituto Borges facilitou isso.

Aos jovens, afirmo sempre: Importante ter uma boa formação estudantil para buscar sua realização.

Paz e bem.

Padre Eduardo Tocachelo

Padre Diocesano, capelão do Colégio do Patrocinio onde celebra missas todos os sábados as 16 horas e às 7h do domingo e às 7h de terça a sexta-feira e atende confissões após as missas das terças feiras. Celebrante ainda em sistema de rodízio nas igrejas da Sagrada Família, Bom Jesus e São Benedito.

Colocando o aprendizado em prática

Eugenio Francischinelli

Fui aluno do IBAO quando fiz o curso Colegial Técnico na década de 1970, no período noturno com 45 alunos na classe, um período muito importante para minha formação educacional e profissional.

Por ser uma pessoa prática, desde pequeno não me sentia atraído por assuntos teóricos e, frequentando o colegial técnico, pude realizar meu sonho.

Hoje sou um comerciante e todo aquele aprendizado, posso colocar em prática.

Eugenio Claret Francischinelli
Data de nascimento 24/4/1959
Casado com Edna de Fátima Brichi
Três filhas casadas, Thaís, Tânia e Nádia e 5 netos

O IBAO pavimentou a minha estrada

Fernando Sampaio

O sentimento de ter estudado no Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO) é um misto de nostalgia, orgulho e gratidão. Sempre que passo na frente do prédio do IBAO dirigindo meu caminhão, lembro-me dos bons momentos que ali eu vivi. "Foi aí que começou minha estrada", digo sempre a companhia que tenho na boleia do meu caminhão.

Tudo começou depois de ter terminado o primeiro grau no Padre Bento. Entrei no IBAO em 1987 no curso de Desenho Mecânico. Adorava mecânica. Ajudava e viajava acompanhando meu pai que transportava blocos cerâmicos.

Uma escola tradicional e de qualidade, muitos sentem que receberam uma base sólida para o futuro. Professor Rocha, de Português, Natal de Desenho Técnico, Da. Edi, de Geografia, Antonio de Matemática. Além de nos ensinar as matérias básicas nos preparavam para o mercado de trabalho ou para a vida acadêmica. Além disso, o ambiente escolar e as amizades formadas ali, deixaram boas lembranças.

Formei amigos como Sergio Senhorini, de Salto, Luizinho, apelidado de Zebu, Adalberto imigrante da Hungria, Marcelo Fruet e tantos outros. A escola que se tornou mais do que um lugar de aprendizado e vira um espaço de crescimento, amizade e boas memórias. Como esquecer seu Virgílio o Português que nos dava tapa nas costas caso demorássemos a entrar nas salas de aula.

Isso é muito especial! Amizades feitas na escola costumam ser algumas das mais fortes e duradouras. E ter professores que realmente marcaram nossa trajetória faz toda a diferença.

A nostalgia de tempos bons, como a época da escola é algo que sinto muito. Foram momentos de aprendizado, risadas, desafios e crescimento, com pessoas que marcaram na minha vida.

E quem sabe um reencontro com amigos do IBAO, pode ser uma boa oportunidade para relembrar os velhos tempos e reviver um pouco daquela época especial!

Fernando Sampaio
Empresário no ramo de transportes, casado e pai da Vitória – Arquiteta.

Do IBAO para um Curso Superior de excelência

Gisela Bardelli

Em 1977, meus pais resolveram vir comigo e meus 3 irmãos morar na cidade de Itu. Estava eu com 15 anos numa cidade nova, onde a casa alugada por meu pai, ficava na Rua Benjamin Constant, na primeira esquina, duas quadras atrás do meu novo Colégio. Tive o privilégio de frequentar o 2º grau no IBAO, de 1977 a 1979, no curso de Habilitação de Desenho Mecânico.

Eu, adolescente naquela época, acabei por conhecer Itu, através do IBAO, numa mistura de estudos da grade escolar, do conhecer a cultura do povo Ituano, suas Igrejas, suas festas Religiosas e o que não pode faltar a qualquer jovem: amigos que fiz ali e que me acompanharam nos momentos de "curtir" muito tudo o que havia de melhor neste lugar. Que época maravilhosa! O IBAO, com a sua equipe de Professores, abriu meus horizontes e definiu a minha vocação. Não tenho como esquecer a relevância das aulas dos Professores: Luiz Gazzola (Biologia), Paulo Gazzola (Geografia), Selma (Gramática e Português), Sr. Albertini (Desenho Mecânico) e outros que deram luz em seguir a carreira que escolhi de Engenheira Agrônoma. Ensino de alta qualidade em todos os sentidos, quantas saudades. E a fanfarra, toquei o instrumento de nome "surdo maior", em dois "sete de Setembro", eu tão miudinha, aquilo dava dois de mim!

Ah!!!! E sempre, como já mencionado, misturando a vida escolar e a minha adolescência aos Bailes semanais do Clube do Comerciários, vez ou outra do Ituano Clube, rodeada dos colegas de minha classe do IBAO. Só quem viveu sabe o gostinho deste episódio de nossas vidas… quanta delícia!

O IBAO preparou e permitiu ter o conhecimento das matérias que me pontuariam no vestibular em Ciências Agronômicas, e eu entrei na UNESP Botucatu, com redação super bem pontuada, graças às aulas da Professora Selma.

Já na Faculdade de Engenharia Agronômica… segundo semestre, encontro o IBAO de novo em meus dias, com aulas de Desenho Técnico, as quais tirava de letra e ainda ensinava meus novos colegas a arte e conceitos desta matéria. Que gostoso manejar o compasso sobre papéis novamente, afinal isso faz parte da Engenharia.

Feliz do dia em que meus pais quiseram vir para Itu, morar ao lado do IBAO, ter estudado lá, ter revivido tudo em Botucatu e depois em minha carreira e desta até hoje.

IBAO, você foi escola e suporte em várias situações de minha vida profissional e pessoal. A você, como Instituto, meu muito obrigada e o meu reconhecimento, pois a Educação Escolar faz a essência de uma vida plena e sem limites nas oportunidades que fizeram parte do meu caminho por aqui. Muito Obrigado IBAO!

Gisela Bardelli
Engenheira Agrônoma
Paisagista, Técnica em Meio Ambiente e Gestão Ambiental
Meu celular e WhatsApp é: (11) 99907-0250
Itu/SP

Lembranças do Instituto Borges de Artes e Ofício

Hélio Tomba Júnior

Colegial – 2º grau – 1978 / 1979 / 1980

Em 1978, com 15 anos, a preocupação era buscar Escolas profissionalizantes, para facilitar a entrada no mercado de trabalho.

Nessa época, tínhamos duas Escolas Profissionalizantes: Escola de 2º Grau Junqueira Ortiz, que formava o aluno em Técnico em Contabilidade, em curso noturno e o Instituto Borges de Artes e Ofício – IBAO, que formava o aluno em Auxiliar de Desenhista Mecânico, em curso diurno, mas que em sua grade possuía matérias importantes para a preparação para o Vestibular das Faculdades.

Considero-me aqui uma pessoa privilegiada, pois com o apoio dos meus pais, escolhi fazer as duas escolas ao mesmo tempo: o IBAO no período diurno e o Junqueira Ortiz no período noturno. Confesso que não foi fácil, principalmente em épocas de provas, quando era necessário estudar para mais de uma prova por dia.

Nesse período tínhamos bastante atividades de Educação Física, com o Prof. Vadinho, (Prof. Osvaldo Garcia) principalmente jogos de futebol. E isso me fez lembrar de uma passagem: sempre gostei de futebol e vôlei, mas era melhor no vôlei, talvez pela altura. Quando tínhamos aulas de futebol, eu era o último a ser escolhido para formar o time, pois futebol não era o meu forte, e isso me incomodava. Até que um dia o Prof. Vadinho começou a colocar os dois goleiros para escolherem o time. Foi a partir daí que, como goleiro, eu escolhia o time, *rsrsrs*.

Boas lembranças também tenho das aulas de Química, ministradas pelo Prof. Luiz Gazzola e das aulas de Desenho Mecânico, em que o Prof. Albertini ensinava desenhos em perspectivas, peças diversas, utilizando a prancheta e as réguas de desenhista profissional. Aulas práticas dinâmicas. Muito!

Conclui os dois cursos, que me ajudaram no ingresso à faculdade de Administração de Empresas, FACCAS – Sorocaba.

Época da minha vida com grandes amizades, até hoje.

Hélio Tomba Júnior
Empresário, administrador de empresa.

IBAO, momentos inesquecíveis

José Henrique Piratelli

Primeiramente, agradeço a oportunidade de ser lembrado e convidado para poder participar deste precioso trabalho de escrever uma obra contando a história dessa Instituição de Ensino tão tradicional em nossa cidade de Itu, que completou 100 anos de existência. Realmente é uma história maravilhosa, de trabalho, estudos e de servir a comunidade, onde tantos ituanos e outros cidadãos de outras cidades estudaram, se formaram e se tornaram profissionais.

É realmente muito gratificante e emocionante lembrar do período que estudei nessa instituição, dos anos 1982 a 1984, onde tive ensinamentos não só na área pedagógica, como no convívio com meus colegas de classe, professores, diretores, funcionários e atividades paralelas, como, fanfarra, trabalhos extraclasse, trabalhos voluntários, esportes, enfim, fez parte de toda uma formação que trazemos para a vida toda. Embora, durante a minha carreira profissional nunca tenha atuado como Técnico em Desenho Mecânico, que foi a graduação do curso, até hoje uso esses conhecimentos, na minha vida particular, ou até mesmo as vezes na vida profissional, tamanho o nível de conhecimento adquirido nesses anos.

De forma geral, aproveito também esta oportunidade para agradecer esta instituição por existir e por eu ter tido a possibilidade de ser um de seus alunos, com muito orgulho.

São muitos acontecimentos e relatos que poderia aqui descrever, mas vou deixar aqui dois momentos significativos: um de participação nas atividades do IBAO e outro mais curioso, até engraçado.

Primeiro.

Quando iniciei os estudos no IBAO, a nossa origem era a E.E.P.G Convenção de Itu, na qual também vivi uma experiência fantástica na minha formação. Sempre fui um aluno muito participativo no período escolar, sempre estava presente nas atividades esportivas, cívicas, estudantis, fanfarra da escola entre outras. Lembro-me que no ano de 1982, primeiro ano no IBAO, próximo a 7 de setembro, eu e meu amigo Vander Pacheco, filho da D. Luizinha, que era inspetora de alunos, éramos fanáticos por tocar na fanfarra e queríamos muito desfilar pela escola Convenção, pois havíamos sido convidados, já que tocávamos lá há muitos anos, porém, não poderíamos deixar de participar pelo IBAO, além de ser nossa atual escola, valia pontos nas matérias e não queríamos

perder. Então, resolvemos que no dia do desfile daríamos um jeito de desfilar nas duas escolas, já que o Vander morava muito próximo da marginal onde ia ser o desfile, e havia um espaço de tempo razoável entre a passagem de uma escola e outra. O Convenção foi primeiro, então logo cedo nos alinhamos junto a escola, e encontramos colegas do IBAO que nos viram com os uniformes e instrumentos do Convenção e ficaram nos questionando. Não demos muita atenção e seguimos nosso plano. Assim que a escola do Convenção encerrou o desfile, corremos para a casa do Vander, trocamos de uniforme e instrumentos e voltamos correndo a marginal toda até o início e conseguimos chegar a tempo de desfilar pelo IBAO. Foi uma aventura e tanto, muita saudade desse tempo. Eu e o Vander somos amigos até hoje, estudamos juntos desde o pré-primário até a faculdade, trabalhamos anos na mesma empresa, depois tivemos destinos diferentes, mas tenho contato até hoje com ele e volta e meia nos encontramos para recordar os bons tempos.

Segundo.

Os banheiros do IBAO que os alunos usavam não eram como os de hoje, eram mais antigos e não tinha vaso sanitário. Eram aqueles banheiros de chão de agachar, com um buraco e dois pontos para colocar os pés. Então, um certo dia, eu entrei no banheiro e vi que as pernas de um aluno estavam esticadas para fora da portinha, fiquei assustado, chamei o inspetor, outros alunos, pois pensei que alguém tivesse passado mal, desmaiado. Na hora que abrimos a porta, o aluno ao invés de colocar os pés no local apropriado, colocou as mãos, e não conseguia acertar o buraco, sem contar que estava quase roxo de tanta força que estava fazendo para se manter naquela posição. Aí foi só risada, ele não sabia como usava a posição correta. Foi muito engraçado.

Bom, vou me despedindo por aqui, espero poder ter contribuído, desejo sucesso na conclusão da obra e fico à disposição.

Forte abraço.

José Henrique Piratelli

Administrador de empresa, casado com Cátia e pai de Alice.

Viagem no tempo

Lilian Rodrigues Almeida Santos

Incrível como uma única palavra, IBAO, fez-me viajar no tempo de forma que de uma primeira lembrança, sucessivamente, jorraram muitas outras.

Estudei da quarta série até a oitava na Escola Estadual de Primeiro Grau Convenção de Itu, como não pretendia ser Professora, nem trabalhar com Contabilidade, exclui tanto a Escola Berreta, quanto a Junqueira Ortiz; e conhecendo a fama do IBAO, de ser uma ótima escola, senão a melhor de nossa cidade, optei por matricular-me nela. A imponência do prédio encantava-me, assim como a do prédio do Convenção o fazia também.

Embora de certa forma, ir de uma para a outra, era apenas "atravessar a rua", por ser uma defronte a outra, confesso que estava muito triste, pois nenhuma das minhas queridas amigas estudariam lá comigo.

No entanto, logo no início, já conheci várias pessoas e fiz novas e grandes amizades, muitas das quais perduram até hoje, assim como amizades anteriores, apesar do tempo e da distância. Novas amizades, preenchem espaços, mas jamais apagam o amor e o carinho das outras, que também permanecem em nosso coração. Estudei no IBAO de 1979 a 1981, salvo engano meu. Estudei no período diurno e cursei Desenho Técnico Mecânico, que na época era o único curso disponível.

Na verdade, não imaginava tudo o que estaria incluso neste curso. A começar de Aulas na Oficina, na qual trabalhávamos no Torno Mecânico; nosso Professor era o Sr. Natal. Pasmem! Cheguei a fazer um parafuso e uma porca, porém com muito custo, pois tinha um medo terrível de ligar e desligar o torno; gritava, literalmente, feito uma louca, ao ligar e desligar. Havia ainda, matérias inesperadas, como Resistência dos Materiais, Matemática Aplicada e Física Aplicada, além, é claro, de Matemática, Física, Química, Português e demais normais ao currículo do Ensino Médio, como era chamado na época; todas as disciplinas muito importantes para a formação dos alunos.

Apesar de tudo, consegui me sair bem em todas elas. Resistência dos Materiais, era puro cálculo; umas fórmulas muito complexas. Nesta matéria, os rapazes da classe, ficavam muito bravos comigo, pois nas provas, eles normalmente usavam a fórmula simplificada e, ainda que eu usasse a mais complicada, mesmo assim chegava aos resultados antes.

Lembro de tantos alunos com muito carinho: Ana Clarissa, Ana Guilhermina, Antonio Carlos Barcelli, Claudinei, Eduardo Ettienne, Eliana Damato, Eliane Rigoni, Elias de Porto Feliz, Helena de Salto, João Carlos Baldi, João Zuchini, Noemi Lopes da Silva, que estudou conosco parte do primeiro ano e depois foi para o Paraná, estudar em um Colégio Adventista, Rita e outra Rita, ambas também residiam em Salto, Raul, Roberta, Sonia Simão, Teresa Simionato e Tércio. Quero pedir perdão, se omiti algum nome e, se grafei erroneamente algum nome ou sobrenome.

Lembro-me com efusão, que a Soninha Simão e eu, não sei se mais alguém também colaborou, realizamos uma exposição de poesias próprias e foi um sucesso.

Recordo ter participado de uma visita ao Museu do Ipiranga, em São Paulo, como representante do IBAO; fiquei fascinada com a beleza do local e com tudo que aprendi. Inclusive, visitamos um setor de restauração de documentos antigos. Na ocasião, conheci Ana Catherini, que também participou representando uma escola, mas não recordo qual. Ana era muito inteligente e educada.

Participei de uma excursão a Campos do Jordão, na qual conheci vários alunos, alguns do período noturno, fiquei bem amiga de um deles, Márcio Benedito Franco, cuja residência ainda frequento, gosto muito de sua mãe D. Tereza e de toda sua família. Sempre tive bom relacionamento com as famílias de meus amigos; assim foi com a da Soninha Simão, da Eliana Damato, da Teresa Simionato, dentre outras; amizades as quais prezo muito até hoje. Infelizmente, perdi o contato com muitos. Fui por um motivo bem diferente; embora gostasse muito de viajar e conhecer lugares diferentes, queria procurar um túmulo, pois um rapaz que era de lá, por quem eu tinha um Amor Platônico, havia falecido em um acidente e eu não acreditava. Chegando ao cemitério, expliquei a um funcionário o caso, e ele conhecia; então indicou-me o local onde jazia o JAIRO, detalhando que tinha uma bela cruz de madeira, a qual tinha sido feita pelo genitor dele, que era marceneiro. Infelizmente, constatei ser verdade e fiquei arrasada. Naquela ocasião, praticamente só conheci o cemitério.

Gostava muito de participar dos Desfiles de Sete de Setembro e no IBAO participei de dois: em um fui vestida de holandesa e no outro de dama antiga, quando usei um lindo vestido longo, verde esmeralda, com capa rendada cor de pérola, chiquérrimo! Fiz cachos nos cabelos, que pena, deste desfile não possuo nenhuma foto. Lembro que éramos um grupo de damas antigas e recordo que uma delas era a Luzia, com quem ainda tenho contato. Para mim, e creio que para elas também, foi um verdadeiro sonho!!!!!

Conheci uma pessoa maravilhosa, a quem amei muito: minha falecida cunhada Nadyr dos Santos Gredinaro, a qual se estivesse aqui, tenho certeza, daria seu depoimento com alegria e gratidão. Lembro que em várias ocasiões, ela ressaltou a importância que o IBAO teve em sua vida. Vindo morar em Itu, acredito que na década de 1950, estudou no IBAO, Prendas Domésticas e Economia Doméstica. Pouco tempo depois, seu pai faleceu e precisou trabalhar e o que aprendera foi muito útil, bem como após se casar, também o foi, especialmente a parte de economia doméstica. Quando me falava essas coisas, sempre tinha os olhos cheios de lágrimas, tomados por uma imensa emoção.

Também senti muita emoção em diferentes momentos. Quando cursava o terceiro ano, fui atropelada, fiquei dias em coma, cega e surda. Recuperei depois esses sentidos, mas tive lesões cerebrais, que afetaram minha memória. Não recordo mais ou menos quatro meses após o acidente; apenas sei as coisas que me contaram e ainda hoje tenho lapsos de memória que vem se exacerbando. Tenho o relato de uma amiga, Eliana, de que representei o IBAO em um Concurso sobre o Hino Nacional, não tenho memória disso, mas acredito nela e posso afirmar, que sem dúvida, isso foi algo importantíssimo para mim e que me encheu de júbilo, pois cada vez que ouço ou canto nosso hino, sinto como que uma explosão dentro do peito.

Aproveito para agradecer a todos, alunos, funcionários, professores, direção, pois sei que tive todo apoio, consideração, respaldo, não só desejando minha plena recuperação, mas também, para que a minha ausência por três meses de aula, não acarretasse minha reprovação, possibilitando-me a reposição de aulas, a feitura de trabalhos e provas. Assim, numa jornada estafante, mas frutífera, alcancei a aprovação final e tive a felicidade de terminar o curso juntamente com minha turma.

Certamente, tivemos o privilégio de sermos ensinados por ótimos professores, comprometidos com seu trabalho e empenhados em uma missão: ensinar efetivamente, cada um com suas características individuais e únicas, assim como cada matéria tem a sua especificidade.

Sinto-me honrada e eternamente grata por ser parte de uma instituição séria como essa, que nesses cem anos indubitavelmente abençoou de muitas formas a todos que estiveram sob seus auspícios; desejo que esse legado de vida continue e incentive a muitos outros.

Para fechar com chave de ouro, essa retrospectiva, lembrei, que na formatura, entramos ao som de *We are the champions*; não tenho certeza se na ocasião eu tinha ou se nós tínhamos a noção de que realmente éramos campeões, mas

hoje, certamente tenho! Campeã, pelo amor, graça e misericórdia de DEUS, que me sustentou, deu fôlego de vida e me fez prosseguir.

PARABÉNS, IBAO!!!!!!!!! Que venham mais cem.

Lilian Rodrigues Almeida Santos

viúva, mãe de dois filhos e uma filha; funcionária pública federal, trabalho no INSS, no momento em licença médica; formada em Direito.

Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO), em minha vida

Luis Antonio Camilotti

Natural de Itu/SP, nascido em 02 de novembro de 1961, com prazer faço um breve relato da importância do IBAO em minha formação.

Durante meu período de ensino fundamental, frequentei várias instituições: comecei no Centro Educacional SESI em 1969, passei pelo Grupo Escolar Dr. Cesário Motta até 1974 e finalizei na Escola Estadual Dr. Francisco Nardy Filho em 1976. As transferências ocorreram devido a orientações do sistema educacional, que visavam encaminhar os alunos para escolas próximas de suas casas.

Finalizado o primeiro grau, vem o desafio da nova fase da vida estudantil, com a oportunidade de fazer opção para início de formação profissional. Por ter iniciado a vida profissional muito cedo, aos 14 anos, já estava atuando como Auxiliar Administrativo quando do momento de ingressar no segundo grau. A formação do Colégio Técnico Mecânico teve grande peso na minha decisão, e daí veio a opção por estudar no IBAO, cuja meta era formar ao final dos 3 anos de Colégio, Auxiliar de Desenho Técnico Mecânico.

O início dessa honrosa caminhada foi no ano de 1977, com um grupo de alunos oriundos de toda a região, como Itu, Salto, Indaiatuba, Cabreúva e Porto Feliz. Essa atratividade dava- se pela forte reputação da formação técnica do IBAO. A classe tinha aproximadamente 40 alunos, com um grupo misto, e como ocorre em toda nossa passagem por diferentes escolas, se formou ali grupos de amigos que tinham maior afinidade, que comungavam de mesmos gostos, ideias e assim compartilhávamos nossas experiencias diárias e porque não dizer, de vida, apesar de nossa juventude (idades entre 17 e 20 anos via de regra). Começou então a nossa trajetória de anos de muito estudo, e formação de amizades importantes, numa convivência diária, com aulas das 19 às 23h, com um intervalo de 15 min.

O grupo que iniciou em 1977, sofreu algumas mudanças por conta de algumas desistências, mas a maioria concluiu com êxito o Colégio Técnico em 1979. Deveria ter todos os nomes dos alunos, mas, após tantos anos, me falha a lembrança de alguns, de toda forma vale lembrar, até para homenagear esse grupo muito vitorioso: Carlos Alberto Ming, Carlos Fioravante, Lourival A. Camargo (Primo), Rubens Castelo, João Batista, Camilo, Cadete, Minioli, Pérez, Alemão de Indaiatuba, Cabrera, Arnaldo, Silvia Camilotti, Isabel e muitos outros. Uma homenagem

que é sempre dolorosa, é daqueles que já nos deixaram, Waldemar Silva, Fatima Guerreiro, Claudio Carneiro, Rigoni, Agenor Bernardini, Osmar Barbosa, Antonio Carlos Lourençon, Luiz V. Callegari, que precocemente nos deixaram.

Como corpo docente, tínhamos um seleto grupo: Paulo Gazzola com a grade de disciplinas de Geografia e Historia, Luiz Gazzola em Ciências Biológicas, Professor Fontes, um mestre em Matemática, Professor Rocha de Português, Natal Buchignani nas atividades de Artes e Oficina Mecânica, Aparecida Bicudo em Inglês, Professor Albertini um mestre em Desenho Técnico, Renato Luciani, especialista em Química e Física, e outros que dedicaram muito tempo de suas vidas transferindo conhecimento técnico, disciplina e base educacional para continuidade de nossas vidas. Não posso deixar de destacar a direção do S.r. Ary Caricatte, Sra. Aparecida Camilotti, equipe da secretaria (D. Ivone), o carinho e vigilância do S.r. Virgílio (Português) no cumprimento de regras, como horário, disciplina extraclasse, enfim, uma combinação de elementos que fizeram do IBAO a mola propulsora na vida de todos nós.

Com o propósito de formação de segundo grau, combinado com a especialização técnica, a grade de estudo era elaborada com uma combinação de qualidade, atendendo requisitos de formação legal (áreas de Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Ciências), adicionado de conteúdo técnico (Mecânica, Desenho) e Aulas extras curriculares (Inglês, Artes, Música).

Após a conclusão do Colégio Técnico, foi muito natural a sequência de estudos na mesma área, ou seja, fiz curso de formação profissional e Mecânica Geral no SENAI, Projetos de Maquinas na PROTEC-SP, e formação Universitária, Graduação em Engenharia Operacional Mecânica (Tecnologia Modalidade Manutenção) na UNIMEP-Piracicaba/SP, Graduação em Licenciatura em Física na UNI-BF- São Paulo/SP, fazendo ainda cursos de Especialização em Engenharia de Produção na UNICAMP-Campinas/SP, Gestão de Produção na UFSCar-São Carlos/SP, Gestão Ambiental na Universidade Federal de Sta. Catarina (Polo SP) e finalmente em alinhamento com minha carreira profissional que se desenvolveu em projetos e processos na área de mineração, fiz um Mestrado em Processamento Mineral na Escola de Engenharia Mineral da Politécnica da USP-São Paulo/SP.

Atualmente, com 63 anos de idade, após minha aposentadoria, continuo atuando como Consultor de Engenharia em Processos Minerais, através de minha empresa, L.A. Camilotti ME – MINALAC.

Esse breve relato da evolução da minha formação de vida escolar e profissional, tem origem na minha formação básica, mas principalmente, na estrutura

técnica e de preparação pré-universitária dada pelo Instituto Borges de Artes e Ofícios – IBAO.

Em meu caso particular, o IBAO também fez parte da minha formação familiar, pois minha esposa Maria Lucia Bazalia Camilotti, também é ex-aluna do IBAO, onde fez o período Ginasial. Somos casados há 40 anos e temos 2 filhos, Gustavo Bazalia Camilotti (37 anos) e Guilherme Bazalia Camilotti (35 anos).

Para enriquecer esse breve relato, coloco abaixo anexos com fotos e documentos desse importante período iniciado em 1977 e finalizado em 1979.

Parte do grupo na formatura.

Luis Antonio Camilotti

Filho de Elpídio Camilotti (in memoriam) e Iraci Benedetti. Nascido em 02 de novembro de 1961, morador da cidade de Itu – SP. Casado com Maria Lucia Bazalia Camilotti, pai de Gustavo Bazalia Camilotti e Guilherme Bazalia Camilotti. Microempresário no segmento de Projetos e Consultorias em Processamentos Minerais.

Música, suor e trabalho

Luiz Gonzaga de Oliveira

Sempre me atraia ver as bandas do Carmo e a União dos Artistas se apresentarem nas procissões religiosas ou no coreto da Praça Padre Miguel. Imaginava um dia fazer parte de uma delas. O ano era 1967, e eu tinha menos de 10 anos de idade. Estudava no Grupo Escolar Convenção de Itu. Meu irmão Edson cursava o Ginásio Industrial no IBAO.

Por ocasião das festas e desfile de 7 de setembro, a fanfarra do IBAO começava os ensaios visando apresentação, e meu irmão Edson tocava corneta. Morávamos na Rua Joaquim Borges, perto da escola. No quintal de casa, eu via meu irmão treinando os toques da corneta. Aquilo me contagiava e eu pegava escondido a corneta, para tocar também. Numa ocasião, fui assistir ao ensaio na escola e pedi para o Prof. Zezé Dias, responsável pela fanfarra, se eu poderia tocar corneta também. Ele muito educado me deu uma corneta emprestada. Como eu já tinha feito ensaios em casa, passei no teste. Assim, por dois anos seguidos, participei de desfiles tocando na fanfara do IBAO sem ser efetivamente aluno da escola.

Terminado o quarto ano do Grupo Escolar Convenção, prestei exame de Admissão obrigatório para entrada no curso ginasial no Instituto de Educação Regente Feijó. Lá também participei intensamente da fanfarra do Prof. Alcides Scalet.

Após o curso ginasial fui admitido em 1973 na primeira turma do Curso Técnico Mecânico do IBAO, período noturno. Tive excelentes educadores como: Celia Sitta – Português, Paulo Roberto Gazzola – Geografia, Pilzio Nunciato Lelli, – Resistência dos materiais; Ademar Albertini – Desenho Técnico;, e José Carlos Fontes e José Roberto Pacheco Zanini – Matemática, Sebastião Aderbal Italiani, Benedito Tomba e Rogério Ceconello Prática de Mecânica, Eduardo Pellegrino Laghi – Física, Maria Luiza Gasparetto Nunes – Inglês (nos ensinou a música Skyline Pigeon de Elton John) e Osvaldo Garcia – Educação Física.

Durante o curso técnico em 1974, iniciei busca de meu primeiro emprego. De bicicleta, percorri algumas empresas e foi na Huziteka que consegui com 16 anos minha primeira oportunidade. A vaga era de Ajudante Geral. Candidatei-me, pois queria trabalhar. Durante a entrevista, o responsável do RH observando que cursava o Curso Técnico Mecânico no IBAO, percebendo que meus conhecimentos eram muito bons para ocupar essa vaga, ofereceu-me para ser Aprendiz de Desenhista Mecânico, ganhando mais. Aceitei de imediato. Meses

depois, a empresa Itumo procurou o Prof. Albertini querendo indicação para uma vaga de Desenhista Técnico Mecânico. Fui o indicado por ele e passei a ser o novo colaborador dessa empresa.

Um fato muito interessante e peculiar aconteceu durante as aulas de Educação Física do Prof. Vadinho. Ele introduziu aulas de boxe com luvas e capacetes. Foi improvisado um ringue, e os alunos praticavam como aula de Educação Física. Numa dessas aulas, estava eu "lutando" com o colega Berlofa, levei um cruzado no maxilar que me fez perder o rumo de casa. Desisti de frequentar aquelas aulas e fui para a turma de basquete.

Na comemoração dos 50 anos de IBAO em 1974, a escola estava organizando um grande evento, e o Prof. Paulo Roberto Gazzola, sabendo que eu tocava corneta, convidou-me para participar. Vários professores iriam proferir palavras alusivas ao jubileu. O professor combinou comigo que eu tocaria uma determinada música no final de sua fala, atrás das cortinas do palco como um fundo musical. Para que eu aprendesse a música, ele me deu um disco para ouvir e treinar em casa. Ouvi e ensaiei várias vezes. No dia da apresentação, e já no local, ansioso e nervoso que fiquei, esqueci como era a música a ser tocada. Como morava perto, corri até minha casa, coloquei o disco na vitrola e ouvi novamente. Voltei correndo para a escola assobiando a música. Felizmente deu tempo de me apresentar como combinado, no final das palavras do Prof. Gazzola.

Com sólidos conhecimentos adquiridos nesses anos que frequentei o IBAO e aliados ao cursinho que fiz na cidade de Salto, fui aprovado na Faculdade de Tecnologia de Sorocaba – FATEC para cursar mecânica. Como estagiário, fui admitido na Fábrica de Aços Paulista em Sorocaba. E anos depois, já formado Tecnólogo, fui funcionário da Singer do Brasil. Hoje sou proprietário da empresa Madeiras Gonzaga no ramo moveleiro.

Luiz Gonzaga de Oliveira

Comerciante, casado com Rose Lima, pai de dois filhos – Luiz Felipe e Camila e duas netas Helena e Betina.

Um acaso?

Márcio Roberto Fernandes Coelho

Acredito que, o mais impressionante de tudo é que quase não fui aluno do IBAO, pois já estava matriculado em um curso matutino no Berreta quando fui chamado em um concurso público para trabalhar no SAAE - Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Itu, em julho de 1991, e precisei estudar no período noturno. O IBAO foi a primeira escola onde fui pedir uma vaga e, graças a Deus, fui recebido de braços abertos. Frequentei o curso Desenho Técnico Mecânico, encerrado em 1993.

Foi um período maravilhoso. Lembro-me da emoção de fazer meus primeiros desenhos na prancheta; lembro também, de andar com a régua T junto com os cadernos. Dava medo de quebrar, mas me sentia importante, pois as pessoas olhavam com interesse e curiosidade para aquele material. Na época não entendia, mas hoje sei que eles reconheciam a importância e a qualidade do ensino do IBAO.

As matérias, disciplinas, oficinas do currículo do meu curso eram: Língua Portuguesa e Literatura, Inglês, Educação Artística, História, Geografia, Educação Moral e Cívica, Matemática, Física, Química, Biologia e Programa de Saúde, Desenho Técnico Mecânico, Organização e Normas, Resistência dos Materiais, Órgãos de Máquinas, Tecnologia dos Materiais, Produção Mecânica, Psicologia e Sociologia.

E para finalizar, gostaria de lembrar de uma figura histórica do IBAO, o zelador de lá, que nós chamávamos de Português. Eu tive pouco contato com ele, pois ele parecia estar sempre "brabo", mas sempre manteve as coisas em ordem por lá. A escola era bem cuidada e, com certeza, ele era um dos responsáveis por isso.

Gostaria de aproveitar para agradecer a oportunidade de ter estudado no IBAO e agradeço o ensejo de fazer parte dessa merecida homenagem. Deixo os meus parabéns a esta renomada e longeva escola, a qual tive a felicidade de frequentar.

Márcio Roberto Fernandes Coelho

Casado com Priscila, pai de três meninos, Natan, Vinicius e Gael, Contador formado pela UNISO, Servidor Público Municipal desde 1991, trabalha na Prefeitura de Itu, responsável pela Diretoria Orçamentária, e um dos responsáveis pela elaboração e execução do orçamento do município.

Quem disse que mulher não pode ser mecânica?

Maria Helena Pavanelli

Sou saltense, nascida em criada em Salto, mas como muitos outros da região, fui aluna do IBAO.

No início de 1970, soube que havia vaga para o Curso Técnico em Mecânica com duração de 3 anos. Fiz a matrícula escondida de minha mãe. Escolhi este curso, por dois motivos: o primeiro é porque amava ferramentas, desde menina, acompanhando e observando meu pai quando fazia reparos em casa. Conhecia todo o *kit* de ferramentas dele. O segundo, por amor ao desenho técnico. Não gostava das outras matérias, principalmente História, Geografia e Inglês. A língua Inglesa era minha maior dificuldade.

Por que fiz a matrícula escondida de minha mãe? É uma longa história…

Joaquim Pavanelli, natural de Jundiaí e a saltense Carolina Piratello, casaram-se em Salto e tiveram 11 filhos, dos quais sou a oitava.

Tive uma infância com muitas brincadeiras com os irmãos e crianças vizinhas no quintalão, o grande quintal comum aos fundos das casas da Brasital, onde meu pai trabalhava.

Com a família numerosa e salário do pai insuficiente, minha mãe decidiu aumentar a renda. Emprestou dinheiro da *nonna*, comprou um fardo de tecidos, camisetas, meias e outros artigos em Sorocaba e passou a vender esse material como "sacoleira". Pagou a *nonna* e continuou. Três irmãs fizeram o curso de corte e costura e logo se transformaram em grandes costureiras. Também fiz o curso, mas as roupas que costurava não apresentavam a mesma qualidade e estilo das que minhas irmãs criavam, por mais que me esforçasse. Então, desisti.

Minha mãe abriu uma loja em que vendia as roupas produzidas por minhas irmãs e de outra origem. Ela preferia que os filhos trabalhassem fora e lhe entregassem a contribuição familiar de seu salário. Preferia também que trabalhassem do que estudassem.

Parte de meu curso primário foi realizado no Grupo Escolar Tancredo do Amaral e concluído no Claudio Ribeiro.

Terminado o primário, fui trabalhar na Padaria. Pensava em ampliar minha renda e fui guardando dinheiro para comprar uma boa máquina fotográfica. Meu projeto era trabalhar com fotografia em cerimonias de casamento, noivado, batizado, aniversário… E assim aconteceu. Era bastante requisitada,

minhas fotos eram muito boas e bonitas, pois eu fotografava com amor e arte. Consegui, então comprar uma mobilete. Com ela fazia entregas das roupas feitas por minhas irmãs e ia a Itu para levar os filmes a serem revelados no Katahira. A compra da mobilete não causou grandes problemas familiares, pois residia com as minhas irmãs. Na época, nem precisava de habilitação para dirigir um ciclomotor.

Penso que, quanto ao empreendedorismo, "puxei à minha mãe", herdei dela essa característica, sem medo de arriscar.

Comprei logo um terreno na Bela Vista para construir uma casa pequena e simples e, embora não acreditassem, consegui erguer a casa e terminá-la. Meu pai ficou extremamente feliz., apesar de ter duvidado no começo.

Quando soube que uma quitanda com pequena mercearia estava à venda, quis comprá-la em sociedade com minha irmã Marcia, levantado um empréstimo bancário – e nem tínhamos conta nesse banco. A compra foi efetuada e, nesse período, tive um fusca. Até hoje, o espaço da quitanda está alugado…

Voltando ao IBAO, iniciei o curso lá, em 1970. A turma não era pequena, com mais ou menos 30 alunos. Ia de Salto para Itu de ônibus de linha, assim como outros colegas. Lembro de algumas colegas, da Zelma, da Andreazza…A mãe dela, D. Terezinha, era uma cozinheira maravilhosa que fundou com o marido o restaurante O Caipira.

Gostei muito de estudar no IBAO. Aprendi e aperfeiçoei minha aptidão para mecânica. Para mim, foi uma grande alegria quando o diretor disse que teria aulas na oficina. Quando as aulas eram nela, eu me encantava. Era um mundo muito familiar e repleto de sentido para mim.

O professor Albertini, exigente professor de Desenho Técnico, solicitava que cada aluno tivesse seu esquadro especial, seu compasso técnico completo e de qualidade, réguas, mais que uma, e o material era caro.

Precisava de um plano para ter uma renda extra. A ideia veio logo. Como não havia cantina na escola, poderia vender bombons aos alunos. Fiz o teste. Comprei os chocolates, coloquei-os em uma caixa e para minha alegria, vendi tudo no intervalo das aulas. E assim o fiz por um bom tempo. Adquiri os melhores materiais de desenho técnico e também comi muito chocolate.

Além de conseguir o dinheiro que precisava, fazia uma coisa que também gostava: vender. Amava e amo negócios. Penso que possuía boa habilidade como entusiasta vendedora, pois meus clientes eram fiéis. Sempre vendia tudo. Muitos colegas disseram que se tornaram grandes apreciadores de bombons, graças àquele tempo.

Minha família sempre foi muito unida e bastante religiosa. Ser missionária, propagando a evangelização e a fé, era um pensamento que me acompanhava há tempo. Acho que sempre quis ser missionaria, doar minha vida pelo anúncio de Jesus, não só com palavras, mas com ações.

Quando senti efetivamente o chamado, deixei tudo e ingressei na Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, fundada no Crato, Ceará, em 1923. Entrei para o noviciado em 1979, em Fortaleza. As irmãs não usavam hábito, o que me alegrava. Durante o período na capital cearense, trocava lâmpadas, consertava a enceradeira, ferro elétrico, liquidificador, trocava fios de telefone de um ambiente a outro… Enfim, fazia toda a manutenção necessária na Casa Teresiana.

Após anos, fui transferida para Oeiras, no Piauí, conhecida por sua rica história e religiosidade. Inserida na Caatinga, seu clima é semiárido, com altas temperaturas e chuvas escassas. Para visitar áreas periféricas e rurais, eu viajava na carroceria de caminhões ou na boleia, caminhando depois por longas distâncias sob o sol intenso, muitas vezes me hospedando em casas simples de moradores. Visitava as casas e convidava toda a vizinhança para ir à capela no dia em que havia padre para celebrar missas. Vida duríssima e paupérrima. Recentemente fiquei muito contente em receber o recado de uma das moradoras do povoado que me procurou na Casa Sede de Oeiras. Conseguimos conversar por telefone. Ela ainda se lembrava de mim na pastoral.

Na casa da congregação, certo dia precisei chamar um homem para consertar um problema. Eu fiquei olhando. Em certo momento, falei – não faça assim, melhor fazer do jeito que estou pedindo. Diante da teimosia do homem, eu disse para fazer como eu dizia, pois era eu que iria pagá-lo. Realizou o trabalho e falou: olha, deu certo! Como a senhora sabia? Lembrei-me do meu pai e do IBAO.

Hoje, Oieiras, que tem mais de 40% de habitantes em pobreza extrema, tem surpreendido por suas escolas na parte urbana. A cidade se destacou nacionalmente pelo seu alto índice do IDEB (Indice de Desenvolvimento da Educação Básica) com a Prova Brasil em Língua Portuguesa e Matemática. Grande lição.

Fiquei 32 anos na congregação. Voltei para Salto para cuidar de minhas irmãs. Essa é minha missão atual: cuidar delas e de sua loja.

Maria Helena Pavanelli

Saltense, 73 anos, atualmente cuida da família e de uma loja familiar.

O amor à flor da pele

Maria Luisa Sampaio

Muitas grandiosas histórias de amor se transformaram em belos filmes de Hollywood: Romeu e Julieta, Love Store, Uma Janela para o Céu, até mesmo Titanic. Nem todas com final feliz…

Quantas músicas nos trazem lembranças maravilhosas dos nossos tempos de adolescente e juventude que marcaram nossas vidas. Quantas outras belas histórias de amor aconteceram nas vidas de muitas outras pessoas.

Eu tinha apenas15 anos, mal havia deixado de brincar com minhas bonecas. Fui estudar Desenho Técnico no IBAO porque era perto de casa. Na sala, muitas meninas e meninos. Fiz novas amigas e novos amigos. E foi nesse período que algo estranho começou acontecer na minha vida. Algo parecido ou igual, retratado naquela música Xote das Meninas:

"Toda menina que enjoa da boneca, é sinal de que o amor já chegou no coração…" Um daqueles novos amigos, que se sentava na carteira atrás da minha, quando me olhava eu perdia a respiração.

Eu morava na rua Joaquim Borges e ele no Pirapitingui. Devido ao horário de ônibus ele chegava mais cedo na escola. Sentava-se no banco da praça, defronte a escola, e todos os dias ficava me esperando chegar para carregar meus cadernos. Entravamos juntos na escola. Éramos algo um pouco mais do que "bons" amigos. Nunca chegamos a namorar. No último dia do curso, ele me beijou e nunca mais nos vimos.

O tempo passou, me casei. Por razões que a própria razão desconhece, meu casamento entrou em crise, terminando na separação. Após oito anos divorciada, procurei o antigo colega do IBAO pelo seu nome no Facebook e o encontrei. Ele, também separado há dez anos, me procurou pelo apelido, mas não me encontrou. Agora, depois de 44 anos, estamos namorando e estudando a data do casamento. Tanto ele como eu guardamos com carinho e emoções os bons tempos que vivemos no IBAO. Tempo de aprendizado profissional com ótimos professores e um desabrochar para o amor. Nossa história tem um final feliz…

Maria Luisa Sampaio

Oficial Administrativo da Câmara Municipal, mãe de 2 meninos: Rodrigo e Marcelo. Ele, Henrique César Batista de Paula - Escrevente Jurídico Fórum de Sorocaba. Pai de 3 meninas; Ingrid, Dafni e Núbia e avô de Enzo, Cássio e Isabel.

Ex-aluno do IBAO, com muito orgulho

Moisés Roberto de Oliveira Calandrin

Minha relação com o Instituto Borges de Artes e Ofícios – IBAO é muito extensa e intensa, amplamente recheada de bons momentos e de relacionamentos interpessoais com os colegas, professores e funcionários.

No início dos anos 70, quando a minha mãe, Maria de Lourdes de Oliveira Calandrin, foi contratada para fazer parte da "secretaria" da escola e, posteriormente, veio a assumir a responsabilidade pela mesma, nesse momento eu comecei a conhecer o corpo de docente e de apoio da escola.

Em 1971, quando conclui meus estudos do curso primário, iniciei o curso Ginasial Técnico no IBAO e, posteriormente, o curso de Segundo Grau Profissionalizante em Desenho Técnico Mecânico, sempre com a maioria dos colegas, desde a época do curso ginasial, criando um forte vínculo de coleguismo.

Os colegas das salas foram muitos, com certeza esquecerei o nome de muita gente, peço desculpas. Lembro dos mais próximos, por exemplo: Benedito Domingos Calandrin – hoje aposentado da CPFL (meu primo), Antonio Valter Sanávio – ferramenteiro, Ronald R. Bruni, Freimar F. Bispo – oficial do exército, Carlos Roberto Dias – *In memoriam*, Carlos Roberto Vieira – *In memoriam*, Antonio Sérgio Xavier – ex-vereador *In memoriam*, Cláudio Carneiro, Emerson Aguiar – comerciante, Ademar da Silveira – aposentado, Jesus Navarro Perez (Zuzo) e Osmar Silveira Barbosa; estes dois eram os atletas da sala, participaram em diversas edições dos Jogos Interescolares e dos Jogos Regionais, conquistando muitas medalhas. E muitos outros colegas que vinham das cidades vizinhas, como Salto, Porto Feliz e Indaiatuba, que é caso do Sergio Norio Sanda – vinham para cá para realizar o curso do colegial técnico devido ao reconhecimento da instituição.

Quanto aos professores, vamos separá-los por área.

Área de formação específica, recordo dos professores: Rogério R. Ceconello – Mecânica, Edmir (não recordo o sobrenome) – Mecânica, Alberto (não recordo o sobrenome) – Marcenaria, Anníbal Miranda – Eletricidade, este tenho um especial carinho por ter sido grande amigo e padrinho, Adhemar Albertini e Natal Buchignani – Desenho Técnico Mecânico, Laghi – Resistência dos Materiais (ele vinha de Indaiatuba para lecionar).

Área de formação geral, recordo dos professores: Paulo Roberto Gazzola – História; Hélio Walter Tocheton *In memoriam* – Geografia; Rogério Lázaro

Tocheton *In memoriam* – Ciências (palestrino roxo); Anthenor Fruet *In memoriam* – Matemática; Prof.ª Helena Caricatte – Matemática; as irmãs Célia e Selma Sitta professoras de Português e Inglês respectivamente; Lourenço Carmignani *In memoriam* – Desenho Geométrico (outro palestrino roxo), Oswaldo Garcia (Vadinho) Educação Física as Prof.ª das meninas Sra. Maria do Carmo Buchignani, Osmar – Educação Física. E vários outros que passaram e deixaram a sua contribuição.

Na área de apoio posso citar o Prof. Ary Caricatte – Diretor, Sra. Luiza – Bibliotecária, Aparecida Camiloti (que posteriormente assumiu a secretaria) o casal de zeladores Virginio e Mariana Machado (portugueses gente muito boa) e meu tio José Leite de Souza, que por muitos anos tocava o sino informando e início e fim das aulas. Ele fazia também serviço de rua.

Quanto a minha mãe, ela e meu pai não conversavam sobre serviço na frente dos filhos, faziam de forma reservada, não posso relatar nada sobre isto, posso apenas relatar o que presenciei, pois ela ficava muito emocionada quando, nas formaturas, era lembrada pelas alunas. Sentia-se recompensada pelo trabalho árduo à frente da secretaria, numa época em que usavam a máquina de datilografia, preenchimento à mão das carteirinhas com as notas dos alunos, impressão com mimeógrafo a álcool e do preenchimento dos diplomas dos alunos.

Hoje fico de certa forma preocupado por estar ficando todo ano um pouco "mais experiente", pois toda vez que lembro que vários dos professores que tive foram homenageados com nomes de escolas, Ary Caricatte, Anthenor Fruet, Rogério L. Tocheton, Lourenço Carmignani, e da minha mãe, homenageada com o nome de uma rua curta lá no bairro do Potiguara, mas ao mesmo tempo eu penso que recebi uma instrução da melhor qualidade e de recordações de bons tempos. Não posso queixar-me de nada sobre a minha passagem no IBAO, só tenho boas recordações.

Moisés Roberto de Oliveira Calandrin

Filho mais novo de dois filhos do casal Roque e Maria de Lourdes de Oliveira Calandrin. Engenheiro mecânico, microempresário, casado com Jussara Maria Peixoto O.Calandrin, dois filhos João Emílio e Maria Bianca e avô da Alice Calandrin de dois anos. Ex-aluno do IBAO com muito orgulho.

Dos desenhos mecânicos à odontologia

Naira Cristina Fávaro Lisboa

Quando, aos nove anos de idade, acompanhei minha mãe a um tratamento dentário, fiquei impressionada com a profissional que realizava os procedimentos odontológicos. Uma mulher elegante, bonita (eu a achava linda), delicada, cuidava de minha mãe com muito carinho. Aquilo me encantava e eu desejei ser igual a ela.

Havia terminado o curso fundamental na escola Convenção e precisava escolher um colégio para fazer o ensino médio. E foi em 1983 que a minha história no IBAO começou. Como algumas amigas iam para o IBAO, e na época em Itu existiam poucos colégios de segundo grau, resolvi ir para lá também.

Minha intenção era fazer somente o primeiro ano no IBAO, depois mudar de colégio, pois eu tinha um sonho de fazer odontologia, e o IBAO, por ser um colégio profissionalizante na área de desenho mecânico, não era o curso indicado para mim.

Cursei o primeiro ano. Fiz muitos amigos e me apaixonei pela escola. Quando chegou o final daquele ano, a ideia inicial de mudar de escola estava fora de cogitação.

A partir do segundo ano começaram as matérias técnicas, como Desenho Mecânico e aulas na oficina. Aí começaram as minhas dificuldades com essas matérias. Lembro-me de um parafuso que tínhamos que fazer o desenho e depois, com a utilização do torno mecânico, confeccionar o parafuso. Mas com ajuda de uma amiga no desenho, do professor Homero Jonas Somenzori, de Desenho Mecânico, que fazia "vista grossa" para as imperfeições dos meus desenhos e do professor Natal Buchignani, que pacientemente entendeu a minha falta de habilidade na operação de tornos, na tomada de medidas com a utilização do paquímetro e o manuseio daquelas ferramentas, concluí o curso… Ufa!!!!

Simultaneamente a esse último ano, no curso do IBAO, fiz um curso pré-vestibular e no final daquele ano fui aprovada no vestibular e ingressei no curso de odontologia, pois era esse o meu sonho. Durante o curso de odontologia, uma disciplina abordava o ferramental. Algumas informações técnicas como resistência mecânica, têmpera, aço inoxidável, daquelas novas ferramentas que eu iria manusear, havia visto no IBAO. No meu consultório já resolvi pequenos problemas técnicos com os conhecimentos adquiridos no IBAO, como a troca de uma correia do compressor de ar.

Tenho boas lembranças do IBAO, dos professores, dos colegas e daquela oficina mecânica.

Em dia de eleições, aproveito para matar a saudade do IBAO pois voto lá, por escolha minha. Ao andar por aqueles corredores, por aquelas salas e por aquelas escadas, relembro uma época muito feliz da minha vida e da minha juventude.

Naira Cristina Fávaro Lisboa
57 anos, cirurgia dentista.

Saudade de outros tempos, outros valores

Raul Carlos da Silveira

Nos idos de 1975, iniciamos o Colegial Técnico no IBAO – Instituto Borges de Artes e Ofícios. Na época, dado as dificuldades financeiras encontradas pela minha família, onde prevalecia a pobreza e a simplicidade, quadro esse que não me permitiu cursar o Colegial no Regente Feijó durante o dia. Dessa forma, a saída era estudar o Colegial Noturno no IBAO e trabalhar durante o dia para complementar o orçamento familiar.

O Colegial Noturno no IBAO era excelente e, uma vez que era Colegial Técnico, tínhamos a oportunidade de já escolher a matéria que melhor entendêssemos como sendo a ideal para o trabalho. Eu optei pelo Curso de Metrologia e um dos primeiros empregos foi na Metalúrgica COBRA como Inspetor de Qualidade.

Foram três anos de uma experiência que jamais esquecerei. Maravilhosos, sob o firme comando do nosso Diretor na época, o Sr. Ary Caricatte, assessorado pela Dona Lourdes Calandrin.

Professores que jamais esquecerei, como o Sr. Lourenço Carmignani, Albertini, Firmo França, Rogério Ceconello, Zanini (na época também funcionário do Banco do Brasil), Natal e tantos outros que agora não me recordo.

Nos intervalos, íamos tomar um café na cantina, sempre monitorados de perto pelo Zelador Sr. Virgílio, um Português que morava lá dentro, muito ranzinza e muito gente boa também.

Enfim, depois de um dia duro de trabalho, íamos direto para a escola e de lá saíamos por volta das 22h40mim da noite. Sem nenhum saudosismo, mas tenho muitas saudades disso, outros tempos. Outros valores.

Nas oficinas, havia professores oriundos do Senai, os Srs. Benedito Tomba, Edson Italiani e Rogério Ceconello.

Nossa classe era composta quase que meio a meio com alunos de Salto, pois, na época, Brasital, Eucatex e várias outras empresas metalúrgicas de lá absorviam essa mão de obra muito qualificada, tida então como mão de obra técnica. Tínhamos um professor de Indaiatuba, Eduardo Laghi que era funcionário da Yammar do Brasil que programou várias visitas técnicas no sábado de manhã na Yammar, conceituada fábrica de tratores e implementos agrícolas existente até hoje em Indaiatuba. Confesso que foi numa dessas visitas que despertou em mim o interesse pela engenharia.

E foi isso que acabou acontecendo, pois fiz o vestibular e ingressei no curso de Engenharia de Produção na 1ª turma da Unimep – Universidade Metodista de Piracicaba. Entrei em 1978 e me formei em 1982. Na sequência, fiz dois Cursos de Pós-graduação na Unicamp, sendo eles Gestão Ambiental e Segurança e Higiene do Trabalho.

Confesso que a base que tive no Colegial Técnico do IBAO foi importantíssima para a minha carreira profissional. Entrei na FEPASA – Ferrovia Paulista S A como Engenheiro de Manutenção Júnior em 1982 e finalizei minha carreira após 20 anos como Superintendente Geral.

Enfim, o IBAO jamais sairá do meu coração.

Raul Carlos da Silveira
Engenheiro de Produção, natural de Itu.

Voo certeiro

Rosenilda de Paula Lima Oliveira

O ano era 1980, éramos recém-formados do então primeiro grau, ginásio, hoje conhecido como ensino fundamental II. Enfim... A dúvida era de todos: "para onde iríamos prosseguir com nossos estudos". Minha primeira escola, minha segunda casa, lugar que me fez sair do casulo que me protegia do mundo, a casa dos meus pais, agora me liberava para alçar um voo mais longe. Preparou-me da 1ª até a 8ª série (hoje 9º ano) a EE Francisco Nardy Filho e por aí encerrava. Fiquei um tanto perdida, mas sabia que não poderia perder tempo e teria que decidir rapidamente onde iria prosseguir com meus estudos. Cada colega foi para um lado separando uma boa parte da turma que me acompanhara nesses oito anos.

Sempre estudei de dia e o percurso de casa até a escola beirando o muro do estádio sentindo o aroma dos eucaliptos era tranquilo, curto e agradável. De repente tudo iria mudar. Como meu pai tinha uma borracharia e eu já completara 16 anos, era hora de ajudar em casa trabalhando de dia no escritório com a rotina própria dessa área. Assim, meu plano era estudar no período noturno.

Vi como opção escolher por completar meus estudos, que naquela época chamava-se colegial, no famoso Instituto Borges de Artes e Ofícios- IBAO. Era um curso técnico de desenho mecânico. Não planejei, mas como sabia que era uma ótima escola, para lá eu fui. Não me arrependi. Os primeiros anos foram um desafio. Parecia que estava descobrindo o mundo, saindo de perto das asas de meus pais, precisando me locomover sozinha de ônibus e conhecer novos colegas. De certa forma sentia-me liberta. Era tão bom poder conhecer novos ares, ter uma nova experiência, conhecer novos professores e disciplinas próprias da área técnica.

Éramos poucas meninas na turma e poucos alunos. A maioria, meninos. Mas foi uma experiência muito boa! Nossos colegas eram uns "gentleman" conosco. Éramos verdadeiros colegas de classe, muito respeito, muito cuidado. Os meninos nos ajudavam principalmente nas aulas de mecânica, em que tínhamos de fazer no torno um parafuso com a porca. É claro que nós, as meninas, não tínhamos habilidade com torno, e eles faziam para nós a tarefa que para a maioria dos meninos era tranquilo. Não havia rivalidade, somente ajuda mútua, e isso levei para a vida. As aulas com o professor

Albertini de projetos eram muito interessantes. Apesar de eu não seguir essa área, foram anos ótimos de formação, de conhecimento, de amizade. Todas as aulas eram valiosas. Professor Rocha de Português e Literatura, o professor José Carlos Fontes de Matemática, era gerente do então Banespa, muito paciencioso. No último ano, quase reprovei com aquela matéria de seno, cosseno, tangente, cotangente. Fiz várias recuperações até que consegui nota no último ano. Exatas para mim era um problema, Matemática, Química, Física não eram minha área. De qualquer forma sei que fui muito bem-preparada para seguir o próximo passo da minha vida acadêmica… cursar a faculdade. Os professores eram pacienciosos e muito competentes. As aulas eram tranquilas.

A aula que mais gostava era de projetos com o Prof. Albertini. Outros professores também foram importantes, Paulo e Luiz Gazola de Geografia e Biologia, Prof. Natal, Prof. Paulo Masatora Tsutsumi que foi nosso paraninfo, entre outros.

Em tudo nossos colegas meninos nos ajudavam. Na época eu precisava ter alguns materiais para essas aulas técnicas como transferidor bom, régua T e esquadros. E nem tudo eu podia adquirir. Além de nos auxiliar com os desenhos naquelas pranchetas grandes, também me emprestavam o que me faltava para entregar um bom trabalho.

Nossa formatura foi no salão da própria escola e fiquei muito vaidosa ao ser escolhida para conduzir até a mesa, o professor mais jovem e charmoso na época, Prof. José Francisco de Campos Feital, que na verdade não deu aula para nossa turma, mas era o paraninfo da turma da manhã.

Enfim… o IBAO formou-me em desenho técnico mecânico, curso que poucas meninas na minha época se interessavam, mas tenho certeza que foi a escola que melhor me preparou para a profissional que me tornei depois. Fui da turma "Dr. Raul de Paula Leite" de 1982, dando um salto para meu terceiro voo na área acadêmica. Formei-me em Letras na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras N.S. do Patrocínio.

Escolhi a educação para a minha vida. Lecionar era um prazer. Passei 25 anos em sala de aula numa das melhores escolas da cidade… EE Dr. Cesário Motta. Como a vida é feita de ciclos, após a aposentaria na área de educação parto agora para uma nova experiência no empreendedorismo, trazendo para Itu uma unidade que cuida de pessoas.

"Tudo vale a pena quando a alma não é pequena" já dizia o poeta Fernando Pessoa. Não segui como projetista, mas o percurso de três anos no IBAO foi enriquecedor e contribuiu para meu amadurecimento.

Rosenilda de Paula Lima de Oliveira

Nascida em Itu a 31 de outubro de 1964. Formou-se em Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocinio, lecionando por 25 anos língua portuguesa na Escola Estadual Cesário Motta. Atualmente empreendedora no ramo de cuidados especializados em domicilio, administrando a empresa franqueada Acuidar Itu

Um músico no IBAO – 1969 a 1972

Tadeu Vannucci

Gostava muito de estudar no IBAO. Tive muitos bons professores, infelizmente não me lembro de todos eles, mas alguns ficaram na memória, talvez por gostar mais da matéria que ministravam. Professora de Inglês Celia Sitta, professor de Ciências Zinho Toccheton, de Matemática Anthenor Fruet, de Desenho Técnico Professor Carmignani (que, na minha memória, sempre associei sua imagem ao artista de novela Mario Lago), de Artes e Ofícios Prof. Alberto e Prof. Rogerio Ceconello.

Também gostava muito das aulas de Educação Física que eram realizadas no período da tarde. Eu ia de bicicleta até a escola. Um dia, após o término da aula, voltei para minha casa. Na mesma tarde, já quase 18 horas, resolvi dar uma volta de bicicleta. Não a encontrei em minha casa, foi aí que me lembrei de que havia esquecido a "magrela" na escola. Fui até o IBAO e lá estava *a bike* estacionada. *Rsrs*

Mas, as aulas de que eu mais gostava eram as de Artes e Ofício. Lembro-me de quando fui utilizar uma marreta pela primeira vez, errei a pontaria e acertei o dedão da mão esquerda. Sangrou muito e fui socorrido pelos professores, que logo enfaixaram meu dedão. A marreta parece um martelo, mas é muito mais pesada. Aprendi a usar muitas ferramentas e máquinas, como Torno, Furadeira, Serra Elétrica e outras. Também tínhamos aulas de elétrica.

Isso foi muito útil para mim, tanto que em 1985, quando tive a ideia de abrir uma loja de instrumentos musicais, como não tinha muito recurso financeiro, eu comprei material (madeiras, carpetes, parafusos etc.) e fiz todas as prateleiras, divisórias e expositores da minha Loja. Inclusive, fiz na minha casa uma bancada e tenho uma pequena oficina, que utilizo como *hobby*.

A única lembrança triste que tenho foi uma coincidência. No dia 12/12/1972, organizamos um churrasco de comemoração de nossa formatura, na Chácara do Prof. Zinho Toccheton (a entrega dos Diplomas seria no dia seguinte). Sobrou muita carne desse churrasco e dividimos entre nós e cada aluno levou um pouco para casa. Cheguei em casa no final da tarde e logo depois meu pai chegou do serviço. Ele era pedreiro. Falei para ele que havia sobrado muita carne da festa de minha formatura, que havíamos dividido entre os alunos e que eu havia trazido a minha parte da carne. Naquele mesmo dia, foi entregue uma mesa nova de cozinha, em fórmica, que meu pai havia comprado. *"Então*

vamos estrear a mesa nova! Sua mãe frita essa carne e vamos comê-la estreando a mesa ", disse ele.

Como ele fazia sempre, deixou a mochila do trabalho e disse que ia tomar sua cachacinha num bar de costume (Bar Cruzeiro) próximo de casa.

Quando estava retornando para casa teve um mal súbito (AVC) e caiu na rua. Foi socorrido, mas infelizmente, na madrugada veio a notícia que havia falecido.

Uma triste coincidência que não tem como esquecer.

Quanto ao IBAO, para mim, foi uma ótima escola, onde aprendi muito e só tenho boas lembranças dos professores, funcionários e amigos dessa época.

Jose Tadeu Vannucci

67 anos, casado com Catia Rosa, filho de Oscar Vannucci e Ignez Trettel Vannucci.
Proprietário da loja Vannucci Instrumentos Musicais.

Para uma vida inteira

Valter Vitor Boff

Entre 1983 e 1984, fiz o curso Desenho Mecânico no período noturno. Deveria ter uns 36 alunos em nossa sala.

Das escolas que estudei, tenho o IBAO como a melhor.

Saudades das amizades que fiz! Que ainda hoje encontro, mesmo que esporadicamente.

Nossos professores excelentes!

Sr. Albertini dispensa comentários! Didático e talentoso. Até hoje uso seus ensinamentos. Gratidão!

Sr. Fontes, o professor de Matemática, enérgico e muito correto.

Sr. Rocha, professor de Língua Portuguesa, sensacional!

Tivemos muitos outros, todos excepcionais. Caso contrário não lecionariam no IBAO.

Não podíamos chegar atrasado, era uma disciplina e tanto!

O português que ficava no portão corria atrás de nós.

Porém, não havia quem "matasse" aula, pois o divertido era estar lá dentro, todos juntos e a hora de ir embora era triste.

Rindo e estudando, ninguém queria ser o pior da sala. Boas lembranças!!

A importância de ter me formado nessa turma é inquestionável. Até hoje trabalho com desenho técnico e tenho uma empresa do ramo.

Só tenho a agradecer ao Instituto Borges de Artes e Ofícios por ter me preparado para o meu Ofício de uma vida inteira!

Gratidão!

Valter Vitor Boff
63 anos. Empresário, casado com Cristiane Regina de Freitas Boff.
Três filhos: Guilherme, Gustavo e Juliana; netas Julia e Manoela.

IBAO, uma escola de belas artes

Zelma Glasen de Oliveira

Arte: palavra de origem latina, *ars*, *artis*, significa técnica, habilidade natural ou adquirida, maneira de ser ou de agir. Segundo o dicionário Houaiss, arte é a "produção consciente de obras, formas ou objetos, voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana".

Na verdade, a arte transforma a forma de imaginar e de entender o mundo. É uma forma de um indivíduo expressar as suas emoções, história e cultura por meio de valores estéticos, como beleza, harmonia e equilíbrio. Por meio da história da arte, é possível conhecer um pouco mais sobre o ser humano através da evolução das suas diversas expressões, ou conhecer a história e as tradições de um país através de suas manifestações culturais.

Sou filha de desenhista. Meu pai se aposentou como desenhista da então Light/Eletropaulo. Vivi minha infância sempre perto de desenhos, canetas a nanquim e papeis vegetal. Tinha em minha casa um espaço onde eu já realizava algumas produções de desenhos artísticos. Pintava camisetas, fazia bijuterias etc.

Eu já estava cursando no período da manhã o 2° colegial no Regente Feijó, e meu irmão, Zelci, resolveu cursar à noite desenho mecânico no IBAO em 1973. Como éramos muito unidos, fui cursar também. Acho que éramos a primeira turma do novo curso da instituição. A minha turma era ótima, muita gente na classe, fiz boas amizades que cultivo até hoje. Tinha alunos de todo tipo: alegres, brincalhões, sérios, esportistas. Teve até quem seguiu, depois do curso, carreiras religiosas: um padre e uma freira. As aulas e as orientações de bons professores como Albertini, de Desenho Mecânico; Zanini, de Matemática, Física e Mecânica; Selma, de Português; e Luiz Gazzola.

O estudo e o desenho da perspectiva de uma peça possibilitaram-me ampliar meu universo criativo, associando a criatividade com a técnica. Terminado o 2º Grau no Regente Feijó, cursei a Faculdade de Belas Artes de São Paulo, onde os aprendizados do IBAO foram fundamentais para que eu pudesse aproveitar muito bem o curso superior. Viajava todos os dias para São Paulo e, à noite, fazia o 3º e último ano do IBAO.

Zelma Glasen de Oliveira

Artista plástica, mãe de Aline, Maíra e Caian. Funcionária pública da Prefeitura de Itu, na Secretaria de Turismo na organização e decoração dos eventos.

O Segundo Grau Profissionalizante

Com a lei 5692 de 11 de agosto de1971, ocorrida em um período autoritário permeado de conflitos, sob o governo de Emilio G, Medici, e Jarbas Passarinho como Ministro da Educação, novas diretrizes e bases para a Educação nacional foram estabelecidas, aqui resumidas, de acordo com as características desta antologia

- O ensino fundamental, então chamado primeiro grau, foi estendido até a oitava série, o que ampliou a obrigatoriedade escolar e extinguiu os exames de admissão. Dois fatores positivos;
- Os ginásios industriais deixaram de existir;
- O ensino de segundo grau passou a ter como principal objetivo a profissionalização tanto nas escolas particulares, como públicas. Este caráter tecnicista motivou muitas críticas.

A educação de segundo grau deveria ser vinculada ao mundo do trabalho e as habilitações propostas, uma alteração radical. As aulas deveriam ser fornecidas primeiramente com uma base de estudos gerais e em seguida de profissionalização. Já o ensino de 2º grau passou a ter profissionalização compulsória. A lei determinava que todas as escolas que ofertassem essa modalidade deveriam ter cursos profissionalizantes. Acrescente-se que houve a inclusão obrigatória de disciplinas como Educação Artística, Educação Física, Programas de Saúde e Organização Social e Política Brasileira. Filosofia e Sociologia foram retiradas do currículo. Os cursos poderiam ter duração de 3 anos com carga horária de 2200 horas ou 4 anos com 2900 horas.

Necessário destacar que as escolas estaduais e muitas particulares enfrentavam dificuldades para oferecer um ensino profissionalizante de qualidade. Questões relacionadas à reformulação curricular, problemas pedagógicos, baixa qualificação dos professores e a falta de infraestrutura, como oficinas e laboratórios, estavam no centro dessa situação.

De acordo com Folino, 2024, p.183*, não foi simples, nem fácil realizar as transformações do Ensino Secundário em cursos profissionalizantes, nem mesmo com convênios e associações, como as autoridades da época cogitaram. As escolas, em geral, não se adaptaram a contento e a experiência fracassou. O fato é que, com raríssimas exceções, nem escolas públicas, nem particulares atingiram as exigências do mercado. Eram tensões de todos os lados: das escolas públicas, sem verba e sem adequação; das particulares que reclamavam estarem à beira da falência; dos alunos descontentes com sua formação; do mercado de trabalho insatisfeito com a baixa qualidade da mão de obra recebida*.

Foi grande o impacto da lei para o IBAO, pela extinção do ginásio industrial, curso que chegou a ter mais de 1400 alunos nos três períodos, além do encerramento da parceria com a Secretaria Estadual de Educação, que causou grande problema financeiro.

No entanto, nova parceria pode ser estabelecida posteriormente com a Secretaria da Educação, e como se pode imaginar, o Instituto Borges teve um outro tempo glorioso, com seu Ensino Técnico muito elogiado.

Em 1982, a Lei nº 7.044 reformulou a Lei nº 5.692/71 e retirou a obrigatoriedade da habilitação profissional no ensino de segundo grau.

Nova reformulação exigida para o IBAO.

Referências

FOLINO, Vilma Pavão. ITU é a História: múltiplos olhares sobre a Educação. Salto,SP, Editora Fox xTablet,2024.

KUENZER, Acácia Zeneida (Org). Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 3° Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil. Petrópolis,R J, Editora Vozes, 2007.

https://www12.senado.leg.br/noticias/materias

https://www.planalto.gov.br > ccivil_03 > leis

https:/www.portal.mec.gov.br>article.

A importância da segurança do trabalho

Segurança, segundo o dicionário Aurélio (Ferreira 1999): "Condição daquele ou daquilo em que se possa confiar" e Segurança do Trabalho é "um conjunto de medidas e práticas adotadas para prevenir acidentes e doenças ocupacionais". Quando tudo isso começou? Vamos viajar no tempo, voltando a aproximadamente 2 mil anos antes de Cristo. Vamos folhear o Antigo Testamento: - Êxodo Cap. 21, vers. 33: "Se alguém deixar uma cisterna aberta ou abrir uma sem cobri-la, e nela cair um boi ou um jumento, o proprietário da cisterna pagará uma indenização: reembolsará em dinheiro o proprietário do animal morto". - Deuteronômio Cap. 22, vers. 8: "Quando construíres uma casa nova, farás uma grade de proteção em volta do teto, para que não se derrame sangue sobre a tua casa, se alguém viesse a cair lá de cima".

No ano de 1802, nasceu a Revolução Industrial na Inglaterra. Galpões foram transformados em fábricas e, com isso, pessoas foram levadas a um novo tipo de trabalho sem a mínima preparação. O Parlamento inglês, observando o crescente número de acidentes e doenças do trabalho, começou a pesquisar as causas, emitindo um relatório: *Diante desta comissão desfilou longa procissão de trabalhadores, homens e mulheres, meninos e meninas. Abobalhados, doentes, deformados, degradados na sua qualidade humana, cada um deles era clara evidência de uma vida arruinada, um quadro vivo da crueldade do homem para com o homem, uma impiedosa condenação daqueles legisladores que, quando em suas mãos detinham poder imenso, abandonaram os fracos à mercê dos fortes.* Foi a partir desse acontecimento que surgiu a Lei das Fábricas ou Factory Act, que foi a 1ª Lei de proteção aos trabalhadores.

Em 1905, no Rio de Janeiro, começou a construção da Usina Ribeirão das Lajes, no meio da Serra do Mar. A malária assolava a região. Como medida de proteção aos trabalhadores, a Light contratou o médico sanitarista Abel Vargas, que estudou as características do mosquito transmissor da malária e tomou as medidas necessárias de profilaxia. Apesar da concentração de cerca de 4000 homens, não se registrou a ocorrência de malária epidêmica. No Governo de Getúlio Vargas, foi instituída a CIPA. No ano de 1978, foram criadas pela Portaria 3214 de 08 de junho das 1978 as 28 primeiras Normas Regulamentadoras, as NR's. Hoje são 37 as Normas Regulamentadoras.

Em 27 de novembro de 1985, através da Lei nº 7.410, foi regulamentada a profissão de Técnico de Segurança do Trabalho, que tem por atribuições informar empregadores e funcionários sobre riscos presentes em cada ambiente de trabalho, desenvolver campanhas e projetos capazes de neutralizar ou eliminar

os riscos de acidentes do trabalho. Desde então, a data passou a ser considerada Dia Nacional do Técnico em Segurança do Trabalho.

Já o Dia da Segurança no Trabalho, de acordo com a Lei nº 11.121/2005, é comemorado no Brasil em 28 de abril, data que também marca o Dia Mundial da Segurança e Saúde no Trabalho, criado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). A comemoração visa conscientizar e reforçar o compromisso com ambientes laborais seguros e saudáveis e homenagear os profissionais que ficaram incapacitados, feridos, adoeceram ou faleceram devido às suas atividades profissionais.

Um religioso cuida da alma de alguém que morre em acidente do trabalho.
Um médico cuida de um acidentado, tentando salvá-lo da morte.
Um técnico de segurança evita essa tragédia.

Referências

Revistas – Memória Eletropaulo. São Paulo-SP: Departamento do Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 1995-2001, in https://atom.arquivoestado.sp.gov.br, acesso em 05 de maio de 2025.

Depoimentos de quem iniciou seus estudos sobre Segurança no Trabalho, no Instituto Borges de Artes e Ofícios, testemunham a brilhante atuação da escola como base de sua formação profissional nessa área. Esses relatos constituem o importante e valioso componente desta antologia, *O IBAO E EU*.

O IBAO E EU

IBAO: Uma família

Aloisio Salvador

Recordo-me da primeira vez que entrei no IBAO. A escadaria no hall de entrada foi a primeira coisa que me chamou a atenção, a limpeza, o cuidado, a beleza eram apenas uma amostra do que eu iria encontrar nos anos seguintes.

Sempre me chamou a atenção o carinho e a dedicação com que todos os que trabalham aqui têm pela instituição e uns pelos outros.

Somos uma família e, como toda família, somos feitos de pessoas diferentes. Personalidades diferentes, mas todos com o mesmo amor.

Por esses anos que estou aqui, recordo muitas pessoas que passaram como alunos, funcionários, professores. Espero ter deixado algum ensinamento… Aprendi muito com todos eles.

Comecei no IBAO como professor de Inglês e professor auxiliar de Desenho Mecânico. Lecionei nos cursos livres de idiomas, nos cursos técnicos de Desenho, Segurança do Trabalho e Enfermagem.

Tenho orgulho de fazer parte de uma equipe tão seleta como é o corpo docente desta escola. Isso motiva para que possamos dar o melhor de nós. Como professores, temos certa autonomia para conduzir nosso currículo e nossas aulas.

Certa vez pudemos fazer uma "cooking class" (aula de culinária) com os alunos do Curso Livre de Inglês, na qual praticamos a Língua Inglesa na receita, preparação, confecção e consumo de um símbolo da cultura norte-americana o "hot dog" (cachorro quente). Foi muito produtivo.

Meu parâmetro para saber se estou no caminho certo na preparação

de meus alunos é a prova do ENEM. Enquanto houver alunos que dizem que a prova do ENEM estava fácil, ou que ela é mais fácil do que minhas provas, acredito que estou cumprindo minha parte na preparação de nossos estudantes.

É engraçado ver a sala do primeiro ano, logo que começam o curso, carinhas de criança. No final do terceiro ano estão com aspectos de jovens, adultos. Na formatura, sem o uniforme do dia a dia, então, ficam quase irreconhecíveis.

É muito bom encontrar ex-alunos depois de algum tempo que se formaram nesta casa e ver que estão bem. Tornaram-se pessoas com suas vidas e carreiras e saber que você teve uma pequena parte nesse sucesso.

Aloisio Salvador

Professor atuando na rede estadual e particular, escolas de idiomas e preparação para vestibular e concursos. Formado em Licenciatura Plena em Letras (Português e Inglês); Pós graduando em Gestão Escolar e diversos cursos ligados à área de idiomas, magistério e tecnologia. Professor de Inglês, Inglês Instrumental, Português, Português Instrumental e Português para Fins Específicos (Redação e Leitura, Desenho Mecânico) desde 1999.

A experiência e segurança no trabalho

Fernando Reatti

Sou Técnico de Segurança do Trabalho, uma área na qual atuo desde 1982, sendo um dos pioneiros na prevenção à saúde ocupacional do trabalhador. Junto com a direção de nossa gloriosa instituição de ensino, o IBAO, cujo foco sempre foi a formação profissional, constatamos que havia uma precariedade na formação de Técnicos de Segurança do Trabalho para exercer essa profissão. Assim, para atender a essa demanda, na década de 90, foi instituído um curso voltado para a formação desses profissionais, atendendo às necessidades das empresas locais, que anteriormente precisavam trazer profissionais de fora ou enviar seus colaboradores para formação em outras cidades.

O sucesso foi grande, e com o ingresso desses formandos no mercado de trabalho, nossa região atraiu o interesse de cidades vizinhas como Salto, Porto Feliz, Sorocaba, Tietê, Cerquilho, Laranjal Paulista, entre outras. O ensino de qualidade ilibada, juntamente com a gratuidade oferecida à população, foram grandes atrativos.

Em 1997, fui convidado a substituir um professor e amigo, o Sr. Edilberto Cardoso, que assumia novas funções profissionais, ficando impossibilitado de continuar lecionando no curso. Assim, herdei as aulas de Prevenção e Controle de Perdas, Prevenção de Sinistros, Primeiros Socorros a Acidentados (vale lembrar que não tínhamos SAMU naquela época), Administração, Legislação Aplicada, e a Coordenação de Estágios, pois é obrigatório que os formandos concluam os estágios para serem homologados junto ao Ministério do Trabalho.

Como Coordenador de Estágios, tive a oportunidade de conhecer e visitar, junto com os formandos, centenas de empresas, onde éramos recebidos com grande respeito e credibilidade devido à reputação de nossa escola. Algumas dessas empresas de destaque incluíam Indústrias Mangotex, Hidro Alumínio, Starrett, Bravox, Eucatex, Cosan, Schincariol, entre outras. A maioria dos formandos que desejavam ingressar na área saía empregada, e a procura pelo curso foi crescendo, tornando necessário instituir um processo de admissão devido à grande demanda.

Nesta honrosa instituição permaneci até 2007, quando me afastei por motivos profissionais, porém levei comigo um aprendizado incalculável de profissionalismo, dedicação, e o compromisso de preparar a sociedade laborativa para os desafios do mercado profissional.

É importante salientar que toda escola tem como matéria-prima o ser humano. Pais, filhos e familiares confiam à escola seu bem maior, que são seus entes queridos, e a escola é responsável por lapidá-los e prepará-los, papel que o IBAO desempenha com maestria e dedicação em seu objetivo de tornar o mundo um lugar melhor.

Parabéns IBAO, que venham mais centenas de anos de sucesso, pois a equipe composta pela mesa diretora, diretoria, secretaria, corpo docente e demais servidores representa o sucesso de nosso glorioso IBAO.

Fernado Reatti

Natural de Amparo,68 anos, casado, 2 filhos, Administrador de Empresa, empresário e residente em Itu.

Memórias de um professor

Josué de Oliveira Souza Filho

No começo da minha carreira como professor de matemática, como não era concursado, precisava fazer cadastro nas escolas para conseguir aulas como professor substituto, e no início de fevereiro de 1991, percorri algumas escolas estaduais em Itu, como Regente Feijó, Berreta, Nardy, Peri etc.

Enquanto caminhava, passei em frente ao IBAO, uma escola que eu ainda não conhecia. Ao entrar no saguão, que era realmente um lugar encantador, fui recebido por uma senhora muito gentil e sorridente, que me chamou de Saddam Husseim (provavelmente por causa do meu bigode…rs). Essa senhora era Dona Zilda Trettel, a vice-diretora da instituição. Expliquei que estava realizando cadastros emcolas para lecionar. Ela me informou que o IBAO era uma escola privada, não estadual, e mencionou que estavam buscando um professor de Combate a Sinistros para o curso de Técnico em Segurança do Trabalho. Perguntou sobre minha formação, e eu disse que sou Tecnólogo em Mecânica de Processos de Produção e que tive algumas noções de segurança do trabalho, embora não tivesse experiência nessa área específica. Mostrei meu diploma, e ela analisou e afirmou que eu poderia, sim, dar essas aulas. Em seguida, ela me apresentou à diretora, Dona Ivone Salesiane, já me considerando o novo professor do curso de Técnico em Segurança.

Saímos para conhecer o prédio, caminhamos pelo pátio e nos dirigimos até a sala de aula onde eu, provavelmente, iria lecionar. Voltamos para a sala dela, onde ouvi um resumo da história do Instituto Borges de Artes e Ofícios, em seguida fomos até o departamento pessoal para fazer um registro provisório. Tudo isso em uma segunda feira. Foi combinado que na sexta feira próxima eu estaria lá para as duas primeiras aulas. Fiquei encantado com a escola. No mesmo dia fui atrás de materiais para organizar as aulas. Assim, me preparei para minha nova empreitada, que encarei com muita responsabilidade.

Já no primeiro dia de aula, 08/02/1991, fui recebido no portão pelo Sr. Virgílio, era o caseiro e o guardião do IBAO, um português muito simpático, que disse: *"entra menino você é o novo professor desta casa"*. Dona Zilda me levou até a sala dos professores, onde fui apresentado aos colegas, e em seguida me acompanhou até a sala de aula me apresentando aos estudantes. Ao iniciar as aulas, comentei sobre o conteúdo que iriamos ver durante o bimestre, ocorrendo de forma tranquila. No meu segundo dia, o professor de biologia, Luís Gazola, que também era diretor da

UNIT, veio conversar comigo a respeito do meu carro. Ele me ofereceu a possibilidade de estacioná-lo dentro do pátio da escola, informando que um funcionário da UNIT abriria o portão e que os professores costumavam dar uma gratificação a ele. Esse primeiro ano foi tranquilo, me dei muito bem com a turma. Sempre me convidavam para sair com eles depois das aulas.

Durante os anos sucessivos, fizemos muitas visitas a empresas da região. Na *Votocel*, fábrica de papel em Votorantim os alunos participaram de um treinamento de combate a incêndio. Lembro-me que, durante o treinamento, uma das alunas acabou direcionando água com o extintor de incêndio em um dos técnicos que estavam dando o curso, encharcando suas calças. No final do treinamento, mesmo com as calças molhadas, entregou os certificados os alunos. Na *Eletropaulo*, em Salto, fomos recebidos pelo engenheiro da empresa Edson Carlos de Oliveira, um grande parceiro do IBAO. Ao entrarmos no pátio deparamos com muitas galinhas espalhadas por todo espaço. Ficamos curiosos ao ver tantas galinhas. Ele explicou que havia ali muitos escorpiões e o predador natural deles eram as galinhas. Durante esses anos todos no IBAO o Edson nos brindou com duas palestras técnicas: sobre a NR10 – segurança de serviços com a eletricidade do Ministério do Trabalho e Emprego e sobre as ondas eletromagnéticas emitidas por equipamentos elétricos e eletrônicos. Na *Eucatex Química*, em Salto, tivemos a oportunidade de conhecer todo processo de fabricação de tintas e os rigorosos procedimentos de segurança do trabalho em uma indústria química. No aeroporto de Viracopos, em Campinas, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer uma curiosidade interessante: o motivo pelo qual os veículos de combate a incêndios são amarelos. Isso facilita a visualização dos pilotos em dias de difícil pousos, caso estejam nas pistas. Conheceram também a logística e os procedimentos de segurança do trabalho em casos de acidentes com aeronaves. Na *Starrett*, várias turmas adquiriram um conhecimento significativo sobre normas e processos de segurança no ambiente de uma que muito aprenderam com as regras e procedimentos de segurança do trabalho em uma fábrica de ferramentas, serras e instrumentos de medição. Outra empresa visitada também foi a *EMICOL*, metalúrgica fabricante de controles e componentes eletromecânicos para a indústria branca, que tem como um dos responsáveis técnicos da segurança do trabalho um ex-aluno do IBA, o Fernando Marcon.

Uma atividade extracurricular interessante que fizemos com os alunos, foi a visita à Feira Internacional de Segurança do Trabalho, a 8ª FISP 1994, onde os alunos tiveram a oportunidade de ver de perto tudo que havia de mais moderno em segurança do trabalho. Visitaram os quase 300 estandes, coletando

contatos das empresas de equipamentos de segurança e de equipes para treinamentos. Além disso, trouxeram muitos catálogos, livros sobre a NR atualizada e ganharam brindes de diversos expositores.

Nesses anos todos, participei e incentivei, juntamente com outros professores e alunos, a realização das Semanas Internas de Prevenção de Acidentes do Trabalho – SIPAT, com temas variados e palestrantes convidados pelos alunos, como o Dr. Alberto Silva, que abordou, em oportunidades diferentes, relacionamentos interpessoais e tabagismo. Montamos também a Brigada de Incêndio e as equipes de primeiros socorros para uma ação rápida e efetiva em caso de sinistro.

Fui por duas vezes convidado pelos alunos para ser paraninfo da turma de Segurança do Trabalho. Em uma das turmas, o convite foi muito interessante e criativo. Eu estava na aula quando a inspetora de alunos entrou e disse que o coordenador estava me chamando. Quando voltei, havia uma caixa muito bonita na mesa, e os estudantes diziam: *"Abre, abre!"*. Achei que era um presente do Dia dos Professores. Quando abri, veio a surpresa: além do presente de uma garrafa de vinho com uma taça, o convite, que tive que ler em voz alta, meio embargada.

Em 21 de novembro de 2010, foi um dia muito triste para a família IBAO. Nossa querida "Abelha Rainha", era assim que eu a chamava, Dona Ivone faleceu. Somos gratos por nos proporcionar um ambiente onde pudemos aprender tanto e, ao mesmo tempo, onde pudemos ter a segurança de errar e aprender com os nossos erros. Dona Ivone, agradecemos a Deus por todos esses anos de convivência, por todas as conversas que tivemos sua trajetória como educadora e líder será sempre uma verdadeira inspiração para todos nós.

A turma de 2020 foi bastante desafiadora devido à pandemia. Os alunos ficaram seis meses sem aulas e, em seguida, mais seis meses com aulas online. As aulas presenciais foram organizadas em sistema de revezamento, devido ao número reduzido de alunos nas salas. Nesse período, pedi afastamento; inicialmente, solicitei um ano, mas a direção não concordou, pois havia poucos estudantes e as distâncias entre eles eram grandes. Retornei às aulas online por algumas semanas, e muitos alunos abandonaram o curso, restando apenas 16, que permaneceram até o final.

Ao longo dos meus 34 anos de IBAO, reconheço que a instituição prestou relevantes serviços à comunidade e formou excelentes profissionais nas mais diferentes áreas do saber, inclusive dois excelentes professores que atuam hoje na instituição.

Josué de Oliveira Souza Filho

Sorocabano, casado e residente em Cabreúva. Professor desde 1991 aos dias atuais

De Coordenador de curso a Perito Judicial

Luiz Alberto Rizzi

Minha relação com o IBAO, começou em 21 de fevereiro de 1985, quando fui convidado para ministrar a matéria de Organização e Normas.

Nesse período também fui assistente do curso de Produção Mecânica com o professor Natal

Classe pequena no curso diurno, onde dei os primeiros passos na carreira de professor desse querido IBAO.

Já no período de 1986 a 1998, passei a dar aulas no curso diurno e noturno, na matéria de Resistência dos Materiais e Tecnologia dos Materiais no curso do Ensino Médio de 2º grau.

No ano de 2002, passei a ministrar aulas no curso de Técnico de Segurança do Trabalho, o que ocorreu até 2013.

Durante esses anos também fui o Coordenador do Curso de Técnico de Segurança do Trabalho, tendo participado da formação de vários técnicos que estão espalhados pelas indústrias do Estado de São Paulo e outros estados, inclusive alguns alunos se formaram em Engenharia e fizeram especialização em Segurança do Trabalho sendo hoje Perito Judicial.

Foi uma experiência muito agradável conviver com vários professores da minha área de formação e também de outras áreas.

Só tenho a agradecer pela experiência adquirida no IBAO, para meu crescimento profissional e ser hoje reconhecido por muitos alunos na minha vida pessoal.

Luiz Alberto Rizzi
Casado, engenheiro de produção e engenheiro de segurança do trabalho.

Formando líderes para a Segurança do Trabalho

Severo Gregório Lima

Nascido em Mariana, Minas Gerais, em 23 de novembro de 1952, tive infância comum como todo e qualquer menino de cidade do interior. Minha mãe trabalhava em tecelagem em Mariana. Como a Gerais Empresa em Mariana fechou, muitos empregados foram trabalhar em Barbacena, também no Estado de Minas Gerais. Aos 18 anos, fui para São João Del Rei.Fui para o Rio de Janeiro, onde participei da Escola de Material Bélico na especialidade de Mecânico de Viaturas. Como sargento, fui transferido para a unidade do 2º Exército, em Itu – SP. Já em Itu, procurando concluir o curso de segundo grau, me matriculei no Instituto de Educação Regente Feijó. Lá, durante o curso, na mesma sala de aula, conheci minha futura esposa. No nosso primeiro cruzar de olhares, olhei para aquela jovem bonita, meiga e pensei: "Que graça de pessoa". Ela, por sua vez, depois me confidenciou que, quando cruzamos os olhares, ficou impressionada com meu semblante sério e pensou: "Que rapaz sério, parece autoritário". Quando nos apresentamos — "Meu nome é Severo", "O meu é Graça" —, ela concluiu. Rimos muito das coincidências dos nossos nomes. Iniciamos o namoro no dia da nossa formatura. Participamos intensamente do GIVOCA – Grupo de Incentivo às Vocações na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária.

Sargento do Exército, fui transferido para Barueri. Viajava todos os dias às 05h30 até Barueri com o ônibus da Viação Anhanguera. Junto comigo viajavam também tantos outros passageiros que trabalhavam em São Paulo. Certa ocasião, o ônibus quebrou durante a viagem. Os passageiros ficaram preocupados, pois essa parada comprometia sua chegada a tempo no trabalho ou compromissos. Especializado em mecânica de veículos pelo Exército Brasileiro*, arregacei as mangas* da farda. Com a permissão do motorista, abri a tampa traseira, onde estava o motor do ônibus, e procurei o defeito que interrompeu a viagem. Com auxílio de outros passageiros, corrigimos o defeito e seguimos viagem sem atrasos nos horários.

Os cursos de formação para Supervisor de Segurança do Trabalho começaram a ser ministrados a partir de 1973, pela Fundacentro. A Fundacentro ministrou cursos de qualificação e especialização em parceria com diversas instituições de ensino. Com efeito, a Secretaria de Relações do Trabalho em

Sorocaba implantou no ano de 1978, o curso com duração de 6 meses. E em 1981, me matriculei.

Em 1985, a profissão finalmente regulamentada pela Lei n° 7.410, de 27de novembro do mesmo ano, e Decreto n° 92.350, de 09 de abril de 1986, sendo denominada "Técnico de Segurança do Trabalho". A criação da Lei unifica e corrige desequilíbrios e outros erros da formação do profissional.

Deixei o Exército e comecei a trabalhar na Starret Ind. e Com. Ltda.

O IBAO, percebendo demanda de profissionais de Segurança no trabalho, em Itu e na região, buscou parceria com a Fundacentro. Para a formação do corpo docente deste novo curso, o IBAO recorreu às empresas da região que indicaram profissionais para compor o quadro de professores.

A Starrett Ind. e Com. Ltda indicou o Supervisor de Segurança, Severo Gregório Lima.

E em 1990, teve início o Curso de Técnico de Segurança do trabalho nas instalações do IBAO / Itu. A primeira turma era composta por 44 alunos.

Como membro integrante do corpo docente, recebi a designação para lecionar a matéria Recursos Áudio Visuais, mas no ano seguinte fui obrigado a me afastar da escola.

Essa matéria, compunha a grade curricular do primeiro ano e tinha como objetivo o emprego de recursos gráficos e áudio visuais, que transmitiam informações sobre prevenção de acidentes e conscientização dos trabalhadores da necessidade de proteção e preservação da saúde. Gostava de salientar aos alunos que a profissão de Técnico de Segurança do Trabalho, para ser exercida com responsabilidade e sucesso, exige de cada um, muita iniciativa e criatividade, pois as Normas de Segurança ajudam a identificar os riscos, enquanto as soluções para a eliminação ou neutralização dos riscos encontrados dependem de fatores externos e de conhecimento dos processos produtivos.

"Maior patrimônio do trabalhador é a sua saúde, que lhe permite o acesso diário ao posto de trabalho".

Severo Gregório Lima

Casado há 46 anos e pai de duas filhas. Licenciatura plena em Estudos Sociais na Faculdade N. Sra. do Patrocinio; formação de instrutor de treinamento pelo Senai/Itu. Sócio proprietário de uma indústria cerâmica e mantém todos os equipamentos rigorosamente dentro das Normas Regulamentadoras.

Primeira Turma – 1990

Silas Croco

Em 1990, comecei a estudar no Instituto Borges de Arte e Ofícios (IBAO), na primeira turma de Segurança do Trabalho. Na época, por falta de TST na região, as indústrias e o IBAO, fizeram um acordo e organizaram a primeira turma do curso de Técnico de Segurança do Trabalho, que foi integrado ao Ensino Médio, com duração de três anos.

Empresas das cidades de Itu e Salto enviaram alunos para fazer o curso técnico (Schincariol, Alufer, Emicol, Jacuzzi, etc.), totalizando mais de 50 alunos.

Não tínhamos muita noção de SST na época, mas eu, que já havia trabalhado em uma usina de açúcar e álcool na região de Santa Bárbara d'Oeste, tinha acompanhado algumas ações de prevenção dos técnicos da empresa, como organização de SIPAT, palestras de conscientização, treinamentos e gerenciamento de EPIs.

No início, nossos professores eram: Professor Severo (TST da Starrett na época), Edilberto, Josué (Segurança do Trabalho), Professor Antônio (Matemática), Professor Dirceu (Desenho), Professora Sandra, Professora Ivana, Professora Edi, Professora Neusa e outros de quem não me recordo no momento. A diretoria era composta pela Dona Ivone (diretora), Dona Zilda (vice-diretora) e Cleide (secretária). Também havia o bedel, Sr. Virgílio Português, conhecido por seu português carregado de palavrões e por frequentemente querer fechar a escola mais cedo, muitas vezes expulsando os alunos das salas de aula.

O Professor Dirceu tinha, na época, a mania de colocar apelidos nos alunos; tínhamos o Tarzan, o Cipó, o Neném, entre outros.

Outro aspecto marcante era a cantina da escola, administrada pelo Gaúcho e sua família. A cantina oferecia de tudo: doces, refrigerantes, etc. O que mais me marcou foi o fato de que o Gaúcho não perdia um velório no antigo velório municipal, na esquina da praça. Ele servia como uma espécie de obituário informal para a escola, anunciando quem tinha falecido.

O curso se desenvolveu bem, e éramos chamados de "cobaias" por sermos a primeira turma, mas todos se formaram com louvor em 1992.

Na época, era exigido estágio, e eu fiz o meu em uma grande empresa eletroeletrônica em Itu, onde permaneci por 18 anos na área de segurança e meio ambiente. Devo minha carreira nessa área, em grande parte, ao IBAO e a essa empresa, que transformou minha vida pessoal profissional e financeira. Iniciei como

ajudante de caminhão e saí como coordenador de segurança e meio ambiente.

O curso de TST ainda abriu portas para que me aventurasse na vida acadêmica. Fiz minha graduação em Tecnólogo em Gestão Ambiental (UNISO) e pós-graduação em Gestão Integrada (Segurança, Meio Ambiente, Qualidade e Responsabilidade Social,(Senac Sorocaba).

Tinha o sonho de voltar como professor ao IBAO, para contribuir com a área de SST, de que tanto gosto, e com esta instituição que me acolheu e trabalhar na formação profissionais capacitados. Em 2010, fui convidado pelo IBAO para ser professor no curso Técnico de Meio Ambiente, onde ajudei a formar algumas turmas. Infelizmente, o curso foi extinto, e passei a dar aulas apenas no curso de TST (Matérias: Meio, Ambiente Análise de Risco, Legislação, Controle de Perdas, etc.). Estou até hoje, dividindo as aulas à noite e durante o dia atuando na minha empresa de prestação de serviços na área de segurança e meio ambiente (Crocus Ambiental Ltda.). Também administro grupos no WhatsApp e Facebook sobre vagas e assuntos técnicos na área de segurança e meio ambiente, onde já indiquei vários profissionais e alunos para vagas e estágios.

Como toda minha família estudou no IBAO, minha filha Ana Carolina foi a segunda. Ela fez o ensino médio e, posteriormente, faculdade de Engenharia de Produção. Hoje, mora e trabalha nos EUA, na Mercedes Vans. Graças ao ensino gratuito do IBAO, teve uma ótima base e incentivo para fazer sua faculdade de engenharia, conquistando o sonho de ser cidadã do mundo.

Em seguida, minha esposa se formou em TST e hoje me ajuda a administrar a empresa.

Por último, meu filho Luiz Augusto fez o Ensino Médio no IBAO e, em seguida, faculdade de Administração. Posteriormente, voltou e se formou em TST. Hoje, trabalha como Coordenador de segurança do trabalho em uma grande empresa, viajando pelo país.

O IBAO é uma história de família e sucesso. Tudo o que somos hoje tem uma boa parcela de responsabilidade do IBAO, e por isso sinto-me agradecido e acolhido.

Agradeço a todos os profissionais nesta caminhada, que me ajudaram e ajudam, sejam TSTs, engenheiros, médicos, advogados, profissionais de RH, diretores de empresa, entre outros. E, principalmente, aos meus mestres, alunos e colegas de trabalho.

Silas Croco

Casado com Jussara Fatima Corti Croco.
Pai Ana Carolina e Luiz Augusto e vovo Hazel.

De Técnico a Engenheiro de Segurança do Trabalho

Fernando José Marcon

Conheço o IBAO desde muito jovem. Estudei, praticamente, toda a minha vida na Praça Conde de Parnaíba, onde tive a oportunidade de frequentar o prédio do Instituto durante uma reforma da minha escola – Convenção de Itu. Foi ali que minha mãe, com grande entusiasmo, decretou: 'Você estudará aqui quando se formar'. Essa orientação, quase uma ordem, vinha do enorme prestígio que o IBAO tinha na época. A instituição era referência na formação colegial, integrando o ensino médio à formação profissional e promovendo o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos.

Seguindo o "conselho" de minha mãe, matriculei-me, após o "Temido Vestibular", no curso de Habilitação Profissional Parcial de Desenhista Mecânico - Auxiliar de Desenhista Mecânico. Essa escolha se deu por conta da minha experiência prévia como Auxiliar Técnico em Mecânica de Refrigeração, vinda de meu primeiro Professor, na vida profissional, que foi "Luizão" Cavacchini. Ele foi um grande incentivador e continua sendo uma referência na minha formação até hoje.

Durante minha formação em Desenho Mecânico, tive contato com o curso de Técnico em Segurança do Trabalho e me encantei com a área. A possibilidade de prevenir acidentes e promover a saúde dos trabalhadores me motivou a mudar de direção.

A paixão pela nova profissão era tão grande que decidi abandonar um emprego estável e seguro para me dedicar integralmente à Segurança do Trabalho. Essa decisão, embora desafiadora, foi uma das melhores que já tomei. Durante o curso, tive a oportunidade de estagiar na Loppiano Segurança e Medicina do Trabalho, sob a orientação dos Engenheiros Edson Carlos de Oliveira e Lair Francisco Guelfi. Essa experiência me proporcionou um contato prático com a área e abriu as portas para minha carreira profissional.

Os Professores do IBAO foram muito mais do que simples transmissores de conhecimento. Eles nos proporcionaram uma experiência de aprendizado completa, combinando teoria e prática. Além de nos ensinar as Normas e Procedimentos da Segurança do Trabalho, eles nos transmitiram valores como ética, respeito e empatia, fundamentais para o exercício da profissão. Mestres, diretoras, colaboradores, como:

Ana Maria dos Santos, Ana Paula Bastos Lisboa, Antônio Carlos Rocha, Antônio Pereira Gomes, Antônio Fernando Reatti, Benedito Edilberto Cardoso, Cleide Scavacini da Rocha, Dirceu Perazoli, Ivana, Ivani Rodrigues da Silveira, Ivone Salesiani Teixeira Guimaraes, Josué De Oliveira Filho, Luiz Alberto Rizzi, Luiz Augusto Gazzola, Maria Tereza Paula Leite, Nanci - Nanci Moraes Cintra, Natal Buchignani, Neusa Von Matter, Sandra Maria De Moraes, Wanderley Barbosa, Zilda Trettel, entre muitos outros…

Graças aos ensinamentos desses profissionais excepcionais, pude desenvolver as habilidades necessárias para atuar na área de Segurança do Trabalho. Agradeço a cada um deles por terem contribuído para minha formação e por terem me mostrado o caminho para o sucesso.

O IBAO sempre foi sinônimo de rigor e organização. Lembro-me com carinho da auxiliar, Da. Cida,.de sua gentileza e dedicação tanto aos alunos quanto à preservação do ambiente escolar. Era uma figura inspiradora, capaz de oferecer palavras de conforto e motivação a todos. Suas ações, aparentemente simples, moldaram gerações de alunos, contribuindo também para que hoje colhêssemos os frutos de uma educação de qualidade.

As amizades forjadas no IBAO são um capítulo à parte. Os primeiros amores, as conquistas profissionais, os sonhos compartilhados… tudo isso nos une por laços que transcendem o tempo. Lembro-me com carinho dos salgados da cantina, que alimentavam não só o corpo, mas também a alma, enquanto conversávamos sobre os planos para o futuro…

Quantas histórias! Uma das frases que mais me marcou durante o curso foi dita pelo professor Fernando, já no início do curso: 'Vou apresentar algumas fotos impactantes, se preparem para o que está por vir. Temos um mundo a conquistar e não permitiremos que sinistros como esses ocorram novamente'. Aquelas imagens, que retratavam sinistros com consequências trágicas, foram um choque de realidade para todos nós. No entanto, foram elas que me impulsionaram, como também meus colegas, a seguir a carreira em Segurança do Trabalho, com o objetivo de prevenir que novas tragédias acontecessem.

As viagens com a professora Neusa eram sempre uma aventura! Lembro-me com especial carinho daquela para São Tomé das Letras. A chuva incessante transformou a viagem em um verdadeiro desafio, com o ônibus atolado em meio à lama. Mas, apesar das dificuldades, a união do grupo e a boa disposição da professora tornaram tudo mais leve e divertido. Chegamos ao destino praticamente sem roupas secas, mas com o coração cheio de alegria. A experiência de compartilhar momentos de aventura e superação com os colegas de classe fortaleceu ainda mais nossos laços de amizade.

Uma boa história: eu, já formado como Técnico em Segurança e finalizando meu primeiro curso superior, recebi um convite especial da professora Ana Lisboa para palestrar para os alunos do IBAO. No dia da palestra, ao entrar no imponente hall de entrada, fui surpreendido por uma voz firme e conhecida vindo da Diretoria: 'Fernando Marcon, o que faz aí fora?'. Senti um arrepio, como se ainda fosse um aluno prestes a ser repreendido. A Diretora Zilda Trettel, com sua autoridade característica, me chamou para uma conversa. Aquele momento ficou marcado em minha memória. Mesmo anos após a minha formação, a Diretoria ainda se lembrava de mim pelo nome. Foi como receber uma Medalha de Honra, um reconhecimento por todo o meu envolvimento com a Escola. A experiência de ser chamado à Diretoria, mesmo sendo um ex-aluno, me fez sentir parte daquela comunidade e me proporcionou uma grande sensação de pertencimento.

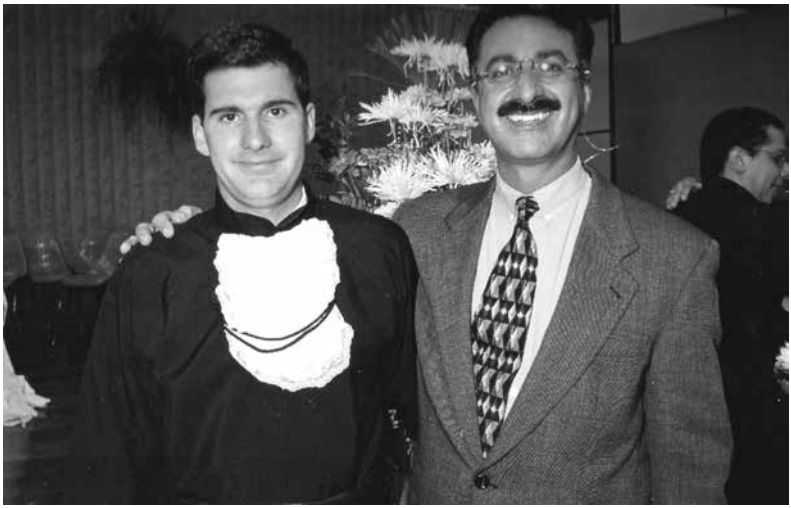
Outra história marcante da minha trajetória profissional envolve o Professor Wanderley Barbosa. Ainda nos finais dos anos 90, nas aulas de Primeiros Socorros no IBAO, ele fez uma promessa: 'Quando eu abrir minha escola, vou te convidar para fazer parte dela'. E, em 2017, essa promessa tornou- se realidade. Desde então, tenho a honra de atuar como Coordenador de Formação de Bombeiros Civis.

Professor Cilas Croco. Embora não tenha tido a oportunidade de estudar ou trabalhar diretamente com ele, seu legado na indústria onde trabalho ajudou e moldou significativamente os rumos da Segurança do Trabalho na minha área de atuação. Em outro momento, um convite para lecionar no IBAO, feito pelo próprio Cilas, foi uma honra imensa. Infelizmente, devido a compromissos, uma agenda agitada, precisei declinar.

Não posso deixar de mencionar o professor Natal, cuja paixão pela mecânica era contagiante. Suas aulas eram mais do que simples instruções técnicas; eram verdadeiras experiências transformadoras.

O professor Josué também ocupa um lugar especial. Nossos caminhos se cruzaram em diversas ocasiões, desde as visitas técnicas dos alunos da instituição à Emicol até os encontros casuais nos corredores da escola. A cada reencontro, a sensação era a de que o tempo havia parado. Josué continuava tão entusiasmado e dedicado à sua profissão quanto no dia em que nos conhecemos. Suas aulas eram mais do que simples transmissão de conhecimento. Eram momentos de inspiração e aprendizado. Josué tinha a habilidade de cativar a todos, despertando em nós o desejo de ir além. Seus ensinamentos sobre ética profissional e integridade foram fundamentais para minha formação e me acompanham até hoje.

A formação sólida e os valores transmitidos pela instituição foram fundamentais para meu desenvolvimento pessoal e profissional. Agradeço ao IBAO e seus Professores, Diretoras e Colaboradores por terem me proporcionado as ferramentas e o conhecimento necessários para construir uma carreira de sucesso na área de Segurança do Trabalho.



Por ocasião da formatura, com o Professor Josué
que sempre nos incentivava a questionar e buscar novas soluções.

Fernando José Marcon

Casado, atuando há 17 anos na Emicol Eletroeletrônica S/A, uma das maiores Indústrias de Itu, tive a oportunidade de ser Técnico de Segurança do Trabalho e ocupar hoje um cargo de Liderança, como Coordenador de SSMA (Saúde, Segurança e Meio Ambiente) e, atualmente também, sou o RT, (Responsável Técnico da Empresa), atuando como Engenheiro de Segurança do Trabalho.

Excelente escolha

Fernando Marques Henriques

Com muito orgulho tive a oportunidade de cursar o Técnico de Segurança e Meio Ambiente, no Instituto Borges Artes e Ofício, posso afirmar com muita convicção que foi uma das melhores decisões que tomei em minha vida profissional. A segurança no trabalho é uma carreira de grande valia para todos os trabalhadores, independentemente do setor ou da indústria em que atuam.

A formação em segurança permitiu entender a importância de criar um ambiente de trabalho seguro, saudável e sustentável, onde os trabalhadores possam se sentir protegidos e valorizados independentemente da área de atuação laboral. Além disso, deu as ferramentas necessárias para identificar e mitigar riscos, prevenir acidentes e doenças ocupacionais, com vários profissionais multidisciplinares e promover uma cultura de segurança na empresa. Dicas diárias de segurança: uma ferramenta de valores simples, mas com grande poder de ajuda.

Como Técnico de Segurança e Meio Ambiente, posso afirmar que essa carreira é fundamental para garantir a saúde e a segurança e sustentabilidade dos trabalhadores, além de contribuir para a produtividade e o sucesso das empresas. É uma carreira que exige conhecimento, habilidades e compromisso, mas que também oferece uma grande satisfação pessoal e profissional.

Se você está considerando uma carreira em segurança, eu posso afirmar que é uma excelente escolha. É uma área em constante evolução, com novos desafios e oportunidades surgindo a todo momento. Além disso, é uma carreira que pode ser aplicada em diversas indústrias e setores, desde a construção civil até a saúde e a tecnologia. Com a evolução da Internet, nossa área de Segurança do Trabalho só tende a crescer, nunca seremos substituídos em qualquer atividade laboral, pois ser prevencionista é salvar vidas.

Em resumo, a carreira de Técnico de Segurança é uma excelente escolha para quem deseja fazer a diferença na vida dos trabalhadores e contribuir para a criação de um ambiente de trabalho seguro e saudável. É uma carreira que exige dedicação e compromisso, mas que também oferece uma grande satisfação pessoal e profissional."

Com carinho

Fernando Marques Henriques
Instrutor e consultor em plano de contingência.

Um espaço de transformação

Hélio Ricardo Bellão

Recordar o tempo em que estudei no IBAO é reviver momentos de descoberta, superação e crescimento, tanto pessoal quanto profissional. Iniciei o curso Técnico em Segurança do Trabalho em 2007, no período noturno. Trabalhava durante o dia e, à noite, seguia para o IBAO com o entusiasmo de quem acredita na construção de um futuro melhor.

As aulas eram intensas, conduzidas por professores dedicados que iam além do conteúdo programático. Inspiravam-nos com experiências práticas e histórias reais do dia a dia profissional. *O currículo abrangia :* Ergonomia, Prevenção de Acidentes, Legislação Trabalhista, Primeiros Socorros, Higiene Ocupacional Tenho especial carinho pelas aulas de Primeiros Socorros com o Professor Wanderley, sempre dinâmicas e enriquecidas por simulações que nos preparavam para situações concretas.

Os projetos e trabalhos em grupo ensinaram-me o valor da colaboração, da responsabilidade e do cuidado com o próximo. Uma das experiências mais marcantes foi a simulação de evacuação do prédio do IBAO, pela qual fui responsável na organização e execução, com total apoio e orientação do excelente Professor Josué.

Guardo também com grande afeto as memórias da Cleide, sempre pronta a ajudar na secretaria; da Diretora Ivone, firme na condução da escola; e da Maria Teresa e da Dona Ana, que com muita atenção e carinho nos transmitiam orientações importantes.

Os professores Edilberto, Adriana, Josué, Wanderley e até o nosso querido "Tom Hanks", como era apelidado um dos docentes, sempre demonstraram um compromisso genuíno com o ensino e com o bem-estar dos alunos.

Em 2011, regressei ao IBAO, desta vez para o curso de Espanhol, agora com mais estabilidade profissional e o desejo de ampliar os meus conhecimentos linguísticos. Aprender uma nova língua foi um desafio prazeroso que expandiu os meus horizontes culturais e proporcionou novas amizades. Nesse curso as aulas abrangiam Gramática, Conversação, Leitura e Interpretação de Textos e Cultura Hispânica Mais uma vez, a paixão dos professores e o ambiente acolhedor marcaram profundamente essa vivência.

O IBAO não foi apenas uma escola – foi um verdadeiro espaço de transformação. Levo comigo os ensinamentos, as amizades e os valores que ali construí.

Embora não tenha atuado diretamente como Técnico em Segurança do Trabalho, participei ativamente de diversas CIPATs, contribuindo para ambientes de trabalho mais seguros e humanos. O Espanhol, por sua vez, tornou-se uma ferramenta essencial no atendimento a turistas e na comunicação com profissionais de diferentes países.

Hélio Ricardo Bellão

É graduado em Processos Gerenciais e pós-graduado em Comando de Guarda Municipal e em Mobilidade Urbana. Possui formação como Técnico em Segurança do Trabalho e é apaixonado pelo estudo de línguas. Atua na área da segurança pública desde 1993. Defensor do aprendizado contínuo, acredita no poder transformador da educação. Atualmente, exerce o cargo de Comandante da Guarda Civil Municipal de Itu.

Uma experiência única

Julio André Piunti

Por ter nascido em agosto, sempre fui um dos mais velhos na minha sala de aula durante o Ensino Fundamental, pois meus pais esperaram eu completar 7 anos para entrar no 1º ano.

No IBAO, entretanto, foi diferente. Eu era um dos mais novos dentre 30 alunos. Isso me possibilitou uma vivência muito diferente. Ali havia pessoas casadas, pais de família, gente que já tinha uma bagagem de vida.

O estudo, como de praxe, era levado a sério. Mas o clima era muito descontraído. Os professores não se limitavam a apenas ensinar, mas conversavam sobre ideias, projetos futuros e soluções para problemas vividos pelos alunos, no trabalho e na vida pessoal.

Incluo como parte dos "tutores do IBAO" também os funcionários: Diretoria, Secretaria, inspetores de alunos… todos de prontidão para dar conselhos, contar fatos da escola e zelar sempre por uma boa convivência.

Iniciei o curso Técnico de Desenho Mecânico em 1995, mas no ano seguinte migrei para Técnico em Segurança do Trabalho, área em que me formei em 1997.

Uma das passagens marcantes foi a realização da nossa SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho). Na ocasião, para surpresa e alegria dos professores Edilberto e Josué, conseguimos trazer Antonio Carlos de Mendes Thame, autor do livro "Acidente do Trabalho: Um Péssimo Negócio", que era leitura indicada nas salas de aula.

Pelo fato de ter aulas no período noturno, pude dedicar grande parte do meu dia a trabalhar no Jornal República, primeiro como digitador e depois como repórter, impulsionando minha vontade em seguir na carreira jornalística.

Foi, sem dúvida, uma experiência única para mim, que contribuiu e muito para o crescimento de minha maturidade e formação de meu caráter.

Julio André Piunti

É ituano, jornalista formado pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Pós-graduado em Gestão da Comunicação em Mídias Digitais (SENAC – Sorocaba). Casado com Lucinéia Pedro Piunti, com quem tem os filhos Arthur e Davi. Jornalista e Assessor de Imprensa.

É sempre tempo...

Rita de Cássia Caetano

Meus pais tiveram onze filhos, sendo sete meninas e quatro homens. Eu sou a sétima filha. Uma caçulinha, dirão os leitores. Numa família numerosa e sem recursos, esse mimo não existe, tanto que dos 11 aos 14 anos trabalhei como empregada doméstica. Aos 14 anos fui admitida na Fábrica São Pedro como auxiliar de confecção, passando o bolso das calças, o que me causou queimaduras nas mãos, cujas cicatrizes ainda existentes testemunham o fato.

Aos 15 anos comecei a participar do grupo de jovens da C0JAPA - Comunidade de Jovens da Aparecida, que faz parte da Paróquia Nossa Senhora Aparecida. Essa comunidade existe há mais de 50 anos e tem sido muito ativa na paróquia, incentivando e apoiando a participação dos jovens na vida da igreja. Vocações religiosas, diaconatos e leigos atuantes na formação de famílias cristãs dela surgiram.

Durante as missas dominicais das crianças, conheci meu futuro marido, José Maria Caetano, que auxiliava o Padre Roberto Mendes nas missas. Em 12/01/1991, nos casamos. Nossa união gerou dois filhos – um menino e uma menina – as joias de minha vida. Meu filho necessitou de avaliação e acompanhamento neurológico na UNICAMP, dos 9 meses aos 7 anos e José Maria foi incansável em levar o menino a Campinas, cuidando dele intensamente.

Ouço, com certa frequência, algumas mulheres se queixando de que seus maridos bloqueiam suas iniciativas para crescer e evoluir. Meu marido, ao contrário, sempre me incentivou a estudar, pois eu só havia estudado as primeiras séries do ensino fundamental no Bairro Vila Rica, hoje Vila Esperança, onde passei a minha infância e só havia classes das séries iniciais até a quinta série na EMEF Ermelinda Silveira Machado a escola do bairro. Parei meus estudos por aí. Incentivada por José Maria, aos 34 anos comecei a frequentar o supletivo na EMEJA Maria da Glória Almeida Amirat, na Rua Sorocaba, onde obtive o certificado de conclusão do Primeiro Grau.

Através de minha amiga Isolene Sena consegui uma vaga para trabalhar no Colégio Nossa Senhora do Patrocinio, como Auxiliar de Serviços Gerais. Essa atividade tinha como atribuições atendimento na portaria, encerar o piso de ladrilhos hidráulicos, passar a enceradeira e serviços de limpeza nos corredores do colégio.

Almejando novos rumos para minha vida profissional, resolvi aprimorar meus estudos, e aos 38 anos de idade frequentei o curso de informática no IBAO, no ano de 2009. Frequentar o IBAO foi um grande marco em minha vida. Vendo a qualidade dos cursos oferecidos pela escola e a oportunidade de continuar estudando sem custos, em sequência me matriculei no curso *Técnico de Segurança do Trabalho*, me formando no ano de 2012.

Estagiei como técnico de segurança no próprio Patrocinio, supervisionada pelo professor Silas Crocco. O aprendizado adquirido com os professores Silas e Josué e Rizzi transmitiram-me valores éticos. Procuro sempre exaltar o positivo nunca salientar o negativo das pessoas para ter um bom resultado. Meu olhar em relação à gestão de pessoas mudou totalmente. O professor de Português, Antonio Carlos, ensinou-me a fazer bons e claros documentos e fruto desse bom relacionamento organizei o casamento de seu filho Eduardo Scavacini. Fui oradora da turma de formatura em 2012.

Hoje sou formada em Eventos e atuo na área. Meu olhar para cada evento é muito técnico, um acontecimento muito bem planejado por conta da minha formação no IBAO.

No Colégio Patrocinio, participo como membro da CIPA e, anualmente, participo das simulações evacuação e combate a incêndio com utilização de hidrantes. Como coordenadora de eventos, também faço a organização de eventos fora do colégio. Nesses locais, preocupo-me com a segurança do local – extintores de incêndio, banheiros adequados, local de fácil acesso, acessibilidade para portadores de necessidades especiais, saída de emergência etc..

O IBAO mostra nossa capacidade e nosso valores, saímos sempre muito cheios de desejos de realização na área do trabalho.

Estudar no Instituto Borges foi um grande privilégio e uma grande oportunidade. Posso dizer que o tempo de estudo nessa instituição foi fundamental para ser quem sou hoje. Sou profundamente grata por isso.

O IBAO acolhe, ajuda e inspira.

Rita de Cassia Leite Caetano

Trabalha com eventos principalmente casamentos, sendo a responsável pelos casamentos realizados na Igreja Nossa Senhora do Patrocinio. Ituana, casada, dois filhos: Amanda Manoela e João Pedro.

Não deixem seus sonhos morrerem

Rosângela Luiza Ambrósio da Silva

Quantas belezas deixadas nos cantos da vida.

Que ninguém quer e nem mesmo procura encontrar…

Assim inicia a letra da música de "Esperanças Perdidas", gravada pelos Originais do Samba, em 1972. Essa música inspirou-me a buscar no trabalho a realização de todos os meus sonhos que sempre tive.

Nasci em Niterói – RJ. Filha da mineira Hilda Luiza Ambrosio da Costa. Aos cinco meses, minha mãe mudou-se para o Paraná e logo mudou-se para Itu, onde começou a minha história. Ainda adolescente, trabalhei em uma lanchonete super conhecida na cidade, mas, hoje, não existe mais, a "Lanchonete Catedral", ali no Largo do Carmo. Era atendente e garçonete, Minha atividade era atender o cliente, preparar os pedidos e servir. Gostava muito desse contato e proximidade com as pessoas. Depois, trabalhei como babá em uma residência, cuidando de duas meninas e um menino, ajudava na organização da casa, arrumava as crianças para irem na escolinha e lavava e passava roupas. Já jovem, trabalhei também por anos na empresa Emicol, onde realizava atividades na linha de produção, como montagem de peças de máquina de lavar roupas.

Adorava estar entre pessoas relacionando-me com elas. Quando eu tinha 19 anos, surgiu o desejo e a enorme vontade de fazer um curso Técnico Profissionalizante. Desejava cursar algo que tivesse um contato maior com as pessoas, o IBAO era a escolha perfeita.

No ano de 1992, decidi ingressar no curso técnico profissionalizante de Segurança no Trabalho, movida pelo desejo de ter um contato mais próximo com as pessoas.

No curso, éramos três meninas, um trio terrível: eu, Marcilene Pereira e Luciana Maria Padovani. Aprontávamos mil e uma. Apesar de não ter sido a melhor aluna, dediquei-me ao máximo e aproveitei ao máximo essa experiência enriquecedora. Lembro-me com carinho da escola e das pessoas incríveis que conheci. Lembro do Sr. Português, o zelador, que corria atrás da gente sempre com sua vassoura na mão, Dona Cida, inspetora de alunos, abria e fechava os portões, e se estávamos fora da escola, ou seja, na frente do prédio pensando até não entrar para assistir uma aula, ela com todo seu jeito carinhoso e amável fazia entrar na "marra" e ai da gente se não entrasse. Quantos bons conselhos Dona Cida me deu. A Cleide Rocha, secretaria da escola, que simpatia!

Professores que marcaram minha vida: Edilberto (Desenho Mecânico), Professor Rocha (Português), pegava no nosso pé e sempre com uma frase inusitada: "Gente, vocês estão pensando que o abacaxi é simples, não é não". Professor Josué, com matérias específicas voltadas à segurança no trabalho, deram a mim e a tantos outros alunos uma formação solida.

Após me formar em 1994, tive a oportunidade de trabalhar em uma grande empresa com o Antônio Fernando Reatti, que foi fundamental para meu aprendizado em segurança do trabalho. Em 2002, iniciei uma nova etapa na Loppiano Engenharia, sob a orientação do engenheiro Edson Carlos de Oliveira, que também contribuiu significativamente para o meu crescimento profissional.

Ao longo dos últimos 23 anos, tenho trabalhado na mesma empresa, vivenciando diversas situações e aprendizados na área. Agradeço imensamente ao Dr. Tercio Augusto Aguiar de Carvalho, médico do trabalho, um médico excepcional que sempre me incentivou a buscar a excelência profissional e pessoal. Em 2005, me formei em enfermagem incentivada pelo Dr. Tercio, só gratidão

O curso de Segurança do Trabalho foi essencial em minha vida, permeando não apenas minha carreira, mas também meu dia a dia e lazer. Levo comigo a missão de disseminar informações sobre segurança e prevenção em todos os lugares que vou.

O IBAO ensinou-me a lutar sempre para realização dos meus sonhos e ter a esperança de a felicidade encontrar.

E assim termina a primeira estrofe da música "Esperanças Perdidas"

"E quantos sonhos se tornam esperanças perdidas
Que alguém deixou morrer sem nem mesmo tentar"

Rosângela Luiza Ambrósio da Silva
52 anos, mãe da Bruna. Profissão: Técnica de Segurança e Enfermeira.

Enfermagem, profissão essencial

A Enfermagem passou a ser tratada como área de ensino e formação profissional somente no século XIX, graças a *Florence Nightingale* — que revolucionou a prática ao implementar métodos científicos de cuidado e higiene. Nightingale se distinguiu na Guerra da Crimeia, adotando práticas de higiene e organização nos hospitais militares, diminuindo a mortalidade. Ela também foi fundamental para formalizar a enfermagem como profissão e criou a primeira escola de enfermagem moderna no Hospital Saint Thomas em Londres, em 1860.

Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil

Durante o período colonial, sabemos que os indígenas tratavam doenças com práticas místicas, uso de plantas, animais, jejum e cauterização. Os Jesuítas integraram saberes locais em cirurgias, remédios naturais, talas com cascas de árvores e ventosas de chifre de boi, como no caso do extraordinário Padre José de Anchieta, que além da catequese e evangelização, atuou como médico e enfermeiro, tendo anotado e registrado seus métodos e suas práticas. Outra figura de destaque foi Frei Fabiano de Cristo com seu magnífico trabalho na assistência aos enfermos e pelo cuidado ao próximo.

No tempo do Império, raros nomes se notabilizaram na enfermagem. A figura de maior proeminência foi Anna Justina Ferreira Nery, que enfrentou o caos da saúde da época. Durante a Guerra do Paraguai prestou serviços nos hospitais militares e de campo, transformando a realidade sanitária local, impondo condições mínimas de higiene para não alastrar as doenças, tratando tanto dos combatentes da Tríplice Aliança (Brasil, Uruguai e Argentina), quanto do Paraguai. Após cinco anos, retornou ao Brasil, sendo aclamada pelos serviços humanitários prestados. A primeira Escola de Enfermagem fundada no Brasil, recebeu o seu nome – Anna Nery - e em sua homenagem o dia do Auxiliar e do Técnico de Enfermagem é comemorado em 20 de maio, data de seu falecimento, 20/05/1880.

A imagem da enfermagem sempre esteve relacionada a qualidades como caridade, zelo e amor ao próximo. Atualmente, fora essas características, as escolas de enfermagem detêm grande conhecimento científico e usam equipamentos modernos. Isso torna a enfermagem essencial para hospitais e outros serviços de saúde.

A lei nº 7. 498 de 1986, regulamentou a profissão de Enfermagem, normatizada e fiscalizada pelo COFEN - Conselho Federal de Enfermagem, que classifica as funções e formações em: Enfermeiros, Técnicos de Enfermagem e Auxiliares de Enfermagem.

O enfermeiro é um profissional de nível superior com competência técnica, científica e humana, responsável pela equipe de enfermagem e pela promoção, prevenção e recuperação da saúde.

O técnico de enfermagem é um profissional de nível técnico, que realiza tarefas como administração de medicamentos, monitoramento de sinais vitais, preparação de pacientes para procedimentos e aplicação de cuidados básicos de enfermagem, realização de curativos, coleta de material para exames, e assistência em procedimentos médicos. Também se envolve em cuidados de pré e pós-operatório, preparação de equipamentos hospitalares, primeiros socorros e vacinação

O auxiliar de enfermagem é o profissional responsável por atividades menos complexas que as prestadas pelos técnicos como: prestar cuidados básicos a pacientes, auxiliando enfermeiros e médicos em procedimentos de rotina. Suas atividades incluem administrar medicamentos, realizar curativos, monitorar sinais vitais, auxiliar na higiene e conforto dos pacientes, bem como em sua mobilização ajudando-os a se movimentar na cama ou a caminhar.

A profissão de Auxiliar de Enfermagem ainda existe no Brasil. A Lei nº 14.832/2024, que estabelece a profissão, ainda está em vigor, segundo a informação do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). No entanto, há discussões e projetos de lei que buscam equiparar os auxiliares aos técnicos de enfermagem, considerando a crescente complexidade da profissão. Além do COFEN, a atuação da área de enfermagem é regulamentada pelo Conselho Regional de Enfermagem (COREN – autarquia federal responsável por fiscalizar e normatizar o exercício profissional da enfermagem no Estado de São Paulo. A partir de 19 de maio do corrente ano, está vetado o curso EAD para a área.

Para o bom desempenho da profissão e garantia de atendimentos satisfatórios a pessoa deve ter, além da formação profissional, algumas habilidades pessoais como: empatia, comprometimento, boa interação interpessoal e capacidade de organização.

Impossível dissociar a questão da enfermagem da existência da Santa Casa. A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo é uma instituição filantrópica, privada e laica, considerada um dos mais importantes centros de referência hospitalar do Brasil e foi fundada por volta de 1560 no Pátio do Colégio, com o nome de Confraria da Misericórdia de São Paulo dos Campos de Piratininga.

É curioso destacar que a Santa Casa de Itu tem hoje, pouco mais de 100 anos, mas foi nela que a de São Paulo buscou a solução de seus problemas de enfermagem em 1870, quando já trezentona. E aqui se cruzaram os caminhos da Santa Casa com Madre Teodora e as Irmãs do Patrocínio… As irmãs de São José de Chambéry vieram ao Brasil em 1858, especificamente para Itu, onde

fundaram o primeiro colégio feminino do Estado de São Paulo: o Colégio Patrocínio. Enquanto as instalações do colégio estavam terminando, permaneceram na Santa Casa de Itu, e se responsabilizaram pela enfermagem. Sob a orientação da Venerável Madre Teodora realizaram magnífico trabalho, de tal forma que, em 1872, a Provedoria da Santa Casa de São Paulo ciente de que o hospital atravessava uma grave crise, tanto por uma deficiente organização como por falta de pessoal habilitado ao trato de doentes, pediu que a congregação de Madre Teodora assumisse a enfermagem da Santa Casa paulistana. Cinco irmãs vieram da França e elas foram responsáveis pelos pacientes, a preparação das receitas, a escrituração e o cuidado com as refeições. O trabalho desempenhado foi muito elogiado, pelo zelo aos pacientes e eficiente administração.

A Congregação de São José também é pioneira no ensino de enfermagem. Entre 1930-1940 só havia no Brasil duas escolas de enfermagem, a Anna Nery, no Rio e a Carlos Chagas, em Minas. As irmãs fundaram a Escola de Enfermagem São José em São Paulo, perto da Santa Casa. A escola ainda persiste contribuindo para a formação de profissionais da saúde.

A pesquisa de 2015, "Perfil da Enfermagem no Brasil", da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em parceria com o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) apontou uma alta taxa de empregabilidade dos enfermeiros, com 90% em atividade, mas uma grande desvalorização. Lentamente os dados conseguiram mobilizar várias propostas para valorizar a enfermagem, incluindo a fixação de um piso salarial nacional, a redução da jornada de trabalho para 30 horas semanais e o fomento da adoção de tecnologias digitais para melhorar a eficiência e a qualidade do atendimento. Resta acompanhar como será a aplicação da legislação normativa.

A Enfermagem do futuro é marcada por aumento da especialização, valorização de habilidades gerenciais e inovações tecnológicas.

Referências

OGUISSO, Taka; FERNADES, Genival e SILES, José. Enfermagem: História, Cultura dos Cuidados e Métodos. Rio de janeiro, Editora Águia Dourada, 2016.

https://www.cofen.gov.br

https://portal.coren-sp.gov.br

https://www.eesaojose.com.br/historia

https:santacasasp.org.br

O IBAO e a Santa Casa de Itu estão ligados à formação de profissionais da enfermagem. Nos anos 50 havia um curso da área na Maternidade Borges e, em 1979, o curso foi iniciado no IBAO. Em 2014, o Curso Técnico de Enfermagem do Instituto, muito concorrido, chegou a ter 20 candidatos por vaga. A seguir, um presente da área de enfermagem para *O IBAO e EU*: relatos de suas vivências específicas.

O IBAO E EU

Além-fronteira

Helena Venturini

Quando me pediram para escrever algo sobre essa escola, fiquei profundamente tocada. Afinal, seria escrever sobre memórias, laços afetivos e lembranças saudosas de alegrias, euforias, infância, juventude e profissionalismo.

Quando nasci, o IBAO já era um "balzaquiano", com a idade de Cristo, uma escola imponente e famosa, que meus pais chamavam de "o Liceu". Cresci bem próxima dali, da praça Conde de Parnaíba, do Largo Convenção. Morava na rua Joaquim Borges, nome do benfeitor que doou sua fortuna para a Santa Casa de Misericórdia, para a mesma administrar uma instituição de ensino gratuito, foi daí que o IBAO foi construído e também a Maternidade Borges. Nessa região passei minha infância, dei meus primeiros passos e, também, comecei minha vida escolar. Em 1965, entrei para o Grupo Escolar Convenção de Itu, onde permaneci até 1968. Nessa época, existia a "Admissão ao Ginásio", uma espécie de vestibular para os alunos ingressarem no ginásio. Os principais colégios da cidade, como o IBAO, o Regente Feijó e o Berreta, estavam em disputa. Eu, que não era um grande talento em aritmética, mesmo passando no IBAO, acabei optando pelo Berreta. Meus pais ficaram um pouco decepcionados com a escolha, pois o Liceu era mais próximo de casa, enquanto o escolhido ficava a três quarteirões a mais. Mas, firme em minha decisão, eles respeitaram minha vontade.

Com o tempo, após minha infância e adolescência, e após idas e vindas devido ao trabalho, retornei a Itu. Não me lembro exatamente como cheguei ao IBAO como professora de Biologia, mas sei que, conforme consta na minha Carteira Profissional, o início foi em 19/02/1986, com o registro de saída em 13/03/2002. Quando comecei, ainda havia o colegial pela manhã, além do período noturno. Lecionei Biologia nos cursos de Técnico de Desenho Mecânico,

Ensino Médio, Enfermagem e Segurança do Trabalho. Também lecionei disciplinas como Parasitologia, Nutrição e Dietética, Microbiologia para a Enfermagem e EPIs, entre outras, que estavam em minha grade curricular.

Há uma história que sempre me faz sorrir. Quando comecei, ainda jovem, com menos de 30 anos, cheguei cedo, tomada pela apreensão. Entrei pela porta principal, quando o senhor Virgínio (Virgínio Machado), um português, apareceu aos berros: "Aqui não é a entrada de aluno. Vá pelo portão! Vamos, vamos!" O que fiz? Fui pelo portão dos alunos, claro. Procurei pela professora Zilda Trettel, a qual conhecia desde os meus oito anos, quando ela foi minha professora no segundo ano do Convenção, e mais tarde me ensinou Didática na faculdade. O senhor Virgílio pediu desculpas, e acabamos nos tornando amigos. Eu sempre chegava um pouco mais cedo, e a conversa rolava de forma gostosa. Conheci sua esposa, a casa e ele, ora bem-humorado, ora nem tanto, mas sempre com boas conversas, recomendando que eu parasse de fumar e falando dos malefícios do tabaco.

Os professores… nem me arrisco a citar todos os nomes, pois seria impossível lembrar de todos, mas lembro com carinho das conversas amistosas e cooperativas. Todos os anos, realizávamos confraternizações de fim de ano, com festas animadas, risos e até lágrimas na entrega dos presentes. Fiz grandes amizades com alunos, muitos dos quais gostaria de rever, mas os anos passaram, e a memória já não guarda seus nomes. Restam apenas os rostos jovens, os cursos que faziam e o lugar na escola, as salas de aula e as carteiras.

Inesquecível também é o café da dona Cida, uma senhora que adorava conversar e se orgulhava de preparar um delicioso café. E o senhor do xerox e da biblioteca, o senhor Ary (Ary Gonçalves Plazza) que sempre demonstrava uma solicitude admirável. Enfim, foram tempos bons.

A diretora Ivone, sempre firme, com bons conselhos e uma história para contar. Ela era rígida no trabalho, mas sempre com uma presença acolhedora, companheira da professora Zilda, formando uma parceria sólida.

Poderia deixar minhas lembranças fluírem mais, mas este relato ficaria longo demais, e cansaria quem o lê. Por isso, fico por aqui, com a gratidão e o carinho imensuráveis por tudo o que o IBAO representou para mim e para tantas outras pessoas.

Helena Venturini

Professora estadual e municipal (Itu) nas disciplinas de Ciências e Biologia. Bióloga com produção de mudas para reflorestamento e educação ambiental na AIPA. Atualmente, atriz, diretora e professora de teatro em companhias de teatro. Diretora do Grupo de Leitura Dramática – Leitores da Balbúrdia, em Marília/SP

Minha jornada no ensino e na Enfermagem

A Experiência no IBAO

Luciana Fernandes Poso

No ano de 2016, fui convidada pelo responsável técnico do curso de Enfermagem a atuar como supervisora de estágio. Em agosto do referido ano, tive a oportunidade de conhecer uma instituição de ensino distinta das que eu estava habituada, pois não sou natural da cidade de Itu. O IBAO revelou-se uma escola singular, que oferece um curso de Enfermagem gratuito aos alunos, sem comprometer a excelência na qualidade do ensino.

Após o período de estágio, recebi o honroso convite para integrar o quadro de colaboradores da escola, assumindo não apenas a supervisão dos estágios, mas também a docência. A partir de janeiro de 2017, iniciei essa nova etapa profissional, que se revelou uma experiência enriquecedora. O curso é extremamente bem estruturado e proporciona um aprendizado profundo e significativo.

Decorridos dois anos de docência, o coordenador do curso anunciou seu desligamento e, para minha grata surpresa, indicou-me como sua sucessora. Assim, tive a honra de exercer a função de responsável técnica do curso de Enfermagem. Este convite foi motivo de grande orgulho para mim e representou uma experiência de aprendizado e crescimento profissional inestimável.

Paralelamente, tive também a oportunidade de ministrar aulas no curso de Cuidador de Idosos, o que me proporcionou um novo e valioso desafio: trabalhar com alunos acima dos 50 anos. A troca de conhecimento com essa turma foi extraordinária, enriquecendo ainda mais minha jornada no ensino.

Acredito na educação como ferramenta transformadora e na excelência como princípio fundamental para a qualidade da assistência. Minha jornada profissional reflete o compromisso com a melhoria contínua dos processos hospitalares e com o desenvolvimento humano na área da saúde.

Atualmente, devido à suspensão temporária do curso, estou afastada dessa atividade. No entanto, ao refletir sobre o que representa *"O IBAO e Eu"*, percebo que essa trajetória simboliza não apenas uma troca constante de saberes, mas também o reconhecimento pelo profissional que me tornei. À instituição, deixo minha eterna gratidão pela oportunidade de fazer parte da minha história profissional.

Luciana Fernandes Poso

Enfermeira e coordenadora do Centro Cirúrgico e da Central de Material e Esterilização (CC/CME) no Hospital Municipal de Itu. Com mais de uma década de experiência na enfermagem, dedica sua trajetória profissional à gestão hospitalar, à segurança do paciente e à qualificação dos serviços de saúde. Sua formação acadêmica inclui graduação em Enfermagem, pós-graduação em Gestão em Saúde, bacharelado em Direito e graduação em Docência. Além da atuação assistencial e administrativa, foi a responsável pelo curso técnico de Enfermagem no IBAO, contribuindo para a formação e capacitação de novos profissionais na área da saúde.

Turma de 1990, cuidar do outro é seu destino

Mario Cesar Guimarães Battisti

Minha história com o curso Técnico de Enfermagem do Instituto Borges de Artes e Ofícios tem início e fim em 1990, quando fui contratado como professor substituto para assumir a disciplina de Saúde Materno-Infantil. Encontrei uma turma interessada no assunto, mas, ao mesmo tempo, um tanto desanimada com as perspectivas de trabalho. Naquele ano, busquei tratar do tema de maneira precisa, mas também lúdica e participativa, de maneira que os alunos se sentissem motivados e atentos à matéria. Foi um ano muito especial para mim. O ambiente do Instituto Borges de Artes e Ofícios, com suas salas espaçosas, pé direito alto e grandes janelas, ofereciam uma vista noturna da cidade e um sentimento de bem-estar e integridade.

Todavia, como os alunos ainda demonstravam certo desânimo em relação ao futuro e à integração no mercado de trabalho, resolvi, em um final de semana, convidá-los para assistir a um filme. O título era "O Preço de um Desafio", cuja história é a seguinte: Nos anos 1980, nos EUA, um homem abandona um emprego bem remunerado para lecionar álgebra em uma escola de periferia, com alunos desmotivados e de origem latina. Ele utiliza métodos inovadores e empolgantes que despertam o interesse dos estudantes, mostrando que é possível superar barreiras sociais e econômicas. Apesar da descrença de outros professores, o protagonista incentiva seus alunos a obterem notas altas em um exame nacional crucial. Após um excelente desempenho, que gera suspeitas de fraude, os alunos refazem o teste e confirmam os resultados. Inspirados, muitos ingressam na universidade, e a escola passa a melhorar seus índices anualmente. O professor torna-se um exemplo de determinação e superação para seus alunos e colegas.

No final daquele ano, fui convidado para ser o paraninfo da turma – que honra! Na cerimônia de formatura, ao término do meu discurso, eu disse: "Os desafios nos tornam melhores, e o melhor de vocês é cuidar daqueles que sofrem. Turma de 1990, esta é a sua missão, este é o seu destino."

Mario Cesar Guimarães Battisti
Terapeuta Ocupacional, Mestre em Filosofia Ética, 40 anos de clínica em Saúde Mental, casado com Beatriz de Paula Leite Battisti, pai de Fabrício, Maíra e Juliano, avô da Catarina, Melina e Giovanna.

Microbiologia – a disciplina que amava

Regina de Fátima Boni Valente

Meu contato com o IBAO, como professora, iniciou em 2010, com o convite para dar aulas no curso Técnico em Meio Ambiente. Fui conversar e confesso que fiquei bastante entusiasmada e feliz com a oportunidade, iniciando dessa forma minha vivência com a escola e alunos, na formação dos futuros Técnicos em Meio Ambiente. O tempo foi passando, infelizmente o curso foi extinto e tive a oportunidade de continuar com aulas no curso Técnico em Segurança do Trabalho.

Mais tarde, com o início do curso Técnico em Enfermagem, tive disciplinas que eu amava e a maior delas AULAS DE MICROBIOLOGIA, minha paixão. Disciplina à qual me dediquei muito, pois todo meu aprendizado de Microbiologia Prática foi no Laboratório de Saúde Pública central do Estado de São Paulo, o Instituto Adolfo Lutz.

Com o encerramento do curso Técnico em Enfermagem, continuei com disciplina no Técnico de Segurança do Trabalho e me vi às voltas com disciplinas para os chamados Itinerários Formativos, sendo minha experiência inicial para com o Ensino Médio. Confesso que gosto muito mais da convivência e dos ensinamentos para com os alunos dos cursos técnicos.

Agora, com o maior carinho, falo da instituição IBAO, frente aos 100 anos, com toda sua trajetória de ensino, sua estrutura de organização, valores éticos, cidadania, respeito, seriedade, cuidado, extrema limpeza dos ambientes, respeito às hierarquias, na formação de jovens e adultos para a vida profissional e pessoal, onde como professora ensinando e aprendendo sempre, seja com conteúdo programático da disciplina, seja com conteúdo para a vida!

Que essa parceria IBAO-EDUCAÇÃO, siga com outros 100 anos e que enquanto pudermos continuemos juntos, em seu legado para a educação Ituana!

Regina de Fátima Boni Valente

Ituana, bióloga, servidora pública municipal e professora do Instituto Borges de Artes e Ofício, cursos técnicos, tendo minha vida profissional voltada a maior parte à área laboratorial, em saúde pública. Gosto de comemorar aniversário e de ser lembrada nessa data, agradecendo por mais um ano de experiência de vida. Também gosto muito de viajar, conhecer novos lugares, mas também de voltar ao aconchego de minha casa. Tento levar a vida da melhor maneira possível e ver no simples a melhor maneira de viver.

Sonho de criança

Siljane Suzano Alves

Era apenas uma garotinha de uns cinco ou seis anos, caminhando pela calçada de mãos dadas com minha mãe.

— Que lugar é esse? Pergunto.

— Ah! É uma escola, o Instituto Borges - respondeu ela.

— Quero estudar aí, mãe!

— Um dia, minha filha. Um dia.

Nos mudamos para capital (S.P), o tempo passou. Voltei. Agora casada e mãe de quatro filhos.

Passando pela mesma calçada, notei que estavam abertas as inscrições para o curso Técnico de Enfermagem.

Deus me favoreceu. E, após 46 anos o sonho de criancinha se realizou; eu era a mais velha da turma, com 30 alunos aproximadamente.

Pelo compromisso com o ensino e disciplina, chamávamos *IBAOHARVARD*, em alusão a renomada universidade. Afinal, para nós, era um orgulho estudar em uma instituição tão conceituada.

Agora, andando pela mesma calçada, de mãos dadas com meu netinho de cinco anos, eu digo:

— Vovó estudou aqui!

Siljane Suzano Alves
Cristã, esposa, mãe e avó
Servidor púbico estadual – HEERFRA
Curso Técnico de Enfermagem, período noturno,2 anos de duração
Ano de conclusão: 2019.

Meio Ambiente e Sustentabilidade.

Hoje se fala muito em sustentabilidade. Mas, o que significa sustentabilidade? É a capacidade de satisfazer as necessidades do presente através de práticas, técnicas e recursos que garantam a continuidade da vida e dos recursos naturais a longo prazo, sem comprometer a capacidade das gerações futuras. A sustentabilidade se baseia em três aspectos fundamentais: Social, Econômico e Ambiental. Este tripé deve estar em equilíbrio entre si, a fim de que o desenvolvimento seja saudável para o planeta e para a sociedade.

Foco na preservação ambiental

Há uma variedade de cursos voltados ao meio ambiente, que vão desde graduações como Engenharia Ambiental, Ciências Biológicas e Oceanografia, até programas técnicos, como o Técnico em Meio Ambiente. Além disso, existem opções de cursos livres e de curta duração.

O profissional de meio ambiente atua em várias áreas, abrangendo:

Setores industriais, Entidades Governamentais, Empresas de Consultoria e Licenciamento Ambiental, Instalações de Tratamento: de efluentes, afluentes e materiais sólidos, Aterros Controlados: Administrando a gestão de resíduos, Áreas de Proteção Ambiental: na execução de estudos e na conservação.

Os cursos técnicos ambientais são essenciais para capacitar profissionais na preservação e gestão sustentável dos recursos naturais, promovendo o cumprimento de leis, a redução de impactos ambientais e contribuindo para a saúde coletiva, a conformidade empresarial e um futuro mais sustentável.

Ao oferecer o Curso Técnico em Meio Ambiente, o IBAO se baseou na legislação brasileira referente às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico (MEC), às resoluções do Conselho Nacional de Educação, à Lei da Política Nacional do Meio Ambiente e à Lei de Crimes Ambientais.

O Curso Técnico em Meio Ambiente tem representante entre os relatos emocionantes que compõem *O IBAO e EU*.

O IBAO E EU

Cuidando do Meio Ambiente

Marina Cunha Massat

Fui aluna do Curso Técnico Em Meio Ambiente no período noturno, de janeiro de 2014 a junho de 2015. Não me lembro exatamente do número de alunos, mas sei quais eram as matérias do currículo: Biologia Ambiental, Biologia Aplicada, Estatística, Informática, Geografia Ambiental, Química Ambiental, Poluição e Controle Ambiental, Impacto Ambiental, Análise e Sistema de Águas e efluentes, Processos Industriais, Sistema de Limpeza Urbana, Sistema Urbano de Água e efluentes, Vigilância Sanitária Ambiental, Legislação e Normas Ambientais, Gestão Ambiental,Gestão Organizacional e Segurança do Trabalho.

O IBAO foi uma experiência muito importante na minha vida, pois tive a oportunidade de voltar a estudar novamente após alguns anos fora da sala de aula e com excelentes professores, os quais nunca me esqueci. Com cada um, aprendi novos conhecimentos, não tinha vontade de faltar às aulas, havia sempre uma aula preparada com carinho e dedicação. Admiro o IBAO por ser um Instituto que preza muito, a Arte de Educar com disciplina e organização, mas também com alegria, descontração e inovação!

No período que estudei no IBAO atuava como Sócia-Proprietária na franquia da D.D.DRIN Controle de Pragas Urbanas. Fui uma das alunas mais velhas da sala e para mim foi muito gostoso conviver com pessoas mais jovens. Precisava me esforçar para não ficar para trás. Trabalhávamos de dia em diferentes tipos de funções e estudávamos à noite, então tínhamos assuntos variados. Fizemos amizades e grupos de estudo diferentes, essa troca de conhecimentos foi muito valiosa.

Alguns colegas eram mais próximos, por afinidade ou porque acabávamos nos sentando sempre no mesmo lugar…e fazíamos trabalhos juntos. Lembro-me de cada um de nossa sala, alguns posso citar: Ivanei, Renata, Priscila, Lucas, Beth, Pamela e tantos outros… Minha maior dificuldade era a informática, mas sempre tive apoio e ajuda dos colegas.

As atividades de Campo e ou aulas práticas, eram ótimas, visitamos a Estação de Tratamento de Água com a Professora Regina, Postos de Gasolina com o Professor Cilas que explicava pacientemente, Memorial do Rio Tietê, Parque da Rocha Moutonnée, Mont Serrat… Tivemos a oportunidade de assistir com nossos professores uma palestra muito interessante com a atual Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva. Também fizemos experiências no laboratório, tivemos uma aula na estrada Parque e no Parque do Varvito, maravilhosas, com o Professor Eric, que, além das aulas, estava sempre atento às necessidades da sala e reservava um tempo para conversarmos livremente. Professor Josué, muito engraçado… Enfim, todos, mesmo os que não cito aqui, para não me estender demais, lembro-me com carinho e sinto-me eternamente grata, por fazer parte do IBAO!

Marina Cunha Massat

62 anos, casada, dois filhos adultos. Cursou Magistério com Especialização em Educação Infantil e atuou na área de Educação em Escola Pública, Privada e na Fundação Bradesco; Curso Superior Incompleto em Serviço Social. Atualmente aposentada por idade e tempo de contribuição e faz um curso em Aromaterapia.

Cursos livres

Os cursos livres, programas de curta duração, não necessitam de regulamentação do MEC, nem são subscritos a atividade regulatória de competência dos sistemas de ensino federal, estadual ou municipal e podem ser ministrados por diversas instituições, como escolas, empresas ou mesmo profissionais autônomos. Mesmo sem autorização oficial, oferecem uma formação prática e certificada, adaptando-se às demandas do mercado.

As legislações que regulamentam e abordam detalhes para o funcionamento desses cursos são o Decreto nº 5154 e Lei nº 9.394/96. Essa modalidade de educação não formal de duração variável, pode oferecer opções presenciais ou online.

Línguas Estrangeiras

Aprender uma língua estrangeira traz muitas vantagens, por exemplo:

1 • Melhora a função cerebral, reestrutura o cérebro e fortalece conexões neurais.

Segundo a Neurociência, aprender uma nova língua aumenta conexões cerebrais e o volume de áreas relacionadas ao idioma, integrando várias funções cognitivas, como atenção e memória, essenciais para esse aprendizado. O hipocampo, uma pequena parte do cérebro, com uma grande função de auxiliar no aprendizado e na memória, tem aumento de volume durante o aprendizado de um idioma, segundo um estudo feito na Suécia. Importante lembrar que o hipocampo tem as funções de: converter as memórias de curto prazo em memórias de longo prazo; organizar e armazenar as memórias; facilitar a recuperação de memórias; ser o responsável pela memória espacial; facilita novas aprendizagens; e faz parte do sistema límbico, a estrutura que controla emoções e comportamentos.

Pesquisas apontam que estudantes idosos de língua estrangeira apresentaram melhora na memória de curto prazo. Esses resultados são promissores, sugerindo que o aprendizado de um novo idioma pode até retardar o Alzheimer.

2 • Facilita melhor compreensão da própria língua, enriquece a comunicação e oferece uma maior apreciação cultural.

3 • Proporciona a oportunidade de fazer novos amigos e de consolidar ou fortalecer velhas amizades.

4 • Possibilita o entendimento das letras de músicas populares.

5 • Pode ser um diferencial no mercado de trabalho.

6 • Favorece a mobilidade internacional e facilita intercâmbios.

7 • O contato com falantes nativos e outros estudantes enriquece as

habilidades sociais e amplia a rede de relacionamentos, contribuindo para o crescimento pessoal e aumentando a autoconfiança.

O inglês é uma língua indo-europeia germânica ocidental que começou nos reinos anglo-saxônicos da Inglaterra. Desde o século XVIII, com a influência da Grã-Bretanha e do Reino Unido a língua teve grande influência, perdendo para a língua francesa. Após a II Guerra Mundial com o aumento da importância dos Estados Unidos, tornou-se uma língua global. Hoje, o inglês é a principal língua de comunicação internacional e uma segunda língua para muitas pessoas ao redor do mundo. É a terceira língua mais falada como primeiro idioma, atrás do mandarim e do espanhol.

O espanhol é uma língua românica que se destaca pela sua ampla disseminação global. Aprender espanhol, possibilita a conexão com mais de 572 milhões de falantes, incluindo 477 milhões nativos. A língua não só facilita viagens, como também, facilita o aprendizado de outras línguas românicas e amplia o vocabulário em português. O domínio do espanhol é cada vez mais valorizado no mercado de trabalho, com demanda crescente por profissionais bilíngues. De acordo com dados de 2020 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 60% dos candidatos escolhem espanhol como opção de língua estrangeira no Enem.

Informática

A informática é um campo que explora a coleta, armazenamento, transmissão e processamento de informações por meio digital, englobando áreas como ciência da computação e sistemas de informação. O termo, originado no francês "informatique", combina "informação" e "automática", e foi criado por Philippe Dreyfus em meados do século XX, em resposta à demanda por processamento mais eficiente de dados. Os primeiros computadores eram grandes e utilizavam relés e válvulas eletrônicas. Com o tempo, a evolução da tecnologia trouxe a substituição dessas peças por transistores, facilitando a miniaturização dos dispositivos de engenharia e design.

Quanto à natureza da construção, os computadores são denominados analógicos e digitais. Segundo as características de construção, os computadores são classificados por gerações. Estamos na quinta geração, envolvendo inteligência artificial e computação em nuvem, momento em que a conectividade se tornou essencial.

"Nas últimas décadas, os computadores passaram de um recurso para instituições de pesquisa a um luxo de sala de estar e, finalmente, a uma mercadoria essencial encontrada no bolso da maioria das pessoas. E, à medida que os

computadores evoluem junto com tecnologias emergentes, como a inteligência artificial , eles continuam a moldar o mundo ao nosso redor e a forma como interagimos com ele." (*https://builtin.com/articles/types-of-computers*).

Para aprender a operar um computador existem diversos cursos de informática, que incluem graduação (bacharelado, licenciatura e tecnólogo), cursos técnicos e cursos livres.

Um curso básico de informática ensina o uso de computadores e aplicativos principais. Inclui o sistema operacional Windows, navegação na internet, editores de texto, planilhas eletrônicas, apresentações de slides e e-mail. Também aborda noções de hardware e tarefas básicas como ligar o PC e organizar arquivos.

> *"A gratuidade do ensino de informática e línguas estrangeiras movimentavam as tardes com seus alunos da terceira idade."*
> ***Jacira Benedita Antunes – funcionária***

Cuidadores de Idosos

Afinal, quem é considerado idoso? A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica o envelhecimento em quatro estágios:

- Meia-idade: 45 a 59 anos;
- Idoso(a): 60 a 74 anos;
- Ancião: 75 a 90 anos;
- Velhice extrema: 90 anos em diante.

Com a expectativa de vida cada vez maior, a profissão de cuidador de idosos tem se tornado mais reconhecida e valorizada. Entre 2012 e 2022, o Brasil registrou um aumento de 547% no número de cuidadores, segundo dados do CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Esses profissionais são responsáveis por ajudar os idosos em suas atividades cotidianas, promovendo seu bem-estar.

Para trabalhar como cuidador, é necessário completar um curso profissionalizante que ensine tanto as técnicas necessárias quanto a importância da empatia, paciência, respeito e boa capacidade de comunicação. Um curso de cuidador de idosos possibilita que os cuidadores atuem de forma mais eficiente e segura em diferentes contextos (residências, instituições de longa permanência), oferecendo formação prática e teórica para cuidar de pessoas idosas, abordando temas como higiene, alimentação, cuidados paliativos, primeiros socorros e recreação. A capacitação visa desenvolver habilidades para auxiliar no bem-estar e na qualidade de vida dos idosos, respeitando sua autonomia e individualidade.

Os cursos podem variar em nível (profissionalizante, técnico) e formato (presencial, online).

No Brasil, a Constituição de 1988 atribui à família, sociedade e Estado a responsabilidade de apoiar os idosos, garantindo sua participação, dignidade, bem-estar e direito à vida. Para isso, foram criadas leis e políticas, como a Política Nacional do Idoso (1994) e o Estatuto do Idoso, com o objetivo de proteger os idosos contra discriminação, violência e dificuldades. O estatuto considera idoso a pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

As leis que abrangem o profissional cuidador tiveram um processo lento. A Comissão de Direitos Humanos (CDH) aprovou o projeto que insere no Estatuto do Idoso (Lei 10.741, de 2003) a figura do cuidador de pessoa idosa e exemplifica as suas atribuições (PL 3.242/2020). O Projeto de lei que regulamenta a profissão de cuidador de idosos, crianças e pessoas com deficiência ou doenças raras, foi aprovado pela Senado em 21/12/24).

Segundo o texto aprovado, os requisitos para exercer a função de cuidador serão: ensino fundamental completo e curso de qualificação na área (com carga horária de, ao menos, 160 horas), idade mínima de 18 anos, não ter antecedentes criminais (situação que deve ser provada por certidão emitida no site da Polícia Federal), e possuir atestados de aptidão física e mental.

A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia publicou em 28 de junho de 2014, um documento norteador para cursos de formação de cuidadores profissionais ou formais de idosos, abrangendo carga horária, corpo docente e conteúdo. Trata-se de um Curso Profissionalizante Livre e não recebe orientação do MEC.

Os países desenvolvidos fornecem uma rede estatal de apoio ao idoso dependente, mas, em nosso país, que apresenta infinitas carências na Saúde Pública e Seguridade Social, só resta à família constituir-se no principal núcleo de apoio social. Ao contratar os serviços, empregadores e cuidadores devem estar atualizados sobre os direitos e deveres de ambos.

O IBAO ministrou cursos de Cuidadores de Idosos em 2017, 2018 e 2019.

Em 2017 e 2018, a carga horária foi de 120 horas, com a seguinte grade curricular:

Cuidador de Idosos – Estatuto do Idoso – Envelhecimento humano – Cuidados Assistenciais e Primeiros Socorros.

O curso de 2019 teve a carga horária de 80 h com os seguintes componentes:

Cuidador de Idosos – Envelhecimento humano – Procedimentos Operacionais para o Cuidador de Idosos – O Papel social do Cuidador de Idosos.

Referências Bibliográficas

AMTHOR, Frank. Neurociência para leigos. Rio de Janeiro, Editora Alta Books.

CERQUEIRA, A.T.R.R, OLIVEIRA, N.L. Programa de apoio a cuidadores: uma ação terapêutica e preventiva na atenção à saúde dos idosos. Psic-USP 2002. https//repositorio.unesp.br . Acesso em 21 de fevereiro de 2025.

FlLORIANI e FIRMIN. Atendimento domiciliar ao idoso: problema ou solução? Cad Saude Publica 2004 jul/ago.

https://www.cofen.gov.br/regulamentacao-do-cuidador-de-idosos-nao-interfere-na-enfermagem . Acesso em 12 de maio de 2025.

https://www12.senado.leg.br . Acesso em 02 de maio de 2025.

https://www.gov.br . Acesso em 02 de maio de 2025.

https://sebrae.com.br/cursos . Acesso em 02 de maio de 2025.

https://www.ssgg.org.br . Acesso em 12 de maio de 2025.

https://portal.pucrs.br/noticias/ensino/vantagens-de-aprender-outro-idioma .

https://www.gov.br/mec/pt-br/cursos livres . Acesso em 02 de maio de 2025.

https:/enem.inep.gov.br .

Dados sobre o IBAO – fornecidos por Bruno Furquim.

O IBAO tem oferecido cursos livres de Inglês, Espanhol, Informática e Cuidadores de Idosos. Seus alunos transcrevem aqui suas experiências, compondo os importantes relatos de *O IBAO e EU.*

O IBAO E EU

Orgulho de lecionar no IBAO

Adriana Maria Scavacini

Em abril de 1998, fui ministrar aulas de Inglês para os cursos ofertados pelo IBAO naquela época: Ensino médio, Técnico de Segurança no trabalho e Desenho Técnico Mecânico, todos no período noturno.

Apesar de ser formada em Letras, sempre gostei da área tecnológica e, depois de algum tempo trabalhando na escola, notei que na secretaria tinha um computador, mas a secretária não utilizava por falta de conhecimento. Ofereci ajuda no contraturno. Um professor da instituição me viu orientando a secretária e informou que no SENAI de Itu estava precisando de professores de informática.

Então, fui prestar serviços vespertinos ao SENAI, ministrando aulas de informática para algumas turmas da prefeitura da cidade e para deficientes visuais e auditivos e aos poucos me envolvi com o núcleo Braille.

Minha mãe não estava bem de saúde e, infelizmente, piorou muito no início de 1999. Deixei minhas atividades noturnas e, logo após meu desligamento, ela faleceu.

No segundo semestre desse mesmo ano, fui recontratada pela instituição e retomei minhas atividades como professora de Inglês e tive uma grande surpresa: a escola estava dando seus primeiros passos na área das novas tecnologias. Adquiriam computadores para o laboratório de informática e, em 2001, contava com 21 microcomputadores e materiais didáticos para iniciarmos as aulas.

As inscrições foram abertas para 200 vagas, divididas em cinco turmas, três à tarde e duas de manhã, foram mais de 500 inscritos para essa primeira etapa, um sucesso, reiterado por vários anos consecutivos.

A princípio, a oportunidade de aprender informática estava destinada a adolescentes entre 14 e 18 anos, mas, no decorrer dos anos, foram criadas

turmas específicas para os adultos e para a melhor idade, abrangendo também os outros cursos ofertados pelo IBAO.

Algum tempo depois, o curso de CAD "Computer Aided Design" ou "projeto e desenho assistidos por computador", foi incorporado ao curso livre de Desenho Técnico, concedendo mais oportunidade para que esses alunos pudessem aprender essa ferramenta tão importante para o mercado de trabalho, que pode ser utilizada em diversas áreas, como Arquitetura, Engenharia, entre outras.

Ao longo desses 25 anos de Instituição, de muita perseverança, não foi fácil acompanhar a evolução, com a tecnologia a galope, mas demos conta do recado. Foram feitas aquisições de novos equipamentos, softwares, internet, apostilas e inúmeras atualizações.

A oportunidade de ministrar esses cursos e ter convivido com pessoas de todas as idades e saberes foi muito gratificante. Digo que, no decorrer desses anos, a evolução e o aprendizado foram meus, convivendo semanalmente com os estudantes. As classes eram compostas por alunos distintos: adolescentes que estavam começando a vida profissional, adultos empresários ou colaboradores de empresas de diversos setores que estavam ampliando seus conhecimentos e aposentados interessados em conhecer um mundo novo.

Alguns desses alunos já tinham feito parte do meu passado; cito a saudosa professora Maria Célia Bombana, que me ensinou artes na Escola Regente Feijó, em Itu, na década de 80, e me presenteou com um lindo prato pintado por ela, retratando a fachada do IBAO, e uma caneca com motivos florais. Foram tantos estudantes, e alguns se tornaram amigos, com quem mantenho estreitos laços de amizade que não se desfizeram ao longo dos anos.

Infelizmente, após a pandemia, todos os cursos livres foram extintos.

Sou muito grata ao legado de Joaquim Bernardes Borges e a toda equipe que, ao longo dos anos, se empenha em manter a instituição e o ensino oferecido por ela entre uma das melhores escolas da cidade. E quando me perguntam onde ministrei aulas é com muito orgulho que digo "Instituto Borges de Artes e Ofícios – IBAO".

Adriana Maria Scavacini

Graduada em Letras e em Pedagogia. Pós-graduada em Design Instrucional e em Inteligência Multifocal e Psicanálise na Educação. Professora de Inglês de 1998 e 1999 e de Informática Básica de 2001 a 2016 no IBAO; Professora de Informática no SENAI; em novas tecnologias. Participação ativa no projeto de inclusão para portadores de necessidades especiais em novas tecnologias – SENAI, Itu. Coordenadora do IBAO e SENAT Sorocaba.

Dupla Oportunidade

Aparecida de Lourdes Peres de Oliveira

Tive a oportunidade de frequentar dois cursos no IBAO:

Informática: Prof.ª Adriana Scavacini
Duração do curso**: 100 horas –** Ano: **2010 –** Período: **Diurno.**
Número de alunos na sala: **40 alunos**
Matérias ou disciplinas, oficinas do curriculo: **Windows, Internet, Word 2007, Microsoft Excel 2007, Microsoft PowerPoint.**

Espanhol– Prof. Carlos Rangel Cerdan
Duração do curso**: 240 horas –** Ano **– 2011 e 2012 –** Período: **Diurno.**
Número de alunos na sala: **40 alunos**
Matérias ou disciplinas, oficinas do curriculo: **Curso de Espanhol em "el módulo B1 del marco comum europeo" iniciado nesse Instituto, tendo uma totalidade de 240 horas.**

Narrativa

Enquanto secretária da Associação São Vicente de Paulo de Itu (Vila Vicentina) responsável por registrar as Atas das reuniões mensais, sentia a necessidade de utilizar a tecnologia, para acompanhar as normas da instituição para digitalizar o conteúdo das Atas. O *IBAO* oferecia o Curso de Informática no qual me inscrevi. Foi espetacular. Novos conhecimentos, nova cultura. Sonho realizado, graças a pedagogia usada pela Professora Adriana. Finalmente com as aulas de Espanhol ministradas pelo professor Carlos, vivemos momentos inesquecíveis. Preparou-nos para novos desafios. Com muita conversação interessante e teatrinhos animados. Suas aulas nos ensinaram a convivência. O IBAO representa para mim a conquista de novos conhecimentos e novas amizades.

Aparecida de Lourdes Peres de Oliveira
Nascida em Orlândia SP, 84 anos de idade.
Exerceu a profissão de professora primária durante 30 anos.
Cheguou em Itu em 2004 e fez muitas amizades.
Como voluntária, ajuda a "Vila Vicentina"
(Associação da Vila de São Vicente de Paulo de Itu).

Amor à profissão

Camila Juliana Morelli Barbi

Minha história começou quando meu avô, pai da minha mãe, estava com câncer de pele na cabeça e passou por uma cirurgia. Eu, casada, com 18 anos e um bebê, fiquei ajudando minha mãe cuidar dele, pois éramos apenas nós duas que ficávamos com ele de dia. Comecei limpando a lesão, pois era bastante delicado o processo, e fiz a limpeza -curativo durante os 2 meses de tratamento, até ele ficar bem. Quatro anos depois, cuidei de uma senhora que havia caído e quebrado o fêmur. Aos poucos, com muito cuidado ela voltou a caminhar. Depois, fui trabalhar na Fazenda do Chocolate durante uns anos.

Quando perdi a minha mãe, senti muito e acabei ficando com depressão. Para me auxiliar a sair do quadro depressivo, uma amiga me apresentou o Asilo Candelária, onde íamos todas as quartas-feiras fazer jogos, ouvir internos, fazer as unhas deles. O tempo foi passando e eu fui cada vez mais gostando dos idosos de lá. Cuidei também de uma tia com Alzheimer, irmã da minha avó.

No início de 2019, minha prima Nayla fazia o Curso Técnico de Segurança do Trabalho no IBAO e me falou que iria começar um Curso de Cuidador de Idoso no meio do ano, lá no Instituto. Eu logo fui e me inscrevi, pois eu já gostava de cuidar e aprender mais seria necessário. Nossas aulas eram à noite com a professora Luciana. Ela explicava bastante, ensinou sobre os cuidados e tivemos aula também de ergonomia que foi bastante importante. No final do ano, foi a nossa formatura. Eu fiz a leitura junto com mais dois colegas da turma e foi bastante emocionante. Minha tia Cláudia, irmã da minha mãe, que é muito importante para minha vida, meu marido, uns amigos e meu filho estavam lá, nesse momento que foi especial para minha vida.

Eu trabalhei cuidando em residência e em hospitais. Meu último paciente fixo foi em 2024. Comecei a cuidar dele no hospital e continuei na casa dele. Ele estava debilitado, mas foi se recuperando aos poucos, com os ensinamentos das aulas que tive. O cuidado no caminhar, se alimentar, fazia as fisioterapias e depois, aos poucos, ele voltou a andar. Caminhamos de mãos dadas pelas ruas do bairro em que morava. Um dia ele disse já cedo: *Hoje tem surpresa*, *vamos pôr o tênis*. Coloquei o tênis nele e ele disse*: Hoje iremos sair.* Comigo sempre do lado, fomos à sede japonesa onde ele foi o presidente. A felicidade dele foi incrível. Infelizmente, alguns meses depois, com um outro tratamento sem sucesso, ele

se foi. Aprendi muito com ele também, ouvindo as suas histórias e a força que ele teve para vir sozinho do Japão ainda pequeno.

Hoje estou apenas fazendo plantão em hospitais ou residência devido algumas mudanças, mas amo muito o que eu faço.

Em 2023, fiz o Curso de Primeiros Socorros para ajudar mais no que for necessário.

Uma frase da Profa. Luciana, inserida no nosso copo de lembrança de final do curso, foi: *"Envelhecer é inevitável; ficar velho é opcional"!!!*

Gratidão ao IBAO pela oportunidade!

Camila Juliana Morelli Barbi
42 anos, Casada e mãe de 2 filhos

Informática e Autocad

Carlos Alberto Rodrigues Júnior

Nasci em 1998, e minha história com o Instituto Borges de Artes e Ofícios é muito familiar. Cresci ouvindo minha mãe Alexandra Brigo, que é funcionária há 34 anos, com muito orgulho e dedicação ao IBAO, falar que já estava saindo para trabalhar e que logo voltaria.

Admiro muito o prédio do IBAO, pelos 100 anos de história, sua beleza, administração, professores e funcionários.

Tive a oportunidade de conhecer essa maravilhosa Instituição, com ensino de altíssima qualidade, com excelentes professores. Cursei informática em 2014 com a professora Adriana Maria Scavacini, e Autocad com os professores Dirceu Perazoli e Patrícia Peixoto.

Sou muito grato ao Instituto Borges de Artes e Ofícios!

Carlos Alberto Rodrigues Junior

Ituano, nascido em 22/07/1998. Casado e pai de uma filha Maria Alice Santos Rodrigues. Filho de Carlos Alberto Rodrigues e Alexandra Brigo, funcionária do Instituto Borges de Artes e Ofícios.

A inclusão em pauta

Célia Regina Lucca

Fui aluna do IBAO, no período de 2010 a 2013, em dois cursos livres.

Em 2010, fiz o curso de Informática, com a professora Adriana Scavacini, que forneceu os fundamentos para utilizar um computador de forma eficiente, a navegar, pesquisar na internet, conhecer os principais programas do Windows e aplicativos básicos. Posso dizer que obtive um bom aprendizado.

Cursei também aulas de Espanhol com o professor Carlos Rangel Cerdan em 2012-2013. Aprendemos as bases da língua espanhola, incluindo fazer perguntas básicas e entender frases simples, utilizar um vocabulário essencial, pronúncia, um pouco de gramática e expressões cotidianas.

Muito importante destacar que eu já tivera um AVC que me deixou com a locomoção limitada, porém fui admiravelmente bem recebida, acolhida e apoiada, até com suporte de cadeira de rodas para locomoção. "Uma escola inclusiva".

Nascida em uma família na qual a religiosidade sempre foi marcante, participei do Movimento Focolares, movimento leigo católico que tem como objetivo a unidade entre as pessoas, contribuir para a fraternidade universal. O encontro anual do Movimento Focolares é a reunião Mariápolis, em Vargem Grande Paulista. A participação neste movimento, as reflexões ali originadas me incentivaram a viver o Evangelho de forma concreta.

Célia Regina Lucca
Ituana, dentista aposentada, dois filhos: Renato e Roberta.

Cuidar de idosos é cuidar de si mesma

Daiana Domingos

Preocupada com meus pais, que já se aproximavam da Melhor Idade e sabendo que eu é quem deveria cuidar deles, descobri que o IBAO oferecia um curso para Cuidadores de Idosos. O curso foi realizado de 05/02 a 26/06/2018, no período noturno, das 19h até às 21h50. Aprendemos os primeiros socorros, dar banho no leito, etc. Éramos uma sala de aula com muitas mulheres e somente dois homens. Era uma turma maravilhosa. Minha melhor amiga hoje é do tempo do IBAO.

Minhas queridas professoras Luciana Fernandes Poso e Liliane Lima Languer com seus conhecimentos, paciência, dedicação e didática muito me ensinaram. Eu adorava as aulas no laboratório, onde através de um boneco, seu João, aprendemos a realizar a tão importante massagem cárdio respiratória. Para mim, foi um grande desafio também fazer trabalhos em que havia a necessidade de falar em público, apresentando meu trabalho.

A marca do curso foi entender o valor da empatia, colocar-se no lugar do próximo.

Embora ainda não tenha conseguido trabalhar na área, muitos dos meus amigos estão trabalhando. Estou fazendo o curso de auxiliar de enfermagem com duração de 15 meses. Pretendo cursar Técnico de Enfermagem com duração de 11 meses e depois, se Deus permitir, a faculdade, que é um sonho tornar-me uma enfermeira e trabalhar na área da saúde para honrar todo conhecimento que recebi nos bons tempos que vivi nessa escola maravilhosa que foi o IBAO.

Tenho muito a agradecer ao IBAO. Lembro sempre com carinho das aulas, das professoras, das amigas e dos amigos. Guardo até hoje a camiseta com as letras IBAO.

Assistir aos enfermos, bem como aos idosos, é amar o próximo como a si mesmo.

Daiana Domingos
Mãe de três filhos:
Giovanna Aparecida Domingos de Morais, 17 anos,
Gustavo Miguel Domingos de Morais, 12 anos,
e Guilherme Augusto Domingos de Morais, 05 anos.

Aprender ao máximo

Odair Sevilha Gimenes

Em 2019, durante o curso de Informática Básica, com carga horária de 100 horas, conheci pessoas de várias idades, porém todos com um só objetivo : Aprender ao máximo…

O grupo era composto por 15 alunos e participávamos de trabalhos coletivos, trocas de ideias e informações…

O curso abrangia os módulos- Windows 7, Internet Explorer, Microsoft Office 2007, Word, Excel e Power Point. Nossa professora, Patrícia Peixoto, sempre atuante e prestativa, auxiliou o grupo da melhor maneira possível, para que todos pudessem atingir seus objetivos.

Claro que durante as aulas, também surgiam algumas brincadeiras, risos, apelidos etc. para relaxar um pouco. Faz parte não é mesmo?…

Esse curso foi de grande valia na minha vida profissional e pessoal.

Minha Gratidão ao IBAO, a todos colegas participantes desse curso, à nossa professora PATRICIA e a todos funcionários desse Glorioso Estabelecimento de Ensino.

Odair Sevilha Gimenes

Nascido e residente em Itu, formado Técnico em Eletrônica no LICEU PEDRO II, Sorocaba. Profissão: Técnico em telecomunicações, trabalhou na Empresa TELESP durante 21 anos e em várias outras Empresas de Telecomunicações.

Ser o "Simão Cirineu" de um idoso

Rosangela Alves de Oliveira

Sempre trabalhei em empresas desde os meus 14 anos. Meu primeiro emprego registrado foi em 1988 na MIMO, na linha de produção. Trabalhei por 27 anos registrada em metalurgias.

Cuidei do meu pai e da minha mãe, já idosos, quando estiveram doentes. Descobri nessa fase da minha vida, a beleza e a importância da paciência necessária no cuidado com idosos.

Já perto dos 50 anos de idade, estava difícil conseguir um novo emprego em linhas de produção. Fiquei quase um ano desempregada. Uma nova ideia surgiu: trabalhar em portaria de prédios. Porém, era necessário conhecer um pouco de informática. Foi então que, em 2019, o IBAO entrou na minha vida. Comecei o curso de informática, incialmente com a professora Adriana e depois com a Patrícia Peixoto. Aprendi muito: digitação, planilhas etc. Foi durante o curso de informática que soube que o IBAO oferecia, também gratuitamente, curso para cuidador de idosos e percebi que era a hora certa para mudar radicalmente de profissão. Procurei logo fazer minha inscrição. Fiz o curso de cuidadora em junho de 2019.

Tive uma professora muito boa chama Luciana, adorava as aulas dela. Com apostilas que ela providenciava, e explicava tudo direitinho como cuidar de um idoso. Utilizava também a lousa, cuja informações anotávamos no caderno. No laboratório, com os bonecos apropriados, aprendi a dar banho em acamados, fazer curativos, até mesmo em escaras, e colocar o paciente de forma segura em cadeira de rodas. Adorava participar dos trabalhos em grupo, onde colocávamos em prática os conhecimentos adquiridos. Luciana explicava tudo com muita paciência e amor de como cuidar de um cadeirante ou paciente com Alzheimer e os cuidados necessários com as medicações dos idosos.

Depois que me formei no Instituto Borges – IBAO, me desenvolvi muito. Aprimorei a paciência e percebi a importância de ouvir com atenção as histórias dos idosos. Desde 2020, estou trabalhando na área de cuidadora de idoso. Minha adaptação foi fácil por gostar de cuidar e relacionar-me com pessoas mais velhas que eu. Encontrei nessa profissão o sentido exato da vida e poder ajudar um idoso a carregar a sua cruz. Pretendo dar continuidade e cursar no IBAO, quando voltar a ser ministrado o curso de Enfermagem.

O IBAO mudou muito a minha vida e de meus familiares. Dou graças a Deus por ter realizado essa conquista e ter me formado nessa maravilhosa profissão que hoje desempenho.

Rosangela Alves de Oliveira
50 anos, casada com Osvaldino Aparecido Xavier, mãe de Bruno de Oliveira Martins e avó de Eloá Emanuelly Mendes Martins de 4 aninhos.

Um bônus

Sandra Regina Trettel Castilho

Desde criança morei próxima ao IBAO, cresci admirando o belíssimo prédio que abriga essa Centenária Casa de Ensino. Apaixonada por designer e arquitetura, aquelas amplas janelas em arco, a majestosa porta de entrada, o piso de ladrilhos hidráulicos brilhando e aquela escada monumental de madeira que leva ao piso superior, encanta qualquer um que, como eu, teve a oportunidade de lá estudar. A escola, sempre organizada e limpa, que realçava ainda mais a beleza arquitetônica do prédio: um Bônus do curso!

No ano de 2007, fiz nessa instituição o Curso de Informática, com duração de 1 ano. O curso deu as primeiras e importantes noções sobre Informática, ajudando-me no trabalho e na vida pessoal, acrescentando conhecimento nessa área tão importante nos dias atuais.

Quais as lembranças tenho desse período? Nossa turma, de 43 alunos, era em sua maioria de adultos, e as aulas ministradas uma vez por semana, à noite, pela competente professora Adriana Scavacini.

Ela, sempre solícita em nossas dúvidas, e olha que eram muitas… Porém, tudo transcorria de um modo leve, agradável, sempre nos ajudando nas "muitas" dificuldades. Até os dias de hoje, continuo tendo com a professora Adriana, rápidas aulas das novas mídias e redes sociais disponíveis na Net. Durante o intervalo das aulas, ia ao pátio conversar com os colegas de turma e, às vezes, encontrava tia Zilda (irmã de papai), que era Vice-Diretora da escola, conversando, ouvindo, aconselhando algum aluno que a procurava. "Uma Doce Lembrança."

Nessa época, eu era sócia de uma empresa no ramo de confecção de uniformes, e a informatização invadia todos os segmentos, do contábil à produção empresarial. Até o ano de 2020, ano que me aposentei, vendíamos em nossa loja na Rua Luiz Gazzola, 272, os uniformes para os diversos cursos do IBAO, uma parceria enriquecedora que por anos nos aproximava através do contato com a direção da escola e com os alunos que atendíamos na loja.

Parabéns IBAO, pelo seu centenário e que venham muitas outras conquistas em sua trajetória na Educação!

Sandra Regina Trettel Ferreira
Ituana, 67 anos, viúva de Arlindo Castilho Ferreira Jr.
Dois filhos - João Paulo e Luis Augusto

Cinco anos de aprendizado diversificado

Virginia Aparecida Delgado

Foram três cursos como aluna do IBAO.

Informática: Prof.ª Adriana Scavacini
Duração do curso**: 100 horas** – Ano **- 2010**
Período: **diurno**
Número de alunos na sala: **40 alunos**
Matérias ou disciplinas, oficinas do curriculo: **Windows, internet, Word 2007, Microsoft Excel 2007, Microsoft Powerpoint.**

Espanhol– Prof. Carlos Rangel Cerdan
Duração do curso**: 240 horas** – ano – **2011 e 2012**
Período: **diurno**
Número de alunos na sala: **40 alunos**
Matérias ou disciplinas, oficinas do curriculo
Curso de espanhol em "El módulo b1 del marco comum europeo" iniciado nesse instituto, tendo uma totalidade de 240 horas

Inglês – Prof. Aluisio Salvador
Duração do curso**:240 horas**– ano – **2013 e 2014**
Período: **noturno**
Número de alunos na sala: **40 alunos**
Matérias ou disciplinas, oficinas do curriculo:
Curso básico de inglês. Conversação, textos.

Narrativa

Convidada a participar do projeto comemorativo do centenário do IBAO – *"O IBAO e EU"* –**,** agradeço a oportunidade de expor o quanto importante é essa Instituição para o município de Itu e todas as pessoas que lá passaram e ainda passarão. Os cursos que frequentei em muito contribuíram para minha formação profissional. Aposentada, porém, prestando serviços na minha área de formação, a informática deu-me oportunidade de executar projetos, planilhas, efetuar pesquisas online que o mercado de trabalho exigia. A realização desse curso foi de grande valia para mim, pois com a tecnologia presente na

sociedade, consigo acompanhar as inovações tecnológicas que nos são propostas diariamente.

Os cursos de idioma: com o objetivo de realizar viagens ao exterior, senti a necessidade de adquirir conhecimentos das línguas estrangeiras proporcionando desembaraço e melhorando a comunicação, caso esse sonho fosse realizado. Além dessa proposta subjetiva, os cursos ajudaram a convivência intergeracional, pois idosos e jovens frequentavam os mesmos. A metodologia proposta, atividades apostiladas, músicas, conversação e teatros em muito contribuíram para essa socialização.

Virginia Aparecida Delgado

Nascida em Santo André – SP, 76 anos de idade. Professora e Assistente Social, chegou em Itu em 1984 e aqui teve oportunidade de atuar profissionalmente. Atualmente continua prestando serviços como Assistente Social para algumas entidades e o IBAO encontra-se entre elas.

Integração com a comunidade

Muitas empresas visam apenas o lucro, sem considerar o impacto social em suas comunidades. No entanto, existem organizações, como o IBAO, que priorizam sua responsabilidade social. Ao promover eventos e interações com a comunidade, o IBAO tem fortalecido laços de confiança e parceria, beneficiando a comunidade e a instituição.

Esse relacionamento tem sido contínuo ao longo de seus cem anos, um processo que gerou uma progressão de confiança, mutualidade e até mesmo gratidão.

A relação do IBAO com a comunidade é evidenciada em muitas lembranças de antigos moradores da cidade e atestadas pelos relatos sobre alguns tipos de eventos sediados pela instituição:

- Feiras, exposições e vendas de móveis, roupas, enxovais etc;
- Competições esportivas;
- Shows musicais;
- Eventos culturais;
- Formaturas de outras escolas;
- Teatro;
- Reuniões de Empresas;
- Reuniões de Escoteiros;
- Aulas do Aeroclube;
- Local de votação para as Eleições;
- Cessão de espaço para aulas de outras escolas;
- Treinamento da Guarda Municipal;
- Reuniões da Prefeitura;
- Alistamento Militar;
- Parceria com o SENAI;
- Parceria com a Prefeitura - UNIT;
- E outros.

Muitos eventos foram realizados em parceria com outras empresas, organizações sem fins lucrativos, assim como com o poder público. Este capítulo também é vinculado aos relatos *O IBAO E EU*.

O IBAO E EU

Voar... um sonho antigo do homem

Alberto Bazaia Junior

... que se tornou realidade com o gênio do brasileiro Alberto Santos Dumont. Mineiro de Palmira, nascido em 20 de julho de 1873 e falecido no Guarujá em 23 de julho de 1932.

Dumont construiu os primeiros balões dirigíveis com motor a gasolina, conquistando internacionalmente o Prêmio Deutsch em 1901, quando, em um voo, contornou a Torre Eiffel com o seu dirigível Nº 6, transformando-se em uma das pessoas mais famosas do mundo durante o século XX.

Santos Dumont também foi o primeiro a decolar a bordo de um avião impulsionado por um motor a gasolina. Em 23 de outubro de 1906, voou cerca de sessenta metros a uma altura de dois a três no Campo de Bagatelle, em Paris. Esse voo foi o primeiro homologado pelo Aeroclube da França de um aparelho mais pesado que o ar, e possivelmente a primeira demonstração pública de um veículo levantando voo por seus próprios meios.

Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, mais conhecido como Assis Chateaubriand ou Chatô, jornalista, escritor, advogado, professor de direito, empresário, mecenas e político brasileiro, destacou-se como um dos homens públicos mais influentes do Brasil entre as décadas de 1940 e 1960. Era membro da Academia Brasileira de Letras. Em 1941, promoveu a Campanha nacional da aviação, com o lema "Deem asas ao Brasil", na qual foi criada a maioria dos atuais aeroclubes pelo interior do Brasil, juntamente com Joaquim Pedro Salgado Filho, então Ministro da Guerra do governo Vargas. Por essa foram criados 140 aeroclubes.

Em 11 de outubro de 1941 foi fundado o Aeroclube de Itu, sob a

presidência de Lini Bicudo e os associados: Antonio Luiz Coimbra Mendes – Mandrac, Mário Braga, Aristides Menabó, Constatino Ianni e Alberto Bazaia. O primeiro avião do Aeroclube de Itu, batizado como "Rio Paraíba", foi doado por Costa Cavalcante, e o primeiro hangar foi doado pela senhora Mayarde Costa Ribeiro. Os portões em madeira desse hangar foram feitos pelos alunos e professores do IBAO.

Esses primeiros associados passaram a receber aulas e instruções de pilotos que vinham de outras cidades do Brasil. Mandrac se formou piloto da Força Aérea Brasileia, foi escalado para combater na 2ª Guerra Mundial (já a bordo do navio rumo à Itália, a guerra terminou e o grupo retornou) e foi o instrutor do primeiro Comandante da Esquadrilha da Fumaça do Brasil. A escola do Aeroclube de Itu foi declarada de utilidade pública federal e municipal.

De 1966 até 1972, o Diretor do IBAO, Ary Caricatte, cedeu uma sala de aula para que o Aeroclube de Itu promovesse cursos para novos pilotos. Com duração de 3 a 4 meses, os cursos eram ministrados à noite, das 19:30 horas às 21:30 horas. Na época, Airton Caricatte, irmão de Ary Caricatte, foi o responsável por aproximar o Aeroclube do IBAO.

Muitos alunos que participaram dos cursos para pilotos oferecidos pelo Aeroclube de Itu, se tornaram pilotos de grandes companhias aéreas como a VASP, VARIG e TRANSBRASIL, outros optaram pela aviação executiva. Hoje, o Brasil é o segundo país no mercado de aviação executiva e São Paulo concentra 35% das aeronaves desse setor.

Depoimento de Alberto Bazaia Júnior (Tik Bazaia)

68 anos, ituano, casado com Celia Regina Tomaz.
Três filhos: Beto, Fernanda e Flavia. Três netos: Gabriel, Heitor e Heloisa.
Campeão motovelocidade 1978, campeão de acrobacias aéreas, instrutor de voo,

piloto de show aéreo com 1226 apresentações no Brasil e exterior.

Ainda, relembrando mais alguns aspectos significativos do IBAO

Ana Carolina Pacheco

A Direção do Instituto Borges de Artes e Ofícios, por 25 anos, cedeu o salão nobre para as festas de fim de ano dos alunos da APAE. Foram apresentações maravilhosas, cheias de alegrias e confraternizações.

Também o Lions Clube realizou um evento pelos idos de 2010, onde o assunto era meio ambiente, ocasião em que a ambientalista Clarisse Maria Boni de Oliveira fez uma apresentação muito apreciada. Além disso, a escola estava aberta para encontros e seminários organizados pelas prefeituras, como os Conselhos Municipais da Saúde e Idosos.

Tenho um testemunho pitoresco também: num plebiscito para decidir se o Brasil adotava o sistema parlamentarista ou não, fui mesária e meu futuro marido, José Elias, foi até lá para que eu experimentasse a aliança. Naquele dia ficamos noivos.

Ana Carolina Pacheco

Foi professora por 25 anos e se dedica à APAE, há 30 anos. Atuante nas áreas de turismo e atendimento à criança e adolescente de Itu. Com sua família reside e preserva a Chácara do Rosário, acervo histórico a céu aberto, sua construção data de 1756, propriedade é um dos melhores retratos de casa bandeirista, período colonial, referência em turismo histórico e rural.

Escola de Educação Infantil Pinguinho de Gente

Camila Lucca Arruda

Referência no ensino da infância, desde 1972, a escola oferece aulas prazerosas e motivadoras, ambiente saudável e acolhedor e instalações adequadas. Professores e alunos participam ativamente do processo de construção do conhecimento. A interação com os recursos e demais ambientes de aprendizagem se dá com autonomia, com o lúdico e o prazer de aprender e aprender fazendo.

Na Pinguinho *de Gente*, o aluno tem a oportunidade de incorporar e compartilhar o significado de valores humanos, da ciência e da cultura, fortalecendo o seu compromisso ético mediante ações solidárias.

Os trabalhos realizados na escola objetivam elaboração de diversas linguagens e relações que estabelecem com o conhecimento, movimento, escrita, natureza e matemática. As atividades abrangem as áreas de *Educação Ambiental, Informática, Educação Física, Dança, Música, Culinária, Inglês e Educação Nutricional*

A escola, no ano de 2025 completou 53 anos de existência e o IBAO fez parte desta história, por longo tempo. Gratidão por ter nos acolhido por tantos anos, pelas inúmeras festas de encerramento realizadas nesse local. Centenas de formandos puderam receber seu primeiro diploma de Educação Infantil, marcando o encerramento da primeira fase da vida, no salão nobre do Instituto Borges.

Além da formatura, tínhamos também as apresentações de dança dos alunos. Cada turma com fantasia característica, apresentava uma dança a seus familiares e amigos.

As festas de encerramento do ano letivo no IBAO, proporcionaram, durante anos, para todas as famílias entretenimento e alegria, tornando um momento de festividade em oportunidade de confraternização e integração.

Gratidão é a palavra para expressar ao IBAO, nosso agradecimento por tanto carinho, dedicação e acolhimento.

Camila Lucca Arruda
Coordenadora Pedagógica.

Verdadeiro musical Chapeuzinho Vermelho

Maria Adelaide Zapparoli de Oliveira

Quando se fala em Chapeuzinho Vermelho, é comum que os ituanos logo se lembrem da Escola de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho e de Tia Gelse Goulart, sua proprietária. Fundada em 03 de março de 1994, sua sede era localizada na Rua Domingos Fernandes, e muitas de suas inesquecíveis festas juninas e de formatura foram realizadas nas dependências do IBAO. Mas, não é sobre ela que eu desejo falar.

Até a terceira série do antigo Curso Primário, frequentei o Externato Nossa Senhora do Patrocínio e na quarta série, em 1950, era aluna do Grupo Escolar Cesário Motta, que ainda funcionava na Rua Paula Souza.

Lembro-me bem de minha formatura do Primário. Naquele tempo, se comemorava o final da quarta série, afinal, não era todo mundo que concluía o primário. Porém, mesmo quem não concluía o curso sabia ler e escrever. Hoje está tudo tão desprestigiado… e até difícil de entender…

Minha professora era Dona Benê Amaral Gurgel e ensinava muito bem. Era ótima professora, uma pessoa muito boa, mas não tinha muita saúde. Frequentemente sofria de enxaqueca e pedia para os alunos ficarem quietinhos, pois não estava bem. E todos colaboravam para não fazer barulho na classe e aumentar o sofrimento da mestra.

Para abrilhantar nossa festa de formatura dona Benê planejou um teatro com os alunos e a peça escolhida foi Chapeuzinho Vermelho, um conto de fadas com raízes em histórias europeias da Idade Média. No século XVII foi publicado pelo francês Charles Perrault, considerado Pai da Literatura Infantil, com um final trágico, com o lobo mau vitorioso. No século XIX, o conto foi adaptado pelos Irmãos Grimm, dois escritores alemães, que deram um final feliz à fábula. A história passou por várias versões, tornando-se conhecida no mundo inteiro.

A versão que apresentamos incluía músicas, temas de cada personagem, um verdadeiro musical. O enredo, bem conhecido envolve uma menina que sempre usava uma capa vermelha e um dia teve que atravessar a floresta para levar uma cesta de doces para sua avó, mas no meio do caminho é enganada por um lobo mau. O nome se refere à menina que usa um capuz vermelho, presente da avó. Eu fui a protagonista, a Chapeuzinho, usava avental, a touca vermelha e a cestinha.

Até hoje me lembro de minha música tema*: "Pela estrada afora, eu vou bem sozinha, levar esses doces para a vovozinha"*... Os demais alunos fizeram o papel dos outros personagens. Cantávamos e interpretávamos. Nos sentíamos *superstars.*

Quem organizou a festa e dirigiu os ensaios foi Inesita, filha da professora, que também interpretou o Lobo Mau. Muito atenta, sempre nos orientando e dando dicas de interpretação, entonação de voz e domínio de palco, Inesita nos preparou muito bem. Nossa festa de formatura aconteceu no salão de festas do IBAO e foi um grande sucesso.

Quando entrei pela primeira vez no Instituto Borges, com meus 11 anos, fiquei encantada com o tamanho do prédio. Sua grandiosidade me fascinou e interpretar Chapeuzinho lá, no palco, foi um verdadeiro estrelato para mim.

Recentemente encontrei um ex-colega de classe que se aproximou perguntando se eu era a Adelaide, a Chapeuzinho Vermelho de Dona Benê. Ele recordou com detalhes nossa festa de formatura, depois de tanto tempo...

É assim mesmo. O conto de Chapeuzinho Vermelho, encanta crianças, perpassa gerações e segue na memória de muitas pessoas. Imagine na nossa.

Faço aqui uma correlação com o IBAO que também segue na memória de muitos, perpassa gerações e sua arquitetura encanta a todos que passam em frente ao seu portão.

Maria Adelaide Zapparoli de Oliveira

Ituana, viúva de Paulo F. de Oliveira,mãe de 3 filhos e avó de 6 netos. Professora Primária formada na Escola Normal Regente Feijó, onde também fez o Curso de Aoerfeiçoamento para Professores. Com formação em Pedagogia, atuou como professora e Vice-diretora de Escolas Públicas do Estado de São Paulo, tendo se aposentado em Botucatu, onde desenvolveu com seu marido, no Rotary, um trabalho intenso para erradicar a poliomielite. Reside atualmente em Praia Grande.

O IBAO também deu asas...

Moacyr Daldon

Eu tinha apenas 7 anos de idade quando, em 1941, o Aeroclube de Itu foi fundado. Morava no Bairro do Jacuhu. Meu pai resolveu construir no nosso sítio uma casa nova para abrigar melhor a família. Um compadre do meu pai, Bepe Bruni, e seu irmão, Ignacio Bruni, que moravam na cidade, foram os responsáveis pela construção. Durante os dias de semana, para render mais os serviços de construção, eles ficavam na nossa casa. Aos sábados, voltavam para suas casas, que ficavam na cidade. E nessas voltas para casa, algumas vezes, meu pai foi junto com toda a família. E para mostrar as novidades da cidade, os irmãos Bruni levaram todos nós a conhecer o Campo da Aviação recém-inaugurado. Fiquei encantado com o que vi. Aqueles pássaros gigantes voando livres pelos ares. Um dia quero voar também, pensei.

Em 1972, aquele sonho de menino começa a se tornar realidade. Com o incentivo da esposa Lola, matriculei-me no Curso de Pilotagem, que era realizado IBAO, das 19h30 às 21h30, em uma sala do piso inferior da escola. O curso tinha duração de três meses. A arquitetura do prédio era um convite às aulas de voo, pois, só para entrar no recinto das salas de aula, eu já "subia às alturas", subindo aqueles degraus junto à porta principal da escola. Meus instrutores, tanto de teoria como de prática, foram: Vegner Preg, Dr. Gabriel Nereu Amorim Alves e Alfeu Algandizo. Tínhamos aulas de cinco matérias: Regulamentos de Tráfego Aéreo, Navegação Aérea, Conhecimentos Técnicos, Aerodinâmica, Meteorologia. Outros alunos que frequentaram aulas no IBAO: Domingos Guido Filho, Herbert Cross, Ticão Belcofiné, Franz Xavier Clain. Gean Fornari, aluno mais recente do Aeroclube, piloto executivo, continua voando os dias de hoje.

As aulas práticas eram realizadas a bordo do avião Paulistinha PT-HPN. Eram necessárias 40 horas/voo de aprendizados para poder voar solo e para se submeter ao exame prático a fim de obter o brevê. Durante uma aula prática, sob a orientação do Preg, ele solicitou que eu aterrizasse pois precisava fazer xixi. Posto o avião no solo, ele desceu e mandou que eu decolasse para o voo solo. Eu tinha apenas 16 horas/voo de treinamento. Obedeci, foi maravilhoso. Quem abastecia os aviões e dava a "partida", provocando o giro da hélice, era o Guarda Campo Sr. Elpídio. Eu na cabine e ele na frente do avião dizia: "Contato seu Moacyr "e, com as mãos, acionava a hélice. Duas ou três tentativas, o motor pegava.

Completadas as 40 aulas/voo e pronto para o exame junto ao DAC, eu e o Preg fomos até Araras para a prova final. Com o examinador a bordo do avião, decolamos. Atendendo as determinações do oficial, fui executando as manobras solicitadas. Em dado momento, ele disse: "Agora eu vou assumir o comando". De "posse" do avião, realizou várias manobras, como *looping*, parafuso e outras radicais, estabilizou a aeronave e, querendo saber se eu estava bem e mantinha a "referência de voo", perguntou: "Onde está a pista de pouso?" Apontando para a pista, respondi: "Ali". "Pode pousar", disse ele. Já no solo, recebi a boa notícia: "Está brevetado"!

Feliz com o novo documento nas mãos, levei minha esposa para fazer seu primeiro voo sob meu comando. Ela, feliz, se deliciava contemplando as belas paisagens de Itu vistas do alto. De repente, o visual começa a mudar. As paisagens tomam outras dimensões, provocadas pelos *loopings,* parafusos etc. Ao som de gritos, clamores a Deus para pousar e com as costas todas arranhadas, coloquei a aeronave no solo.

Alguns pilotos se associaram e compraram monomotor BeechCraft com prefixo PT-BXE.

Aos sábados e domingos, era comum encontrar reunidos no aeroclube os pilotos, num animado bate papo: Felipe Benito, Dr. Gabriel Nereu Amorin Alves, Wlademir Gazzola, Corrado Angelieri e Cristovam Sacramento (ambos de Porto Feliz), Dr. Roberto Ferreira Duque, Valmiré Carlini e, claro, Alberto Bazaia sempre incentivando os novos pilotos e todos eles comentando suas experiências e aventuras nos céus do Brasil.

Moacir Daldon no aeroclube.

Moacyr Daldon

Casado com Leonor Peres Daldon (Lola), pai de 3 filhos: Edson, Wellington, Maria Elisa. Avô de Mateus, Murilo Vitoria, Isabela e Helena e bisavô de Aurora.

Gratidão pelo acolhimento

Odete Guilger Bucci

Os meus primeiros anos de vida escolar se passaram na tradicional Escola Estadual Convenção de Itu. Estudei ali nos anos 1959, 60, 61 e 62.

Nessa época, essa escola que já era antiga, precisava de uma grande reforma. Assim, em meados de 1960, passamos a frequentar as aulas no IBAO, até meados de 1961, em um grande galpão, que acomodava todas as nove classes, de cada período.

Foi um ano de muito proveito e de um grande aprendizado de que devemos acolher quem necessita de ajuda. Durante o recreio, podíamos desfrutar do espaço livre muito acolhedor.

Recordo que nossos professores e o diretor, Sr. Álvaro Castanho Carneiro, lembravam-nos sempre que nossos estudos só não foram interrompidos porque encontramos acolhida nessa escola irmã e, todos os dias, antes de começar as aulas, nas orações, agradecíamos a Deus pela direção do IBAO que nos acolheu e assim pudemos continuar normalmente nossas aulas.

Odete Guilger Bucci
73 anos, bacharel em Direito, aposentada, viúva e mãe de 3 filhos: Danilo, Ana Alice e Rafaela, nora Claudia, genro Marcos e avó de 4 netos: Lorenzo, Valentina, Mia e Matteo.

IBAO: um ACRÔNIMO de grande referência, logo reconhecido

Pedro Modena

Muito curiosa a história de como vim parar neste livro. Estava eu sentado na varanda de minha casa, olhando o movimento da rua, quando um rapaz fazendo sua caminhada passou frente à minha residência, parou e perguntou: "O senhor foi aluno do IBAO"? É que eu vestia uma camiseta branca com a sigla IBAO bordada no lado esquerdo. Respondi que não, e que havia recebido de meu filho, há muito tempo. Penso ser uma camiseta dos anos 90... As camisetas do uniforme eram feitas num lugar pequeno, perto da empresa Fundição Irmãos Gazzola. Como as roupas antigas eram boas, destinadas a durar... Ela esteve guardada por muito tempo, mas desde que recebi a camiseta, a tenho usado bastante. Não deformou, nem tem furinhos... que diferença das confecções atuais.

Uniforme do IBAO

Quem sou eu? Meu nome é Pedro. Nasci em São Joao da Boa Vista em 15/11/1939, tenho 85 anos. Antônio Modena, italiano era meu pai e Maria Aparecida Modena, brasileira nascida em Poços de Caldas, minha mãe. Tiveram 11 filhos, eu sou o quinto filho. Oito irmãos já faleceram.

Meus pais se mudaram bastante. Moraram em Goiás, Minas e, em 1956, a família veio para Itu trabalhar numa fazenda de café perto do Condomínio Santo Antônio, um lugar alto, perto do Tietê. Eu tinha 17 anos. Na fazenda havia 45.000 pés de café, uva, gado, moinho de fubá. Bonita a fazenda.

Quatro anos depois, quando eu tinha 17 anos, viemos morar na cidade. Moramos no Conventinho e cuidamos da horta e do jardim. Trabalhei na

empresa Fundição Irmãos Gazzola, perto de onde morava, colocando ferro derretido nos moldes. Trabalho pesado e perigoso, além do calor extremo. Passei, então, a trabalhar na Scalet Materiais de construção, na rua do Hospital Chierighini. Foram 27 anos retirando areia e pedra no Rio Tietê. Um tipo de pedra que era utilizado nas construções das belas casas dos condomínios; outro tipo ia para a Cosipa, a Companhia Siderurgica Paulista localizada em Cubatão, que na época era uma empresa estatal produtora de aço. Era um dos pilares da indústria siderúrgica brasileira, produzia 4,5 milhões de toneladas de aço líquido por ano e as nossas pedras eram utilizadas no processo de limpeza dos fornos.

Era um trabalho pesado. Eu ficava no leito do rio o tempo todo, mas o rio era maravilhoso, com suas águas límpidas, cheio de peixes, o que atenuava o trabalho. Saudades daquele Tietê límpido e transparente, sem a espuma fétida flutuando.... Será que um dia ele voltará a ser limpo?

Não gostava de estudar. Fiz só um curso de draguista para aperfeiçoar meu trabalho no rio.

Depois desse trabalho, fui operário na Cerâmica Vasatex, que fazia um tijolo de qualidade e continua fazendo.

Aos 60 anos me aposentei. Ainda trabalhei por mais 7 anos na flora que havia em frente de casa, cuidando das plantas e do adubo. Infelizmente a flora fechou e perdi o trabalho que gostava, lidando com plantas e ainda mais, pertinho. Gosto muito de plantas, cuido de uns 100 vasos com diversas espécies que cultivo aqui em casa.

Posso dizer que coleciono estátuas de santos. Fui formando minha coleção ao longo de minha vida e hoje tenho mais de 140 imagens, algumas visíveis oratório da varanda e as demais nos cômodos da minha casa. Minha morada é abençoada por todos os santos.

Sobre minha vida pessoal? Casei-me aos 39 anos com a linda jovem Nadir, que foi a mãe de meus quatro filhos: Fernanda, Florinda, Adriana e Luiz Fernando. Minha esposa, infelizmente, já faleceu e convive no céu com os santos verdadeiros, enquanto eu continuo aqui com as imagens deles.

O IBAO tem um prédio muito bonito. Passei muitas vezes em sua frente, admirando sua beleza arquitetônica e a amplidão de sua área. Ficava ainda mais bonito quando cheio de alunos, que eram a alma e a alegria da escola, eu acho.

Hoje, digo para os jovens: estudem, não façam como eu.

Pedro Modena

Viúvo, aposentado, 3 filhas, um filho, 7 netos e 2 bisnetas.

Uma família e as multifaces do IBAO

Regiane Anzolini Boni

Estudei no IBAO nos anos de 1997 a 1999, junto com o meu irmão Rogério de Campos Anzolini, hoje casado e com uma filha de 5 anos. Minha cunhada Viviane estudou lá também nesses anos, em salas diferentes, onde ele a conheceu e começaram um relacionamento que dura até hoje. Fui a única aluna a ser transferida para IBAO no meio do ano letivo. A transferência aconteceu em 1997, quando estudava na escola Professor Antônio Berreta, onde era aluna desde a primeira série.

Nosso pai, José Maria Azzolini, sempre trabalhou em Metalúrgica e era professor de desenho técnico mecânico e traçagem de caldeiraria, em escolas particulares. Por esse motivo, tivemos vontade e interesse em estudar Desenho Técnico Mecânico no IBAO. Apesar de tantas experiências e conhecimento, meu pai não tinha segundo grau completo; voltou a estudar depois dos 40 anos no IBAO e fez, junto com o meu irmão, o curso de Técnico de Segurança do Trabalho.

Atualmente, eu trabalho em casa com os meus artesanatos, meu irmão é Gestor de TI e meu pai depois de ter trabalhado por muitos anos, inclusive com Técnico de Segurança, hoje é aposentado vivendo com minha mãe, Vera, ainda viva, com quase 50 anos de casamento.

No ano de 1993, quando eu tinha exatamente 11 anos, meu irmão, meus pais e eu entramos para grupo de escoteiros Utu-Guaçu aqui na cidade de Itu. Na época, a sede era no fundo do prédio do IBAO, na rua Santa Rita e permaneceu lá por algum tempo.

O Escotismo promove o aprendizado por meio da prática, o desenvolvimento de habilidades e valores, conhecimento sobre técnicas, atividades e condutas, divididas em seis áreas de desenvolvimento (físico, intelectual, caráter, afetivo, social e espiritual). O movimento escoteiro visa a educação dos jovens, incentivando-os a se tornarem cidadãos ativos e responsáveis, com uma compreensão mais profunda do mundo e do seu papel na sociedade.

Estamos no Movimento Escoteiro até hoje, com sua sede própria localizada no Itu Novo Centro ao lado do Batalhão da Polícia Militar.

No período que estudamos no IBAO, a diretora era a Ivone, esposa do falecido fundador do grupo de escoteiros Utu-Guaçu aqui em Itu, Athynilo Guimarães.

Regiane Anzolini Boni
Casada há 10 anos e um filho de 7 anos.

A presença do ROTARY

Reinaldo José Giannecchini

Por várias ocasiões, os Rotary Clubes de Itu utilizaram as dependências do IBAO para reuniões. Algumas dessas oportunidades seguem elencadas:

FORUM DISTRITAL 4620

Com a presença de Governadores e vários clubes da região.

ASSEMBLEIAS DISTRITAL 4310

Por ocasião do ano Rotário 1999/2000, o Rotary Clube de Itu (Presidente Reinaldo José Giannecchini) foi o anfitrião, juntamente com os clubes irmãos, Rotary Clube de Itu Convenção (Presidente Ana Maria Sampaio) e Rotary Itu Terras de São José (Presidente Valmir Jorge Gibi), em uma reunião de Assembléia do Distrito 4310, que abrangia mais de 40 clubes de cidades, de Itupeva a Agudos, quando estiveram presentes em torno de 20 clubes.

TREINAMENTO DE EQUIPES DE GOVERNADORIA

No ano de 2009/2010, o Governador do Distrito 4310, Humberto de Lucena, fez o treinamento das Equipes da Governadoria, juntamente com a Coordenadora Distrital Doralice Daniel de Lucena.

Reinaldo José Giannecchini

75 anos, empresário. Casado com Sueli Maria de Oliveira Giannecchini, pai de Cibele, Cintia e Cassia. Avô de Enrico, Lucca, Otávio e Alice.

Importância do Instituto Borges de Artes e Ofícios de Itu

2º Tenente Ricardo Alves Barbosa

O uso das dependências do Instituto Borges de Artes e Ofícios de Itu (IBAO) para a seleção de jovens que irão servir ao 2º Grupo de Artilharia de Campanha tem grande importância por vários motivos:

1. Estrutura Adequada – O colégio possui espaços amplos e organizados, ideais para a realização de testes físicos, avaliações médicas e processos seletivos, garantindo eficiência e segurança dos jovens.
2. Localização Estratégica – Itu é uma cidade com boa acessibilidade na região, facilitando o deslocamento dos candidatos e da equipe responsável pela seleção.
3. Tradição e Credibilidade – O Instituto Borges de Artes e Ofícios de Itu é uma instituição reconhecida, que desempenha um papel crucial na sociedade ituana, sendo uma instituição com uma história centenária dedicada à educação e ao desenvolvimento da comunidade local, o que confere maior seriedade e organização ao processo de seleção militar.
4. Apoio à Comunidade – A parceria entre instituições civis e militares fortalece os laços com a sociedade, demonstrando o compromisso das Forças Armadas com o desenvolvimento local.
5. Logística Facilitada – A infraestrutura do colégio (salas de aula, quadras, áreas abertas) permite a realização de diferentes etapas do recrutamento em um único local, otimizando tempo e recursos.
6. Incentivo ao Serviço Militar – Realizar a seleção em um ambiente educacional pode inspirar jovens a enxergar o Exército como uma opção de carreira e desenvolvimento pessoal.

Em suma, a utilização das instalações do Instituto Borges de Artes e Ofícios pelo 2º Grupo de Artilharia de Campanha – Regimento Deodoro, para a seleção dos jovens que servirão ao Exército Brasileiro, estabelece uma parceria estratégica de grande importância para ambas as instituições e para a sociedade ituana. O IBAO contribui ativamente para o processo de recrutamento, oferecendo um espaço adequado e acessível, enquanto o 2º GAC se beneficia de uma

infraestrutura bem localizada e fortalece seus laços com a comunidade local. Essa colaboração demonstra o papel fundamental do IBAO como um centro de apoio e desenvolvimento para a cidade de Itu, abrangendo desde a formação profissional até o suporte a instituições como o Exército Brasileiro.

2º Tenente Ricardo Alves Barbosa

IBAO e o Movimento Escoteiro

Samuel Antonio Membrive

O Movimento Escoteiro foi fundado em 1907 por Robert Stephenson Smith Baden-Powell, um oficial do exército britânico, na Inglaterra. Baden-Powell utilizou de experiências positivas de sua vida militar e conhecimentos de educação para criar o movimento. O primeiro acampamento experimental foi realizado na ilha de Brownsea, Reino Unido, com 20 rapazes. Em 1908, Baden-Powell, publicou o livro "Escotismo para Rapazes", que se tornou um sucesso imediato. No Brasil, o movimento foi oficialmente fundado em 1910 como "Centro de Boys Scouts do Brasil", no Rio de Janeiro. No dia 06 de agosto de 1920, ao final do 1° Jamboree Mundial (grande acampamento a nível regional ou mundial), Baden-Powell foi aclamado, por uma manifestação espontânea de milhares de jovens de dezenas de países, como Chefe Escoteiro do mundo. Em 1924, foi criada a União dos Escoteiros do Brasil (UEB). O método escoteiro utiliza pequenas equipes, como patrulhas, para que os indivíduos participem do aprendizado de forma colaborativa e das tomadas de decisão, com o objetivo de desenvolver o trabalho em equipe eficaz, as habilidades interpessoais, a liderança e criar um senso de responsabilidade e pertencimento. Fonte: *https://www.escoteiros.org.br*

Visando fundar um grupo de escoteiros em Itu, em 04 de agosto de 1970, reuniram-se os Srs: Alírio Savioli Stipp, Athynilo Teixeira Taveira Guimarâes, Décio Luiz Guitte, Celso Calegari, César Ceminelli, Primo Menabó e José Carlos Bruni. (Athinilo ficou à frente do grupo desde sua fundação até o seu falecimento em 1990). Esta foi a primeira reunião registrada durante o processo de criação do Grupo de Escoteiros Utu-Guaçu, contudo, um grupo escoteiro só é considerado fundado após a primeira cerimônia de promessa escoteira de um membro juvenil. A promessa escoteira, nada mais é que um compromisso individual e voluntário, em que o escoteiro declara o seguinte compromisso: *"prometo pela minha honra fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres para com Deus e minha Pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião; obedecer à Lei dos Escoteiros e servir a União dos Escoteiros do Brasil"*. Em 29 de novembro de 1970, foi realizada a primeira promessa escoteira do Grupo de Escoteiros Utu-Guaçu 214-SP, sendo esta, a data oficial da sua fundação. Logo após a sua fundação, o G.E. esteve sediado em uma casa da Universidade de São Paulo – USP, cita a rua Joaquim Borges. Em 1982, o G.E. Utu-Guaçu mudou-se para as dependências do Instituto Borges de Artes e Ofícios, o IBAO, permanecendo ali até meados de 1999.

No IBAO, as atividades do grupo de escoteiros aconteciam aos sábados à tarde; ocupávamos toda a área arborizada e gramado nos fundos do Instituto, bem como usávamos o bosque na lateral da sala de oficina, quadra, porão embaixo da sala da diretora ("Dona Ivone" Salesiani Teixeira Guimarães) como almoxarifado de materiais e equipamentos, e metade/fundos da sala de aula do curso de Técnico de Segurança do Trabalho, onde ficava a sede. Todos os sábados nos encontrávamos para a reunião e seguíamos a programação:

- *14h* – os chefes abriam o portão da rua Santa Rita s/n, aproveitávamos para rastelar os campos de patrulha e reparar as *pioneirias* (estruturas feitas com bambu amarrado), que já estavam montadas,
- *14h30* – hasteamento da Bandeira Nacional,
- *14h45* – tempo livre para continuar as tarefas no campo de patrulhas,
- *15h até 16h30* – jogos ao ar livre e instruções diversas (sempre buscando desenvolver o caráter, honestidade, serviço ao próximo, habilidades manuais e outras que contribuíssem para o futuro profissional).
- *17h* – arreação à Bandeira Nacional.

E assim eram as tão esperadas tardes de sábados no IBAO.

A área do gramado era dividida em 8 espaços, chamados campos de patrulha, sendo 1 para os lobinhos (crianças de 7 a 10 anos), 4 para a tropa de escoteiros (jovens de 10 a 15 anos) que compunham as patrulhas Lobo, Gavião, Onça e Queixada; 2 para a tropa de escoteiras (1992 introdução do escotismo feminino no grupo) patrulha Órion e Pegasus, e 1 para tropa sênior (jovens de 15 a 18 anos), patrulhas Tapajós, Guaporé e Apiaká; os Pioneiros (jovens de 18 a 21 anos) utilizavam uma parte do porão como área de reunião.

As atividades aconteciam de forma simultânea, as seções se organizavam entre si para uso adequado das áreas livres de forma que todos pudessem aproveitar os espaços sem causar conflitos entre as mais variadas atividades que aconteciam, por exemplo, enquanto uma seção tinha palestra de cunho educativo, outra seção fazia jogos ativos, outra montava o campo de patrulha, outra fazia jogos com água. Em cada uma dessas atividades era aplicado e desenvolvido o método escoteiro.

Palestras e reuniões normalmente aconteciam no antigo orquidário ao lado da sala-sede; nos campos de patrulha eram construídas mesas, fogões, toldos e outras *pioneirias* afim de treinar e desenvolver as técnicas de construções necessárias para um grande acampamento; no gramado eram realizados grandes jogos onde os integrantes das patrulhas participavam aprimorando suas habilidades, e por inúmeras vezes, o local foi utilizado para acampamento; no bosque lateral da oficina era normalmente utilizado para prática de atividades de cozinha.

Desde a fundação, o G.E. Utu-Guaçu prezou por um alto nível em suas atividades, pois, ao contrário do que muitos pensam, o escotismo não serve apenas para juntar um grupo de amigos em volta de uma fogueira em um acampamento, mas sim, através do método escoteiro, auxiliar no processo educativo e na formação de um adulto responsável, um líder comprometido; um dos lemas que o Chefe Athynilo trazia consigo era "educar a criança de hoje, para não punir o homem do amanhã", e ao longo desses anos, centenas de jovens, meninos e meninas, passaram pelo G.E. Utu-Guaçu, e certamente as atividades se tornaram experiências úteis no desenvolvimento dos aspectos físico, afetivo, social, intelectual, espiritual e do caráter de cada indivíduo, e hoje essas mesmas experiências se tornaram um marco na vida e trazem boas lembranças, rendem boas conversas em família e entre amigos e ainda contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e honesta. Um perfeito paralelo com o IBAO, que ao longo dos anos contribuiu de forma inquestionável para a formação de centenas de profissionais de Itu e região.

Atualmente, o G.E. Utu-Guaçu conta com cerca de 88 membros inscritos e que participam ativamente das atividades; é reconhecido pela União dos Escoteiros do Brasil e desde 2022, tem recebido consecutivamente o "Padrão Ouro" pela aplicação do método escoteiro e excelência em suas atividades; as reuniões semanais são realizadas em sua cede própria, situada na rua Arquiteto Márcio João de Arruda, 310, Vila Leis Itu – SP, CEP: 13.309-083.

Lembre-se: Uma vez Escoteiro, sempre Escoteiro!

Samuel Antonio Membrive
Ingressou no G.E. Utu-Guaçu como membro juvenil em 1990, atuou ativamente até 2015.

Colaboradores:

Fernando Henrique Fogaça Lourenço da Silva
Ingressou no G.E. Utu-Guaçu como membro adulto em 2013, atual Diretor Presidente.

Fernando Luiz Moura de Napoli
Ingressou no G.E. Utu-Guaçu como membro juvenil em 1979, atuou ativamente até 2019.

Elizabeth Teresa Tavernaro
Ingressou no G.E. Utu-Guaçu como membro adulto em 1992, atuou ativamente até 1997.

Um majestoso cenário em minha vida

Zinho do Violão

Há uma curiosidade no meu início de vida. Nasci em Itu, na Maternidade Borges, em 20/05/1949, mas fui registrado em Cabreúva. No entanto, meu coração é ituano e o reconhecimento de tal sentimento, demonstrado em minhas atividades profissionais, foi ratificado com a outorga do Título de "Cidadão ituano", que recentemente me foi concedido pela Câmara Municipal de Itu.

Meus pais se mudaram para cá quando eu era bem pequeno. Cursei o Primário primeiramente na Escola Mista do Bairro Santa Cruz (1º e 2º anos); o terceiro ano foi no Grupo Escolar Cesário Motta, e o ano final, no Grupo Escolar Convenção.

Sou conhecido como Zinho do Violão, e quem me 'batizou" assim, foi Holimar Pires de Almeida, proprietário da Rádio Convenção, durante um programa. Minha vida relacionada à música começou cedo. Autodidata, aprendi sozinho, vendo cifras… e de ouvido. Aos 10 anos, já cantava no Programa Infantil de Calouros da Rádio Convenção e fui calouro vencedor. Nos anos 60, tocava bateria.

Quando adulto, também fui calouro vencedor no programa de Chacrinha, o Velho Guerreiro, Abelardo Barbosa. A "Buzina do Chacrinha" era um programa de auditório da TV com atrações musicais e show de calouros com suas dançarinas conhecidas como Chacretes, com coreografias ousadas e figurinos provocantes (para a época). Esteve no ar em várias emissoras e, quando me apresentei, estava na TV Globo, mas o programa foi gravado aqui, na Associação Atlética Ituana.

No programa de Inezita Barroso, um dos mais tradicionais programas de música caipira na televisão brasileira., transmitido pela TV Cultura, cantei a minha composição "Viola, minha viola," em homenagem a Inezita, a eterna rainha da música caipira.

Recebi o Prêmio Inezita Barroso, como defensor da música de raiz em nossa cidade na Assembleia Legislativa de SP, indicado por Rita Passos, na época deputada estadual.

Como radialista, trabalhei quase 20 anos. Lembro que substitui o Nhô Juca, figura mítica na Rádio Convenção, que significa para Itu o mesmo que Zé Bétio na Capital. Em 1985, lancei meu primeiro LP com 10 músicas, das quais 4 de minha autoria. Em 1999, gravei o CD COLETÂNEA com a participação do

Padre Antônio Maria, pela Associação do Senhor Jesus de Valinhos e tive um contrato de 10 anos com a TV Séculos XXI.

Sempre tive uma vida muito ativa e presente na cidade: fui presidente do Lyons, trabalhei na prefeitura com diretor administrativo do setor de protocolo, já ocupei cargo de diretor de Lazer e Eventos da Secretaria de Turismo, além de cantar contratado particularmente em eventos particulares ou municipais.

Em relação ao IBAO, meu primeiro contato foi enquanto aluno da quarta série, em 1961. A escola que frequentava, o Grupo Escolar Convenção, passava por uma reforma e, durante aproximadamente um semestre, o IBAO recebeu os alunos do Convenção enquanto aguardavam o término das obras. Tivemos que nos adaptar, porque não havia sala de aula disponível para todas as classes. Numa sala bem grande funcionavam duas classes, com aulas normais para cada uma. Era meio barulhento o ambiente. O espaço fora da sala era agradável, amplo, gostoso mesmo.

Nos anos 90, fui contratado para cantar nas festas juninas do IBAO, organizada pelo próprio Instituto. Tenho até foto em um dos eventos, com minhas filhas gêmeas vestidas de caipirinhas.

Nas eleições, é ao IBAO que compareço para votar. Lá é minha zona e seção eleitoral, bem como de minha esposa. Além disso, por vários anos, trabalhei como fiscal das eleições, também no Instituto Borges.

Em 2012, foi gravado um comercial para TV no SBT, nas instalações do IBAO, quando um anúncio publicitário de uma empresa comercial foi filmado. Foram utilizados o prédio e a quadra, como se fosse um quartel, com os atores vestidos de soldados. Tinha até um jipe camuflado da produção. O comercial ficou no ar durante alguns meses com o majestoso cenário de nosso patrimônio cultura.

Como veem, não fui aluno da instituição, mas o IBAO sempre fez parte de minha vida.

Luiz Marino Silveira Leite

Há 53 anos casado com Celi de Jesus da Silveira Leite, pai de Daniela e das Gêmeas Ana Carolina e Ana Paula.

UNIT

A UNIT, Universidade do Trabalhador "Dr. Abel dos Santos Nunes", segmento da Prefeitura Municipal de Itu, sob responsabilidade da Secretaria de Promoção e Desenvolvimento Social, é um centro de capacitação que oferece cursos em diversas áreas profissionais, através de cursos e oficinas gratuitos, atuando no município desde 1984.

A história da UNIT se entrelaça com a história do IBAO, pois foi neste que ocorreu o primeiro espaço utilizado pelos cursos da universidade.

A UNIT nasceu durante o segundo mandato do prefeito Lazaro Piunti, em 1984.

A parceria durou até 1990, quando a UNIT foi transferida para um galpão ao lado da estação ferroviária, ali permanecendo até 2010.

Ao longo do tempo, os cursos foram adaptados às necessidades do contexto e do mercado de trabalho

Atualmente, a UNIT mudou de nome. É denominada Centro de Capacitação Profissional e possui duas unidades: uma localizada no centro da cidade e outra na região do Pirapitingui, no bairro Cidade Nova.

Fontes

ROEDEL, André. Revista Campo e Cidade, edição 15/setembro/outubro de 2024, pág 20-23

https://itu.sp.gov.br/promocao-social/centro-de-capacitacao-inclusiva-cci-unit/, acesso em 31 de março de 2025

https://jornalperiscopio.com.br/site/cci-unit-com-inscricoes-abertas/ 15/10/2024, acesso em 31 de março de 2025.

Dando continuidade ao eixo integrador desta antologia, *O IBAO E EU,* seguem as mensagens de alunos UNIT em tempos de IBAO.

O IBAO E EU

A tríade – IBAO, SENAI e UNIT

Benedito D. Calandrin

Estudei no IBAO nos anos de 1971 a 1973, quando frequentei o curso de Eletricidade Básica e Industrial e ali fiz muitas amizades, principalmente na fanfarra, que era impulsionada pelo Prof. Zezé, onde me destacava como um dos melhores corneteiros. Minha tia Lourdes de O.Calandrin, era secretária no IBAO e o Diretor era o Prof. Ary Caricatte. Tínhamos aulas de Português (Profa. Celia Sita), Matemática, História, Geografia (Profa. Norma), Ciência (Prof.Zinho Tocheton), Desenho artístico (Profa.Estela e seu Pai o Prof. Carmignani) e Música. Nas aulas de Oficina, tínhamos na Mecânica e Ferramentaria (Prof. Rogério), Marcenaria (Prof. Alberto) e Eletricidade (Prof. Anibal).

No prédio da escola visto de frente, há a escadaria da entrada e à esquerda está a secretaria do IBAO e do lado direito havia a secretaria do antigo SENAI. Ao fundo, nota-se dois grandes galpões: o da esquerda era a oficina utilizada para as aulas dos alunos do ginásio e o galpão da direita era utilizado para as aulas profissionalizantes da escola SENAI. Os alunos que frequentavam o Ginásio IBAO, ao se formarem, poderiam prestar concurso e escolher uma prática profissional na escola SENAI e assim se formavam profissionais na área escolhida.

O SENAI saiu daquele prédio e mudou-se em 1972 para o prédio novo, instalado na Av. Goiás, no Bairro Brasil, onde fui estudar em 1974 e assim o prédio ficou vazio por algum tempo, até que a Prefeitura de Itu com seu então alcaide o Sr. Lázaro José Piunti, criou a escola UNIT – Universidade do Trabalhador que tinha praticamente a mesma função do SENAI, porém os alunos, não tinham uma boa formação escolar.

Em 1989, fui então convidado por meu ex-professor de SENAI, o Sr. Airton Bueno, que lecionava o curso de Eletricidade na UNIT e teria que se mudar

para a cidade de Rio Claro - SP e sabendo que eu já havia me formado professor em 1986, chamou-me para substituí-lo e assim, no período noturno, lecionei na UNIT por 12 anos maravilhosos, onde adquiri muita experiência e novas amizades.

Nessa época, o Prefeito era o Sr. Sergio Prévide e o diretor da escola UNIT, era o Sr. Luiz Gazzola. Os professores eram: Mecânica (Prof.Airton e Prof. Nim), Ferramentaria(Prof. João), Marcenaria (Prof. Paulo Ribeiro), Eletricidade (Prof. BeneditoD.Calandrin), Sapataria (Prof. Mobrice), Desenho Técnico (Prof. Albertini).

Para acessar aos cursos, mudamos a forma de escolher os alunos, pois, eram feitas provas de conhecimento em matemática simples e eram terríveis as notas obtidas. Não podíamos ensinar um aluno que mal sabia escrever, a ter um diploma profissional, onde toda matéria era exigida a matemática para cálculos em cada área. Assim, foram alterados o modus operandi e as provas modificadas para escolhermos os melhores para atuarem no curso desejado. Aqueles que não conseguiam ser aprovados, fazíamos uma conversa de olho a olho e mostrávamos a nota que o aluno tirou, e então o indicávamos a estudar num curso à parte para posterior tentar novamente.

Os alunos jantavam na escola e as merendeiras eram, D. Elza e D. Vera (excelentes cozinheiras).

Mais tarde, estávamos tendo problemas com a chegada de outras professoras que utilizavam o espaço da oficina, onde minha área de elétrica na parte de prática. Infelizmente fazia muito barulho (era uma oficina) e atrapalhava as professoras. Assim sendo, talvez tenha sido esse o problema, a escola UNIT, mudou-se para o prédio no pátio da Estação FEPASA (por incrível que pareça, no prédio vizinho à casa nº 8, ao lado da Zoonose, onde residi em minha infância, pois meu pai era escriturário na FEPASA).

Benedito D. Calandrin

Natural de Itu – SP. Eletricitário Aposentado e Professor. Formado em Pedagogia Plena e Adm. Escolar com Habilitação em Supervisão Escolar com exercício nas escolas de 1º e 2º graus. Técnico em Projeto de Máquinas pela PROTEC, Marketing pela Univ. Presb. Mackenzie.

Vicente Mobrice, mestre Sapateiro

Sônia Regina Mobrice Pavani

Com muito orgulho, relato a participação do meu pai, Vicente Mobrice, neste projeto incentivador de resgate de memórias do IBAO.

Tempos bons, aqueles…

Meu pai foi sapateiro desde muito jovem. Aprendeu o ofício com o Sr. Belcufiné, de quem foi ajudante por um tempo. Mais tarde, montou sua própria sapataria, que por muitos anos funcionou na Rua Santa Cruz, esquina com a Madre Maria Teodora — um verdadeiro ponto de encontro entre amigos e vizinhos do bairro.

Quando foi lançado o projeto da UNIT, que teria sede no Instituto Borges de Ofício e Artes (IBAO), meu pai foi convidado pelo prefeito da época, Sr. Lázaro José Piunti, para ministrar aulas de sapataria.

Quanta emoção ele sentiu ao receber o convite! Apesar de não ter formação escolar, era um verdadeiro mestre do ofício. Lembro-me bem da felicidade que sentiu ao fazer parte daquele projeto.

Durante o dia, trabalhava na sapataria. No fim da tarde, trocava-se com entusiasmo para dar aula. Sempre muito alinhado, subia na sua Belina verde e seguia rumo ao IBAO.

Recordo-me dele levando meus filhos pequenos para conhecerem a sala de ofícios. Também o acompanhou um primo, que ainda jovem participou das aulas de eletricidade.

Naquela época, a UNIT oferecia diversos cursos profissionalizantes nas dependências do IBAO: sapataria, eletricidade, costura, mecânica, entre outros. Os instrutores não eram chamados de professores, mas sim de mestres de ofício. Os alunos, aprendizes.

Que honra foi para meu pai ensinar seu ofício a outras pessoas. Ele sempre comentava sobre as diferentes habilidades dos alunos, o esforço de cada um, os desafios e conquistas ao longo do processo.

No intervalo das aulas, havia um momento de grande alegria: a merenda. Comida simples, mas saborosa e preparada com carinho pelas cozinheiras do instituto. Era um verdadeiro alento para muitos aprendizes que vinham direto do trabalho.

Guardo com carinho a lembrança de uma das maiores alegrias do meu pai: o dia em que o então governador de São Paulo, Sr. Orestes Quércia, visitou o

IBAO, acompanhado do prefeito de Itu e outras autoridades, para conhecer as oficinas e os cursos.

Muitas turmas foram formadas naquele período, e dali saíram excelentes profissionais que contribuíram significativamente para o desenvolvimento comercial de Itu.

Sônia Regina Mobrice Pavani

70 anos, casada com Flávio Benedito Pavani, bancária aposentada, mãe de 3 filhos; Murillo Vicente Pavani, Mauro Vinicius Pavani e Flávia Regina Pavani e avó de duas netas maravilhosas, Maria Alice Paulino Pavani e Maria Laura Paulino Pavani.

As reviravoltas do Ensino Médio

No período colonial, o destaque no trabalho educacional se refere às ordens religiosas masculinas, sobretudo à Companhia de Jesus. De início o trabalho jesuítico, chamado de orientação brasílica, era de Reduções e Missões abrangendo o ensino de Português, da Doutrina Cristã, Canto Orfeônico, Música Instrumental, Escola de Ler e Escrever, Aprendizado profissional e Agrícola ou Gramática Latina. A partir de 1559 o trabalho foi alterado, atendendo a *RATIO STUDIORUM*, uma reformulação geral para os inacianos. Sob essa determinação passaram a se preocupar com o Curso de Humanidades, cujos estudos eram centrados, segundo Franca (1960, p,132), composto por 4 séries de Gramática, Humanidades, Retórica, Filosofia e Teologia., visando desenvolver o raciocínio, a comunicação e a argumentação sem esquecer a disciplina e a obediência. Preparavam para a seleção dos estudos superiores na Europa, sobretudo em Coimbra.

Em 1756, o Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, Primeiro- Ministro de Portugal, baniu os jesuítas de todos os territórios portugueses e o Brasil ficou sem nenhuma referência educacional. Seu decreto de Aulas Régias, que buscava secularizar o ensino sob controle do Reino, levou mais de 10 anos a ser implantado em nosso país e ainda assim, de forma pouco eficaz. Eram aulas isoladas, divididas em dois níveis – Estudos Menores ou Primeiras Letras e Estudos Maiores, que incluíam Latim, Grego, Hebraico, Retórica e Poética. Os professores contratados e mal remunerados atendiam os alunos em suas casas e eram segmentados. Muitas vezes, o aluno precisava frequentar mais de uma classe para se preparar para o ensino superior na Europa.

O cenário mudou em 1808, com a chegada da família real portuguesa, que trouxe mais atenção à formação das elites do território, agora considerado Reino Unido. As aulas Régias se multiplicaram e o príncipe-regente Dom João fomentou o ensino superior com a criação de alguns cursos.

Após a independência do Brasil, durante o período regencial, foi criado em 1834 o Ato Adicional, que concedia às províncias autonomia para legislar sobre educação e estabelecer seus próprios estabelecimentos. Essa medida resultou na criação dos liceus e ateneus, instituições destinadas a fornecer conhecimentos essenciais para o ingresso no ensino superior. Os primeiros estabelecimentos públicos de ensino foram o Ateneu, no Rio Grande do Norte, e os Liceus da Bahia e da Paraíba. Em 1837, foi fundado o Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, que se destacou por sua estrutura escolar organizada, seriada e com um currículo que conferia o grau de bacharel em Letras. Os

formandos desse colégio obtinham o direito de ingressar no ensino superior sem a necessidade de exames de admissão. Para os demais, o acesso ao ensino superior exigia, geralmente, a comprovação de idade mínima e a aprovação em exames.

Durante muito tempo, o ensino médio ficou restrito aos estabelecimentos como os liceus provinciais nas capitais, e do Colégio D. Pedro II, voltados para a educação masculina e as escolas normais que também envolviam a educação feminina. Lembrando que somente em 1880 foi fundada a Escola Normal do Rio de Janeiro. Nas demais províncias, o sistema de Aula Régias persistia, sendo substituído lenta e gradativamente.

O cenário mudou em 1808, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, que trouxe mais atenção à formação das elites do território, agora considerado um Reino Unido. As aulas Régias se multiplicaram e o príncipe-regente Dom João fomentou o ensino superior com a criação de cursos de Medicina, da Academia Real Militar e dos Laboratórios de Química e Químico-Prático, entre outras instituições

Após a independência do Brasil, durante o período regencial, foi criado em 1834 o Ato Adicional, que concedia às províncias autonomia para legislar sobre educação e estabelecer seus próprios estabelecimentos. Essa medida resultou na criação dos liceus, instituições destinadas a fornecer conhecimentos essenciais para o ingresso no ensino superior.

Os primeiros estabelecimentos públicos de ensino foram o Ateneu, fundado em 1835 no Rio Grande do Norte, e os Liceus da Bahia e da Paraíba, criados em 1836. Em 1837, foi fundado o Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, que se destacou por sua estrutura escolar organizada, seriada e com um currículo que conferia o grau de bacharel em Letras. Os formandos desse colégio obtinham o direito de ingressar no ensino superior sem a necessidade de exames de admissão. O acesso ao ensino superior exigia, geralmente, a comprovação de idade mínima e a aprovação em exames aplicados em etapas.

Durante muito tempo, o ensino médio ficou restrito aos estabelecimentos como os liceus provinciais nas capitais, voltados para a educação masculina e as escolas normais que também envolviam a educação feminina, além do Colégio D. Pedro II. Lembrando que somente em 1880 foi fundada a Escola Normal do Rio de Janeiro

O sistema de Aula Régias persistia, sendo substituído lenta e gradativamente.

Na segunda metade do século XIX, como consequência das ineficazes iniciativas imperiais quanto à organização da instrução pública, a proliferação de

escolas particulares foi imensa, sobretudo as religiosas. As escolas particulares suplantavam o ensino público, em número de estabelecimentos e de alunos. Os colégios jesuítas retornaram de forma organizada e estruturada, após Pio VII restaurar a Companhia de Jesus. Em Itu, devemos destacar que em 1859 foi criado o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio para meninas, sob a direção de Madre Maria Teodora Voiron, da Congregação das irmãs de São José de Chambéry, e, em 1867, os jesuítas fundaram o Colégio São Luis Gonzaga. (FOLINO, 2024, pág.94).

A República herdou um sistema ineficiente, insuficiente e distante das camadas populares, mas não significou aumento com a preocupação da melhoria das condições de vida da população, nem mesmo a primeira constituição (1891) se preocupou com a educação para o desenvolvimento popular, ou a formação de um sistema escolar.

Assim, nos primeiros 40 anos da República, o curso secundário continuou com a preocupação comum: a preparação para a matrícula nos cursos superiores. Exemplo para tal afirmação é a Reforma Benjamim Constant 1890-92, então Ministro da Instrução, Correios e Telégrafos, cujo foco foi a mudança curricular do Ensino Secundário.

Somente 10 anos mais tarde, na Lei Rivadávia Correia, houve a preocupação de acabar com a imagem de curso preparatório para o ingresso na educação superior. Já em 1915, na reforma Carlos Maximiliano ficava claro a preocupação em preparar o aluno para prestar o "rigoroso exame vestibular secundário". Uma década depois, a reforma João Luis Alves via o nível superior como uma preparação fundamental e geral para a vida.

A partir da década de 1930, o Brasil começou a desenvolver uma política oficial para a educação, reconhecida pela segunda Constituição Republicana, que atribuía ao Estado a responsabilidade educacional. Contudo, com o "Estado Novo" em 1937, essa responsabilidade passou a ser compartilhada entre a nação, estados e municípios, com uma postura mais omissa do Estado.

A Reforma Gustavo Capanema de 1942 formalizou o Ensino Médio no país, então chamado de Ensino Secundário, dividindo-o em Curso Científico e Curso Clássico, cujos alunos escolhiam a modalidade de acordo com o que pretendiam estudar no nível Superior nas áreas chamadas exatas ou humanas, com duração de três anos. Com o aumento da industrialização do país e a criação do SENAI e SENAC, houve aumento da demanda por ensino técnico, porém, os alunos do ensino profissionalizante necessitavam complementar seus estudos para prestar vestibular ao ensino superior. Os cursos profissionalizantes não eram equiparados aos cursos científico e clássico. Um desajuste entre o ensino

secundário e as necessidades sociais, refletido na proporção de 10% dos alunos progredindo para a educação superior.

A aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 4024 de 20 de dezembro de1961, estabeleceu a estrutura do ensino em Ensino Primário, Médio e Superior. A lei determinava que a educação de grau médio, dividida em dois ciclos – Ginásio e Colégio abrangia os cursos secundários técnicos e de formação para professores (Curso Normal), deveria ter como objetivo a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, preparando o aluno para o trabalho e para estudos superiores. A maior novidade foi colocar no mesmo plano de igualdade o curso secundário, os cursos técnicos e os pedagógicos, de forma que o aluno egresso de qualquer curso secundário poderia pleitear o ensino Superior.

Este foi um bom período para o IBAO, com o Ginásio Industrial que atraiu muitos alunos, curso recordista na instituição quanto a este aspecto, e outra circunstância positiva foi a parceria com o SENAI, que perdurou durante anos.

A Lei n. 5692/71 fixou as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus apresentando dois pontos fundamentais: escolaridade obrigatória dos 7 aos 14 anos, no ensino de 1º grau (8 anos), unindo os antigos primário e ginásio; e a generalização tecnicista do nível médio ou 2º grau, que deveria oferecer somente cursos profissionalizantes com duração de 3 a 4 anos.

"Não foi simples realizar as transformações do Ensino Secundário em cursos profissionalizantes, nem mesmo com convênios e associações, como as autoridades da época cogitaram. As escolas, em geral, não se adaptaram a contento e a experiência fracassou. O fato é que, com raríssimas exceções, nem as escolas públicas, nem as particulares, atingiam as exigências do mercado. Eram tensões de todos os lados: das escolas públicas, sem verba e sem adequação, das particulares que reclamavam estar à beira da falência, dos alunos descontentes com a fragilidade da formação e do mercado de trabalho insatisfeito com a mão de obra recebida. Em 1982, foi retirada a obrigatoriedade do ensino profissional nas escolas de ensino de Segundo Grau". (FOLINO, 2024, pág. 183).

Dentre as exceções neste período, a atuação do IBAO, que tendo estrutura física, material e experiência na realização de cursos profissionalizantes, teve suas realizações amplamente reconhecidas e valorizadas.

Em dezembro de 1996, foi aprovada a segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que assim regulamentou o ensino formal: Educação Infantil (antiga pré-escola), Fundamental (1ª a 8ª séries), Médio (antigo segundo grau), Profissionalizante e Superior. Estabeleceu a obrigatoriedade do Ensino

Médio e o Curso Magistério passou a não ser prioridade, foi gradualmente extinto e o curso de Pedagogia passou a ser a principal alternativa para a formação de professores da Educação Infantil e séries iniciais do Fundamental. A grande crítica a essa extinção se refere ao distanciamento da prática e da realidade. E em relação ao Ensino Médio o descontentamento se referia à baixa flexibilidade e à uniformidade rígida do currículo.

A Lei 13 415de 16 de fevereiro de 2017 alterou a formação do Ensino Médio propondo uma base nacional comum curricular e itinerários formativos para o aprofundamento de habilidades e competências, direcionando para o Projeto de Vida.

A lei anterior era criticada pela rigidez curricular, a de 2017 gerou muita insatisfação e debates, com especialistas e estudantes criticando a forma da implementação, seus impactos negativos face à excessiva flexibilização curricular.

Como é possível verificar, o Ensino Médio tem passado por crises, críticas, avanços e recuos ao longo da história do país. Recentemente houve nova legislação.

Referências:

FOLINO, Vilma Pavão. Itu é a História: Múltiplos olhares sobre a Educação. Editora FoxTablet, Salto, 2024.

FRANCA, Leonel S. J. Noções de História da Filosofia. Livraria AGIR Editora, Rio de Janeiro, 1973

GHIRALDELLI Júnior, Paulo. História da educação. São Paulo: Cortez, 1992. Ed 2ª. (Coleção Magistério- 2º grau. Série Formação do Professor).

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. História da Educação Escolar- A Organização Escolar. São Paulo, Editora Cortez,1989.

https://12.senado.leg.br – acesso em 18 de junho de 2025

www.gov.br/o quemudanoensinomedio- acesso em 20 de junho de 2025

https://www.histemat.com.br- acesso em 22 de junho de 2025

https://revistas.ufrj.br – acesso em 22 de junho de 2025

Ensino Médio nos dias atuais

Maria José Constâncio Bellon

Sancionada no ano passado, a Política Nacional de Ensino Médio (Lei nº 14.945/2024) começou a valer a partir de 2025. A nova legislação altera a Lei nº 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e revoga parcialmente a Lei nº 13.415/2017, que dispõe sobre a reforma do Ensino Médio, o "Novo Ensino Médio", que já vinha sendo aplicado pelas escolas desde 2022.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), havia dificuldades na implementação da lei de 2017, principalmente para as turmas do período noturno, da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da educação escolar do campo, indígena e quilombola.

Em março de 2023, o MEC publicou uma consulta pública para ouvir as demandas dos educadores e encontrar soluções para os problemas identificados durante a implementação da reforma. O projeto de lei do governo federal foi aprovado pelo Congresso depois de muitos debates sobre carga horária, fomento ao ensino técnico e regulamentação dos itinerários formativos.

Com isso, a nova configuração do Novo Ensino Médio visa flexibilizar o currículo para melhor atender às necessidades dos estudantes, oferecendo mais autonomia na escolha de suas áreas de estudo. Com uma proposta de ensino personalizada, o novo modelo representa uma transformação significativa na estrutura da educação brasileira.

Implantação do Novo Ensino Médio em 2025 e principais mudanças

A partir de 2025, os sistemas de ensino devem começar a implementação para os estudantes da primeira série do Ensino Médio. Já em 2026, as regras começarão a valer também para a segunda série. E, em 2027, para a terceira série.

Embora algumas escolas já tenham começado a adotar o novo formato de forma experimental, a partir do ano que vem todas as instituições de Ensino Médio deverão adequar-se à nova estrutura. O processo de transição será realizado de forma gradual para que as escolas possam se preparar e adaptar seus currículos, professores e infraestrutura às novas demandas.

A principal mudança está na organização curricular, que será dividida em duas partes: uma formação geral básica, comum a todos os estudantes, e os itinerários formativos, que permitirão aos alunos escolherem áreas de conhecimento de seu interesse.

Além disso, a carga horária será ampliada e haverá uma maior integração entre o ensino regular e a formação técnica e profissional.

Diferenças entre o modelo atual e o Novo Ensino Médio

No modelo atual, o currículo do Ensino Médio é unificado, com os alunos estudando disciplinas obrigatórias em áreas do conhecimento que nem sempre correspondem às suas aspirações profissionais. Já o novo modelo busca personalizar a jornada escolar, dividindo o ensino em uma base comum e em itinerários formativos.

Esses itinerários são focados em áreas específicas, como linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e ensino técnico-profissional. O objetivo do MEC é proporcionar uma educação mais relevante e alinhada aos interesses e talentos de cada aluno, preparando-os melhor para o mercado de trabalho ou para o ingresso no ensino superior.

Carga horária

Uma das principais mudanças é a carga horária mínima do Novo Ensino Médio, que será ampliada. Atualmente, a legislação prevê 2,4 mil horas para os três anos.

Com a reforma, esse número passará para 3 mil horas, das quais 2,4 mil serão destinadas à Formação Geral Básica (FGB); até então, a duração era de 1,8 mil horas. A FGB inclui Artes, Educação Física, Inglês, Matemática, Português, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

"A ampliação da Formação Geral Básica garante que os componentes curriculares voltem ao currículo, ou seja, as disciplinas de Literatura, Artes, Educação Física, Biologia, Física e Química, Filosofia, Geografia, História e Sociologia. O professor quer dar aula daquilo para o que foi formado", avaliou o secretário-executivo adjunto do MEC, Gregório Grisa, em material divulgado pelo governo federal.

Itinerários formativos

Os itinerários formativos são um dos principais pilares do Novo Ensino Médio. Eles são compostos por disciplinas, projetos, oficinas e outras atividades optativas disponibilizadas aos estudantes, que complementam as matérias obrigatórias e possibilitam aprofundar conhecimentos em áreas específicas de interesse.

Assim, os estudantes podem escolher áreas de conhecimento de maior interesse, personalizando sua formação. As opções de itinerários incluem linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e sociais aplicadas, além da formação técnica e profissional.

De acordo com a nova lei, a carga horária mínima dos itinerários será de 600 horas, com exceção da formação técnica e profissional, que pode chegar a 1,2 mil horas. Cada escola deverá ofertar pelo menos dois itinerários formativos, com exceção das escolas que oferecem ensino técnico.

A escolha dos itinerários pelos estudantes ocorre no segundo ano. Eles podem seguir um único caminho ou optar por uma formação mais diversificada, escolhendo disciplinas de diferentes áreas.

A elaboração dos itinerários será de responsabilidade do Conselho Nacional de Educação. Antes, ficava a cargo do MEC.

Em termos de Língua Estrangeira, a única que permanece de modo obrigatório é a Língua Inglesa. Os currículos poderão oferecer outras línguas de acordo com a disponibilidade, dando preferência ao espanhol.

Os estudantes matriculados em regime de tempo integral poderão utilizar uma parte da carga horária de experiências extraescolares para cumprir a carga horária escolar, desde que as atividades tenham a ver com o currículo. Segundo o MEC, as formas de comprovação dessas horas ainda serão definidas pelos estados.

Já em relação ao ensino noturno, cada município deverá ter ao menos uma escola pública com o período disponível, caso haja demanda manifestada e comprovada.

Próximos passos

Com a reforma do Ensino Médio se consolidando em 2025, os próximos passos para as escolas envolvem a adaptação total ao novo modelo, o que inclui a formação de professores, a adequação curricular e a ampliação de suas estruturas para atender à nova carga horária e à oferta de itinerários formativos.

Desafios da implementação

Leonardo Lapa Pedreira, Gerente de Educação Básica do SESI, enxerga com otimismo as mudanças previstas na Política Nacional de Ensino Médio. Mas destaca dois desafios principais:

O Enem, que é a grande avaliação nacional do ensino médio, ainda não está alinhado à reforma e nem aos itinerários formativos. Este desalinhamento é uma das principais queixas dos estudantes.

Leonardo reforça que esse alinhamento entre o Enem e as mudanças propostas pela nova lei precisa ser feito até 2028.

Outro ponto que ele destaca: "É essencial definir parâmetros claros e mínimos para os itinerários formativos. Se a formação básica não estiver alinhada

ao Enem, os itinerários não vão cumprir o seu papel de apoiar os estudantes em seus respectivos projetos de vida."

A inclusão do Ensino Técnico

Dentre os principais pontos positivos, Leonardo acredita que estão a ampliação da carga horária e a inclusão do ensino técnico.

Para o gerente de Educação do SESI, poucos estudantes enxergam o ensino técnico como uma possibilidade na sua formação. O estudo Education at a Glance 2021, da OCDE, reforça essa percepção. No Brasil, apenas 9% dos alunos do Ensino Médio fazem um curso técnico ou de qualificação. Na União Europeia, esse percentual é de 43%; no Chile, 29%; e, Colômbia, 24%.

Cronograma de implementação do Novo Ensino Médio

- 2025: as redes de ensino devem iniciar seus planos de ação para se adequar às novas cargas horárias para os(as) estudantes da 1ª série.
- Março de 2025: MEC e o CNE definem Parâmetros Nacionais para Itinerários Formativos de Aprofundamento.
- Dezembro de 2025: INEP propõe matrizes de avaliação para o SAEB e o ENEM, alinhadas à BNCC e aos Parâmetros Nacionais para os Itinerários.
- 2026: Estados aprovam seus novos currículos para o ano letivo de 2026.

Referências

https://futura.frm.org.br/conteudo/educacao-basica

https://portal.mec.gov.br/

LEI Nº 14.945, DE 31 DE JULHO DE 2024 - Publicação Original

O Ensino Médio no IBAO

Maria José Constâncio Bellon

Minha história com o Ensino Médio no IBAO iniciou em 2009 através de uma entrevista que realizei para possivelmente lecionar na instituição. Na época, atuava na rede pública estadual na Oficina Pedagógica, hoje Núcleo Pedagógico. Como estava fora da sala de aula trabalhando com formação dos professores de Língua Portuguesa desde 2006, sentia a necessidade de atuar em sala de aula.

E eis que, fui chamada pela Coordenadora Ana Maria Santos, hoje diretora da instituição, para ser informada que a vaga era minha.

Na ocasião fui contratada para substituir o Professor Rocha durante o 2º semestre. Mas para a minha surpresa fui convidada a continuar no ano seguinte com uma sala.

O trabalho com o Ensino Médio nessa época (2009) não tinha como foco o ENEM. A partir de 2010 a instituição passou a priorizar o processo de ensino e aprendizagem para a preparação do ENEM, principalmente os alunos da 3ª Série. É claro que outras prioridades também estavam pautadas como a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, preparando o estudante para o mundo do trabalho. Essa preparação para o mundo do trabalho sempre esteve presente, pois muitos dos estudantes que passaram pelo Ensino Médio faziam concomitante cursos no Senai. Importante enfatizar que os alunos, em sua maioria, sempre foram oriundos da rede pública.

Além disso, sempre teve como objetivo desenvolver a formação como cidadão buscando a formação ética, o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

De lá para cá… muitas gerações entraram e saíram… e é claro que as mudanças ficam perceptíveis no comportamento dos alunos e dos seus interesses.

A professora que iniciou em 2009, hoje em 2025, também precisou se atualizar, reformular, estudar, tanto no que diz respeito ao Novo Ensino Médio, bem como nas suas práticas pedagógicas. Ser professor hoje em dia é mais do que transmitir conteúdo; é ser um facilitador do aprendizado, um guia e um modelo para os alunos, além de um agente de transformação social. A profissão exige constante adaptação, uso de novas tecnologias.

Outro aspecto muito relevante quanto ao Ensino Médio no IBAO é a parceria com a família. Esse trabalho é desenvolvido de forma exemplar pelo

Coordenador Pedagógico Fernando Mattos, o que contribui muito com trabalho da equipe de professores. Além disso, os estudantes também recebem orientações de acordo com as suas necessidades.

Sou muito grata por ter sido acolhida pela instituição que ao longo dos anos vem abrindo as portas para a formação dos alunos.

Agradeço também, com muito carinho, toda a equipe de professores de ontem e de hoje, a coordenação, direção e funcionários. Agradeço também aos meus alunos de ontem e de hoje.

Um brinde à vida que tem o poder de encerrar ciclos e levar consigo toda nostalgia, renovando em cada novo ciclo a esperança e alegria.

Gratidão IBAO

Professora Maria José Constâncio Bellon

Formada pela Faculdade de Filosofia Ciência e Letras Nossa Senhora do Patrocinio -Letras. Professora de Língua Portuguesa – IBAO 2009 -2025.

Relatos sobre a vivência no Ensino Médio de ontem e hoje encerram o segmento que evidencia a singularidade desta obra, *O IBAO e EU*, e que desperta grande interesse por prestar tributo aos profissionais da escola, valorizar as amizades, os laços afetivos e o sentimento de pertencimento gerado pelas experiências vividas no IBAO.

O IBAO E EU

Oportunidade e experiência

Fernando de Mattos

Coordenador Pedagógico dos Cursos Técnicos e Ensino Médio do Instituto Borges de Artes e Ofícios, conheci o IBAO por meio de uma parceria com o hospital onde eu trabalhava. O IBAO emprestava sala para treinamentos e palestras. A organização, os processos de trabalho, a limpeza e o respeito de todos sempre me impressionaram.

Em 2012, devido à escassez de profissionais Técnicos de Enfermagem, surgiu a oportunidade de uma nova parceria entre a instituição que trabalhava e o IBAO para a abertura do curso Técnico em Enfermagem. Participei da primeira reunião e, após a aprovação da proposta, desenvolvi o plano de curso com a diretora Ana Maria. A primeira turma foi iniciada em 2015. Durante o desenvolvimento do plano de curso, iniciei meu trabalho no IBAO como professor do curso técnico em Segurança do Trabalho. Minha expectativa era contar com recursos, estrutura e suporte para lecionar com foco na qualidade do ensino, e o IBAO sempre cumpriu esse compromisso.

Ao longo dos anos, o IBAO proporcionou-me diversas oportunidades e experiências, como professor, responsável técnico pelo curso técnico em Enfermagem e Coordenador Pedagógico dos Cursos Técnicos e Ensino Médio.

Trabalhamos com uma equipe de professores e funcionários competentes e responsáveis, que dedicam amor e determinação aos valores educacionais da escola e do patrono Joaquim Bernardo Borges. Esses valores são evidentes no planejamento anual, nas aulas diárias, nas intervenções, nos projetos, nas confraternizações e nos eventos promovidos pelos alunos, com o apoio de todo o corpo docente e da gestão escolar. A sinergia entre professores e funcionários é

fundamental para o sucesso dos alunos, criando um ambiente de aprendizado acolhedor e estimulante.

O IBAO desempenha um papel fundamental na comunidade, oferecendo oportunidades de educação e desenvolvimento para jovens e adultos. O ensino é gratuito e de qualidade, além de oportunidades para ingresso em universidades ou empresas após a formação. Ao longo dos anos, desenvolvemos as competências e habilidades necessárias para atender às necessidades individuais e coletivas dos alunos, preparando-os para uma vida profissional e pessoal promissora.

São muitos os momentos memoráveis com os alunos, desde as alegrias das conquistas até o enfrentamento das dificuldades. Acompanhamos cada um individualmente, incentivando-os a superar desafios e a aproveitar ao máximo o ensino oferecido.

Guardo memórias eternas de momentos como a apresentação do Dia da Enfermagem, as aulas práticas e os estágios em diversas áreas da enfermagem, a Semana Interna de Prevenção de Acidentes, as visitas a empresas, os planos de emergência, os projetos como o Sarau, os passeios pedagógicos e os simulados do ENEM e vestibulares.

Há 8 anos no IBAO, expresso minha gratidão e meu compromisso em manter os valores e ideais da escola e do patrono Joaquim Bernardo Borges, desenvolvendo estratégias para um ensino de qualidade.

Agradeço à Mesa Administrativa e à diretora Ana Maria dos Santos, pela confiança e oportunidade de fazer parte dessa história. A todos os professores, funcionários, alunos, pais e responsáveis pelo trabalho em conjunto que tem sido fundamental para que cada aluno tenha a oportunidade de alcançar seu máximo potencial.

Fernando de Mattos

Empresário, Coordenador Pedagógico e Enfermeiro. Formado e Licenciado em Enfermagem e Pedagogia. Especialista em Administração Hospitalar, Enfermagem em Urgência e Emergência, Acupuntura e Auditoria em Enfermagem.

Ser professor

José Renato Luciani

A minha principal atividade profissional foi na área financeira. Dividia meu tempo com o ser professor, lecionando no período noturno e, quando possível, nas primeiras aulas do período matutino.

Ser professor, partilhar conhecimentos, me realiza como ser humano. Estou aposentado das minhas atividades profissionais, mas continuo lecionando, agora Teologia, apenas pelo prazer de transferir conhecimentos.

Iniciei minha carreira acadêmica na Escola Técnica Junqueira Ortiz, lecionando Matemática Financeira. Aprendi na prática o que é ser professor.

Convidado a trabalhar no IBAO – Instituto Borges de Artes e Ofício, aceitei com alegria e orgulho, lecionando no período de 1977 a 1980 a disciplina de Física para os alunos do 2º grau, hoje Ensino Médio.

Lembro ter sido muito bem acolhido pela diretoria, na pessoa do Sr. Ary Caricatte, pelo corpo docente e alunos.

Na oportunidade, com 25 anos, foi uma experiência gratificante lecionar nesse período para aproximadamente 300 jovens, que se tornaram profissionais em diversas áreas.

A integração com os alunos foi marcante a ponto de ter sido escolhido como paraninfo de turma, recordação que guardo com carinho. Confesso que fiquei apreensivo, pois era minha primeira experiência. Agradeço a colaboração do professor Paulo Gazzola que me ajudou na preparação do discurso. Lembro que "agradeci aos alunos o convite, com breves palavras demonstrei a eles que tinham, merecidamente, vencido uma etapa importante, estavam capacitados para alçar voos mais altos, e preparados para enfrentar novos desafios, seja na vida profissional ou cursar uma faculdade". Terminei dizendo: "o futuro da sociedade depende de cada um de vocês. Coragem".

José Renato Luciani

Pós-graduado pela FGV, administrador de empresas e professor universitário, casado a 48 anos com Vera, cinco filhos: Rogerio, Nádia, Saulo, Kennedy e katia; quatro netos: Thayna, Felipe, Bruno e Olivia.

Trabalho em sintonia com a escola

José Roberto Nogueira

Faço parte do corpo docente do IBAO desde janeiro de 2013, ano em que fui entrevistado pela Diretora da instituição, Sra. Ana Maria Santos. Lembro-me que queria muito fazer parte dessa instituição, agora centenária, que tanto ajuda e continuará ajudando a população carente da cidade de Itu com cursos profissionalizantes de qualidade e de Ensino Médio, formando cidadãos críticos e atuantes na nossa sociedade como um todo.

Desde que me juntei a esta instituição, tenho procurado realizar um trabalho de excelência. Conheci inúmeros colegas com os quais formamos um time de extrema habilidade, e juntos nos dedicamos na busca por uma sociedade mais justa, proporcionando conhecimento, desenvolvendo habilidades e competências, incorporando metodologias que possam contribuir ainda mais para a formação dos jovens que um dia serão o cerne do nosso país.

Nesse tempo, conheci várias histórias, vivi inúmeras experiências e, acima de tudo, aprendi com tudo e com todos. Meu coração se enche de amor pelos homens e mulheres que passaram por aqui, pelas amizades que fiz para a vida toda. Não é incomum ser contactado pelos ex-alunos que, de alguma forma, nutrem um carinho imenso pela gente. Tudo isso possível graças ao IBAO, que proporciona um lugar de aprendizagem e protagonismo, antes mesmo de hoje ser um termo da moda; um lugar de desenvolvimento do ser humano como um todo, uma "terra" onde plantamos um futuro de qualidade para todos, sem exceção.

Como é incrível ver um jovem que chegou cabisbaixo, fechado e com extremas limitações se desabrochar. Em três anos, eles mudam tanto que até parecem se tratar de outra pessoa, e o IBAO proporciona um lugar que promove a igualdade e a equidade nessa magnitude, que faz tanta diferença e se torna esse agente espetacular de transformação de vidas.

Claro que nem tudo são flores; tivemos perdas marcantes, não conseguimos atingir a todos, mas, no final, eu sinto que é muito bom fazer parte dessa história. Pretendo continuar a contribuir para a sociedade através do IBAO, porque o que construímos aqui é único e, acima de tudo, traz para a minha vida significado para a missão que escolhi.

José Roberto Nogueira

Natural de Itu/SP, filho de Pompeo Nogueira e Elena Custódio de Jesus Nogueira, professor de educação básica desde 1999.Cursou o Ensino Fundamental e Médio na Escola Cícero Siqueira Campos e Ciências com habilitação plena em Matemática no CEUNSP de Itu.

Pela janela o descortinar de uma vida

Adriana Scavacini

Como começar a escrever sobre algo que me remete ao passado, passado de uma vida inteira? Digo de uma vida inteira, pois nasci na Vila Nova, cursei o ensino primário e ginasial (termos estes que só os das antigas entenderão) no Grupo Escolar Convenção de Itu, e tinha da janela da minha classe a imagem gigantesca e de certa forma intrigante e perturbadora do prédio do Instituto Borges de Artes e Ofícios, onde três dos meus irmãos mais velhos chegaram a estudar, além do meu pai, fato que vim a descobrir bem mais tarde. Refiro-me à imagem como perturbadora, pois na minha visão e imaginação de criança, aqueles portões davam passagem para um mundo à parte, talvez uma outra cidade, ou quem sabe até uma outra dimensão, com identidade, leis e regras próprias, causadas talvez pela grandiosidade e imponência da construção e do movimento de pessoas do tipo "entra e sai" pelo portão ao longo de todo o período. Sabia também que o Borges dali era o mesmo que dava o nome à Rua Joaquim Borges, por onde eu caminhava todos os dias, bem como para a Maternidade Borges, onde dizia a minha mãe que eu havia nascido e onde minhas irmãs deram à luz aos meus sobrinhos. Conforme eu crescia, crescia também a curiosidade por saber quem seria esse "Borges", nome presente em locais tão importantes para os ituanos. Meu conhecimento sobre ele se resumia em saber que se chamava Joaquim, que foi um homem de grande valor, que era português, mas que passou grande parte de sua vida em Itu. Nada sabia sobre o legado, e acreditava que ele apenas havia emprestado seu nome para instituições importantes.

No "Convenção", na época do ginásio ou primeiro grau, uma das nossas queridas professoras de matemática, com orgulho nos dizia que seu marido era o Diretor do IBAO, e que ele desempenhava sua função com extremo amor e dedicação. Eu sentia esse mesmo orgulho na voz de outro professor que também lecionava para a nossa turma e que, às vezes, por alguns minutos, com brilho nos olhos, nos contava sobre o prazer que sentia em lecionar no IBAO, formar pessoas, ensinar um ofício aos adultos preparando-os para o mercado de trabalho. Para minha grata surpresa, minha formatura no primeiro grau foi realizada nas dependências do salão nobre do IBAO, e realmente foi inesquecível para mim.

Fui cursar o segundo grau na Escola Prof. Antonio Berreta, onde a grande maioria das meninas davam continuidade aos estudos no curso de habilitação

para o Magistério. Minha vida tomou outros rumos, segui para a área da segurança pública. Em 1992, na primeira turma da Guarda Municipal Feminina de Itu, passei cerca de três meses nas dependências do IBAO em treinamento para exercer a função, e na ocasião, por estar na casa dele, vim a saber um pouco mais a respeito da história de vida do Joaquim Bernardo. Grande descoberta, até então eu tinha comigo que o nome dele era Joaquim Bernardes conforme constava na placa indicativa do nome da rua que havia muito próximo à minha casa na infância. Por obra do acaso, ao longo do tempo, vim conhecer pessoas ligadas ao IBAO, que até hoje são de grande importância em minha vida e que carrego no coração, e que me incentivaram a me matricular no curso de Informática onde reencontrei uma prima homônima de nome e sobrenome, que foi minha professora, pessoa esta que também permaneceu em meu coração. Frequentei também o curso livre de Inglês, e sinto por não ter conseguido concluir por conta dos plantões, que eram intensos já na Polícia Civil, onde permaneci por vinte anos.

No ano de 2011, o meu filho começou a frequentar o Ensino Médio no IBAO, e no ano seguinte foi encaminhado ao Programa Jovem Aprendiz. Concluiu com sucesso o Ensino Médio, aprendeu a dar valor aos estudos e ao trabalho. Serei eternamente grata aos professores que participaram dessa formação.

Voltando ao meu tempo na Polícia Civil, muito envolvida com a carreira de Escrivã, sentia por não ter tempo para me dedicar à leitura. Queria conhecer as grandes obras e também os lançamentos, e em diversos momentos me peguei em conversa com Deus mais ou menos assim: *"Senhor, será que eu vou precisar cometer um crime e ser levada para a cadeia para ter o tempo que preciso para ler os livros que tanto quero?"* Pois Ele me respondeu com uma grata surpresa. Me aposentei e, antes mesmo da publicação da aposentadoria, uma biblioteca me esperava. Sim, fui trabalhar como auxiliar na grande biblioteca do IBAO. Me encantei com o trabalho que me dava acesso à leitura, me encantei com o fato de estar nas dependências do IBAO todos os dias. Realmente Deus foi muito carinhoso e caprichoso comigo e me colocou diante da possibilidade de ler, adquirir conhecimento literário, aprender muito, fazer amizades, conviver com o conhecimento dos professores e com a juventude dos alunos, e ainda receber um salário.

E não era só isso, eu fui pesquisar para saber quem foi o homem que tornou tudo isso possível para mim. Quem foi o homem que tornou possível que, ao longo do tempo, tantos jovens e adultos conseguissem frequentar uma escola e receber ensino de qualidade e formação profissional? Quem foi o homem que se preocupou em deixar nestas terras um hospital maternidade para as mulheres carentes? Quem foi o homem que trabalhou uma vida inteira para deixar uma fortuna em nome de um legado? Fui buscar as respostas, encontrei a grande maioria

delas na biblioteca, em publicações de autores ituanos. Mas a que realmente me elucidou sobre a obra de Borges, encontrei na Internet, num Trabalho de Conclusão de Curso elaborado por uma estudante chamada Márcia Cristina Belucci. Trabalho primoroso de pesquisa e coleta de dados, fiel à biografia de Borges. Trabalhando na biblioteca, fui incumbida de separar e organizar documentos guardados desde meados de 1922, quando se deu o início da construção do prédio do Instituto, aliás, prédio este assinado por Ramos de Azevedo, famoso por projetar o Teatro Municipal de São Paulo e tantos outros ícones da época. Em meio a esses documentos, para minha surpresa, encontrei o registro de matrícula de meu pai no curso de Comércio no ano de 1948. E para completar, em meio a documentos da Maternidade Borges, o registro de entrada de minha mãe por ocasião do meu nascimento, ambos momentos de muita emoção e gratidão.

Enfim, ficaria aqui escrevendo mais e mais linhas a respeito do legado Borges, dos Provedores, Irmãos, Administradores, Diretores, Professores, Funcionários em geral, dos milhares de alunos atendidos ao longo dos anos através dos Cursos Profissionalizantes, Ensino Médio, Cursos Livres, pelos pacientes atendidos pela Irmandade Santa Casa de Misericórdia e Maternidade Borges, mas vou resumir expressando meu respeito, admiração e gratidão pelo ser humano chamado Joaquim Bernardo Borges, que ainda criança, sozinho, enfrentou o mar, desembarcou em terras brasileiras (abro um parênteses pensando na aflição de uma mãe ao ver seu filho partir num navio numa época que não havia sequer comunicação) e para nossa sorte fez morada em terras ituanas onde trabalhou, fez fortuna, deixando-a em testamento para a Irmandade Santa Casa de Misericórdia a fim de construir e manter um hospital e uma escola profissionalizante para os mais necessitados. Meu respeito aos Administradores desse Legado que, há um século, vêm conseguindo cumprir a missão deixada por Borges. História inspiradora, que sinto honra e orgulho em compartilhar

Adriana Scavacini

57 anos, solteira, mãe de dois filhos e muitos gatos. Escrivã de Polícia aposentada. Trabalhou no IBAO no periodo de fevereiro de 2017 a dezembro de 2022 exercendo a função de Auxiliar de Biblioteca. Mudou-se de cidade no início de 2023 partindo para novos desafios e aprendizados.

A importância de um bom amigo

Alexandra Brigo

Minha história com o Instituto Borges de Artes e Ofícios começou em junho de 1991. Comecei a trabalhar na Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu em maio daquele ano, e no mês de junho houve a Intervenção, foi aí que eu e mais cinco funcionários da administração (Ibraim Aparecido Veronezze, Maria Tereza Galvão de Paula Leite, Maria Givanete, João Pereira de Góes e Miguel Adacto de Mello), viemos para o IBAO, o qual é mantido pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu. Meu primeiro emprego, por indicação do saudoso Sr. João Pereira de Góes, através do meu saudoso pai, Rubens Brigo que conhecia o Sr. João, foi trabalhar como secretária da Provedoria. Meu primeiro chefe foi Sr. Ibraim, a quem tenho muita gratidão, por ter me dado a oportunidade e confiança no meu primeiro emprego, em uma Instituição conceituada na cidade de Itu.

Quando viemos para o IBAO, um prédio belíssimo que fica situado à Praça Conde de Parnaíba, nº 83, no centro da cidade de Itu, os funcionários que trabalhavam no período diurno eram, Maria Alina, Aparecida Camilotti, Maria Apparecida Silveira Marques, Ivone S. T. Guimarães, Zilda Trettel da Costa, Lázaro da Silva (Lazinho), Virgílio e sua esposa Maria Ana, e no período noturno os professores. Os anos foram passando, funcionários foram saindo, outros falecendo, pessoas novas foram chegando. Minha amizade com Maria Tereza Galvão de Paula Leite começou no hospital da Santa Casa, enquanto o Sr. Ibraim Aparecido Veronezze foi meu chefe lá e,depois,no IBAO; com a funcionária Jacira Benedita Antunes, o convívio foi iniciado há 25 anos e, nos últimos 10 anos, dividimos a mesma sala. Portanto, são pessoas que estiveram sempre presentes tanto na minha vida profissional como familiar.

Um fato que me marcou muito foi quando o funcionário de muitos anos, o Sr. João Pereira de Góes, assessor da provedoria e também Irmão, passou mal, desmaiou, foi socorrido e internado; dias depois faleceu, em 20/03/2000, com 93 anos. Sou muito grata a ele. O Sr. João, sempre muito bem vestido com seu terno e gravata, todas as manhãs saía da sua chácara no Recreio dos Góes, ali ao lado da estrada velha entre Itu e Salto, até o IBAO, dirigindo seu automóvel Passat Volkswagen amarelo. Uma pessoa muito educada, meses antes de falecer, me disse que estava vendo os seus amigos indo embora e que só ele estava ficando.

Uma funcionária também marcou pelo seu amor ao IBAO, a D. Maria Apparecida Silveira Marques (Cidoca), inspetora de alunos a noite, preparava o

café da manhã dos funcionários (um cafezinho muito especial) e servia o café para os Irmãos nas reuniões da Mesa Administrativa, ela se arrumava impecável e trabalhava com muita dedicação.

Para mim, o IBAO significa família, minha segunda casa, é aqui que comecei com os meus 18 anos, passei minha juventude, tive meus dois filhos, tornei-me avó, aposentei e continuo aqui. A maior parte da minha vida e o que fiz, sempre foi trabalhando no IBAO, são 34 anos de trabalho e dedicação. Já fui secretária da Provedoria, serviços de office boy, compras, contas a pagar e atualmente assistente financeiro. Participei das restaurações (cotações de materiais, pagamentos e reinaugurações) da Capela de São João de Deus na Santa Casa, auditório do IBAO, prédio velho da Santa Casa, a instalação do Centro Pró-Memória no IBAO, e depois na Santa Casa, jequitibá rosa.

As pessoas que sabem onde trabalho sempre me perguntam sobre os cursos, datas de inscrições, mesmo eu não sendo da secretaria da escola, mas sim, funcionária da administração do conhecido IBAO. A escola passou por mudanças para melhor. O prédio sempre muito bem cuidado. No começo, era apenas um computador para vários funcionários trabalharem, mas depois foram comprando mais computadores e impressoras. A escola foi se modernizando, sempre com o intuito de melhorar a cada dia e proporcionar aos funcionários, um ótimo ambiente de trabalho.

Eu sempre com a máquina de escrever, rapidamente datilografava o Relatório da Provedoria, todos os anos. Quando não tinha ainda o computador, datilografei cheques para pagamentos por aproximadamente quase 30 anos. Sinto saudades desse tempo. As Assembleias da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, uma reunião feita todos os anos com as presenças dos Irmãos da Instituição, antigamente eram realizadas aos domingos, atualmente aos sábados. Mas a inovação e tecnologia chegaram e com isso deixei de usar a máquina de escrever.

O IBAO daqui a 100 anos? Imagino ele como sempre foi: muito bem cuidado, e continuará com o ensino de qualidade que sempre teve. Sou muito grata à Provedoria e Administração da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu e ao Instituto Borges de Artes e Ofícios, pela oportunidade que me deram em trabalhar por todos esses anos. Fiz muitas amizades especiais em todos esses anos de trabalho, é uma honra fazer parte do quadro de funcionários desta Instituição centenária.

Alexandra Brigo
Assistente financeiro, desde 07/05/1991 até o momento.

Histórias de um lar chamado IBAO

Memórias de Amarilsio Benedito Pedrotti

Bruno de Assis Furquim

Meu nome é Amarilsio Benedito Pedrotti, mas todos aqui me chamam de Seu Amarilsio. Há 27 anos, cruzei pela primeira vez os portões do Instituto Borges de Artes e Ofícios, com o ânimo de começar uma nova jornada e uma esperança de encontrar mais que a ocupação do trabalha, mas a estabilidade. Foi João Moreira, um amigo pedreiro que já partiu dessa vida, quem me indicou. Ele dizia: "Lá você vai achar seu lugar". Não sabia que, além de um emprego, encontraria um segundo lar. Falo isso pois, morei nas dependências do IBAO, junto de minha família, por 12 anos. Residindo na casa, casa da zeladoria, onde fomos muito felizes.

O IBAO, para mim, sempre foi sinônimo de estabilidade. Cheguei em um período de recomeço, quando a vida parecia me cobrar mais do que eu podia oferecer. Mas aqui, entre paredes que respiram história, aprendi que trabalho não é só sobre consertar coisas quebradas. É sobre cuidar de um legado.

Minha rotina de trabalho começa cedo. Enquanto a cidade ainda desperta, percorro os corredores vazios do instituto, verificando torneiras que pingam, lâmpadas queimadas, portas que rangem. Sou o encarregado da manutenção, o "médico das paredes", como brinco às vezes. Pouco tempo passo com os alunos, mas observo seus passos apressados, ouvindo risotas e cochichos que ecoam pelos corredores. Eles são a razão de tudo isso, embora muitos nem percebam.

Há uma certa poesia no silêncio da manhã, antes que as aulas comecem. É quando o prédio sussurra suas necessidades. Já conheço cada rachadura, cada azulejo solto. O IBAO envelhece com dignidade, e meu trabalho é garantir que ele permaneça de pé, como um guardião.

Se me perguntarem sobre um momento que marcou minha trajetória aqui, falo da reforma do auditório, concluída há alguns anos. Foi um projeto grandioso, que exigiu mais do que habilidade — exigiu alma. Trabalhamos em equipe, pedreiros, eletricistas, pintores, todos movidos por um propósito comum: transformar um espaço decadente em algo que honrasse a grandeza do instituto.

Quando o auditório foi reinaugurado, em 2002, vi os primeiros alunos entrando ali. Essa cena se seguiu inúmeras vezes, inclusive para eventos em que a escola cedia o espaço à outras instituições, além de todas as atividades pedagógicas

que professores e alunos realizam nesse espaço. Senti um orgulho que não cabe no peito. Aquele espaço não era mais só meu, era de toda a comunidade.

Minha relação com os funcionários sempre foi tranquila. Respeito é a palavra que rege nosso convívio. Com as colegas da limpeza, que sempre fazem o café com muito carinho. São laços simples, mas sólidos, como as vigas que sustentam o telhado.

Ao longo dos anos, testemunhei mudanças. Os banheiros, antes úmidos e escuros, ganharam luz e azulejos novos. O prédio centenário do Museu da Santa Casa de Itu, inaugurado em 2015, trouxe um ar de modernidade sem apagar o passado. Cada melhoria era um passo para manter viva a missão do IBAO.

Nem tudo foram flores. Recentemente, enfrentamos uma crise que abalou até as fundações do instituto. O prédio alugado pela Irmandade da Santa Casa em São Paulo, parte essencial do legado Borges, foi ocupado. Aquele imóvel não é só tijolo, é a fonte que sustenta nossos cursos. Ficamos meses tensos, calculando prejuízos, temendo pelo futuro. Mas, como sempre, a comunidade do IBAO se uniu. Aprendi que o IBAO não é feito só de paredes, mas da vontade de quem acredita nele.

Ah, e como não mencionar o *senhor Joaquim*? Dizem que seu espírito ainda vaga pelo prédio à noite. Os alunos adoram contar histórias de portas que se fecham sozinhas ou vozes sussurrantes na biblioteca. Nunca vi nada, mas confesso que, às vezes, deixo uma luz acesa no corredor principal. Se ele existe, que seja bem-vindo. Afinal, sem ele, não estaríamos aqui.

O IBAO não se limita aos seus muros. Participamos de projetos como o empréstimo do auditório para eventos da APPAE, onde jovens com deficiência encontram espaço para celebrar a vida. Ver aquelas famílias reunidas, sorrindo em um lugar que ajudei a construir, lembra-me que nosso trabalho vai além da manutenção predial. É sobre manter viva a chama da inclusão.

A maior contribuição do IBAO para Itu? A formação profissional que abre portas. Jovens que chegam sem perspectiva saem com um ofício nas mãos e a cabeça erguida. Muitos seguem para universidades, tornam-se mestres, profissionais capazes. Isso é transformar vidas. Conheço bem essas histórias, pois tenho como exemplos próximos meus filhos e sobrinhos.

Daqui a 100 anos, imagino o IBAO ainda firme, adaptado aos novos tempos, mas fiel ao altruísmo de Joaquim Borges. Quem sabe oferecendo cursos em tecnologias que nem existem ainda? O importante é que a essência permaneça: educar para emancipar.

Se resumo o espírito do IBAO em uma palavra, é **história**. A história de um português visionário que, no início do século XX, doou sua fortuna para

educar jovens pobres. A história de cada aluno que passou por aqui. E a minha própria história, entrelaçada a essas paredes.

Quando deixar o ofício nessa escola, levarei comigo o som das ferramentas ecoando nos corredores, o cheiro de madeira nova após uma reforma e a certeza de que participei de algo maior. O IBAO ensinou- me que até um encarregado de manutenção pode ser um guardião de sonhos.

E se um dia, ao passar pelo auditório, você ouvir um rangido ou um sussurro, não se assuste. É só o senhor Joaquim e eu, vigiando nosso lar.

Bruno de Assis Furquim

Nascido em Itu, no ano de 1990. Formado Técnico em Museologia em 2007, trabalha no Museu da Santa Casa desde 2018. Graduado em sociologia e História e pós-graduado em Sociologia e Filosofia. Professor da Rede Pública Estadual desde 2011 em Cabreúva,

A canção que cuida

Memórias de Clarice Benedette Brene no IBAO

Bruno de Assis Furquim

Meu nome é Clarice Benedete Brene. Há 14 anos, no dia 19 de abril de 2010, entrei pela primeira vez na Capela São João de Deus para exercer minha função de sacristã. Porém, minha relação com o IBAO não se inicia nessa data em que, efetivamente, iniciei minha jornada como funcionária na instituição. Não imaginava que aquele convite do diácono Valfrido — um homem de voz suave e sorriso que acalenta até os dias mais cinzentos — mudaria não só minha rotina, mas minha maneira de enxergar o mundo. Foi por volta de 2003 que fui convidada para cantar no coral da capela aos sábados como voluntária. Hoje, como sacristã, sei que o IBAO não é feito só de tijolos e missas: é feito de histórias que se entrelaçam entre os bancos da capela, nos corredores das oficinas e no silêncio sagrado das manhãs antes do primeiro canto.

Naquela época, eu cantava e tocava violão no coral da paróquia do bairro, mas nunca tinha pisado no IBAO. Quando o diácono Valfrido me abordou após uma missa, pensei que fosse mais um pedido para animar um evento qualquer. "Precisamos de uma voz que tenha raízes", ele disse, com um brilho nos olhos que parecia conhecer segredos que eu mesma ignorava. Aceitei, sem saber que aquele "sim" me levaria a descobrir um lugar onde a caridade não é discurso, é prática.

A primeira vez que subi ao púlpito da capela, durante a missa do padroeiro, senti algo diferente. As paredes altas, iluminadas pelos antigos lustres de cristais que contavam a vida do orago, São João de Deus. Os alunos, sentados nos últimos bancos, olhavam para frente com uma mistura de respeito e curiosidade. Ali, percebi que a música não era apenas para louvar: era um abraço.

Enquanto a cidade movimentada inicia o dia, abro as portas da capela e deixo tudo organizado para a recepção dos fiéis. Pelo menos sempre foi assim nos dias que o prédio da capela esteve aberto ao público. Ser sacristã é cuidar do invisível: é polir os cálices até que brilhem como promessas, é dobrar o linho com cuidado para que nenhuma dobra machuque o tecido, é ajustar a iluminação para que o crucifixo pareça vivo.

O diácono Valfrido sempre repetia: "Aqui, a caridade não escolhe quem merece". O IBAO me ensinou isso. Essa é a identidade do IBAO: ajudar tanto

os que têm voz quanto os que a vida calou. A caridade aqui não humilha, dignifica.

Quando entrei no IBAO, via minha função como um serviço religioso. Com os anos, percebi que era um serviço humano. Aprendi a ouvir histórias sem julgamento, a ver a fé além dos ritos.

Joaquim Bernardo Borges, o patrono, não doou só dinheiro, doou audácia. Ele acreditou que jovens pobres poderiam ser mestres, artistas, inventores. O maior legado do IBAO é esse orgulho saudável: não o que incha o peito, mas o que ergue a cabeça. Vejo isso nos olhos dos formandos, que recebem seus diplomas não como um fim, mas como um convite para construir mundos melhores.

Daqui a cem anos, imagino o IBAO ainda plantando sementes. Talvez com cursos que nem existem hoje — quem sabe de arte digital ou cuidado com a Terra? —, mas sempre regados pelo amor. Amor que não é romântico, mas firme: o que arrima o caído, ensina o que não sabe, canta para o que perdeu a voz.

Se alguém me perguntar o que levo do IBAO, direi que foi aqui que aprendi a escutar o silêncio dos outros. E que, às vezes, a melhor maneira de responder é cantando.

E quando me despeço, apagando a última luz no hall da capela, ouço ecoar nas paredes o murmúrio de todas as orações, cantos e segredos que essas paredes guardam. O IBAO é isso: uma partitura inacabada, escrita a muitas mãos, em que cada nota — mesmo a mais desafinada — tem seu lugar. Que assim continue, até que o último amor seja cantado.

Bruno de Assis Furquim

Nascido em Itu, no ano de 1990. Formado Técnico em Museologia em 2007, trabalha no Museu da Santa Casa desde 2018. Graduado em sociologia e História e pós-graduado em Sociologia e Filosofia. Professor da Rede Pública Estadual desde 2011 em Cabreúva,

Do IBAO ao doutorado na Pennsylvania – EUA

Daisuke Hayashi: *Ensino Médio (2009 – 2012) – Noturno*

Lembro com muito carinho e gratidão do meu tempo no IBAO. Vindo de escola pública com baixos recursos, eu ficava maravilhado com o prédio do IBAO, com a grande escadaria próxima a entrada, as janelas amplas e a beleza da sua arquitetura. Isso me fazia sentir que era um lugar importante, bem mantido. Uma coisa que me chamou atenção era a atmosfera de respeito e disciplina na escola, embora a classe tivesse 40 alunos na sala – era um ambiente estruturado, onde os estudantes podiam se sentir seguros e focar nos estudos, sem se preocupar com o bullying e violência que eram tão comuns na escola de onde eu vinha.

Os professores eram excelentes e muito atenciosos, ensinavam de forma humanizada, incentivando os alunos a buscarem seu desenvolvimento intelectual e profissional. Em meio a tantos docentes brilhantes, tenho um carinho especial pela professora Janete, de Biologia, que além de ter uma didática fenomenal e ter aprofundado meu interesse em ciência. Numa certa aula, ela explicou como o comportamento homoafetivo era observado em centenas de espécies animais, mas somente o ser humano reagia a ele com discriminação. Uma informação trivial, mas por ser compartilhada nu ma época em que o preconceito era naturalizado, me marcou de forma positiva. Também carrego lembranças preciosas do professor Erick, de Geografia, que nos acompanhou no dia do ENEM para ajudar os alunos a se sentirem confiantes para a prova – isso fez uma grande diferença.

As amizades que fiz no IBAO me trouxeram muita alegria. Sinto que o IBAO atrai pessoas que apoiam umas às outras e que carregam consigo uma paixão pelo conhecimento e aprendizado. Superei muitos desafios com a ajuda e apoio da comunidade do IBAO – consegui ingressar no meu curso desejado numa universidade pública e, hoje, sou a primeira pessoa da minha família a ter um diploma de pós-graduação. Sou nutricionista formado pela UNICAMP, mestre em Ciências da Saúde, e atualmente dedico-me à pesquisa científica, cursando meu doutorado e atuando como assistente de pesquisa na Pennsylvania State University, nos Estados Unidos. Um dia quero ser professor universitário e, aonde eu for, carregarei comigo tudo que aprendi nesse lugar tão especial que é o IBAO.

Daisuke Hayashi

Filho de pai eletricista e mãe do lar, atualmente é estudante de doutorado em Nutrição.

IBAO inaugurou Centro Pró-Memória no aniversário de 80 anos

Fabiano Quicoli dos Santos

No início de 2004, recebi o meu maior sonho no início da carreira de historiador, com a aprovação para ser contratado como pesquisador pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu.

Após formação e estudo na área de pesquisa histórica no Museu Republicano Convenção de Itu, Museu Paulista USP em investigação em documentação primária do século XIX, autos dos processos do Arquivo da Comarca de Ytu, Gabinete Prudente de Morais, Biblioteca, Hemeroteca, Museologia, Iconografia e acervo correlato do Brasil Colônia até a Primeira República, para uma investigação profunda da história de Itu.

Essas fontes, documentos utilizáveis no trabalho historiográfico que foi desenvolvido pelo pesquisador historiador que aqui subscreve, no seu trabalho de investigação do passado, trabalhou-se com documentos do IBAO e da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, que nos ficaram desse passado.

Com efeito, coincidindo com os 80 anos de inauguração do Instituto Borges (IBAO), foi inaugurado dia 29 de outubro o Centro Pró-Memória da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu.

A origem de fundação decorre do falecimento de Joaquim Bernardo Borges, em 2 de janeiro de 1921, quando deixou um legado destinado à educação e à maternidade.

O Jornal República, que circulou em Itu no início do século passado, descreve meses depois da morte de Borges, que *a notícia do legado de Borges espalhou-se rapidamente por Ytu, que já queria ver a construção de um lyceu.*

O clima de apreensão na cidade e murmúrios sobre o assunto não era apenas pela notável fortuna da herança deixada por Borges, mas principalmente pelo mau exemplo destinado ao Instituto Novo Mundo em Itu. Este colégio, fundado em 1876, funcionava junto ao Convento do Carmo, cujo patrimônio era resultado de vários donativos de famílias abastadas ituanas. Por incúria e descuido de direção, *o patrimônio se extingue sem saber para onde foi.*

Contudo, *pelo raro descortino* de José de Paula Leite, cita o mesmo jornal, o provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu reserva um caminho diferente dado ao outro colégio…

O *Lyceu de Ytu* (Instituto Borges de Artes e Ofícios) foi solenemente inaugurado em 28 de outubro de 1924, proporcionando ensino técnico de fiação e tecelagem, por estar no centro manufatureiro e com as maiores fábricas de tecido do Estado de São Paulo, além de aulas de marcenaria, técnica em contabilidade e comércio, corte e costura, economia doméstica (estes para as mulheres), além outros cursos.

Diante desse quadro histórico, o atual provedor da Irmandade da Santa Casa de Itu - dr. Raul de Paula Leite e toda a mesa diretora -, ao observar a grande quantidade de objetos e mobiliários que a Santa Casa e o IBAO possuíam, esboçaram primeiramente uma idéia sobre uma exposição. Outro fato incentivador foi a beleza arquitetônica do edifício, projetado pelo famoso Ramos de Azevedo, resultado da *efervescência educacional republicana da época*,

Começou-se então um trabalho articulado e gradativo de restauração: objetos, documentação, utensílios, mobiliários, paramentos e objetos de culto da capela São João de Deus, todos provenientes da Santa Casa ou que já estavam no Instituto.

Todos objetos reunidos, em outubro de 2003, a composição da Irmandade solicitou um projeto para exposição, pelo arquiteto Rodrigo Xavier da Silveira, que fez a montagem, desenho dos móveis expositores, planejamento das salas a serem expostas e pesquisa arquitetônica.

Para a pesquisa, catalogação dos objetos, iconografia e inventário da documentação, foi solicitado o trabalho deste articulista que ora descreve como era o Centro de Memória que existia no magnifico prédio do IBAO.

O diretor do Museu Republicano - Jonas Soares de Souza, fez a orientação museológica e juntamente com Roney Cytrynowcz, os textos dos painéis explicativos, extraídos do livro *História da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu 1940-1990*, a ser lançado no mesmo dia de abertura da exposição.

A bibliografia foi dirigida por Maria Cristina Monteiro Tasca, bibliotecária do Museu Republicano.

No apoio administrativo, Ibraim Veronezze. O nome, Centro Pró-Memória, foi sugestão do professor Jonas Soares de Souza e Raul de Paula Leite.

O percurso da exposição que havia no Centro Pró-Memória da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu possuía cinco salas de visitação.

Por primevo, o hall majestoso do IBAO com o busto de Joaquim Borges, logo após a admirável escadaria para o segundo andar do IBAO.

Um móvel expositor mostrava a planta do notável arquiteto Ramos de Azevedo. O espaço a percorrer primeiramente é a Sala Sacra, onde se expõe os paramentos e objetos de culto dos séculos XIX e começo do XX, advindos

da Capela São João de Deus, sem olvidar das Irmãs de São José de Chambéry, da França, que chegaram em 1869 e com a Venerável Madre Maria Theodora Voiron, que permaneceram na Santa Casa por quase um século.

O também Venerável Padre Bento "Apóstolo dos Lázaros" nas citações de Nardy e Novelli Junior, tinha em destaque na exposição um cadeira austríaca Thonet pertencente ao sacerdote.

Na Sala da Provedoria, encontra-se a coleção de quadros com os retratos dos provedores, desde o início da Irmandade, em 1840.

No Salão Nobre, onde ocorrem as reuniões da Irmandade da Santa Casa, é observado um conjunto de mobiliário manufaturado no próprio *Liceu de Itu*, com características do ecletismo, predominante nos liceus da época com pinturas de Di Lorenzi e Virgilio Baglioni, representando a Misericórdia e as Artes e Ofícios.

A quarta sala, Sala IBAO, mobiliário manufaturado no Instituto Borges, móvel de madeira feito a partir da "Árvore da Forca de Itu" e exposição de fotografias do início do colégio e do hospital.

Este mobiliário da histórica marcenaria do Liceu de Artes e Ofícios de Itu trazia agradecimento aos Mestres Di Lorenzi, Lourenço Carmignani, aos primeiros alunos formados e zelosa diretoria de José Toledo Piza.

Ato contínuo, em especial memória ao legado de Paulo Bueno Galvão, que, ao falecer em 1984, deixou um testamento, a Sala Santa Casa de Itu, com exposição de equipamentos médicos, objetos e utensílios de mesa, dos séculos passados.

Nos bastidores do nosso trabalho diário, mas não de modo periférico, pelo contrário, os colegas de trabalho que carrego no coração como amigos e que brindo cada um pelo seu jeito peculiar:

Ivone Salesiani Teixeira Guimarães, a diretora do Colégio; o ambiente escolar com Theresa de Paula Leite, Zilda Trettel da Costa, Míriam Fátima Almeida, Maria Apparecida Silveira Marques, Stellita de Jesus Paulo, Lúcia Aparecida Rufino, Amarilsio Benedito Pedrotti e Andréa Aparecida Santiago Paregini.

Ao meu lado próximo de sala de trabalho, Alexandra Brigo, Jacira Antunes, Célia Nicacio, Wagner Camargo e a gerência do Sr. Ibraim.

Em minha sala, no qual ficava a reserva técnica do museu, porém, transformou-se, na realidade, uma sala de estudos no qual frequentaram professores e pesquisadores como Mauricio Maiolo Lopes (doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto), Marcelo Alves Cerdan (doutor em História pela UNESP), Alexandre Morelli Rocha (doutor em História pela Universidade Sorbonne, França), Fernando Oliveira (mestre em Estudos Sociais e do Meio Ambiente pela Universidade de Liverpool, Inglaterra), Joseph Almeida (mestre em História pela USP), Laucia Assunção (pós-graduada em História pela

UNIMEP), Maria Alice Nardy (arquiteta pela PUCCAMP. Carlos Eduardo Peixoto Massoco (pós-graduado em História e Cultura pela UNIMEP), Oseas Singh Júnior (mestre em História pela UNICAMP) e Rodolfo Jacob Hessel (mestre em História pela PUCSP).

O conceito de museu *transcende ao simples agrupamento de objetos históricos. É um meio de comunicação que permite ao público apreender e vivenciar experiências, tanto no nível intelectual quanto emocional. Uma exposição é, portanto, um meio privilegiado de difusão cultural de um patrimônio … na medida em que é concebida para proporcionar aos indivíduos a possibilidade de se situar no espaço e na história e de compreender o seu próprio ambiente, sua vida, sua cidade.*

É deste modo que a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, através da pessoa de Raul de Paula Leite empreendeu. Delineou o histórico e o presente, ao mostrar a existência viva de *duas vertentes fundamentais* ostentadas por Borges*: a benemerência e a assistência social (saúde e educação)*. Ambas ainda em ação aos habitantes da cidade de Itu, através do Instituto Borges que ministra educação gratuita até os dias de hoje.

Fabiano Quicoli dos Santos

Ituano, com dupla-cidadania italiana, historiador pela Universidade Católica Italiana de São Paulo, advogado pela Faculdade de Direito de Itu, pós-graduado em Metodologia da História do Pensamento Jurídico pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), Master Estudos Políticos e Sociais pela Universidad de Las Palmas de Gran Canaria (ULPGC), Espanha e pela Universidade da Madeira, Portugal e pós-graduado em Direito e Processo do Trabalho pela Universidade Mackenzie. Autor dos livros O espesso véu do Direito sobre as mulheres. Itu: Ottoni, 2015, e coautor no livro Roteiros a Pé próximo a São Paulo. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Narrativa Um, 2008 e Roteiros a Pé com crianças próximo a São Paulo. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Narrativa Um, 2008. Artigos publicados em Direito do Trabalho, História do Direito e História de Itu. Foi Presidente da Comissão de Estudos Jurídicos da Ordem dos Advogados do Brasil OABSP, Subsecção de Itu e duas Moções Honrosas de congratulações, reconhecimento e aplausos pelas pesquisas em fontes primárias nos processos da Comarca de Itu dos anos de 1854-1889 e pela pesquisa histórica no Direito das Mulheres e publicada no livro O espesso véu do Direito sobre as mulheres, com a doação integral de toda a renda para a Casa das Mães de Itu para o estudo e proteção das meninas e mães carentes do município. Ambas pela Câmara Municipal de Itu. Mestrando em Ciências Jurídicas pela American Global Tech University, Orlando, Estados Unidos da América.

Verdadeira família

Ivani Rodrigues da Silveira

Prof.ª de MATEMÁTICA
Período Noturno: de 08/02/1988 a 01/04/2012
Prof.ª de MATEMÁTICA FINANCEIRA
Período Noturno: de 2022 a 2023
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FINANCEIRA
Prof.ª de PROJETO DE VIDA
Período Noturno: de 2024 a 2025

Agradeço à Escola INSTITUTO BORGES DE ARTES E OFÍCIOS pela confiança que me foi dada para ensinar.

Meu reconhecimento e admiração pela Escola que me recebeu com muito amor e dedicação. Gratidão à Direção e Coordenação que trabalham nela. Uma verdadeira família com muito carinho, leveza e aprendizado compartilhados por vários anos.

Só tenho que agradecer o respaldo que toda equipe tem dado por muitos anos no convívio diário.

Obrigada por acreditar em mim!

"Lugar e profissionais acolhedores, sempre atenciosos e gentis."

Ivani Rodrigues da Silveira

Memórias de Jacira Benedita Antunes no IBAO

Bruno de Assis Furquim

Se me permitem, vou contar uma história que não é só minha, mas de muitas mãos que moldaram este lugar. Sou Jacira Benedita Antunes, secretária do departamento jurídico do Instituto Borges de Artes e Ofícios há 25 anos. Mas, antes de tudo, sou irmã de Luiz Antônio Antunes, homem que dedicou 35 anos de sua vida à marcenaria desta casa. Ele partiu há dois meses, mas deixou suas digitais em muitas peças que ainda estão presentes nas salas desse patrimônio histórico da cidade de Itu. Por ele, e por mim, o IBAO é mais que trabalho: é herança.

Meu irmão aprendeu a arte das madeiras com o mestre Romão Bruni, cujas lições iam além do formão e do martelo. "*Cada peça carrega uma alma, Jacira*", dizia Luiz, mostrando a lousa que talhou e que ainda hoje preside as aulas, ou o enfeite da escada principal, testemunha silenciosa de gerações. Orgulhava-se também dos amigos que aqui fez: o Sr. José Indaiá e o Sr. Lazinho da Silva, da manutenção, que transformavam consertos em longas conversas amigáveis, e a diretora Ivone Salesiane, mulher de pulso firme e coração generoso. Eles já se foram, mas suas vozes ecoam nas paredes, como um sussurro antigo.

No centenário do IBAO, em 2024, Luiz reviveu seu auge. Reencontrou o professor Edinho, das aulas de Educação Cívica, o Sr. Jonas Soares de Souza, de aperto de mão forte, e Olavo Volpato, cujas histórias pareciam desafiar o tempo. "Até a lousa que fiz está intacta!", exclamou, como se a madeira fosse um espelho de sua própria permanência. Mas nem só de luz vivem estas paredes. Há lendas: um vulto de capa negra que sobe as escadas e some, cadeiras que balançam sozinhas na marcenaria. "São almas dos antigos", dizem os funcionários.

Quando cheguei ao jurídico, os arquivos do IBAO respiravam caos. A Irmandade não tinha como ordenar séculos de memórias. Com a supervisão do Sr. Ibraim Veroneze, mergulhei em papéis amarelados, decifrando letras do início do século XX. Ali, descobri que arquivar processos é como costurar o passado: cada linha une vidas. Eu, entre arquivos, cruciais para a história da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, como por exemplo os testamentos de Joaquim Bernardo Borges e Paulo Bueno Galvão — documentos que organizei após a intervenção estadual de 1991, a pedido do Dr. René. Participei de audiências como preposta, vestindo a gravata da seriedade, mas sempre com o coração na porta da marcenaria, onde meu irmão ensinava.

Os anos aqui têm sabor de Festa Junina e Festa das Nações, que participava na portaria. Mas o IBAO, leitor, é um organismo que respira mudanças. Funcionários vão e vem, como folhas ao vento. A limpeza, a manutenção, a administração — tudo gira num carrossel de rostos. E eu, aqui, arquivando processos e memórias, assisti à reinauguração da capela São João de Deus, à ascensão do Museu da Santa Casa no prédio centenário. As formaturas dos alunos e alunas, onde era cerimonialista, quase mãe simbólica daqueles que partiam com diplomas e esperanças. Era como entregar filhos ao mundo.

No convívio com alunos de mais idade dos cursos de informática e espanhol — alguns tropeçando nas tecnologias, outros contando causos como se fossem jovens. Nas SIPATs, o Dr. Alberto Silva falava de segurança com a paixão de quem salva vidas.

Meu irmão entendia que seu legado não estava só nas peças, mas nos alunos que formou. Eu vejo o mesmo nos documentos que preservei: são raízes. Para o futuro, sonho que o IBAO expanda seus cursos — quem sabe um dia teremos medicina, cuidando de corpos como cuidamos de almas. Mas que jamais perca sua essência. Aqui, o ensino é gratuito, a cultura é viva, e as portas estão abertas até para os fantasmas.

Se me perguntarem o que esta casa significa, direi uma palavra: **família**. Passo mais tempo aqui que em casa. Os colegas são tios, os alunos, sobrinhos. Até os que já partiram, como Luiz, continuam nas madeiras, nos documentos, nas risadas das festas. O IBAO ensinou-me que o trabalho não é só sustento, é arte. E que, mesmo quando perdemos alguém, suas obras permanecem — talvez na lousa de uma sala, talvez no testamento guardado a sete chaves.

"Homenagem a meu irmão Luis Antônio, que faleceu recentemente. O enfeite de madeira na escada principal e os móveis da sala dos professores, a lousa que ainda está na sala de aula, são frutos de seu trabalho como marceneiro, que o deixavam orgulhoso. Aprendeu o ofício com Romão Bruni… Felizmente participou das comemorações dos 100 anos do IBAO, evento que o deixou muito feliz, pois foi uma oportunidade de rever professores, alunos e antigos colegas de sua época. Sua ausência causa um grande vazio…". ***Jacira Bendita Antunes, funcionária.***

Bruno de Assis Furquim

Nascido em Itu, no ano de 1990. Formado Técnico em Museologia em 2007, trabalha no Museu da Santa Casa desde 2018. Graduado em sociologia e História e pós-graduado em Sociologia e Filosofia. Professor da Rede Pública Estadual desde 2011 em Cabreúva.

Nossa família tem uma linda história com o Instituto Borges de Artes e Ofícios

José Elias Marques Alves,
Fátima Maria Marques Alves e
Flavio Antônio Marques Alves, filhos

Maria Apparecida Silveira Marques Alves, casada com Flavio Marques Alves, mãe de José Elias, José Maria, Fátima Maria e Flavio Antônio, era uma dona de casa, que aprendeu a fazer doces, e isso ajudava na renda familiar. Foi quando, em 1978, sua nora Mariza leu no Jornal Periscópio que o Instituto Borges estava contratando servente para a escola e comentou com a sua sogra, que imediatamente se interessou pela vaga.

D. Apparecida sempre teve o sonho de ser professora, porém não pode dar continuidade aos estudos e viu nessa vaga uma oportunidade de estar ligada a uma instituição de ensino. Foi contratada como servente, mas logo foi promovida a Inspetora de Alunos tendo em vista que desfrutava do respeito e admiração dos alunos, funcionários e professores. Diversas vezes foi escolhida pelos alunos para ser Paraninfa nas formaturas.

O Instituto Borges além de ser uma escola referência em nossa cidade, tinha também em suas instalações diversas entidades e instituições, entre elas a Escola Senai, onde os três filhos da Dona Apparecida estudaram e que foi a base da formação profissional deles. Dois netos dela, Rafael e João Emanuel e o bisneto Gabriel se formaram no IBAO. Temos certeza que o IBAO desempenhou um papel fundamental na educação dos seus filhos e na realização profissional de Dona Apparecida. Ela trabalhou 32 anos na instituição, dedicando-se com muito amor, orgulho e fazendo disso a razão de viver.

Há muitos anos, o IBAO afastou D. Aparecida por motivo de saúde. Muito triste por não poder continuar trabalhando, D. Aparecida não acreditava que tinha chegado ao fim de um sonho. Por muitas vezes, ela ia ao IBAO para matar saudades, mesmo não sendo permitido, tendo os funcionários da escola que nos ligar para buscá-la. Nunca aceitou o seu afastamento. Deixou-nos um legado de luta, garra e determinação.

José Elias Marques Alves, Fátima Maria Marques Alves
e Flavio Antônio Marques Alves
Filhos da homenageada.

Um legado de amor e dedicação

Mary Rosana de Almeida Belfort Rizzi

Miriam Fátima de Almeida iniciou sua trajetória no IBAO em 2 de agosto de 1999, a convite de Maria Teresa Paula Leite, como Secretária. Durante quase duas décadas, dedicou-se com amor e compromisso à instituição que se tornou sua segunda casa. Em 24/10/2017, após enfrentar uma crise diabética, ela nos deixou, mas seu brilho e legado continuam vivos em cada lembrança, em cada história, em cada pessoa que teve o privilégio de conhecê-la.

O IBAO não era apenas seu local de trabalho – era onde Miriam se sentia plena, realizada e, sobretudo, feliz. Cada tarefa realizada por ela carregava um cuidado especial, um carinho que ia além do dever. Com seu sorriso acolhedor e seu jeito generoso, fazia mais do que cumprir suas funções: ela transformava o ambiente, tornava tudo mais leve, mais humano. Estava sempre presente nas festas, nos eventos, nos momentos de alegria e também nos desafios, ajudando a construir uma história que ainda hoje ecoa nos corredores do Instituto. Trabalhava no período diurno e noturno em atendimento na secretaria, auxílio em eventos e suporte administrativo. Incansável.

Miriam não apenas trabalhou no IBAO; ela fez história nele. Tocou vidas, conquistou corações e deixou uma marca impossível de apagar. Era o tipo de pessoa que se doava sem esperar nada em troca, que enxergava o outro com ternura e que espalhava amor por onde passava. Por isso, não é surpresa que sua lembrança continue tão viva. A diretora Ana Maria, reconhecendo sua importância, pediu que sua irmã, Mary, escrevesse este relato – e, com isso, trouxe à tona toda a emoção que Miriam ainda nos desperta.

Ela era mais do que uma irmã, uma amiga ou uma colega de trabalho. Miriam era um farol de bondade, uma mulher guerreira, cheia de garra e de fé. Sempre preocupada com o bem-estar dos outros, sacrificava-se por aqueles que amava sem jamais reclamar. Seu coração gigante acolhia a todos, e sua doçura era um bálsamo para quem tinha o privilégio de conviver com ela.

Hoje, mesmo com a saudade apertando, escolhemos celebrar sua vida. Escolhemos lembrar do seu riso, da sua dedicação, do seu carinho imenso. Escolhemos sentir gratidão por termos tido a oportunidade de tê-la entre nós. O IBAO, nossa família e todos que cruzaram seu caminho foram abençoados por sua presença.

Obrigada, Miriam, por tudo o que foi e por tudo o que continua sendo em nossos corações. Seu legado é eterno.

Com amor e saudade,

Familiares de Miriam Fátima de Almeida

Mary Rosana de Almeida Belfort Rizzi

Irmã de Miriam, professora aposentada e antiga integrante do sistema de ensino da cidade. Agradeço a oportunidade de compartilhar essa história e manter viva a memória de uma pessoa tão especial para o IBAO e para todos que tiveram o privilégio de conhecê-la.

Dona Rô

Rosana Maria do Nascimento

Trabalho no Instituto Borges de Artes e Ofícios há 17 anos, como inspetora de alunos, no período das 17horas às 23horas.

Cheguei para trabalhar no IBAO através de um amigo, o Sr. Lupércio, que já era funcionário da Escola, infelizmente já falecido.

Desde meu primeiro contato e até hoje, as pessoas que trabalham na Escola, são muito amigas e companheiras no trabalho, isto é, um ajuda o outro quando precisa, sem medir esforços. Trabalhamos bastante, mas também, nos divertimos muito, dando boas gargalhadas.

Gosto também de estar com os alunos; são educados e muito cordiais, sinto falta quando chegam as férias, pois ficamos um tempo sem nos ver. Quando voltamos a nos encontrar, é aquela alegria e felicidade contagiante de podermos estar juntos novamente.

Os aluno me chamam de tia ou Dona Rô. Tenho boas relações com eles, respeitando-os, ajudando-os nos intervalos com as marmitas de comidas, e socorrendo-os quando não estão muito bem.

Quanto a Direção, Coordenação e Professores, sou tratada com respeito e consideração.

Agradeço ao IBAO que me acolheu, e pelas pessoas maravilhosas que fazem parte desta Escola.

Rosana Maria do Nascimento Silva
40 anos, casada, 5 filhos, 11 netos e 2 bisnetos, Formação: Ensino Médio.
Trabalhou na: Fábrica Mimo – 3 anos, Singer – 1 ano
e atualmente no IBAO – 17 anos.

O Tio Rui

Rui Mauricio Nogueira de Mattos

Cheguei a esta escola como contratado terceirizado, logo depois fui convidado pela direção para fazer parte da instituição, como inspetor de aluno, um funcionário fixo. Foi um momento desafiador – pois já estava aposentado –, e ser recolocado no mercado de trabalho exige empenho e profissionalismo.

No pátio, biblioteca, portão, local que atuo, sou chamado pelos alunos carinhosamente de Tio Rui, pois exijo muita disciplina e respeito, e sou agraciado com uma relação saudável, amigável e divertida.

Gosto muito das festas da escola como: Festa Junina, final de ano (amigo secreto), SIPAT, pois, são nessas horas que acontecem brincadeiras, danças, gincanas, conversas descontraídas, que permitem um ambiente saudável e oportunidade de conversas, além do contexto acadêmico.

Nossa escola é um verdadeiro museu de artes, com muito prestígio e respeito, mas um fato curioso foi quando uma aluna me perguntou se existia um túnel dentro da escola.

O IBAO, contribuiu muito para cidade de Itu, com muitos profissionais formados ao longo do tempo e trabalhando em grandes empresas. Ela é uma grande escola, simbolizando um marco em nossa cidade onde, hoje, colhe os frutos que plantou e planta ao longo de sua trajetória.

O que sempre falo e repito nas minhas conversas: "Grande inspiração de Joaquim Bernardo Borges em construir uma escola e doá-la para uma comunidade". Esse é o nosso herói, hoje e sempre!

Rui Mauricio Nogueira de Mattos
60 anos, casado, três filhos.
Experiência de trabalho: 32 anos nas empresas
Schincariol, Brasil Kirin e Heineken.

Um fascínio pelo prédio e pela arte

Paulo Lara

Quando finalmente consegui ir para o 1º ano do ensino médio, eu escolhi um dos melhores Colégios que existia na cidade, o IBAO. O Instituto Borges de Artes de Ofícios já me encantava pelo nome forte e por ter arte no meio.

Quando cheguei pela primeira vez fique completamente apaixonado pela arquitetura do lugar, a fachada imponente, as portas de madeira da entrada gigantes, a recepção parecia de um Hotel 5 estrelas com os pisos hidráulicos, as escadas em madeira que levavam ao 1º andar, e aqueles corredores suspensos, então, com os parapeitos todos em madeira, fiquei apaixonado e, por fim, as oficinas com seus equipamentos, praticamente intactos, mesmo após muitos anos ensinando pessoas.

No ano em que cheguei não tinha mais as aulas na marcenaria com os grandes tornos, mas cheguei a conhecer o professor, que era simplesmente sensacional e logo de cara já ficamos amigos. Mas foi por pouco tempo, pois ele estava se aposentando, e por esse motivo a marcenaria ficaria fechada e viria um novo professor de desenho técnico.

Bom, apesar de tudo, eu me sentia em casa, era uma escola gostosa de estudar. Fiz muitos amigos, alguns tenho amizade até hoje, participava bem das aulas e não era um aluno que faltava.

Obviamente que eu continuava desenhando em meus cadernos e toda a sala já sabia que eu gostava de desenhar, e por isso alguns professores me chamavam para copiar desenhos de livros para os alunos verem, pois só o professor tinha o livro. O Professor de Biologia era o que mais pedia, desenhava de tudo, células, átomos, moléculas, etc.

Todos os professores nos tratavam com respeito e, consequentemente, nós, alunos, por sua vez, respeitávamos nossos professores.

Um dos momentos mais marcantes nesse período que fiquei no IBAO, fui um concurso de desenho que teve para todos os alunos, eu não me lembro se o tema era livre ou se tinha que fazer algo relacionado ao colégio, mas eu participei. Tinha um lugar muito lindo no pátio que era uma Mangueira enorme, ela era tão grande que as vezes eu ia na varanda para ver o tamanho dela, mas ela passava o telhado, foi aí que eu tive a ideia de desenhar essa mangueira centenária, não sei se ainda está lá, mas enfim, desenhei.

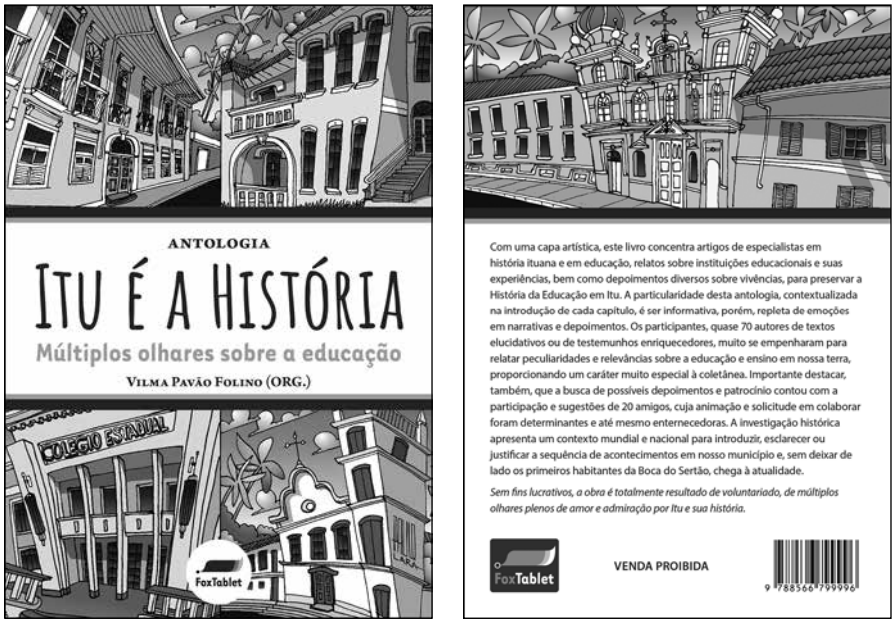
Peguei uma folha de sulfite e uma prancheta, uns dois ou três lápis de durezas diferentes e sentei em um murinho. Comecei a desenhar e em poucas horas estava com desenho pronto. Quando fui entregar o desenho na secretaria, alguns funcionários ficaram meio desconfiados, achando que eu tinha "colado" aí eu falei: Não colei não, eu mesmo desenhei.

Resultado por unanimidade: 1º lugar

Outra coisa que chamou a atenção foi o prêmio: R$ 100,00 para os 1º, 2º e 3º lugares. Nem liguei, pois, minha intenção nem era o dinheiro, mas foi muito legal. Até hoje encontro professores que se lembram do desenho que fiz.

Agora que vem a parte mais legal da história: Lembra que falei que tinha um professor novo de desenho técnico? Pois é, nos primeiros dias de aula, todo mundo ficava falando que eu desenhava muito e que eu ia tirar 10 nas aulas dele, só que eu acho que, de tanto falarem, ele pegou muito no pé. Eu, por incrível que pareça, não ia bem na aula dele, pois o desenho técnico é muito diferente do desenho artístico. Olha, eu tentei viu? Muito. Treinava todos os dias, mas não adiantou e fui reprovado em desenho técnico. Como eu fiquei na matéria mais importante do Colégio, eu teria que refazer o 1º ano só por causa dessa matéria. Aí, acabei desanimando um pouco e mudei de escola.

Mas minha ligação com o IBAO não havia chegado ao fim, pois eu voltaria para a minha formatura de Ensino Médio dois anos depois, e fiquei muito feliz em poder receber o meu diploma no IBAO.



Capa e contracapa do livro – obra de Paulo Lara.

Paulo Cesar Lara

Nascido em Itapetininga, reside em Itu desde a infância, é artista plástico e arquiteto urbanista com estúdio em Itu. Com seu estilo único de art pop 3D, foi premiado em vários salões nacionais e internacionais, inclusive no Museu do Louvre – Paris e possui mais de 500 obras produzidas.

Na sombra de uma árvore

Rosana Maria Leite Mazzi

O ano era 1979. Eu e mais três amigas começávamos nossa aventura de estudar em outra cidade, Itu, no Instituto Borges como era conhecido.

A aventura começava em Salto, onde pegávamos o ônibus na agência rodoviária Bonavita, às 05h50 da manhã. Um ônibus cheio de estudantes que iam para diversas escolas em Itu: IBAO, Senai, Berreta, entre outras.

Em Itu, eu e minhas amigas, no trajeto da rodoviária até a escola, parávamos na Igreja de Santa Rita, que ficava no caminho. Esse ritual era feito com mais zelo e empenho, a reza mais demorada, quando era dia de prova. Lembro que fiquei encantada com a escola, muito grande, espaçosa, cheirosa e limpa. Um espaço com muitas árvores, tudo muito bem cuidado. Nessas árvores, muitas vezes, sentava-me embaixo para ler, estudar ou apenas ficar lá, quietinha, curtindo o silencio, os pássaros e a beleza do lugar.

Minha sala de aula era grande, limpa, bem iluminada. Tínhamos lugares certos para sentar todos os dias. Sentava-me na 1ª carteira e liderava uma fileira de meninos. Meu amigo Zuchini, também na 1ª, liderava a fileira das meninas. Claro que na classe havia muitos outros lugares, ocupados por quase outros 40 alunos. Mas essa imagem está gravada em minha memória.

Os professores também por mim são lembrados, com carinho e gratidão, pois todos se empenhavam em nos ensinar. Lembro de alguns nomes dos professores e a matéria que lecionavam.

Professor Fontes, de Matemática, com sua didática, me fez entender e gostar dessa matéria.

Professor Paulo Gazzola, de História e Geografia, era brincalhão e divertido, e não usava livros, fazia-nos copiar todo o texto que ia ditando e explicando.

Professor Renato, de Física, com seu jeito calmo e tranquilo, nos ensinava com uma didática, que para mim, tornou-se a matéria que eu mais gostava, só tirava boas notas.

Professor Luiz Gazzola, de Biologia, gostava dessa matéria porque tínhamos que nos deslocar até o laboratório, onde trabalhávamos com os microscópios, tubos de ensaio, era uma aula bem legal.

Outra professora que me marcou foi a de Química, Elisa Maria Appendino. Tínhamos uma tabela periódica, a minha plastificada, que posteriormente minhas filhas a usaram nessa matéria durante o Ensino Médio.

Há outros professores, com certeza, que impactaram positivamente minha experiência nessa escola, enquanto aluna. Sou Grata a todos eles.

Apesar de ter estudado aí apenas 1 ano, guardo boas lembranças, que ficarão gravadas para sempre em meu coração. Depois fiz Magistério em Sorocaba - Santa Escolástica e Pedagogia na Faculdade Nossa Senhora do Patrocinio e sinto-me realizada na profissão de Professora/Educadora.

Rosana Maria Leite Mazzi

Mãe de duas filhas maravilhosa Mariana e Beatriz, ambas casadas. Avó de Luísa e Gael de quem sou apaixonada. Professora há mais de 30 anos e amo minha profissão. Pedagoga pela Faculdade Nossa Senhora do Patrocinio – CEUNSP. Pós-graduada em Educação Infantil, Artes Plásticas e Atendimento Especializado.

Relembrando com saudade

Sergio Ricardo Rodrigues Savioli

Anos 80, tive o prazer de estudar no querido IBAO, cursando o então chamado Segundo Grau, hoje Ensino Médio, durante 3 anos, no período noturno em uma classe com aproximadamente 30 alunos.

Escola com prédio imponente, salas enormes, muita história e um alto astral.

Lembro de como todos tinham um carinho especial pela escola: nós, os alunos, os funcionários e especialmente os professores.

Estes dedicados professores, sempre preocupados com o nosso futuro, que talvez na época a gente não tivesse tanta noção.

Agradeço muito a dedicação de todos esses verdadeiros mestres, que me ajudaram na construção do meu caráter e reconheço o esforço e a importância de todos eles na minha vida.

E pensar que meu pai, Waldemar José Savioli, também estudou no IBAO e sua formação profissional se deu toda lá.

Dizem que a gente não deve voltar onde foi feliz, mas gostaria muito de rever a minha querida escola. Quem sabe??

Saudade do Instituto Borges de Artes e Ofícios.

Sergio Ricardo Rodrigues Savioli
Ituano, 58 anos de idade, proprietário de loja na cidade com 38 anos de existência.

IBAO, uma escola diferente

José Lucas Santos Oliveira

Este é meu primeiro ano no IBAO. A princípio, a disponibilidade de horário foi o que me fez buscar a vaga, pois eu queria trabalhar e, quando entrei de fato, vi que é uma escola bem diferente das outras. A escola tem ótimos professores e profissionais que se preocupam com a aprendizagem e postura dos alunos. Assim como qualquer instituição, tem seus problemas, mas sei que fui bem acolhido lá e, em pouco tempo, pude me sentir parte dali.

Diferentemente das escolas públicas em que estudei, que obrigavam os professores a passarem diversos slides prontos, muitas vezes com erros gramaticais e informações erradas, o IBAO dá uma maior liberdade para os professores trabalharem suas aulas e temas da forma que preferirem, permitindo explorá-las de maneiras que nos façam absorver melhor o conteúdo.

Estudar no IBAO tem sido uma experiência bem positiva até aqui. Espero continuar aproveitando o que a escola tem a oferecer e seguir aprendendo nesse tempo que ainda tenho lá.

José Lucas Santos Oliveira
16 anos, aluno do segundo ano do Ensino Médio.
Filho de José Francisco de Oliveira Neto e Enilda Maria de Jesus Santos Oliveira.

Depois de tudo...

Há um mundo fascinante na vida de muitos homens e mulheres, navegantes, descobridores, cientistas, reis e rainhas, inventores, políticos etc. descortinado nos diversos livros publicados que contam suas histórias de vida e suas contribuições para a humanidade. Mas, se pensarmos bem, todos nós somos pessoas históricas que, embora não tenhamos destaque na mídia, fazemos parte de uma bela história de vida inserida num contexto. Tivemos e temos nossa participação, mesmo que não percebamos. Nossas atribuições familiares, nosso envolvimento com a comunidade, nosso voto, o desempenho de nossas responsabilidades, inclusive estudantis, a atuação profissional de pessoas comuns ou trajetória de sucesso testemunham esse fato.

Esta antologia acabou demonstrando exatamente isso: cada pessoa em seu tempo e espaço, faz parte da história VIVA desse tempo e desse espaço. Assim, considerando que a história de um lugar nada mais é que a soma das vivências e das memórias de todos os que ali viveram ou vivem, cada um dos autores, ao registrar suas experiências individuais, integra a memória da instituição, a história VIVA de seu tempo e desse espaço que denominamos carinhosa e de forma acrônima de IBAO.

Ao organizarmos esta preciosa coletânea, acompanhando o desenrolar do primeiro centenário do Instituto Borges de Artes e Ofícios, sobretudo quanto a seu aspecto humano, evidenciado nas evocações enlevadas, plenas de saudade, entusiasmo, pertencimento e gratidão, descobrimos extasiados, que a proposta O IBAO e EU, foi muito além das nossas expectativas. Os múltiplos, profundos, sinceros, penetrantes, intensos, curiosos, saudosos, admirados, impactantes, antigos ou contemporâneos olhares para a instituição - de dentro, de fora, de hoje, de ontem e de SEMPRE - nos levam a considerar uma nova visão, mais pertinente, abrangente e significativa:

O IBAO e NÓS!

Os organizadores

Apoio Cultural

occhiali
óptica

ÓPTICA CARVALHO

PLAZA
SHOPPING ITU

SERRAS Atlas®

SUPERMERCADOS
ALVORADA
Orgulho de ser Ituano

Vannucci

utu-guaçu
Imóveis Urbanos e Rurais
CRECI 3395J

FoxTablet

FoxTablet: a editora completa!
Produção de livros, revistas, jornais e eBooks
www.foxtablet.com.br | contato@foxtablet.com.br
(11) 9.8689-1789

Nosso livro não termina aqui!
CONFIRA NOSSO CONTEÚDO DIGITAL!

O texto "**Marca Indelével**", embora relacionado ao século passado, abre a perspectiva para uma nova antologia sobre o segundo centenário do **IBAO**, que continuará deixando suas indeléveis marcas...

O IBAO E EU

Por que ler este livro?

Você vai adorar conhecer mais de uma centena de emocionantes histórias vividas no espaço centenário do IBAO. Histórias de amor, de superação, de sucesso, histórias cômicas e divertidas e outras nem tão hilariantes.

Algumas informações permeiam os espaços entre os relatos, esclarecendo os motivos que levaram a escola a mudar seus cursos ao longo dos anos, e você poderá compreender o quanto teve que se adaptar e se adequar.

Escola cuja vocação é formar pessoas de bem, profissionais competentes e empreendedores que fazem hoje o PIB ituano; que cede suas dependências a inúmeras entidades locais que também promovem conhecimento, cultura e sabedoria.

Instituição que até mesmo quem não foi seu aluno quis prestigiá-la, destacando sua singularidade e significado.

Com certeza, você vai gostar!

Boa leitura!

FoxTablet

VENDA PROIBIDA
OBRA RESULTANTE
DE VOLUNTARIADO